

UMA DAS MELHORES HISTÓRIAS DE AMOR DE TODOS OS TEMPOS.

Washington Post - Glamour Magazine

Flores da tempestade

Um amor maior do que a vida

GOLDEN CHOICE AWARD (finalista)
ROMANCE WRITERS OF AMERICA

ASA

LAURA KINSALE

Ficha Técnica

Título original: FLOWERS FROM THE STORM
Autor: Laura Kinsale
Tradução: Raquel Dutra Lopes
Capa: Neusa Dias
Imagem da capa: Ilina Simeonova / Trevillion Images
ISBN: 9789892335865
"MEB"

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 1992, Amanda Moor Jay,
Publicado por acordo com a autora, a/c
BAROR INTERNATIONAL, INC, Armonk, Nova Iorque, EUA
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

PRÓLOGO

Ele gostava de ideias políticas radicais e tinha um fraco por chocolate. Cinco anos antes, a honorável Miss Lacy-Grey quase desmaiara quando num baile, perante testemunhas, ele a convidara para uma contradança – um exemplo da categoria de incidentes que os amigos consideravam por demais divertidos e gostavam de recordar *ad nauseam* quando se juntavam. O chiste recorrente era que um pedido de casamento teria deixado a jovem afetada para o resto da vida, enquanto uma proposta de carácter mais impróprio teria resultado na morte imediata dela.

Dado que se encontrava com a cabeça apoiada na curva suave das costas dela, com os dedos a deslizar indolentemente entre uma das meias e a pele mesmo acima de uma liga azul e amarela, Christian tinha de presumir que as previsões dos amigos se haviam equivocado um pouco. Ela parecia-lhe perfeitamente viva. Tinha os tornozelos airosamente cruzados e abanava-os delicadamente para trás e para a frente, passando pelo ar acima dele.

Pousou a palma da mão na nádega dela, deu-lhe um beijo na covinha que ela tinha ao fundo das costas e endireitou-se, apoiado no cotovelo.

– Quando é que chega o Sutherland?

– Só daqui a quinze dias. No mínimo.

Aquela que fora outrora Miss Lacy-Grey rolou, a sorrir, expondo uns seios que se tinham tornado mais pesados e o ligeiro aumento da cintura. Eram amantes havia quase três meses. Christian passou o olhar pelas mudanças subtis e ergueu as pestanas, sem falar.

– Quem me dera que nunca mais voltasse – disse ela, e entrelaçou as mãos acima da cabeça. – Tem sido maravilhoso.

– Melhor do que chocolate – respondeu ele.

– A sério?

Ele olhou em redor, já recordado. A leiteira alta estava à espera; a chaleira fervilhava ao lume.

– Com licença.

Levantou-se da cama.

– Seu homem odioso.

Ele fez uma grande vénia e piscou o olho antes de levar a mão à chaleira para juntar água a ferver ao leite frio, precisamente metade de cada, e em seguida deitou raspas de chocolate para a leiteira e inseriu o molinilho. Sentia o tapete frio e sedoso sob os pés descalços. Girou vigorosamente a pega do molinilho entre as mãos – aquilo devia ser feito sobre uma fogueira, não numa leiteira, mas as condições a meio da noite no quarto de outro homem nem sempre eram ideais – e serviu a mistura cremosa para uma chávena.

– Não consigo entender como és capaz de beber isso sem um único grão de açúcar – observou ela.

– A doçura é toda tua – respondeu ele de imediato e bebeu outra golada, nu junto da mesa. – Como poderia ser de outro modo?

Ela tentou fazer beicinho, como que despeitada, mas isso transformou-se num sorriso. Voltou a esticar as mãos para cima, suspirando e arqueando-se de uma forma provocante, ao mesmo tempo que deslizava o pé para cima e para baixo pela cama.

– A sério! Gostaria que o Sutherland nunca regressasse a casa.

– Era melhor que desejasses que ele volte depressa para se deitar contigo, minha menina, e quanto mais depressa melhor.

Ela fitou as mãos e depois baixou-as. A sua boca voltou a contrair-se naquele beicinho atraente.

– Ele não se vai importar.

– Tenho a certeza de que não – replicou Christian num tom cínico.

Ela pousou a palma da mão no ventre a aumentar e lançou-lhe um olhar de esguelha.

Christian pousou a chávena e debruçou-se sobre ela, para lhe beijar o peito, enredar as mãos no cabelo dela e beijar-lhe a garganta.

– Vale a pena? – murmurou-lhe ao ouvido.

Ela levantou os braços até lhe rodear os ombros e enlaçou-o com força. A suavidade da pele dela voltou a despertar-lhe o desejo e, enquanto a jovem se agarrava a ele como se se afogasse, ele aproveitou o momento para lhe tornar a manchar a honra. Ela parecia gostar. Deus sabia que ele gostava.

Na base da escadaria, cintilava a chama de uma única vela, iluminando o braço esquerdo e os drapeados de uma reprodução em mármore de Ceres, cujo olhar, num excesso de sentimentalismo, repousava num feixe de trigo. Christian desceu as escadas discretamente, mas não às escondidas, pois chegara a bom termo com o mordomo umas semanas antes e passara a deixar junto do candelabro uma bela pilha de três moedas de ouro de cada vez que saía da casa. Estava à procura das moedas no bolso quando ouviu o som arrastado de passos mais abaixo. Deteve-se no patamar, agarrado ao corrimão.

– Edith? – perguntou uma voz masculina, que ecoou ligeiramente pelo vestíbulo.

Com mil demónios.

Christian deteve-se, completamente imóvel. Lesley Sutherland surgia debaixo das escadas, a desabotoar o sobretudo.

– Eydie? – voltou a chamar, e alisou as patilhas ruivas enquanto olhava para cima.

No vestíbulo ouvia-se o tiquetaquear de um relógio. Christian nunca se apercebera da sua presença, mas, naquele instante de silêncio, assemelhava-se a uma contagem insolente e irrevogável. *Um... dois... três... quatro...*

Ao quarto tiquetaque, aconteceu. O meio sorriso desapareceu do rosto de Sutherland. Os lábios entreabriram-se-lhe. Christian não esperava som algum, e não houve de facto qualquer som: apenas silêncio e o rosto de Sutherland a empalidecer cada vez mais, até a sua boca se cerrar e a cor lhe tingir tudo à exceção das rugas carregadas ao longo do nariz e em redor dos lábios.

Seis... sete... oito...

Christian pensou em diversas coisas que poderia dizer, todas elas jocosas e dirigidas a si mesmo, exceto a frase clássica: *Não te esperávamos tão cedo, pois não?*

Conteve-se. Sutherland parecia continuar em estado de choque. Uma dormência incómoda na mão direita fez com que Christian se apercebesse da força com que agarrava o corrimão. Soltou-o, mas o

formigueiro aumentou e teve a sensação de que era atingido por uma vertigem, como se as escadas sob os seus pés oscilassem, sem no entanto se moverem.

Abriu e fechou a mão para a desentorpecer.

O gesto pareceu despertar Sutherland. Olhou fixamente para a mão de Christian.

– Jervaulx – disse, numa voz incongruentemente branda –, vou matar-te por causa disto.

Nem sequer pronunciou bem o nome, tamanha a sua comoção. Demasiada ênfase no «j» e no «x». No desequilíbrio sinistro do momento, a mente de Christian revolvia-se absurdamente em torno da pronúncia exata do seu título: *Shervô – Sbervô – Sbervô...*

Não proferiu palavra, voltando a espraiar a mão e a cerrar os dedos num punho, algo que lhe pareceu difícil. Sentia o braço pesado, como que entorpecido, e um formigueiro percorria-lhe o interior dos ossos dos dedos.

– Os nomes dos seus padrinhos – disse Sutherland num tom mais elevado e com maior agressividade. – Quero os nomes deles.

– Durham. E o coronel Fane.

Era inevitável. Mas surpreendia-o sentir-se tão estranho.

O relógio tiquetaqueou mais uns dez segundos enquanto se fitavam.

– Seu canalha. *Fora da minha casa!*

O grito saiu-lhe meio estrangulado. Sutherland tinha o rosto tão inflamado, estava tão afogueado, que Christian julgou que ele fosse rebentar e cair ao chão com uma apoplexia.

– Muito bem – respondeu em voz baixa.

Desceu as escadas e passou pelo outro homem com movimentos deliberadamente passivos e reservados. Sutherland podia sentir vontade de o matar, um direito que lhe assistia, mas Christian não tinha a mínima intenção de ser o causador da morte do homem no vestíbulo da sua própria casa.

Para além disso, precisava de respirar ar fresco. Sentia-se embriagado. Ao abrir a porta, ainda tinha a mão direita desajeitada e adormecida. Fechou a porta com a esquerda e cambaleou, descendo aos tropeços e apoiado ao corrimão de ferro.

Era uma noite de lua cheia, que iluminava o nevoeiro ao fundo da rua: ia-se erguendo lentamente uma neblina azulada que contrastava com a fileira negra de casas. Christian continuou agarrado ao corrimão, a fitar a encosta. Não havia dúvida de que se passava qualquer coisa. Sentia-se maldisposto, atordoado e... esquisito. A ideia louca de ter sido envenenado apoderou-se da sua mente.

Eydie? O chocolate quente? Seria Eydie capaz de o envenenar? E por que faria semelhante coisa?

O coração batia-lhe acelerado. Engoliu em seco várias vezes, tentando acalmá-lo, tentando pensar.

Passados alguns momentos, soltou o corrimão. O ar fresco parecia revigorá-lo. Inspirou umas quantas vezes e sentiu-se melhor. Uma sombra escura encontrava-se ao fundo dos degraus da casa; semicerrou os olhos e apercebeu-se de que se tratava do seu próprio chapéu.

Desceu os degraus, passou ao lado da sombra e só depois tornou a lembrar-se de que era o seu chapéu. A carruagem esperava-o duas ruas adiante. Olhou com temor para o chapéu e prosseguiu. Não lhe ocorria motivo para que Eydie o envenenasse e isso perturbava-o bastante. Mas sentia-se melhor a caminhar. As coisas recompunham-se. Quando se aproximou da carruagem fechada, o cocheiro apressou-se a descer para lhe abrir a portinhola.

Cass e *Devil* pularam para o chão, com as caudas emplumadas a abanar de contentamento. Christian encostou-se a um dos lados da carruagem e deixou que os cães lhe saltassem para cima.

Afagou-lhes as orelhas com uma mão, chamou *Devil,* que tinha ido cheirar os buracos de carvão no passeio, e entrou. *Cass* deitou-se obedientemente a seus pés, mas *Devil* passou o focinho molhado por baixo da luva dele e tentou juntar-se-lhe no assento.

Christian acariciou a cabeça do *setter*. Quando a carruagem começou a andar, levou a mão à cabeça para tirar o chapéu, constatando que não o tinha.

Encostou a cabeça ao espaldar. Sutherland. Sutherland exigia-lhe uma reparação.

Quanto a Christian, queria apenas dormir. Ia fletindo a mão direita para fazer frente à fraqueza persistente e pesada que ali sentia. Ensonado, pensou que, por uma vez, era conveniente que fosse canhoto, caso contrário não conseguiria sequer empunhar a pistola.

CAPÍTULO 1

—Ainda não consegui compreender. Não há dúvida de que nunca conseguirei. Como é possível que alguém como tu espere vir a receber a devida consideração de uma pessoa da... – Archimedea Timms interrompeu-se, à procura da palavra adequada – ... da laia dele, paizinho?

– Serves-me uma chávena de chá, Maddy? – pediu-lhe o pai naquele tom de voz tão amistoso que não dava a quem quer que fosse margem para iniciar uma discussão eficaz.

– Para começar, ele é duque – prosseguiu ela por cima do ombro, lançando um olhar ao pai enquanto atravessava a sala de jantar das traseiras para localizar Geraldine, já que a campainha da sala não funcionava. Mas o tempo que demorou a encontrar a criada, a mandá-la ir buscar água, pô-la a ferver e voltar à sala de estar não foi suficiente para que perdesse o fio do seu raciocínio. – É impossível imaginar que um duque leve a sério assuntos desta natureza... tens o quadrado junto da mão direita, paizinho... o que se tornou perfeitamente evidente, dado que na semana passada ainda não tinha preparado a sua integração.

– Não devias impacientar-te, Maddy. Estas coisas têm de ser feitas com um cuidado infinito. Ele está a demorar o tempo necessário. Admiro-o por isso.

Os dedos inquisitivos do pai encontraram o número dois gravado na madeira e deslizaram-no para o lugar, como expoente do «s».

– Ele não está a demorar o tempo necessário, nem a ter cuidado. Anda a divertir-se pela cidade, entretido com o convívio da sociedade. Não tem a menor consideração nem pela tua reputação, nem pela sua.

O pai sorriu e olhou em frente, enquanto procurava o sinal de multiplicar e o juntava à sequência de letras e números de madeira que colocara sobre a toalha de baeta vermelha, os dedos a percorrerem os blocos até os reconhecer pelo tato.

– Tens a certeza absoluta acerca desses prazeres mundanos, Maddy?

– Basta ler os jornais. Em toda a primavera, não houve um único acontecimento social em que ele não tenha estado. E a apresentação do vosso tratado matemático conjunto na tarde do Terceiro Dia! Terei de ser eu a cancelá-la, pois *ele* nem pensará nisso. O presidente Milner vai ficar muitíssimo ofendido, e com toda a razão, porque quem substituirá Jervaulx no estrado?

– Tu escreverás as equações no quadro, e eu estarei lá para responder às perguntas.

– Se o amigo[1] Milner o permitir – disse Maddy com amargura. – Há de dizer que isso é extremamente irregular.

– Ninguém se importará. Tu encantas-nos com a tua presença todos os meses, Maddy. Foste sempre bem recebida. O próprio amigo Milner me disse uma vez que o rosto de uma dama alegra consideravelmente os salões das assembleias.

– Mas é claro que assisto às assembleias. Haveria de deixar-te ir sozinho?

Ergueu os olhos quando a criada entrou com o tabuleiro. Geraldine pousou o chá e Maddy serviu

uma chávena ao pai, tocando-lhe na mão e guiando-a delicadamente até ao pires e à asa. Ele tinha dedos pálidos e macios apesar de tantos anos de trabalhos em casa, e um rosto no qual, apesar da idade, ainda não se viam rugas. Sempre tivera um ar absorto, mesmo antes de ter perdido a visão. Era verdade que os hábitos arraigados da sua vida não haviam mudado muito depois da doença que o cegara anos antes, à exceção de agora se apoiar no braço de Maddy quando ia dar o seu passeio diário ou se dirigia às assembleias mensais da Sociedade Analítica, e de usar blocos gravados e recorrer a ditados nas suas operações matemáticas, em vez de se servir da sua própria pena.

– Vais hoje a casa do duque para que te entregue os diferenciais? – perguntou-lhe.

Maddy fez uma careta sem necessidade de a dissimular, já que Geraldine saíra da sala.

– Sim, paizinho – respondeu, e esforçou-se por que a voz não revelasse a humilhação que sentia. – Voltarei a casa do duque.

Quando Christian acordou, a primeira coisa que lhe veio à mente foi a integração incompleta. Atirou as cobertas para trás, expulsando *Cass* e *Devil* da cama, e abanou vigorosamente a cabeça, numa tentativa de se livrar da sensação de formigueiro causada por ter dormido de cara voltada para baixo. Os cães lamuriavam-se junto da porta e ele deixou-os sair. A dormência e a comichão desconfortáveis dos seus dedos demoravam a dissipar-se; foi agitando o punho à medida que se servia de chocolate quente e se sentava, de roupão, para folhear as páginas com cifras suas e de Timms.

Era fácil distingui-las: Timms tinha uma caligrafia pequena, refinada, com um terço do tamanho dos rabiscos invertidos de Christian. Desde o primeiro dia de escola que Christian se rebelara contra a insistência de se escrever com a mão direita e usara a esquerda, suportando as sovas habituais na palma da mão infratora com um silêncio abatido, mas ainda o envergonhava escrever quando alguém pudesse vê-lo. Naquela manhã, a escrita de Timms parecia-lhe tão pequena que até lhe custava lê-la; por mais que tentasse concentrar-se, os símbolos nadavam na página e davam-lhe dores de cabeça.

Era óbvio que estava um pouco mal por causa do destilado, qualquer que ele fosse, que consumira na noite anterior. Pegou numa pena, já aparada pelo secretário para que tivesse o ângulo exato que a postura desajeitada e retorcida da mão de Christian requeria, e começou a trabalhar, ignorando o que já estava escrito. Era-lhe fácil perder-se naquele mundo luminoso e tranquilo, formado por funções e distâncias hiperbólicas. Os símbolos sobre a página podiam parecer torcidos e trémulos, mas as equações na sua mente eram como música incessante. Pestanejou, contraiu o rosto para fazer frente à dor que parecia ter-se instalado à volta do olho direito, e continuou a escrever.

Quando, por fim, acabou de calcular o último diferencial e pensava em chamar Calvin para que lhe trouxesse o tabuleiro do pequeno-almoço, teve a impressão de que despertava de um transe ao levantar os olhos e reconhecer o próprio quarto: as colunas de estilo paladino que flanqueavam a cama, o friso e o lambril de gesso e o papel de parede com desenhos azuis, selecionado por uma dama cujo nome já não recordava. No entanto, pensar em damas trouxe-lhe à mente a memória agradável de Eydie, e mandou Calvin assegurar-se de que esta receberia uma orquídea antes da hora do chá.

– Como quiser, Sua Senhoria – disse o mordomo com uma vénia ligeira. – O senhor Durham e o coronel Fane encontram-se lá em baixo. Há já algum tempo que esperam para falar consigo. Quer que lhes diga que esta tarde Sua Senhoria não se encontra em casa?

– Pareço não me encontrar em casa? – Esticou as pernas, reclinou-se na cadeira e cruzou os tornozelos enquanto olhava para o relógio. – Meu Deus, já é uma e meia da tarde. Há quanto tempo estão lá em baixo? Mande-os subir, homem, mande-os subir.

Não se deu ao trabalho de se pôr apresentável para Durham e Fane; não tinha amigos mais antigos, nem mais íntimos. Massajou a cabeça devido à pressão aguda e persistente que sentia, e durante um momento manteve-se recostado e de olhos fechados.

– Mas que raio! Que temos aqui? Mais gatafunhos? – A voz ociosa de Durham soou ligeiramente surpreendida. – Numa altura destas! Não há dúvida de que és frio como o gelo.

Christian abriu os olhos para os voltar a fechar logo de seguida.

– Deus nos acuda, chegou o clero.

– Mesmo a tempo. Pareces pronto para receber a extrema-unção, meu amigo.

– Oh, sabes como se faz isso? – Christian arqueou uma sobrancelha.

– Podia informar-me. Faço qualquer coisa por ti, Shev.

Durham ainda imitava o estilo de Brummel, quer no modo de falar, quer no vestuário, apesar de o famoso galã ter fugido para França onze anos antes para escapar aos credores, mas Durham fazia-o com cabelo louro e movimentos decididos a servir de contraponto marcado aos ares lânguidos daquele. A inflexibilidade no vestir era a única concessão que fazia à vocação religiosa, e Christian era o único a patrociná-la – pois recaía sobre os duques de Jervaulx o privilégio de, entre outros vinte e nove cargos eclesiásticos, nomear vitaliciamente o titular de Saint Matthews-upon-Glade, um generoso posto eclesiástico que Christian considerara adequado conferir ao amigo. E esse fora um favor particularmente cortês, tendo em conta que faltavam por completo a Durham os atributos e o carácter que por norma se exigem a um pastor.

Fane, seguido dos cães, entrou, com *Devil* a esgueirar-se entre as botas do guarda real, que trajava um uniforme resplandecente de tecido escarlate e rendilhado dourado, rodopiando um chapéu alto no dedo. Atirou-o na direção de Christian.

– Da parte do Sutherland.

Christian apanhou o chapéu e afastou as patas de *Devil* do colo.

– Estás a falar de quê? Sutherland?

– Dizem que deixaste isto ao fundo das escadas da casa dele ontem à noite.

– Quem é que diz isso?

– Ora, quem é que achas? – Fane deixou-se cair numa poltrona, a fazer um esgar. – Os malditos padrinhos dele, eles é que o dizem.

Apesar da dor de cabeça, Christian não conseguiu evitar um sorriso.

– Então, está de volta? E já me desafiou para um duelo?

– Vai para o inferno, Shev, ninguém acha graça a isto – disse Durham. – O Sutherland tem uma pontaria dos diabos.

Fane afagou a cabeça de *Cass* e de seguida tirou um pelo negro do casaco vermelho.

– Ele quer que seja amanhã de manhã. É claro que depende de ti. Pistolas, imaginamos... mas talvez queiras considerar o uso de sabres, tratando-se do Sutherland.

Christian fechou os olhos e voltou a abri-los. A dor de cabeça estava a afogá-lo. Nem sequer conseguia pensar com clareza.

– Que raio de azar, dares de chofre com o tipo no vestíbulo da casa – acrescentou Fane num tom pesaroso. – Podia jurar que ele nem suspeitava de ti e da mulher. Foi só uma sorte de cão, foi o que

foi. Seria de pensar que o imbecil quisesse manter segredo, não é? O que acontecerá se te conseguir matar? Uma longa viagem pela Europa, ou a forca, caso demore muito a fugir. Por Deus, Shev, eu mesmo me encarregarei de o denunciar, se ele te matar.

Christian, de testa franzida, olhou inquieto para Fane. Parecia-lhe que aquilo só podia ser uma chalaça elaborada, na qual ele não tinha a menor vontade de participar. Mas ninguém estava a sorrir e Fane tinha um ar horrivelmente sério, de maxilar tenso.

– Os padrinhos do Sutherland visitaram-vos hoje de manhã? – perguntou, hesitante.

– Os cartões chegaram às oito. – Durham acenou com a mão. – E às nove estavam na escadaria da minha casa em Albany. Ele está a espumar pela boca, Jervaulx. Quer sangue.

– Disseram... que eu estive em casa dele?

– Não estiveste?

Christian fitou a biqueira dos sapatos. Não era capaz, apesar do esforço, de recordar grande coisa da noite anterior.

– Meu Deus. Devia estar perdido de bêbedo.

Durham deixou escapar uma expiração carregada.

– Por todos os santos, Jervaulx, queres dizer que não te lembras?

Christian sacudiu ligeiramente a cabeça. Não lhe parecia que tivesse estado a beber. Não se lembrava de ter começado a beber. Tinha aquela dor de cabeça, e a mão... que sensação estranha.

– Céus – disse Durham, e sentou-se numa poltrona. – Que embrulhada.

– Não interessa. – Christian apertou a parte superior do nariz com os dedos. – Amanhã? Quer que seja amanhã? Isso é demasiado cedo.

– Então quando?

– Amanhã à tarde apresento um artigo. Terá de ser na quarta-feira de manhã.

– Um artigo? – repetiu Fane como um eco.

– Um artigo matemático.

O coronel limitou-se a fitá-lo.

– Um artigo, Fane – explicou Christian, paciente. – Formado por palavras que transmitem uma mensagem de grande importância. Vocês no exército alguma vez leem?

– Às vezes – respondeu Fane.

– E tu não sabes que o Shev é um verdadeiro Isaac Newton? – Durham recostou-se e cruzou as pernas antes de acrescentar: – Se bem que quem olhe para ele não adivinhe, pois não? Estás com um aspeto horrível, Jervaulx.

– E é assim que me sinto – admitiu Christian. Acariciou o pescoço de *Devil* com a mão esquerda e suspirou. – Para o inferno com tudo isto. E eu que acabei de lhe mandar uma maldita orquídea.

*

A moradia de Belgrave Square – branca, elegante e de construção recente – era uma afronta para Maddy. Tudo o que se relacionava com o duque de Jervaulx lhe parecia ofensivo. Fazendo ela parte da Sociedade dos Amigos[2] desde que nascera, calculava que devia preocupar-se com o estado de graça de um homem que desperdiçava a vida em bailes, jogos e diversões como ele fazia, mas, na verdade, a Divina Luz Interior dela não parecia estar minimamente interessada no estado espiritual daquele homem. Antes pelo contrário, o que sentia por ele era um antagonismo muito terreno. Em circunstâncias normais, nem perderia tempo a pensar nele; na verdade, nunca teria ouvido falar do

duque de Jervaulx se este, movido por algum motivo perverso, não tivesse começado a escrever cartas para o jornal da Sociedade Analítica de Londres e, por conseguinte, a ocupar um lugar tão preeminente e invisível na pequena casa que os Timms habitavam em Chelsea.

Era ela que se encarregava de ler cada palavra do jornal ao pai e, claro, fora também ela que se encarregara de escrever a resposta ditada à carta que o duque publicara expressando interesse pela monografia do pai acerca da *Solução para as Equações de Quinto Grau.* Isso acontecera no Primeiro Mês. Agora encontravam-se quase no Sexto Mês, com os vasos das janelas cheios de ervilhas-de-cheiro e de tulipas tardias, cujas corolas escarlates contrastavam com o branco das fachadas, e havia já bastante tempo que Maddy se convertera numa visitante habitual da casa de Belgrave Square.

Não que já tivesse visto Jervaulx em pessoa. Não lhe pusera a vista em cima nem uma única vez. Era evidente que o duque não se dignaria a receber uma *quaker* de estatuto simples e modesto como o seu, nem tão-pouco frequentaria pessoalmente as assembleias da Sociedade Analítica; tinha formas muito mais aristocráticas e questionáveis de despender o tempo. Não – Archimedea Timms apresentava-se à porta da casa nobre com uma cópia do último trabalho do pai, que ela transcrevia com infinito trabalho e exatidão, e, depois de a aceitar, Calvin, o mordomo, conduzia-a até um recanto da saleta de pequeno-almoço, oferecia-lhe uma chávena de chocolate, levava as propostas meticulosas do pai e deixava-a ali sentada, por vezes até três horas e meia, à espera de que o mordomo regressasse com uma nota e várias folhas cobertas de traços descuidadamente exagerados, de fileiras de equações escritas como se as letras, os números e os símbolos fossem um esforço estético, mais do que matemático.

O que era muito mais frequente era que Calvin voltasse apenas com a promessa do duque de ter o seu contributo preparado no dia seguinte. E, quando chegava o dia seguinte, a promessa era para o dia a seguir a esse, e para outro depois daquele, até ela ter perdido a paciência com o homem. A isso acrescentava-se o entusiasmo tácito mas cada vez mais intenso do pai por aquilo em que ele e Jervaulx estavam a trabalhar. A matemática era toda a vida do pai, e a comprovação irrefutável de um teorema era todo o objetivo da sua existência – não pela fama que lhe traria tal feito, mas por amor à própria ciência. Ele considerava que o duque era um milagre, uma bênção incrível na sua vida, uma bênção para a geometria e para a Terra em geral, e aguardava as comunicações irregulares do homem com uma paciência interminável.

Na verdade, Maddy receava sentir alguns ciúmes. A forma como o rosto do pai se iluminava quando ela, por fim, voltava da casa de Jervaulx com uma nova série de equações e axiomas, o ar inicial de choque e o profundo prazer que o levava a assentir com a cabeça enquanto ela lhos lia em voz alta e ele descobria uma inovação concreta, algum cálculo que exibisse um requinte único... bem, não poderia privá-lo dessa felicidade, lá porque para si aquilo não passava de uma série interminável de símbolos, como uma língua estrangeira que se conseguisse ler e pronunciar, mas não compreender. Havia pessoas que nasciam com esse dom e Maddy, a despeito da esperança iludida que o pai expressara ao dar-lhe aquele nome em honra de Arquimedes, não era uma dessas pessoas.

O duque de Jervaulx, contudo, era.

Também era dissoluto e esbanjador, galanteador, jogador, mulherengo, um mecenas de criaturas artísticas – de pintores, músicos e romancistas – e aparecia referido sem rodeios como «D. de J.» nas páginas de escândalos, onde era frequente encontrarem-se notícias acerca das suas numerosas façanhas.

Maddy decidira-se a investigar a vida daquele homem. E, sem querer entrar em grandes pormenores, o duque era um libertino.

Para o pai não teria feito qualquer diferença que o homem apascentasse vacas. Só lhe importava o talento. Todavia, Jervaulx era duque, algo que Maddy se via obrigada a recordar com muito mais frequência do que o pai – na verdade, de cada vez que se sentava à espera naquele recanto, à mercê dos caprichos aristocráticos dele. E agora – apesar de já se terem passado dois meses desde que acordara ser coautor daquele trabalho com o pai dela e condescendera até em oferecer-se para fazer a apresentação preliminar na assembleia mensal da Sociedade Analítica, ao que parecia Jervaulx esquecera-se por completo do assunto e nem sequer se daria ao trabalho de terminar o último e crucial passo dos cálculos.

Pelo menos, Maddy esperava que ele se tivesse esquecido, pois assolava-a um grande receio de que o duque estivesse a pregar uma horrível partida ao pai. O seu pior pesadelo era que Jervaulx aparecesse na Sociedade Analítica com alguns dos seus amigos excêntricos, talvez inebriados e acompanhados por mulheres de má fama, para converter o pai e os restantes membros da sociedade em objeto de escárnio.

Não tinha qualquer motivo para suspeitar de que fosse acontecer algo de semelhante mas, no melhor dos casos, o pai ia sentir-se profundamente dececionado e envergonhado perante colegas matemáticos, tudo por causa de um aristocrata demasiado indolente para honrar os seus compromissos para com outra coisa que não o deboche. Para Jervaulx, aquilo era um mero passatempo. Para o seu pai, era a própria essência da vida.

Subiu os degraus de acesso à moradia branca, quase decidida a entregar ao duque, juntamente com a averiguação amável e tímida do pai, outra nota escrita pelo próprio punho para expressar os seus sentimentos com clareza. Apesar de nunca ter encontrado na alma, nem sequer no silêncio da Assembleia, a ousadia para se levantar e falar, estava certa de que não se sentiria de todo atemorizada pelo facto de ele ser duque. Não se alteraria se tivesse de falar com ele, o que, na sua opinião, denotava que os seus motivos tinham aprovação divina. Baseando-se na igualdade espiritual de todos os homens professada pela Bíblia, ela sentia que o que quer que expusesse ao duque as suas próprias iniquidades de uma forma calma e convincente só poderia fazer-lhe bem.

Contudo, Calvin sorriu-lhe ao recebê-la e pegou numa pasta de couro que se encontrava numa mesa do vestíbulo.

– Para ser entregue a Mr. Timms, ao cuidado de Miss Archimedea Timms, com os cumprimentos de Sua Senhoria – disse. – O duque instruiu-me a comunicar a Mr. Timms que, amanhã à noite, participará na assembleia da Sociedade Analítica na companhia de Sir Charles Milner, e que aguarda com expectativa a apresentação iminente.

Maddy pegou na pasta.

– Ah – exclamou –, sempre terminou.

Calvin não demonstrou ter reparado na surpresa dela. Limitou-se a inclinar um pouco a cabeça com uma expressão expectante na direção da saleta do pequeno-almoço.

– Ofereço-lhe chocolate quente, menina?

– Chocolate? – Maddy impôs ordem aos pensamentos. – Não. De facto, não me demoro. Devo levar isto de imediato ao meu pai.

– Como preferir, menina.

O cumprimento repentino e inesperado da promessa que o irresponsável duque fizera deixava-a

completamente desconcertada e, de certo modo, mais vexada do que satisfeita. Que homem tão odioso, que deixava tudo de pernas para o ar e depois achava que o podia corrigir confraternizando com o presidente Milner e acabando os diferenciais à última hora.

– Digo-te com franqueza, amigo – disse Maddy, no tom sério que reservara para se dirigir ao próprio duque –, espero que o duque de Jervaulx tenha preparado bem o discurso. Receio bem que já não haja tempo para que o meu pai lhe ofereça ajuda.

Calvin lançou-lhe um olhar impassível.

– Sua *Senhoria* não referiu estar à espera de contar com a ajuda de Mr. Timms.

Como sempre, colocou uma ênfase enorme no tratamento honorífico, o que Maddy compreendia perfeitamente que tinha como objetivo transmitir a sua desaprovação pelo discurso simples que ela adotava e por se referir a Jervaulx pelo título do seu cargo temporal. Isso não lhe importava. Soubesse ela o apelido dele, teria ido mais longe e utilizá-lo-ia como qualquer *quaker* despretensioso faria ao falar de qualquer pessoa.

Ficou calada por momentos, a bater com o pé no chão, silenciosa e rapidamente.

– Posso falar com ele?

– Lamento informá-la de que Sua Senhoria não se encontra em casa.

O pé de Maddy começou a bater com mais força.

– Estou a ver. Que pena. Nesse caso, peço-te que lhe transmitas os agradecimentos do meu pai.

Enfiou a pasta debaixo do braço, deu meia-volta e desceu as escadas.

Christian estava deitado na cama com os olhos cobertos por um pano ensopado num unguento fétido de cânfora. Resmungou ao ouvir a batida suave de Calvin à porta.

– Miss Archimedea Timms passou por cá, Sua Senhoria. Levou os papéis.

– Muito bem.

Seguiu-se um momento de silêncio.

– O físico não demoraria nem um quarto de hora – disse Calvin –, se me permitisse chamá-lo, Sua Senhoria.

– Não preciso de um maldito mata-sanos. Isto daqui a um ou dois minutos já passa.

Christian engoliu em seco.

O mordomo balbuciou umas palavras de assentimento. A porta estalou ao ser fechada. Christian arrancou violentamente o pano bafiento e atirou-o ao chão. Cobriu os olhos com o braço e inclinou a cabeça para trás, enquanto se perguntava se aquela maldita dor de cabeça o mataria antes de Sutherland ter sequer a oportunidade de o tentar.

1 Forma por que se tratam os membros da Sociedade dos Amigos, ou seja, os *quakers*. *(N. da T.)*

2 A Sociedade Religiosa dos Amigos foi fundada em 1652 por George Fox, que assim reagia contra os abusos da Igreja Anglicana. Os seus membros, os *quakers*, não admitem qualquer tipo de sacramento, não prestam juramento perante a justiça, não aceitam qualquer tipo de hierarquia, defendem o pacifismo e pugnam pela simplicidade de todos os atos. *(N. da T.)*

CAPÍTULO 2

Na noite do Terceiro Dia, a assembleia da Sociedade Analítica foi um sucesso estrondoso. Para os Timms, começou bem cedo nessa tarde, com a chegada de um criado de libré e rosto empoeirado ao patamar da modesta residência de Upper Cheyne Row, com uma mensagem escrita com aqueles traços estapafúrdios que o duque de Jervaulx utilizava. Caso não houvesse inconveniente da parte deles, pelas oito e meia enviaria uma carruagem para levar Mr. Timms aos salões da assembleia. E, no final, sentir-se-ia honrado se Mr. Timms e a filha se juntassem a si e a Sir Charles Milner para degustarem um jantar tardio em Belgrave Square, após o qual ele se responsabilizaria por que chegassem a casa em segurança, na mesma carruagem.

– Paizinho! – exclamou Maddy, horrorizada, num sussurro furibundo, de modo a evitar que o lacaio, que se encontrava do outro lado da porta da sala, a ouvisse. – Não podemos ir.

– Não? – replicou o pai. – Nesse caso, não me parece que possamos aparecer na assembleia, pois que desculpa daremos para nos recusarmos a cear com o duque de Jervaulx depois?

Maddy corou um pouco.

– Não vai passar de lazer vão e conversa ociosa. Ele é um homem pérfido. Sei que o admiras pela sua ciência, mas o seu carácter moral é... é atroz!

– Suponho que seja – aceitou com relutância. – Mas havemos de ser nós a lançar-lhe a primeira pedra?

– Duvido muito de que fôssemos os primeiros. – Com um movimento rápido, atirou a mensagem para a lareira. O papel elegante e de boa qualidade não voou tanto quanto necessário e rangeu ao embater no guarda-fogo. – Não se trata de lançar pedras, apenas do desejo de não nos associarmos a esse homem.

O pai virou-se ao ouvir o barulho do papel e de seguida concentrou-se na voz dela.

– É apenas uma noite.

– Tu podes ir. Eu volto para casa assim que a assembleia acabar.

– Maddy? – O rosto do pai estava ligeiramente franzido. – Por acaso tens medo dele?

– Claro que não! Por que motivo haveria de ter?

– Pensei só que... Ele fez alguma coisa que fosse contra a tua vontade?

Maddy abafou uma exclamação de incredulidade.

– Sim, fez! Deixou-me à espera durante horas, na sua ridícula saleta de pequeno-almoço. Podia fazer-te uma descrição pormenorizada do papel de parede. O padrão é um entrançado verde sobre um fundo branco, com flores de malva pintadas em cruzamentos alternados, formadas por dezasseis pétalas e três folhas que cercam um centro amarelo.

O rosto do pai suavizou-se.

– Receei que te tivesse dito alguma coisa imprópria.

– Nunca me disse coisa alguma, pela simples razão de que nunca me viu. Mas podes acreditar

quando te digo que representa tudo o que há de pior na aristocracia. É devasso, libertino e ímpio. Nós somos pessoas simples, não temos motivo algum para jantarmos com ele.

O pai manteve-se em silêncio durante um longo momento. Depois arqueou as sobrancelhas e disse num tom melancólico:

– Mas eu quero que jantemos com ele, Maddy.

Os dedos dele remexiam num «Y» de madeira, fazendo-o girar e rodopiar sobre a baeta vermelha. O candeeiro a óleo próximo do seu cotovelo permanecia apagado, apesar da luz ténue do Norte naquela tarde enublada. Para o pai, a iluminação ou a falta dela era algo completamente irrelevante.

Ela cerrou os punhos e pousou o queixo neles.

– Oh, paizinho!

– Importas-te assim tanto, minha querida Maddy?

Ela suspirou. Sem mais palavra, abriu a porta para informar o lacaio à espera de que aceitavam o convite do duque para jantar.

Para disfarçar o seu descontentamento, deixou a companhia do pai e subiu as escadas para preparar o casaco e a camisa que este levava às assembleias, bem como dispor os artigos necessários para o barbear. Depois, foi tratar do seu próprio guarda-roupa. Antes de a mensagem de Jervaulx ter chegado, ela planeava usar o seu vestido de seda cinzenta, que se adequava a uma ocasião especial. Agora sentia-se dividida entre o desejo corrupto de se aperaltar de uma forma que demonstrasse que ela e o pai jantavam regularmente na companhia de duques e o impulso de usar algo pior e parecer que cear em Belgrave Square lhe agradava tanto como revolver uma lixeira.

Para além da perversidade inerente a vestir-se como se fosse habitual conviver com gente nobre, certas restrições materiais tornavam-se visíveis à medida que Maddy esquadrinhava o interior escuro do guarda-fatos. A sua família não pertencia às fileiras mais mundanas da Sociedade dos Amigos; sempre cumprira com os princípios da simplicidade no vestir e a simplicidade no falar. O vestido de seda cinzento-aço, com a gola branca larga e sem enfeites, constituía o zénite do seu guarda-roupa. As rígidas linhas pias e recatadas, com um feitio tão longo e antiquado, não deixavam lugar a dúvidas quanto àquilo que era – um simples vestido *quaker* já com quatro anos, o melhor da sua proprietária.

Observou o vestido preto, o que reservava para tarefas como fazer compras ou cuidar do pai. Estava limpo e num estado decente, mas notava-se o desgaste nos cotovelos. Não podia deixar que os companheiros do pai na sociedade julgassem que ela não se importava de todo com a importância da ocasião.

Acabou por se decidir pelo de seda. E, para salientar a sua opinião pessoal acerca do comportamento libertino do duque, tirou a gola branca e deixou o decote em V sem qualquer adorno. Apesar de não ter espelhos em casa, sentiu-se satisfeita ao erguer o vestido alterado à sua frente, pois, completamente desprovido de ornamentos, apresentava suficiente austeridade.

O que fazer com o cabelo constituía outro problema. A touca engomada com que normalmente andava era demasiado vulgar para a ocasião. A mãe – apesar de professar a fé dos Amigos e, em consequência do casamento, haver cortado relações com a sua própria família – transmitira-lhe alguns preceitos sociais. Maddy concluiu que era realmente necessário algum reconhecimento do carácter excecional da assembleia matemática.

Decidiu tornar a entrançar o cabelo. Penteá-lo não era tarefa de somenos; nunca fora cortado – tratava-se da única vaidade terrena da mãe e, agora, sua – e chegava-lhe até à parte de trás dos

joelhos. Depois de o ter entrançado e enrolado à volta do alto da cabeça, por impulso procurou um pequeno estojo no fundo da arca e tirou de lá as pérolas da mãe.

Não se atrevia a levar joias à volta do pescoço mas, depois de pensar um pouco e de fazer algumas experiências, descobriu que o colar servia de base perfeita à trança. Achava mesmo que as joias não se notavam de todo, o que lhe parecia um compromisso confortável entre heresia e zelo.

Porém, ao descer para o piso térreo às oito e um quarto, depois de se assegurar de que o pai se encontrava adequadamente vestido, de súbito faltou-lhe a coragem. Receava que as pérolas parecessem uma tolice – e não havia a quem perguntar, exceto ao pai ou a Geraldine, não se podendo esperar que qualquer um deles lhe desse um conselho válido. Maddy estava a segurar o bule de prata e a tentar em vão ver-se no reflexo arredondado, quando ouviu os passos lentos do pai na escada.

Uma batida rápida surgiu em simultâneo na porta e ela teve de se apressar a subir as escadas da cozinha para chamar Geraldine, já que a sineta continuava a não funcionar, apesar de o senhorio ter expressamente prometido que a repararia até àquela tarde. Depois, entre ajudar o pai a descer as escadas em segurança e manter-se atenta ao lacaio que o auxiliava a entrar na resplandecente carruagem negra – ornamentada apenas por um brasão na porta, que consistia numa fénix branca rodeada por seis flores-de-lis douradas sobre fundo azul –, deu por si subitamente confrontada pela vénia e pela mão estendida do lacaio. Nada lhe restava fazer para além de a aceitar.

A sala de palestras do Instituto Real de Albemarle Street, um anfiteatro enorme formado por bancos acolchoados com capacidade para novecentas pessoas, não costumava encher-se para as assembleias da Sociedade Analítica. Os interessados e capazes de compreender a filosofia da matemática eram poucos mas apaixonados, e gostavam de se juntar no centro das primeiras quatro filas em volta do estrado, deixando o resto da sala numa obscuridade cheia de eco.

No entanto, à medida que a carruagem se aproximava de Albemarle Street, os passeios pareciam cada vez mais cheios de cavalheiros à espera de entrar no edifício da instituição. Por um horrível momento, Maddy temeu que se tivessem equivocado na noite, mas não, ali estava o presidente Milner em pessoa, gorducho e jovial, a aproximar-se da portinhola da carruagem para ajudar o pai a descer para o passeio. Maddy seguiu-os e a multidão que enchia a entrada e as escadas cumprimentava-os, tirava o chapéu e chegava-se para o lado para os deixar passar.

– À sua disposição, Miss Timms. Vamos entrar por um momento na sala de leitura – disse o amigo Milner, a olhar para trás, enquanto guiava o pai para o átrio. – O duque já chegou. Está ávido por vos conhecer.

Maddy suprimiu um resmungo, duvidando seriamente de que o duque sentisse qualquer emoção, fosse de que género fosse. Deixou-se ficar para trás por um momento, no átrio apinhado, hesitando no meio da desordem em frente ao bengaleiro, até um cavalheiro cordial, um dos membros assíduos da sociedade, lhe aceitar a capa.

– Quem *são* todas estas pessoas? – sussurrou-lhe ela.

– Creio que vieram ver o duque matemático.

Maddy fez um esgar rápido.

– Como quem vem ver um porco sábio?

O cavalheiro riu-se e segurou-lhe a mão.

– Transmita os meus cumprimentos a Mr. Timms. Estou muito interessado em ouvir esta palestra.

Maddy assentiu e deu meia-volta. Era mesmo típico do duque de Jervaulx converter tudo num circo. Já devia esperá-lo. O pobre do pai ia ser alvo de troça.

Deteve-se diante da porta fechada da sala de leitura, distraída por instantes a pensar nas pérolas que levava no cabelo. Parecia que ninguém lhes prestara particular atenção. Levou a mão ao cabelo entrançado para se certificar de que não se tinham soltado.

Ainda ali estavam. Tinha a impressão que a faziam parecer uma velha solteirona tola e excêntrica, o que não deixava de ser verdade. Não passava de uma *quaker,* uma dessas pessoas peculiares, algo agravado pelo acrescento fútil de pérolas ao seu cabelo rigidamente entrançado. A ideia levou-a estranhamente a rir-se de si mesma. Que figura ia fazer perante aquele duque dissoluto!

Bem... que assim fosse. Deixá-lo-ia sem palavras. Decerto nunca tivera de jantar com alguém como Archimedea Timms. Com um ligeiro sorriso nos lábios, empurrou a porta.

Ao fundo da sala pouco iluminada encontrava-se o seu pai, ainda de chapéu baixo com aba larga, sentado a uma das mesas, sobre a qual os jornais do dia tinham sido afastados para que houvesse mais espaço. O presidente Milner desaparecera. O outro homem sentado no círculo de luz projetado pela vela estava inclinado sobre uma pilha de papéis com uma concentração que Maddy não via desde que ajudara a dar aulas na Escola do Primeiro Dia. Tinha os cotovelos afastados, a forçarem as costuras da casaca azul que lhe envolvia os ombros largos e, enquanto ela se aproximava, ele afastou o cabelo escuro com o gesto impaciente de uma mão – parecendo verdadeiramente um poeta desvairado numas águas-
-furtadas, dedicando-se à sua arte.

De repente, antes que ela os alcançasse, ele pousou a pena e endireitou-se para a encarar num único movimento ágil, como se desejasse esconder o que tinha estado a fazer.

Fitou-a por um instante e depois sorriu.

Tanto o estudante fervoroso como o poeta arrebatado se desvaneceram naquele galanteio experiente.

– Miss Timms – disse, no tom em que um duque o diria, com calma e uma ligeira vénia. Tinha os olhos de um azul crepuscular, o nariz direito e forte, vestia com requinte e os modos exibiam a boa educação recebida. Mas havia algo nele, apesar de todo o verniz polido que o cobria, que o fazia parecer um verdadeiro pirata.

Era exatamente igual ao que Maddy esperara, embora com menos sinais de decadência física do que aqueles que ela imaginara decorrerem do estilo de vida que ele levava. Dava a impressão de ter uma energia firmemente controlada, sem nada de moroso ou degenerado – nenhuma fraqueza naquele corpo sólido e imponente. Ao lado, o pai dela parecia mortalmente pálido, como se a qualquer momento pudesse dissolver-se em fumo e desaparecer.

– A minha filha Archimedea – disse o pai. – Maddy, apresento-te o duque de Jervaulx.

Pronunciou o nome de um modo diferente daquele que estavam habituados a fazer, como se começasse por «x» e não terminasse num som como «ocs», mas antes num «ô». Maddy sentiu-se muito provinciana ao perceber que sempre tinham pronunciado aquele nome de modo incorreto e, com uma clareza mortificante, recordou a quantidade de vezes que teria pronunciado mal o nome perante o mordomo. Desejou de todo o coração que a origem da correção tivesse sido o amigo Milner, e não o próprio duque.

Estendeu a mão para que lha apertasse e evitou fazer uma vénia ou reverência, ou sequer uma inclinação, como correspondia a uma pessoa simples que pertencesse à Sociedade dos Amigos. Tinham-na educado para que não murmurasse as saudações habituais, como, por exemplo, «bom dia», já que desejá-lo a alguém que estivesse a passar um dia mau seria uma ofensa a Deus e à

Verdade. Também não podia dizer que era um prazer conhecer o duque, já que isso seria outra mentira, pelo que se decidiu pela fórmula universal:

– Amigo.

O cumprimento do cavalheiro não foi tão austero.

– É com o prazer mais sentido que me ponho à sua disposição, *mademoiselle*. – Pegou na mão que ela lhe estendia e ergueu-a por um instante, baixando os olhos antes de a libertar. – Devo pedir perdão a Miss Archimedea por todas as horas que sei que a mantive à espera na minha casa. Tenho-me visto atormentado por uma dor de cabeça nos últimos dois dias.

Maddy perguntava-se qual seria a desculpa para os dias anteriores, mas o pai, com genuínas mostras de preocupação, limitou-se a dizer:

– Espero que estejas recuperado.

O pai dizia sempre a verdade, pelo que obviamente acreditaria naquele homem. Pobre e ingénuo pai.

– Bastante recuperado. – O duque sorriu e piscou o olho a Maddy como se fossem dois conspiradores. – Embora saiba que Miss Archimedea tem as suas dúvidas.

O pai também sorriu.

– Sim, tem andado muito aflita, temendo que me envergonhes de tal modo que eu jamais possa levantar a cabeça nas noites do Terceiro Dia.

– Paizinho!

Nesse momento, o presidente Milner bateu à porta e entrou com os braços estendidos e a sacudir as mãos como um entusiástico enxotador de galinhas.

– Miss Timms, Mr. Timms, chegou o momento. Venham sentar-se e depois eu e o duque ocuparemos os nossos lugares à frente.

– Vou precisar de Miss Timms – disse o duque, agarrando-lhe o braço quando ela se voltou para o pai. – Se não se importa...

Fitou-a nos olhos. De imediato, Maddy percebeu que aquele era o olhar que ele lançava às mulheres que de bom grado se deixavam cair na sua influência e nos seus braços. Até ela – que aos 28 anos fora cortejada apenas numa ocasião, e por um médico muito convencional que aceitara a recusa dela com mágoa sentida e que, logo em seguida, se comprometera com uma tal Jane Hutton, tendo deixado as assembleias *quakers* passado meio ano –, até ela era capaz de identificar aquele olhar intenso e simultaneamente interrogativo e de pressentir o tipo de poder que devia conter.

Por conseguinte, quando ele se limitou a pegar na resma de papéis e a perguntar se ela poderia transcrever as equações na lousa enquanto ele falava, isso foi uma espécie de anticlímax. Ela olhou para os papéis.

– Não queres ser tu a fazê-lo? O quadro está mesmo atrás do estrado e a maior parte dos oradores...

– Não – atalhou ele num tom inexpressivo.

– Vamos, vamos. – Mr. Milner tinha a porta aberta, o que deixava passar o rumorejar baixo do auditório. – Vamos todos de uma vez, então. Mr. Timms?

Foi o próprio Jervaulx que pegou no braço do pai, o conduziu até à sala e desceu as escadas até à primeira cadeira. O presidente acenou a Maddy, para que subisse até à fila de cadeiras de espaldar rígido que se encontravam sobre o estrado. O duque seguiu-a e os passos firmes de ambos ressoaram sobre a plataforma de madeira oca. Com um movimento delicado, o duque ajustou a cadeira em que

Maddy se sentou e lançou as abas da casaca para trás de uma forma elegante e descontraída ao ocupar o lugar ao lado dela.

A sala ficou em silêncio quando o presidente Milner se aproximou do atril, onde inclinou a proteção da pequena lamparina a gás e pigarreou. Maddy olhava para o mar de rostos, cada um realçado por um colarinho branco que parecia flutuar sobre um fundo negro e uniforme. Já assistira a inúmeras assembleias, tanto da Sociedade Analítica como dos Amigos, e sentara-se sempre com o pai nos bancos de trás: nunca estivera em frente de nenhum tipo de público, muito menos perante um público tão numeroso. Disse a si mesma que toda a gente estava a prestar atenção ao presidente, o qual dera início à assembleia e fazia a apresentação do trabalho do pai, descrevendo-o como coautor, mas recordou com que facilidade o pensamento do espectador divagava e como era difícil concentrar o olhar. Vários dos cavalheiros nas filas da frente estavam sem dúvida a olhar para lá do presidente Milner: para si ou para o duque, ela não conseguia ter a certeza, mas sentia-se agonizantemente exposta no seu vestido de seda simples e com aquelas pérolas no cabelo.

Também se sentia intensamente ciente de quão sólida e real era a presença de Jervaulx e como, sem qualquer dúvida, ele se destacava ao lado dela com o casaco azul-celeste e as luvas brancas a cobrirem-lhe as mãos, que mantinha cruzadas no colo sem a menor agitação ou inquietação, o que a levou a parar de apertar e soltar as suas próprias mãos. Ele parecia muito seguro de si mesmo e enfrentou com toda a tranquilidade e sem se alterar a atenção que se centrou nele, quando o presidente Milner se referiu à honra que constituía para todos aqueles ali reunidos a presença de uma luminária como Christian Richard Nicholas Francis Langland, Sua Senhoria o duque de Jervaulx, conde de Langland e visconde de Glade, que nessa noite tivera a amabilidade de se dirigir aos membros da Sociedade Analítica de Londres.

O duque levantou-se ao ouvir os aplausos. Não levava notas, já que entregara a Maddy todos os papéis. Ela devia ter calculado que o cavalheiro possuía o dom da palavra e uma voz agradável, descontraída e simultaneamente poderosa, que se tornou grave quando anunciou que dedicava a palestra à memória do seu falecido tutor, Mr. Peeples, homem culto e apreciado, que fora um orgulho para a profissão e para sempre merecedor do respeito e da consideração dos seus alunos; e o duque estava deveras arrependido do peixinho morto que pusera no livro das lições.

Todos se riram, até o pai.

A recordação daquele peixe enchera Jervaulx de tristeza e, sem saber muito bem como, isso levara-o à página que o peixe tinha adornado, página essa que levara ao postulado de Euclides e à geometria diferencial e, entre risos persistentes suscitados pela paixão que o impelia a render-se à atração de certas superfícies curvas irresistíveis, ele virou-se e, expectante, fez-lhe sinal com a cabeça.

Maddy levantou-se de imediato, pegou no giz e começou a escrever no enorme quadro de lousa. Estava habituada à letra do duque, mas esta era difícil de decifrar até no melhor dos casos. Não se podia permitir nenhum erro num momento daqueles e concentrou toda a atenção na transcrição correta da ordem das equações, e em copiar os círculos e as linhas que as atravessavam. A infinidade de horas de trabalho com o pai tinha-lhe dado a capacidade de continuar com a sequência numérica em questão. Interrompia-se e esperava que Jervaulx referisse certas séries, e, ao ouvi-lo, decidia quando proceder para a fórmula seguinte e apagar a última para ganhar espaço. Só hesitou uma vez, demorando-se demasiado numa página, até que a pausa de Jervaulx ao voltar-se para a lousa a alertou do erro; apressou-se então a apagar cinco equações e a rabiscar a parte superior da página

seguinte do duque.

Ao chegar à última das notas dele, tinha-se-lhe adiantado; ele ainda estava a descrever o progresso da prova de umas linhas mais atrás. Contudo, quando Maddy acabou de copiar a equação final, acrescentando um floreado na integral entre o zero e o «r», e se sentou de imediato, começou a ouvir-se um burburinho entre o público. Jervaulx continuava a falar. Pouco a pouco, alguns cavalheiros entre o público começaram a levantar-se. Primeiro um, depois outro, depois de dois em dois, de três em três, e de cinco em cinco, todos de olhos fixos no quadro.

Alguém começou a bater palmas. Outros fizeram o mesmo. Um tremor deu lugar a uma reverberação, à medida que cada vez mais gente se levantava. As palmas transformaram-se numa ovação uníssona e esta num verdadeiro rugido que abafava as palavras.

O duque parou de falar. No meio da ruidosa aclamação, olhou para Maddy com um sorriso e fez um gesto na direção do pai dela. Mas o presidente Milner já se encarregara de o ajudar a subir ao palanque.

A força e a atroada da ovação redobraram. Os cavalheiros começaram a bater no chão com os pés, e toda a sala vibrou com o ruído. Maddy levantou-se, pegou na mão do pai e apertou-a, emocionada. Ele deu-lhe umas palmadinhas nas costas da mão. O sorriso trémulo nas comissuras dos seus lábios, o êxtase no seu rosto, era algo que Maddy não lhe via desde a morte da mãe, seis anos antes.

Estavam cercados por energia pura, uma homenagem calorosa e tangível. Jervaulx aproximou-se, apertou a mão de Mr. Timms e prolongou o aperto porque o pai dela não o queria soltar. Inclinou a cabeça e mostrou um sorriso um tanto envergonhado e um olhar que, se Maddy fosse capaz de acreditar nisso, refletia uma certa timidez. Por um momento, quase dava para o imaginar como um rapazinho ávido e acanhado, cheio de entusiasmo inocente – e depois ele virou-se para ela e tomou-lhe a mão, debruçando-se com um olhar rápido que era completamente o de um homem maduro e experiente. Um olhar sugestivo e íntimo que revelava um devasso a cem metros de distância.

Inclinou-se até quase lhe tocar a orelha, sem lhe soltar a mão, para desse modo a reter tão perto dele quanto possível, e Maddy conseguiu sentir o calor que ele desprendia e sentir o cheiro a madeira de sândalo.

– Em que está a pensar, Miss Timms? – perguntou num tom de voz que se fez ouvir acima do ruído.

Maddy deu um passo atrás para se afastar dele.

– O que fizemos?

– O que fizeram?! – vociferou o presidente Milner. – Provaram que existe uma geometria diferente da de Euclides, minha menina! Reinventaram o postulado das paralelas! Descobriram um novo universo! Santo Deus, se isto for tão exato quanto parece... – Ia dando palmadas nas costas do pai dela e do duque, gritando entre o clamor. – Vocês os dois são feiticeiros, meus amigos! Feiticeiros!

– O mérito é todo teu, amigo – repetiu o pai mais uma vez. Maddy já tinha contado seis; aquela era a sétima. – Deveras.

Jervaulx abanou a cabeça e bebericou vinho.

– Que absurdo, Mr. Timms. – E, com um sorriso malicioso, acrescentou: – O senhor é que é responsável por fazer o mais difícil, escrever o artigo.

Os quatro estavam sentados a uma mesa redonda, na janela saliente de uma linda sala acolhedora com vista para a praça escurecida. Maddy nunca se tinha adentrado tanto na casa do duque; as

cadeiras confortáveis de chita azul surpreenderam-na. Não julgava que um solteiro fosse capaz de criar uma casa tão acolhedora para si mesmo.

E, naquele momento, ele era a verdadeira imagem de um homem celibatário. Afastara a cadeira da mesa, já sem comida, para ter espaço para esticar as pernas, rodeava com os dedos a borda do copo de vinho e baloiçava-o com uma expressão despreocupada. Maddy estava sentada com toda a compostura e, dissimuladamente, olhava em volta para observar a decoração da sala.

O pai tinha o rosto ruborizado e via-se que estava satisfeito, talvez um pouco distraído, como se ainda não acreditasse naquilo que fora o momento alto da noite. O momento em que o duque de Jervaulx, enquanto desfrutavam de um delicioso e requintado prato de peixe com espargos, lhe perguntara num tom descontraído se consideraria a hipótese de aceitar a cátedra de Matemática da nova universidade que ele e os seus associados políticos estavam a organizar, na qual não haveria testes religiosos a comprometer a admissão, mas apenas o propósito expresso de educar estudantes adultos em todo o campo do conhecimento moderno.

Fora uma verdadeira surpresa saber que o duque apoiava uma causa tão nobre. Mas ao fazer gala de tamanha inteligência e de um tal poder de persuasão ao falar do assunto, deixou tão claro o seu compromisso que até o amigo Milner – que era o homem mais conservador e anglicano que Maddy conhecia e que, a princípio, se sentira muito incomodado por os Timms lhe chamarem «amigo» em vez de «Sir Charles», embora com o tempo já se tivesse habituado – pôs de lado as suas dúvidas iniciais e, cheio de entusiasmo, recomendou ao pai dela que considerasse seriamente a proposta.

O pai, Maddy via-o claramente, já ultrapassara em muito a consideração e começara logo a sonhar acordado. E, na verdade, quando o duque referiu a quantia que já destinara à criação da cátedra de Matemática, a própria Maddy sentira uma injeção de ânimo. Não era muito desejável ter por mecenas um reputado devasso mas o trato com ele, caso viesse a acontecer, não teria de ir além do estritamente necessário. Assim, deixou-se levar por visões de uma casa suficientemente grande para ter um jardim, e de uma sineta na sala de estar que funcionasse sempre.

No meio daqueles devaneios agradáveis, o amigo Milner pediu licença e retirou-se para fumar. Ao sair, deixou a porta entreaberta e, numa questão de segundos, o som enérgico de umas patas caninas sobre o chão envernizado anunciou a entrada de um *setter* cuja pelagem branca e sedosa ostentava manchas pretas, como se tivesse sido salpicado por uma lata de tinta escura. Sem dirigir ao duque mais do que um olhar de esguelha, o animal dirigiu-se diretamente a Maddy e, com um salto, encontrou-se junto do colo dela de patas dianteiras espraiadas na sua saia e um focinho rosado e sarapintado esticado para lhe lamber o queixo.

– *Devil!*

O chamamento severo fez o cão olhar inquisitivamente para Jervaulx, a abanar a cauda e sem afastar as patas felpudas do colo de Maddy.

Ela sorriu e acariciou-lhe as orelhas.

– Que cão mais travesso! – murmurou entre dentes, como se fosse um segredo entre eles. – Que cão tão mau que tu és.

Os olhos castanhos de *Devil* olharam-na em adoração, sorrindo de felicidade perante a acusação. Mas outra ordem rosnada do duque fez a cabeça sarapintada descair. Com um aceno apologético do sobrolho, *Devil* saltou de novo para o chão. Jervaulx fitou o animal com um olhar prolongado. Passado um momento, a cauda de *Devil* encolheu-se e o cão retirou-se da sala com o ar mais triste e pesaroso possível. O dono, implacável, levantou-se e fechou-o lá fora.

A expulsão de *Devil* deixou um vazio na sala. Maddy fixou os olhos na toalha imaculadamente branca que se encontrava entre si e o duque, o qual, depois de umas palavras de desculpas, voltou a sentar-se. Tinha a impressão de que Jervaulx os julgaria muito pouco requintados. Tinham surgido muitos momentos de silêncio que tanto ele como o amigo Milner se tinham visto obrigados a preencher. Maddy não estava habituada a fazer conversa fiada. Desde criança que se esforçava por seguir o mandamento bíblico «Que as vossas palavras sejam poucas», e agora era-lhe difícil falar sem ter assunto. Gostava de cães, mas nunca tivera um, nem conhecera nenhum que não fosse rafeiro, pelo que não tinha qualquer discurso a oferecer acerca do tema a alguém como Jervaulx, que muito provavelmente seria um criador famoso ou algo do género e a consideraria tristemente ignorante.

Teria gostado de perguntar qual o preço do lindo tecido que forrava as cadeiras, mas mordeu a língua. As casas simples dos *quakers* não tinham frioleiras delicadas como forros de chita estampada ou quadros expostos nas paredes. O único quadro na casa dos Timms era uma pintura bastante estranha de um navio negreiro, aprovado pelos anciãos por se tratar de uma recordação dos sofrimentos dos seus irmãos. Enquanto fitava uma natureza-morta elaboradamente emoldurada pendurada sobre um atril, com o tema surpreendentemente modesto de hastes de lilases cortadas e dispostas ao lado de um monte de ovos de pintarroxo, Jervaulx falou.

– Há quanto tempo perdeu a visão, Mr. Timms? – perguntou.

Maddy ficou rígida na cadeira, surpreendida por uma pergunta tão pessoal e direta. Mas o pai limitou-se a dizer calmamente:

– Já há muitos anos. Há quase uns... serão quinze, Maddy?

– Dezoito, paizinho – respondeu-lhe em voz baixa.

– Ah – assentiu ele. – E tu tens sido a minha bênção em cada um deles, querida Maddy.

Jervaulx continuava descontraído, com o cotovelo apoiado no braço da cadeira e o queixo pousado na mão.

– Nesse caso, não vê a sua filha desde que ela era criança – murmurou. – Permite-me que lha descreva?

Maddy não estava preparada para uma sugestão daquelas, nem para a centelha de interesse que de repente iluminou o rosto do pai. A objeção que ia colocar morreu assim que este disse:

– Farias isso por mim? Deveras?

Jervaulx olhou para Maddy. Enquanto ela sentia o rosto a aquecer, o sorriso dele transformou-se naquele outro mais descarado e respondeu:

– Com todo o prazer. – E virou a cabeça para a observar. – Já a fizemos corar, receio... um rubor muito delicado, da cor... de nuvens, creio. Como quando a névoa se torna rosada na aurora... recorda-se daquilo a que me refiro?

– Sim – respondeu o pai dela num tom sério.

– O rosto dela tem... dignidade, mas sem chegar a ser severo. É mais suave do que isso, mas tem uma maneira de erguer o queixo capaz de fazer um homem parar. É mais alta do que o senhor, mas não em demasia. Julgo que é o queixo, a postura tão reta e serena em que se mantém, que faz com que tenha presença. Mas a mim só me chega ao nariz, e por isso... deve medir talvez um metro e setenta e dois – acrescentou num tom avaliador. – Dá-me a impressão de que goza de boa saúde, e nem é demasiado magra nem demasiado gorda. Tem uma estrutura excelente.

– Parece que descreve uma vaca leiteira! – explodiu Maddy.

– Agora acabou de fazer aquele gesto com o queixo – disse Jervaulx. – Como a arreliei, o rubor

assemelha-se agora mais ao tom de um vinho tinto ligeiro. Estende-se do pescoço às faces, talvez até desça abaixo do pescoço. Mas mais abaixo, pelo que consigo ver, a pele é perfeitamente suave e pálida.

Maddy cobriu com a mão o decote em bico do vestido e, de repente, teve a sensação de que era demasiado pronunciado.

– Paizinho...

Olhou para o pai, mas este tinha o rosto inclinado e um sorriso estranho.

– O cabelo – prosseguiu Jervaulx – é de um dourado escuro onde a luz da vela o ilumina, e onde não o faz... é mais intenso, como a luz que se filtra através da cerveja preta quando é servida. Usa-o entrançado e enrolado à volta da cabeça. Acho que pensa tratar-se de um estilo simples, mas não tem consciência do resultado. Deixa a descoberto a curva do pescoço e da nuca, e faz com que um homem pense em soltá-lo e deixar que lhe cubra as mãos.

– Isso é indecoroso – censurou o pai dela num tom brando.

– Desculpe, Mr. Timms, não o consegui evitar. Prosseguimos para o nariz dela? Diremos que é um nariz com... carácter. Acho que não se pode dizer que seja perfeito. Um tanto aquilino para o ser. Nariz determinado, nariz de donzela solteira. Em sintonia com a expressão do queixo. Mas os olhos... creio que os olhos também arruínem, com a maior das ênfases, o aspeto de solteirona. E a boca. Tem uma boca pensativa, muito bonita, que não sorri abertamente com frequência. – Deteve-se e bebeu uma golada de vinho para de seguida continuar. – Sejamos justos. Já a vi sorrir-lhe, mas a mim não me favoreceu de todo. Uma boca tão séria poderia parecer insípida, mas não. Combina na perfeição com as maravilhosas pestanas longas que não têm aquela curva tola das debutantes. São lisas, mas tão compridas e com um ângulo tal que dão uma certa sombra aos olhos e fazem com que a cor avelã destes pareça dourada, e diria que me observa por detrás delas. Não... – negou com uma expressão triste. – Lamento comunicar-lho, Miss Timms, mas não me dá de modo algum a impressão de ser uma solteirona. Nunca uma donzela solteirona olhou para mim por baixo das pestanas dessa maneira.

Na casa dele, sentada à sua mesa, Maddy não podia precisamente dizer o que achava dele e das suas solteironas. Além disso, o pai parecia enlevado.

– Maddy – disse num murmúrio –, és igual à tua mãe.

– Claro que sim, paizinho – confirmou ela, sem saber que mais dizer. – Nunca to tinham dito?

– Não. Nunca houve quem mo dissesse.

Proferiu aquelas palavras sem qualquer emoção especial. Mas, à luz da vela, Maddy viu que ele tinha lágrimas nos olhos.

– Paizinho – disse, e tentou pegar-lhe na mão.

Ele mal a roçou. De seguida, levantou os dedos até lhe tocar no rosto. Percorreu-o com lentidão e intensidade, cercou-lhe as faces e acariciou-lhe as pestanas. Ela mantinha as mãos cerradas, envergonhada e de súbito quase também à beira de lágrimas tolas.

Aquilo nunca lhe tinha ocorrido: poderia, em qualquer altura, ter-se sentado e deixado que o pai a visualizasse com o toque daquela maneira. Ele parecia tão feliz. Era só que a vida continuava, uma coisa corriqueira, e nunca lhe tinha passado pela cabeça que havia dezoito anos que o pai não lhe via o rosto, ou que pudesse querer vê-lo.

– Agradeço-te, amigo – disse o pai na direção do duque. – Agradeço-te por me teres dado um dos melhores dias da minha vida.

O duque de Jervaulx não respondeu. Nem dava sinal de ter ouvido, a fitar as pregas não iluminadas

da toalha, com os olhos azul-escuros meditativos e a boca de pirata entristecida.

CAPÍTULO 3

Não havia nenhuma névoa rosada a tingir a aurora, como o descrevera na noite anterior. Isso fora bastante poético da sua parte, parecera-lhe, mas na verdade tudo estava apenas de um cinzento-esbranquiçado, a relva húmida e escura, vozes sinistras e evidenciadas no silêncio madrugador. Escutou a sua própria respiração regular ao tirar a pistola do estojo que Durham lhe oferecia e espreitar pelo cano esguio.

Não julgava que fosse morrer naquela manhã. Não ia matar quem quer que fosse, isso era certo. Indubitavelmente culpado naquele caso, a única atitude honrada seria enfrentar o disparo e não retaliar. Dispararia para o ar. Portanto... Sutherland poderia atingi-lo. Era provável. Mas Christian não julgava que fosse morrer.

Com um certo alheamento, considerava divertido ter essa certeza. Já tinha idade de sobra para saber que as coisas não eram bem assim. A primeira vez que se batera em duelo fora quinze anos antes, com a intrépida idade de dezassete anos, e nessa altura podia perdoar-se-lhe o considerar-se invencível. Mas agora... olhou em volta. O céu começava a clarear, as folhas recém-nascidas... e ainda assim o coração dizia-lhe que era impossível que aquele fosse o último dia.

Não achava muito divertida a ideia de ficar ferido; decidiu não se adiantar aos acontecimentos. Sentiu o ritmo cardíaco a acelerar à medida que avançava para o terreno sem olhar para Sutherland, a seu lado.

Juntaram-se no centro e afastaram-se, contando os passos. Christian empunhava a pistola com a mão direita, já que não precisava de acertar. Daria uma melhor impressão. Aqueles que o conheciam saberiam desde o início que não tinha qualquer intenção de disparar contra Sutherland.

A voz lânguida de Durham mandou-os parar e voltar-se.

Christian virou-se.

Sutherland já erguera a pistola. Christian apercebeu-se de que havia intenção assassina no rosto do oponente. O homem pretendia executá-lo e tinha a capacidade de o fazer. De repente, a pulsação de Christian descontrolou-se e ressoou-lhe um ruído imenso nos ouvidos.

– Cavalheiros – disse Durham, e levantou o lenço.

Uma dor explodiu no crânio de Christian, uma dor lancinante, acompanhada por uma sensação de irrealidade. Ficou a olhar para Sutherland, abriu e fechou os olhos duas vezes, a perguntar-se por que não teria ouvido o tiro que o atingira.

Durham voltou a falar. Christian não compreendia as palavras. O rosto de Sutherland contorcia-se; estava a gritar-lhe qualquer coisa, que Christian também não entendia, mas o oponente permanecia de arma em riste.

Christian tentou levantar o braço direito. Com os olhos semicerrados, esforçou-se por fixar o olhar em Sutherland, mas a visão era clara e simultaneamente desfocada enquanto virava o rosto para ver o adversário. Durham pronunciou uma única palavra. O lenço branco deslizou-lhe de entre os dedos e

caiu no chão.

Christian ouviu o disparo e o silvo da bala, viu a voluta de fumo branco que saía da arma de Sutherland e soube que este falhara o tiro, mas, apesar de continuar de pé, Christian sentiu-se cair. A pistola soltou-se-lhe da mão e disparou estrondosamente ao embater no solo.

Christian continuava a cambalear, a olhar para o chão, a tentar vê-la.

Tinha sido atingido. Teria sido atingido?

Durham e Fane aproximaram-se dele com passadas largas. Ele sentia que estava a cair, que não parava de cair, sem nunca alcançar o solo. Ouvia à sua volta um murmúrio, uma torrente de palavras ininteligíveis. Tentou mover a mão direita para se apoiar no ombro de Fane, mas não conseguia levantá-la. Quando baixou o olhar, a mão nem sequer lhe pareceu fazer parte de si. Mal conseguia ver. Tentou encontrar sangue, mas não o via em parte alguma e, perplexo, fitou os amigos.

– O que é que se passa? – perguntou.

Tudo o que saiu dos seus lábios foi *não*.

Não, não, não, não.

Fane moveu a cabeça e começou a rir, ao mesmo tempo que dava uma palmada nas costas de Christian, com ar de triunfo. Durham sorria.

Christian agarrou o braço do coronel com a mão esquerda.

– Fane – insistiu. – O que aconteceu?

Não, não, não, não, não.

Ouvia-se a si mesmo. Fechou a boca, horrorizado, tentou formar as palavras certas, a ofegar por entre dentes cerrados.

– Fane! – gritou.

E eles fitavam-no, porque ele continuava a não o ter dito bem. Agarrou-se ao braço de Fane. Metade do rosto do outro homem parecia-lhe difusa, confundindo-se com o nevoeiro cinzento. O seu coração era um enorme tambor a rufar-lhe nos ouvidos. Queria soltar-se de Fane, pressionar os olhos com as mãos, mas não conseguia ordenar o movimento. Não conseguia dizer o que quer que fosse. Tudo o que conseguiu fazer foi apoiar o seu peso no ombro do amigo, com o mundo a inclinar-se e a escapar-lhe, a escuridão a envolver-lhe o cérebro, a alastrar dos rebordos da sua visão e a abarcar tudo; a ocupar tudo...

*

A beleza da manhã não fez senão aumentar o prazer que Maddy sentia naquele dia. Caminhou vigorosamente por King's Road e passou pelas novas construções em Eaton Square, tendo até vagar para admirar a arquitetura das mansões a serem construídas, ao estilo da casa do duque em Belgrave Square.

Naquela manhã, enquanto tomavam o pequeno-almoço, ela e o pai não tinham falado de outra coisa que não da cátedra de Matemática da futura universidade. Jervaulx dissera que ela abriria portas no ano seguinte, sob o admirável nome de Universidade de Londres, mas os departamentos e a organização tinham de começar o quanto antes, possivelmente até já no Nono Mês. Já haviam encontrado um edifício onde a instalar, em Gower Street, e Maddy pensou que, depois de visitar a casa de Belgrave Square, talvez pudesse seguir até Bloomsbury e ver casas que ali estivessem disponíveis.

Para aquela visita, não levava quaisquer folhas de cálculos, apenas uma carta que ela e o pai

haviam composto em conjunto, para agradecer a Jervaulx o jantar e a amabilidade, bem como expressar elogios sem fim pelo excelente discurso pronunciado na noite anterior perante a sociedade. Após algum debate, tinham chegado a acordo quanto ao grau adequado de gratidão e entusiasmo para falar da cátedra de Matemática, já que Maddy não queria ser tão efusiva quanto o pai, embora ao mesmo tempo estivesse ciente de que uma aparente falta de contentamento por tal oferta poderia ser fatal.

Dobrou a esquina e entrou na praça, onde se deteve. Normalmente havia sempre uns quantos maltrapilhos a vaguear à volta das luxuosas mansões na esperança de apanharem moedas caídas, mas agora o que via era um enorme número de curiosos, de aparência bastante variada, à volta de uma caleche verde em frente da casa do duque.

Maddy comprimiu os lábios. Havia palha espalhada pela rua e a caleche, puxada por dois cavalos ruços, tinha todo o ar de pertencer a um físico. Enquanto ela hesitava junto à esquina, uma carruagem grande, puxada por uma parelha de cavalos negros e com um medalhão em alto-relevo com os símbolos heráldicos e o brasão da família, lema e tudo, surgiu a contornar o outro lado da praça. O grupo de mirones dispersou e o rapaz que se encontrava na boleia da caleche apressou-se a obrigar a parelha a avançar para dar espaço à carruagem, que, com enorme ruído, se deteve diante da porta.

Ainda antes de o lacaio ter saltado da boleia para descer as escadas, a portinhola abriu-se com um empurrão. Uma dama idosa tateou até encontrar a mão do lacaio e desceu rapidamente, erguendo as saias pretas e avançando com uma investida agitada da bengala. Maddy viu Calvin a descer as escadas depressa até se encontrar a seu lado; deu-lhe o braço para subirem as escadas, ao mesmo tempo que uma mulher mais jovem descia da carruagem. O lacaio apoiou-a até ao cimo das escadas, onde a segunda senhora pareceu perder as forças por completo: vacilou e foi como se desfalecesse contra o criado. O braço deste contornou-a e amparou-a para dentro de casa. A porta cerrou-se atrás deles.

A pequena multidão permaneceu onde estava, a murmurar. Maddy sentiu-se incapaz de decidir o que fazer. Passo a passo, os pés fizeram-na avançar, como se o cérebro tivesse relegado a decisão para o corpo.

À beira do grupo, apoiado na cancela de ferro forjado que cercava a casa, o rapaz encarregado de varrer a entrada olhou para ela e inclinou a cabeça em sinal de reconhecimento.

– Bom dia, menina. Já sabe?

Ela olhou para cima. Como um mau presságio, em todas as janelas, as cortinas estavam corridas e a palha cobria a rua para amortecer o ruído das rodas das carruagens, como se naquela casa houvesse uma doença grave...

– Não, não sei de nada.

– Foi Sua Senhoria, menina. Alvejado.

– Alvejado? – sussurrou Maddy.

O rapaz virou a cabeça na direção da carruagem.

– Chamaram a família – disse sucintamente. – Demasiado tarde, diz o Tom. O Tom está nos estábulos, viu-os sair antes de o sol raiar; viu Sua Senhoria ser trazido de volta à pressa. Um duelo, menina. Foi e mataram-no, diz o Tom. Estava morto quando o levaram para dentro. – Encolheu os ombros. – Mas... o médico ainda cá está. Deve ter estado à espera da família.

Maddy olhou para a casa, sem palavras. O murmúrio dos mexericos diminuiu subitamente. Todos ficaram à escuta do que o tinha abafado: o som distante de um grito de mulher – uma nota estridente,

crescente –, o gemido agudo de negação que depois caía como uma cascata até à angústia. A garganta de Maddy ficou seca e embargada. O uivo interrompeu-se abruptamente como se outra pessoa o tivesse calado, e as pessoas no exterior trocaram olhares carregados de significado.

Maddy uniu as mãos. Não conseguia pensar. Não podia acreditar. Na noite anterior, ainda na noite anterior... nunca vira ninguém tão completamente vivo, ninguém de espírito e substância tão vibrantes.

Um duelo. Uma inútil e sem sentido troca de tiros. Um único instante, e toda aquela vitalidade desaparecera.

Como seria possível? A sua mente não o aceitava. Ela tinha comprovado que ele era o que era: um dissoluto, um réprobo. Antes do dia anterior, teria dito: sim, acredito, o duque de Jervaulx foi alvejado e morreu num duelo hoje de manhã. Mas agora chocava-a, deixava-a em suspenso, de tal maneira que, quando virou costas, não sabia para onde ir, nem o que fazer.

Caminhou às cegas, apertando as mãos uma na outra.

Ele já sabia na noite anterior, claro. Tinha estado ali sentado com eles, a sorrir-lhes, a falar de geometria, a descrevê-la ao seu pai. Durante todo esse tempo, soubera que sairia para enfrentar aquilo dentro de poucas horas.

A mente de Maddy não tinha capacidade para o entender. Sofrera a perda da mãe e de alguns amigos, todos eles vítimas de doença, todos muito mais velhos, mas nunca se confrontara com uma mudança tão brusca e vertiginosa da realidade.

E a mãe dele, santo Deus, o que deveria sentir! Era a segunda das duas senhoras, Maddy tinha a certeza absoluta, ao recordar aquele colapso vacilante à porta. Oh, ela já o tinha pressentido, soubera-o antes de lho terem dito, soltara aquele terrível grito ao ter a certeza. A outra – de negro, a anciã que entrara como que num campo de batalha – seria alguém que nada mostraria, que se manteria ereta e orgulhosa, chorando em silêncio.

Maddy tinha a sensação de dever estar lá, oferendo-lhes qualquer auxílio que pudesse prestar. Mas, em vez disso, deu por si já dentro da sua sala, na sua própria pequena casa. O pai ergueu a cabeça, a sorrir.

– Já voltaste, querida Maddy?

– Oh, paizinho! – exclamou ela.

Com o sorriso a desvanecer-se, ele sentou-se.

– O que se passa?

– Mal sei... eu não... – Deixou escapar um pequeno gemido seco, agarrando-se à maçaneta da porta. – Morreu, paizinho! Mataram-no num duelo hoje de manhã!

O pai manteve-se muito imóvel, de mãos sobre os seus símbolos de madeira. Passado um momento longo e silencioso, repetiu:

– Morreu.

A palavra tinha uma sonoridade vazia. Maddy deixou-se cair de joelhos ao lado dele, apoiando a cabeça no regaço do pai.

– É... um choque tão grande.

Os dedos dele pousaram no cabelo dela. Naquele dia, ela não tinha posto a touca; mantivera as tranças que usara na noite anterior. Ele acariciou-lhe a nuca com gestos suaves, para cima e para baixo. Tocou-lhe na face e encontrou a única lágrima que lhe escapara.

Maddy levantou a cabeça.

– Não sei por que estou... por que choro. Nem sequer gostava dele!

– Isso é verdade, querida Maddy? – perguntou-lhe o pai num tom brando. – Eu gostava.

Continuou a acariciar-lhe a cabeça. Ela voltou a apoiar a cabeça na perna dele, com o olhar fixo num canto da sala.

– Mal posso acreditar – murmurou. – Não consigo acreditar.

CAPÍTULO 4

A Maddy, Blythedale Hall parecia um bolo elegantemente decorado, com tijolos de um tom ténue de salmão realçado por pilastras direitas e curvas arqueadas de pedra pálida como cobertura. O novo refúgio do primo Edward em Buckinghamshire incluía, para além do edifício, uma enorme extensão de terreno circundante, um roseiral cheio de botões em flor naquele Décimo Mês, uma manada de gamos que vagueava pelo parque amplo e cisnes negros a deslizar serenamente pelas águas do lago. Tudo aquilo legado de um baronete arruinado que o vendera e agora cuidadosamente mantido para proporcionar aos pacientes do primo Edward efeitos calmantes e benéficos.

O primo do pai, o Dr. Edward Timms, dirigia Blythedale Hall da maneira mais moderna e compassiva possível. Cada paciente contava com um auxiliar pessoal. Só eram impostas medidas restritivas nos casos mais intratáveis, sendo elas retiradas com a maior rapidez quando deixavam de ser necessárias. Edward era dedicado ao trabalho, e naquele momento descrevia as terapias e a organização com todo o pormenor e entusiasmo, enquanto cortava mais um pedaço de *bacon* e convidava o pai de Maddy a comer outro arenque ou a tomar mais café.

Maddy ouvia uma mulher a chorar – um som profundamente perturbador e audível –, mas o primo Edward parecia não dar por isso e, ao fim de algum tempo, o som desvaneceu-se. Ela bebericava o seu café, tentando preparar-se para a visita guiada que se seguiria: a sua primeira vista de olhos pelo espaço e pelas pessoas, bem como uma descrição do trabalho que a esperava.

O primo Edward assegurara-lhe que os deveres seriam de uma natureza supervisora e não envolveriam trabalho pesado. Um enfermeiro especializado trataria do pai enquanto ela estivesse ocupada, e acabara por parecer completamente impossível recusar o convite do primo Edward para trabalhar ali e encarregar-se das funções organizativas da esposa deste, que estava prestes a dar à luz o terceiro filho do casal. A ideia era que, se tudo corresse de feição, o posto pudesse tornar-se de Maddy a título permanente. A oferta tornara-se especialmente apetecível depois da desilusão sofrida ao receberem uma carta acerca da cátedra de Matemática, na qual um tal Henry Brougham lamentava a retirada do financiamento prometido pelo duque de Jervaulx e comunicava que o novo provedor de fundos, um cavalheiro que preferia manter-se no anonimato, escolhera outro candidato que não Mr. Timms.

E realmente, naquela manhã outonal, Buckinghamshire e Blythedale Hall tinham uma aparência perfeita, com a luz do Sol a aquecer as paredes da sala de jantar recentemente pintadas de amarelo-calêndula e a fazer resplandecer a prata e a porcelana da baixela de que o baronete falido abrira mão, juntamente com os quadros e as mobílias. A casa cheirava a cera fresca e a cortinados novos. Não haviam permitido que nada de decrépito permanecesse, frisou o primo Edward.

Tudo era calmo e agradável, se bem que demasiado sumptuoso para a noção de virtude *quaker* prezada por Maddy. Mas o ambiente era adequado aos gostos refinados dos pacientes do primo Edward. Só aquele som distante de choro debilitava a opulência, surgindo de novo através das portas

fechadas como um fantasma perdido e triste à luz do dia.

– Vamos, prima? – O médico limpou a boca ao guardanapo e tocou a campainha que se encontrava ao seu lado. – Janie, chame o Blackwell para que acompanhe Mr. Timms à sala de estar.

A criada segurou a saia do avental para fazer uma cortesia e desapareceu. Momentos depois, apareceu o auxiliar do pai e todo o processo foi feito com precisão e em silêncio. Depois de Maddy se despedir do pai, o primo Edward escoltou-a até ao seu gabinete no piso térreo.

– O correio. – Inclinou a cabeça na direção de um cesto sobre a sua secretária. O primo Edward tinha as mesmas feições suaves, calmas e agradáveis do pai de Maddy, mas os olhos escuros eram rápidos e inteligentes e franzia os lábios com frequência. Não seguia de modo estrito o código de simplicidade no vestir e na fala. Embora o casaco não tivesse colarinho, via-se bem que fora confecionado num tecido caro. Maddy pensou que, se Edward parecia satisfeito consigo, tinha esse direito. Era o membro da família Timms que chegara mais longe, com uma clínica próspera onde exercia a sua especialidade médica e aquele espaço renovado, aumentado e luxurioso em Blythedale. – Esta será uma das tuas funções – disse-lhe –, organizar a correspondência assim que é recebida. Abres a minha e coloca-la no cesto. A que vier dirigida aos pacientes terás de arquivar nas pastas deles.

Maddy encarou-o.

– Depois de a copiar, é isso que queres dizer?

– Isso não é necessário. Basta abrires as cartas e arquivá-las. Se achares que o conteúdo é importante ou insólito, podes entregar-mas. Por vezes, uma versão editada não é descabida.

– Desculpa... mas não estou a perceber... – Maddy tocou na pilha de correspondência. – Queres dizer que os pacientes não recebem as cartas que lhes são remetidas?

– É imperioso que todos os pacientes que neste momento se encontram ao nosso cuidado sejam mantidos num estado de completa paz e tranquilidade a toda a hora. As comunicações íntimas com a família nada mais fariam senão causar-lhes um enorme estado de excitação. Recomendamos aos familiares que não lhes escrevam mas, como podes ver, insistem em fazê-lo.

– Oh – disse Maddy.

– E relembro-te que nenhum dos pacientes que neste momento se encontra ao nosso cuidado partilha a nossa persuasão religiosa. Tenho de te pedir que te abstenhas de utilizar a simplicidade na fala. Alguns doentes poderão considerar ofensivo serem tratados com tanta familiaridade. – Perante o olhar sério de Maddy, corou ligeiramente. – Podemos usá-la entre nós, claro... isso não está em causa. Mas também seja melhor seguir a política de a restringir aos espaços privados.

– Tentarei, mas...

– Tenho a certeza de que vais conseguir. Segue o meu exemplo. Deixa-me só ir buscar o meu caderno... Primeiro vou-te apresentar aos doentes. Aqui somos uma família. É importante que tenhas isso sempre presente. Sinto-me como um pai de todas as pobres almas atormentadas que chegam a Blythedale. E verificarás que os pacientes se assemelham muito a crianças. Pensa neles como se o fossem e não te enganarás muito.

– Está bem – acedeu Maddy.

Algures na casa, vários tenores tinham dado início à reprodução alegre de uma canção, enquanto um homem começava a gritar de forma ininteligível e histérica, sobrepondo-se às notas musicais.

– Acabarás por te habituar – disse o primo do pai com um ligeiro sorriso. – Alguns estão a recuperar, mas outros estão muito doentes.

– Claro – replicou Maddy, e respirou fundo. – Compreendo.

Naquele momento, havia quinze pacientes em Blythedale Hall, quinze damas e cavalheiros pouco afortunados que, não obstante, eram suficientemente afortunados para que as famílias lhes pagassem a estada e o tratamento num dos mais luxuosos asilos privados do país. Devido à excelente reputação do Dr. Edward Timms no que se referia às terapias médicas e morais, Blythedale era um local mais exclusivo do que a Ticehurst House, a clínica do Dr. Newington em Sussex. As famílias não eram incitadas a visitar Blythedale, mas as pessoas que não tivessem relação direta com os doentes eram sempre bem recebidas e podiam visitar o asilo na companhia de um dos auxiliares. Não havia nada desumano ou degradante a esconder. Em Blythedale, punham-se em prática os tratamentos mais modernos, com uma dieta sã, banhos frios, uma rotina tranquila e a manutenção da reabilitação num ambiente em que reinava a ordem.

As senhoras cosiam e passeavam pelo roseiral, jogavam ao volante, tomavam infusões calmantes e, por vezes, era-lhes permitido pintar ao ar livre. Os cavalheiros seguiam o mesmo regime mas, em vez de coserem, faziam exercícios de ginástica, jogavam xadrez e tinham acesso à seleção de livros à sua disposição na biblioteca e podiam caminhar pelo bosque da propriedade, onde recolhiam flores e folhas para as senhoras desenharem. Os que se encontrassem capazes de o fazer assistiam a palestras científicas semanais e jogavam às cartas, e havia um vigário anglicano que celebrava serviços religiosos aos quais todos os doentes assistiam, exceto os mais difíceis de controlar.

Blythedale era singular e progressista quando comparado com outros asilos, explicou-lhe o primo Edward, na medida em que se fazia um esforço por se misturarem os dois sexos num ambiente social normal, algo que era possível e seguro graças ao facto de cada doente ter um auxiliar privado. Levou-a primeiro à sala de estar, onde os cantores se encontravam reunidos à volta de um flautista.

Os gritos horríveis tinham parado, mas um dos tenores vestia uma camisa de forças, com as mangas brancas atadas atrás das costas. O seu auxiliar, um jovem seco e musculoso com ar rústico, mantinha-se por perto. Assim que Maddy e o Dr. Timms entraram, o paciente fitou-a com olhar esperançoso.

– Veio para me levar para casa? – perguntou-lhe o homem da camisa de forças. – Hoje devo ir para casa.

– Logo à tarde – respondeu o primo Edward –, o Kelly vai levá-lo a dar um passeio.

O rosto do paciente começou a ruborizar-se.

– Mas tenho de ir para casa! A minha mulher está a morrer!

O primo Edward olhou para o auxiliar, que interveio:

– Vamo-nos sentar a descansar, Mr. John.

– Ela está a chamar-me. Eu sou o redimido de Jesus Cristo! – O homem cambaleou para a frente. Kelly agarrou-o com destreza por uma alça nas costas da camisa e puxou-o, para que ele não perdesse o equilíbrio. – Eu *sou* o redimido do Senhor! A minha mulher morreu por *mim!* Sacrificou a vida dela por *mim*! Fui *salvo,* está a ouvir-me, senhor? *Digo-lhe que eu...*

A sua voz não parava de aumentar de volume e velocidade à medida que Kelly o arrastava para a porta. Os outros pacientes, três homens e cinco mulheres, não se alteraram, exceto um dos tenores, que desatou a rir. Uma jovem bastante bela, vestida com um traje elegante, estava sentada a olhar pela janela sem exibir qualquer tipo de emoção, enquanto ao seu lado uma mulher se debruçava sobre um bordado, a abanar-se para a frente e para trás enquanto sussurrava. O riso do tenor

esmoreceu e este mordeu o lábio, lançando um olhar apologético a Maddy.

A gritaria desenfreada continuava, cada vez mais distante, mas o primo Edward começou a apresentar Maddy a cada paciente, quer recebesse resposta, quer não, e depois ao assistente do paciente. Tomou notas no seu caderno, que depois entregou a Maddy, para que esta lesse as informações.

– A doença de Miss Susanna é a melancolia – disse. – Afeta-a profundamente. Como se sente hoje, Miss Susanna?

– Estou bem – respondeu a jovem num tom apático.

– Apetece-lhe cantar?

– Não, obrigada, doutor.

Mente cheia de apreensões, leu Maddy. *Os pensamentos mais triviais produzem-lhe tormentos. Pouco apetite, sono inquieto. Fala de suicídio e tentou afogar-se. Antigamente, era feliz e ocupava-se com os habituais objetivos femininos. A melancolia surgiu após distúrbios menstruais causados por uma estimulação excessiva da mente, decorrente de estudos excessivos e de uma enorme dedicação intelectual, que desviaram o fluxo sanguíneo e deixaram de irrigar os órgãos femininos.*

O médico sorriu, deu uma palmadinha no ombro de Miss Susanna e prosseguiu o seu caminho. Apresentou Maddy a Mrs. Humphrey, que sofria de demência e imbecilidade progressiva. A senhora sorriu com alegria e perguntou a Maddy se pertencia à família Cunningham.

– Não – respondeu Maddy. – Chamo-me Archimedea Timms.

– Já a vi na Índia. – Mrs. Humphrey desprendia o cheiro ligeiramente azedo de um bebé a precisar de uma muda de fralda. – Tirou-me as roupas.

– Oh, não. Estás... a senhora está enganada.

– Às seis e meia – afirmou Mrs. Humphrey. – Deviam ser os chapéus.

Não reconhece nem o marido, nem os filhos, dizia o caderno de historiais clínicos. *Demência e deterioração progressiva do intelecto, precipitadas pela chegada da doença climatérica feminina.*

– Por favor, acompanhe Mrs. Humphrey aos aposentos para lhe prestar os cuidados necessários – disse o médico à auxiliar. Tinha o sobrolho um pouco franzido. – Tenho de lhe pedir que seja mais vigilante quanto a questões de higiene.

Os pacientes que se encontravam na sala constituíam o grupo mais dócil dos internados em Blythedale, segundo Maddy descobriu. Mr. Philip sentia-se desorientado e achava que a comida tinha um sabor estranho. De cada vez que ouvia alguma coisa triste, desatava à gargalhada, como explicou a Maddy, algo que lhe produzia um enorme desgosto. Contou-lho entre risos. Lady Emmaline insistia incessantemente que era órfã, uma enjeitada que perdera toda a família na guilhotina, apesar de o primo Edward lhe repetir com doçura que os pais eram Lord e Lady Cathcarte, que estavam bem vivos e residiam em Leicestershire. Mas o seu umbigo estava a desaparecer, informou-o estoicamente Lady Emmaline, como se isso fosse prova dos seus argumentos.

Para além dos pacientes que se encontravam no salão, havia outros confinados aos quartos, atrás de portas duplas, a exterior de madeira, a interior de grades de ferro. A maior parte dos móveis havia sido retirada, à exceção da cama de cada paciente e de um catre para o auxiliar.

Mania, dizia o caderno; *perigoso e destrutivo. Loucura e crises nervosas causadas por um estudo religioso excessivo.*

E noutro caso, *epilético violento. Alucinações. Incontinência. Atrofia emocional.*

No entanto, mesmo nestes casos, o primo Edward dedicava-se a falar pessoalmente com os doentes e repetiu a Maddy a vantagem de uma rotina diária estrita, de comida simples e nutritiva e de hábitos de disciplina para restabelecer o autodomínio e desviar mentes enfraquecidas de preocupações prejudiciais à saúde.

Ela esforçava-se por acreditar no primo. Tentou deixar-se arrastar por aquele humor otimista e prático mas, mais que tudo, desejou poder aninhar-se na sua própria cama em Chelsea e chorar por aquelas pobres criaturas. Julgava-se uma enfermeira experiente e mentalmente forte mas, naquele dia, a acumulação de apresentações tinha feito com que Blythedale Hall lhe parecesse uma espécie muito confortável e aterradora de purgatório.

– Ah, estamos a ser barbeados – comentou o primo Edward ao olhar por entre as barras de ferro que substituíam as portas dos quartos dos doentes mais violentos. Fez uma pausa antes de as abrir e inclinou-se para murmurar a Maddy: – Receio bem que este seja um dos nossos casos mais trágicos. Um exemplo de insanidade moral que se transformou em mania.

Ela mordeu o lábio, desejando que ele não lho tivesse contado. Ainda se sentiu mais relutante em erguer os olhos e encarar o próximo triste internado do asilo.

– Boa tarde – saudou o médico num tom caloroso ao entrar. – Como vai hoje, senhor?

O doente não respondeu, pelo que o auxiliar disse:

– Não está num dia mau, doutor. Está bastante calmo.

Por fim, Maddy fez um esforço: obrigou-se a atravessar a entrada e a levantar a cabeça. O auxiliar corpulento estava a afiar a navalha da barba. Parecia um pugilista, com a cabeça quase totalmente rapada. Uns passos mais à frente, vestido com calças claras, uma camisa branca e um braço algemado à cabeceira da cama, via-se a silhueta de outro homem, que não olhava para eles, mas antes para a janela.

– Amigo – forçou-se a dizer como saudação, no tom mais natural que conseguiu.

Ele virou-se de repente, um movimento sustido a meio por um clangor agudo de aço, o cabelo escuro a cair-lhe em desordem sobre a testa, e nos olhos de um azul intenso lia-se uma raiva de cobalto gelado. Era um pirata enjaulado e acorrentado, um bruto encurralado.

Maddy ficou sem voz.

Ele fitava-a, silencioso. Nem uma centelha de reconhecimento. Nada.

– Tu! – murmurou Maddy.

O homem baixou um pouco o rosto e contemplou-a por entre as pestanas. O cansaço, a raiva e uma paixão profunda e intensa refletiram-se-lhe no rosto, no olhar, na respiração acelerada com os maxilares firmemente fechados, e na mão que se abria e fechava uma e outra vez.

– Não... não te lembras de mim? – perguntou-lhe, hesitante. – Sou Maddy Timms. Archimedea Timms.

– Ora! Conhecem-se?

Maddy afastou os olhos daquele ser primitivo junto da janela.

– Sim, o meu pai e eu... É o duque de Jervaulx, não é verdade?

Mal conseguia pronunciar aquelas palavras.

– Ora vejam. Realmente, é. Mr. Christian veio passar uma temporada connosco.

Mr. Christian lançou um olhar ao médico, como se lhe quisesse rasgar o pescoço com as próprias mãos.

O primo Edward sorriu ao doente com uma expressão benévola.

– Que coincidência feliz. – Fez um gesto na direção de Maddy. – Lembra-se de Miss Timms, Mr. Christian?

O olhar de Jervaulx passou do primo Edward para Maddy e voltou a pousar no médico. Depois, o duque encostou-se ao parapeito da janela, apoiando a cabeça na vidraça com grades.

– Tem uma capacidade de compreensão limitada – disse o primo Edward. – Equivalente à de uma criança de dois anos. Como disse, parece ter um historial de insanidade moral, com uma degeneração súbita para demência. E mania, sobretudo quando é contrariado. A apoplexia deixou-o num estado de inconsciência durante dois dias e, no princípio do coma, os sinais vitais eram tão reduzidos que o julgaram já sem vida.

– Sim – replicou Maddy com uma voz abafada. – Era isso... pensávamos que o tinham... matado.

– É uma história interessante. Isto é absolutamente confidencial, claro está. Não pode sair daqui, mas o acontecimento que o pôs neste estado foi causado por um compromisso de honra, resolvido com pistolas. Não ficou ferido, mas o impacto do momento parece ter precipitado o ataque. O médico que o assistiu declarou-o morto e mandou que o corpo fosse transferido para a capela, mas os cães do duque fizeram um tal alvoroço que os funcionários da morgue nem lhe conseguiram tocar. – O primo Edward abanou a cabeça. – Só de pensar no que poderia ter acontecido se aqueles cães não se tivessem comportado assim. Mas parece que, de algum modo, o barulho chegou ao duque... produzindo suficiente movimento e pulsação para que a vida se preservasse. E claro, passado algum tempo, recuperou a consciência e o movimento dos membros. Mas ficou neste estado de imbecilidade maníaca. – O primo Edward registou uma nota no caderno, olhou para Jervaulx com ar pensativo e voltou a anotar qualquer coisa. Fechou o caderno de repente e entregou-o a Maddy. – É claro que se sabe que a indulgência e a ausência de disciplina moral predispõem a mente à irracionalidade. Ele não fala e rege-se por emoções primitivas. É algo muito frequente nestes casos, nos quais a fundação anterior assenta em vício e perversidade: há um colapso, uma perda de sentido moral que dá rédea livre a apetites e desejos instintivos, em completa violação de antigos hábitos refinados. Fisicamente, ele é bastante forte. Não é assim, Larkin?

O assistente resfolegou, a assentir.

– Ah, isso é. À exceção da mão direita. Como veem, só lhe prendi a esquerda... é com essa que é preciso ter cuidado.

E pôs de lado a navalha de barbear.

– Medidas restritivas mínimas – disse o primo Edward, e assentiu com aprovação. – Fisicamente, é robusto, mas quanto ao resto está reduzido a um estado animal.

Larkin puxou a sineta.

– Veremos como reage hoje a ser barbeado. Ontem tivemos de recorrer à camisa de forças e de o imobilizar com vigor.

Maddy baixou o olhar, incapaz de suportar aquilo. De encarar aqueles olhos potentes e silenciosos. Sentiu-se abatida, vencida, destroçada. Que ele estivesse *ali*...

Bastava olhar para ele para perceber isso. De caderno junto à saia, perguntou:

– Irá curar-se?

– Ah... – O primo cobriu o lábio superior com o inferior. Arqueou as sobrancelhas. – Não vou negar que o caso é grave. A mãe é uma mulher muito benevolente, ativa, com grande zelo em ações de solidariedade e evangelismo na sua igreja. Contou-me que o filho tem um longo historial de excessos descontrolados e rebeldia. Com uns hábitos tão sanguíneos e irregulares... – Suspirou. –

Bem, tudo o que posso dizer é que, se não formos capazes de o curar em Blythedale, é porque ele não tem cura.

Maddy apertou o caderno contra o peito.

– E que tratamento é que estás... é que está a dar-lhe?

– O horário regular é o mais importante, claro está, para instilar o hábito de autodisciplina e da serenidade mental. Silêncio absoluto, exercício frequente para o acalmar, uma série de banhos terapêuticos, sessões de leitura em voz alta com uma seleção de textos que servem para lhe estimular o intelecto letárgico e inspirar temperança. Nada de desenhar. As penas e outros utensílios de escrita parecem provocar-lhe estados alterados violentíssimos. Tónicos para os nervos, só à força os ingere. Receio que ainda não tenhamos assistido a qualquer progresso para que possamos confiar nele e levá-lo para a sala com os pacientes tranquilos, mas em breve sairá para dar passeios com outros maníacos, para evitar que se sinta isolado.

Jervaulx cruzou os braços e a cadeia tilintou ao subir. Maddy levantou a cabeça e olhou para ele. A expressão do duque tinha relaxado, passado de selvajaria suprimida a uma ligeira expressão de cinismo. Fitava-a com um sorriso de esguelha, curvado só de um lado.

Era inquietante. Voltava a parecer-se consigo mesmo, o aristocrata senhor de si. Maddy quase esperava que falasse ou assentisse, mas ele não fez nem uma coisa, nem outra. Limitou-se a sorrir-lhe com um interesse que lhe recordou aquele modo malicioso com que a observara na noite em que a descrevera ao pai. De súbito, ela teve a certeza de que ele se lembrava de si.

– Jervaulx – chamou-o, dando um passo em frente. – O meu pai também se encontra cá. John Timms. Tu... o senhor colaborou com ele na nova geometria.

O sorriso dele desvaneceu-se ligeiramente. Olhou-a com muita atenção, a cabeça um pouco de lado, de tal modo que parecia um cão a tentar decifrar o mistério de um comportamento humano. Maddy reparou que ele lhe observava a boca enquanto falava – mas não estava surdo, virara-se no momento exato em que ouvira o som de uma voz.

– Gostaria que eu e o paizinho viéssemos visitá-lo?

Ele inclinou a cabeça num gesto educado de assentimento.

Maddy sentiu um assomo de excitação. Ele respondera àquilo com total inteligência, não havia dúvida. Olhou de relance para o primo Edward. O médico limitou-se a abanar a cabeça.

– Está a tentar agradar-lhe. Por vezes, os maníacos podem ser muito astutos. Pergunte-lhe, no mesmo tom, se é rei de Espanha.

Ela não faria isso; parecia um truque demasiado simples. Não acreditava que só houvesse uma mente de criança de dois anos atrás daqueles olhos. Em vez disso, perguntou-lhe:

– Nunca pensaste encontrar-me aqui, pois não?

A corrente tilintou ligeiramente ao mudar de posição. Ele fitou-a – e abanou a cabeça.

Ao mesmo tempo, ela apercebeu-se de que lhe fizera a pergunta em tom negativo, dando-lhe assim a pista para que respondesse que não.

– Não me compreendes – afirmou, desapontada.

Ele hesitou, com um olhar penetrante, e depois limitou-se a ficar em silêncio, com a boca contorcida numa expressão grosseira.

– Lamento – disse ela por impulso. – Lamento imenso que este suplício te tenha afligido.

Ele mirou-a com aquele sorriso cínico que só lhe ocupava metade da boca. Endireitando-se, estendeu a mão presa, como que para segurar a dela e fazer uma vénia. Maddy ofereceu-lhe a sua de

imediato. Ele inclinou-se – e de repente puxou-a para si, rodopiando-a até ao peito, com a mão acorrentada junto à garganta dela e o outro braço a apertá-la contra o peito.

– A navalha! – gritou o primo. – Meu Deus, *Larkin*!

O auxiliar virou-se. Transportava a bacia de água que a criada acabara de lhe entregar. Deixou cair a bacia, ao que o líquido se espalhou pela tapeçaria do chão, e lançou-se na direção deles. Mas Jervaulx emitiu um som que lhes gelou o sangue, um bramido gutural, ao mesmo tempo que aproximava a navalha do maxilar de Maddy.

Larkin deteve-se. Pelo canto do olho, Maddy via o polegar de Jervaulx sobre o gume e Larkin, o primo Edward e a criada em suspenso junto da porta. O duque apertava-a contra si, com o braço a exercer uma pressão implacável na sua cintura, e a respiração num silvo que lhe passava entre dentes, junto à sua orelha.

– Não resista – aconselhou-a o primo Edward numa voz calma. – Não faça nada.

Maddy não tinha qualquer intenção de oferecer resistência. Doía, a forma como ele a segurava; ela sentia que não podia fazer frente à força do aperto dele. Ele estava tenso, mais parecia uma parede dura, quente e em movimento junto às suas costas, com o pulso a cravar-se nela à medida que a obrigava a afastar-se com ele, tanto quanto a corrente o permitia, e enganchava o pé à volta da mesa de barbear.

Puxou a mesa, manobrando-a com cuidado, detendo-se sempre que aquela ameaçava cair e voltando em seguida a fazê-la avançar mais. O primo Edward começou a falar numa voz tranquilizadora, mas Jervaulx ignorava-o. Afastou a navalha do pescoço de Maddy e, com um movimento amplo do braço, atirou a bacia de cobre para o chão, onde esta estrondeou. A corrente ia batendo ao longo da mesa à medida que ele fazia um corte reto no centro do tampo envernizado, criando uma incisão pálida.

Segurava Maddy com força. Ela sentia os músculos dele a mexer e a trabalhar enquanto ele, invertendo o pulso, cruzava a primeira linha com outra. Quando Larkin deu um passo na direção deles, a lâmina voltou de imediato à garganta dela.

Maddy escutava a respiração ofegante junto à sua orelha, sentia o calor na pele e o latejar do seu próprio coração e do dele.

– Deixe-o – murmurou o primo Edward. – Deixe-o acabar.

Jervaulx esperou. A navalha roçava a pele de Maddy. O primo Edward acenou-lhe com a cabeça.

– Pode continuar, Mr. Christian.

Passado um momento, o punho de Jervaulx apertou com mais força o cabo da navalha e cravou a ponta da lâmina na interseção da cruz. Com um esforço que Maddy sentiu percorrer todo o corpo dele, desenhou uma curva regular e sinuosa, um *S* ao longo do eixo da linha.

Soltou a navalha, que caiu com um baque na mesa. Pousou a mão atrás da cabeça de Maddy e forçou-a a inclinar-se e a olhar para a figura que gravara.

Afrouxou o braço e soltou-a. Maddy ficou imóvel, com o olhar fixo na mesa.

Deu a volta e mirou-o. A intensidade da esperança refletia-se no rosto dele, a concentração... estava à espera de que ela o compreendesse. Não olhava para mais ninguém.

Ela não conhecia aquela figura; mas sabia que era matemática.

– Espera! – disse, e apertou-lhe as mãos. – Espera! – Virou-se para Larkin e para o primo Edward, e exclamou: – Não o castiguem. Não lhe façam mal! – exclamou, já a sair do quarto.

Encontrou o pai na saleta privada, na companhia de um auxiliar que lhe estava a ler em voz alta.

– Paizinho! – Correu até junto dele e pegou-lhe na mão. – O que é isto?

Guiando-lhe o dedo indicador, fez a cruz na superfície polida da mesa da sala e depois a linha sinuosa a atravessá-la.

– É uma função periódica – disse o pai.

Maddy exalou e pegou em papel e numa pena.

– Qual é a definição?

– A série infinita, queres dizer?

– Qualquer coisa! Qualquer coisa acerca disto. Se te fosse apresentada, que resposta darias?

– Apresentada? Mas que...

– Paizinho! Depois explico, mas tenho de voltar o mais depressa possível! Diz-me só: uma função periódica, como a de Monsieur Fourier? Como se escreve? Começa com *seno x igual a?*

– A série das funções dos senos. Ou queres a dos cossenos?

– E os gráficos são diferentes, não é verdade? Nesta... – Mordeu o lábio e fechou os olhos para se recordar das curvas sobre o verniz – ... a curva começa... na interseção dos eixos.

– Então é a função do seno. O seno de «x» é igual a «x», menos «x» elevado ao cubo a dividir por três, mais «x» ao quinto a dividir por cinco, menos «x» ao sétimo a dividir por sete, e assim sucessivamente.

– Sim! Sim! – Maddy escreveu os símbolos familiares, grandes e nítidos. – Oh, paizinho, nunca adivinharás. Já volto para te contar!

Correu pelo vestíbulo barroco de mármore e subiu a escadaria. Os soalhos atapetados rangiam e ressoavam sob os seus pés. Quando chegou ao quarto espartano, apercebeu-se de que os seus rogos haviam sido ignorados. Larkin e outro auxiliar tinham imobilizado Jervaulx de rosto contra a parede e seguravam-no entre si, enquanto acabavam de lhe atar as mangas de uma camisa de forças.

Quando Maddy se deteve na soleira da porta, soltaram-no. Ele não se moveu, nem resistiu. Limitou-se a inclinar a cabeça e a encostá-la à parede, uma figura branca no recanto escuro.

– Quem me dera que não tivessem...

– Prima Maddy! – Edward virou-se para ela. – Já se recompôs? Quer deitar-se um bocado? Que calamidade! Não há desculpa para o Larkin ter deixado a navalha ao alcance dele. Quando utilizamos medidas restritivas mínimas, requer-se uma prudência absoluta em todos os momentos. Nunca devia ter permitido que entrasse aqui.

– Não faz mal. É a função de um seno! Oh, oxalá não lhe tivessem posto essa coisa!

Jervaulx virou-se e apoiou o ombro na parede. Maddy percebeu a acusação no olhar que lhe lançou.

– A figura que ele desenhou – acrescentou Maddy, a desenrolar a folha de papel. – É a função do seno.

– Tal como lhe disse, os utensílios para escrever, qualquer que seja o tipo, excitam-lhe a mente em demasia. Não deve procurar um sentido naquilo que ele rabiscou.

– Mas tem um sentido! Esta é a série infinita que o demonstra.

– Não. Não. Tenho de insistir que agora o deixemos num ambiente tranquilo. Não... Prima Maddy! – A sua voz tornou-se severa quando ela passou por ele com o papel. Arrancou-lho da mão e amarrotou-o. – Não lhe mostre o que quer que vá causar-lhe mais perturbação.

Ela parou. Jervaulx observava-a.

– É uma função do seno – disse, e devolveu-lhe o olhar, a desafiar o primo.

Se esperara uma reação, um sinal de que ele a tivesse compreendido, não a obteve. Jervaulx olhava-a simplesmente como se entre ambos existisse uma parede de vidro e ele não pudesse ouvir-lhe a voz.

CAPÍTULO 5

Foram-se embora... foram... foram-se todos embora menos o mau da barba, cão maltratado, quarto sem privacidade, atirado ao chão... obrigado a engolir comida... queira ou não queira.

Primamad.

Prima-mad.

Cama, mão atada, pés amarrados... amarrado como um po... bo... animal gordo e rosado... cauda enroscada. Palavra desaparece, desaparece, sempre... só... longe. Doía-lhe a cabeça de tanto perseguir o nome.

Prima-mad. Tentou dizê-lo em silêncio, cercar os sons com a língua.

Tinha medo de como se ouviria em voz alta. *Não, não, não,* isso seria a única coisa que ouviria.

Não falar, recusar.

No seu interior, a raiva e o medo não tinham fim. Todos falavam demasiado depressa, era o que era; balbuciavam, tagarelavam, não lhe davam oportunidade de compreender.

Pôr mãos... EU! Por Deus, não há direito. Besta burra, agarra com força. Vingança, banho de sangue, correntes jardim desconhecidos observa. Fúria, luta, VERGONHA. Atado à cadeira, barulho, loucos deambulam – privado dos amigos, da sua própria casa, da sua vida.

Deitado, contemplou as sombras ténues no teto trabalhado, seguiu com o olhar o desenho oval até onde este se encontrava com a parede e era bruscamente cortado pela partição que criava aquela cela, dividindo o que outrora devia ter sido uma câmara elegante. Do outro lado do corredor, um dos loucos gemia, um som que criava em Christian um terror imenso no fundo da garganta e no peito, porque era o mesmo som que ele queria fazer, o do desespero, e que apenas o orgulho e a fúria fria continham.

Aqui trancado muito tempo... muito tempo... lunático.

Por vezes tentava compreender, identificar quem o mantinha ali, quem desejava fazê-lo ultrapassar o limiar da sanidade mental. Recordava rostos; por vezes conseguia dar-lhes nomes, e por vezes conseguia lembrar-se de alguns rostos, mas sem os nomes.

Fora isso que acontecera com a Prima-mad. Olhara-a. *Coisa branca... bem engomada...* o nome do que ela levava na cabeça perdia-se na distância. *Fala simples, tu. Conheço, conheço.*

Ouve. Ouve com muita, muita, muita atenção.

Prima-mad parecia ser e não ser o nome correto. Na verdade, quanto mais pensava nisso, mais bizarro lhe parecia; porém, quando tentava pensar demasiado, quando se esforçava demasiado por arrancar a resposta ao labirinto que emergia e se dissolvia na sua mente, sentia-se nauseado.

Ouviu o rangido de passos no corredor, um som que lhe era familiar, que o alarmava, porque nunca sabia o que lhe fariam em seguida. A luz baloiçava, fazendo as sombras entrecortadas pela porta oscilarem pelo teto. Ouviu o som do cadeado e os sons densos do seu guarda a acordar.

O sussurrar de uma voz feminina, depois o perfil dela iluminado pela vela quando se inclinou sobre o catre encostado a um canto. Falou com a figura em desordem que estava ali sentada. Os dois segredaram de modo incompreensível durante um momento, e de seguida a Besta levantou-se e saiu do quarto, a arrastar os pés.

Ela pousou a vela no parapeito da janela e virou-se para ele. Era intolerável ser visto por ela naquele estado de humilhação abjeta, naquela absoluta escravidão; fechou os olhos e fingiu dormir. Desejou que tudo aquilo desaparecesse... *acordar quarto. Cães, nome, identidade, PALAVRAS! Compreender palavras, dizer palavras*... que aquele pesadelo louco terminasse.

– Ervô – disse ela, num sussurro. – Resfalar?

Tocou-lhe no ombro. A vergonha levou-o a cerrar o maxilar e a virar-lhe costas; o orgulho fê-lo fechar os punhos e puxar as correntes com força.

O ruído metálico assustou-a. Afastou a mão e olhou-o, nervosa. O alarme dela provocava-lhe uma certa satisfação, pelo que a fitou com malevolência insolente.

Ela sorriu a medo.

– Funxãodosse no – disse. – Séri'infi nita.

Mostrava-lhe uma folha de papel. À luz da vela, a tinta era escura e distinta.

$$seno\ X = X\ X\ 3/\ 3! + X\ 5/\ 5! + X\ 7/\ 7! + \ldots$$

SIM!

Sim, sim, sim, queria ele gritar. *Ouviu-me, compreendeu. Estou aqui!*

Mas não fez nada. De repente, tinha medo de se mexer, medo de poder afugentá-la, quando apenas um momento antes fora isso mesmo que tentara. Ela convertera-se em algo valioso, inestimável, uma joia sem preço; ele não podia, *não podia* arriscar-se a fazer algo errado.

Apercebeu-se de que começara a respirar demasiado depressa. Corrigiu-se e controlou-se. Com um esforço consciente, descontraiu os braços e abriu os punhos, depois de deixar sobre a cama as mãos atadas. Olhou-a nos olhos e arriscou-se a fazer um gesto de assentimento muito enfático.

– Funxãodosse no – repetiu ela. – Sim?

Sim, pensou Christian. *Sim.* Sentiu-se capaz de dizer *sim,* mas de seguida decidiu não arriscar. Cautelosamente, voltou a assentir.

– Se no – prosseguiu ela –, funxão se no.

Funxão se no. Fun xão se no. As palavras davam-lhe voltas na mente, *funx ãodosseno, funxãodos eno, fun xãodosse no, mistura baralhada, dois dados, roda... enjoo.*

– Funxão se no – disse ela outra vez, ajoelhando-se a seu lado e abanando o papel.

Ele olhou para os símbolos. Sabia o que a série fazia, compreendia o seu significado...

E as palavras em turbilhão caíram, ficaram no copo, pararam.

Função do seno.

Claro.

Função do seno. Soltou uma gargalhada surpreendida, ténue. A cera da vela pingou e a luz cobriu de sombras vibrantes o rosto dela, ali ajoelhada, *touca modesta, pestanas de sereia, virtude, donzela.*

Humedeceu os lábios.

– Seno – disse numa voz rouca.

– Sim!

– *Sim.* – A palavra saiu explosivamente, como se tivesse de a empurrar para que atravessasse um muro. – *Seno,* sim.

Ela sorriu. Era como a manhã nas sombras; animava-lhe o coração; deu por si apaixonado, numa agonia de paixão.

– Fun... ção... do... seno... – disse a sua apaixonada.

Criança, não criança, afeto tolo, não repetir criança.

– Secante – rouquejou ele. – Cossecante.

– Não. Seno.

– Tangente. Cotangente. Ângulo. – *Fácil. Matemática, trigonometria.* – Axioma paralelo. Congruência, linhas coplanares, linhas perpendiculares. – Santo Deus, a geometria era fácil; por que não se lembrara de como era fácil? Tentou algo difícil. Agarrou nas correntes acima dos pulsos, esforçando-se por o dizer. – *Ah...* – Era tão doloroso; ele sabia, só não vinha. – Ah... *ela. Ela!* Primamad.

Amava-a. Não queria que se fosse embora e o deixasse sozinho naquele lugar.

Ela inclinou a cabeça, intrigada.

– Quem?

Os dedos abertos mal tocaram os dela. Moveu a mão tanto quanto a corrente o permitia e com o polegar acariciou com suavidade a palma da mão dela. Olhou-a nos olhos, a tentar dizê-lo desse modo. Cada palavra era um tormento. *Sonha, roda, afasta-se, a deslizar, peixes prateados, agarrar.* Empurrá-las através do muro.

– *Nome* – proferiu de repente. – *Nome!* Ela?

Agarrou-lhe a mão, apertou-a uma vez.

Ela voltou a sorrir.

– Maddy.

Sim, era isso. Maddy, Qu'ridaMaddy. Maddy.

– *Mmm* – foi o som que emitiu e, frustrado, cerrou os dentes.

– Maddy – repetiu ela.

Ele assentiu. Teve medo de que o gesto não fosse suficiente, de que ela não soubesse que ele a compreendia.

– Seno, sim – disse, repetindo o seu único sucesso. – Cosseno. Tangente. – Acariciou a mão dela com os dedos. Queria dizer-lhe «não te vás embora», mas em vez disso só ouviu: – Não... não.

Maddy deixou escapar um ligeiro suspiro e começou a levantar-se. Ele percebeu que ela se preparava para ir embora e abanou violentamente a cabeça. *Não! Fica aqui, não me deixes, não vás já!*

Não, não, não, não, era o que se ouvia a dizer a si mesmo. E cortou o mal pela raiz. Inclinou a cabeça para trás e puxou pelas correntes dos pulsos.

– Pufavorpara! Quetoqueto – disse ela, com o indicador junto ao rosto, a ponta do dedo mesmo debaixo do nariz.

Ele fitou-a. Aquele gesto significava qualquer coisa. Sabia que tinha algum significado, mas não lhe ocorria o que pudesse ser. O eco do ruído que tinha feito desvaneceu-se, um ligeiro sinal de alvoroço naquela casa cheia de criaturas que uivavam.

A mão dela pousou-lhe no ombro. Ele virou a cabeça e apertou o queixo contra a palma daquela

mão. *Fica, Maddy. Não me deixes.*

Só conseguiu dizer:

– Não. *Mmd.* Não!

Com um gemido, afastou-se dela.

Resmungou e virou a cara.

Ela segurou-lhe o rosto entre os dedos frios. Afastou-lhe o cabelo da testa com uma carícia. Ele fechou os olhos, estremecendo por dentro, contendo a maré de sensações. Permaneceu imóvel.

– Vaicorrer tdobem – murmurou ela –, vai correrтu dbem.

Vaicorrer tdobem. Vai correr tud bem.

Dobem.

Vai correr tudo bem.

Ele não tinha compreendido mesmo; a frase surgira depois de a mente parecer joeirar os sons, decidindo-se por fim pela intuição.

Mas, apesar de tudo, já era alguma coisa. Era alguma coisa a que se agarrar, depois de ela se ir embora e levar consigo a vela e a folha de papel. Um pequeno balão de vidro que continuaria a flutuar quando se sentisse a afogar. Ela achava que tudo correria bem e ele quase a tinha compreendido quando ela pronunciara aquelas palavras.

Maddy comprimiu os lábios, dobrando cuidadosamente a brochura acerca de Blythedale Hall para incluir na carta que o primo Edward ditara, dirigida a uma tal Lady Scull, na qual descrevia em termos entusiastas o tratamento amável e afetuoso que a irmã dela poderia receber em Blythedale. Nomeava discretamente o valor de seis guinéus por semana e convidava Lady Scull a fazer-lhes uma visita quando o considerasse conveniente. Na brochura, a imagem da casa parecia absolutamente serena, com casais a passear ao lado dos salgueiros, do lago e dos cisnes.

Nem na carta, nem na brochura havia indício algum do ruído metálico e insistente que ressoava pelos corredores, que os acordara a todos nessa manhã e que continuara durante o sermão austero e zangado que o primo Edward pregara a Maddy, pela sua insensatez em ter mandado Larkin sair sob um falso pretexto para visitar o duque de Jervaulx em segredo, que não se interrompera enquanto o primo Edward lia a correspondência e Maddy arquivava as cartas, que continuou enquanto Maddy escrevia o ditado com dedos trémulos. O ruído e os gritos ferozes que não tinham fim. Pancada: *tangente!* Pancada: *distância!* Pancada: *ao quadrado!* Pancada: *menos!* Pancada: *Mais um!* Pancada: *x dois!* Pancada: *Mad-i!* Pancada: *Mad-i! Mad! Mad! Mad!* Ultrajado, desesperado. Uma e outra vez até a voz que ecoava se tornar rouca e sofrida; implorante, chorosa, a corroer-se até ser apenas uma sílaba incoerente entre cada batida contra as grades de ferro da porta.

Maddy não o considerara um louco na noite anterior, mas naquela manhã sim. A verdade dos avisos do primo Edward era patente – ela não devia tê-lo perturbado, nunca devia ter ido vê-lo daquela maneira. Todas as pessoas da casa estavam agitadas, os pacientes enervados; Maddy ouvira o primo Edward instruir Larkin para que explicasse a Mr. Christian que seria restringido, levado para a cela de isolamento e aí deixado se a sua conduta não melhorasse até ao meio-dia.

Maddy já estava a par da existência da cela de isolamento. Tratava-se de uma parte essencial da terapia moral posta em prática em Blythedale, o controlo do comportamento dos pacientes apelando à sua dignidade, num equilíbrio subtil entre encorajamento e intimidação, de acordo com a situação.

O primo Edward dera-lhe um exemplar da obra de Mr. Tuke *Descrição do Retiro,* o famoso asilo *quaker,* em York, que fora pioneiro no tratamento compassivo e moral dos lunáticos. Ela ainda só tivera tempo de ler algumas partes, mas toda a gente ouvira falar do Retiro. No folheto acerca de Blythedale salientavam-se a extensa formação e a experiência inestimável que o primo Edward adquirira nos oito anos em que lá trabalhara sob a égide do Dr. Jepson. Dever-se-ia falar sempre que possível com os lunáticos como se fossem seres racionais, de modo a instilar a centelha da razão. Deviam ser tratados com delicadeza e amabilidade, mas levados a compreender que as suas circunstâncias e liberdade dependiam em grande parte da sua própria capacidade de autodomínio. Tal como as crianças, deviam ser isolados se não se comportassem bem, depois de lhes terem sido dadas amplas oportunidades de o fazerem.

Às onze e meia, quando o primo Edward se ausentou para visitar a esposa, ainda ressoavam nos corredores as pancadas insistentes e a voz selvagem que entretanto já não pronunciava palavras e era apenas um ruído gutural, destruído e animal a acompanhar as batidas nas barras de ferro. Maddy sentia que não podia continuar a ouvir aquilo. A culpa era sua; não desejava permanecer numa ignorância confortável daquilo que causara, se ele fosse castigado. Sem qualquer propósito concreto que não o de se punir pela infração insensata, pediu a uma criada que lhe indicasse onde ficava a cela de isolamento. A rapariga conduziu-a até às escadas de acesso à cave.

– É a terceira porta à direita, menina. Mesmo ao lado das casas de banho novas.

Maddy desceu as escadas. A cada esquina que dobrava, os sons violentos do piso superior iam-se desvanecendo, até que chegou a um corredor silencioso. O ar estava frio, mas a passagem fora caiada e havia uma lamparina com uma chama estável ao fundo, o que proporcionava iluminação ampla. A terceira porta à direita estava aberta e dava para uma pequena cela sem janelas, com soalho de madeira e um banco recortado numa parede.

Não era a câmara de horrores que imaginara. Nada mais era do que uma cela completamente limpa, austera, fresca sem ser fria. Em cima do banco encontrava-se uma Bíblia, como que a convidar alguém a ler e a meditar no silêncio. Na pequena câmara, Maddy de súbito viu o tipo de *quaker* que o primo Edward era, esse legado do qual parecia ter-se afastado tanto na vida quotidiana.

A cela parecia uma sala de assembleias *quakers.* Um lugar onde era possível estar em silêncio, à escuta da pequena voz serena, a Luz Interior. No meio do quarto, pensou que o duque de Jervaulx ficaria bem ali.

No entanto, aquele silêncio perturbava-a. Tinha passado grande parte da vida no silêncio das Assembleias e nunca se sentira desconfortável. Tinha escutado, e esperado, e por vezes sentira o que acreditava ser uma verdadeira experiência da Luz Interior – embora esta nunca a tivesse levado a falar ou professar numa Assembleia. E, apesar de ser uma blasfémia presumir que poderia prever tais coisas, parecia-lhe difícil conceber que alguma vez isso fosse acontecer. Não era determinada e confiante, como o duque.

Como o duque de Jervaulx *fora.*

Pensou no estado atual dele. Nas algemas, na fúria no rosto dele. No som quebrado do que lhe restava da voz.

Na noite anterior, não dormira de todo. Permanecera estendida na cama, acordada, como na noite em que a mãe morrera, a esforçar-se por aceitar algo que parecia impossível alguma vez aceitar.

Silêncio. Havia variadíssimos tipos de silêncio: o silêncio franco e expectante da Assembleia; o silêncio afetuoso do lar e da família, onde as palavras não eram necessárias; o silêncio cheio de

pássaros e flores, num jardim vazio.

Ao longo de meses, ele nada dissera. Nem uma palavra. O registo que o primo Edward mantinha de forma tão meticulosa repetia-o todos os dias: *mudo, abatido, não cooperante, violento.*

O primo Edward chamava-lhe demência. Insanidade moral; redução à natureza animal.

Maddy olhou para a Bíblia, mas não lhe tocou. Fora educada para pensar que as Escrituras continham a palavra divina, útil e necessária, mas jamais superior à presença de Deus no coração. No silêncio da cela nua sentiu o calafrio lento da verdade a crescer dentro de si, da noção de que lhe estava a ser atribuída uma responsabilidade, de que o homem que se debatia contra a jaula ao cimo das escadas estava a chamar por *si,* que para ele aquele espaço não seria um local espiritual, mas antes uma prisão, uma ameaça. Ele não compreendia o silêncio; não o conhecia como ela.

Ergueu a cabeça. Ele não era uma criança de dois anos. Ele não tinha perdido a razão.

Ele não é louco; está enlouquecido.

A ideia ocorreu-lhe com tanta clareza, que ela teve a sensação de que alguém a tinha dito em voz alta.

Sentiu que algo a abandonava, uma presença em que nem tinha reparado até ter desaparecido. A cela pareceu-lhe mais soturna, mais uma pequena câmara de confinamento nas profundezas frias de uma cave do que o interior limpo de um templo.

Jervaulx não perdera a razão. Tinha ficado sem palavras. Não conseguia falar e não conseguia entender o que lhe era dito.

Os seus gritos e ruídos, a sua raiva e o seu desespero, tudo isso parecia assustadoramente racional: obra, não de um maníaco reduzido à loucura pela soma dos seus vícios, mas de um homem são tresloucado pela frustração. Não encontrava outra forma de expressão que não através de violência, este duque dissoluto que sabia funções periódicas e séries infinitas de Fourier, que era capaz de criar a sua própria geometria, que fora livre, eloquente e até generoso à sua maneira autocrática, e que agora estava preso e alheado por ela.

Maddy foi acometida por uma profunda humildade. Deus nunca lhe falara com tanta clareza. Ela não era um dos sacerdotes, não era um desses homens e mulheres que tinham o dom de falar no templo e no mercado; apenas levava a sua vida como lhe parecia que era seu dever, um dia atrás do outro.

Mas aquele era um dever específico que lhe tinham depositado sobre os ombros. Que propósito teria Deus ao inculcar ao duque de Jervaulx tamanha aflição, ela não se arrogava a presunção de saber – embora não fosse necessária grande inspiração divina para se arriscar a adivinhar. Não lhe era pedido que lhe desse um sermão, ou que o julgasse na sua provação.

O que lhe era exigido era algo muito mais simples: que não o abandonasse enquanto ele sofria.

*

Maddy sabia muito bem que o primo Edward não ia gostar daquilo. Proibira-a expressamente de visitar o corredor dos violentos. Havia todo o género de argumentos sensatos contra aquilo que ela pretendia fazer.

Pensou nalguns deles enquanto subia as escadas e se aproximava da cela de Jervaulx. O ruído ritmado aumentava de volume. Enganara-se. Não era a pessoa adequada. Não estava preparada para uma tarefa de tal magnitude. Que conhecimentos tinha de medicina ou do tratamento da loucura? Já não havia qualquer voz humana a acompanhar os estrondos. O resto do asilo parecia estranhamente

calmo, os murmúrios e resmungos do dia anterior ausentes, como se todas as outras pessoas estivessem suspensas no estrondo selvagem de metal contra metal, enfeitiçadas pelo som.

Dobrou a esquina. A meio do corredor, Larkin encontrava-se sentado numa cadeira inclinada contra a parede, apoiada só nas pernas de trás, com o crânio a brilhar sob o cabelo rapado. Tinha o seu relógio de bolso apoiado no joelho e ia abanando a correia ao ritmo dos estrondos.

– Faltam três minutos – declarou em voz alta, sem qualquer interlocutor em particular.

Quanto à cadência ruidosa, prosseguiu sem a mínima pausa. O auxiliar viu Maddy e a cadeira deslizou até embater no chão com um ruído que quase se perdeu no meio daquele estrépito.

– Amigo Larkin – disse Maddy, e forçou a voz para que ele a ouvisse –, vim falar com o Jervaulx.

De repente, as pancadas nas barras pararam.

A surpreendente ausência de som pareceu ecoar nos ouvidos de Maddy. Larkin olhou para a porta do quarto de Jervaulx e de novo para ela. Fez um esgar.

– Não devia estar aqui, menina.

A voz dele tinha uma sonoridade estranha e oca, rodeada por ecos imaginários que já tinham cessado.

– Não obstante, aqui estou.

– Ora... já me meteu em belos sarilhos ontem à noite. Não o vou tolerar outra vez.

– Podes ir falar com o meu primo, se quiseres. Na verdade, não quero causar-te problemas.

– Não posso fazer isso, menina. Dentro de pouco tempo, tenho de levar o duque para a cela de isolamento. Terá de sair do corredor.

– Só terias de o levar caso ele não se acalmasse antes do meio-dia, não é verdade? – Apontou para a porta e acrescentou: – Ele já parou.

Como que para comprovar o que ela dizia, o relógio no corredor abaixo começou a dar horas, com badaladas lentas que ecoavam pelas escadas acima.

Larkin não pareceu satisfeito com a reviravolta. Maddy começou a avançar e ele ergueu a mão.

– Não, menina. Faça-nos um favor a todos e não o deixe outra vez agitado! Ah, menina, por favor...

Jervaulx estava de pé atrás das barras da porta, com as mãos agarradas aos ferros. Assim que a viu, os dedos e o maxilar perderam a rigidez e descontraíram-se. Ele abriu os lábios como se quisesse falar e voltou a fechá-los com força. Afastou-se da porta e, na penumbra do quarto, inclinou ligeiramente a cabeça e estendeu a mão através das barras como se ela fosse uma dama da sociedade e não houvesse porta de metal entre eles.

– Não! – gritou Larkin e antecipou-se. – Ele pode matá-la, menina! Era capaz de a estrangular num minuto, se a agarrasse assim por entre as grades.

Consciente de que aquilo era verdade, ela hesitou durante alguns segundos, logo vendo que Jervaulx se apercebia do seu receio. Ele fechou a mão e afastou-se da porta, a mover-se como um fantasma, uma figura silenciosa que deslizou até à janela e permaneceu ali com o olhar perdido no exterior.

E Maddy percebeu que fracassara. A voz de Larkin fora a voz da Razão, a voz do mal, que lhe segredaria sempre ao ouvido argumentos e provas, e a faria duvidar da sua própria Verdade. A primeira prova, e ela já tinha falhado.

Observou Jervaulx durante um momento e voltou-se para Larkin.

– Por favor, vai dizer ao meu primo que venha até aqui. Podes dizer-lhe que tive uma Revelação e que preciso de falar com ele.

– Uma revelação? – O auxiliar olhou-a irritado. – Não sei o que está a tentar dizer, mas não vou afastar-me daqui e deixar que faça um disparate.

– Eu fico aqui sentada – disse ela, indicando a cadeira dele com um aceno da cabeça. – Prometo-te que não farei mais do que isso.

– E se ele recomeça? Agora está calmo; a menina vai agitá-lo.

– Jervaulx. – Maddy aproximou-se da porta e ergueu a mão, oferecendo-a através das grades apesar do protesto furioso de Larkin. – Se eu ficar aqui, vou perturbar-te?

Ele virou a cabeça para olhar para ela.

– Está a correr um grande risco, menina! – avisou-a Larkin. – Um grande risco! Depois do que ele fez ontem...

Jervaulx lançou ao homem um olhar de profundo desprezo. Olhou para Maddy por instantes e, de seguida, deu meia-volta e, com um gesto brusco e desdenhoso, recusou a mão que ela lhe estendia.

Uma bofetada não teria sido mais certeira. Maddy deixou cair a mão.

– Por favor, vai buscar o meu primo – pediu a Larkin, num tom austero.

– Não tentará fazer nada enquanto eu não estiver aqui?

Maddy sentou-se.

– Não me parece que vá manter-se muito tempo neste lugar, menina – resmungou o assistente, a abanar a cabeça enquanto se virava e seguia pelo corredor, desaparecendo ao virar a esquina.

O silêncio instalou-se.

Jervaulx continuava a olhar pela janela.

– *Besta* – disse com aquela inflexão explosiva, uma descarga de absoluta repugnância e desconsideração.

Depois, sem se virar, olhou de esguelha para Maddy, especulativo, com uma sobrancelha arqueada num desafio subtil.

– Sim – disse ela, assentindo enfaticamente com a cabeça. – Uma verdadeira besta.

O duque cruzou os braços, encostou os ombros à janela de grades e adotou a postura insolente de um cavalheiro pálido, aprisionado em silêncio e sombras. Um pequeno sorriso curvava-lhe a boca.

Se estava louco, ela não podia confiar nele. No dia anterior, Jervaulx encostara a cabeça às grades e observara-a com a mesma postura descontraída e arrogante, para no momento seguinte lhe encostar uma lâmina à garganta.

Tem cuidado, murmurou a voz da Razão. Ele é forte; é intimidante; não está lúcido.

Maddy devolveu-lhe o olhar. Deixou que, como resposta, a sombra de um sorriso se lhe refletisse nos lábios.

– Besta – repetiu decididamente.

O meio sorriso dele parecia uma luz na escuridão da pequena cela.

– *Besta* – repetiu ele também, com um deleite viperino.

Maddy uniu as mãos sobre o regaço.

– Parece que estamos de acordo.

O duque não tornou a proferir palavra, mas olhou-a através das barras de ferro com aquele sorriso mudo e irónico.

– Receio bem que isso esteja fora de questão – disse o primo Edward a Maddy. – Para além da sua

inexperiência e da incurialidade de ser auxiliar do duque, isso é... simplesmente absurdo. Pense só no perigo que correria, prima Maddy. Não é possível que tenha esquecido o incidente de ontem.

– Não esqueci. Tive uma Revelação.

– Sim, muito bem, compreendo isso, mas não estamos numa assembleia, minha querida. Estamos num asilo para lunáticos.

Ela olhou-o com uma expressão séria.

– E Deus não se encontra aqui também?

Larkin resfolegou. O primo Edward corou ligeiramente e olhou para o assistente com o sobrolho franzido.

– É claro que Deus está aqui.

– Tive uma Revelação – repetiu ela, num tom calmo. – Estou a ser guiada.

O primo Edward comprimiu os lábios.

– Nunca pensei que preferisse isso, mas se quer realmente trabalhar de forma direta com os pacientes, posso pô-la a ajudar a encarregada das senhoras durante a tarde.

Isso, sussurrava a voz da Razão. *Dedica-te a isso. Será menos perigoso. Mais fácil. Mais adequado.*

– Noutras circunstâncias, adoraria ajudar a encarregada – respondeu –, mas tenho a obrigação de apoiar o Jervaulx.

O médico começou a corar.

– Estou pasmado por pensar sequer numa situação tão pouco própria, prima Maddy. Não condiz consigo.

– Dediquei-me a deveres de enfermagem durante grande parte da minha vida. Tenho experiência com doentes de ambos os sexos. – Maddy mantinha a voz serena. – Mas, mesmo que assim não fosse, isso não seria relevante. A minha tarefa é encarregar-me do Jervaulx.

– Ora, ora. – O primo Edward abanou a cabeça e sorriu. – Onde é que lhe ocorreu algo de tão fantástico?

– Na cela de isolamento – respondeu ela com simplicidade. – A Luz e a Verdade foram-me mostradas.

– Eu conto-lhe o que é a luz e a verdade, menina – exclamou Larkin. – Quando ele lhe partir o pescoço, vai ver!

– Ele *não* vai fazer-me mal nenhum.

– Como é que pode ter a certeza, menina!? Ele costuma ser violento; quase me partiu o braço, mais do que uma vez, e como pode ver eu sou um tipo grande. Tão magrinha que é, ele podia livrar-se de si num instante.

O melhor é dares-lhe ouvidos, avisou, aconselhou, a voz da Razão. *Ele sabe do que fala.*

– E, no entanto, quando viu que eu tinha vindo falar-lhe, acalmou.

Larkin fez um esgar.

– Isso não quer dizer nada, menina. Não conhece a laia dele. Só está cá há um dia. Não se pode voltar as costas a um maníaco!

– Lamento confirmar que assim é, prima Maddy. Não pode deixar-se iludir por uma aparente exibição de inteligência num doente deste tipo. Fazemos tudo o que está ao nosso alcance para incentivar o comportamento racional e civilizado mas, verdade seja dita, o estado em que o duque se encontra não nos permite confiar nele, nem encará-lo como um ser humano.

Nas assembleias de Maddy havia uma sacerdote, aquela que lhe falara da voz da Razão e quão sensata e subtilmente Ele argumentava, como tinha o dom de olhar sem hesitações e com grande efeito para os olhos dos equivocados. Maddy olhou precisamente assim para o primo Edward, sem pestanejar.

– Quero dizer... – disse ele, depois de pigarrear ligeiramente. Talvez me tenha precipitado. É claro que ele é um ser humano, filho do Senhor, como todos nós. Mas o seu bem-estar é da minha responsabilidade, prima Maddy.

– És responsável pelo bem-estar dele.

– Minha querida, não pode tratar dele. É um despropósito. Não vou permiti-lo.

Ela não discordou. A razão e o debate não o convenceriam. Não tinha planeado o que diria; se fosse essa a vontade de Deus, as palavras viriam.

Perante o olhar silencioso dela, ele puxou os ombros para trás e mexeu os pés, como se ela lhe provocasse desconforto.

– É impossível. Temo bem que simplesmente não o compreenda.

– Primo Edward – disse ela –, é a ti que falta compreensão.

Ele fechou os lábios e franziu a testa.

– Pensa na Luz Interior – disse Maddy com doçura. – Será que te esqueceste da sua existência?

Ele continuava de testa franzida. Mas, na verdade, não era para Maddy que olhava.

– Eu cá não sei dessa treta da «luz» – disse Larkin com beligerância –, mas nunca ouvi uma ideia mais tola, doutor. Peço desculpa por o ter feito perder tempo com isto, mas ela não queria saber de nada que não fosse tê-lo aqui para lhe falar desta «revelação» que diz que teve.

O primo Edward observou o auxiliar. Quando voltou a dirigir o olhar para Maddy, ela susteve-o sem pestanejar. Larkin continuava a resmungar acerca de luzes, revelações e disparates ignorantes; a cada palavra vã, ofendia as crenças dos Amigos até ao âmago.

O primo Edward permanecia no corredor, sem se mexer. Maddy viu o momento em que ele deixou de ser um *quaker* apóstata irritado por um desprezo casual pela sua experiência e em que começou a ver, e a ouvir, outras coisas.

Por fim, os comentários de Larkin reduziram-se a um resmungo exasperado. Dentro da cela, Jervaulx era uma sombra branca e imóvel a observá-los por entre as grades. O silêncio preenchia a casa, um silêncio muito grande e expectante.

O primo Edward virou-se para Larkin e pediu-lhe a chave.

CAPÍTULO 6

Que dizem, argumento asserção para trás e para a frente barulho ruído algaravia, a Besta com o rosto avermelhado e Maddy imperturbável; Christian não percebia nada. Surpreendeu-se quando o homem que dava as ordens, o gorducho pálido de unhas arranjadas, destrancou a porta e a abriu, atónito quando ela entrou sozinha. Parecia um pouco assustada. Talvez tivesse motivos para isso, mas não lhe agradava. *Não magoar nunca magoar mulher raios!*

Depois de um momento de hesitação, Maddy atravessou a cela. A mão dela sobressaltou-o. Quando lha estendeu, pareceu surgir do nada – as coisas faziam isso, apanhavam-no assim de surpresa, *explosão som súbito fazer barulho não sabia – Esconder coisas – Saltam daí não aí PORQUÊ!* Era algo que o deixava furioso. Assustava-o. Ele queria que as coisas ficassem no seu sítio.

Olhou para ela. Um aperto de mão, como um homem, com a mão direita, uma mão que pega noutra, mas a sua permanecia inerte. Sentia-se impotente, confuso e cheio de vergonha enquanto abria e fechava os dedos da mão direita. Olhou-a nos olhos, *inútil não se mexe,* incapaz de lho explicar, a respirar com dificuldade, tenso perante o esforço de obrigar o corpo a obedecer aos seus desejos.

Então, ela pegou-lhe na mão com firmeza e moveu-a de cima para baixo.

Christian sentiu os dedos dela entre os seus, suaves e frios, e, como se uma neblina se desvanecesse e revelasse uma paisagem oculta, soube o que queria fazer e que o podia fazer. Um pouco mais galante, aproximou a mão dela dos lábios e depositou um pequeno beijo apertando-lhe os dedos com delicadeza.

Solteirona, puritana, corça melindrada, olhos bonitos. Sorriu-lhe. Ela humedeceu os lábios. A Besta resmoneava terrivelmente. Christian dirigiu um olhar para além dela e das barras de ferro, viu a expressão daquele rosto, percebeu que tinha acicatado o seu guarda para além dos limites da resistência... e que chegaria a altura de pagar por isso.

O outro, *médico sangria mestre osso... sangria,* não se alterou, continuou com o mesmo ar erudito e paternal. Christian percebeu que estava a ser posto à prova. Voltou a concentrar a atenção em Maddy, observou-a com um olhar intenso, decidido a não perder aquela oportunidade. A Besta estava no exterior, ela no interior. Tratava-se de uma melhoria que não se podia dar ao luxo de perder.

Quando ela lhe indicou que se sentasse, ele sentou-se. Quando lhe ofereceu água, ele bebeu. Quando falou consigo, fitou-lhe a boca e tentou dar sentido ao conjunto de sons que lhe saíam dos lábios.

Irritava-o não ser capaz de fazer isso. Tudo o enfurecia desde que saíra da confusão escura e exaustiva sem palavras, sem o seu eu; tinha um controlo mínimo; a cada momento, segurava a trela do impulso de agarrar em qualquer coisa e mandá-la pelos ares. Mas ali não havia nada que pudesse ser atirado; tinham desprovido a cela de tudo quanto ele pudesse mover – a querida Maddy olhava para si com uma expectativa delicada e ele recordou-se a tempo de que não devia entrar em ebulição naquele momento.

Quando chegou o tabuleiro com a mesma comida intragável do costume – sopa de cordeiro, arroz branco, pudim de pão e água de cevada –, ficou a olhá-la durante um longo momento, enquanto interiormente se revoltava em fúria. Ela aproximou-se dele e, por fim, agarrou na colher.

Não.

Não, era algo que não podia tolerar.

Quase atirou o tabuleiro e a sopa e tudo para o outro lado da cela. Quase. Em vez disso, esticou a mão, segurou-lhe o pulso, segurou-o apenas, e depois, tão calmamente quanto era capaz, fê-lo descer, até a colher repousar no tabuleiro.

Maddy soltou a colher. Ele pegou nela e comeu aqueles restos plebeus, *olhem o animal no jardim zoológico, malditos sejam!*, sentindo-se vexado até ao âmago da alma, tão cheio de raiva e aversão que cada trago era uma batalha. Mas comeu. Comeu para a manter ali e para enfurecer a Besta da única maneira que descobrira até ao momento.

E aquela era a prova. Superou-a. Pela primeira vez desde que acordara do estupor drogado em que o tinham levado para ali, sentara-se de livre vontade e comera como um ser humano.

Era assim que eles o veriam.

Pensou na sua mesa e no cozinheiro que tinha em casa, em pratos cujos nomes lhe surgiam estranhamente na mente, *les filets... les filets... volaille à la maréchale,* chocolate, *la darne saumon... soufflés d'abricots*... olhou para a sopa gordurenta de cordeiro e o ódio quase lhe induziu o vómito.

Porém, Maddy sorria de orelha a orelha, o que o deixava ao mesmo tempo mal-humorado e satisfeito. Podia perdoá-la, calculava, pois *tu, que és simples, não conheces melhor do que pão de centeio e pudim de cerveja.*

Quaker. Quaker, sim, mas não o podia dizer em voz alta nem tinha vontade de o tentar.

Ultrapassara a maldita prova e eles deixaram-na ficar com ele, sentada do lado de fora da sua cela. *Trémulo músculo fraco...* a exaustão avassalava-o, abatia-o. Encostou-se às barras, pois não queria deixar de a ver. *Falar... não posso... dizer qu'ridaMaddy... fica. Fica.*

Pelo menos até à noite, quando a Besta voltou. Christian não confiava nele e não lhe deu qualquer motivo para que utilizasse a força. Deitou-se na cama estreita como um cão obediente. À espera de que chegasse o momento... algo que tanto ele como a Besta sabiam que ia acontecer.

Ela voltou de manhã com o homem das sangrias *fala sem sentido, escreve caderno. O que é que escreve no caderno? Mentiras. Mentiras. Consulta o caderno. Sangrias? Banhos? Deus me guarde.*

Chegaram dois novos auxiliares e ele percebeu que tinha de ir tomar banho. Olhou para Maddy, apenas uma vez, e lançou-lhe um olhar em que concentrou toda a súplica de que foi capaz.

Ela respondeu-lhe com um sorriso de ânimo.

Ela não fazia ideia. Jervaulx tinha de acreditar que ela não sabia de nada – e, pensando nisso, não desejava que ela ficasse a saber o que eles podiam fazer-lhe.

Apareceram três auxiliares para o levar, mas desta vez ele controlou as reações, dominou-se. Permitiu que lhe amarrassem as mãos em mangas de couro – costumava ser com a camisa de forças, mas se ele permanecesse calmo não tinham desculpa para a usar em frente ao médico de unhas arranjadas. Christian sabia. Tornara-se um perito em amarras, um esteta, discriminando graus negros

de mortificação, da menor à pior: manga de couro, algemas, cadeira, camisa de forças, cesta.

Não voltou a olhar para Maddy. Mentalmente, ausentou-se daquele lugar; era a única esperança, a única forma de aguentar. Desceu com os guardas pelas escadas até à cave, deixou que lhe pusessem a máscara de couro que lhe tapava a cara toda, que o despissem, que o deixassem cego e à espera, sem saber quando aconteceria, quando o atirariam de costas para a banheira.

Gelo! Gelado frio quente agonia Gelo!

Empurraram-no para baixo, mais de uma vez, e colocaram-lhe uma barra metálica sobre o pescoço para o obrigar a manter a cabeça submergida. Da terceira vez, o peso da barra segurou-o debaixo de água até que ele sentiu o peito oprimido, e apertou os punhos com força e sentiu verdadeiramente medo. E, quando emergiu, a Besta inclinou-se sobre ele, olhou-o através dos orifícios do açaime, através das gotas de água gelada, e sorriu.

Christian devolveu-lhe o olhar. A máscara apertava-lhe a boca e o nariz, molhada; ofegava de frio; tinha o corpo avassalado por tremores incontroláveis. Tiraram-no da tina e ele ali ficou, a tremer, a ouvi-los falar à sua volta, isolado, a escorrer água, incapaz de ver o que quer que fosse para além de uma nesga de luz à sua frente.

A Besta disse qualquer coisa nas costas de Christian e atirou-lhe uma toalha para os ombros. Christian inclinou-se para trás, deu meia-volta e projetou o ombro e o cotovelo contra o corpo da Besta. O rebordo da tina à altura da barriga das pernas funcionava tão bem com a Besta como com ele. O auxiliar, para não cair, tentou agarrar-se ao seu ombro e os dedos escorregaram na pele molhada quando Christian se afastou, e depois seguiram-se um grito e o som de um corpo a cair em água. Gotas geladas salpicaram as pernas de Christian.

Os outros dois auxiliares acharam que aquilo tinha sido hilariante. As gargalhadas e o ruído do mergulho numa espécie de cascata de água ressoaram pelas paredes da cave. Christian permaneceu imóvel, sem sorrir atrás do açaime, *enorme escorregadio queda baleia erro sair.* Ficou no mesmo sítio quando ouviu a Besta aproximar-se de si e a água que escorria e salpicava o chão de pedra. A barra de metal acertou-lhe nas costas, uma dor explosiva, que o deixou sem fôlego e o fez cambalear em busca do equilíbrio – mas os outros guardas afastaram-no. Os outros auxiliares afastaram a Besta de cima dele e conseguiram evitar um verdadeiro espancamento.

Eles controlavam-se uns aos outros. Tinham o seu próprio código primitivo. Sabiam que a Besta o mantivera debaixo de água durante demasiado tempo. E, afinal, Christian era um louco. Eram-lhe permitidas algumas brincadeiras.

Assim, a Besta afastou-se para se secar e Christian, de regresso à cela, coberto com uma bata azul que nem sequer era sua e que o horrorizava, viu que tinha Maddy para o ajudar a vestir-se.

Vestir-se de camponês.

Christian olhou repugnado a roupa vulgar estendida à sua frente.

– *Não* – disse.

Cruzou os braços, apertou os dentes com força para evitar que batessem e endureceu os músculos para evitar o estremecimento que se apoderou dele e que fez com que vagas de dor lhe percorressem as costas.

A Besta teria pedido ajuda, tê-lo-ia amarrado e obrigado a vestir a camisa de forças dos lunáticos. Christian esperou para ver o que Maddy fazia, e tentou esconder os tremores que acompanhavam cada inspiração profunda. Tinha o cabelo molhado; estava gelado até aos ossos. Não era sua intenção envolver-se numa batalha de vontades e arriscar-se a que a Besta regressasse. Precisava

desesperadamente de Maddy, precisava da sua figura calma e erguida, sentada na cadeira à porta da cela. *Branca engomada... touca... paz.*

– Oq'sepassa? – perguntou-lhe ela.

Olhou-a irritado. *O que se passa?* Era isso que ela queria dizer?

Roupa decente!, queria rosnar. *Não trapos horríveis e malfeitos!*

Pegou no casaco com a intenção de lhe mostrar os pontos imperfeitos, as casas dos botões fora do lugar, mas não conseguiu. Limitou-se a segurar o casaco, outra vez confuso, perdido entre a intenção e a ação.

Com um resmungo de frustração, atirou a peça para o chão. Um estremecimento forte percorreu-lhe o corpo.

– Arpios? – perguntou ela.

Maddy tocou-lhe na mão, pegou nela entre as suas, mas ele era incapaz de se manter imóvel, incapaz de controlar os arrepios ou de evitar as punhaladas de dor nas costas de cada vez que respirava. Soltou-se das mãos dela, aproximou-se da janela e agarrou-se às grades que pareciam quentes em contacto com as mãos geladas.

Maddy permaneceu calada durante um longo momento, atrás dele. Christian percebeu que os arrepios não lhe passavam despercebidos. Mas o que é que interessava? Encostou a testa às grades e deixou de lutar contra eles.

A alavanca de bronze que controlava a campainha chiou. Não tinha cordão que a fizesse tocar, seria demasiado fácil para um homem enforcar-se com isso. Christian já tivera essa ideia, mas eles tinham-se antecipado. Tinham tudo previsto, anos de experiência. Um auxiliar ignorante como a Besta tinha um sexto sentido para prever qualquer tipo de resistência e vencê-la. Christian era mais novo, mais rápido e mais alto. Deus sabia que esperava ser mais inteligente, mas a Besta conhecia todos os truques. O que acontecera com a navalha de barbear e o incidente no banho tinham sido as primeiras verdadeiras vitórias que Christian conseguira alcançar, e tinha as costas doridas e a latejar no sítio onde a barra de ferro o atingira, provocando-lhe uma agonia acutilante sempre que se virava.

Ouviu a voz da Besta no corredor e retesou-se, enquanto um novo calafrio lhe surgia do fundo dos músculos. Mas não se ouviu o ruído da porta de barras a abrir-se. Maddy falou, a Besta gaguejou e de seguida assentiu com um grunhido. Os passos pesados do homem perderam-se na distância.

Christian virou-se. Qu'ridaMaddy olhava-o de sobrolho ligeiramente franzido e a mordiscar o lábio inferior. Quando ele lhe correspondeu o olhar, ela esboçou um breve sorriso.

– Pdiarvão – disse ela.

Arvão?

Maddy apontou para a lareira vazia, envolveu o corpo com os braços e fingiu que tremia.

Carvão. Carvão, fogo, sim. Nunca tinham feito isso, só acendiam a lareira à noite.

Ele queria agradecer, mas não conseguia fazê-lo. Acenou rapidamente com a cabeça.

Ela apanhou o casaco que ele tinha deixado no chão e ofereceu-lho. Enquanto ela o segurava, ele levou a mão à lapela malfeita, desceu o dedo e apontou para as casas grosseiras.

– Nãocompendo – disse Maddy, e dirigiu-lhe um olhar de impotência.

Christian cerrou os dentes e estremeceu. *Está bem. Tenta outra vez.* Tocou-lhe na manga, percorreu com os dedos a parte interna do braço dela, em que os pontos minúsculos, embora simples, eram invisíveis, perfeitos e elegantes, tal como o vestido negro de colarinho branco era um exemplo de simplicidade. Depois, os dedos percorreram a mesma costura no casaco.

Maddy olhou para o braço e depois para a manga do casaco. Abanou a cabeça.

– Lamento – disse. – Nãocompendo.

Christian desistiu, arrancou-lhe o casaco da mão e gesticulou para que ela se fosse embora, e ele se pudesse vestir. Ela manteve-se firme. Christian agarrou-a pelos ombros, obrigou-a a virar-se e empurrou-a para a entrada.

– Não – respondeu Maddy, que se deteve junto da porta e se virou. – Aju davstir.

Claro que sim vestir, e ela sai, qualquer mulher respeitabilidade compreender. Mas, obstinada, ela não se moveu. A Besta entrou, ruidosamente, com um balde cheio de carvão. Christian recuou um pouco, afastando-se dele, prudente. Depois de acender a lareira, falaram os dois entre eles, a Besta encolheu os ombros e fez um gesto de assentimento ao que quer que ela tivesse dito, lançou a Christian um olhar cuidadosamente neutro e fechou a porta sólida ao sair, bloqueando o corredor.

Christian cravou os olhos nela. *Não pensava... Santo Deus... não esperar vestir aqui vista dela!*

Mas esperava. Foi direta a ele e começou a desabotoá-lo como se tivesse feito aquilo todos os dias da sua vida.

Christian agarrou-a pelo pulso e afastou-lhe o braço com um som indignado. Apontou para a porta e voltou a empurrá-la com cuidado.

– Queresq'chamelark? – perguntou ela.

Ele respirou fundo e tentou encontrar as palavras. – Qu...

Maddy não parecia compreender a profundidade da disposição dele em relação a ela – que estava disposto a tentar falar, a deixar que o ouvisse.

– Lark? – repetiu ela com a mão na alavanca da sineta.

De repente, Jervaulx percebeu que ela tinha a intenção de chamar a Besta.

– Não! – Abanou a cabeça. – Não!

– Ajudo – disse Maddy e pousou a mão sobre o peito. – Muta periência.

Um profundo calafrio percorreu o corpo de Christian. Manteve-se a uma distância prudente dela.

– Fermeira – continuou ela. – Tua. Fermeira.

Enfermeira.

Então era aquilo. Maldita enfermeira. A sua enfermeira. E acharia ela que, lá porque se considerava enfermeira, ele ia deixar que o despisse como se fosse uma criança inválida?

Maddy sentiu-se intimamente aliviada quando aquele sorriso irónico tão familiar surgiu no canto dos lábios de Christian. Era óbvio que estava a sondar a posição dela. No entanto, se Larkin e o primo Edward voltassem e ainda o encontrassem de bata, pensariam que ela não tinha autoridade para controlar a situação. Enquanto o consentimento dado pelo primo Edward às suas novas responsabilidades fosse tão precário, queria evitar a mais ínfima impressão de que, sob a sua influência, Jervaulx se tornava ainda mais difícil de controlar.

Era mais difícil do que imaginara ter presente que ele agia movido por um raciocínio adulto que talvez não fosse óbvio. Aquele interesse pelas costuras da manga do vestido dela e pelo casaco, enquanto tiritava de frio, deixara-a desconcertada. Só desejava envolvê-lo em roupa quente, secar-lhe o cabelo à frente da lareira e, quando chegasse a noite e Larkin a substituísse, tinha a intenção de investigar a verdadeira natureza dos banhos terapêuticos.

Daquela vez, quando ela pegou na camisa e se aproximou, Jervaulx permaneceu imóvel e deixou

que ela se aproximasse. Maddy já vestira o pai um milhar de vezes. Tinha uma rotina própria, um sistema que requeria que ele permanecesse sentado, o que Jervaulx fez docilmente quando ela apontou para a cama, embora com uma ligeira expressão de desagrado.

Recomeçou a desabotoar-lhe a bata. Quando já desabotoara o primeiro botão, reparou que ele a mirava atentamente, com o rosto muito próximo do seu, porque estava inclinada. No terceiro botão, tornara-se demasiado evidente para si que aquele homem *não* era o pai, que a forma compacta dos ombros e dos músculos debaixo da bata era algo completamente distinto. Quando chegou ao sexto botão, a sensação da respiração dele, suave e regular sob as suas mãos enquanto as movia pareceu-lhe indecorosa e inaceitável.

Olhou para cima. O sorriso retorcido dele tornou-se mais profundo. O duque levantou a mão e percorreu-lhe o maxilar com o indicador, pegou-lhe no queixo e ergueu-o um pouco. Os olhos de ambos detiveram-se à mesma altura, apenas a alguns centímetros de distância.

Os dele eram de um azul intenso.

Maddy afastou-se. Endireitou-se, com os sapatos a fazerem ruído sobre o soalho de madeira enquanto ela mudava de posição.

Christian levantou-se. Sem dizer palavra, demonstrou que era ele que controlava a situação. Franziu um pouco as sobrancelhas, como se estivesse a perguntar se ela queria continuar. Maddy olhou para a bata aberta e desviou os olhos, ao deparar com algo inesperadamente para lá da sua competência.

Ele encolheu os ombros. A bata deslizou-lhe pelas costas e caiu-lhe aos pés. Christian estendeu a mão para pegar na camisa.

Maddy tinha mesmo uma enorme experiência como enfermeira. Dera banho e vestira inumeráveis doentes, e nem todos do sexo feminino. Tinham recorrido a ela com frequência sempre que um membro da Assembleia precisava de ajuda. E, como era lógico, sempre se encarregara do pai...

Mas aquele homem não era o seu pai. Tampouco era uma criança ou um velho, nem se encontrava doente. Era algo que nunca vira até aquele momento. Um homem em toda a sua... a única palavra que lhe ocorria era glória, com a estatura, a estrutura óssea e a força de um adulto, em pé, completamente nu e com a mão esticada para pegar na camisa.

Cada fibra do corpo de Maddy pedia que ela lhe atirasse a camisa e saísse dali a correr.

Contudo, deu pelo sorriso trocista e pela raiva que este escondia. O corpo dele impunha-se na pequena cela, poderoso e de ombros largos, impunha-se sobre *ela*; e ele sabia-o. A intenção era intimidá-la.

E conseguiu. Pelo menos, aquela agitação angustiante que se apoderara dela era muito semelhante a medo. Estava consciente da força dele, mas também da simetria, do comprimento e da forma soberba daqueles músculos. O alarme e o nervosismo que sentia misturavam-se com uma admiração pura e instintiva perante o facto de alguém poder ter aquela postura: alta, reta e insolente, tal como Deus o trouxera ao mundo.

E Deus trouxera-o ao mundo de uma forma impressionante e esplendorosa. O milagre da vida insuflada em barro. Apreciar aquela beleza não lhe parecia pior do que deleitar-se a contemplar o voo de um falcão sobre os campos lá fora. Aquele falcão parecera-lhe uma maravilha, a si que sempre vivera numa cidade. E a figura nua daquele homem não era uma novidade ou um espetáculo menor.

Colocou-lhe a camisa nas mãos. Ele levantou-se e vestiu-a, com um ligeiro silvo a escapar-se-lhe

por entre os dentes, e moveu a cabeça para que o tecido lhe corresse sobre as orelhas. O algodão branco deslizou até chegar às coxas. Ele avançou um passo como se ela não existisse e pegou nas meias e nas calças dobradas.

Maddy voltou-se para a janela, tendo já captado claramente a mensagem dele. Uniu as mãos com força, entrelaçou os dedos, a sentir vontade de lhe pedir desculpa, mas demasiado mortificada para o fazer.

Não fora educada para respeitar a arrogância e a perversidade mundanas mas, de certo modo, não lhe parecia errado que, apesar do lugar, da aflição e de tudo, ele demonstrasse o seu desprezo pelas circunstâncias. Não era apenas um ser humano; era um duque, sem a menor intenção de que alguém se esquecesse disso. E muito menos uma mera enfermeira *quaker*.

Esperou até deixar de ouvir o som de movimentos atrás de si. No exato momento em que ia virar-se, sobressaltou-se ao sentir a mão de Jervaulx no ombro.

Estava vestido... mais ou menos. O casaco, as calças e o colete pendiam, por abotoar, e os punhos da camisa pareciam ter-se perdido no interior das mangas do casaco. Fitava-a com uma expressão feroz, de maxilar em movimento. A seguir, recuou um passo e estendeu as mãos.

Tratava-se de um gesto estranhamente vulnerável, brusco e contrariado. Jervaulx não olhava para ela, mas sim para os pulsos, tal como um monarca olharia para súbditos rebeldes: simultaneamente ofendido e indignado.

Maddy alargou-lhe as mangas e introduziu os dedos, primeiro numa e depois na outra, puxou os punhos da camisa para baixo e abotoou-lhos. Depois olhou-o.

– *Não* – disse ele, com um aceno rápido de assentimento, que Maddy interpretou como um «sim». Fizera a coisa acertada.

As calças abotoavam-se dos dois lados do cós. Maddy, de lição aprendida, daquela vez esperou que ele lho pedisse. Christian fez uma ligeira tentativa de abotoar um dos botões do lado esquerdo com a mão esquerda. Depois de exalar exasperado, pegou-lhe no pulso. Puxada pelo forte aperto dele, Maddy aproximou-se, abotoou rapidamente os dois lados sob as compridas fraldas da camisa e afastou-se assim que terminou.

Por aquele serviço, recebeu outro aceno afirmativo. A altivez inata do homem eliminava qualquer laivo de intimidade. Christian pegou no plastrão que estava sobre a mesa e estendeu-lho.

Maddy fez-lhe o nó, enquanto ele mantinha o queixo levantado.

Quando acabou, Jervaulx palpou o nó, apertado ao estilo simples que Maddy utilizava com o pai e, impaciente, começou a fazer um gesto negativo com a cabeça.

– Não sei fazer outro nó – disse ela, de palmas estendidas num gesto de impotência.

Por um momento, receou que ele se enfurecesse. Franzia medonhamente o sobrolho, mas de seguida a boca distendeu-se. Ele lançou um olhar de exasperação divertida ao teto e, com um pequeno movimento da mão, apontou para o colete aberto e exigiu que também lho abotoasse.

Maddy fê-lo. A peça não lhe assentava bem. Estava mal confecionada e era demasiado apertada. Os botões repuxavam-na de um modo inestético. Surpreendia-a que ele o tolerasse, já que sabia como ele tinha sido exigente com a confeção da roupa.

Mas pareceu aceitá-lo, pois voltou-lhe as costas para pegar na toalha húmida e secar o cabelo. Ao lado da bacia de metal, havia um pente, que ele usou sem hesitar.

Depois de ter penteado o lado esquerdo com a mão esquerda, deteve-se. Pousou o pente sobre a mesa e permaneceu imóvel durante um momento a olhá-lo. Olhou para Maddy enquanto abria e

fechava os dedos desajeitadamente. De seguida, fechou os olhos, tateou a superfície da mesa à procura do pente e agarrou-o com a mão direita para acabar de pentear do outro lado.

A única lucidez que mostrava com aquele estranho ritual era parecer sentir-se envergonhado depois de o fazer. Voltou a olhá-la, fez um gesto desafiador com o queixo e deixou cair ruidosamente o pente sobre a mesa.

Depois de ser objeto de um aviso tão óbvio, Maddy comportou-se como se não tivesse visto nada de estranho nas ações dele. Apontou para a lareira, que, por fim, começava a aquecer o quarto.

– Não queres sentar-te e aquecer um pouco, amigo?

Depois da ligeira hesitação que parecia caracterizar todas as suas respostas, Christian avançou para a cadeira, aproximou-a da lareira, passou a perna por cima do assento, sentou-se com o rosto virado para o espaldar e apoiou o cotovelo no último travessão como um moço de recados aborrecido e entediado à espera de ordens num corredor.

Maddy abriu a porta de madeira e começou a arrumar o quarto, o pouco que havia para arrumar. A roupa de cama limpa estava empilhada junto da porta, um serviço diário que constituía um dos orgulhos de Blythedale. Maddy fez a cama, envergonhada pelas correntes e algemas que teve de desviar para mudar os lençóis. Estava consciente de que ele a observava.

Em vez de deixar as algemas sobre a cama, tal como vira fazer anteriormente, levantou o colchão e empurrou-as para baixo deste, o que requereu que se retorcesse, esticasse e fizesse um esforço nada elegante.

Quando, cansada, se endireitou e afastou uma madeixa de cabelo que se soltara da touca, o sorriso de Jervaulx parecia zombar de todo aquele esforço. O homem endureceu o maxilar, apertou os dentes e disse:

– *Besta!*

Depois, tentou voltar a falar, mas emitiu apenas sons intercalados, começos ininteligíveis de algumas sílabas. Por fim, com um suspiro de frustração, fez o gesto de puxar algo da cama com os braços e exclamou:

– *Tirar!*

Maddy sentou-se determinada no colchão e, depois de encolher os ombros, disse:

– Ele que se esforce.

Christian tirou-lhe um chapéu imaginário e sorriu. Quando o fazia, tinha um ar libertino e sem escrúpulos.

– Queres beber um chá?

– Chá – repetiu ele.

– Queres?

Não a olhava.

– Chá, chá, chá. – Fechou os olhos. – Chá. Chá. As linhas do plano inverso. Um ponto é aquele que não tem partes. Uma linha é um comprimento sem largura. Os extremos da linha são pontos. Chá, chá, chá. – Abriu os olhos e humedeceu os lábios enquanto voltava a olhar para ela. – Qu... *ah!*

Expirou com força. Num dos quartos do corredor, um paciente começou a gritar a plenos pulmões, com um entrechocar metálico, exigindo que o Dr. Timms e o Espírito Santo fossem lutar com ele.

Jervaulx segurou as bordas arredondadas das costas da cadeira e apoiou a testa no último travessão.

Está lúcido, disse obstinadamente Maddy à Razão. *Está completamente lúcido.*

Pegou na roupa da cama, na bacia e na toalha húmida e aproximou-se da porta. Quando rodou a chave, a tranca abriu-se com um forte rangido. As barras ressoaram quando fechou a porta atrás de si. Ele não se moveu nem levantou a cabeça, mas tinha os dedos brancos de se agarrar com demasiada força à cadeira.

Na pasta de Christian, havia quinze cartas de uma tal Lady de Marly e sessenta e uma da duquesa, sua mãe. Maddy deu uma vista de olhos às últimas. A duquesa escrevia todos os dias ao filho e parecia que as palavras lhe fluíam copiosamente da pena, com facilidade. Falava do seu trabalho evangélico, dos pensamentos piedosos e das preces em que pedia a recuperação dele. Expressava a sua absoluta confiança nas terapias morais do Dr. Timms e falava do muito que a reconfortava saber que Christian se encontrava sob os seus cuidados, em Blythedale. Suplicava ao filho que meditasse nas consequências da sua devassidão, que seguisse o caminho do bem, que se arrependesse dos pecados do orgulho, da vaidade e da ociosidade, que rejeitasse as fraquezas da carne, e muito se alongava em questões como estas, em que não se encontrava qualquer defeito mas que conseguiram despertar uma enorme irritação em Maddy.

Lady de Marly parecia-lhe bastante mais razoável. As cartas dela não eram dirigidas a Jervaulx mas antes ao médico, pedindo-lhe explicações acerca dos relatórios e prognósticos por ele efetuados. Na quarta carta que leu, Maddy encontrou aquilo que procurava. Fazia referência ao baú que acompanhava a carta e juntava uma lista do vestuário de outono que aquele continha.

Levou a lista ao primo Edward, que encontrou sentado à secretária do gabinete interior, a escrever as anotações diárias.

– Ele está calmo – disse o médico, sem necessidade de explicar a quem se referia. – Fui vê-lo enquanto a prima jantava. – Recostou-se na cadeira e suspirou. – O que hei de pensar? Pode ser apenas uma coincidência. Não consigo sentir-me tranquilo, deixando-a exposta ao temperamento dele.

Maddy achou prudente ignorar a claudicação daquelas palavras.

– Acabei de arquivar as cartas e de fazer as contas. Precisas... precisa de me ditar alguma coisa?

– E isso é outra coisa. Então e a correspondência de que devia ocupar-se?

– Farei o que for preciso. Não me importo de trabalhar até tarde, enquanto o meu pai não precisar de mim.

– Isso não me agrada. Não me agrada.

Maddy permaneceu em silêncio.

– Estou surpreendido... chocado... por o seu pai ter consentido, tendo em consideração como é indecorosa a situação e os perigos aos quais a prima se sujeita.

– O meu pai tem um grande apreço pelo Jervaulx.

– Receio bem que o duque de Jervaulx que conheciam já não exista. Morreu. Já tentei explicar-lhe isso, mas o seu pai é tão teimoso como a prima.

De novo, a resposta de Maddy foi o silêncio.

– E a boa reputação de Blythedale. Se fosse magoada por um paciente masculino... se ele a dominasse à força... compreende o que estou a tentar dizer? – O rosto do médico ficou escarlate. Ele tirou uma chave do bolso e examinou-a atentamente. – Prima, Uma coisa dessas poderia arruinar-me.

– Lamento – disse Maddy com sinceridade. – Mas como posso virar as costas a uma missão?

Nunca pensei... nunca tinha sentido uma vocação, mas esta é tão intensa e tão profunda que tudo o resto, comparado com ela, parece... falho de espírito.

O médico abriu uma gaveta da secretária e tirou de lá um cachimbo. Encheu-o e acendeu-o. O cheiro doce espalhou-se pela sala bem arrumada.

– Bom, muito bem. Fique com este caderno de notas – disse-lhe num tom brusco. – Quero que escreva diariamente as suas observações. Vamos dar um pouco de tempo, a ver como corre isto. Mas tenha cuidado, Maddy. Tenha muito cuidado.

– Prometo que terei.

Ele puxou uma baforada funda no cachimbo.

– Em breve ele terá de ir a Londres para a audiência.

– Que audiência? – perguntou Maddy timidamente.

– Para se determinar o estado de incapacidade dele. Perante um tribunal. É uma coisa que normalmente se faz com este tipo de doentes. Possuem propriedades, são homens de negócios. Tem de ser oficialmente reconhecido que ele não se encontra na posse das suas faculdades mentais e que é preciso nomear-se-lhe um guardião. É uma grande maçada, na verdade. Ficam sempre completamente tresloucados, sem que se consiga acalmá-los. Forçá-los a aparecer em público, fazer-lhes perguntas, colocá-los perante um júri, entre outras coisas. Não é algo que me satisfaça, muito menos no caso *dele*, garanto-lhe. Soube que hoje de manhã atirou o Larkin para a tina. Devia ser castigado por o ter feito.

– Atirou-o? – Maddy mordeu o lábio. – Tens a certeza?

– Sim, claro que tenho. Acha que os auxiliares inventam coisas dessas?

– O Jervaulx estava cheio de frio quando o voltaram a trazer. Estava a tremer.

– Assim é um banho frio.

– Não consigo entender que benefício para a saúde dele possa ter medida tão extrema.

O primo Edward bateu o cachimbo contra a mesa para o esvaziar.

– E quando é que se formou em Medicina, prima Maddy?

Ela decidiu que, no interesse dos seus objetivos, era melhor não responder.

Ele limpou o cachimbo com um gancho de prata e lançou-lhe um olhar especulativo.

– Talvez, se tudo correr bem, nos acompanhe a Londres. Acha que o consegue manter sob controlo?

– Sim – respondeu ela, embora desejasse que aquela afirmação tivesse sido pronunciada por outra pessoa, alguém com autoridade e conhecimentos maiores que os seus.

– De qualquer maneira, também levaremos o Larkin.

Maddy mostrou-lhe a lista que encontrara na pasta de Christian.

– A família dele enviou-lhe roupa. A que veste agora não lhe serve.

– Não damos roupa cara aos doentes violentos. Têm demasiada tendência para a arrancar.

– Talvez porque a achem incómoda.

O primo Edward abanou a cabeça.

– Há de aprender, minha querida. Receio que vá ver que as coisas são muito diferentes. Pode vestir-lhe essa roupa cara.

CAPÍTULO 7

No silêncio da pequena e vazia sala de estar, parecia-lhe estranho e impertinente abrir o cofre de Jervaulx. Era como bisbilhotar a casa de alguém que tivesse saído. Era estranho, e um pouco doloroso, tocar naquelas coisas em que jamais lhe teria passado pela cabeça tocar. A caixa continha a chave do baú dele, um relógio de ouro do qual pendia um pesado selo oficial e uma lupa, um enorme anel de sinete, uma navalha de barba com pega de marfim e um par de esporas com correias afiveladas.

Maddy examinou o anel e de seguida aproximou-o da luz para o observar através da lupa. O círculo de metal era grosso e as bordas estavam desgastadas pelo uso. O polegar dela entrava facilmente no anel. Sob a flor-de-lis e a crista da fénix, estava gravada uma legenda que dizia: *A bon chat, bon rat.*

A bom gato, bom rato. Até o francês escolar de Maddy chegava para compreender aquilo e, caso o significado não fosse muito claro, ali estava também a tradução: *A retaliação tem de ser adequada.*

Tratava-se um sentimento vigoroso e bastante agressivo. Maddy guardou o anel no bolso, juntamente com a chave. Também pegou nas esporas. Na cidade, os cavalheiros andavam sempre de esporas, para onde quer que fossem. Parecia um adereço na moda.

No sótão, entre outras caixas e maletas, a luz da vela incidiu de imediato sobre o lustro do elegante baú, lacado a negro, com o cartão do duque introduzido num caixilho de bronze preso à tampa. O baú estava a abarrotar com a roupa mais bem confecionada que Maddy alguma vez vira: camisas do melhor linho, coletes quentes e macios como a pele sob o seu queixo; casacas forradas a seda e envoltas em tecidos prateados, botões de madrepérola, suspensórios bordados a todo o comprimento.

Não lhe parecia tão pessoal revolver o baú como o cofre. Ele nunca tocara naquelas coisas. Eram todas novas, e cheiravam a tinta e às ervas de cheiro que as acompanhavam. Tentou lembrar-se do que ele envergara na noite em que ela e o pai tinham jantado na sua companhia – e decidiu que a casaca verde-escura era a que tinha uma cor mais parecida.

Maddy nunca vestira roupa de cor. Como duvidava das suas escolhas, era mais conservadora. Descartou um colete bordado em belos tons roxos e dourados, concluindo que uma combinação de cor de vinho, castanho alaranjado e bege seria mais discreta. Por fim, pegou no par de botas de aspeto mais informal que encontrou e levou tudo para o seu quarto.

Como copiara e dividira os horários dos diferentes pacientes segundo as anotações do primo Edward, sabia que ninguém se submetia naquele momento aos banhos terapêuticos, devido a um passeio organizado para os doentes mais disciplinados. Depois de aqueles partirem, o resto dos pacientes masculinos seriam barbeados em intervalos de um quarto de hora. Nas anotações do primo Edward surgia ao lado do duque o nome de Larkin, enquanto pessoa responsável por essa função. Maddy trocara-o pelo próprio nome. Como o médico ia participar no passeio, sentiu que podia fazê-

lo à vontade, sem dar azo a uma longa conversa de resultados imprevisíveis acerca de tal questão.

No entanto, ao chegar ao quarto de Jervaulx, descobriu que Larkin já se encontrava lá com a bacia e a toalha. Também ele parecia precisar de ser barbeado. Maddy não prestou qualquer atenção ao mau humor do auxiliar e limitou-se a tirar-lhe a bacia das mãos. A navalha de barbear que se encontrava no interior da bacia emitiu um ruído metálico ao deslizar e embater contra um dos lados.

– Vai precisar de ajuda – disse Larkin. – Estou a avisá-la.

Uma gota de água molhou-lhe o dedo. Maddy olhou para baixo e viu o brilho iridescente da água ensaboada no interior da bacia.

– Isto está sujo – disse.

– Claro que não está! O doutor não o permitiria. Limpei a bacia quando o Harry acabou.

Ela percorreu com os olhos a toalha que Larkin trazia pendurada no ombro, visivelmente húmida, e o gume da navalha de barbear. O cabo estava gasto pelo uso, a lâmina afiada mas denteada.

No interior da cela, Jervaulx já tinha a camisa de forças vestida, com umas correias que lhe apertavam os dois braços bem atadas a umas argolas na parede. Os olhos, quando se encontraram com os de Maddy, eram os de um lobo dentro de uma gruta, relampejantes, imóveis, silenciosos.

Maddy ficou imóvel. Absolutamente imóvel.

De seguida, com enorme esforço para não perder a calma, disse a Larkin:

– Traz água quente, se não te importas. Volto dentro de um momento.

A camisa de forças exasperava-o e a Besta bem o sabia. Despertava-lhe um terror que Christian nunca desconfiara que existisse dentro de si, um terror que ia para além da razão e do orgulho, e que conduzia diretamente a impulsos primitivos que o levavam a revoltar-se de cada vez que lha vestiam, muito depois de saber que estava condenado ao fracasso, muito depois de ter percebido que não podia vencer.

Doía-lhe a garganta porque a Besta, numa mostra de prazer pelas pequenas torturas, utilizara uma coisa nova, um garrote de borracha, enquanto Christian ainda se encontrava atado à cama, fazendo-o perder a consciência, um horror, um negrume imediato, do qual emergiu a arquejar, num ato instintivo de resistência, deparando com um lado do rosto colado ao chão, um joelho no pescoço, uma dor lancinante nas costas e três auxiliares debruçados por cima de si a conversarem animadamente como se aquilo fosse normal.

Içaram-no enquanto ele ainda tentava recompor-se e tomar ar. Viu que tinha vestida a camisa de forças, sentiu-se presa daquele terror involuntário, da impotência mais absoluta, incapaz de manter o equilíbrio ou de se salvar. Bastava um empurrão nas costas para que caísse na direção que eles quisessem, porque, com os braços atados à frente do corpo, qualquer movimento era estranho e desconcertante. O corpo perdeu a ligação à mente, as extremidades não lhe obedeciam, as pernas recusavam-se a dar o passo que o faria recuperar o equilíbrio. Um dos auxiliares, entre gargalhadas e depois de soltar uma curta interjeição divertida, agarrou-o antes que ele caísse e empurrou-o contra a parede.

Christian fitou o auxiliar, o qual desviou imediatamente o olhar. Deu-lhe umas palmadinhas na face e disse-lhe qualquer coisa num tom paternal enquanto os outros o atavam às argolas da parede.

Enquanto Christian permanecia naquela humilhação, naquele frenesim de se ver imobilizado, a ofegar como um touro enraivecido, os dois auxiliares foram-se embora e a Besta dedicou-se aos seus

cuidados diários. A vexação deixava Christian à beira da loucura. Almejava desesperadamente por Maddy, mas o medo de que ela chegasse naquele momento, antes de aquilo estar terminado, fazia-o sentir-se agoniado.

Contudo, a Besta terminou e, depois de apontar num caderno os seus odiosos comentários, foi-se embora e deixou-o sozinho. Christian havia de o matar.

Um dia. Um dia.

Não sabia como o faria. Concentrava-se na expressão do rosto da Besta, no prazer que obteria daquele terror, no tempo que demoraria a fazê-lo; certa vez assistira ao enforcamento e desmembramento de dois homens – e recordava a expressão do segundo dos condenados ao ver o verdugo cortar a corda e esquartejar o primeiro. Era esse o medo, era essa a resistência, o espernear e os espasmos incontroláveis, era essa agonia de espanto, de choro, de rosto arroxeado, de língua inchada, de entranhas a retorcerem-se e a rebentarem que ia infligir.

Foi nisso que pensou com um prazer despudorado até que Qu'ridaMaddy chegou.

Ela ainda o perturbava; a transição da noite para o dia, do pesadelo da vingança para a pureza da luz, era quase impossível de aguentar. Acreditara encontrar-se à beira do abismo, mas todas as manhãs ela lhe devolvia a lucidez com a sua presença, para de seguida o deixar à mercê da escuridão e da Besta, cujo humor entretanto piorava com o avançar da noite. Christian começou a compreender que, até então, tivera sorte. Doía-lhe a garganta por causa do garrote; pedia a Deus que a família não se tivesse esquecido dele, que o seu nome lhe servisse de proteção, porque seria muito fácil, muito fácil mesmo, manter o aperto do garrote durante um pouco mais de tempo. E sentia-se abandonado, rejeitado, repudiado. Não tinha qualquer motivo para pensar que existisse algo mais no Universo para além daquela cela, daquele corredor e daquilo que vislumbrava pela janela.

E Maddy. Qu'ridaMaddy. Ali no corredor, com a touca branca e pontiaguda, uma bacia de barbear nas mãos, o olhar fixo nas correias que o imobilizavam.

A Besta odiava-a. Christian percebia isso nos olhos dele quando o homem a via pelas costas, dava pelo ódio a aumentar a cada um dos pequenos confrontos deles, metade dos quais aconteciam por motivos que Christian era incapaz de entender. Receava por ela, desejava que ela se mantivesse afastada e, ao mesmo tempo, ansiava pela sua chegada, carente de palavras para a avisar, para a aconselhar a não aparecer por ali e, ao fim e ao cabo, sem a coragem suficiente para querer ficar sozinho naquele lugar.

Maddy pareceu horrorizada, tal como da primeira vez que o vira. E depois toda a sua figura pareceu acalmar-se e ficar imóvel. Christian já sonhava com a voz dela. Era como se um rio falasse enquanto corria entre margens tranquilas. Quando ela falava, o som da voz levava-o a fechar os olhos e imaginar que compreendia.

Água? Lenha? Volta?

Quando os abriu, ela desaparecera. A Besta mirava-o através das barras de ferro. Limitou-se a olhar, sem sorrir, sem franzir a testa, durante um longo momento carregado de significado. De seguida, depois de lhe piscar um olho e lhe lançar um assobio rápido como se se tratasse de um cão, afastou-se pelo corredor.

Quando Maddy regressou, não permitiu que a Besta entrasse. Rodou a chave na fechadura e entreabriu a porta apenas o suficiente para poder passar. De seguida, puxou-a com força para a soltar

da mão da Besta que, com um balde de água fumegante, tentava entrar atrás dela. As barras fecharam-se estrondosamente.

Christian viu a expressão da Besta quando a água se lhe entornou pela perna até cair no chão. Qu'ridaMaddy pousou a bacia de cobre sobre a mesa e virou-se para encarar o auxiliar. Tinha as mãos nas ancas e as costas rígidas.

– Vej'oquefez! – A Besta controlara o olhar feroz antes que ela se virasse e substituíra-o por um ar magoado.

– Dei'xí – respondeu ela com uma voz tão firme e controlada que até Christian ficou impressionado. – T'dobem.

A Besta retorceu a boca numa expressão feia. Deixou cair o balde, que derramou metade da água, e desapareceu.

Sem hesitar por um momento, Maddy aproximou-se de Christian e começou a desatar-lhe as correias que lhe aprisionavam os braços. Não lhe olhou para o rosto, mas soltou cada uma com uma forte pressão e um puxão. Liberto da parede, Christian equilibrou o peso com a ajuda dos pés, sem poder dar um passo por causa da camisa de forças.

– Nãoconsigoa brirofe cho – disse ela secamente, ainda sem olhar para o rosto dele. Tinha as faces enrubescidas de irritação.

Ele fechou os olhos. Como era a única coisa que podia fazer, baixou-se, dobrando os dois joelhos ao mesmo tempo. Deixou-se cair no chão e conteve a respiração por causa da dor que sentia onde a Besta lhe batera, e esperou, com os ombros para trás e o olhar fixo em frente.

Ela não fez nada durante alguns instantes. Ele sabia o que ela devia estar a pensar, quão estranho ele devia parecer. Rangeu os dentes com força. *Fora! Fora coisa odiosa vil!*

– Ix tonãoer anecessário – disse Maddy, ajoelhando-se atrás dele para lhe abrir a fivela da camisa, libertando-o da pressão forte que lhe mantinha os braços atados à frente do peito. Ela puxou-lhe a camisa dos ombros e deixou-o em tronco nu.

Christian demorou alguns segundos a recuperar o controlo das mãos. Encolheu e estendeu os braços de tal modo que sentiu uma punhalada de dor nas costas. Os dedos dos pés e das mãos voltaram a parecer-lhe seus, em vez de uns objetos inúteis, de umas coisas que nada tinham a ver nem consigo, nem com as suas intenções. Assim que se sentiu capaz de o fazer, pôs-se de pé com um esgar de dor. Maddy também se levantou e sacudiu o pó da saia com a camisa de forças.

Christian agarrou-a pelos ombros, puxou-a para si e deu-lhe um beijo na boca.

Foi curto e intenso. Afastou-a e soltou-a de imediato para que a reação que fizera endurecer as costas da rapariga não se transformasse em medo verdadeiro. Ela estava só surpreendida, pensou ele enquanto a observava, atento à emoção, ao desconcerto, à indignação e à pena que lhe perpassavam o rosto.

– Amigo! – exclamou ela, aturdida.

– Amigo – repetiu ele.

Saíra assim, de modo involuntário, sem qualquer significado. Mas olhou para ela, para a Qu'ridaMaddy, de faces coradas, o queixo desafiador, o nariz fino de solteirona com um alto obstinado e, apesar de se ter deitado mais vezes do que aquelas de que se conseguia lembrar com mulheres mais bonitas e mais elegantes, nunca vira nada mais belo do que Maddy, de cabeça coberta pela coisa engomada – *coisa-branca-cabeça-açúcar?* –, nada mais belo do que Maddy na sua cela.

– *Amor* – disse. – *Amor.*

E ficou desorientado, tal como ela. Olharam um para o outro. A ténue luz da manhã filtrou-se através das grades da janela e iluminou as faces e as pestanas sensuais da jovem.

Aquela boca, séria e pensativa, curvou-se numa expressão seca, incomodada. A rapariga remexeu no casaco com o dedo.

– C'nquista fácil.

– Amigo – repetiu ele com um sorriso hesitante. – *Maddy.* Amigo?

– Apenas amigo? – respondeu ela com um beicinho fingido. – Nãopr'tendente.

Pretendente?

Isso ele não conseguia dizer. Ou preferia nem tentar. O rosto dela continuava coberto por um intenso rubor; a sua atitude trocista disfarçava um certo nervosismo. Christian sentiu-se ofendido ao perceber que ela estava a brincar. Com um resmungo mal-humorado, voltou-lhe as costas.

– Ast'ascostas! – exclamou a jovem. – Oquetaconteceu?

Christian sentou-se na cadeira, virado para o espaldar. Tudo lhe doía ao mexer-se. Tinha quase a certeza de que as suas... as suas quê? *Dentro, branco, forte, curvado, estrutura.* Estava magoado. *Osso. Partir.*

Olhou-a em silêncio, com um ar de desafio.

– Caíst? – perguntou-lhe Maddy.

Passando para trás dele, ela estendeu a mão para as suas costas nuas. Christian ficou tenso ao pressentir o que ela ia fazer, mas o toque foi leve como o de uma pena quando lhe percorreu com os dedos o contorno do que Christian calculava ser uma nódoa negra enorme.

– Dói? – perguntou.

Ele abanou a cabeça.

– Não.

Os dedos moveram-se. O toque seguinte fê-lo encolher-se de dor e emitir um som sofrido entre dentes.

– Ah! – exclamou ela, voltando a palpar-lhe o osso. – Aqui?

Christian assentiu uma vez. A exploração continuou e ele deixou escapar um ligeiro gemido de confirmação. Agarrou-se à cadeira e suportou o exame até um dos toques fazer com que a dor lhe atravessasse as costas como uma lâmina. Ergueu a cabeça. O movimento involuntário foi mais doloroso do que o toque.

– Fratura – disse a jovem e, felizmente, não tornou a tocar-lhe. – Primedward nãosabe? Queda?

Apercebeu-se de que a entendia o suficiente para compreender o significado das palavras. Esforçou-se por encontrar a palavra e conseguiu-o.

– *Queda.*

De forma alguma iria culpar a Besta. Via com toda a clareza o que aconteceria caso o fizesse.

– Comocaíste? – perguntou ela.

Ele limitou-se a olhar para ela. Ela olhou-o com os lábios ligeiramente afastados e a testa um pouco franzida.

– Onde?

Christian encolheu os ombros e fez uma expressão de dor perante o movimento involuntário.

Apercebeu-se de que a resposta não satisfez Maddy. Ela queria fazer alguma coisa, executar alguns ajustes, retirar algum objeto perigoso. Muito bem. Desde que não acusasse a Besta.

Pegou na cadeira pelas costas e fê-la descair sob o corpo, como um mimo, inclinando-a de forma

perigosa. Quando a deixou cair de repente, estremeceu de dor, e viu que o rosto dela se iluminava.

– Ah acadeira! Caístdacadeira?

Ele assentiu.

– Tensdtercuidado. – Aproximou-se e roçou-lhe o ombro. – Movetedevagar. Ésimpe tuoso.

Impetuoso.

Lá isso era. Não a devia ter beijado. Agora sentia-se envergonhado. Naquele estado onde se encontrava, naquele lugar, desajeitado como um animal, a soltar grunhidos e a gesticular em vez de falar. Nem sequer era capaz de abotoar as próprias e malditas... *Quê? Quê? Céus!* Conseguia olhar para baixo e ver aquilo em que estava a pensar, aquelas coisas que lhe cobriam as pernas, mas a palavra era impossível, inalcançável.

Maldição.

Maldição raios inferno merda maldição maldição maldição. Raios!

Aquelas palavras, sim, conhecia-as, e conseguia dizê-las. Já experimentara, quando estava sozinho; tinha todo um repertório de obscenidades em inglês, em italiano, em alemão e em francês. Eram como a matemática. Estavam ali a postos, quando tudo o resto era inacessível.

Maddy aproximou a bacia de barbear e percorreu a borda com o dedo.

– Limpa – disse.

Isso já constituía uma mudança. Assentiu com a cabeça.

Ela dirigiu-se à porta, abriu-a e inclinou-se para pegar no balde de água. De repente, Christian pensou como seria fácil levantar-se, dar-lhe um encontrão e fugir; e, no mesmo momento em que o pensava, levantou-se.

Maddy virou-se e enfiou o balde no quarto. A fechadura fechou-se com um rangido.

Christian fitava-a, ofegante. Ela nem se dera conta. Não sabia como aquilo teria sido simples. A Besta jamais – *jamais* – lhe proporcionara uma oportunidade tão acessível. E ela voltá-lo-ia a fazer, pois não o sabia.

A emoção provocou-lhe uma tontura. A excitação e uma estranha espécie de medo aceleraram-lhe o coração. Se saísse por aquela porta, se abandonasse aquela cela, o que faria? Para onde iria? *Correr! Correr! Sim;* o seu corpo estava preparado, mas a mente parecia imersa num redemoinho de confusão. *Esquerda, direita* – que direção tomaria? Nem sequer disso podia ter a certeza, e parecia-lhe de uma importância vital. Havia escadas. Escadas, portas, esquinas. Os jardins. Muros... *Maldição!*

Qu'ridaMaddy olhava-o com uma expressão cautelosa. Christian apercebeu-se de que tinha os punhos fechados, todo o corpo tenso e prestes a explodir.

– Jervô?

Levá-la-ia consigo. Precisava dela. A ideia de enfrentar o mundo sozinho parecia-lhe aterrorizadora – aterrorizadora e doce. Desejava-o tanto que sentia uma humidade morna a deixar-lhe os olhos a arder.

Ela observava-o, expectante.

Com um esforço que requereu todas as suas forças, Christian pousou a mão na cadeira e tornou a sentar-se. Pestanejou uma ou duas vezes com força.

Maddy sorriu. Christian deixou escapar o ar que tentava a custo sair-lhe do peito. Fez com que os braços se descontraíssem.

– Olha – disse ela. – Trouxeatuana valha.

Olhou-a, confundido.

– Toma.

Surgiu de repente, quase debaixo do seu nariz. Christian chegou-se para trás, estremunhado. Na mão de Maddy estava uma navalha de barbear, não o canivete rombo e de carniceiro da Besta, mas sim uma navalha como a sua, com uma curva exata, de aço e madrepérola.

Era a sua navalha de barbear.

E o seu... *dedo, ouro, família.*

– Anel – disse ela.

O anel dele.

Pegou-lhe com a mão esquerda. Levantou-o.

– Lembras-tedoanel?

Claro que se lembrava. Tinha o seu sinete, era de ouro e pesava-lhe na mão. Não sabia o que fazer com ele.

– Nãotelembras? – Aproximou a mão para pegar na dele.

– Não! – exclamou Christian e fechou a mão com força. Ela tinha de lhe dar tempo, tinha de o deixar pensar.

Ele começou a colocá-lo. Segurou-o com uma mão contra a parte superior da outra. Não era assim. Afastou os dedos ao máximo. Estava sempre a perder noção de onde tinha a mão e, de repente, voltava a encontrá-la. Mentalmente, via o anel no dedo, só parecia incapaz de pensar em como fazê-lo chegar lá.

Talvez *estivesse* louco. Talvez apenas julgasse que estava lúcido. Era como olhar para uma caixa, sabendo que existia uma maneira de a abrir, e dar-lhe mil e uma voltas, incapaz de encontrar uma fresta.

Começou a enfurecer-se. O seu maldito anel!

Fechou os olhos, algo que por vezes resultava quando se encontrava imerso na confusão, ajudando-o a desanuviar a mente. Palpou o anel, girou-o na mão esquerda e de seguida segurou-o entre as palmas das mãos. Virou a mão direita e o anel escapou-lhe e ressoou no chão.

Santo Deus!

Fitou-o, a ofegar fortemente pelo nariz. O ardor pungente nos olhos estava a regressar.

Maddy apanhou o anel. Parecia que ia voltar a guardá-lo no bolso.

Christian levantou-se, pegou na cadeira e atirou-a ruidosamente contra a mesa e a parede. Um pedaço de estuque voou pelos ares, a cadeira inclinou-se para trás, vacilou por um instante e caiu ao chão.

– Não – disse ele, de palma estendida.

– Jervô...

– *Dar!*

Ela estava enrubescida. Ergueu o queixo e apontou para a cadeira.

– Nãodeviastertiradochão. Põe bem.

Christian deixou escapar um silvo de fúria perante aquela impertinência. Ela mantinha o anel atrás das costas. Não lhe custou nada puxar-lhe o braço para a frente e, quando não conseguiu que a outra mão se aproveitasse do momento, apertou-lhe o pulso com os dedos até ela gritar e deixar cair tanto o anel como a navalha de barbear.

Ele agarrou no anel e colocou-o sobre a mesa. Segurou o rebordo da mesa com a mão esquerda,

localizou a mão direita e pousou-a ao lado, espalmada sobre o tampo; fez deslizar os dedos até encaixar o anel com a ponta do anelar e, à força de o mover com o polegar direito e o sinete sobre o tampo, conseguiu passá-lo pelos nós dos dedos até o ter no lugar devido.

Não era a maneira correta de o fazer. Existia outra forma, mas já tinha o anel de sinete no dedo, onde devia estar, e conseguira-o sem ajuda. Triunfante, olhou para a Qu'ridaMaddy.

Esta aproximara-se da porta e segurava o pulso enquanto o esfregava com os dedos.

Christian avançou e Maddy recuou.

O movimento travou-o por completo. Percebeu então que a magoara.

O que é que se passava com ele?

Não sabia o que fazer. Assim ficou um longo momento, a girar o anel com o polegar. Ela tinha aquela expressão apreensiva, a pior que podia ter. Preferia vê-la de queixo erguido e numa atitude de enfermeira intrometida a vê-la assim.

Com uma expressão humilde, virou-se, levantou a cadeira do chão e pô-la no sítio habitual. Descobriu o pedaço de estuque e, com cuidado, colocou-o debaixo da parede rachada. Até repararia a parede, se tivesse instrumentos para o fazer.

A navalha da barba estava caída no chão e deslizara até junto da janela. Apanhou-a. Maddy deixou escapar um ligeiro gemido e agarrou-se à porta atrás dela. Tinha a chave na mão.

Que ingénua. Dois passos bastariam para a dominar, obter a chave e a liberdade; a Besta nunca lhe dera oportunidades daquelas.

Christian segurou a navalha. Maddy parecia absolutamente aterrorizada, mas não se movia nem um milímetro. O ar dela não lhe agradava. Não lhe agradava que fosse estúpida a ponto de o confrontar. E se ele estivesse mesmo louco? Não precisaria de mais de dez segundos para a matar. Ela nunca conseguiria abrir a porta com a rapidez necessária. A Besta sabia-o. A Besta planeava cada movimento com essa certeza. Era por isso que se servia da camisa de forças, do garrote e das correntes.

Com tantos loucos ali, como seria possível que ninguém a tivesse aconselhado a ser cautelosa?

De sobrolho franzido, fitou a navalha. Depois, pousou-a sobre a mesa, ao lado da bacia de cobre, deitou água morna no recipiente e sentou-se na cadeira, tentando fazer uma expressão contrita.

Não era o seu ponto forte. Se pudesse utilizar palavras, se fosse dono de si mesmo e contasse com flores, cartas, diamantes, valsas... assim saberia desarmar uma jovem esquiva.

Maddy observou-o durante um momento muito, muito longo.

Depois, girou várias vezes o pulso, como se estivesse a testá-lo. Com um sorriso seco, disse-lhe:

– Parecexumcachorro, Jervô.

Ora, raios.

– Jáparecestu! – comentou ela, rindo-se com vontade.

Christian apercebeu-se de que substituíra a sua expressão de arrependimento por outra de aborrecimento. Mas o sobressalto de Maddy desaparecera. Ela enfiou a chave no bolso e aproximou-se da mesa.

Christian permaneceu imóvel enquanto ela o barbeava. A qualidade da navalha e a destreza dos dedos da jovem fizeram com que o barbear fosse muito melhor que as carnificinas às mãos da Besta, apesar de a água já estar fria – o que ele supunha que fosse merecido. Recostou-se na cadeira e inclinou a cabeça para trás, para que ela não tivesse de se debruçar em demasia.

Começou a sorrir interiormente. A roupa *quaker* que a jovem vestia, e que tinha como único enfeite

um pano branco cruzado sobre o pescoço, não fora feita para ser vista daquele ângulo. Com as pestanas descidas, ele via tudo o que se encontrava por dentro do peitilho daquele vestido simples, uma visão agradável, um prazer de rapazito de escola. A isso se tinham reduzido os seus prazeres, àquelas satisfações mínimas. Não tinha qualquer intenção de desperdiçar a ocasião.

Maddy foi demasiado expedita. Ele observou-a a limpar a navalha e a bacia com movimentos destros e experientes, e pensou que assim se sentiriam os tigres do jardim zoológico ao ver a tentação cálida passar tão perto da jaula. A diferença era que ele não dava vazão aos instintos, controlando-se até Maddy reunir os utensílios de barbear, sair com eles – outra grande oportunidade, seria tão fácil – e se ouvir o ruído das grades da porta a fechar.

Ela voltaria a fazer aquilo. Uma e outra vez. Christian tinha de pensar. Tinha de dominar o cérebro toldado e pensar.

CAPÍTULO 8

Maddy deu pelo humor de Christian a melhorar de imediato assim que ele viu a roupa nova. Apesar de ele apenas ter observado e tocado nas peças, pegado nas esporas, quando se voltou para ela tinha uma expressão cujas expectativas iam muito para além da mera roupa.

Receou que a tornasse a beijar. Deu um passo atrás, mas ele limitou-se a dar-lhe um empurrão no ombro, um sinal ao qual ela respondeu rapidamente. Saiu para o corredor e fechou a porta de madeira maciça. Uns minutos depois, uma única pancada vinda do interior indicou-lhe que podia abri-la.

Christian, impaciente, estendeu os braços enquanto ela lhe colocava os botões de punho. Ela fez-lhe o nó do laço e em seguida ele apoiou a bota na cadeira e, para que ela lhe pusesse a espora no calcanhar, puxou a tira e indicou-lhe com um gesto que se aproximasse.

Maddy baixou-se e atou as tiras sobre o peito do pé, apertando-as contra a pele luxuosa das botas, que eram de um negro imaculado, flexíveis, lustrosas, dispendiosas. Não lhe provocariam bolhas durante meses nem tingiriam as meias de negro; não seria necessário encher as biqueiras com papéis para vergar o material.

Ela sentia a atenção do homem, intensa e concentrada naquela tarefa simples. Quando encontrou o furo da fivela, sentiu o contacto inquiridor das mãos dele nas suas, tal como o pai palpava os objetos para os identificar.

Abrandou os movimentos, abrindo as mãos para que ele pudesse ver o que fazia com os dedos, como introduzia a ponta da tira sob a presilha.

Ele mudou de perna e colocou a espora no lugar. Depois, deixou a mão imóvel no ar por cima da tira pendente; passou-a sobre a bota e ficou a olhar para a tira.

– Assim – disse ela.

Maddy pegou-lhe nas mãos, fechou-lhe os dedos em volta da tira de cabedal e da fivela, e introduziu uma através da outra. Era moroso. Nas cinco tentativas necessárias, os dois inclinados sobre a bota, Maddy tentou conduzir as mãos dele e mostrou-se indiferente ao ritmo crescente da respiração de Christian, à espiral de frustração que pressentia nos músculos tensos do homem. Inclinada tão perto dele, sentia a enorme força e tamanho daquele corpo, um intimidante potencial explosivo.

Por fim, a tira ficou encaixada na fivela. A jovem agarrou-a antes que voltasse a sair, colocou a extremidade entre os dedos dele e dobrou-a para trás, algo simultaneamente simples e complexo. As mãos de Christian eram desajeitadas como as de uma criança mas, ao mesmo tempo, eram mãos de homem, firmes e fortes, demasiado grandes para poderem ser conduzidas com facilidade. Maddy apertou o polegar dele contra a ponta da fivela. Miraculosamente, encontrou o buraco à primeira tentativa. Christian fez um som gutural de triunfo misturado com raiva.

Maddy voltou a guiar-lhe as mãos para terminar a tarefa, levantar a fivela e fazer deslizar por ela o

resto da tira. Nova tentativa e novo fracasso. Ele resmungou entre dentes, mas não soltou nem a tira, nem a fivela, que mantinha apertadas com tal força que só dificultava o processo. Maddy conduziu o dedo dele até o parar sobre a extremidade dobrada para cima da tira e puxou a fivela para baixo.

– Põe-na no sítio.

Ele nada fez, limitando-se a não as soltar.

Maddy olhou para ele de esguelha. Tinha o rosto muito próximo do seu, mais próximo do que estivera o rosto de qualquer outro homem além do pai. Ele olhou-a sob as pestanas negras.

Ele fechou os olhos e mexeu as mãos. A tira passou pela fivela.

– Isso mesmo. Já está.

Ela soltou-o e recuou. Ele endireitou-se, com a bota ainda na cadeira. Ambos ofegavam como se tivessem estado a correr.

– *Va... mos* – disse Christian com esforço. E sorriu-lhe.

Só então, vendo-o calçado com as botas altas e as esporas, vestido com as calças de cabedal e o casaco verde com aberturas, tão sofisticado e galante como qualquer cavalheiro que cortejasse as damas nas carruagens de Rotten Row, é que Maddy se apercebeu do erro que cometera. Vestira-o para montar; e ele olhava-a, emocionado, ansioso e expectante.

– *Vamos* – repetiu com tanto esforço que soou a exalação.

Sem proferir palavra, Maddy fez uma expressão negativa.

Não sabia que dizer. Fora vítima do entusiasmo e da própria ignorância. Julgara saber o que ele teria vontade de vestir, e pensara que o verde combinava bem com os tons alaranjados e beges. E em que lugar vira ela, todos os dias da vida, aquela combinação de roupas de estilo? De onde a tinha tirado, senão dos cavalheiros que cavalgavam, montados nos seus reluzentes cavalos, pelas ruas e praças da alta-roda?

Com o silêncio, o sorriso dele desvaneceu-se. Christian fitava-a com intensidade como se, por mera concentração, pudesse encontrar o que desejava no rosto dela.

Maddy comprimiu os lábios, incapaz de reparar o erro cometido. Tornou a abanar a cabeça.

A desilusão gelou o rosto de Christian, cuja expressão se assemelhava a gelo escuro. Olhou para ela durante um instante de perplexidade e, de seguida, virou-lhe costas. A sua mão pairou sobre a espora afivelada. Ele baixou o olhar para a espora e, com a mão direita, esforçou-se por a tirar. Levantou a bota esquerda e arrancou essa espora com a mão esquerda.

Ficou com as duas esporas nas mãos e o olhar fixo na cadeira.

De perfil, uma emoção hirta e intensa marcava-lhe a boca e a face. Ele não se mexeu mais, permaneceu simplesmente imóvel, mas Maddy deu pelos seus próprios pés a recuarem na direção da porta e da segurança.

Procurou a chave no bolso. Christian mirou-a; e nem sequer nos olhares que ele dirigia a Larkin ela havia visto tamanho rancor e desprezo.

Sentiu uma onda de terror subir-lhe pela garganta. Olhou de lado para a chave e enfiou-a na fechadura, com receio até de lhe virar completamente as costas. Abriu a porta de grades e passou rapidamente. A porta de ferro nunca se fechava em silêncio; trancava-se sempre com uma forte reverberação de metal a embater em metal.

Christian aproximou-se da porta. Sem pensar, e apesar de estar protegida pelas barras, Maddy recuou. Primeiro uma e depois a outra, ele levantou as esporas e deixou-as cair por entre as grades. Depois de embaterem no metal, as esporas caíram no chão com uma pancada seca.

Christian estava deitado na cama, atento aos sons do manicómio.

Odiava-a. Odiava aquela falsa cabra piedosa. Odiava-a porque, afinal, era como os outros, submetia-o aos seus jogos sujos enlouquecedores, que nada tinham da crueldade dos banhos gelados, nada que ele pudesse prever, contra o qual se pudesse defender; oh, não, era algo muito mais subtil que isso, mas devastador.

Dera-lhe esperança. Fizera-o acreditar nela. Fizera-o parecer um imbecil, uma criança. Um idiota inepto e inútil.

Julgara que iam sair. Para onde, como e porquê, nada disso interessava. Tudo o que importava era ir. A liberdade. Estar fora da jaula com a garantia de poder contar com ela para se orientar no exterior.

Odiava-a.

Ódio por ela.

Ódio ódio ódio ferir sangue fria cabra pérfida.

Com isso misturava-se a dor, um rancor diferente da sanha pura e total que dedicava à Besta. Para a Besta, ele não passava de um monte de carne em movimento, um boi que se tinha de amarrar e açoitar como se fazia ao resto dos animais loucos e perigosos que povoavam aquele lugar. Nunca fora nada pessoal; Christian entendia-o – até Maddy ter chegado e derrubado o auxiliar do trono. Agora sim, já era pessoal, e também isso era culpa dela.

Odiava-a. Sentia-se humilhado. Doíam-lhe as costas devido ao castigo da Besta, envolvidas numa coisa *apertada branca difícil respirar*. Que a humilhação da esperança e da desilusão pudesse ser mais intensa do que qualquer coisa que a Besta lhe infligira foi uma revelação amarga. Confiara nela, permitira-lhe que visse o seu estado de confusão, que o ouvisse falar, deixara que ela conduzisse as suas desajeitadas mãos inúteis. Ela trouxera-lhe a roupa dele, ajudara-o a calçar as esporas, transformara-o numa miragem de si mesmo.

Porquê, porquê, porquê, Qu'ridaMaddy?

Para quê dar-lhe aquela esperança? Para lha arrancar de repente? Para ter o poder de abanar a cabeça e dizer-lhe que não? Ali estivera, com a chave tão fácil de conseguir, para depois fugir para onde ele não podia ir?

Não podia. Não iria. Tinha medo de ir sozinho.

Passou as mãos sobre os olhos e depois pelo cabelo, desafiando a dor intensa nas costas. Nunca imaginara que seria tão cobarde, com medo de algo que desejava com todas as forças. Ainda a odiou mais por lhe ter mostrado a realidade acerca de si mesmo: ele preferia aquela jaula para animais a arrancar-lhe as chaves da mão e sair porta fora por si mesmo.

Virou-se e saltou da cama, a arquejar de dor. Já de pé, deambulou pelo quarto e tocou nos poucos objetos que ali se encontravam. Reconfortou-o encontrar a mesa no sítio de sempre, a cadeira a um palmo da lareira. Quaisquer mudanças no quarto enfureciam-no. Receava que apenas os loucos se preocupassem tanto com coisas tão mínimas e tentava não se importar, mas não o conseguia.

Olhou para baixo, para os pés enfiados nas botas altas. Um louco. Um animal endoidecido, mudo e enjaulado. Agarrou as barras da porta e sacudiu-as contra a estrutura de aço. Inundou o quarto e o corredor com o ressoar do metal.

Perceber, Qu'ridaMaddy? Ouvir isto? Compreender sentir não ser eu, não ter orgulho, doente

vergonha vestido casaca botas com esporas não sair?

Compreender?

Sacudiu as grades com violência. Sabia que ela o ouvia. Sabia que estaria sentada na cadeira de espaldar direito, fora do seu ângulo de visão.

Ela não apareceu. Christian sentou-se, levantou-se e voltou a palmilhar o quarto.

Surgiu-lhe um pensamento, o pensamento de um louco, o tipo de pensamento que jamais teria tido na vida real. Mas a honra não existia. Naquele lugar nada mais havia do que força bruta e sentimentos, e ia fazer com que ela entendesse. Ia fazê-la entender o que era ser-se destruído até à mais profunda ignomínia, perder até o mais ínfimo resquício de amor-próprio. Ia fazê-la chegar à sua própria abjeção, faria com que fosse ela a culpada da sua própria desgraça, tal como ela o seduzira até à humilhação mais absoluta.

Solteirona dos «tus» moralista hipócrita e puritana; sabia exatamente como o fazer.

Maddy não regressou. Christian passou o dia fechado e vestido como se fosse um ser humano, entediado e amesquinhado. Já não era um simples animal, tinham-no transformado num urso de feira, a que não faltavam casaca, botões de punho de pérolas e suspensórios bordados.

Quase ao anoitecer, sons de chegada de carruagens ao pátio atraíram-no à janela. Viu três carruagens a esvaziarem-se de passageiros, que Maddy, a Besta e os outros auxiliares dividiram em grupos e conduziram para o interior. Os veículos afastaram-se, mas Maddy e um jovem demoraram-se no pátio. O rapaz falava com entusiasmo, mas as palavras não chegavam aos ouvidos de Christian. Este apoiou o queixo nas grades e observou-a a escutar, a assentir e a sorrir enquanto o jovem intercalava as frases com gargalhadas estonteadas.

Outro louco. Christian desprezava a amabilidade condescendente dela. Também lhe teria sorrido e assentido assim, não teria? Com a mesma indulgência com que se tratavam as crianças traquinas e os animais.

Mas com ele, não. Não ia deixar que voltasse a acreditar nisso.

Em vez de Maddy, foi a Besta que lhe levou o jantar. O auxiliar tinha pressa e pareceu não se aperceber quando Christian não opôs resistência à rotina diária. Só quando deixou que o algemasse sem se revoltar é que a Besta parou para o mirar de sobrolho franzido. Christian correspondeu ao olhar inquiridor com um de fria neutralidade.

– O garrote deu-te que pensar, hã? – A Besta sorriu de orelha a orelha e deu-lhe um empurrão quase amistoso.

Christian pensou em todas as formas metódicas e atrozes como havia de o matar. Fitou o guarda sem pestanejar. Larkin, que não era tolo, resmungou e afastou a mão. Compreendiam-se perfeitamente.

Planear uma sedução no escuro, acorrentado à cama, requeria uma potente evasão da realidade que o cercava. Era preciso retorcer a raiva e o desalento, engolir o sofrimento, enfrentar a realidade em que se encontrava e prosseguir então como se isso não passasse de um inconveniente: um marido ou um amante, a planta perversa de uma casa de campo com dois quartos demasiado separados, uma tia ou prima inquisitivas, algo a ser ultrapassado para se atingir o objetivo desejado. Um desafio.

Christian conhecia bem as mulheres. Tinha-a atemorizado. Isso teria de ser reparado. E ele era um paciente. Ela considerava-se sua enfermeira.

Quanto a isso... recordou como ela o olhara quando se pusera nu à frente dela. *Solteirona quaker puritana enfermeira boquiaberta. Não fugir aos gritos, ela não. Choque. Escândalo.*

Curiosa.

Ergueu os olhos na escuridão, enquanto um sorriso lento se lhe espalhava pelo rosto. Conseguiria. Maldito fosse se não conseguisse. E ainda desfrutaria daquilo.

– Amanhã levamo-lo a dar uma volta, para experimentar. Vamos de carruagem até à aldeia e depois voltamos para aqui. Vestiu-lhe as roupas novas?

Maddy encontrava-se diante da secretária do primo Edward.

– Sim.

O médico voltou a ler as notas sucintas que ela escrevera no caderno.

– Não descure pormenores. Tome sempre nota de coisas como essas e do modo como o doente reage. Ele tolerou bem as roupas?

Ela uniu as mãos, apertou-as e voltou a separá-las.

– A que te referes?

– À reação dele. Fez alguma tentativa de as tirar? De as arrancar?

– Não. Oh, não. Nada... nada desse género.

– Então, não houve a mínima reação?

– Foi... tem dificuldade em vestir-se e acho que se aborreceu com isso. Ajudei-o a colocar as esporas.

– As esporas? – Recostou-se na cadeira. – Por que motivo lhe colocou as esporas, querida?

– Com as botas, pensei... todos os cavalheiros da cidade... parece que andam sempre com elas postas.

– Andam? – resmungou. – Será assim a moda, então? – E voltou a concentrar a atenção nas anotações. – Barbeado... vestido... mais nada? Esteve calmo durante todo o dia?

– Sim. Só de manhã esteve um pouco... – Procurou a palavra adequada. – ... inquieto. Houve uma altura em que começou a dar pancadas na porta. Mas não gritou.

O primo Edward fechou o caderno.

– Parece-me que talvez comece a exercer sobre ele uma influência benéfica. Julgo que já vemos um pouco mais da sua antiga personalidade. Na presença de uma senhora, é mais cioso do seu orgulho. Podemos utilizar esse facto para lhe encorajar o autodomínio. De manhã, vista-o para sair. Desagrada-me ter de o acorrentar durante toda a viagem até Londres, mas primeiro vamos ver como se comporta num trajeto curto. Diga ao Larkin que saímos às onze.

Na manhã seguinte, Maddy entrou no quarto de Jervaulx de cabeça inclinada, e afastou-se para um lado para que Larkin saísse. Escolhera as roupas e levara-as para baixo de manhã cedo, deixando-as numa pilha ordeira sobre a cadeira por que Larkin passaria, esperando que o auxiliar se encarregasse da tarefa de vestir Jervaulx. Depois de rezar e se entregar a uma longa meditação, chegara à conclusão de que ultrapassara os verdadeiros limites da sua Revelação, que se excedera ao seguir o caminho indicado pela sua Luz Interior. Decerto fora isso, pois era óbvio que estava a conduzir Jervaulx a uma frustração mais intensa, a uma menor paciência e aceitação da vontade de Deus, em

vez de maior.

Parte de si desejava manter-se por completo à margem daquilo, mas outra queria persistir e oferecer-lhe toda a amizade de que era capaz. Meia noite a rezar não bastara para lhe dar certezas quanto a que parte corresponderia à voz da Razão e qual a uma verdadeira missão. Estava ali porque o primo Edward lhe ordenara que se encarregasse de que Jervaulx estivesse pronto para sair, não porque mantivesse qualquer convicção acerca da missão recebida.

Larkin deteve-se e virou-se ao ouvir o ruído da porta a fechar-se.

– Foi a menina que lhe pôs isto?

Mostrou-lhe o pesado anel de sinete.

Maddy anuiu com a cabeça.

– Se ele me batesse com isto – explicou-lhe o auxiliar –, havia de me deixar marcado para o resto da vida. E à menina... à menina podia partir-lhe o maxilar como se fosse um ovo.

Ela guardou silêncio.

– Não lho ponha – avisou Larkin.

E afastou-se, com uma pilha de lençóis e roupa nos braços.

Maddy virou-se para Jervaulx. Este estava no seu lugar habitual, junto à janela, com a silhueta delineada a contraluz. Daquela vez, ela escolhera uma casaca cinzenta, um colete roxo e dourado, calças de um cinzento mais escuro e sapatos, em vez de botas. Larkin já lhe apertara os botões e fizera-lhe um nó vulgar, quadrado e prático no lenço que ele tinha ao pescoço, mas Jervaulx não perdia a aparência aristocrática nem sequer quando envergava as roupas baratas e justas do manicómio. Com ou sem um nó pouco requintado, naquele momento era um verdadeiro duque.

Olhou-a com uma expressão estoica. Depois, dirigiu-lhe uma ligeira vénia, como se ela se tratasse de uma aristocrata.

– Amigo – saudou-o Maddy.

Ele sorriu um pouco. Ela avançou mais pelo quarto. No entanto, quando ele se moveu, deteve-se a uma distância prudente.

Inesperadamente, Jervaulx ajoelhou-se, com um movimento lento e muito cuidadoso, e estendeu o braço por baixo da cama, retirando daquele espaço escuro um objeto que se parecia com uma pedra branca e tosca. Maddy preparou-se para se lançar rapidamente na direção da porta, mas a única coisa que ele fez foi levantar-se, mostrar uma atitude nada ameaçadora e oferecer-lhe aquele objeto disforme.

Era o pedaço de estuque que ele tinha feito soltar-se da parede. Quando ela hesitou, Jervaulx avançou um passo, aproximou-se dela, pegou-lhe na mão e entregou-lhe o pedaço partido. Emitiu um som suave, tocando com o dedo na superfície plana.

A substância deixou-lhe pó de calcário na mão. Maddy baixou os olhos e viu uns riscos na parte superior do pedaço de gesso. Quando o inclinou para a luz, viu, com alguma dificuldade, algumas palavras. Apesar de a letra ser desajeitada e ter erros, ela conhecia bem a caligrafia de Jervaulx e foi capaz de a ler.

Mady

Bonita

Deculpa

Ela observou a oferenda frágil.

– Certo. Sim. Estás arrependido. – Enquanto falava, mantinha o rosto escondido. Pressionou os

lábios, com o fragmento da parede entre as mãos, e de seguida sussurrou: – Mas o meu arrependimento ainda é maior.

Ele tocou-lhe no queixo e levantou-lhe o rosto com a mão.

– Lamento imenso... – continuou ela. – As roupas. Compreendes?

Não conseguia ver se ele percebia. Cravou os olhos nos dele, naquela profundidade escura e azul. Teve a impressão de que um sorriso ligeiro, muito ligeiro, surgia no rosto de Jervaulx. Ele soltou-a, depois de lhe traçar uma leve carícia na face. Maddy recuou com passos inseguros.

– Gostarias de ir à aldeia hoje? – perguntou-lhe.

A expressão do rosto de Christian alterou-se de forma indecifrável, perdendo o sorriso ligeiro. Ele fitava-lhe intensamente os lábios.

– Ir – explicou ela. – Na carruagem. Até à aldeia.

– *Ir*.

Maddy assentiu com a cabeça.

– Ir na carruagem até à aldeia.

– Qu'ridaMaddy... ir?

– Tu. O senhor. Jervaulx. Tu vais.

Ele fez um aceno de assentimento. Tocou-lhe no braço.

– Qu'ridaMaddy... ir?

– Oh, sim. Eu também vou. Se quiseres.

Daquela vez ele sorriu abertamente. Maddy apertou os dedos em volta do pedaço de gesso. Era uma experiência bastante intensa ser o centro daquele sorriso. Retribuiu com outro, rápido e nervoso.

*

Escoltado pela Besta e pelo médico, Christian caminhou para o exterior. Não desviava o olhar da figura casta de Qu'ridaMaddy, que caminhava à frente com o seu vestido negro de colarinho branco e aquela colherada absurda de açúcar na cabeça. Sentia o sol frio no rosto e nos ombros, ouvia o trote suave dos cavalos, o rangido dos arneses, o ruído dos pés ao pisar a gravilha do pátio.

Sentia-se avassalado pelo exterior, por toda aquela luz e espaços amplos, os relvados e o lago, as árvores. Tinha julgado que, assim que pudesse, desataria a fugir, mas nesse momento só a custo não se virara para poder regressar para dentro, para a sua cela. Maddy e o orgulho incitavam-no a avançar. Não ia comportar-se como um louco poltrão, não era altura para isso.

A carruagem estava à espera deles. Maddy entrou, auxiliada por um criado. Christian seguiu-a. Uma dor lancinante percorreu-lhe as costas ao içar-se. Abafou um gemido, rangendo os dentes. O interior da carruagem cheirava a fumo de cachimbo e a água de alfazema rançosa. Era muito vulgar, com uma abundância de tecidos adamascados, debruados a veludo púrpura.

Sentiu o pânico apoderar-se de si pelo simples motivo de se encontrar no exterior. Tinha medo de que alguém o visse; de ser obrigado a compreender as conversas tartamudeadas de desconhecidos; de que esperassem que falasse. Agarrou-se à correia do lado da porta e à mão de Maddy do outro, e apertou ambas com força.

Ela virou o rosto e mirou-o. Quando a Besta e o médico ocuparam o assento dianteiro, Christian apertou ainda mais a mão da jovem, sem intenção de a soltar.

O médico sorriu-lhe com benevolência.

– Umpoucassus tado? – perguntou. – Nãoháprigo. Calma.

Christian observou com desdém o sorriso afetado do rosto gorducho. A escolher algo de sólido a que se agarrar, não seria aquele homem vulgar. Naquela manhã estava ridículo, de calças de montar e botas com esporas, como se alguma vez na sua miserável vida provinciana tivesse saído da sua caleche de duas rodas e montado um puro-sangue.

Entre os sons dos arneses e a repercussão baixa dos cascos dos cavalos, a carruagem deu o costumeiro solavanco inicial e começou a rolar. Christian deixou que o movimento o recostasse nos almofadões do assento, o que lhe provocou uma dor seca na lesão. Concentrou-se em controlar-se, observando a paisagem, sem tentar procurar palavras para dar nomes às coisas que não sabia nomear. O caminho de acesso à casa era longo e plano. De todos os ocupantes da carruagem, ele era o único que continuava agarrado à correia lateral como se a sua vida dependesse disso. Fez um esforço e ordenou à mão que se soltasse, enquanto tentava recordar que tudo aquilo lhe era familiar: a carruagem, o ar livre, a relva e as árvores que começavam a adquirir o brilho dos tons outonais.

A carruagem chegou ao portão da propriedade, atravessou-o e iniciou um percurso sinuoso por caminhos ladeados de sebes. Em contraste com a cor pálida e dourada dos campos de trigo, as pastagens reluziam ainda num verde esplendoroso. Olhou pela janela, sentindo-se inquieto.

Colheita, trabalhos, arrendatários, jornaleiros, coisas de metal em movimento, ritmo regular... não aqui!

Em sobressalto, surgiu-lhe na mente a recordação terrivelmente intensa do castelo de Jervaulx, da época das colheitas em Gales, de campos agrestes que não se pareciam em nada com aqueles tão bem cuidados. Como poderia ter-se esquecido de tudo isso? *Lã caprina... trabalho... arrendatários-arrendatários-arrendatários...*

As colheitas em Jervaulx. Quem estaria a tratar disso?

De súbito, chegaram à aldeia. Umas quantas casas caiadas, de telhados vermelhos, uma igreja, uma taberna com a tabuleta de um touro negro por cima da porta. A carruagem abrandou a marcha. Deteve-se em frente à taberna e oscilou quando o cocheiro desceu para abrir a portinhola. Christian foi apanhado de surpresa, atordoado, ainda a tentar encontrar um sentido para aquelas novas imagens do seu lar e das colheitas.

Voltou a agarrar-se à correia e apertou-a com força, tal como à mão de Maddy. O médico desceu da carruagem, parou nos degraus e olhou para Christian com aquele sorriso insípido e expectante. O taberneiro saiu pela porta do estabelecimento a secar as mãos ao avental com uma expressão alegre e cumprimentou-os com familiaridade, como se já os esperasse.

Christian não se moveu. Recusava-se a sair e a exibir-se em público como mais um louco.

– Vem? – perguntou-lhe o médico.

Christian olhou-o com uma expressão de fúria.

– Anda lá – disse a Besta, e levantou-se, inclinado sob o teto baixo. Fez sinal a Christian para que saísse à frente dele.

Christian, apesar da dor, afincou-se no assento. Não soltou a correia, nem a mão de Maddy, e emitiu um resmungo gutural. Não queria sair; mas também não queria iniciar uma briga da qual saísse ainda mais humilhado. Desesperado, olhou para Maddy.

Ela sorriu-lhe. Era o mesmo sorriso tranquilizante que esboçara perante o jovem louco das gargalhadas no dia anterior, o sorriso que uma ama paciente dedica às crianças a seu cargo. Christian percebeu de repente o que era tudo aquilo: uma charada, um pequeno jogo em que todos sabiam de

cor o papel que lhes correspondia. O taberneiro à espera da carruagem, a aldeia tranquila, a Besta a um dos lados – uma recriação de um mundo real, mas Christian não estava de todo no exterior. Continuava fechado no manicómio. Só lhe haviam ampliado os muros.

Ali não havia público perante o qual se humilhasse. Já sabiam que ele era louco. Esperavam que assim fosse. Ele poderia desatar aos gritos desvairados e aqueles sorrisos suaves não vacilariam, limitar-se-iam a acorrentá-lo.

Apesar do sorriso animador que lhe dirigia, a mão de Maddy remexia-se inquieta na sua. Christian percebeu que ela tinha medo do que ele podia fazer. Não era muito boa a disfarçar. Isso, mais do que qualquer outra coisa, fez com que lhe soltasse a mão, se levantasse e saísse da carruagem como um homem civilizado, pois não queria que ela o receasse. Queria que tivesse medo de si mesma, *solteirona condescendente paciente que trata todos por tu.*

Assim que ele saiu da carruagem, Maddy voltou a sorrir-lhe. Christian suportou o sorriso. Era o aluno dileto, circunspecto e obediente. Estava calmo.

Era um menino muito, muito bem-comportado.

Aos poucos, Maddy foi-se descontraindo, dado que a ocasião decorria sem problemas. A tensão inicial de Jervaulx desaparecera; ele olhava em redor com um interesse despreocupado pela aldeia, como se não se tivesse alterado em momento algum, embora Maddy ainda sentisse a mão dorida da força com que ele lha apertara na carruagem.

– E se déssemos um passeio? – perguntou o primo Edward. – Sua Senhoria a duquesa pediu que Mr. Pember fosse apresentado a Mr. Christian. O vicariato fica do outro lado dos terrenos comunais.

Quando Maddy agarrou na bainha da saia e na bolsinha para começar a andar, vislumbrou um relampejo de pânico nos olhos de Jervaulx. Ele hesitava, com um olhar inquieto e abrangente. A seguir, num daqueles processos desconcertantes e alquímicos que ela começava a reconhecer, dominou a confusão e voltou a controlar-se. Com um olhar irónico lançado ao primo Edward, que já começara a andar, Jervaulx aproximou-se de Maddy e ofereceu-lhe o braço.

A jovem sentiu um estranho acanhamento ao ser objeto de tanta cortesia. Ele pegou-lhe na mão e apoiou-a no braço como se isso fosse absolutamente natural – e talvez para ele o fosse, mas Maddy nunca andara de braço dado com outro homem que não o pai, exceto por breves instantes para entrar e sair da Assembleia, quando o médico a cortejara.

Claro estava que Jervaulx só fazia aquilo por ser quem era, um duque e um cavalheiro, pretendendo que o primo Edward não o esquecesse. Maddy compreendia isso. Quando Jervaulx lhe cobriu os dedos com a outra mão, sem permitir que se escapassem, foi para que o primo Edward visse.

Não obstante, uma dama *quaker* podia sentir-se bastante lisonjeada, e, por um instante, imaginar-se de um modo quase pecaminoso enquanto duquesa de verdade – embora pertencesse a um grupo de pessoas peculiares e o seu duque fosse um espírito perdido e transtornado.

Com Larkin a segui-los, Maddy atravessou os terrenos comunais de braço dado com Jervaulx. Por estranho que lhe parecesse, não se sentia incomodada. Não precisava de encurtar nem de alargar o passo para se adaptar ao dele, como tivera de fazer naqueles breves passeios com o médico. Também não tinha de se preocupar onde colocava os pés. O caminho bem marcado que atravessava a relva era seu, enquanto Jervaulx se mantinha na relva, mais irregular. Quantas damas não teria ele passeado

assim, para ser tão prazenteiro e natural! Quando chegaram à ruela do outro lado do prado, ele deteve-se, como se se tratasse de uma rua londrina cheia de tráfego, e ela o par que ele tinha de ajudar a atravessar. Ao chegar à cancela do vicariato, cedeu-lhe a passagem para que ela se adiantasse e inclinou-se para manter a cancela aberta quando esta, depois de o primo Edward passar, começou a fechar-se.

Ela passou, Jervaulx soltou a cancela e deixou cair a bola de metal suspensa da corrente para que se fechasse rapidamente. Ao ouvir a pancada seca e o resmungo de Larkin atrás de si, Maddy lançou-lhe um olhar de lado. O cavalheiro franziu as sobrancelhas e fitou-a com uma expressão de languidez aristocrática.

Mr. Pember já se encontrava no vestíbulo para os receber, preparado para a ocasião devido à mensagem que o primo Edward ditara atempadamente a Maddy. Tratava-se de um daqueles vigários que Maddy tinha crescido a ouvir que representavam o pior da sua espécie: servil e acomodado, com uma casa cheia de sofás confortáveis, tapetes, tabuleiros de doces e demasiadas velas e candeeiros.

Após alguns minutos de conversa, Maddy já tinha concluído que ele era afável, educado e verdadeiramente desagradável. Não era de surpreender que a duquesa viúva o tivesse achado merecedor de ser apresentado ao filho. Estava cheio daqueles sentimentos pios com os quais a dama enchera os longos e extensos sermões das suas cartas.

Assim que terminaram as apresentações, Mr. Pember começou a falar a Jervaulx sobre o preço a pagar pelo vício e pela baixeza moral, referindo-se, no tom mais suave e cordial, a um castigo merecido, enquanto o espreitava por trás de uns óculos quadrados e, entre pitadas de rapé, recorria com frequência a um lenço. Maddy esperava que Jervaulx não percebesse nada daquilo; que achasse que o homem nada mais fazia senão contar-lhes coscuvilhices de aldeia, já que era precisamente nesse tom que o vigário emitia as suas preleções moralistas acerca da justiça divina.

Não lhe parecia que Jervaulx compreendesse as palavras de Mr. Pember. O duque limitava-se a olhar para o anfitrião com uma expressão de aborrecimento educado, como se já tivesse passado muitas vezes por aquilo. Aceitou uma chávena de chá da governanta, olhou por cima da chávena e dos ombros robustos da mulher para Maddy, enquanto aquela servia o primo Edward, e dirigiu-lhe um sorriso cúmplice, percetivo e subtil.

Sentada naquela sala, entre o vigário e o primo, Maddy sentiu-se mais próxima de Jervaulx do que quando estivera sozinha com ele no quarto com grades. Ali, era ela a estranha, separada dele por quilómetros e vidas diferentes, incapaz de compreender e de ser compreendida. Aqui, a comunicação entre eles parecia perfeita: um entendimento imediato daquela sociedade tão fechada, com a sua beatice irritante.

Jervaulx pegou no pires e na chávena, e levantou-se para olhar pela janela e ver o jardim. O sermão do vigário foi interrompido. Aparentemente, até este era incapaz de continuar perante uma tão óbvia exibição de indiferença.

No curto silêncio, Jervaulx disse:

– *Gato.*

A expressão do rosto de Mr. Pember foi quase cómica. Maddy via que, aos olhos do vigário, a inteligência de Jervaulx caía rapidamente vários pontos. Com um aceno de assentimento, o pároco soltou um riso incomodado.

– Ah, sim. É uma linda gatinha, não é verdade?

Jervaulx olhou para Maddy. Pousou a chávena no parapeito da janela e fez um gesto à jovem para

que se aproximasse.

– Oh, céus... será isso? – perguntou Mr. Pember, ao ver que Jervaulx se encaminhava para a porta. – Será que quer sair?

O duque deteve-se junto do cadeirão de Maddy e, num tom capaz de mobilizar um regimento, repetiu:

– *Gato*.

Deixou cair a mão sobre o ombro de Maddy e apertou-lho com força.

– Não há problema. Saia com ele, prima Maddy. Deixe que veja o sítio, se é isso que quer, mas não saiam do jardim.

Ela levantou-se, satisfeita por obedecer. A governanta conduziu-os até à porta das traseiras, que levava a uma cozinha agradável e a um jardim. Entre os muros altos de tijolo, as matas de espargos começavam a amarelecer e a deixar cair sementes. Havia cenouras plantadas em fileiras curtas e ordenadas. Maddy avançou alguns passos e foi então que viu o que havia ao virar da esquina. Ali, junto do muro, encontrava-se um frondoso arbusto de dálias de aspeto impressionante. As flores amontoavam-se em enormes ramalhetes cheios de cores, vermelhas, alaranjadas e brancas com tonalidades rosas, chegando a uma altura de mais de dois metros no seu esplendor outonal.

Era o tipo de jardim que Maddy sempre quisera ter – sobretudo prático, mas com um recanto dedicado a algo vivo e maravilhoso, algo que não tivesse utilidade e fosse apenas uma fantasia risonha.

A gata do vicariato, uma simples gata amarelada de cauda torta, desapareceu atrás das dálias. Maddy não acreditava que Jervaulx estivesse verdadeiramente interessado no animal; supunha que o utilizara como desculpa para escapar da sala, mas ele afastou-se dela e perseguiu o bicho até uma passagem sombria atrás das flores.

Maddy ficou à espera. As flores roçagaram quando ele passou. Os ramalhetes frondosos do topo sacudiram-se alegremente, movidos por uma mão invisível.

De repente, a gata apareceu sobre o muro, a recuperar o equilíbrio depois do salto. Bufou para onde Jervaulx estava escondido e saltou para o outro lado do muro.

O jardim mergulhou em silêncio. Maddy inclinou o rosto à espera de que Jervaulx, depois de ter perdido o animal, voltasse a aparecer. Ouvia as gargalhadas abafadas que chegavam do grupo reunido no salão e um som estranho, fraco e chilreante sob a brisa suave.

Avançou cuidadosamente, sem muita confiança em Jervaulx. Não podia descartar a possibilidade de este querer agarrá-la de surpresa, disso tinha a certeza. Levantou a saia para atravessar o carreiro de terra e inclinou-se para esquadrinhar a parte detrás do arbusto denso de dálias e o espaço resguardado pelo muro.

Christian estava encostado ao muro. Segurava nas mãos um gatinho bebé com o pelo às manchas, enquanto mais três ou quatro miavam, gatinhavam e lhe escorregavam pelos pés. Com o polegar, acariciava a cabeça minúscula do animalzinho. Daquele recanto escondido, olhou para Maddy com um sorriso convidativo.

CAPÍTULO 9

Maddy hesitava.

No espaço estreito atrás das dálias, Jervaulx inclinou-se para agarrar outro gatinho, segurando os dois, um ao lado do outro, na palma da mão, uma bola de pelo às manchas contra outra bola preta. As crias bufaram uma à outra e, de seguida, aninharam-se e acomodaram-se na mão. Maddy aproximou-se cuidadosamente para não pisar os outros gatos aos pés do duque. Este aproximou a mão para que Maddy acariciasse a pelagem macia com o indicador. Quando ele lhe passou o gatinho de pelo às manchas, ela aceitou-o e sentiu as picadas das unhas na mão, como se fossem minúsculos alfinetes.

Aquele recanto atrás das dálias recordou-lhe a infância, quando se enfiava de gatas sob a toalha de baeta que cobria a mesa da sala e ali, escondida pelas pregas que chegavam ao chão, criava um quarto escuro só seu. Naquele momento, o quarto de sonho era rodeado não por tecido, mas por plantas e tijolos, uma espécie de parede vegetal que se movia e roçagava. Os cheiros não eram doces e vãos como os fabricados por seres humanos, mas antes aromas de terra e perfumes telúricos.

Ergueu o rosto e olhou para Jervaulx sob a touca. O duque tinha o ombro encostado ao muro de tijolo, segurava o gatinho na mão e mexia ritmadamente o dedo para acariciar a diminuta cabeça da criatura.

O rosto conservava aquele sorriso leve e cúmplice. Ergueu o gatinho preto, acercando-o do rosto dela. Desceu a mão para que o pelo do gatinho acariciasse a pele de Maddy, da têmpora aos lábios.

Ela sentia o animal a mexer-se na palma da mão dele e o focinho curioso a tocar-lhe, a explorar. Os grandes olhos azuis do gatinho cravaram-se nos seus, apenas a alguns centímetros de distância. Aproximou a patinha e prendeu-a na borda almofadada da touca, demasiado fraco para a soltar mas pronto a brincar com ela. As garras e os dentes minúsculos abriram-se e tentaram fincar-se na orla rija.

Dos lábios de Jervaulx saiu um som suave e divertido. Ele baixou a mão. Com um miado assustado de soprano, o gatinho ficou suspenso um instante e puxou a touca de Maddy até ela lhe tapar os olhos. Os outros juntaram-se num coro de miados agudos mas, antes que a vítima caísse ao chão, Jervaulx apanhou-o e voltou a pô-lo a salvo na palma da sua mão estendida.

Maddy tentou ajeitar a touca. Afastou a orla para trás e voltou a colocá-la no sítio, o que foi um pouco difícil porque o gatinho que tinha na outra mão estava a tentar trepar-lhe pelo corpete.

Jervaulx aproximou a mão. Ela pensou que a ia salvar do gatinho de pelo manchado que estava determinado em subir-lhe pelo vestido, mas em vez disso ele agarrou o cordão que lhe segurava a touca. Enrolou-o nos dedos e puxou-o ao de leve. O cordão apertado soltou-se, ele levantou a touca, e ficou com ela a pender-lhe dos dedos.

Maddy apertou o gatinho às manchas contra o peito, olhando para baixo, evitando a noção súbita de se encontrar desarmada. Tentou recuperar a touca, mas Jervaulx encostou os ombros ao muro e

escondeu o troféu atrás das costas.

Quando ela o fitou, ele começou a sorrir e, num gesto de provocação, ergueu o braço.

Maddy tentou agarrar a toca com uma mão, um pouco desequilibrada, já que não se atrevia a inclinar-se para a frente e, mexendo-se, pisar os gatinhos. A touca escapou-se-lhe. Jervaulx mantinha-a no alto. Maddy esticou-se. Com um movimento rápido, ele atirou-a por cima do muro. O gatinho às manchas soltou um gemido curto quando Maddy quase o largou e caiu contra Jervaulx.

Ele não fez qualquer tentativa de a ajudar a recuperar o equilíbrio. Ela afastou-se desajeitadamente do obstáculo sólido formado pelo braço e flanco dele e endireitou-se. Ele sorria de orelha a orelha; um instante em que uns devastadores olhos azul-escuros a miravam com humor. Um momento depois, como um aluno travesso, já tinha alterado a expressão e exibia uma gravidade séria e virtuosa.

– A minha touca! – Aquele tom de censura firme perante a brincadeira do homem foi como lançar uma pedra contra o nevoeiro: muito esforço e pouco efeito. – És desnaturado.

Jervaulx olhou-a de lado. Maddy viu que ele franzira ao de leve a testa para, de seguida, fazer uma expressão de neutralidade altiva. Não compreendera as palavras, mas recusava-se a admiti-lo.

– Perverso – acrescentou ela, para que ficasse claro.

Ele manteve o olhar fixo no emaranhado verde das dálias. Inclinou a cabeça, como se estivesse a pensar se aceitaria o qualificativo.

– Um patife – acusou Maddy. – Um canalha.

Aquilo agradou ao sem-vergonha frívolo; ela bem via. Ele balançou o gatinho na mão e acariciou-lhe a pelagem negra com o polegar.

Maddy inclinou-se e pousou o gato no chão, enquanto afastava os outros da saia. Quando se levantou e recuou um passo, ele agarrou-a pelo braço.

Não deveria ter deixado que aquele gesto a detivesse, bastaria ter dado a volta e começado a andar para se livrar daquele contacto, saindo do esconderijo sombrio atrás das flores. Mas hesitou, e a força que lhe apertava o braço transformou-se em algo resistente. Não era um aperto forte, nem intenso, mas era real.

Jervaulx encostou-se ao muro e virou o rosto para ela. O gatinho negro decidiu trepar-lhe pela casaca. Maddy fixou o olhar no gato. Parecia-lhe que não podia afastar os olhos do animalzinho, do seu progresso desajeitado. Jervaulx agarrou-o com a mão livre e afastou-o do peito.

Depois, soltou-a e afastou-se do muro. Maddy pensou em recuar, mas não o fez. Observou-o enquanto ele se ajoelhava e pegava nos outros gatinhos. No das manchas, no preto, em dois amarelo-tigrados e num pequeno curioso com penachos peludos e prateados nas pontas das orelhas: cinco gatinhos a transbordar-lhe das mãos e que se agarraram à casaca com miados frenéticos quando ele se levantou.

Um dos amarelos caiu. Maddy arquejou e apanhou-o com as saias. Quando se endireitou, Jervaulx pousou-lhe o gatinho preto no ombro. Ela sentiu as unhas através do tecido do vestido. Ele elevou o manchado para o outro ombro dela, colocou-lhe o segundo tigrado debaixo de uma orelha e o dos penachos peludos debaixo da outra, pegou no gato que ela tinha ao colo e pousou-lho em cima da cabeça.

Maddy, meio desconcertada, meio perdida de riso, ia agarrando os gatinhos à medida que estes cambaleavam, gemiam e caíam. Quando era demasiado lenta para agarrar um, era Jervaulx que o fazia para o voltar a colocar no sítio, e acomodava os corpinhos mornos em volta do pescoço da jovem, onde eles não se detinham nem por um momento. O gato que Maddy tinha na cabeça

permaneceu ali, mas miava continuamente, cravava-lhe as unhas e magoava-a.

Por fim, um dos tigrados e o dos penachos conseguiram agarrar-se-lhe aos ombros. O negro e o manchado caíram, mas ele apanhou-os e colocou-lhos à volta do pescoço como um cachecol suave a fazer-lhe cócegas, obrigando-os a ficarem ali. Não deixava que fugissem. Os miados ritmados e enérgicos dos gatinhos enchiam os ouvidos de Maddy. Os corpos retorcidos cravavam-lhe aguilhões pequenos e dolorosos através do vestido, do cabelo e da pele.

A boca de Jervaulx pairou junto da dela. Ainda que tivesse tentado afastar-se mais, não podia fazê-lo sem que os gatinhos caíssem para todos os lados. Sentia-se presa, paralisada por aquele homem.

Ele roçou os lábios nos seus. Foi algo tão suave e rápido, que ela nada mais sentiu do que o calor da respiração dele, um simples toque que se desvaneceu antes de abrir os lábios para protestar. Jervaulx estava a sorrir aos gatinhos, a ela, mantinha-lhos junto das orelhas e acariciava-lhe as faces com os animaizinhos lamurientos. Maddy engoliu em seco quando o gatinho que tinha na cabeça lhe cravou as unhas na testa e tentou fugir, descendo-lhe pelo nariz.

Jervaulx afastou-se para trás e apanhou o gatinho antes que este caísse ao chão, enquanto da garganta se lhe escapava o som de uma gargalhada. A bola de pelo indomável escorregou-lhe das mãos. Os outros, perante o susto de Maddy, começaram a deslizar-lhe pelo vestido abaixo. Desesperados, cravavam-lhe as unhas numa tentativa de não se soltarem. Maddy encolheu-se e tentou impedir-lhes a queda. Uma pequena cascata de gatinhos precipitou-se sobre a terra quando ela tropeçou e caiu de joelhos. Jervaulx ajoelhou-se ao lado dela e soltou os rebeldes que tinha na mão. Os gatinhos levantaram-se e começaram a correr uns atrás dos outros, desajeitados e cómicos, e desapareceram entre os caules altos das dálias.

– Prima Maddy?

A voz do médico fê-la virar-se e sentir-se imediatamente culpada por se encontrar ali, ajoelhada ao lado de Jervaulx.

– Prima Maddy? – O tom de voz tornou-se mais agudo. – Onde está?

Ela levantou-se e sacudiu a terra da saia.

– Aqui. – Saiu rapidamente de trás das dálias. – Estamos aqui.

O primo Edward apressou-se e passou por ela para chegar a Jervaulx.

– Atacou-a? Ele está a ter visões?

– Não! Espere... não foi nada... – Maddy tentou impedir que o primo pisasse as flores e as esmagasse naquele espaço tão apertado. Atrás dele, Jervaulx levantou-se, mas ela não lhe via o rosto.

– Irracional? – soltou o primo Edward ao lado de Jervaulx, sem se voltar para olhar para ela.

– Não! Não é nada disso.

O primo Edward descontraiu-se um pouco e voltou o rosto para ela.

– Estava a tentar fugir?

– Foram uns gatinhos. Estávamos a brincar com os gatinhos.

– Aqui? – O primo não afastou o olhar de Jervaulx. Era óbvio que não confiava no seu paciente. – Não deviam ter-se afastado da janela. Vamos, Mr. Christian. Está na hora de regressar a casa. Vem, por favor?

Maddy deu por si a sentir repulsa pelo tom condescendente do primo Edward. Virou-se e avançou para a casa. Pegou na bolsinha que deixara na cadeira da sala e ficou à espera no vestíbulo, na companhia de Larkin e de Mr. Pember.

– E a sua touca, menina? – perguntou a governanta.

– Voou por cima do muro.

– Oh. – A governanta parecia um pouco intrigada. – Quer que mande alguém à casa ao lado?

– Não vale a pena. Se alguém a encontrar, poderão fazer o favor de ma entregar em Blythedale Hall? – Manteve os olhos baixos, os ombros eretos. Era a imagem viva da assistente perfeita, reservada e serviçal.

Com o primo Edward a segui-lo de perto, Jervaulx atravessou a porta da cozinha e entrou a grandes passadas no vestíbulo. Pegou no chapéu e nas luvas que estavam sobre uma mesinha, despediu-se de Mr. Pember com uma impecável expressão de autoridade condescendente e encaminhou-se para a porta principal. A governanta apressou-se a abri-la.

Jervaulx parou junto de Maddy. Ela hesitou entre continuar com o papel de auxiliar e aceitar o braço que ele lhe oferecia, entre o comportamento correto que, como era natural, o primo Edward esperava de si e os gatinhos em volta do seu pescoço e o rosto de Jervaulx que sorria em silêncio tão próximo do seu. Ele olhava-a com a mesma segurança que, com todo o direito, exibira noutros tempos e noutras circunstâncias. A de um cavalheiro que domina toda a existência de uma dama – a mão dela sobre o seu braço, a roupa e as diversões, o tempo, os sentimentos e o sustento dela.

Num momento revelador, Maddy apercebeu-se de que quem a olhava através daqueles olhos azuis era o Diabo. Que a missão de tratar de Jervaulx não estava isenta de tentações reais e perigosas.

Fora incauta e vaidosa ao achar que o mal que afligia Jervaulx era um castigo divino dirigido exclusivamente ao duque, que não havia nada nele que a obrigasse a sentir-se mais humilde. Era fácil ser virtuosa e enganar-se a si mesma sentindo-se orgulhosa disso, quando os seus estilos de vida estavam separados por um verdadeiro abismo. O abismo que existia entre um nobre e uma dama *quaker* solteira de Chelsea. Mas Deus fizera descer o duque de Jervaulx ao nível de Archimedea Timms. À sua altura, o Diabo sorrira aos gatinhos e a ela... e Maddy sentiu uma punhalada no coração, como se nele se fincassem umas diminutas unhas em busca de segurança.

Não fez qualquer menção de lhe pegar no braço. Ele demorou a aperceber-se disso. Permaneceu imóvel durante um bom tempo antes de desviar o olhar e pôr o chapéu. Pegou nas luvas. Maddy sabia que ele não era capaz de as calçar sozinho e esticou a mão para o ajudar, mas ele deteve-a com um olhar assassino, pegou nas elegantes luvas amarelas de camurça com uma mão e atravessou a porta à frente dela.

O primo Edward encontrava-se atrás da secretária, a sorver ruidosamente uma chávena de chá enquanto lia as notas que Maddy tomara sobre o passeio. Assentiu com a cabeça, pousou a chávena sobre o tampo e deixou cair o caderno sobre a superfície encerada. O líquido dourado derramou-se no pires.

– Estou convencido de que se nos deparou alguma coisa. Estou mesmo! Melhorou muitíssimo. Nunca pensei que tivéssemos um dia tão bem-sucedido logo à primeira tentativa.

Maddy pegou no caderno.

– Descrevi tudo adequadamente?

– Com muita correção. Melhor do que ontem. Mas tem de acrescentar bastantes mais pormenores sobre como ele se comportou durante o passeio pelo jardim. E óbvio que ele seguiu a gata até ao canteiro, mas podia acrescentar uma pequena descrição do tipo de atenção que dedicou aos gatinhos.

Foi agressivo ou carinhoso com eles? Tentou sequer falar? Deu a impressão de preferir algum animal em particular? Se assim foi, descreva-o. Coisas desse género.

– Compreendo.

O médico bebeu outro gole de chá.

– Tenho um pressentimento em relação a isto, prima Maddy. Esta experiência de a utilizar como principal auxiliar dele. Não tem precedentes, mas começo a pensar que poderia transformar-se numa extensão natural da nossa terapia social. Se a mistura harmoniosa dos dois sexos é útil para fortalecer o controlo dos pacientes que não são violentos, por que motivo não há de surtir benefícios semelhantes, ou talvez até maiores, no tratamento dos doentes violentos?

A voz começara a adquirir um tom cantado. Ele dirigia o olhar para o canto mais afastado do gabinete e erguia o queixo como se estivesse a pensar no artigo que podia escrever acerca do tema.

Tornou a olhar para Maddy.

– Recebemos algumas críticas devido à nossa política de misturar pessoas de ambos os sexos. Acho que não passam de inveja profissional, mas o relatório de um caso provado da utilidade da técnica com um paciente verdadeiramente intratável não deixaria lugar para dúvidas. Amanhã pode levá-lo a dar um passeio pela casa e pelos jardins. – Tamborilou rapidamente os dedos pelo rebordo da secretária. – E acho que manteremos o Larkin presente, embora a maior distância. Até agora, ele tem estado sempre a uma curta distância, mas isso pode tornar-se demasiado óbvio quando o duque estiver fora do quarto.

Maddy não tinha tanta certeza de conseguir dispensar a presença próxima de Larkin. Passou o indicador entre as páginas do caderno e apertou-o com força.

– Talvez... em vez de o levar aos jardins... pudesse levá-lo a visitar o meu pai.

– Que excelente ideia. Comece por aí, com uma visita à sala de estar. E tente fazê-lo compreender que isso é uma benesse. São muito poucos os doentes convidados para a nossa sala privada, só mesmo os mais bem-comportados. Se ele reagir bem, deve prosseguir o passeio até ao exterior. É importante que o bom comportamento seja recompensado de imediato. Voltar a levá-lo para o quarto com demasiada rapidez contrariaria o efeito positivo.

– Oh.

O médico lançou-lhe um olhar rápido. Maddy teve medo de que a sua expressão demonstrasse as suas dúvidas, pois ele fez uma pausa e franziu a testa. Recordou-se da Revelação e do seu dever de se encarregar de Jervaulx. Não podia virar-lhe costas apenas porque sentia medo de se ver a sós com ele.

O primo Edward abriu uma das gavetas da secretária. Tirou uma corrente de prata e entregou-lha.

– Mas ande sempre com este apito.

Já era uma questão de orgulho. Estava determinado. Vira os progressos que fizera, não tanto na atitude de desconcerto que Maddy mostrara com os gatinhos mas na forma como, de seguida, evitara olhá-lo e ter contacto com ele.

Tinha sido melhor assim. Ao regressar, sentira-se muito cansado e só se mantivera acordado por pura determinação. Tinham falado todos muito depressa, de maneira ininteligível. Ele sentira que a fraca compreensão que lhe restava se esfumava. Desistira, *cansado manchado transparente cabeça, longe. Às vezes não importa, só... não.*

Ao chegar a manhã, recuperou a energia e a Qu'ridaMaddy.

Sentado na cadeira, viu-a inclinar-se sobre a cama e alisar os lençóis com uma precisão escusada. Com os braços cruzados sobre as costas da cadeira, ele conjurava prazeres. Com a satisfação ao alcance da mão, dava rédea solta à imaginação, luxo a que jamais se permitira naquele lugar.

Ela que fingisse ser a sua enfermeira, que lhe oferecesse ajuda para lhe calçar as luvas em frente dos outros. Sabia que se tinha deixado levar pelo temperamento com aquela sua reação a esse gesto dela no dia anterior. A atitude dela não fora senão uma ação de defesa própria das mulheres, uma reação natural de retirada perante o primeiro gesto de aproximação. Num salão de baile, teria sido uma sacudidela do leque e um namoriscar estonteado com outros homens, uma perseguição lenta seguida de resposta, um passatempo que ele conhecia a fundo.

Maddy endireitou-se e virou-se para ele. Jervaulx lançou-lhe um sorriso ocioso, que obteve o efeito pretendido. Uma imediata transferência agitada da atenção para uma tarefa insignificante que, naquele caso, consistiu em limpar com o avental o pó de uma mesa já limpa. Naquele dia ela não levava aquela colherada de açúcar na cabeça. O sol formava um arco-íris sobre o brilho retesado daquele cabelo louro como cerveja, apanhado num carrapito de solteirona.

Permitiu-se a fantasia de o imaginar solto sobre uns ombros nus.

Ela alisou a saia.

– Goxtariasde visitar timms estamanhã?

A visão desapareceu, para grande frustração de Christian. Segurou com força o espaldar da cadeira.

– *Vagar* – acabou por dizer, com uma expressão aborrecida.

– Pai Timms – insistiu ela.

– Timms – repetiu Christian como um eco, e ficou furioso consigo mesmo, já que o que queria era pedir-lhe que falasse mais devagar.

– Matemática. Timms.

A compreensão atingiu-o. Esforçou-se por dizer o nome.

– Mate... *Timms*. Euclides. O... o... o... o axioma paralelo é independente dos outros axiomas euclidianos. Não se pode deduzir nada deles.

O olhar dela catalogava-o como louco. Mas ele não estava louco. Era capaz de falar de matemática, nada mais.

– Vamos? – perguntou ela. – Timms?

Ir ver o pai dela? Emitiu um som de assentimento e surpresa, e levantou-se. A Besta voltara a vesti-lo com roupa decente, com a sua própria roupa. Qu'ridaMaddy abotoara-lhe os botões de punho. Sentiu simultaneamente esperança e inquietação, receio de que o habituassem àquele novo capricho de o tratarem como algo semelhante a um ser humano.

Maddy destrancou a fechadura, saiu e manteve a porta aberta. Ele seguiu-a. O homem do outro lado do corredor balbuciou qualquer coisa zangada quando passaram e estendeu a mão para Maddy, através das barras da sua cela. Christian aproximou-se de imediato, mas Maddy já se afastara sem problemas. O lunático, frustrado na sua tentativa, agarrou antes o braço dele.

Cravou-lhe os dedos mas, de repente, soltou-o e começou a dar-lhe palmadinhas e a puxá-lo pela manga. A expressão de fúria do homem transformara-se em surpresa, como se não conseguisse compreender o motivo da presença de Christian. Um auxiliar encarregara-se de o pentear, mas um dos lados do cabelo estava espetado, no ar, como se ele tivesse estado a puxá-lo.

Começou a balbuciar algo que Christian não conseguiu perceber, uma ladainha que, entre os murmúrios e a respiração do homem, soou um pouco a «as-sim, as-sim». Os olhos vazios procuraram os de Christian, uma tempestade simultaneamente sem vida e intensa.

Christian devolveu-lhe o olhar.

Parecer assim?

Assim?

Sentiu-se horrorizado.

Assim não... não!...

Olhou angustiado para Maddy e soltou o braço das garras do louco. Queria contar-lhe, queria que ela compreendesse que não estava louco, mas nenhum som lhe saía. Nem as torturadas sílabas que conseguira proferir ultimamente, nem a repetição mecânica própria de um simples de espírito, daquilo que acabara de ouvir. Desapareceu tudo, tudo aquilo que começara a recordar. Quando ela falou, pareceu-lhe que o fazia sem sentido, que aquela confusão de sons não tinha qualquer significado.

Não louco não não não não não!

Deteve-se. Ela estava a falar consigo. Não compreendia o que quer que fosse; sabia apenas que tinha de conter o frenesim que se desencadeara no seu interior. Tinha de agir como um homem lúcido. *Tinha* de conseguir, tinha. Naquele momento, pareceu-lhe a coisa mais importante de toda a Criação. Continuar a avançar pelo corredor, tranquilo e racional nas suas reações.

O *quadrado da hipotenusa de um triângulo equilátero é igual à soma dos quadrados dos catetos*.

O teorema deu-lhe a que se agarrar.

Estava lúcido. Era o mesmo de sempre. Ia com Maddy visitar o pai.

A soma dos quadrados das projeções de uma figura plana sobre três planos perpendiculares entre si é igual ao quadrado da dita figura.

Não lhe custava generalizar Pitágoras, mas passar à geometria analítica representava um desafio maior. Podia continuar a avançar com calma. Podia ir mais longe do que as projeções e entregar-se à sua verdadeira paixão. A geometria imaginária que ultrapassava a euclidiana.

Através de um ponto C que está fora de uma linha AB, pode desenhar-se no plano mais de uma linha que não intersete AB.

Existia: uma geometria lógica que descrevia as propriedades do espaço físico, desenrolada em conflito direto com o postulado das paralelas. O axioma das paralelas de Euclides não resistia, embora os matemáticos procurassem provas rigorosas disso desde a Grécia Antiga. Conhecia homens muito mais loucos que ele, homens que tinham consumido toda a vida na busca de uma demonstração irrefutável e que, nessa demanda, se tinham destruído, bem como à família e à própria saúde. Os mais sensatos tinham desistido... e ele e Timms tinham-se lançado no estudo do teorema começando pelo fim, até encontrarem a solução ao contrário.

Lembrou-se de algo, algo à beira de uma enorme confusão... *chuva céu escuridão som... trovões!* Lembrou-se de rostos, mãos que se juntavam, que se moviam... *ruído, o ruído de mãos que se juntam...* aplausos na Sociedade Analítica.

Timms. Artigo, sim. Sim.

Timms. Por fim, Christian dava por si a conseguir mover-se. Deixou o louco para trás. Ninguém que o visse descer as escadas de uma casa de campo mobilada com todo o luxo negaria que estava na

plena posse das suas faculdades. Timms iria entender e Christian ia ao seu encontro.

– Paizinho, está aqui. O duque.

Depois de entrarem, Maddy fechou a porta da sala. Antes que ela pudesse fazer algo mais, Jervaulx passou por ela e aproximou-se da cadeira do pai. Olhou para as peças de madeira com letras e números que cobriam a mesa. Ficou imóvel por um instante, a observar a disposição exata de uma equação trigonométrica, e pegou na mão do pai.

– Amigo! – disse o idoso com um sorriso e um sentimento tais, que fez com que algo se alterasse na expressão de Jervaulx. – Tenho sentido profundamente a tua falta.

O duque ajoelhou-se. Apertou a mão dele entre as suas e apoiou nelas a testa.

Manteve-se ajoelhado, em silêncio. O pai de Maddy voltou o rosto para ele. Aproximou a mão livre e fê-la deslizar pelos punhos fechados para, a seguir, percorrer com os dedos o rosto de Jervaulx.

– Amigo – repetiu.

Da garganta de Jervaulx saiu um som, um resmungo suave que, de algum modo, exprimiu mais carinho e prazer que qualquer palavra que Maddy tivesse ouvido anteriormente. Abriu os olhos e levantou-se, soltando a mão do pai. Tocou na fórmula de madeira. Acariciou as peças com o indicador e disse:

– Tangente divisória de meio ângulo *pi*. *X* aqui, expoente negativo. – Colocou o símbolo de subtração. – Sim? – perguntou, e olhou para o pai de Maddy.

O idoso palpou de imediato os símbolos para sentir a correção.

– Sim, concordo.

– Calcular para um. X igual a um. – Calou-se durante um momento enquanto estudava a mesa. – Ângulo divisório, quarenta graus, vinte e quatro décimas. – Voltou a olhar intensamente para o pai.

– Para o artigo?

– Ar... – Jervaulx apertou o maxilar. – *Ti-go*. – Afastou-se de supetão da mesa e começou a andar de um lado para o outro. – *Sim, sim, sim. Arti-go*.

– X igual a 1 – disse o pai de Maddy, sem se alterar. – Farei os cálculos no artigo.

Jervaulx deteve-se em frente da janela. No exterior, nuvens em movimento cobriam de sombras a entrada e o relvado. Projetaram sombras sobre o rosto dele e continuaram o seu percurso. Ele parecia observar as sombras no céu.

Jervaulx lançou um olhar a Maddy. Depois, voltou a percorrer a sala, mas mais perto da mesa, como se atraído por esta. Voltou a deter-se perante a equação trigonométrica.

– Calcular no espaço físico. Não teoria. Paralaxe. Aplicação. Espaço físico.

– Com que exemplo? As distâncias são demasiado grandes.

Jervaulx esforçou-se por falar. Não conseguia. Dirigiu-se à janela e apontou com o dedo para cima, a olhar para Maddy.

– O céu? – aventurou ela.

Ele anuiu bruscamente.

– Céu. *Escuro*.

– Ah – disse o pai. – Com as estrelas?

– *Estrelas* – foi a resposta de Jervaulx.

CAPÍTULO 10

A *Mécanique Céleste* e Laplace em francês, a *Theoria Motus* e Gauss em latim, com referências à *Astronomia Nova* de Kepler e aos *Principia* de Newton – Maddy passou toda a manhã com a cabeça sobre um ou outro daqueles livros do pai. Embora não parecesse capaz de ler palavras, Jervaulx conseguia enunciar números e equações matemáticas, até lê-las em voz alta quando queria, mas parecia agradar-lhe mais tirar um dos livros das mãos de Maddy, folheá-lo com impaciência, procurar as tabelas que queria e devolver-lho para que ela as lesse enquanto ele e o pai se consultavam, formavam e refaziam equações para procurar a paralaxe das estrelas e discutiam com vigor a pertinência de utilizarem distâncias tão colossais numa publicação.

O pai adotava a postura conservadora de que se exporiam ao ridículo com uns valores tão improváveis, enquanto a atitude de Jervaulx naquele debate se reduzia a dar murros na mesa e lançar os símbolos pelo ar. Como era de prever, foi Jervaulx quem ganhou.

Passada a primeira hora, Maddy cometera o erro de lhe sugerir que fossem dar um passeio. Tal sugestão valera-lhe um lamento resignado do pai e, da parte de Jervaulx, depois de se fazer entender, um eloquente e escarnecedor olhar de incredulidade e um forte murro sobre o livro de Gauss que ela tinha ao colo. Maddy baixou a cabeça e retomou a leitura em voz alta.

Quando a criada chegou com o almoço para o pai, já ambos os homens tinham deixado para trás a discussão anterior e estavam imersos na questão matemática dos cálculos. Nenhum prestou a mínima atenção ao tabuleiro, tirando o facto de o duque partir metade do pão, sentando-se à mesa e comendo-o enquanto calculava quadrados astronómicos. Com um olhar resignado, Maddy pediu à criada que também trouxesse comida para si e para Jervaulx.

Comeu a sua refeição sozinha, durante um momento particularmente difícil nos cálculos. Jervaulx não gostava dos números de madeira. Mais de uma vez pediu a Maddy uma pena, mas ela fingiu não o compreender, pois lembrara-se da regra do primo Edward quanto a não lhe proporcionar instrumentos de escrita ou desenho. Temia haver transgredido já o princípio básico dessa regra com os números de madeira, pois era inegável que, devido a eles, Jervaulx se encontrava num estado de agitação. Era como se nem sequer quisesse fitá-los, já que mantinha a cabeça de lado enquanto os movia sobre a mesa. Às vezes, com uma expressão de enorme aborrecimento, fechava os olhos e palpava-os como o pai dela, dando- -lhes mil e uma voltas antes de os colocar no lugar.

Mas falava melhor, conseguia pronunciar frases fluidas que nalgumas ocasiões iam para além da matemática, e todo o seu entusiasmo estava centrado nos cálculos. Maddy suspeitava de que, mesmo antes da enfermidade que o atingira, não se devia comportar com muito mais calma. Sabia reconhecer uma obsessão pela matemática.

Sentada numa poltrona, a alguns metros da mesa, sentiu um estranho ciúme. Com o apito preso em segurança num fio à volta do pescoço, gostaria muito de ter saído para dar um passeio no jardim na companhia de Jervaulx.

O primo Edward apareceu uma vez durante a tarde. Maddy levantou-se sem fazer ruído para se aproximar da porta e permaneceu junto desta enquanto falava com ele. O tom baixo da voz de ambos nem sequer pareceu chegar a Jervaulx, mas chegou ao pai dela, que virou o rosto naquela direção, ouviu por um momento, e voltou à posição anterior. O médico ficou a observar Jervaulx, que movia as peças de um lado para o outro da mesa, as olhava e as mudava de lugar. Maddy sabia que, para o primo, aquilo nada mais era do que um exercício sem sentido, uma espécie de tique mental irracional. Mas Jervaulx estava tranquilo, o que agradou ao médico.

O primo Edward afastou-se. A porta fechou-se atrás dele. E, para surpresa de Maddy, Jervaulx retirou bruscamente uma das peças do lugar e recostou-se, a olhar para ela.

O pai continuava a trabalhar, as mãos a pairar sobre os símbolos de madeira do modo habitual quando ele estava imerso num cálculo. Jervaulx lançou-lhe um olhar de relance, outro a Maddy, e levantou-se da cadeira.

A cabeça do pai virou-se um pouco, reconhecendo a mudança, mas logo voltou a concentrar-se na tarefa. O duque aproximou-se da janela. Estendeu os músculos do pescoço e deu sinais de se estar a descontrair. De seguida, olhou para Maddy por cima do ombro.

Ela pressionou as costas contra a porta.

– Gostarias de ir dar um passeio?

Ele não respondeu. A maneira como continuava a fitá-la fez com que os dedos de Maddy apertassem a maçaneta da porta com força. Era aquele seu olhar de pirata, convidativo e matreiro.

Jervaulx desviou-se até à estante, inclinou a cabeça e, por um momento, franziu a testa enquanto examinava os títulos. Depois, dirigiu-se à secretária, até à mesa de leitura. Percorreu lentamente o perímetro da sala e os seus passos conduziram-no inexoravelmente até ao lugar onde Maddy se encontrava, junto à porta.

Ela podia ter saído. Nada a impedia de o fazer. Podia ter aberto a porta que conduzia ao resto da casa, como se tivesse presumido com toda a naturalidade que o que ele queria era cruzar a soleira. Mas, em vez disso, permaneceu imóvel a rodear a maçaneta com os dedos.

O pai, alheado, estava inclinado sobre as suas operações matemáticas. Maddy não tinha dúvidas de que teria localizado de imediato o lugar em que ela e Jervaulx se encontravam. O duque não tinha feito qualquer esforço para não ser ouvido, pelo menos até ao momento em que se deteve a um palmo de distância dela. Tinha toda a sala ao seu dispor, mas foi diante dela que parou, tão perto como quando ela lhe apertara o laço e lhe abotoara os botões de punho, com a respiração e o calor a atingirem-na como dessa vez.

Maddy não tinha a touca posta. Até ao momento não se apercebera da proteção que aquele objeto largo e rijo lhe proporcionava, de como a ajudara a manter à distância o rosto de Jervaulx.

– Um passeio? – repetiu num tom demasiado fraco.

Ele limitou-se a ficar imóvel, absurdamente próximo. Olhos azuis, pestanas negras, sorridente.

Baixou o olhar e pousou-o no apito que pendia sobre o peito da jovem. O sorriso tornou-se cínico. Tocou no objeto de prata e brincou com ele. Levantou-o e fê-lo girar com a mão. Ergueu o apito, deixando-o roçar o lábio inferior de Maddy, num desafio.

A respiração agitada dela fez com que emitisse um ligeiro assobio, como o piar distante de um pintainho perdido. O pai levantou o rosto, à escuta.

– Maddy, querida? – perguntou.

Ela virou a cara para afastar a boca do apito.

– Sim, paizinho?

– Acho que há um pardal na lareira. Não ouves?

Jervaulx ergueu os braços e apoiou os pulsos na estrutura da porta, dos dois lados de Maddy. A corrente do apito resvalou e apertou-lhe a garganta, pois ele continuava a segurá-lo. Tinha-a apanhado e o seu sorriso era cada vez mais trocista.

– Não ouvi nada – respondeu Maddy, e encostou os ombros à porta. – Vou... vou pedir ao caseiro que dê uma vista de olhos.

A resposta pareceu satisfazer o pai, que regressou aos seus cálculos. Maddy estava estupefacta. Parecia-lhe impossível permanecer ali imóvel enquanto um homem a mantinha presa junto da porta, incrível que não o afastasse com um empurrão para se soltar, e que não desatasse aos gritos para chamar a atenção do pai.

Jervaulx apoiou-se num braço, traçou a curva da orelha de Maddy com o apito, observando o que fazia com uma franqueza fascinada. Deslizou o frio objeto de prata pelo queixo dela, aquecendo o metal com os dedos. O apito traçou um círculo sobre os lábios de Maddy até chegar a meio, moveu-se para um lado e regressou ao ponto inicial.

Ele aproximou-se. A respiração de Maddy melodiava leve e irregularmente pelo instrumento prateado. Ele não lho retirou dos lábios enquanto lhe cobria a face e o queixo com os dedos. Inclinou a cabeça e apertou os lábios sobre aquele objeto de prata num beijo que inutilizou a sua função, ao deixá-lo preso na boca.

O apito deslizou entre os dedos de Jervaulx. Maddy sentiu que lhe embatia contra o peito ao mesmo tempo que ele lhe cobria a boca com a sua. Percorreu-lhe os lábios tal como o fizera antes com o instrumento, apenas uma carícia suave, mas cálida.

Arrebatava-lhe todo o pudor, a virtude e a salvação com tamanha facilidade... Ela rendia-se com demasiada facilidade.

Com aquela carícia suave nos lábios, a respiração do homem confundia-se com a sua, afundada num mar de sensações. Teve a impressão de que uma luz divina lhe brilhava no interior, que a inundava de maravilhamento. Aquele homem de olhos fechados, pestanas tão frivolamente longas encostadas à pele: até as pestanas eram profanas na sua opulência.

A língua dele brincou com a dela como se fosse um rebuçado de gengibre que tivesse de saborear com pequenas dentadas. Mordiscou-lhe o lábio inferior com os dentes e fez brotar do corpo dela uma torrente de verdadeira alegria carnal.

Maddy sentia que a vontade a abandonava para sair ao encontro da dele. Entreabriu os lábios. Ele respondeu de imediato com uma união profunda e ardente. As mãos deslizaram para se fecharem em volta dela. Apertou-a contra o corpo e apoiou os antebraços na porta.

Ele abraçou-a. A sensação do beijo dele era estranha, dolorosa e elétrica. Maddy abriu as mãos num gesto impotente, tentando tocar em algo que não fosse o corpo dele, mas tudo era ele. Era a única realidade sólida que tinha ao seu alcance. Acariciava-lhe os cabelos com as palmas abertas com muita doçura, uma e outra vez, como um pai que acaricia um filho, ao mesmo tempo que a beijava e se contraía com força contra ela numa união poderosa de bocas e corpos.

Foi ele que a interrompeu, ao afastar-se para a olhar no rosto. A respiração de ambos era profunda, quase silenciosa, como o silêncio que reinava em volta deles, apesar da presença do pai apenas a alguns metros de distância.

A pulsação de Maddy batia-lhe acelerada nos ouvidos. Começou a ter consciência do que tinham

feito. A alma dela regressou ao lugar em que desaparecera, onde a escondera por vontade própria, oculta pela vaidade e pelo prazer da carne. Jervaulx estava a observá-la. Maddy olhou-o fixamente.

Ele *era* o Diabo – sorria-lhe um pouco, com ternura, com uma calidez que jamais teria imaginado quando nas suas preces diárias rogava a Deus que lhe guardasse a alma e a mantivesse em graça espiritual. Nunca lhe passara pela cabeça que Satanás lhe acariciasse o cabelo, tivesse um cheiro a calor e terra... que não falasse nem lhe silvasse promessas demoníacas aos ouvidos. Em momento algum pensara que ele pudesse ser outra coisa que não feio, corrupto e fácil de ser desprezado pela virtuosa Archimedea Timms.

Ele fitava-a. A ternura do olhar dele dava lugar a uma lenta ironia. Segurou entre os dedos um caracol que se soltara do cabelo de Maddy e passou-lho por baixo do queixo, afastando-se em seguida. O soalho rangeu sob o peso dele.

O pai de Maddy suspirou e reclinou-se na cadeira.

– Isto é uma coisa assustadora – disse, a abanar a cabeça sobre os cálculos astronómicos. – Inconcebível. Não teria acreditado nos resultados se não tivesse sido eu a fazer os cálculos.

Jervaulx virou-se. Ao chegar à mesa, segurou a borda com as mãos e debruçou-se sobre as contas, de cabeça inclinada.

– Achas que estão corretos? – perguntou-lhe o pai depois de Jervaulx passar algum tempo a fitar os cálculos de sobrolho franzido.

O duque ergueu os olhos para observar Maddy. Apontou para a fórmula que o pai concluíra, na qual o valor da distância entre a Terra e o Sol estava multiplicada em valores que eram meio milhão de vezes superiores àquele, entrando no domínio da sua nova geometria.

– *Estrelas* – disse ele, com o rosto iluminado de paixão. – *In... finito.*

E sorriu-lhe como se tudo isso fosse seu: a distância e o espaço, as estrelas e o infinito... como se também ela fosse sua.

Silêncio, e Assembleia.

As paredes desadornadas, os bancos singelos, simples, naturais, aguardar em silêncio a voz serena e imutável de Deus. A mulher ajoelhada em frente de Maddy tinha um botão rachado no cimo do colarinho. Quando inclinou a cabeça, escapou-se-lhe da touca uma única madeixa fina e escura.

Tratava-se de uma Assembleia pequena, não havia mais de doze amigos sentados, imóveis, na sala quadrada. Ninguém ocupou o lugar dos anciãos, de frente para os membros. Ninguém falou. Todos escutavam, com a vontade submetida, o espírito interior que lhes servia de guia.

Maddy não deixava de olhar para a madeixa de cabelo daquela mulher. Sentia algo que jamais sentira numa Assembleia – sentia-se rodeada de estranhos. Ali toda a gente guardava silêncio, num estado de tranquilidade espiritual, sem enfeites nem atitudes desafiantes. Como Maddy deveria estar. Como sempre estivera no passado. Mas via aqueles cabelos soltos e pensava no duque e na sua touca. Examinava as paredes sóbrias e limpas e via o sorriso dele: trocista, terno – exultante ao falar das estrelas e do infinito.

O infinito. Até isso lhe parecia um tanto imoral. Como podia alguém, para além do próprio Deus, ter o atrevimento de se meter com o infinito? De o reduzir a números e estendê-lo sobre uma toalha de baeta? Talvez tivesse sido por isso que Ele infligira aquela enfermidade a Jervaulx, pelo seu atrevimento desmedido, por ter a audácia de virar o universo do avesso e fazer cálculos que não

encaixavam no mundo que Deus criara para o Homem.

Sem chegar a compreendê-la, sentia a força da nova geometria. Percebera o temor reverente nas palavras do pai. Números, estrelas, paralaxe... o infinito.

Maddy deu por si de pé. Não sabia o que fazer. Invadiam-na milhares de palavras e pensamentos, nenhum deles espiritual ou sequer racional. Muitas vezes na sua vida estivera sentada em silêncio e ouvira alguém levantar-se e começar a falar, mas ela nunca o fizera. Nem uma única vez se levantara do banco antes que os restantes o fizessem.

Porém, nenhuma das palavras que tinha dentro de si pertenciam a Deus. Não podiam pertencer. Todas se referiam a um beijo, ao sorriso de um homem, e ao momento infinito em que ele se inclinara sobre ela, lhe cobrira a boca com a sua e ela não se afastara.

O ruído dos seus sapatos no soalho de madeira ressoou pela sala. Eram apenas cinco passos do último banco até à porta. Empurrou-a, deixando que a luz invadisse a penumbra, semicerrando os olhos. O cheiro a cera das velas derretidas da sala da Assembleia desvaneceu-se no ar frio do exterior, num cheiro a madeira caiada aquecida ao sol e a fumo de lenha. Uma vaca preta e branca mirou-a com uns olhos bonitos e solenes, antes de continuar a pastar a relva dos prados comunais.

Maddy deixou-se cair sobre o último degrau, abraçou-se com força e inclinou a cabeça sobre o colo. Escondeu o rosto sob o rebordo da touca, apesar de não haver ali ninguém que a pudesse ver – ninguém que pudesse ver para além da touca e chegar-lhe ao fundo do coração.

Christian esperou-a toda a manhã e ela não apareceu.

Só a Besta estava presente, e não de muito bom humor. Entrou com uma Bíblia com três passagens assinaladas. Enquanto Christian permanecia com uma mão acorrentada, o auxiliar leu-lhe alguns versículos num tom monótono e sem qualquer entoação. Christian nem se deu ao trabalho de ouvir aquela *algaraviada surda,* mantendo-se antes de vigia à porta e à janela, esperando por Maddy.

Durante todo o dia, ela não apareceu.

Que humilhação brutal, que ela pudesse evitá-lo sem que ele tivesse liberdade para a procurar, como se voltava contra si mesmo a intenção de a humilhar.

E o que era pior era que tinha despertado um apetite. Levara-o consigo para a cela: o abraço, o corpo da jovem entre o seu e a porta fechada. Instigara algo que desejava e que não podia ter, não por vontade própria. E não havia outra coisa em que pensar, não contava com o que quer que fosse para se distrair facilmente, como antes. Que estupidez ansiar por uma mulher que não podia tocar... sempre passara para outra que estivesse à mão. Mas agora não contava com uma substituta obsequente. Tudo o que havia era um novo desejo, tão pungente como a dor que lhe latejava nas costas. O modo tão doce como ela permitira que ele a beijasse e como lhe respondera.

Temia que ela não regressasse. Acorrentado à cama, manteve-se vigilante. A Besta foi-se embora. Chegou a escuridão. Apesar de tudo, continuou à espera, mas ela não chegou.

Estava tão envergonhada da primeira vez que teve de regressar que nem olhou para ele. Entrou na cela, desfez a cama e foi-se embora.

Isso aconteceu de manhã. De tarde, de acordo com o horário, devia passear com ele pelos jardins.

Rezou para que começasse a chover, um desejo cobarde e egoísta que Deus não considerou

adequado satisfazer. O dia estava calmo, impróprio para a estação, quase quente. No céu, via-se uma mistura nebulosa e mal definida de nuvens e azul. Maddy saiu da sala de refeições, que era de um amarelo radioso, subiu ao corredor do piso de cima e hesitou antes de chegar à cela.

Tinha o coração a latejar com força. Ainda estava a tempo de voltar para trás, sussurrava-lhe ao ouvido a Razão. Aproximara-se com tanto cuidado que era impossível que Jervaulx a tivesse ouvido. Poderia deixá-lo na cela e terminar as suas tarefas administrativas.

Os restantes pacientes estavam em silêncio – no exterior a fazer exercício, ou simplesmente calados. Com passos suaves, aproximou-se da porta e olhou através das grades.

Jervaulx estava à janela, a olhar lá para fora, com uma mão apoiada nas grades, os dedos ligeiramente curvados. E, de súbito, Maddy percebeu como era desprezível mantê-lo ali, na penumbra da cela, quando era seu dever para com Deus, o primo Edward e para com o próprio duque levá-lo para o ar livre.

Enfiou a chave na fechadura. Ele virou-se. Durante um instante, observou-a, com um olhar incomensurável, como se o infinito os separasse.

Aquilo nada tinha a ver com o dever. Aqueles ardentes olhos azuis e as pestanas de azeviche; a linha do queixo e a boca tão severa, esculpida a cinzel. Era um mistério. Era o infinito e uma queda vertiginosa e interminável, como nos sonhos.

Christian interrompeu o momento, abafou-o com aquelas pestanas negras e um olhar agastado que se desviou do dela. Quando Maddy entrou na cela, ele afastou-se como se quisesse criar uma enorme distância entre ambos.

– Vim buscar-te para darmos um passeio pelo jardim – disse-lhe, apontando para a porta.

Os lábios de Christian curvaram-se com a sombra de um sorriso. Nada disse.

– Passeio. Jardim. – Maddy manteve a porta aberta. – Gostarias de vir?

Christian estendeu a mão num gesto de cortesia, como que a ceder a passagem para ela sair.

*

Christian respeitou a reticência de Maddy, sem insistir para que ela se mantivesse muito perto de si. Deixou que ela o conduzisse, e caminhou atrás dela pelos carreiros de gravilha entre os roseirais.

Ela movia-se irrequietamente, tocando numa flor, afastando um pouco a saia negra, baixando-se para apanhar as folhas caídas e para arrancar uma erva daninha minúscula. As flores eram abundantes e estavam no seu auge, *toque simples cair chuva de pétalas*.

Jervaulx pensava que também ela poderia cair, precipitar-se de uma só vez nas suas mãos, um suave perfume floral entre os seus dedos. As rosas inclinavam as corolas extravagantes num assentimento de concordância, mas ela mantinha-se circunspecta e sombria, de novo coberta pela touca, pelo que não lhe via o rosto a menos que ela olhasse diretamente para ele.

Apesar de tudo, ela facilitou-lhe as coisas. Percorreu um carreiro até chegar a um recanto no qual havia um caramanchão e, debaixo deste, um banco coberto de pétalas murchas que se tinham desprendido da trepadeira vermelha e arqueada que lhe dava sombra. Maddy não se sentou. Inspecionou as flores como se essa fosse uma tarefa importante que precisasse de realizar. Christian nada teve de fazer. Limitou-se a cortar-lhe a saída, flanqueada dos dois lados por arbustos espinhosos.

Maddy virou-se. Ele viu-a a compreender.

Parecia amedrontada e sem fôlego. Uma pétala vermelha pairou no ar, contornou a touca e pousou-

lhe no ombro.

Aquele pedaço vermelho permaneceu ali, perto da curva pálida da garganta dela, entre o colarinho branco e sóbrio e o cabelo rigidamente apanhado. Christian estendeu uma mão e pegou na pétala com os dedos. Ela ficou rígida, a respirar como uma corça assustada. Ele deixou que o momento se prolongasse com a mão suspensa junto à face dela – sem tocar, sem tocar –, tão perto, num gesto de contenção tão íntimo como um beijo.

A cor inflamou as faces de Maddy. A expectativa. Os olhos, aqueles olhos que mudavam de cor e passavam do avelã ao dourado sob as pestanas sinuosas, exibiam, simultaneamente, terror e fascínio.

Christian deu um passo atrás e libertou-a.

Ela passou apressada por ele, com o rosto inclinado sob a proteção da touca. O duque deu a volta e sorriu para si mesmo.

Ela estava livre... porque ele o consentira. Ele ainda conservava o seu poder. Podia tê-la mantido ali e beijado, desprendendo pétalas de rosas com um simples toque.

Depois daquilo, Maddy não se deteve no roseiral murado, dirigindo-se rapidamente para o portão. Christian seguiu-a com a lentidão de um caçador ocioso, permitindo que houvesse uma certa distância entre eles. Atrás do portão do jardim, havia um pátio onde deambulavam loucos e auxiliares. O mais próximo era o louco que balbuciava na cela em frente à de Christian, com a Besta a segui-lo e segurando a corrente que apertava o ombro do louco.

A Christian, aquele pátio aberto desagradou de imediato. *Animal de circo não, animais arrastados pelas trelas exercício.* Deteve-se ao lado do portão, disposto a protestar, mas Maddy desaparecera.

A sua confiança evaporou-se. Ficou onde estava, a tentar encontrá-la. A Besta e o louco aproximaram-se com passos desajeitados. O lunático sacudia a cabeça, puxava pela corrente e movia os lábios sem pronunciar palavra. A Besta inclinou-se e murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. O louco olhou para Christian, a menos de meio metro de distância, *olhos cheios vazios, olhar vago, gelado.*

– Timms! – gritou a Besta com uma voz severa ao passar ao lado dele. – Cuidardele!

Christian olhou para lá do auxiliar e, por um instante, viu Maddy mais adiante. Depois, ouviu um uivo e sentiu uma pancada, vinda do nada, que o lançou ao solo e o imobilizou de dor enquanto umas mãos lhe puxavam pelo casaco e pelo pescoço, e transformavam o laço num nó vermelho que lhe apertava a garganta. Em cima dele, o louco gritava com a cabeça deitada para trás e golpeava com os punhos o rosto e a cabeça de Christian.

Defendeu-se, colocou a mão no maxilar do louco, fez força com os dedos para o afastar e deu uma volta no chão para se soltar, o que fez com que uma dor intensa o atravessasse. Lançou um murro forte ao rosto do louco, que não bastou para o conter. As mãos rasgavam-lhe a garganta, em busca de um sítio onde se agarrarem. O homem gritava, apertava-lhe o pescoço e empurrava-o para o chão, tentando filar os dentes na primeira coisa que encontrasse. Com esforço, Christian conseguiu ajoelhar-se e cerrar os punhos para os lançar na direção da mandíbula do louco.

O impacto repercutiu-se pelos seus braços e afrouxou o nó que lhe constrangia a garganta. Christian voltou a atingir o louco e, desta vez, conseguiu deixá-lo inconsciente. De joelhos, continuou a esmurrá-lo. A dor que sentia nas costas era lancinante, respirava com dificuldade e ia espancando o corpo inerte que jazia debaixo do seu. Odiava o louco, detestava-o, queria livrar-se daquele

pesadelo nem que para isso tivesse de transformar o homem numa massa ensanguentada.

Porém a Besta apareceu de surpresa, umas mãos fortes que, surgidas do nada, o levantaram com um simples puxão, enquanto outras pessoas acorriam. Não via Maddy em lugar algum. A dor abrasava-lhe o corpo. Sentia o sabor a sangue na boca. *Abandonar-me!* Quatro auxiliares arrastavam-no para que se afastasse do louco. *Maddy!* Quando, por fim, a jovem apareceu, ele voltou a sentir-se impressionado. Não estava ali e, de repente, já estava. E a única coisa que conseguia fazer era mirá-la com um olhar acusador. *Abandonar desaparecer desertar-me Maddy! Deixar-me isto, deixar-me animal defender luta animais dentes punhos. Selvagem! Maldita sejas maldita sejas Qu'ridaMaddy. ABANDONAR-ME!*

Maddy não proferiu uma única palavra. Ele lançava-lhe um olhar selvagem, tinha o maxilar a sangrar de um lanho comprido, a camisa, rasgada em três pedaços, estava desfraldada. Larkin afastou-se e deixou que os outros três auxiliares o arrastassem para a casa.

– Permitiu que ele se afastasse demasiado de si, Miss – resmungou Larkin com brusquidão.

– Oh, meu Deus! – disse ela.

– Atirou-se ao meu paciente como um buldogue. Sem provocações. Não viu os murros que estava a dar-lhe?

Maddy não vira aquilo a começar; só detivera o seu percurso decidido à volta do pátio quando os gritos do homem subiram de tal modo que lhe gelaram o sangue. Estavam ambos a revolver-se na terra e, sim, Jervaulx tinha batido e esmurrado o pobre homem, continuando a fazê-lo até quando este já estava inconsciente.

– O doutor não precisa de saber disto, menina.

Maddy continuava a não conseguir articular palavra.

– Nós, os auxiliares, mantemos estas coisas entre nós. Hoje por si, amanhã por mim. Não deixe que ele volte a afastar-se tanto de si.

– Não – disse ela num fio de voz, enquanto via Jervaulx a ser levado para dentro de casa como se fosse um fardo.

Larkin pousou-lhe uma mão no ombro.

– Está a perceber porque não vestimos os doentes violentos com roupas elegantes, menina? – Sorriu. – Aqui sabemos o que fazemos. Diga-me lá se não sabemos.

Mr. William, o homem que Jervaulx esmurrara, encontrava-se na enfermaria, acordado e atado à cama, e não parava de repetir «Jesus é o Diabo», uma e outra vez, com uma veemência resmoneada. Jervaulx estava na sua cela, algemado e sentado sobre a cama com o peito nu, coberto apenas pelos suspensórios e as ligaduras nas costelas. Maddy fechou a porta sólida depois de entrar e aproximou-se dele.

– Porquê? – perguntou-lhe.

Christian levantou a cabeça, belo e selvagem, com o cabelo cheio de pó e o rosto ainda ensanguentado.

Ele humedeceu os lábios.

– Por que lhe bateste?

Ele resmungou e abanou a cabeça.

– *Matar!*

– Não, não acredito nisso. Não podes ter querido matá-lo. Porque é que o atacaste?

Ele olhou-a como se ela se tratasse de uma aparição misteriosa e, de seguida, tornou a abanar a cabeça e desviou o olhar.

– Compreendes? – perguntou ela.

Ele negou com a cabeça e inclinou-a mais.

Maddy ajoelhou-se.

– Quero compreender – disse devagar. – Diz-me o motivo.

O maxilar dele movia-se.

– *Matar...* – Ergueu as pestanas e dirigiu-lhe um olhar breve, uma súplica – *hum... a mim.*

Cerrou o punho e bateu no peito como se lhe cravasse uma faca. Torceu a boca com uma expressão silenciosa e virou o rosto.

Maddy não sabia se aquilo era uma resposta ou um rogo. Com uma pressão receosa, estendeu a mão, tocou-lhe na têmpora e afastou o cabelo do rosto inclinado. Ele sobressaltou-se, como se tivesse sido apanhado de surpresa. Mas, um momento depois, descontraiu-se com a carícia e apoiou o rosto na mão dela.

– Vai correr tudo bem – sussurrou-lhe.

Ele emitiu um som, uma espécie de gargalhada estranha, e voltou a abanar a cabeça.

– Deixa-me limpar-te o rosto.

Ele não respondeu. Maddy levantou-se e despejou a água do balde na bacia. A toalha estava limpa – fora ela quem a levara. Ajoelhou-se de novo e começou a limpar-lhe o sangue do rosto. Ele fechou os olhos. Quando acabou, Maddy pegou-lhe nas mãos e limpou a terra das feridas abertas.

Levantou-se. As correntes tilintaram quando Christian lhe envolveu as ancas com os braços e encostou a cabeça contra ela. As correntes pressionaram a parte de trás das pernas dela. A pressão destas e dos dedos dele aumentou. Pousou a mão no ombro de Christian.

Permaneceram assim durante um longo momento. Poderiam ter ficado assim durante toda a noite, não fosse a pancada forte que soou na porta de madeira.

Larkin estava do outro lado das grades.

– O doutor já sabe o que se passou – disse em poucas palavras. – Tenho de o levar para a cela de isolamento e deixá-lo lá até amanhã.

Depois do pequeno-almoço, Maddy foi chamada ao gabinete do primo Edward. Encontrou-o à secretária, com um caderno grande aberto sobre ela e a pena na mão.

– Isto não pode ser – disse. – Estou desapontado.

– Lamento – respondeu a jovem abatida e com total sinceridade. – Afastei-me demasiado dele.

– Por sorte, parece que Mr. William não ficou ferido com gravidade. A família dele tem ligações aos Huntington de Whitehaven, sabe? E quanto ao duque... bem, nos últimos tempos, parece ter a tendência de se magoar. Pergunto-me se não terá fraturado as costelas noutra altercação e não num acidente.

Lançou-lhe um olhar inquiridor, como se ela lhe escondesse alguma coisa.

– Claro que não. Foi ele mesmo quem me mostrou como caiu da cadeira.

– É possível, é possível. Ainda assim... o Larkin tardou a comunicar-me o incidente... e a prima também. Parece que vou ter de estar atento a ambos.

Maddy manteve a cabeça baixa e recebeu a reprimenda com humildade. O médico apontou algo no caderno. Depois de uma pausa, o primo prosseguiu:

– Os seus relatórios têm sido positivos. O duque nunca se mostrou violento na sua presença?

Maddy não ergueu os olhos.

– Nunca houve qualquer violência.

– Não se sente constrangida com ele?

Ela levantou a cabeça.

– Não foi violento comigo.

– Apesar de tudo, acho que durante algum tempo será melhor que limitemos os movimentos dele. A prima continuará a cuidar dele, mas apenas se estiver acorrentado ou houver um auxiliar masculino presente. Veremos se isso funciona. Julgava que estava tudo a correr tão bem... Fiquei muito surpreendido ao saber que foi Mr. Christian quem provocou a briga e não Mr. William, que há duas semanas que é vítima de enormes ataques de fúria.

Voltou a lançar um olhar interrogador a Maddy.

– Eu não vi quem começou – disse ela.

– Da próxima vez, tenha mais cuidado.

– Terei, terei. Lamento.

CAPÍTULO 11

Ela tentara explicar a Jervaulx onde iam. Não fazia a ideia se ele a compreendera. Tinha aquele ar rígido de um homem petrificado por fora mas num estado de ebulição interior. Com as mãos atadas até aos cotovelos com uma espécie de luvas de couro, agarrava-se à correia da carruagem e olhava pela janela com a mesma intensidade que dedicava à matemática. Fixava a atenção em coisas vulgares, como palheiros e moinhos, e via-os passar como se fossem inimigos preparados para se lançarem de surpresa sobre a carruagem. Era como uma bomba pronta a explodir. Maddy estava sentada à frente dele e do pai, e rezava continuamente para que tal explosão não acontecesse.

Larkin seguia na parte superior da carruagem, demasiado longe para oferecer proteção ou auxílio. Depois de embarcar naquela rota de ajudar Jervaulx, Maddy sentia que já não controlava a situação, apanhada entre todas as provas e experiências que o médico queria realizar. O duque tinha-se mostrado tão submisso nas duas semanas desde a escaramuça, que o primo Edward decidira dar-lhe maior liberdade e permitir que acompanhasse Maddy na carruagem.

Esperava-se que a mera companhia dela lhe induzisse um comportamento mais civilizado, pese embora não fosse uma dama nobre e aristocrata, mas apenas a simples Maddy Timms. Apesar de o terem imobilizado com aquelas luvas de cabedal que, como qualquer pessoa conseguiria ver, estavam prestes a fazê-lo perder o controlo. Apesar de, ao chegarem ao local da primeira paragem – uma hospedaria muito concorrida com o pátio a abarrotar de viajantes, cavalos e palafreneiros –, ele se ter afundado no assento e exalado três ruidosas baforadas de ar entre dentes, negando-se a abandonar a carruagem e lançando-lhe um olhar de ira e terror, com o maxilar rígido de vergonha, antes de voltar o rosto.

Maddy fechou as cortinas da carruagem. Quando o primo Edward se aproximou da portinhola, ela disse-lhe que o duque não desejava tomar absolutamente nada naquele lugar. O primo Edward, que por vezes se comportava como um tolo e outras vezes não, desviou o olhar dela para o canto da penumbra onde Jervaulx estava sentado com um olhar silencioso e malévolo, como olhos de gato iluminados por um candeeiro a óleo na escuridão de uma cave.

– Pararemos um pouco mais à frente – disse o médico.

Maddy deixou o ar sair-lhe dos pulmões.

– Nesse caso, eu ficarei aqui, se puderes levar o meu pai a beber chá.

Quando voltaram a parar, foi numa aldeia pequena e antiga, escondida nas profundezas de um bosque. Era meio-dia, a rua estava deserta e a taberna, de porta aberta, era tranquila e escura. Maddy ajudou o pai a descer da carruagem e, quando se voltou, ficou surpreendida ao ver que Jervaulx, embora entorpecido pelas luvas, se levantara e parecia disposto a segui-los.

Recusou a ajuda para descer. Uma vez na rua, olhou para a curva da estrada. As casinhas de madeira e tijolos, com telhados de ardósia e jardins murados, pareciam moldar-se ao contorno da colina e, em vez de formarem uma fila reta e moderna, davam a impressão de um fluxo de gotas

salpicadas. Jervaulx olhou para Maddy. Apertou o maxilar e conseguiu dizer com esforço:

– Par... *perdido*.

– De modo algum, de modo algum, Mr. Christian – respondeu o primo Edward ao aproximar-se. – Não se preocupe. Afastámo-nos um pouco da estrada principal, mas sabemos exatamente onde nos encontramos, garanto-lhe. Estamos em Chalfont St. Giles.

Jervaulx soprou exasperado.

– *Perdido*.

– De todo, não nos perdemos. Nem um pouco.

– St. Giles... – ponderou Mr. Timms em voz alta, como se não conseguisse lembrar-se de alguma coisa.

– *Perdido* – repetiu o duque, enfático.

O primo Edward tentou acalmá-lo.

– Não, não. Não estamos perdidos. Larkin, encarregue-se do duque. Tenha muito cuidado, estou preocupado com a disposição dele.

Jervaulx colocou-se atrás do primo Edward e lançou-lhe um olhar de desprezo com cara de poucos amigos.

– Maldito idiota – disse com toda a clareza: – *Perdido!*

– Encontraremos o caminho – respondeu o primo Edward, sem se alterar, e examinou Jervaulx com frieza. – Receio que possa dar-se um episódio de mania. Os insultos e as faltas de respeito são com frequência os primeiros sinais. Vamos deixá-lo com as luvas de restrição.

– Quer acompanhar-me, Mr. Christian? – Larkin pegou-lhe no braço.

Jervaulx deu um passo atrás para se livrar do toque. Lançou um olhar sombrio a Maddy, como se ela o tivesse traído e, de seguida, encaminhou-se para a taberna com Larkin atrás dele, como um buldogue a seguir um puro-sangue.

Maddy humedeceu os lábios.

– Apetece-te uma chávena de chá, paizinho?

– Chá? Não, de modo algum. Queres dar um passeio para tomar ar, querida Maddy?

Soou-lhe estranho ouvir o apodo carinhoso que o pai lhe dava pronunciado com clareza e sem dificuldades. De algum modo, a entoação tortuosa de Jervaulx já lhe era mais familiar – ou mais carregada de significado. Era todo um exercício de vontade com o único objetivo de pronunciar aquelas sílabas, o que fazia com que cada uma delas ganhasse importância.

Pegou no braço do pai, ainda a sentir-se agitada. Caminharam um bocado em silêncio até que, por fim, Maddy exclamou:

– Espero que ele não esteja prestes a armar confusão.

– Confusão? O duque?

Ela não lhe tinha falado da briga no pátio. Alisou o punho da manga e enrolou a ponta com os dedos.

– Parecia um tanto... perturbado. Talvez o primo Edward consinta que seja o Larkin e não nós a fazer-lhe companhia durante a viagem.

– Estás assustada?

A surpresa evidente nas palavras do pai fez com que Maddy se sentisse um pouco envergonhada.

– Tu não o conheces, paizinho. Quando fica fora de si pode ser intimidante. Não é racional. E tem muita força.

– Eu acho que ele é o mais racional possível – replicou o pai. – Chamou idiota ao primo Edward.

– Paizinho!

Ele estacou e deteve-a com um sorriso estranho.

– Onde estamos? Subimos por uma ladeira, não é verdade? Há uma casinha à esquerda, de tijolos vermelhos, com uma chaminé que dá para a rua e um jardim coberto de videiras?

– Sim. É uma casa mais acima. Já estiveste aqui?

– Na chaminé... há uma placa?

Maddy olhou para lá.

– Diz *Milton's Cottage*.

O pai ficou calado. Ela hesitou e examinou a modesta casa de aldeia. De repente, compreendeu e desatou à gargalhada.

– Oh, não – é *mesmo* um idiota! E eu também! Não nos perdemos de todo, claro que não. – Começou a imitar a voz tranquilizadora do primo Edward ao dirigir-se ao duque: – «Não se preocupe, Mr. Christian, sabemos exatamente onde estamos, Mr. Christian. Em Chalfont St. Giles.» *O Paraíso Perdido.*

– Foi nesta casa que Milton escreveu o livro. A tua mãe e eu estivemos aqui uma vez a visitar uns amigos, quando ainda eras bebé.

– Como o duque deve pensar que somos ignorantes! A expressão dele enquanto o primo Edward repetia que não nos tínhamos perdido! Oh, paizinho... – Mordeu o lábio enquanto as gargalhadas desapareciam e a voz lhe falhava. – Ah, paizinho! Como ele odeia o que lhe aconteceu!

– Ele precisa de ti, querida Maddy – respondeu o pai, e cobriu-lhe a mão com a sua. – Precisa da tua fé. Mesmo que estejas assustada.

– Não pensei... não tenho tido a certeza... rezei muito. Antes via-o com clareza, mas agora...

Maddy fechou a boca com força. O pai manteve-se silencioso, a mão imóvel.

Ele beijou-me, paizinho.

Que vontade tinha de o dizer, mas não o podia fazer. Ele ia achá-la repulsiva e não a perdoaria. O duque era seu amigo – e Maddy... nem sequer tentara evitá-lo. Considerava que tinha seduzido Jervaulx, que o Diabo também se apoderara de si, que a levara a olhar para o duque e ver como a sua figura terrena era atraente. Ainda há poucas semanas, uma sacerdote pronunciara na Assembleia – quando para Maddy aquilo ainda não tinha qualquer significado, pelo que nem prestara atenção – palavras que lhe regressavam agora à mente com enorme exatidão, como se Deus não quisesse que ela se esquecesse do mais ínfimo pormenor: «Todas as nossas alegrias, prazeres e bens, tudo aquilo que é deleitável para a carne, não passa de vaidade e só nos traz vexação. Devemos guardar silêncio e recusar-nos a responder e a obedecer à concupiscência da mente carnal.»

Maddy não se sentia em silêncio. No seu interior, ressoava o clamor da vaidade, do deleite, da alegria e da vexação; sentia-se perversa e fraca, era uma desconhecida de si mesma. Tinha medo.

– Eu não... não sei que fazer – confessou, a custo. – Não sei!

O pai levantou a cabeça e, passado um longo momento, disse lentamente:

– É assim tão difícil, querida Maddy?

Ela não podia contar-lhe. Não podia.

– Assim parece – respondeu, a olhar para a mão que o pai apoiava no braço dela.

– Então, preferias que regressássemos a casa?

Maddy pensava nessa possibilidade. Em regressar a Cheyne Row e à vida segura e tranquila que

ali levava, na qual as únicas tentações que a assaltavam careciam de importância: uma propensão para repreender a criada e uma inveja frívola das jovens que possuíam roupas bonitas. Regressar a casa, deixá-lo à mercê de Larkin, do primo Edward e de Mr. William, abandoná-lo ao silêncio, às correntes e a uma cela de prisão.

– Tenho a certeza de que preferiria ir-me embora – disse e, com um gemido de desespero, acrescentou –, mas... não o poderia fazer.

O pai deu-lhe umas palmaditas na mão.

– És uma boa rapariga, Maddy.

– Oh, paizinho – lamentou. – Não sou, não.

Ele limitou-se a sorrir, como se ela ainda fosse uma criança impulsiva. Mas Maddy sabia-o. Não era boa. Estava presa à terra, ao Diabo e a um homem, e não era boa de todo.

Chegaram a Londres ao entardecer. Apesar de só ter passado um mês no campo, os cheiros e a gente da cidade constituíram um choque para Maddy. A carruagem não abrandou a marcha, continuando a rolar ao longo de Hyde Park até chegar a Oxford Street, onde as luzes vivas já se refletiam na fileira de coches lacados que esperavam no centro da rua, enquanto damas e cavalheiros entravam e saíam das lojas. Uma ourivesaria, uma loja de bebidas espirituosas, joalharias, lojas de tecidos e confeitarias. Mais de um quilómetro de mercadorias e espetáculos, tudo iluminado e polido para ser admirado.

O duque via tudo a passar, lançando por vezes olhares intensos e desconfiados a Maddy, como se de algum modo ela tivesse feito surgir aquilo por artes mágicas. Maddy tinha tentado explicar-lhe, prepará-lo para a audiência, mas sabia que ele não percebera. Via-o pelo entusiasmo que ele tentava conter – julgava que ia regressar a casa e ficar.

Quando a carruagem saiu de Oxford Street e começou a serpentear pelas ruas elegantes, Jervaulx estendeu-lhe os braços acorrentados.

– *Tirar.*

A carruagem chegou a uma praça aristocrática. Maddy ouvia gritos de criados e a azáfama para afastar os peões do caminho.

– *Por favor.* – As palavras pronunciadas bruscamente com um som explosivo contrastavam com a súplica.

No exterior, criados de libré esperavam os veículos que se detinham em frente à casa que dominava a praça. O edifício isolado destacava-se entre os restantes pelas suas colunas coroadas por capitéis coríntios e a simetria das suas janelas. Não era muito diferente da moradia do duque, em Belgrave Square, mas era maior e parecia mais frio com aquela perfeição isolada e uma entrada pouco acolhedora, separada da rua por um único degrau.

A porta estava aberta e deixava ver as luzes do interior. Maddy viu Calvin, o mordomo, descer o degrau e imobilizar-se a um lado. De seguida, apareceu a duquesa viúva, vestida de negro. Calvin ajudou-a a descer o degrau e ela apressou-se rumo à carruagem do primo Edward.

Maddy inclinou-se, puxando as mãos de Jervaulx para o colo. Na penumbra, debateu-se contra os fechos de couro e acabava de os desapertar com esforço quando o primo e a duquesa se aproximaram da porta da carruagem.

As luvas caíram na penumbra do chão. Maddy, com um pontapé, afastou-as para um canto. Jervaulx

emitiu um som de gratidão, sem chegar a proferir uma palavra inteligível. A luz de uma lanterna inundou o interior quando a portinhola se abriu, e a voz da duquesa sobrepôs-se a todas as outras.

– Christian! – Deteve-se, como se não soubesse como prosseguir e, do passeio, fixou o olhar nele. Recuou um passo, com as saias negras a roçagar. Um dos criados aproximou-se dela quando a dama fechou os olhos e levou a mão à garganta. – Não, vai-te embora. Não vou desmaiar. – E abriu os olhos. – Desapareçam, todos vocês! As pessoas ainda reparam neste espalhafato e alguém pode reconhecê-lo. – Virou-se para o primo Edward e apontou para uma viela ao lado da casa. – Contornem a casa. Fazemo-lo entrar pela porta das traseiras.

– Não – disse o duque.

A mãe olhou-o tão surpreendida como se tivesse ouvido um dos cavalos falar. Ela e Jervaulx não tinham grandes semelhanças. O cabelo grisalho da duquesa fora louro e não preto, a pele tão clara que parecia pálida, a figura, esbelta e muito mais delicada e nos olhos havia apenas um laivo do azul profundo dos do filho. Porém, quando a esperança lhe iluminou o rosto, Maddy viu nela a mesma intensidade que despertava no duque a paixão pela matemática, o mesmo ardor obstinado e concentrado quando a duquesa se lançou sobre a portinhola da carruagem e se agarrou à borda.

– Christian, estás?...

Voltou a interromper-se e olhou para o primo Edward.

– Nos últimos tempos tem feito alguns progressos – disse o médico. – Creio que Sua Senhoria ficará satisfeita.

Jervaulx tirou o chapéu do assento onde Maddy o deixara e fez-lhe sinal para que ela e o pai descessem. Ela obedeceu e ajudou o pai a descer atrás de si, enquanto a duquesa os observava sem proferir palavra.

– Esta é Miss Archimedea Timms e o pai, Mr. Timms, Sua Senhoria. Miss Timms, em particular, tem-nos prestado um auxílio precioso com o duque. No caso dele, iniciámos um novo tratamento. Assim que tiver a oportunidade, dar-lhe-ei todos os pormenores mas, como pode ver, o nosso sucesso fala por si mesmo.

A duquesa não prestava a mínima atenção nem a Maddy nem ao pai desta. Estava pendente da saída do filho da carruagem. Jervaulx presenteou-a com um sorriso seco e uma vénia.

Nada disse, limitando-se a ficar parado junto da carruagem como se esperasse cortesmente que alguém lhe indicasse a direção que devia seguir. O corpo da duquesa, que não afastava o olhar dele, foi percorrido por um estremecimento. E, de repente, sem poder reprimir os soluços, lançou-se nos braços do filho e apertou-o contra si.

Durante um instante, ele permaneceu imóvel. Por cima do abraço trémulo da mãe, Maddy percebeu que ele estava prestes a explodir, viu as emoções tempestuosas refletidas no rosto dele, e todas as palavras que se debatiam por lhe sair dos lábios. Jervaulx cerrou o punho esquerdo com força.

O olhar dele encontrou-se com o de Maddy. Era tal a fúria prestes a rebentar, que ela não compreendia como seria possível que a mãe não a sentisse. Ele não tinha palavras com que se expressar, só podia utilizar a violência – e violência era o que pairava e vibrava sobre aquela praça elegante.

Maddy ficou paralisada de terror e dirigiu-lhe uma súplica silenciosa com o olhar.

Ele fechou os olhos. Inspirou profundamente, levantou a mão direita e pousou-a com cuidado na cabeça da duquesa. Ela desatou a chorar e abraçou-o com mais força.

O momento de perigo parecia ter sido superado. Jervaulx continuou a tocar desajeitadamente no

cabelo bem penteado da mãe, como um homem que estivesse à mercê de uma criança presa de ansiedade e não soubesse como reagir. Mas a mão esquerda continuava com o punho apertado, numa exibição palpável de hostilidade silenciosa.

A duquesa afastou-se um pouco, ergueu o rosto para o dele e acariciou-lhe o pescoço com dedos nervosos.

– Christian. – Pegou-lhe nas mãos e apertou-as contra o peito. – Louvado seja Deus. Rezei tanto por isto. É um milagre.

– É o progresso, Sua Senhoria – interveio o primo Edward. – Os progressos conseguidos graças a um tratamento científico. Ainda não o recuperámos por completo.

– É um milagre. Devíamos ajoelhar-nos para dar graças a Deus. – Apertou as mãos do filho. – E tu mais que ninguém, Christian, por causa dos teus pecados. Dá graças pelo perdão e por os teres expiado. – E inclinou a cabeça para rezar. – Deus todo-poderoso, que nos dás a vida e a tiras, em cuja paciência...

Jervaulx soltou-se. Virou-se e afastou-se dela enquanto Calvin dava um salto para lhe abrir a porta.

A mãe acabou rapidamente a prece, a mover os lábios silenciosos, e foi atrás dele. Desapareceu no vestíbulo iluminado com o primo Edward a pisar-lhe os calcanhares. Calvin, a segurar a porta, olhava para eles.

– Miss Timms? Mr. Timms?

Depois de entrar no vestíbulo, houve um momento em que se encontrou sozinho. Ouviu uns passos e virou-se à espera de ver a Qu'ridaMaddy, mas era a mãe quem o seguia, murmurando preces incompreensíveis. Esquecera-se. Mal se recordara da mãe até ao momento em que ela começara a chorar-lhe nos braços, na rua, altura em que se dera conta de que só poderia ter sido ela a abandoná-lo naquela cela e às mãos da Besta.

No vestíbulo, voltou a afastar-se dela, debatendo-se por recuperar o controlo enquanto esperava pela Qu'ridaMaddy, com a impressão de que o mundo perdera o equilíbrio, até que a figura cinzenta da jovem dos «tus» apareceu à porta. Sabendo-a ali, já foi capaz de continuar: subiu pela escadaria de mogno, com a mão apoiada no corrimão curvo.

Aquela casa pertencia-lhe. Parecia-lhe simultaneamente estranho, inquietante e certo encontrar-se ali. Não fazia ideia do tempo que decorrera desde a última vez que caminhara por aquela escadaria, por aquele vestíbulo, mas o espaço era seu. Todos os que ali viviam estavam às suas ordens; até a mãe morava naquela casa por sua vontade.

Ocorreu-lhe então que quem não vivia ali era ele. Já não. O que recordava com maior clareza eram as épocas mais remotas, temporadas de festas na cidade, bailes em honra das irmãs, viagens ao castelo de Jervaulx – era aí que vivia – e sentiu uma pontada aguda de nostalgia pela escura silhueta medieval, pelas torres e chaminés curvilíneas, pelo interminável número de quartos do castelo.

Iria para lá, agora que era livre. Para o seu lar, no castelo de Jervaulx.

Duas das irmãs esperavam-no no salão. Christian parou junto à porta e observou-as quando ainda não se tinham apercebido da sua presença. Falavam entre si em voz baixa e pareciam nervosas. Ao ouvir o som de outros passos na escadaria atrás dele, voltaram-se. Olharam-no como se ele não estivesse vivo. Como se fosse transparente. Um morto-vivo. Quando viu a surpresa refletida naqueles

rostos, teve outra revelação.

Percebeu o que elas tinham esperado ver. Um louco levado pelas escadas acima, acorrentado. Não era de surpreender que estivessem nervosas.

A mãe passou a seu lado e deu-lhe o braço para que entrasse também no salão. Começou a falar, a uma tal velocidade, que Christian se sentiu assoberbado.

Clementia. Ao ouvir o nome, lembrou-se. Era *Clem*. E juntamente com esse nome surgiu-lhe na memória o de Charlotte. Ambas esticaram os braços e, uma após a outra, beijaram-no na face. Mangas de balão e renda, mãos rechonchudas que pegaram nas suas e as acariciaram com suavidade antes de as soltarem. Sentia-se desconcertado, sem confiar nelas e nos seus sorrisos repentinos. Os vestidos que usavam pareciam-lhe demasiado coloridos e elaborados, os penteados, exagerados, com demasiados rolos e caracóis.

Olhou para trás, de novo à procura de Maddy, mas a única pessoa que viu foi o médico das sangrias, e voltou para o patamar. Ela estava na base da escadaria, no vestíbulo, com o pai, ainda coberta pela capa e pela touca.

Desceu até meio e deteve-se. Quando Maddy olhou para cima, ele emitiu um som. Viu como a expressão do rosto dela se alterou e sentiu um alívio enorme e intenso ao vê-la levar a mão ao laço da capa e a murmurar algo a Calvin quando este pegou na capa. Ela guiou o pai até à base da escadaria. Christian manteve-se à espera, observando o lento progresso deles até o alcançarem.

Não tentaria falar em frente da família, nem dos criados que o conheciam. Percorreu em silêncio o perímetro do salão branco e dourado enquanto os outros falavam uns com os outros.

Aquela casa agradava-lhe. Tudo lhe era familiar e estava no lugar certo, as mesas de mármore de pernas douradas, as cadeiras a combinar, forradas num verde intenso, tudo mais velho do que ele, nos mesmos lugares que tinham ocupado durante toda a sua vida.

De vez em quando, virava-se para se assegurar de que Maddy continuava ali, porque os outros não lhe dirigiam a palavra, nem sequer a convidavam, a ela ou ao pai, a sentar-se. Aquela mostra de desconsideração enfurecia-o. Cravou os olhos em Charlotte, a querer que ela mostrasse um pouco de cortesia, mas a irmã limitou-se a lançar-lhe um olhar, a empalidecer e parecer atrapalhada.

– Pod... podemosdeixáloemliberdade? – ouviu Charlotte perguntar ansiosa ao médico das sangrias.

Liberdade! Como se fosse um animal de jardim zoológico que tivesse de ser enjaulado. *Casa minha! Pertencer-me, vocês pertencer-me... vestidos, rendas, festas, fundos, tudo.*

Conhecia aquelas duas, eram as que precisavam da assinatura do punho e letra de Christian para aceder à participação delas no capital, eram elas que tanto gostavam de receber um suplemento generoso para juntar aos rendimentos dos maridos, algo que vexava por demais tais cavalheiros. Christian apercebeu-se de que *eles* não pareciam dispostos a aparecer na sua primeira noite em casa.

Suspeitava de que Charlotte e Clem se encontrassem ali precisamente por isso – para obterem rendimentos – e não sabia o que faria quando, por fim, elas se atrevessem a pedir-lhos. Tudo o que antecedera a cela e a Besta se encontrava nebuloso. Era incapaz de recordar em que trimestre do ano estavam, nem se tratara de algum tipo de preparativos.

Voltou-lhes as costas e deparou-se-lhe a lareira, na qual ardia um bom fogo. Pediria ajuda a Maddy quando elas se fossem embora.

– Estászangado connosco, Chris? – ouviu Clementia a perguntar, depois de um breve silêncio.

Apercebeu-se de que era consigo que falava. – Estászangado? – repetiu.

Christian olhou para a Qu'ridaMaddy, que continuava um pouco afastada dos outros. Avançou para o centro da sala, pegou em duas cadeiras e dispô-las para os Timms. Pousou o par com tamanha força que não deixou lugar a equívocos e, em seguida, foi ele mesmo que se encarregou de conduzir Mr. Timms até uma delas. Quando viu que Maddy hesitava, postou-se atrás da cadeira e empurrou-a, mirando-a de sobrolho franzido.

Ela baixou os olhos e sentou-se. A família fitava-o como se ele fosse um enigma incrível.

Clem começou a falar, mas logo fechou a boca ao ouvir o bater familiar de uma bengala. A recordação daquele som estava embutida na mente de Christian, uma recordação anterior ao tempo em que aprendera a falar. Anunciava, categórico, a chegada da tia Vesta.

Com um sorriso sardónico, dispôs também uma cadeira para a tia; era a favorita dela, uma de estilo francês, sólida e pesada, estofada com um tecido com flores e pássaros, de enormes braços dourados e pernas com a forma de garras de dragão, um trono adequado a uma mulher que era, também ela, uma fera. Depois de a aproximar da lareira, ergueu os olhos e fez uma reverência quando a dama surgiu na soleira da porta com a sua palidez imponente, que contrastava com o negro azeviche do vestuário, exibição do luto perpétuo que adotara pelo pai, pelo marido, pelo irmão – quem sabia se não pelo próprio Christian? –, e que jamais abandonara. Naquela casa travava-se uma batalha constante entre o negro e o marfim, entre a mãe e a tia. Naquele momento lembrou-se por que não vivia ali.

– Estás com bom aspeto, Jervaulx – anunciou Lady de Marly, avançando na sua direção.

Maddy reconheceu-a de imediato, e não teve necessidade de qualquer tipo de apresentação para saber que era a autora das cartas rigorosas e astutas guardadas na pasta de Jervaulx em Blythedale Hall. A dama que lhe enviara aquela roupa confecionada com tanto esmero e que entrara decidida na casa de Belgrave Square na manhã em que ela permanecera no exterior como espectadora.

Depois de uma daquelas jovens vestidas segundo os preceitos da moda a ter ajudado por entre o sussurrar das sedas, Lady de Marly sentou-se na cadeira que Jervaulx lhe oferecia. Tinha as sobrancelhas, da cor de pétalas brancas murchas, pintadas sobre a pele, os lábios e as faces discreta mas claramente maquilhados. Levantou um dedo e disse:

– Bebo uma taça de clarete.

O duque inclinou o rosto para o lado e, depois de um segundo de hesitação, estendeu a mão e puxou o cordão da campainha que pendia junto à lareira.

– Vai fazer-lhe mal à digestão, tia Vesta – aconselhou uma das jovens.

Lady de Marly ignorou-a. Olhou para o lado e dirigiu-se a Jervaulx, que estava atrás dela.

– Aproxima-te para eu poder ver-te, meu rapaz.

Apontou com a bengala para a frente e depois apoiou-a no chão diante dos pés.

Christian obedeceu-lhe e ela examinou-o de cima a baixo. A Maddy, parecia-lhe impossível imaginar um homem mais bem vestido e elegante.

– Parece que vais a um musical francês com um plastrão de caça. Onde está o anel de sinete? – quis saber a velha senhora.

– Ah! – exclamou o primo Edward, a remexer no bolso. – Fui eu que o trouxe, minha senhora. Pareceu-me melhor guardá-lo sob a minha proteção até chegarmos aqui.

– Já não precisa de o fazer.

O médico aproximou-se da dama entre reverências servis e impróprias de um *quaker,* e entregou-lhe um pequeno estojo. Lady de Marly limitou-se a pegar nele e a entregá-lo a Jervaulx.

Maddy não estava certa de que os outros presentes dessem pela cautela subtil com que o duque agia. Este aceitou o estojo e, ao tê-lo na mão, mirou-o. Enquanto Lady de Marly ordenava ao criado que acabara de aparecer na soleira que trouxesse o vinho, Jervaulx lançou um olhar a Maddy.

De modo sub-reptício, Maddy fechou a mão como se escondesse um objeto e deslizou o punho ao lado da saia.

Jervaulx apertou o estojo com os dedos, procurou o bolso lateral da casaca e deixou-o cair no interior. Depois, lançou-lhe um discreto sorriso de esguelha.

– Estás com bom aspeto, Jervaulx – repetiu Lady de Marly. – Não nego que estou surpreendida. Como se conseguiu este feito, doutor Timms? Pela sua última carta, deduzi que poucos progressos tinham sido obtidos.

– Instituímos uma terapia inovadora, minha senhora – respondeu o primo Edward, entusiasmado. – E os êxitos obtidos têm superado as nossas expectativas.

– Inovadora? – Lançou-lhe um olhar desconfiado. – Em que consiste essa terapia?

– É a extensão natural do nosso tratamento moral e social. Em Blythedale Hall somos da opinião de que um convívio supervisionado entre os dois sexos pode ser muito eficaz, na medida em que estimula o autocontrolo. Talvez esteja recordada, minha senhora, da descrição que lhe fiz quando aqui vim para escoltar o paciente até Blythedale Hall. Porém, como calculará, é necessário alcançar um padrão mínimo de comportamento civilizado antes de podermos integrar um paciente violento num grupo mais numeroso. Como na altura lhe comuniquei, Sua Senhoria ainda não dera mostras desse tipo de conduta, persistindo na sua atitude abatida e com imprevisíveis ataques de mania que se dirigiam a todos os auxiliares e a mim mesmo. No entanto, surgiu-nos uma venturosa oportunidade com a chegada da minha prima, Miss Timms. Sabendo tratar-se de uma jovem de carácter cordato e firmemente feminino, com uma fibra moral imaculada, tomei a decisão de a designar como auxiliar diurna principal do duque. Fi-lo com a esperança de que a companhia dela servisse para fomentar qualquer vestígio de autocontrolo que não tivesse desaparecido. Acho que concordará comigo ao ver como esta abordagem foi benéfica.

O médico esforçava-se por esconder a sua vaidade e tentava manter um tom profissional, mas não conseguia ocultar por completo a satisfação que o avassalava. Lady de Marly nem sequer o olhou enquanto ele falava e, quando ele terminou, dedicou-se a observar Jervaulx durante um longo momento.

Voltou o olhar imperioso para Maddy.

– A menina é Miss Timms?

Maddy levantou-se.

– Sou, sim. E este é o meu pai, John Timms.

– Sente-se.

Maddy sentiu aqueles olhos escuros fixos em si quando voltou a sentar-se. Manteve os seus um nível abaixo do olhar de Lady de Marly, sem se inclinar como uma criança servil, mas também sem se arriscar a faltar-lhe abertamente ao respeito.

– Da última vez que o vi – disse Lady de Marly –, o meu sobrinho parecia uma besta uivante. Estava atado a uma cama e tinha um corte na mão que lhe chegava ao osso, por ter atravessado o

vidro de uma janela antes de o dominarem. Partira o braço do lacaio responsável por ele, quando este tentou impedi-lo de estrangular o cunhado. Não comia. Falava como um idiota. Gritava. Uivava. Era um animal, Miss Timms. O duque de Jervaulx era um animal selvagem. – Olhou fixamente para Maddy. – Gostaria que me explicasse como conseguiu uma tal mudança.

Maddy ergueu os olhos e fitou a anciã de frente.

– Ele não é nem selvagem – declarou com firmeza –, nem um animal.

Durante um longo bocado, a dama não respondeu. Depois, com uma pequena expressão de ironia nos lábios, declarou:

– Devo dizer, menina, que, a mim, bem que me enganou.

– Eu creio... – Maddy interrompeu-se e lançou um olhar rápido ao primo Edward, que não parecia muito satisfeito com ela, mas que tampouco a proibira de expressar a sua opinião. – Creio que tem a mente lúcida e que de... de idiota... tem tanto quanto tu ou eu.

Lady de Marly franziu as sobrancelhas.

– Uma *quaker* altiva.

– Não pretendo mostrar-me altiva. Apenas queria explicar-te.

– No meu tempo, menina, essa forma de tratamento que a menina utiliza era considerada uma falta de respeito. O seu primo não tuteia os seus superiores.

Maddy limitou-se a manter o olhar erguido e ao mesmo nível, sem se deixar arrastar para uma discussão em defesa da simplicidade da fala. Conhecera outras anciãs como Lady de Marly – nada agradaria mais à dama do que uma discussão acalorada, passível de se converter numa reprimenda. Maddy sentia um certo afeto por esse tipo de senhoras: por vezes pensava que talvez acabasse por ser como elas e que agora só mantinha o controlo porque o pai se recusava carinhosamente a morder qualquer tipo de isco.

O primo Edward comprimia os lábios como mostra de desagrado perante a sua conduta, e Maddy recordou a promessa que lhe fizera de não utilizar o modo de tratamento dos *quakers* com pessoas desconhecidas. Mas era demasiado tarde e teve a sensação de que, caso cedesse e pedisse desculpa, se limitaria a descer na consideração de Lady de Marly.

– Então – disse a anciã, a dirigir-se ao duque –, Miss Timms afirma que estás completamente lúcido. – Jervaulx limitou-se a olhar para ela. – Bem, rapaz, que tens a dizer a esse respeito?

Ele virou um pouco o rosto, com aquela expressão que utilizava quando estava concentrado nalguma coisa e a examinava de soslaio e não de frente.

– Compreendes o que estou a dizer? – Jervaulx, incomodado, olhou para Maddy. – Não olhes para ela. É contigo que estou a falar. Estás a ouvir o que estou a dizer?

O duque comprimiu os lábios. Fez um gesto de assentimento rápido e, de seguida, começou a examinar com uma atenção excessiva uma mesinha de apoio. Decerto era digna de atenção, já que a superfície de mármore negro que a cobria repousava não em pernas normais mas sobre dois enormes pássaros dourados com as asas estendidas, que pareciam lançar chamas pelo bico. Teria sido o móvel mais luxuoso que Maddy alguma vez vira, caso não houvesse outro exatamente igual do outro lado da lareira.

Lady de Marly bateu rapidamente no chão com a bengala e repreendeu o sobrinho:

– Não é a altura ideal para seres pertinaz, rapaz. Já tiveste muitos anos para nos tratares segundo os teus caprichos. Foste selvagem e imponderado como um pele-vermelha e agora estás a pagar por isso. Ninguém me convencerá de que um homem sensato alguma vez se teria envolvido naquela

bárbara troca de tiros nem que, muito menos, acabaria num manicómio em consequência disso.

Só a tensão no maxilar do duque revelava que se dava sequer conta de que aquelas palavras lhe eram dirigidas. Lady de Marly recostou-se na cadeira com um suspiro irritado.

– Jovem inconsciente. – Olhou para Maddy com uma expressão acusadora. – Que tipo de progresso é este?

– Talvez se falasses mais devagar – aventurou Maddy.

– A menina afirmou que ele não era um idiota.

Maddy levantou-se.

– Não mais do que tu o serias se te encontrasses na China, rodeada de chineses. Ele compreenderá, se te mostrares paciente com ele.

– Miss Timms, amanhã às dez ele terá de comparecer perante o lorde-chanceler. Consegui que a audiência fosse privada. Não foi convocado qualquer júri... por ora. – Lançou um olhar fulminante às duas sobrinhas. – Mas os abutres são ávidos. Aconselho-a, se não quer ver o seu estimado paciente declarado legalmente incapaz, a ajustar melhor a fibra moral e o carácter firme dele, para o fazer compreender o perigo que enfrenta.

As palavras desvaneceram-se num silêncio atónito e incomodado. A porta de serviço abriu-se, e um criado entrou com o clarete de Lady de Marly. Esta tirou o copo do tabuleiro e tomou um pequeno gole, sem desviar o olhar de Jervaulx. A seguir, pousou-o sobre uma mesinha de apoio e levantou-se da cadeira.

– Miss Timms passará a noite cá. Quanto aos restantes... estão dispensados.

A duquesa viúva mostrou-se horrorizada.

– Mas o doutor Timms... – começou a dizer.

Lady de Marly interrompeu-a bruscamente:

– Segundo creio, já terá alojamento, não? No Gloucester, se não estou enganada.

– Sim, minha senhora – confirmou o médico, e fez uma vénia. E outra em seguida.

– Eu queria falar com o doutor – disse a duquesa num tom ligeiramente suplicante. – Gostaria que me contasse como o Christian está a passar.

– Hetty, querida – disse, secamente, Lady de Marly –, se no último quarto de hora não descobriste como o Christian está a passar, não há nada que o homem te conte que não possa esperar até amanhã. Quer tomar o pequeno-almoço connosco, doutor? Às oito em ponto.

– Será uma honra, minha senhora. Vou só chamar o auxiliar da noite para que deite o paciente – acrescentou o primo Edward.

– Há necessidade disso, Miss Timms?

Perante o olhar ditatorial de Lady de Marly, Maddy tentou encontrar a resposta correta.

– Acho... que podia ser uma boa ideia.

– Talvez seja. Mas é-me muito inconveniente ter mais criados dentro de casa, esta noite. Espero que a menina possa encarregar-se dessa tarefa. – Olhou para o criado. – Diga ao Pedoe que prepare uma cama para Miss Timms no quarto de vestir do duque.

Maddy ficou cravada ao chão quando Lady de Marly começou a avançar para a porta, marcando o passo com bengaladas. A anciã deteve-se e voltou-se para a olhar.

– Está a corar, jovem. Pensei que era enfermeira.

– Sim – foi tudo o que Maddy conseguiu dizer.

– E, até que me demonstre o contrário, ele não passa de um idiota. Certifique-se de que ele não

arma cenas bizarras durante a noite.

CAPÍTULO 12

Por muito luxuoso que Blythedale Hall fosse, por mais confortável que a casa do duque em Belgrave Square lhe tivesse parecido, Maddy nunca tinha pensado que, por trás das fachadas pálidas de casas como aquela, se ocultassem interiores que iam muito para além da imaginação. Criados vestidos como príncipes num cetim imaculado adornado com rendas azuis e prateadas, paredes cobertas de veludo vermelho enfeitadas por quadros enormes, intrincados relevos de estuque pintados de branco e dourado, tapetes que amorteciam o som dos passos, candelabros a luzir por toda a parte.

Quando o criado de libré lhe abriu a porta do quarto de vestir do duque, ela tentou que o rosto não revelasse o espanto que sentia mas, assim que o criado desapareceu e a deixou sozinha com a pequena mala de viagem, Maddy ergueu os olhos para o teto e não pôde evitá-lo: teve de abafar o riso escandalizado.

Aquilo era absurdo. Um simples quarto de vestir, mas pintado de um azul régio com enormes frontões bordejados de intrincadas bandas douradas a ornamentar as portas. E mais: sobre os frontões havia retratos ovais de cavalheiros solenes, cercados de lânguidos querubins esculpidos sobre molduras com flores e bandeiras entrecruzadas, todos em dourado. E, depois, veludo azul que chegava ao teto abobadado, onde brilhava um turbilhão de dourados, fileiras majestosas de botões e folhas, *mais* dourados, realçando cada pormenor da decoração. A sala estreita refulgia de tanto ouro. Maddy não compreendia como se esperava que alguém conseguisse dormir ali, cercado de tanto esplendor.

Na parede mais afastada, a porta que conduzia ao quarto estava aberta. Maddy ouviu a voz da duquesa e, curiosa, aproximou-se para espreitar, escondida atrás da porta alta e reluzentemente apainelada.

– Vais ficar bem, Christian? – perguntava-lhe a mãe com uma expressão hesitante, junto à porta que dava para o corredor, enquanto uma criada de quarto abria a cama com rapidez e corria os cortinados.

Jervaulx não prestava atenção a nenhuma das duas e examinava atentamente a sala, como se quisesse memorizá-la.

Aquele quarto também era azul, mas num tom menos garrido, que Maddy achou bastante bonito, apesar de a cama ser de uma extravagância colossal, com uma cabeceira que chegava ao teto e depois se curvava como uma enorme onda marinha. Os cortinados de damasco combinavam com as paredes. A única diversidade de cor encontrava-se nos retratos de corpo inteiro e no tapete azul e verde que cobria o soalho de parede a parede.

Jervaulx viu a própria imagem refletida no espelho de uma cómoda. Observou o seu reflexo e, de seguida, virou-se para procurar algo mais atrás. Ligeiramente surpreendida, Maddy percebeu que a ele procurava. Sorriu quando a viu e descontraiu-se um pouco.

Maddy entrou no quarto. A duquesa viúva lançou-lhe um olhar de relance.

– Ah, Miss Timms. Acha que vai precisar... – Interrompeu-se, envergonhada. – Presumo que não... que não haja a possibilidade... de ele se levantar e deambular a meio da noite?

Maddy apercebeu-se de que a duquesa temia o filho e queria que ele fosse acorrentado. Apesar de também não se sentir segura em relação a Jervaulx, pareceu-lhe horrível que a própria mãe fizesse tal sugestão.

– Se quiseres, podes fechar as portas à chave – respondeu.

– Talvez seja melhor. As janelas... – Não terminou a frase. – Bem, pode tocar a sineta se tiver algum problema – sugeriu. – Vou mandar um lacaio ficar no corredor durante toda a noite. Mas ele parece... estar tão melhor. Não acredito... acha que ele poderá tentar saltar pelas janelas?

Maddy olhou para Jervaulx. Embora o tivesse visto acorrentado em Blythedale Hall, era incapaz de imaginar o que ele teria feito para despertar um medo tão grande na própria família.

– As janelas, Jervaulx – perguntou devagar. – Não vais tentar parti-las?

Ele abanou a cabeça. Maddy não tinha muita certeza se ele compreendera as palavras dela, porque não hesitou nem lhes prestou grande atenção. Dava a impressão de responder apenas ao tom utilizado.

– Então, vou deixar-vos – disse a duquesa. – A cozinheira irá mandar-vos um tabuleiro de chá. – Observou o filho durante um longo período de tempo. – Boa noite, Christian. Boa noite.

Ele respondeu-lhe com uma ligeira vénia e um sorriso acerbo. A criada passou ao lado de Maddy e entrou no quarto de vestir.

– Rezarei – disse a viúva e, saindo, fechou a porta do corredor. A chave girou na fechadura.

Christian sentou-se na cama. Atirou a cabeça para trás, entrelaçou as mãos atrás do pescoço e deixou-se cair sobre as almofadas macias. Suspirou satisfeito.

Casa.

Nada de Besta, nada de correntes, nada de pesadelos. Não lhe importava que a mulher-dragão lhe tivesse dado uma boa reprimenda. Já estava habituado e, raios, quase lhe agradava. E Qu'ridaMaddy estava ali, a única pessoa que teria levado consigo para aquele lugar se a escolha fosse sua.

O mundo estava de pernas para o ar, pois a família fechava-o à chave na companhia de uma mulher jovem e bela. *Enfermeira,* chamara-lhe a tia Vesta, e Christian sorriu para o dossel azul que se arqueava sobre si.

Subiu uma perna e apoiou o calcanhar na beira da cama enquanto se entretinha a recriar as possibilidades mais tresloucadas que se abriam perante ele, ao ter uma amante designada com tanta conveniência. Suspirou. Embora se tratasse de uma fantasia prazerosa, as coisas tinham mudado. A sua família talvez não tivesse pensado na reputação da jovem dos «tus» – ninguém se teria importado, se pensasse nisso –, mas, enquanto ela estivesse totalmente sob o seu domínio, seria também da sua responsabilidade. A sedução já não era o caminho de rosas que ele imaginara. Vista daquela perspetiva, parecia o tipo de atenção insultuosa que um homem poderia impor a uma criada.

Na verdade, já lhe custava recordar por que se lhe metera na cabeça a ideia de a castigar assim.

Franziu a testa, concentrado nessa questão, quando a ouviu chamá-lo. Virou a cabeça e olhou-a, de sobrancelhas arqueadas.

– Temosde talar – disse Maddy.

Ele respondeu com um som interrogativo.

– Falar – repetiu Maddy.

Christian sentou-se. Endireitou-se sobre as almofadas e, com a mão, indicou-lhe um espaço sobre a cama para que se sentasse ao lado dele.

– Falar. – Sentiu-se satisfeito por ser capaz de proferir a palavra sem dificuldade.

Em vez da cama, ela optou por se sentar numa cadeira de espaldar direito, voltada para ele.

– Perce besquevaiacon tecer amanhã?

– Ama... nhã?

– Audiência – disse ela.

– Audição – disse Christian, irritado por ela duvidar de que ele a ouvisse.

– Audi-ência – repetiu Maddy. – Lorde chan ler.

Christian não se lembrava de nenhum Lord Chanler. Sabia que havia muitas coisas de que não se recordava, mas pensar nisso deixava-o inquieto.

– Chan... *dos*? – perguntou.

Tinha a certeza de que ela não se referia ao filho de Buckingham. Que ele soubesse, o marquês de Chandos não tinha qualquer problema de audição, e ele conhecia-o bem. Entretinham-se juntos, em jogos e devassidão, entre Londres e Paris. Sim, só ouvia o que queria, mas não por ter problemas de audição. Pelo menos, Christian não se lembrava disso.

– Audi-ência – insistiu Maddy. – Audi-ência.

Christian esforçou-se por pronunciar outra palavra.

– *Jovem* – disse.

Chandos não podia estar surdo. Ele e Christian eram da mesma idade.

Maddy abanou a cabeça e entrelaçou as mãos com um suspiro. Ele percebia que não estava a conseguir fazer o que ela queria. Sentiu vontade de dar um murro contra qualquer coisa, de bater com os punhos contra pedra. Com um murmúrio zangado, virou-se na cama para se afastar dela.

Ao ouvir um roçar e o som da fechadura, Maddy levantou-se. Entrou um lacaio com o carrinho do chá. Lançou um olhar cauteloso a Christian e, em silêncio, começou a levantar tampas e a servir o chá.

Os pastéis de frutos secos e as finas fatias de pão, barradas com manteiga, tinham um aspeto civilizado. Christian aproximou-se do tabuleiro. As chávenas tilintaram quando o criado deixou cair uma sobre o pires e se virou para o olhar.

De repente, deteve-se. Nunca em toda a vida um criado o olhara com tanta desconfiança e apreensão, como se ele fosse um assaltante a persegui-lo por uma viela escura.

Foi como se lhe tivessem dado uma bofetada. Permaneceu imóvel, acusado e condenado pelo silêncio e por um olhar.

– Nãoseriamelhoratá lo, menina?

Christian sentiu o rosto a incendiar-se de surpresa. Quem era aquele patife desavergonhado? Olhou impotente para Maddy, paralisado pelo choque. Nem sequer tinha hipótese de o expulsar e despedir.

– Não – respondeu ela. Pelo menos, isso. Christian achou que ela o devia ter mandado sair de imediato.

– Nãotem medo? – perguntou-lhe o lacaio.

Medo dele? Maddy abanou a cabeça e Christian sentiu-se avassalado por uma onda de gratidão arrebatada.

O criado voltou a pegar na chaleira, sem deixar de olhar para Christian.

– Partiumobracele.

Christian não conseguiu conter-se: perante uma afirmação tão monstruosa, escapou-lhe dos lábios um protesto distorcido:

– *Fora!* – Deu um passo na direção dele. – Maldito filhodaputa sacana impertinente. *Fora!*

Percebeu o que dissera, e quão alto e inteligivelmente, ao mesmo tempo que o lacaio. Fitaram-se e, a seguir, ambos olharam para Maddy.

Esta estava sentada, coberta pela touca de colher de açúcar, com as mãos entrelaçadas e a dúvida refletida no rosto. Não mostrava sentir-se insultada na sua sensibilidade feminina, isso era evidente, mas, apesar de tudo, Christian fez um aceno rápido de desculpa e depois retomou o olhar enfurecido para o criado, incapaz de dizer algo para além de obscenidades.

– Secalharé melhorir – disse Maddy, levantando-se.

O criado deixou a chaleira no lugar, fez uma vénia forçada e obedeceu.

Maddy aproximou-se do carrinho e acabou de servir o chá. Com movimentos calmos e meticulosos, preparou um prato e pousou-o sobre a mesa de cabeceira.

– Não... *braço* – disse Christian, determinado a esclarecer a situação –, nunca... o ver... nunca.

– Tensde comer – disse ela.

Christian fez uma expressão retorcida. Cruzou os braços e encostou-se à parede.

– Acreditar!

– Comer.

– Acreditar! Qu'ridaMaddy! – Afastou-se.

Uma expressão grave surgiu nos lábios da jovem.

– Nãotelem bras.

Não acreditava nele. Acreditava naquele canalha lamuriento e não em si. Christian deu um murro na parede. Maddy franziu ainda mais os lábios.

– Tu... estavas... doente – disse ela muito devagar e claramente. – Não... te... lembras.

Ele afastou-se e começou a andar de um lado para o outro.

– Não. *Não, não, não!*

– Jervaulx!

Ela pronunciou o seu nome com tanta energia, tanta ênfase decidida, que ele parou e ficou a olhá-la.

– Amanhã. Audição Lord chan ler. Tensde mostrarbomsen so. Tensde sere razoável.

– *Quem?* – perguntou ele aos gritos. – Não... *surdo!*

– Nem eu – replicou Maddy, e levantou o queixo.

Christian expirou, com o maxilar tenso, assentiu uma única vez em reconhecimento do que ela dissera.

– Quem... Lord? – perguntou num tom mais calmo.

– Chan ler. Lord chan ler. Vaiassis tiràtua audi*ência*.

O olhar intenso que ela lhe lançava era o suficiente para que entendesse que aquilo era muito importante. Ele tinha de a compreender. Ela queria que ele o fizesse.

– Ir... ver... *audição*? – experimentou, perdido.

– Audi-ência.

Ele abanou a cabeça e rendeu-se. Tinha de ir ver um lorde velho e surdo que tentava ouvir, e isso

era importante.

*

Deve ter adormecido, porque teve a sensação de que acabara de acordar naquele instante. Durante um longo momento sentiu-se presa de um terror indizível ao ver uns olhos brilhantes e monstruosos que se fixavam sobre ela a curta distância mas, de seguida, lembrou-se de tudo e reconheceu a brilhante decoração do teto. Sentou-se imediatamente na cama.

– Jervaulx?

Percebeu o movimento na escuridão. Uma silhueta negra afastou-se do vulto da porta. Um verdadeiro horror invadiu-a entre as fortes pancadas do coração.

– Maddy – disse ele, no meio do silêncio e da tormenta que se desencadeara no interior de Maddy, mas num tom tão inseguro que ela expirou e, com o alívio a substituir o terror, sentiu os músculos a fraquejarem.

– O que se passa? – perguntou-lhe com a voz ainda trémula.

Mal o vislumbrava, à ténue luz do candeeiro que deixara aceso.

– Audiência. – Vestira o roupão verde-esmeralda sem o apertar, e este pendia aberto e solto. Por baixo, só tinha as calças vestidas. – Qu'ridaMaddy. Diz... *audi-ência.* Lord chanler... Ofa... *oficial. Oficial?*

– Sim – respondeu Maddy e mordeu o lábio. – Uma audiência oficial. Audiência para determinar as tuas capacidades.

À luz fraca, ele tinha os olhos negros e uma aparência satânica... mas também atordoada.

– Capacidades... eu?

– Sim – replicou ela.

Ele mirou-a e, de seguida, pousou os olhos no candeeiro e no brilho escuro da madeira encerada da mesa de cabeceira. Moveu um pouco a cabeça. Maddy dobrou os joelhos sob a saia e rodeou-os com os braços, apertou-os contra o peito, a observá-lo.

De repente, Christian cravou os olhos nela. A estranha luz fazia com que o olhar dele parecesse demoníaco. O catre rangeu quando ele se sentou ao lado dela e lhe pegou no braço, com uma expressão veemente.

– *De volta?* – exigiu saber. – Mandar... de *volta*?

Doía-lhe o braço que ele lhe apertava. Aguentou, já que era o único consolo que lhe podia dar.

– Não sei.

Ele fechou os olhos.

– Não... não voltar... sítio loucos. – Voltou a abrir os olhos, arregalados. – Não.

Maddy queria mentir-lhe, dizer-lhe que a verdade era mentira. A melhor resposta que podia dar-lhe era que não sabia, e até isso era quase uma mentira, afastada da luz da Verdade, contrária a todos os ensinamentos que recebera na vida.

– Amanhã tens de mostrar bom senso – aconselhou-o. – Falar calmamente e mostrar juízo.

Christian apertou-lhe o braço com tanta força que a dor atingiu o osso.

– Tu consegues.

Ele olhou para a porta do corredor. Maddy percebeu de imediato em que estava ele a pensar. Durante um momento permaneceram imóveis, em silêncio, sustidos à beira da intenção dele.

– Trancada? – Os dedos dele apertaram-na ainda mais.

Recusava-se a mentir. Em vez de o fazer, não lhe respondeu.

Ele soltou-a e dirigiu-se à porta. A maçaneta girou sem dificuldade sob a mão dele. As dobradiças moveram-se uns centímetros sem ruído.

Christian segurou a porta e olhou-a.

– *Ir* – disse ele entre dentes. Maddy permaneceu imóvel, à espera que ele o fizesse. Ele mantinha a mão na maçaneta. – Ir... dois. – Com um aceno da cabeça, chamava-a. – Juntos.

– Não – sussurrou ela. – Não posso. E tu não deves fazer isso.

Ele olhava-a de testa franzida, como se ela lhe tivesse posto um obstáculo no caminho. Com cuidado, abriu ainda mais a porta e olhou para ela. Um raio de luz vindo do corredor iluminou-lhe o rosto, atravessou-o ao meio e deu um aspeto diabólico ao seu perfil. A boca de Christian curvou-se com um sorriso de desprezo. A porta fechou-se.

– Osso partido – disse na escuridão. – Braço.

Os olhos de Maddy adaptavam-se à penumbra. Ele virou-se de costas para a porta e ficou imóvel a olhar para ela.

– Qu'ridaMaddy – disse. – Voltar... – interrompeu-se e, de seguida, do mais fundo da garganta, afirmou – ... morrer.

Ela não tinha resposta.

Ele acercou-se, tornou a sentar-se ao lado dela na cama e agarrou-a pelos braços.

– Não... voltar. Não!

– A decisão não é minha. Não me cabe a mim dizê-lo.

– *Ir!* – Havia uma súplica na palavra. – Agora.

Ela, sem saber que fazer, afastou-o com um empurrão.

– Então, vai! Não te impedirei.

Ele agarrou-se a ela e sacudiu-a.

– Dois. Ir dois.

– Não – disse ela, abatida. – Isso é impossível.

Christian baixou a cabeça e deixou escapar um som de agonia.

– Não... um ir não. Maddy! – exclamou, e cravou os dedos nos ombros dela. – Não. – Puxou-a para si e apoiou o rosto na curva do pescoço dela. – Maddy. Qu'ridaMaddy. Um não. Não.

Encostou a testa contra a dela, com o maxilar tenso numa súplica silenciosa. Estava a desintegrar-se. A isso se reduzia, depois dos ferrolhos, dos guardiões e das correntes. Ainda que ela lhe tivesse entregado a chave, ele seria incapaz de sair em liberdade.

Não tinha coragem. Não sozinho, só um, em vez dos dois.

Mas regressar àquele lugar... a cela, a Besta.

Agarrava-se a ela, com o corpo gelado, paralisado, a estilhaçar-se com o pânico.

– Jervaulx – disse ela com uma voz angustiada enquanto lhe acariciava o cabelo. – Manhãtens destar calmo. Mostratelú cido, comotemox tras amim.

– Maddy – disse, o som abafado pela pele dela. Era a única coisa que conseguia dizer. Não, pensou. Era a única coisa que podia fazer. Não tinha bom senso, nem lucidez. Tinha de ir, tinha de fugir, mas estava paralisado. Todo ele tremia.

Maddy inclinou a cabeça, encostou a face à dele e acariciou-lhe suavemente o cabelo. Ele aproximou o rosto da garganta dela. Ela era a única coisa importante em todo o universo, a sua única ligação à realidade. Emitiu um som apaixonado para lhe dizer aquilo que, de qualquer modo, as

palavras nunca poderiam exprimir: a vastidão da necessidade de a ter a seu lado.

Sentiu que ela respirava fundo, trémula, e depois um pequeno carreiro de água a correr-lhe pelo rosto. Maddy sussurrou-lhe:

– Deus me perdoe, Jervaulx, portamar.

Por te amar.

Isso arrancou-o ao pavor que o tolhia. Teria ela dito realmente aquilo? Christian afastou-a e olhou-a fixamente.

A ténue luz do candeeiro a óleo refletiu-se na curva reluzente da face dela, mas ele não conseguia ver-lhe os olhos. Ela passou uma mão pelo braço dele, apenas um toque suave que não se prolongou.

Christian estava confuso, demasiado lerdo para entender o que se passava. Não tinha a certeza de ter ouvido bem.

Ela virou o rosto para baixo, afastando-se dele. Christian soltou-a.

Levantou-se. Ela, imersa na escuridão, não se movia. O cérebro dele parecia emaranhado; a sua vontade era ir para outro lado, encostar o rosto a uma parede fresca e pôr em ordem os pensamentos. O pior de tudo era que ela começara a chorar; isso enfurecia-o – *não piedade, nem caridade beata.*

Era isso que a movia? Era por isso que chorava? Por ele ser um animal receoso de abandonar a jaula, incapaz de dizer o que pensava, incapaz de pensar outra coisa que não pensamentos estúpidos, loucos e confusos? Deixou-a ali e voltou à escuridão mais profunda do quarto que o pai, o avô e o bisavô tinham ocupado antes dele, e onde tinham dormido rodeados de opulência. Estendeu-se de barriga para baixo sobre a cama, com os braços estendidos e a face apoiada nos lençóis de seda. Doíam-lhe as costelas. Se conhecesse uma oração, teria rezado – tão cobarde era, pediria favores agora, quando antes jamais se dignara a pedir o que quer que fosse.

Não achava que Deus lhe devesse coisa alguma. A seu ver, tivera tudo e desperdiçara-o. A imagem de lagos em chamas e de demónios a uivar nunca lhe parecera muito convincente, castigos que não assustariam nem uma criança travessa.

Virou-se de barriga para cima e contemplou a escuridão.

Estava condenado... e já descobrira como era o inferno.

CAPÍTULO 13

Da janela da sala, poder-se-ia imaginar que Lincoln's Inn era uma vila rural, com as folhas que caíam de velhas árvores, os relvados verdes, o silêncio de casa de assembleia interrompido apenas pela passagem de um ou dois homens de vestes negras a flutuar pela luz e pelas sombras do sol de fim de tarde. Naquele local no centro de Londres, o som mais ruidoso era o de um corvo a crocitar numa árvore próxima enquanto os seus negros irmãos marchavam solene e vacilantemente pelas veredas.

Maddy estava sentada com o pai no banco da janela, rodeada pelo primo Edward e Jervaulx, e com Larkin a poucos passos.

A sala de espera estava quase a abarrotar. Junto à lareira, encontravam-se Lady Clementia e Lady Charlotte, na companhia de mais duas irmãs de Jervaulx, sentadas em cadeiras atrás das de Lady de Marly e da duquesa viúva. Os maridos das damas agrupavam-se junto da porta, a falar entre si em voz baixa e, de vez em quando, consultavam um homem de peruca que se encontrava na soleira da porta a ler uns papéis, sem entrar na sala.

Lady de Marly fizera questão de que Maddy e o pai se encontrassem presentes, o que era um tanto intimidante. Um jurista de aspeto muito sombrio e voz grave entrevistara-os noutra sala, fazendo-lhes perguntas acerca do duque e do seu comportamento. Tomara notas e interrogara intensamente o pai no que se referia a questões matemáticas mas, quando se levantou e acompanhou o pai para fora da sala, Maddy não entreviu qual seria o objetivo de tudo aquilo.

De seguida, o jurista afastara-se em companhia de Lady de Marly e de Jervaulx, que regressara imerso numa enorme tensão, percetível sob uma capa de aparente tranquilidade. Agora estava de pé ao lado de Maddy, depois de ter sido impecavelmente vestido naquela manhã por um camareiro que, sem cerimónias, a afastara do quarto de vestir. Daquela vez não vestia um colete primorosamente bordado, mas antes um branco e sóbrio, bragas brancas até aos joelhos e uma casaca azul-escura que Lady de Marly declarara adequada. Tinha a aparência austera de um *quaker,* mas uma expressão que Maddy jamais vira no rosto de um amigo, exceto no de um homem expulso da Assembleia por ter casado perante um padre com alguém de fora da sua fé.

Era isso que a família queria fazer com Jervaulx, pensou Maddy. Renegá-lo. Prescindir dele e renegá-lo, fazê-lo desaparecer da família e retirar-lhe a sua posição. No tempo que durou a espera na sala da chancelaria, Maddy começou a compreendê-lo sem que ninguém lho explicasse. Eram eles, os próprios parentes, as próprias irmãs e os homens com quem estas haviam casado, e até a mãe, quem insistia naquele exame, e Lady de Marly era a única que estava do lado dele.

Chegou a convocação para comparecer perante o lorde-chanceler. Lady de Marly levantou-se e com ela as outras damas, mas apenas era pedida a presença de Jervaulx.

Lady de Marly pegou na bengala e voltou a sentar-se.

– Não me falhes – disse bruscamente ao duque.

Na porta, o advogado, de maxilar quadrado e inexpressivo sob a peruca, esperava-o. Jervaulx lançou a Maddy um olhar de verdadeiro desespero. Ela apertou as mãos com força, incapaz de lhe dizer à frente de todas aquelas pessoas o que desejava para o animar a ter coragem e manter a fé.

– Sua Senhoria? – dirigiu-se-lhe o advogado. – Sua Excelência aguarda-o.

Uma vaga de ódio gelado surgiu no rosto do duque e deu-lhe um aspeto ameaçador. Olhou, um por um, os membros da família, cada uma das irmãs, os cunhados, a mãe, como se os marcasse, para nunca esquecer. Depois, avançou na direção do advogado e da porta.

Com uma das suas estranhas alterações da realidade, Christian reconheceu o homem sentado atrás da secretária: Lyndhurst, de vestes de chanceler – *governo mudado* – recordava-se disso – recordava – *Canning*. De súbito, toda uma porção da sua vida se lhe abriu.

Lyndhurst deteve o tamborilar rápido dos dedos e levantou o olhar dos papéis que tinha na mão. O alívio refletiu-se-lhe no rosto como substituição da inquietação anterior quando viu Christian de pé e em silêncio à sua frente. Lyndhurst levantou-se, deu a volta à secretária e estendeu-lhe a mão.

Christian conhecia-o bem. Era um famoso mulherengo, um *whig* renegado, a uma enorme distância do recanto onde Christian e um pequeno grupo de radicais se sentavam na Câmara dos Lordes, mas não se encontrava entre os piores daqueles lordes mais idosos. E agora era ele o lorde-chanceler! Grandes progressos. Mas Christian, a custo, tinha uma leve noção disso. Crise dos conservadores, conversações e incertezas; estava à deriva, sem saber quanto tempo decorrera ou qual a atual situação do governo.

Tinha a certeza, ao menos, de que não houvera nenhuma revolução – nenhuma teria nomeado para lorde-chanceler alguém como Lyndhurst.

O homem deu-lhe uma palmada no ombro e apertou-lhe a mão, sem dar conta de que Christian fora incapaz de a levantar. Christian moveu-se, voltou a transformar-se num ser humano capaz de devolver a pressão do cumprimento.

– Bomaspeto. Muitobom!

Christian anuiu.

– Venhassentarse. Istonãodemoramuito. Falei ladymarly, sabe? – Apontou para uma cadeira que se encontrava junto da lareira e aproximou a sua. As rendas das suas vestes remexiam-se. Libertou-se da capa e entregou-a a um funcionário que saiu pela porta e desapareceu com aquele troféu escarlate. Abriu os óculos e colocou-os sobre o nariz. Outros dois homens de peruca encontravam-se perto dele, a mexer em papéis. – Umasperguntaxsimples etudosesclarece, hã?

Lançou um olhar a Christian, uma mistura de esperança e embaraço, e pigarreou. Um dos homens entregou-lhe alguns papéis.

Passou um momento a fazer caretas aos papéis que tinha ao colo e, sem levantar os olhos, disse:

– Nomefiliação.

Christian apertou os braços da cadeira. Ouviu-se um pequeno estalido na lareira. O coração batia-lhe acelerado. Lyndhurst levantou os olhos.

– Nome?

Christian Richard Nicholas Francis Langland.

Era incapaz de o dizer. Sentiu ressurgir o terror. As palavras negavam-se a sair-lhe da boca.

A respiração começou a tornar-se mais profunda; fitava Lyndhurst enquanto tentava converter uma

exalação em sons.

Um dos homens de peruca disse qualquer coisa, mas para Christian não passou de uma série de sílabas sem sentido. Puseram-lhe um caderno com folhas de pergaminho no colo e deram-lhe uma pena.

Aproximou a pena da folha. Nada. Pousou-a e voltou a pegar nela com a mão esquerda. Tentou pensar nas letras, na sua forma, como dar-lhes início. Olhou para Lyndhurst e deparou com o homem inclinado para a frente, de testa franzida e expressão preocupada.

– Nãoconsegue escrevero seunome?

Christian recostou a cabeça no encosto da cadeira. A Besta, aquele lugar, iam voltar a trancá-lo lá! O frenesim que se apoderou dele ainda o afastava mais das palavras, espalhava-as para longe do seu alcance, para lá de toda a esperança.

Os homens de peruca observavam-no com uma expressão solene. A última vez que interviera na Câmara dos Lordes fora num debate acerca da educação, das associações de estudantes e da ciência. Recordou-se de que Lyndhurst estivera a tomar notas e a segredar com aqueles que se encontravam à sua volta, atitude normal entre os conservadores. Mas agora, como parentes afastados reunidos à volta de um leito de morte, o lorde-chanceler e os seus subalternos examinavam o duque de Jervaulx: formais, incomodados, fascinados.

Ele era um deles, vestia-se como eles, ocupara uma cadeira na Câmara dos Lordes como Lyndhurst... e aquilo acontecera-lhe.

Lyndhurst, dobrado sobre a cadeira, esticava o lábio. Abanou a cabeça e anotou qualquer coisa numa folha.

Christian ardia de vergonha. Olhou para o caderno que tinha no colo e escreveu a expressão algébrica da distância entre dois pontos em referência a um eixo octogonal.

– Quéisso? – perguntou Lyndhurst, a espreitar o caderno, virando-o sem o tirar do colo de Christian.

O mesmo homem de peruca e rosto quadrado inclinou-se para ele e murmurou-lhe algo ao ouvido.

– Ah – exclamou Lyndhurst, e puxou os óculos para cima. De seguida, olhou para Christian e perguntou: – Consegu'escreveratévinte?

Vinte? Todos olhavam expectantes para o caderno e Christian deduziu que tinha de escrever. Daquela vez, a mão obedeceu-lhe. Escreveu o número 20 no caderno.

– Um, dois, vinte, se puder.

Com mais segurança, Christian escreveu 1220.

Lyndhurst suspirou e voltou a estender o lábio. A confiança momentânea de Christian desvaneceu-se. Era óbvio que não o fizera bem. E voltou a sentir uma vaga de terror a erguer-se-lhe no interior ao sentir que estava a falhar.

O outro homem de peruca falou e Lyndhurst anuiu, distraído. A porta abriu-se e surgiu um funcionário que acompanhava a mãe de Christian até à sala. Christian levantou-se. Ela nem sequer o olhou. Deteve-se junto da porta. Quando o homem de peruca lhe tocou no braço, a dama deu a volta e abandonou a sala. A porta fechou-se atrás dela.

Christian, confuso, permaneceu imóvel durante um momento e depois voltou a sentar-se.

– Conhe cestassenhora?

A fúria invadiu-o. Para eles, aquilo não passava de um jogo, um entretenimento cruel para o confundirem.

– Quemé?

O quê?

– Nome? – insistiu Lyndhurst.

Christian fechou os olhos e concentrou-se naquilo. Não se lembrava. Não disse nada.

– Nãosabe?

Nada! Christian olhou fixamente para Lyndhurst enquanto respirava com força entre dentes.

Um dos homens de peruca tirou uma vela apagada da prateleira da lareira e colocou-a sobre uma mesinha que se encontrava ao lado de Christian. Entregou-lhe um papel torcido para acender a vela.

Papel e vela. Papel e chama. Mas as suas mãos pareciam não querer ter nada que ver uma com a outra.

Lyndhurst inclinou-se e pegou no papel enrolado, aproximou-o das chamas até que saiu fumo. Surgiu uma chama pequena. Virou o papel e passou-o a Christian.

Ele aceitou-o com cuidado. Observou a pequena chama azul e amarela, e o fiozinho de fumo branco que saía em círculos da ponta.

Alguém pronunciou umas palavras bruscas. O homem de peruca inclinou-se e apagou a chama com um sopro rápido.

Christian franziu a testa. Tinham de lhe dar tempo; não estavam a dar-lhe tempo suficiente. A expressão do rosto daquele homem enfurecia-o. Fechou os olhos, tateou à procura da vela e pegou nela com uma mão. Na outra segurava o rolo de papel meio queimado.

Estava determinado a demonstrar que era capaz de fazer aquilo. Tentou. Olhou para a tocha de papel, aproximou-a da vela e voltou o rosto para a ver melhor. Com a mão direita virou a vela, e com a esquerda aproximou a tocha fumegante da cera. Pequenos pedaços de cinza desprenderam-se e caíram sobre o caderno e as suas calças, mas algo estava a correr mal. Virou a vela e voltou a aproximá-la da tocha. O rolo de papel desintegrou-se-lhe nas mãos e caiu no chão. Christian olhou-o, desesperado.

Lyndhurst, a murmurar para si mesmo, escrevia. O funcionário retirou com cuidado a vela das mãos de Christian. De seguida, tirou um maço de notas e um punhado de moedas da mesa, e entregou-o ao lorde-chanceler. Lyndhurst inclinou-se e estendeu o dinheiro sobre o caderno que se encontrava no colo de Christian.

– Quanté? – disse.

Christian pegou numa nota de uma libra e olhou para Lyndhurst. O lorde-chanceler retribuiu-lhe o olhar com uma expressão de compreensão e compaixão. E, naquela piedade paciente, Christian leu o seu destino.

Apertou a nota com força, levantou-se e atirou com o caderno para as chamas. As moedas caíram em cascata e ressoaram ao chocar contra a pedra da lareira.

– Não, não, não, *não!* – foi tudo o que conseguiu dizer. Só conseguia repetir aquela palavra tão inútil, uma e outra vez. – Não, não, não, não.

Sentiu-se como um animal encurralado com todos aqueles olhos assustados fixos nele.

Louco, louco, de regresso ao manicómio e às correntes. De regresso para morrer. Ou, pior ainda, para viver.

Louco, santo Deus. Oficialmente declarado como louco. Louco!

*

Chamaram Maddy e o primo Edward para o acalmar. De coração na garganta, ela esperava deparar com o desastre, mas a única coisa que viu foi Jervaulx junto de uma cadeira caída, cercado de juristas e do próprio lorde-chanceler, que pareciam constrangidos.

Jervaulx viu Maddy. Levantou as mãos e deixou-as cair de novo com um gemido de angústia.

O primo Edward aproximou-se da cadeira e colocou-a no sítio adequado.

– Vamos – disse num tom de voz tranquilo. – Não nos vai obrigar a utilizar as luvas, pois não, Mr. Christian? E muito menos em frente de Sua Senhoria e de Miss Timms.

Jervaulx deu-lhe um murro.

O primo Edward caiu ao chão com os braços torcidos, chocando com a cadeira, enquanto os juristas se lançavam sobre Jervaulx, antes que este conseguisse fugir. Durante um momento reinou a confusão. Ouviram-se gritos e sons raspados sobre madeira. A seguir, apareceu Larkin, que, com uma pancada, atirou o duque contra a mesa quando dois dos juristas ainda o prendiam pelos braços. Os papéis voaram pelos ares, enormes molhos e pilhas de papéis escritos caíram no soalho. Larkin atirou-se sobre o duque e rodeou-lhe o pescoço com as mãos fortes.

A luta terminou. Jervaulx, arquejante, deixou pender a cabeça sobre a mesa. Fechou os olhos e escondeu o rosto das outras pessoas que se encontravam na sala.

Larkin afastou-se lentamente dele rodopiando na mão um grande anel de borracha, que enfiou no bolso. Os dois juristas tinham perdido a peruca. Ambos ficaram corados, aflitos e descontentes quando Larkin disse:

– Levantem-no e soltem-no, cavalheiros. Já não vai dar mais luta.

Eles endireitaram-no. Jervaulx parecia nem perceber que o estavam a agarrar pelos braços. Assim que ficou em pé, apoiou-se na mesa e não fez qualquer menção de se mover quando o soltaram. A casaca elegante que vestia estava descosida no ombro e deixava ver o linho branco.

O primo Edward aproximou-se com as luvas de cabedal, calçou-lhas e apertou os fechos com a rapidez de alguém com muita experiência. Sangrava do lábio, mas Jervaulx, que recebera um murro muito mais forte de Larkin, não mostrava qualquer marca.

– O que se passa? – A voz de Lady de Marly cortou o ar como uma navalha.

O lorde-chanceler, que examinava os óculos partidos, levantou os olhos.

– Minha senhora.

Atrás dela, amontoavam-se a duquesa viúva e os restantes familiares, que se empurravam uns aos outros para seguir Lady de Marly. Maddy viu-se encurralada a um canto quando um dos maridos a empurrou para trás e a seguir lhe pediu perdão sem grande convicção.

Jervaulx, de braços atados, permanecia imóvel com os olhos fixos no chão. O rasgão do ombro abrira-se ainda mais devido ao ângulo estranho dos braços, forçados pelas luvas.

O lorde-chanceler olhou em volta para a família que enchia a sala.

– Bom – disse com bastante secura e um pouco irritado. – Já que estão todos aqui, permitam-me que vos comunique a minha decisão no que se refere ao pedido que me foi feito para declarar a incompetência de Sua Senhoria, Christian Langland, duque de Jervaulx.

Lady de Marly bateu no chão com a bengala de um modo que não pressagiava nada de bom.

– Lyndhurst... – começou a dizer, num tom autoritário.

– Minha senhora – na voz do lorde-chanceler podia ouvir-se uma nota de advertência –, permita-me.

Sentou-se numa enorme poltrona junto à lareira e indicou a Lady de Marly que fizesse o mesmo,

numa poltrona que fora disposta à frente dele. Estendeu a mão, expectante.

O escrivão apressou-se a apanhar os papéis que se encontravam espalhados a seus pés. O lorde-chanceler pegou neles, pô-los por ordem e aproximou do nariz os óculos rachados, sem chegar a pô-los.

– Examinei o duque com o objetivo de atestar a sua capacidade de gerir os seus bens. Vejo que é incapaz de dizer o próprio nome ou de o escrever. Não consegue contar até vinte. Não parece reconhecer a mãe. Não reagiu naturalmente quando lhe foi pedido que acendesse uma vela. Ao pedir-lhe que contasse uma certa maquia, atirou o dinheiro para a lareira. São estes... – A voz subiu de tom quando Lady de Marly tentou interrompê-lo. – São estes os critérios que habitualmente aplicamos para determinar se alguém se encontra na posse das suas faculdades mentais, minha senhora.

Lady de Marly estivera inclinada para a frente. Quando o olhar dela se cruzou com o do lorde-chanceler, endireitou-se e ergueu o queixo.

– Excelência – disse ela –, estamos a falar do duque de Jervaulx. – Lançou um olhar ao lorde-chanceler que teria feito estremecer pedras. – O duque de... Jervaulx.

Eram como dois anciãos envolvidos numa batalha silenciosa, duas vontades de ferro em confronto. Uma calma perturbadora apoderou-se de tudo e todos, com exceção das chamas que crepitavam sem muito ruído entre Lady de Marly e o lorde-chanceler. Um som vulgar, durante o qual Jervaulx não se mexeu, nem ergueu o olhar do chão.

O lorde-chanceler remexeu os papéis. Pigarreou.

– Em representação de Sua Senhoria, a duquesa viúva de Jervaulx, comparecem Lord Tilgate, Lord Stoneham, Mr. Manning, Mr. Perceval, conjunta e solidariamente, etc., etc., e solicitam ao tribunal, etc., que instrua procedimento de incapacidade por... perda de faculdades mentais, sim, bem sabia que não me tinha equivocado. – Olhou para o advogado da família. – Mr. Temple, há um erro nestes documentos. Não deviam ter solicitado uma declaração de perda de faculdades mentais, mas sim de loucura, como verifiquei tratar-se depois de examinar o duque. – Lançou aos presentes um olhar frio. – É-me totalmente óbvio que este é um caso de alienação mental e não de imbecilidade. Se as partes que representa, Mr. Temple, desejarem corrigir a solicitação e voltar a apresentá-la, eu, em princípio, não vejo qualquer inconveniente em estudar o caso numa data futura.

Maddy não conseguia perceber o motivo por que Lady de Marly se mostrava tão satisfeita. Parecia ver o adiamento como uma autêntica vitória – e, quanto a isso não havia dúvida, as veementes queixas dos cunhados em voz baixa revelavam a sua insatisfação. Enquanto Lady de Marly avançava lentamente e com pancadas da bengala para o vestíbulo e as carruagens que os esperavam no exterior, Maddy ouviu um dos maridos a murmurar:

– Santo Deus, homem, mais seis meses? – A voz aumentou um pouco quando pegou no advogado pelo braço e acrescentou: – A propriedade vai ficar uma balbúrdia!

Os outros mandaram-no calar. Maddy ultrapassou-os no vestíbulo. As irmãs e os cunhados de Jervaulx viram-na passar, afastaram-se para o lado e viraram-se de costas para a parede. Maddy deteve-se ao chegar ao patamar da escadaria.

Entre Larkin e o primo Edward, Jervaulx passou algemado em frente à fila de espectadores, como um criminoso a caminho da execução. Não dava qualquer sinal de se aperceber de que havia pessoas junto de si. Parecia fixar-se apenas nas bainhas dos vestidos das irmãs à medida que passava por

elas. Só quando chegou ao local onde Maddy se encontrava é que levantou os olhos – e ela viu que Christian estava muito longe dali.

Nada havia no olhar dele: nem pena, nem raiva, nem qualquer tipo de reconhecimento. Dissera que morreria se o mandassem voltar. Maddy achou que ele já parecia morto. Esteve prestes a estender a mão e tocar-lhe, mas... não.

Não. Era melhor assim. Era melhor que não voltasse a si, que não sentisse aquele momento. Atrás dele, a família fechou fileiras no vestíbulo e começou a murmurar. Maddy levantou a saia, virou costas a Christian e foi a primeira a descer a escadaria.

Numa cadeira próxima da lareira, como sempre, Lady de Marly encontrava-se sentada no seu *boudoir,* rodeada por móveis de laca oriental. Todos os centímetros daquele espaço estavam ocupados por frascos de porcelana azul e branca. Havia-os de todos os tamanhos, grandes e minúsculos, simples e pintados com dragões grotescos e animais míticos. Inalou profundamente os sais de um dos frascos e, a seguir, abriu os olhos e girou o recipiente na mão.

– Miss Timms – disse, a olhá-la fixamente –, é imprescindível que o Christian entenda o que tenho a dizer. Por isso é que a menina está aqui.

– Compreendo.

– Garota mal-educada. Quando lhe falo, dirija-se-me por «minha senhora».

– Tal não é o nosso costume – respondeu Maddy calmamente.

Lady de Marly arqueou as sobrancelhas.

– Quanto a isso não tenho dúvidas.

Pareceu ficar satisfeita com o comentário cáustico e centrou a atenção no duque. Este tinha as luvas calçadas e observava-as como um criminoso sombrio e acorrentado. Lady de Marly voltou a aspirar outra dose de sais e depois acenou com o frasco:

– Tire-lhe essas... amarras – disse, como se a própria palavra a ofendesse.

Era com todo o gosto que Maddy o fazia. Jervaulx não se mexeu enquanto ela desatava as luvas. Assim que se viu livre delas, olhou primeiro para uma mão e depois para a outra. De seguida, ergueu a cabeça e assentiu-lhe uma vez, num agradecimento lacónico.

Lady de Marly deu uma pancada com a bengala para lhe chamar a atenção.

– Tu, rapaz, sabes o que aconteceu hoje?

– Devagar – aconselhou Maddy.

A senhora idosa fez um esgar de aborrecimento.

– Jervaulx! – O duque olhou para ela. – Ouve-me. Hoje fracassaste. Falhaste.

Jervaulx moveu o maxilar. Começou a respirar mais depressa, a esforçar-se por falar. Para alívio de Maddy, Lady de Marly esperou sem o interromper.

– Vesta! – explodiu, furioso. – Não... *voltar.* Deus! Se... amar. Se... – Estendeu o braço, pegou no de Maddy, e empurrou-a na direção da tia. Manteve-a à frente dele – ... *fala.*

Maddy sentiu que ele lhe cravava os dedos no braço. Ele sacudiu-a ligeiramente e da garganta saiu-lhe uma espécie de grunhido.

– *Fala* – insistiu.

– Ele não quer voltar a Blythedale, Lady de Marly – disse. – Acho que é isso que quer que eu diga.

– Claro. – Nem sequer olhava para Maddy, apenas para o duque atrás dela.

Jervaulx suspirou e, com um empurrão, afastou Maddy. Com grandes passadas, chegou ao fundo da sala.

– Matar... agora. – Virou-se para elas, a agarrar os lados das costas de uma cadeira chinesa de ébano. – Não... *voltar*.

Lady de Marly olhou-o e assentiu ao de leve.

– No entanto, vais ter de voltar. Assim o deseja a tua mãe – declarou com uma crueldade calma, o que forçou Maddy a falar.

– Talvez possas considerar...

– Miss Timms! – exclamou Lady de Marly, cortante. Maddy manteve-se em silêncio. – Miss Timms, a menina não referiu que ele fosse capaz de manter um diálogo inteligente.

Lady de Marly tinha a capacidade de fazer com que uma pessoa se sentisse culpada até de uma melhoria.

– Ele por vezes fala – replicou Maddy –, mas com pouca frequência.

– Com que frequência? Em que circunstâncias?

– Acho que... quando está aborrecido. Quando deseja muito uma coisa. Quando é... – hesitou. – Quando é importante para ele.

– Estou a ver.

Lady de Marly agarrou no cabo da bengala com as duas mãos. Recostou a cabeça no encosto e semicerrou os olhos.

– Jervaulx – disse a senhora idosa. – *Vais* voltar. Compreendes?

Ele agarrou-se à cadeira.

– *Voltar?*

Apenas uma palavra, cheia de dor.

– Sim. – Lady de Marly abriu os olhos e deu uma pancada com a bengala. – A menos que faças o que eu vou dizer.

Levantou-se com o auxílio da bengala. O duque não se moveu enquanto ela se aproximava dele, a cada passo ouvindo-se o frufru da seda. Deteve-se e apoiou-se com força na bengala. Olharam-se fixamente apenas com a cadeira de ébano entre eles.

– Não voltar, Jervaulx. Não... voltar... *se*... – olhou prolongadamente para os olhos do duque – ... *se* aceitares.

O rosto dele parecia sombrio pela emoção e cansaço.

– Acei... tar?

– Se aceitares casar-te.

Jervaulx inclinou ligeiramente o rosto. Maddy detetou a hesitação dele.

– Casar – repetiu Lady de Marly, simples e claramente. – Casar... assegurar o título... e não terás de voltar. Eu tratarei disso.

A compreensão atravessou o rosto de Christian. Uma mistura de compreensão e afronta – um instante de arrogância aristocrática, um duque em estado puro, surpreendido e ofendido por aquela intromissão – e, de seguida, uma compreensão maior ainda, o alcance do que ela lhe oferecia. Soltou a cadeira.

– *Sim* – disparou.

Qualquer coisa, dizia aquela única sílaba. Qualquer coisa, para não ter de voltar.

CAPÍTULO 14

—Sim, aceito – leu Maddy mais uma vez.

Os dedos do duque apertavam com força o cabo de um sinete pesado. Enquanto se esforçava por falar, pressionava-o contra a base da escrivaninha, formando uma nova marca. Maddy passara todo o dia fechada com ele na biblioteca, a recitar a fórmula matrimonial do breviário. Christian não olhava para o interminável número de brasões com fénix que deixava no papel. Não desviava os olhos dela.

– Hmm... *ceito* – conseguiu dizer.

– Aceito – corrigiu-o Maddy.

Com a secretária de permeio, ele fitava-a. A concentração gelava toda a humanidade do seu rosto: ele não passava de gelo e escuridão, os olhos com a profundidade do azul invernal. Não lhe saía qualquer som.

Maddy voltou a olhar o livro. Releu a nota de Lady de Marly com os nomes que tinha de incluir, embora já há muito os tivesse memorizado.

– Eu, Christian Richard Nicholas Francis Langland...

– Christian Richard – disse ele –, Christian Richard... Nn...clas. – Engoliu em seco e cerrou os dentes. – Fra...Lang.

– Aceito-te...

– Tttte – resmoneou ele.

Maddy continuou como se ele tivesse pronunciado a palavra, embora começasse a ter a sensação de que isso nunca viria a acontecer. Lady de Marly incumbira-lhes a tarefa depois do pequeno- -almoço e, já passada a hora do chá e do jantar, Maddy perdia a esperança.

Humedeceu os lábios, exalou suavemente e voltou a ler. Um tom monótono e cansado surgiu-lhe na voz.

– Aceito-*te*, Anne *Rose*...

– Aceito-*te*, Anne *Rose*.

Disse aquelas palavras com bastante clareza. A fluência repentina fez com que Maddy erguesse os olhos. A surpresa avassalou-os: o duque parecia tão surpreendido quanto ela.

O rosto de Maddy abriu-se num sorriso.

– É isso!

O duque sorriu, corado pela façanha.

– Aceito-te... Anne *Rose* – repetiu ele, acenando com a cabeça a cada sílaba.

– Aceito-te Anne Rose Bernice Trotman...

O sorriso desapareceu-lhe do rosto. Ele franziu o sobrolho e abanou a cabeça.

– Aceito-te, Anne *Rose*...

– Ber-*nice* Trot-*man*.

– Aceito-te, Anne *Rose* Ber*nice* Trot*man*.

– Sim! – exclamou Maddy, e inclinou-se para a frente. – Eu...

Ele interrompeu-a e prosseguiu com um ritmo de acenos afirmativos:

– *Chris*tian *Ri*chard *Nick*'las *Lang*land. *Chris*tian *Ri*chard *Nick'* las Langland. Eu... *Chris*tian Richard Nicholas Langland. – Empurrou a cadeira para trás e levantou-se. – Eu, Christian Richard Nicholas Langland. Langland. Christian. Eu, Christian Richard Nicholas Francis Langland. Langland! – Soltou uma gargalhada áspera e vitoriosa. Agarrou no sinete e a cada palavra deu uma pancada sobre a base da secretária. – Eu, *Chris*tian *Ric*hard *Nick*'las *Fran*cis *Lang*land!

Aquela violenta exibição de entusiasmo assustou-a um pouco. Maddy fechou o breviário.

– Talvez seja uma boa altura para pararmos por hoje.

– Não! – Deu a volta à escrivaninha, tirou-lhe o livro das mãos e abriu-o com toda a força sobre a mesa. – Qu'ridaMaddy! Aceito-*te* Anne *Rose* Ber*nice* Trot*man*...

Ela hesitou. Ele agarrou-lhe na mão e apertou-a, acariciando-a dolorosamente.

Maddy assentiu e ele soltou-a. A jovem inclinou-se sobre o breviário.

– ... como minha legítima mulher. – Tornava-se-lhe mais difícil adaptar aquelas palavras ao ritmo monótono. Viu-se forçada a dar-lhe uma tonalidade pouco natural. – Como *minha* legítima *mulher*.

– Como *minha* legit*mulher*.

Maddy achou que aquilo bastaria.

– A quem prometo *amar* e *respeitar*...

– Prometo *amarirrespeitar*...

De agora em diante, na prosperidade e na adversidade, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença. Embora os votos matrimoniais da Igreja de Inglaterra deixassem muito a desejar, e a Sociedade dos Amigos não encontrasse neles nada de bom, aquelas expressões tinham uma cadência simples e ritmada que Jervaulx era capaz de repetir. Estava muito longe de o fazer na perfeição e deixava escapar sílabas que não se adaptavam ao ritmo, mas os progressos animavam-no. Percorria a sala, a assentir com a cabeça para marcar o compasso, e insistia para que ela lesse as frases uma e outra vez enquanto ele as repetia.

Por fim, aproximou-se de onde ela estava, postou-se atrás dela, pousou-lhe as mãos nos ombros e recitou sem ajuda toda a passagem.

– Aceito-*te*. *Eu, Chris*tian *Ric*hard *Nic*holas *Fran*cis *Lang*land, aceito-*te*, Anne *Rose* Ber*nice* Trot*man*. Como *minha* legit*mulher*. Prometo *amarirrespeitar*. *Dor em* diante. Na *prospri*dade e *n'advers'dade*. Na *saú*de e *doen*ça. Até *ca mor*te *noxpare*. – Marcava a cadência com os dedos. – *Segun*do a *vont*ade *Deus*. *E entreg'me*... c*omo*... *m'rido*. *Sim!*

Apertou-lhe os ombros com força. Era óbvio que se sentia orgulhoso por ter conseguido ultrapassar a dificuldade das últimas expressões.

Maddy virou a cabeça, incapaz de o ver por causa da touca. Na verdade, não se esforçou muito. A touca estava ali como uma verdadeira proteção, como uma barreira que a defendia da euforia de um homem, do seu maravilhoso sorriso e dos olhos escuros da cor da meia-noite.

Ele pertencia ao mundo e um padre ia casá-lo com outra filha do mundo. Casar-se-ia e não regressaria a Blythedale Hall.

Com um movimento rápido, fechou o livro. Endireitou-se e afastou-se dele.

– Então vou comunicar a Lady de Marly que já consegues dizer as tuas frases.

Lady de Marly reclamou a presença de Maddy de imediato. A dama estava a jantar, deitada na cama com um tabuleiro em cima do colo, instalada sob pássaros exóticos e figuras orientais no quarto chinês. Maddy manteve-se de pé com as mãos unidas.

– Então, acha que ele é capaz? – perguntou-lhe entre uma dentada na torrada e um gole de chá.

– Talvez ainda consiga melhor, se praticar durante mais tempo.

– Seis meses, Miss Timms, seis meses foi tudo quanto o Lyndhurst nos deu. E até poderemos não contar com tanto tempo, embora o advogado me tenha assegurado que seria surpreendente que a solicitação corrigida fosse feita com maior rapidez. – Deixou cair ruidosamente a colher sobre o tabuleiro. – Não podemos esperar até que melhore. Temos é de resolver isto de uma vez por todas e deixar a rapariga de esperanças. Não quero problemas de legitimidade. Compreende a urgência do assunto?

– Referes-te ao casamento?

– Ao herdeiro, jovem. Ele não tem herdeiro. Há anos que já devia tê-lo, como qualquer homem sensato, mas o que fez a cabeça- -oca da mãe? Dedicou-se a atenazá-lo a toda a hora para que se arrependesse e se casasse, com o resultado natural de ele por nada deste mundo se deixar arrastar para o altar. Desobedece-lhe em tudo o que pode. E não o culpo por o fazer, mas apenas um idiota egoísta pensa ser imortal e deixa o título por assegurar. E isso, como já lho disse sem qualquer pejo, é exatamente aquilo que ele é. E agora...

De repente, a voz tremeu-lhe e ela parou de falar. Foi como se, de repente, os anos lhe pesassem e revelassem toda a sua vulnerabilidade. Procurou desajeitadamente com os dedos a chávena de chá e, trémula, bebeu um longo gole. A chávena tiniu quando a pousou no pires.

Durante um momento, manteve o olhar perdido. De seguida, resfolegou amargamente.

– Enfim. De qualquer maneira, agora que está... como está – prosseguiu com uma precisão áspera que se tornou mais forte à medida que falava, como se ao dizer as coisas em voz alta recuperasse o controlo sobre elas –, temos de conservar o que pudermos. O ducado reverte a favor da Coroa se não existir descendência masculina legítima. É *isso* que está aqui em jogo, minha excelente jovem. Ele não tem herdeiros. E um louco não pode contrair matrimónio, pois não? Nem um homem que já tenha sido considerado perturbado mental. Se não o casarmos antes de o declararem incapaz... está tudo perdido.

Maddy permaneceu em silêncio, algo chocada. Não lhe parecia que Lady de Marly fosse gostar de um discurso acerca da vaidade das instituições mundanas como os ducados, mas forçar o sobrinho a casar-se para não o perder, chantageá-lo com a ameaça de Blythedale Hall para que se casasse, parecia-lhe de uma grande iniquidade.

– Mas... e Anne Trotman? – perguntou, tímida. – Está disposta a casar-se com ele?

– Ele é o duque de Jervaulx, rapariga.

– Apesar de...

Lady de Marly moveu a chávena no tabuleiro com bastante barulho.

– Eu e o pai dela chegámos há um mês a um acordo bastante satisfatório. A família pertence à pequena aristocracia. Possuem um antigo vínculo com os duques de Rutland, mas sem direito a reclamarem bens hereditários. Mr. Trotman acaba de ser nomeado deputado de um pequeno condado em Huntingdonshire. O dote da jovem mal chega às dez mil libras, o que, parece-me que estará de acordo comigo, é pouco, se comparado como as cinquenta e duas mil libras anuais que receberá por

ser mulher do duque. Na minha opinião, Miss Trotman pode considerar-se uma jovem extraordinariamente afortunada.

– Ela não sabe.

Lady de Marly mostrou um enorme interesse na torrada e cortou um pedaço com toda a exatidão.

– Sabe que ele tem estado doente. Nem eu nem os pais dela achámos adequado estar a perturbá-la com os pormenores. As mentes jovens têm tendência a imaginar coisas de um modo exagerado.

– Lady de Marly... não pode ser um matrimónio válido aos olhos de Deus.

– Mas que impertinente.

– Falo em termos simples.

– Mal-educada e vulgar. Matrimónio válido aos olhos de Deus! Uma cerimónia efetuada pela Igreja de Inglaterra. Que mais se pode pedir? Tolices, jovem. Com que noções de baixa classe se vai sair agora? Partilharem o leito vestidos? Cortejarem-se na cama, como fazem os camponeses? Pularem por cima de uma vassoura para pronunciarem os votos? Um verdadeiro matrimónio... Sabe do que está a falar?

– Sei que a verdade não pode basear-se no orgulho da posição social nem da falsidade!

Lady de Marly atirou a colher de prata para cima do tabuleiro.

– Mulherzinha insolente! Está a chamar-me mentirosa?

Maddy, obstinada, respirou fundo.

– És a única que conhece a verdade do teu coração.

– E a menina faria bem se não o esquecesse. Já ouvi o suficiente das suas baboseiras dissidentes. Ele é o duque, e ela será a sua duquesa. Não vejo que objeções se possam colocar a isso. A única questão é a do sangue maculado. Mas há séculos que não existe um caso de loucura nem de imbecilidade na linhagem, se pusermos de lado a idiota da mãe dele. Acredite quando lhe digo que me assegurei disso. E Mr. Trotman, se for um homem de bom senso, terá feito o mesmo.

Maddy continuava preocupada.

– Ela não vai aceitá-lo, quando o descobrir. Vai humilhá-lo.

– Não diga uma coisa dessas! – exclamou Lady de Marly, crispada. – Miss Timms, reconheço que é uma jovem de bom coração... deixe-me falar-lhe com a mesma simplicidade. Miss Trotman será uma verdadeira aristocrata. Terá a sua própria casa, esta. Criadagem. Acesso aos grandes do reino e uma fortuna que ultrapassará a sua capacidade de a esgotar. Com esta aliança, a carreira política do pai... não, o futuro de toda a família ficará assegurado. Para obter tudo isto, nada mais terá de fazer senão cumprir os deveres para com o marido. Os pais dela compreendem isto, como é óbvio. Sejam quais forem os sentimentos iniciais da jovem, tenho a certeza de que Miss Trotman, depois de refletir, poderá ser levada a perceber as vantagens do enlace.

– E o duque?

– O duque não é assunto que lhe diga respeito.

– Mas, se nascer um herdeiro, ela talvez queira livrar-se do duque.

– Miss Timms, esgota-me a paciência. Por que acha que escolhi esta jovem? Escolhi-a porque é bastante manipulável. Os cunhados dele não participarão no assunto, nem a mãe dele. Miss Trotman está bem consciente de quem fez isto por ela.

Maddy ficou calada, ainda presa de uma estranha inquietação pelo futuro do duque.

Lady de Marly observava-a.

– Miss Timms – disse num tom mais suave do que aquele que utilizara até ao momento –, ele é o

único filho vivo do meu irmão. O último representante da minha família que eu compreendo. Até que tenha sobrevivido ao seu marido, aos seus filhos e a toda a sua geração, a menina não poderá saber o que isso significa.

– Se o amasses, nunca o mandarias de volta para Blythedale.

A anciã arqueou as sobrancelhas pintadas.

– Ah. Mas eu não lhe disse que o amava. Disse que o compreendia. Ou ele se casa... ou regressa para o manicómio. Juro-o. E pode informá-lo disso. – Recostou-se nos almofadões. – Assegure-se de que ele sabe dizer bem os votos matrimoniais, rapariga, se se preocupa com o futuro dele. E agora leve-me daqui esta bandeja para que eu possa dormir.

Quando Maddy entrou no salão com Jervaulx, todos estavam reunidos: os Trotman, Lady de Marly e a duquesa viúva. Lady de Marly, sem se levantar da poltrona, disse:

– Jervaulx, apresento-te Mr. e Mrs. Trotman.

O pai, um cavalheiro distinto e vigoroso, de faces rubicundas, atravessou de imediato a sala e estendeu a mão.

Jervaulx olhou-a, examinou o rosto do homem e fez um ligeiro assentimento. Trotman baixou a mão.

– Senhoria – respondeu com uma profunda inclinação formal para dissimular rapidamente o incómodo. – É uma honra para mim. Permita-me que lhe apresente a minha mulher. – Virou-se ligeiramente. A dama, muito loira e pequena, fez uma ligeira vénia. – E esta... esta é a minha filha Anne. – Com um gesto paternal, chamou-a. – Annie, não fiques aí. Hoje está um pouco acanhada, espero que tenha isso em consideração, Sua Senhoria, dadas as circunstâncias. Vem cá, minha querida, e apresenta-te ao duque.

Anne Trotman obedeceu e afastou-se da mãe com o rosto voltado para baixo. Ao aproximar-se do pai, ergueu fugazmente o olhar e voltou a baixá-lo, ao mesmo tempo que fazia uma profunda vénia. Naquele vislumbre, Maddy percebeu que ela era muitíssimo jovem, que se encontrava tão pálida quanto Lady de Marly, embora tivesse as mesmas rosetas coradas do pai, e que o rosto, então tomado pelo susto, era demasiado redondo para poder ser considerado belo, não deixando porém de ser bastante bonito. Loira, vestida de verde-maçã com laços e plissados brancos, parecia um cordeiro aterrorizado perante o lobo negro e feroz encarnado por Jervaulx.

Maddy viu-o examinar a jovem de cima a baixo. O penteado elaborado, as mangas de balão, a cintura fina. Tão jovem, pensou Maddy... decerto nem dezassete anos teria.

O duque mantinha-se impávido. Respondeu à reverência da jovem com uma meia vénia que mostrava uns modos sociais impecáveis, e endireitou-se sem deixar de a observar sob as pestanas longas.

– É uma jovem muito agradável, não, Christian? – perguntou a duquesa viúva ao aproximar-se. – Uma jovem devota e bondosa. Tanto Mrs. Trotman como a filha realizam um importante trabalho na Sociedade de Préstimos da Igreja.

Lady de Marly procurou a bengala às apalpadelas e, com a ajuda desta, levantou-se.

– Creio que Mr. Trotman expressou o seu interesse em visitar a biblioteca – disse. – Deixemos que os jovens se entretenham sozinhos. Miss Timms, a menina fica. Chame um criado e peça bebidas.

Maddy sentiu-se satisfeita por se poder encarregar daquela pequena tarefa, já que lhe dava algo

que fazer. Lady de Marly fez caso omisso da relutância da duquesa viúva em abandonar a sala, insistindo que precisava do braço da cunhada para sair. Os Trotman seguiram-na com uma diligência obediente. Quando passaram junto do duque, este acenou a cada um, enquanto a ironia se lhe refletia na comissura dos lábios.

A porta fechou-se. Jervaulx virou-se e dirigiu-se à janela, onde se entreteve a olhar para o exterior.

A jovem também continuava de pé, com as faces coradas, a apertar as mãos e a olhar para o chão.

– Queres sentar-te? – perguntou-lhe Maddy ao ver-se no papel de anfitriã.

Anne Trotman olhou-a de lado, lançou um relance rápido ao duque e afastou os olhos.

– Sim – respondeu num sussurro.

Maddy aproximou duas cadeiras da lareira, e colocou uma para si um pouco atrás. A jovem sentou-se de imediato na que se encontrava mais afastada.

– Por favor – disse Maddy com firmeza, decidida a que Jervaulx e a sua prometida se conhecessem o melhor possível antes de embarcarem numa vida inteira juntos –, senta-te aqui, perto da lareira.

Relutante, Anne Trotman sentou-se na cadeira que Maddy lhe indicava. Sentou-se muito direita, com o rosto baixo e as mãos cerradas em punhos brancos. Maddy olhou para Jervaulx, que se limitou a devolver-lhe o olhar com o habitual sorriso sarcástico. Ela franziu um pouco a testa e, com um movimento do queixo, indicou-lhe a outra cadeira. Jervaulx franziu as sobrancelhas e não se moveu de onde estava, numa atitude claramente desafiadora e de completo desprezo por quaisquer obrigações.

Maddy sentou-se na terceira cadeira e viu-se obrigada a inclinar-se um pouco para distinguir as feições de Anne Trotman.

– Chamo-me Maddy Timms – disse. A jovem assentiu, lançou-lhe um olhar perturbado e voltou a fixar os olhos no colo.

Por sorte, nesse momento surgiu um criado com o tabuleiro do chá. Durante alguns minutos, serviu de distração enquanto Maddy os servia e perguntava se queriam leite e açúcar. A jovem recusou-se a aceitar um prato.

– Receio que... não conseguiria comer – disse em voz baixa.

Maddy deitou o chá numa chávena e levou-a a Jervaulx, que estava encostado aos cortinados da janela. Aceitou o chá, embora sem qualquer indício de que fosse bebê-lo.

Maddy tornou a sentar-se. O silêncio incómodo prolongava-se e ela lamentava as suas falhas na arte da conversa frívola.

– O duque é um entusiasta da matemática – acabou por dizer. A jovem olhou para ela como se tivesse falado num dialeto da África mais profunda. – Ele e o meu pai desenvolveram uma nova forma de geometria – prosseguiu Maddy, obstinada. – Isso mereceu-lhe uma ovação de pé na Sociedade Analítica. Gostas de matemática, Anne Trotman?

A jovem pestanejou.

– De modo algum.

– Posso emprestar-te alguns livros acerca do assunto. Deve ser um prazer para os casais partilharem os interesses um do outro, não concordas? Eu, pela minha parte, dedico-me à jardinagem. E tu, o que gostas de fazer?

Anne Trotman humedeceu os lábios.

– Ir a bailes – disse – e dançar. Embora ainda não tenha ido a nenhum. Ainda não fui apresentada à

sociedade. A minha mãe disse que o serei agora, quando... – Lançou um olhar rápido ao duque e desviou imediatamente a cabeça. – Depois. – Ergueu um pouco a cabeça. – Apresentar-me-ão à corte, com um vestido de seda e cauda. E levarei plumas no cabelo e diamantes.

Maddy levantou-se. Depois de percorrer metade da distância que a separava de Jervaulx, anunciou:

– Anne Trotman gosta de dançar e de bailes.

Ele ergueu os olhos, imersos na profunda contemplação da chávena de chá.

– Dançar – repetiu Maddy. – Anne Trotman gosta de dançar. Gosta de bailes.

Jervaulx arqueou as sobrancelhas, numa mostra de surpresa exagerada perante aquela informação.

Maddy voltou para junto da jovem, ao lado da lareira.

– O duque esteve... bastante doente. Se lhe falares devagar e com as palavras bem pronunciadas, conseguirás manter uma conversa com ele.

– Está louco, não é verdade? – perguntou Anne Trotman com veemência, saindo da sua letargia. – A irmã dele visitou-nos ontem e contou-me que quase assassinou um lacaio!

– Não está louco.

A jovem tremia. Quase sem fôlego, exclamou:

– Meteram-no num manicómio! Esteve acorrentado. Não é verdade?

Maddy comprimiu os lábios.

– *É* verdade! – Anne Trotman deixou cair a chávena no tabuleiro e levantou-se. Encarou Maddy. – Dá para ver pela sua cara! – Olhou para trás, onde Jervaulx se encontrava. – É horrível. Não quero conversar com ele. Não quero que me toque!

– Nesse caso, seria melhor que não consentisses em casar com ele – replicou Maddy em voz baixa.

Anne Trotman desviou o olhar de Jervaulx.

– Todos dizem que tenho de o fazer.

Maddy não podia apoiar a desobediência, nem manifestar-se contra os pais da jovem. Seria uma perversidade da sua parte. Só podia esperar que aquela jovem encontrasse o caminho que devia seguir, que a Luz a iluminasse.

– É o meu dever – afirmou a jovem. – Serei duquesa. Duquesa.

Jervaulx esboçou um lento sorriso despectivo. Afastou-se da janela, passou por Maddy e aproximou-se sem pressa de Anne Trotman, que se afastou ao mesmo tempo que as suas faces rosadas se tornavam vermelho-carmesim sobre a palidez do rosto.

– Não! – exclamou, e tropeçou numa mesa dourada. – Não me toque! Miss Timms!

O duque prendeu-lhe o queixo entre os dedos. Obrigou-a a olhá-lo no rosto e reteve-a ali enquanto ela arquejava, histérica. Tocou-lhe, estendendo a mão sobre a faixa larga que lhe apertava a cintura, os dedos fortes e escuros sobre o cetim branco. Moveu a palma para cima, com um movimento libidinoso, sem prestar atenção aos folhos e plissados, e percorreu o peito da jovem com uma depravação evidente.

Quando ela se tentou afastar para o lado, agarrou-a pelo braço, pressionou-se contra a jovem, todo o seu corpo uma barreira comprimida contra ela. A jovem debateu-se, para tentar respirar.

– É um indecente! – gritou. – Largue-me!

Apesar da resistência, abraçou-a com força.

– *Tocar*... quando... apetecer.

O tom brutal daquelas palavras deixou-a petrificada. A jovem conteve a respiração e olhou-o como um animalzinho incapaz de se mover. Maddy levantou-se.

– Jervaulx – limitou-se a dizer.

O duque soltou Anne Trotman, que se afastou rapidamente, a sacudir a seda e os laços como se lhos tivessem sujado. Depois de um olhar silencioso e horrorizado para Maddy, segurou as saias e saiu do salão a toda a velocidade. A porta fechou-se com uma pancada que ressoou por toda a divisão.

– Anne *Rose* Ber*nice* Trot*man* – disse Jervaulx a abrir e a fechar o punho para marcar o ritmo, e olhou-a sob as pestanas escuras.

– Assustaste-a de propósito.

– Cabra – disse Jervaulx com toda a clareza.

Um sorriso feio retorcia-lhe os lábios. Aproximou-se da prateleira da lareira e pegou numa figura de porcelana que representava uma jovem. Deixou-a cair no fogo. Maddy sobressaltou-se com o ruído que aquela fez ao estilhaçar-se e, de seguida, avançou um passo para impedir que ele pegasse noutra das que ali se encontravam.

A segunda figura esmagou-se contra a pedra. Ele pegou numa terceira e manteve-a suspensa na mão, a desafiá-la. Maddy deteve-se.

A estatueta caiu. Partiu-se em fragmentos que ressaltaram e caíram aos pés da jovem.

– *Minhas* – disse Christian. – Parto. – Depois de lançar um olhar à sala cheia de adornos que o cercava, acrescentou: – Parto *tudo*.

Maddy afastou-se.

– Muito bem! És o duque! Podes partir tudo! – Olhou-o por cima do ombro. – E agora ela já não se vai casar contigo e tu vais ter de voltar.

– Anne *Rose* Ber*nice* Trot*man* – troçou ele, e empurrou os cacos das estatuetas com a bota.

– Vão mandar-te voltar. – Emocionada, Maddy erguia a voz. – Voltar!

Aquelas palavras conseguiram atrair a atenção de Jervaulx, que semicerrou os olhos.

– Não.

– Sem casamento, vais ter de voltar.

Ele fez um esgar.

– Sem... casa...?

Maddy apontou para a porta por onde a prometida de Jervaulx desaparecera.

– Ela já não vai querer casar-se contigo!

Durante um longo momento de hesitação, Jervaulx concentrou-se no rosto de Maddy... e, de repente, desatou à gargalhada.

– Não? – Abanou a cabeça e sentou-se sem cerimónias numa cadeira de pernas douradas. – Louco... horrível... *Tocar!* – Fez uma expressão de nojo, afastou a palma da mão como Anne Trotman fizera e voltou a rir-se com amargura. – Qu'ridaMaddy. Achar não... casar?

A duquesa viúva foi ao quarto de vestir de decoração exagerada, no momento em que Maddy acabava de jantar. Pediu-lhe que se ajoelhasse com ela para rezarem juntas. Num longo discurso, deu graças a Deus por Miss Trotman, pelo Dr. Timms e pelos seus auxiliares, Larkin e Miss Timms, os quais, com a permissão da Divina Providência, sem a qual toda a ajuda humana estava condenada ao

fracasso, tinham conduzido o filho aos caminhos da recuperação.

Maddy percebeu que a intenção da duquesa era que ela aceitasse aquele gesto como uma mostra de reconhecimento pessoal, o que a fez sentir-se incomodada e desanimada. Depois do último ámen, enquanto a duquesa se sentava na única cadeira do quarto, Maddy levantou-se e sentou-se na beira do catre.

A duquesa juntou as mãos no colo.

– Miss Timms, tive uma longa conversa com o seu tio, e não tenho quaisquer escrúpulos em dizer que sinto um enorme desgosto por o meu filho se ver privado dos cuidados de Blythedale. Creio que a menina sabe quem é responsável por isso, mas não vale a pena voltar a falar acerca do assunto. Já disse ao doutor Timms, e agora digo-lho a si, que, na minha opinião, toda esta situação não passa de uma experiência. – Movia os dedos com um ritmo inquieto, como se tangesse as cordas discordantes de um instrumento. – O duque deve casar-se; quanto a isso, não restam dúvidas. Só por isso permito que este plano avance. Mas, se acontecer a mais pequena recaída e ele se tornar incontrolável, o doutor Timms acha, tal como eu, que o meu filho deve voltar para o asilo. Estou a falar-lhe disto porque é nossa intenção que permaneça connosco até ao casamento, e talvez até durante mais algum tempo. Parece que Miss Trotman pediu que não a dispensássemos sem que ela seja consultada, o que, como concordará comigo, é muito sensato da parte dela. Parece uma jovem muito equilibrada para a idade que tem, uma boa cristã. Em princípio, nunca teria pensado que a noiva do meu filho... – Mordeu o lábio e prosseguiu. – A posição social dela não é a que teríamos imaginado, mas consideremo-nos afortunados por a ter, considerando a situação. Miss Timms, não posso dizer-lhe quantas noites rezei para que o meu filho visse os erros do seu comportamento. Não posso dizer-lhe...

Ficou sem voz. Maddy continuou em silêncio. A duquesa inclinou o rosto e lágrimas silenciosas deslizaram-lhe pelas faces. Levantou-se bruscamente e dirigiu-se para a porta que conduzia ao corredor.

– A tia dele – disse, sem se virar para olhar para Maddy –, Lady de Marly, pensa apenas no título, mas o meu coração diz-me que é demasiado cedo. Ele devia regressar. Acredito piamente que o fará. Blythedale oferece o melhor tratamento moral. Devia continuar lá, ao vosso cuidado. Talvez, sob a supervisão do doutor Timms, possa visitar a esposa quando for apropriado. – Agarrou na maçaneta da porta e virou-se para Maddy. – Isso seria o melhor para todos.

– Lady de Marly prometeu-lhe outra coisa – disse Maddy.

– Bom – declarou a duquesa –, veremos. Terá de me manter informada do estado mental dele, Miss Timms. Lady de Marly tem os seus caprichos, mas eu é que sou a mãe. Sei melhor do que ninguém o que é melhor para ele. Tenho a certeza absoluta de que, assim que se casarem, conseguirei convencer Miss Trotman a concordar comigo. E, então, será ela a tomar a decisão. Até Lady de Marly terá de o compreender. E Miss Trotman é uma jovem tão bondosa e equilibrada...

Christian, imóvel, deixou que o vestissem para o casamento. Fato de cerimónia de veludo castanho-escuro, botões de prata, casaca comprida muito trabalhada. Bragas, colete de abas recortadas e bordadas e, a cobrir tudo, a faixa azul da Ordem da Jarreteira com o alfinete em forma de estrela preso ao peito. De aparência feudal, verdadeiramente antiquado, até nas fivelas com diamantes dos sapatos.

Maddy enganara-se. A jovem tinha demasiada vontade de ser duquesa para fugir.

Horrível lunático louco. Declarado como louco, julgado e condenado: ele estava nas mãos deles; não tinha existência própria. *Desprovido de tudo estrangulado castrado – impotente – morto!,* mas não podia pensar nisso: o ultraje ainda o incendiava, o opróbrio marcado a ferro na pele.

Não queria que ele lhe tocasse, pois não? E era o tipo de bezerra tola, imatura e pateta que ele mais desprezava, presunção pura e vaidade no vestir, carente de inteligência, educada para dançar em bailes e desfalecer nos momentos adequados.

Ela era o seu destino e sempre o fora.

Compreendia a tia. Tratava-se de um assunto de família, uma negociação a sangue-frio que ia muito para lá das inclinações pessoais de Christian. Era o *dever,* cruel e sem perdão, eram sete séculos de existência ininterrupta do nome de Langland.

Se não o fizesse, abandonaria o castelo de Jervaulx nas mãos de estranhos. Seria o manicómio, a perda de identidade, o catre, a camisa de forças e as correntes.

Pensara aturadamente em tudo aquilo, pensara naquilo durante toda a noite e também na noite anterior, deitado na cama que antes dele fora ocupada pelo pai e pelo avô. Casar-se, procriar, ter um herdeiro; o seu próprio sangue no castelo de Jervaulx. Não estava habituado a pensar em si mesmo daquele modo. Deixara tudo aquilo nas mãos das mulheres da família, que sempre lhe tinham parecido obcecadas pela ideia.

Acasalar com uma égua comprada. Imaginou-se deitado com Miss Trotman e apercebeu-se do jogo de palavras que o apelido dela encerrava[3]. Os lábios esboçaram um sorriso. Um humor perverso para esconder a fúria que sentia. Bons motivos para sentir medo, duquesa-trota-potra; motivos suficientes para troçar.

Deitar-se-ia com ela para ter um varão – decerto que Deus o comprazeria um pouco, concedendo-lho –, depois partiria para o castelo de Jervaulx com o menino. E Maddy... levaria Qu'ridaMaddy. Não podia viver sem Maddy. Dar-lhe-ia joias, gatinhos, beijos, o que tivesse de lhe dar.

A *quaker* dos «tus» não gostaria de ser uma simples amante. Isso também não lhe agradava, mas era crucial. Era necessário. E ele não lhe roubaria a virtude sem lhe dar algo em troca, tudo o que ela desejasse.

Poderiam viver em Jervaulx consigo. Ela, o pai e o herdeiro. E, com uma certa perplexidade, Christian pensou que ia correr tudo bem. Pensou que aquela vida seria suficiente para ele. Diferente, completamente diferente daquilo que ele imaginara. Uma meia existência, pois de si apenas restava uma metade, mas era o melhor que podia imaginar naquele momento.

Tentou pensar nos votos matrimoniais e foi incapaz de se recordar do princípio. Mas isso também não constituía problema. Quando os ouvisse, não teria dificuldade em repeti-los.

O criado de quarto começou a escovar-lhe a casaca. Christian viu-se ao espelho. Também ali viu a metade de um homem cuja parte direita do corpo era irreal. Isso inquietou-o e ele afastou o olhar.

Duque.

Duquesa.

Não a desejava. Não a conhecia o suficiente para a odiar, mas imaginou que esse dia não demoraria a chegar. Conhecia uma centena de homens capazes de fazer qualquer coisa para não terem de voltar para casa para as mulheres.

O criado alisou-lhe as costuras dos ombros e pousou a escova. Christian viu que estava pronto para se converter no número cento e um.

3 Em inglês, *trot* significa trote ou trotar. *(N. da T.)*

CAPÍTULO 15

Na igreja, quase vazia, ressoava o eco. As janelas nuas mal deixavam passar a luz, veladas pela fria neblina matinal. Christian assistira a todos os casamentos das irmãs e, comparado com o delas, tão elegantes ainda que íntimos, aquele era tão simples que lhe parecia furtivo. Numa igreja paroquial na qual jamais entrara, apenas a mãe e a tia nos bancos da frente, um pequeno grupo da família Trotman, o homem das sangrias, a Besta, e Maddy – com o rosto tão sério como o seu vestido simples e cinzento e a capa negra –, que ocupava um banco perto do fundo da igreja.

No meio do silêncio, Mr. Trotman acompanhou a filha até ao altar espartano. Da boca de ambos saía vapor para o ar sombrio. Com exceção do alento gelado e das manchas vermelhas nas faces, a noiva tinha a aparência desumana e polida de uma efígie de mármore.

Parou ao lado de Christian, coberta de seda clara e com a cauda do vestido a sussurrar atrás dela. Não olhou para ele. O padre começou a falar. Christian respirou fundo e virou o rosto para o observar a ler.

Logo se perdeu, incapaz de encontrar o seu lugar no meio daquela torrente de palavras. Apertou os punhos com força. O padre interrompeu-se e olhou para lá de Christian e de Miss Trotman, para a pequena congregação. Aguardou um instante, e de seguida recomeçou a ler, a olhar primeiro para Christian e depois para a noiva. Christian calculava que devia ser a parte em que falava dos impedimentos e dos horrores do Dia do Juízo Final; naquela passagem, ele não tinha de dizer o que quer que fosse, mas o momento de pronunciar as primeiras palavras estava próximo.

O ar à sua frente tornou-se esbranquiçado com a sua respiração; tentou controlá-la, engoli-la, concentrar-se, obrigar a mão a abrir-se, para de imediato ver que o punho se voltara a fechar.

O padre olhou para ele e Christian ouviu pronunciar o seu nome – mas com demasiada rapidez, ele falava demasiado depressa. Os sons envolveram-no como se pertencessem a um idioma desconhecido e acabaram num tom ascendente de interrogação. Na igreja, instalara-se um silêncio expectante.

Aceito-te.

Sabia exatamente o que ia dizer.

Repetira-o centenas de vezes a Maddy. Imaginou o rosto dela a assentir ao ritmo das palavras. Respirou ainda mais fundo e acelerou a respiração para tentar falar.

Silêncio. Nada. O padre não desviava o olhar de si. Miss Trotman mantinha o olhar fixo em frente.

Christian abriu o punho. Sabia as palavras, mas era incapaz de as pronunciar. Fala. *Fala!* O punho endureceu com o esforço. Começou a sentir-se atordoado.

– Jervaulx. – A voz da tia reverberou nos tijolos, na madeira trabalhada, no vidro nu e inerte dos vitrais. – *Os votos,* ou voltax para blythall!»

O manicómio. *Correntes animal não.*

Não não não não.

Christian não olhou para ela, continuou a fitar o padre. O eco daquela voz foi-se apagando.

Ela não o faria. Não conseguiria voltar a enviá-lo para aquele lugar. Não acreditava que ela o fizesse. Era um erro. Ele estava a esforçar-se e a tia julgava que ele estava a desafiá-la.

Aceito-te, aceito-te, não posso palavras voltar não oh Deus.

Debatia-se. Silêncio... silêncio... silêncio sem palavras. Não conseguia emitir *som frase palavra gritar nada,* tão irreal como a metade do homem no espelho, impotente. Miss Trotman humedeceu os lábios com a língua, o seu único gesto.

– P'rcebes, Jervaulx? – O teto alto e abobadado amplificou o tom veemente da tia. – P'rcebes voltar blythall?

Virou o rosto. A tia estava de pé. De onde se encontrava, viu que ela tremia de raiva.

– Blythall – repetiu.

O eco daquela palavra ressoou uma e outra vez. *Voltar, louco, louco, louco, louco, louco...*

Miss Trotman era uma espécie de monumento, como os bustos de mármore e as estátuas fúnebres, uma morta-viva. O padre levantou o breviário, voltou a pronunciar o nome de Christian e a ler. Chegou pela segunda vez à pergunta, *respeitálaatécamortevoxepare?*.

Christian tentou responder. Não podia regressar, mas tampouco era capaz de formar as palavras. A intensidade do esforço causava-lhe náuseas. Como último recurso, virou-se para procurar Maddy. Esta continuava sentada, impávida, petrificada, com a touca imaculada e a capa, e não respondeu ao olhar de súplica, ao pedido de ajuda, para que marcasse o compasso forte e ritmado que ele conseguia seguir.

– Levemnodevolta – disse bruscamente a tia, enquanto abandonava o banco a custo.

A mãe levantou-se. O padre pigarreou e fechou o livro. Christian viu que a Besta, de aspeto ridículo com um fato alugado, se levantava e percorria a nave a grandes passadas.

Christian moveu-se. Abandonou Miss Trotman e começou a andar na direção do auxiliar. A mãe e a tia avançavam pela nave central atrás da Besta. Christian fingiu que se dirigia a elas, ultrapassou calmamente o auxiliar e o homem das sangrias, calma muita calma sem motivo para o impedirem de chegar à tia – já quase a alcançar aquela mulher-dragão –, mas, em vez de o fazer, virou para a fila de bancos onde Maddy se encontrava.

Pegou-lhe por um braço e deu-lhe um ligeiro empurrão, incitando-a a sair. Não deu nenhum motivo à Besta, dirigiu-se para a sacristia em que estivera antes da cerimónia, sem soltar o braço de Maddy e a agarrar-lhe a mão com força.

Os outros seguiram-nos. As vozes ressoavam na igreja, um pouco elevadas mas sem pressas. Deixou que Maddy atravessasse a soleira da sacristia à frente dele.

Fechou a porta atrás de si.

Não havia chave. Christian correu o ferrolho. Maddy gritou quando ele a arrastou perante as fileiras de paramentos pendurados. A porta lateral estava fechada, aquela tinha uma fechadura, e a chave pendia de uma fita vermelha junto à soleira. Pegou naquele objeto volumoso de bronze, mas a mão direita pareceu-lhe demasiado desajeitada. Era difícil ver o buraco da fechadura. Soltou Maddy para utilizar a mão esquerda, mas não foi capaz de mudar a chave de mão.

A porta atrás deles ribombou quando a sacudiram. Ouviu-se uma voz masculina a gritar. Maddy virou-se na direção do som. O ferrolho voltou a ressoar e, de seguida, ouviram-se pancadas. Christian deixou cair a chave enquanto tentava enfiá-la na fechadura. Soltou um gemido de angústia, puxou Maddy pela capa e forçou-a a apanhar a chave. Tinham apenas um minuto, dois no máximo,

antes que os outros se apercebessem das suas intenções e dessem a volta à igreja para o deter.

Agarrou na mão dela e fê-la avançar em direção à fechadura.

– Não! – gritou Maddy. – Não posso!

Pegou-lhe no pulso com as duas mãos e pressionou-a contra a porta. A jovem soltou um gemido de frustração. Apesar disso, Christian não desistiu, também ele quase a chorar e incapaz de a tratar pelo nome, de lhe rogar, suplicar, implorar que fizesse um gesto tão simples. Um ato tão vulgar e insignificante como enfiar a chave na fechadura, do qual dependia toda a sua vida. Ter-se-ia ajoelhado para a convencer, mas não tinha tempo.

Atirou-se contra a porta e empurrou-a com o ombro. A madeira da soleira estilhaçou-se. Voltou a atirar-se contra ela e embateu contra a barreira grossa e sólida, indiferente ao castigo que infligia ao braço e às costelas, a lutar pela liberdade. Maddy gritou e puxou-o, mas isso também não o deteve. A porta ressoava a cada assalto. Os gritos atrás da outra porta pararam e ele percebeu que seria apenas uma questão de segundos.

Maddy não parava de o chamar, mas ele mal a ouvia com o barulho da madeira. Agarrou-lhe o braço, desesperada.

– Espera! – Por fim, aquelas palavras frenéticas repercutiram-se na mente de Christian. – Espera, tensdesperar! – E tentou puxá-lo para um lado para chegar à fechadura.

Christian não se afastou da porta, a observar-lhe o movimento das mãos. Numa questão de segundos, a jovem introduziu a chave e fê-la girar. Ele agarrou na maçaneta e abriu a porta com um empurrão.

Saíram para o pequeno pátio lateral. Pegou na mão de Maddy e puxou-a com tanta força que ela deslizou pelos degraus e chocou contra ele. Na base dos degraus, encontrou uma cancela que partiu com um único pontapé.

Maddy desistira dos seus intentos de falar ou fugir. Quando atravessou a cancela, seguiu-o sem erguer os olhos do chão, exceto para lhe lançar um olhar rápido. Christian empurrou a cancela para a fechar e embrenhou-se no antigo cemitério.

Maddy seguia-o, a escorregar na relva alta. Ouviu-se um único grito fraco dos seus perseguidores, ao longe, no ar húmido e, depois, só névoa e túmulos. O duque era uma sombra escura na neblina gelada, um fantasma de outra era, com o fato de casamento de veludo e as abas compridas, e só parecia recuperar o aspeto humano quando se voltava para ver se ela estava ali.

Ele corria rapidamente, como se conhecesse o caminho. Maddy tropeçou numa lápide semienterrada enquanto tentava acompanhá-lo. Um imponente roseiral silvestre, coberto de espinhos e folhas mortas e prateadas, enrolou-se-lhe na saia. Ela deteve-se para a soltar e a capa também se prendeu. O duque voltou para trás e puxou pelo tecido, sem se importar que se rasgasse. De seguida, pegou-lhe no braço e manteve-a a seu lado enquanto prosseguia o percurso serpenteante entre os túmulos.

A bainha da saia adejava pesadamente. Maddy já tinha os pés ensopados pelo orvalho frio quando, no meio da névoa, surgiu a silhueta de um muro. O duque virou-se e continuou a avançar paralelo à muralha, esquivando-se aos antigos túmulos, baixando-se para dar a volta a um enorme monumento coroado de anjos de asas partidas e rachadas, que pareciam ler os epitáfios cobertos de musgo.

Maddy ouvia ruídos do outro lado do muro, vendedores de rua e o bulício da cidade, um contraste

bizarro com as silhuetas frias e as lápides húmidas do cemitério. Aquele era outro costume eclesiástico avassalador, o de enfeitar túmulos e erguer monumentos. Preferia de longe o costume dos Amigos, que enterravam os seus mortos em campos limpos e abertos que não davam a impressão de serem habitados por espíritos.

Jervaulx chegou a uma esquina. Avançou sem hesitações, a afastar os ramos molhados de uma árvore frondosa, o que deixou à vista um nicho no qual se encontrava um sarcófago de pedra. Subiu para ele, afastou as folhas que o cobriam, e estendeu a mão a Maddy.

Um truque de rapazinho, compreendeu ela. Ele conhecia o lugar e conservava na mente uma espécie de mapa das suas brincadeiras infantis através da neblina e da vegetação densa. Assim que ela se dirigiu para a lápide, o duque trepou para o muro, encavalitou-se sobre ele, sem prestar a mínima atenção aos bordados das abas da casaca nem ao pesado medalhão que lhe pendia da faixa, e estendeu o braço para ajudar Maddy a subir.

A jovem vacilou e olhou para trás. Jervaulx, impaciente, emitiu um som e inclinou-se para ela. No cemitério, a alguma distância, ouviam-se folhas a serem remexidas e estalidos de ramos a partirem-se. O primo Edward chamava-os, mas ela não conseguia perceber se estaria afastado ou próximo.

A mão do duque prendeu-lhe a capa, o braço, magoou-a ao puxá-la e obrigá-la a subir para o muro. Com um movimento descontrolado e sem qualquer dignidade, Maddy conseguiu trepar para o muro e encavalitar-se em cima dele. Ali ficou empoleirada, com os tijolos a arranharem-lhe as pernas e a rasgarem-lhe as meias. A touca estava torcida e impedia-a de ver bem a distância que os separava do beco que havia do outro lado. Tentou ajeitá-la e proteger os tornozelos debaixo da saia.

Jervaulx inclinou-se para ela e desatou-lhe o laço debaixo do queixo. Pegou na touca e atirou-a para o cemitério, onde ficou presa no alto de um ramo partido.

Sorriu-lhe. Durante um terrível momento de insensatez, Maddy teve a certeza de que ele ia beijá-la ali, no alto do muro, a si, à simples e peculiar Archimedea Timms, enquanto Larkin e o primo Edward os perseguiam, ela de saia levantada até à cintura, e à vista de todas as pessoas que passavam pela rua que havia do outro lado do beco estreito.

Mas ele não o fez. Passou a perna por cima do muro e deixou-se cair no passeio do outro lado. Maddy mordeu o lábio quando ele lhe estendeu os braços.

Mal sabia o que estava a fazer. Acontecera tudo com tanta rapidez que não tivera tempo para pensar e agora encontrava-se ali, como se se tratasse da filha enlouquecida de um carvoeiro, com um duque que queria que ela saltasse para a levar por uma ruela que cheirava a bacios e poças imundas.

– Vai! – ordenou ela num sussurro. – Foge! Não deixarei que te encontrem.

Ele agarrou-a pela saia, estendeu o braço e puxou-lhe a mão com toda a força, até a fazer perder o equilíbrio. Maddy tentou resistir, mas caiu enquanto tentava conter um grito de dor que se transformou num gemido, quando os tijolos lhe arranharam as coxas e as palmas das mãos. Jervaulx apanhou-a nos braços e, com a força da queda, bateu-lhe na têmpora com o queixo. Maddy cambaleou e ambos caíram no chão, Jervaulx de costas contra o edifício com um resmungo forte, o seu ombro a formar uma espécie de barreira entre a testa dela e o muro inabalável.

Maddy ajoelhou-se com as mãos apoiadas na casaca de Jervaulx. Foi então que ele a beijou, no chão daquela ruela húmida; um roçar rápido e doloroso dos lábios contra os seus, enquanto lhe segurava a cabeça com uma mão.

Maddy levantou-se e afastou-se dele. Tinha a roupa rasgada, perdera a touca, o cabelo pendia-lhe solto até meio das costas e as mãos sangravam... mas ele sorria-lhe, e isso deixava-a à beira das

lágrimas.

Ele pôs-se de pé também, a sacudir um dos lados da casaca e indiferente às folhas que cobriam o outro. Tentou com uma mão desprender o medalhão prateado em forma de estrela que levava preso à faixa mas, de seguida, e depois de um resmungo aborrecido, desistiu. Tinha o aspeto descuidado de um aristocrata que regressa a casa de madrugada a cantar, enquanto as pessoas simples e honestas varrem os degraus de entrada de suas casas e despejam as cinzas das lareiras.

– E agora? – Maddy não conseguiu evitar que a voz lhe tremesse. – Para onde vamos?

Ele pousou a mão sobre o cabelo da jovem e tentou, sem êxito, pentear a parte que se soltara. Maddy bufou, agarrou a trança, procurou o gancho que se desprendera e de seguida enrolou a trança à volta da cabeça, ajeitando-a o melhor que conseguiu. Enquanto isso, Jervaulx sacudia-lhe a saia e contornava-a para também lhe retirar as folhas da capa. As manchas causadas pela água e os rasgões não tinham remédio – tratava-se do seu melhor vestido, o cinzento como aço –, e decerto seria repreendida, provavelmente castigada, e até poderia ser expulsa do seio dos Amigos e presa por raptar o duque de Jervaulx.

Não sabia o que fazer com ele. Não podia levá-lo de volta; não podia deixar que tornassem a enviá-lo para Blythedale Hall e era imoral forçarem-no a contrair matrimónio para conservar o título. Era óbvio que não era a vontade de Deus que ele se casasse com Anne Trotman, já que ele era capaz de repetir as palavras, mas, quando chegara o momento, não o fora – Maddy não conseguia imaginar uma Verdade mais óbvia. Mas o que devia fazer agora era algo que a ultrapassava.

O duque limitou-se a tomar a decisão por ela, dando-lhe o braço. Com uma determinação autocrática, levou-a da ruela para a rua.

Como não tinha touca, Maddy cobriu a cabeça com o capuz da capa mas, ainda assim, parecia-lhe que todos os olhares se fixavam em si enquanto caminhava com Jervaulx pelo passeio. Não reconhecia a rua, já que nunca se aventurara por Mayfair. Havia edifícios de ambos os lados da rua imersa em nevoeiro, edifícios não tão elegantes como a mansão Jervaulx ou as novas casas de Belgrave Square, mas, apesar disso, de muito maior categoria do que aqueles a que estava habituada. O cheiro a maçãs assadas pairava na neblina. A voz da vendedora era incorpórea e o pregão musical foi abafado pelo eco de cascos de cavalos, quando surgiram duas carruagens com criados de libré na boleia e na parte traseira.

As carruagens passaram. Do nevoeiro, saiu outro veículo, dessa vez uma tipoia de aluguer com um único cavalo coxo que avançava na direção deles. Começavam a ouvir-se gritos vindos de um canto algures nas proximidades da igreja. Jervaulx virou a cabeça e apertou-lhe o braço com força.

Deu um passo para a estrada, ficando no caminho da tipoia. O cavalo empinou a cabeça.

– Quieto! – gritou o cocheiro ao mesmo tempo que puxava as rédeas como se o pobre animal não se tivesse já detido por vontade própria. – Cuidado com a sua dama, honorável cavalheiro! – O homem olhou por cima do ombro na direção do tumulto que se ouvia mais atrás por entre o nevoeiro e depois voltou a olhar para eles. – Desejam que vos leve, meus senhores? – perguntou, embora sem muita esperança. – Rápido como um relâmpago, e também muito cómodo.

Ficou bastante surpreendido ao ver que Jervaulx se aproximava da porta, mas logo desceu do assento e ajudou primeiro Maddy e depois o duque a subir, desfazendo-se em cortesias ao mesmo tempo que os gritos e o ruído de pessoas a correr pareciam cada vez mais próximos, por entre o nevoeiro.

O cocheiro lançou um olhar nessa direção, virou-se para Jervaulx e perguntou-lhe:

– Para onde, meu senhor?

O duque apertou a mão de Maddy com tanta força que a fez arquejar. Ao recuperar o fôlego, ela respondeu:

– Para Chelsea. Não! – As pessoas aí conheciam-na. Uma voz gritava na rua e não lhe dava tempo para pensar. – Por favor, depressa! – Pronunciou o primeiro nome de um lugar distante que lhe veio à cabeça. – Para Ludgate Hill!

– John Spring leva-os num abrir e fechar de olhos, vão ver!

Fechou a portinhola rapidamente e de seguida ouviu-se o golpe do chicote no lombo do pobre cavalo. Afastaram-se a grande velocidade dos seus perseguidores, cujo ruído ficou abafado no mesmo instante pelo ranger e pelos estalidos da tipoia decrépita.

Maddy deixou cair a nuca contra o encosto do assento.

– Não devíamos fazer isto! Não devíamos! – E levou a mão à boca. – Oh... tens dinheiro?

Jervaulx não respondeu, agarrou-se apenas à correia ao mesmo tempo que franzia a testa, com um olhar de perplexidade tensa, como se não a tivesse compreendido, como se as suas próprias ações lhe escapassem ao entendimento.

– Dinheiro! – voltou a exclamar Maddy, incapaz de conter a angústia.

Ele olhou-a cheio de incerteza.

Maddy deixou escapar um pequeno gemido.

– Eu não tenho nem um xelim no sapato!

– *Sapato* – disse ele, uma das suas repetições mecânicas. Emitiu um som exasperado e virou-lhe o rosto com uma expressão hostil. A tipoia dobrou uma esquina e o movimento fez com que chocassem um contra o outro e que as rodas rangessem. Jervaulx apoiou o pé no assento da frente e suportou-lhe o peso com o ombro.

Inesperadamente, riu-se.

– Qu'ridaMaddy. – Inclinou-se para a frente e arrancou com um puxão a fivela de um dos escarpins formais que tinha calçado. – *Dinheiro.*

Em Ludgate Hill, em vista das mercearias e das lojas de tecidos, cercados pelo barulho do trânsito de carruagens com rodas de ferro, Maddy teve de se explicar ao cocheiro quando este se inclinou sobre a portinhola.

– Precisamos de vender isto – disse-lhe, passando a fivela à frente de Jervaulx – e depois já podemos pagar-te a viagem. Lamento fazer-te esperar.

O cocheiro pegou na fivela reluzente e virou-a entre os dedos, que as luvas deixavam a descoberto. Um bando de pombos levantou voo do passeio, assustado pelo repicar repentino dos sinos da Catedral de São Paulo, e desapareceu no nevoeiro fuliginoso.

– Estão a fugir de alguma coisa, não é verdade, Sua Senhoria?

Maddy humedeceu os lábios, horrorizada pela intuição do homem.

– Não sou aristocrata! Não deves tratar-me como se o fosse!

– Ouvi como corriam atrás de vocês, ali na zona oeste. A senhora fala de uma maneira peculiar. Será que faz parte desses... Como se chamam?

– Amigos – disse Maddy num tom abatido. – Sou *quaker.*

O cocheiro olhou para Jervaulx.

– E vai mesmo casar-se com ela, senhor? Porque John Spring não é cúmplice de escapadelas.

O duque não respondeu. O ar de confusão desaparecera e ele voltava a mostrar-se arrogante e taciturno com o seu silêncio. Olhou para o cocheiro com uma expressão de indiferença e desdém.

– Estás enganado – afirmou Maddy. – Não nos vamos casar.

– Pois deviam – prosseguiu o homem. – Devia obrigá-lo a honrá-la, minha senhora.

– Não é... – começou Maddy a dizer, mas de seguida interrompeu-se. Não valia a pena explicar-lhe a situação. – Conheces alguma loja onde eu possa vender a fivela?

– Está a ver aquelas três bolas que pendem sobre aquela porta acolá? São o símbolo de uma casa de penhores. Faça o favor de ficar aqui, *milady,* assim asseguro-me de que o cavalheiro regressa com o dinheiro.

– Não. Tenho de ir eu. O... – Esteve prestes a chamar Jervaulx pelo título, mas conteve-se. – Ele esperará aqui. – E levantou a saia para descer.

Jervaulx arrancou a fivela das mãos do cocheiro e, antes que Maddy o pudesse impedir, saltou da tipoia. Maddy tentou ir atrás dele, mas o homem agarrou-a pelo braço quando ela pisou o chão.

– Um dos dois tem de ficar aqui, *milady*.

– Não! Ele não pode ir sozinho. Não pode...

O duque já se encontrava no meio da multidão, sem prestar atenção aos protestos de Maddy ou aos do cocheiro, e afastou-se do caminho de um burro que carregava duas cestas de carvão sobre o lombo. Tomou a direção contrária à da casa de penhores, e dirigiu-se para a catedral.

– Tens de me deixar ir! – suplicou Maddy, em pontas dos pés para não perder Jervaulx de vista. – Tenho de ir com ele!

Embora se evidenciasse por entre a multidão, alto mesmo sem chapéu, e apesar de o cabelo negro e a faixa azul que lhe atravessava a casaca serem fáceis de distinguir entre os transeuntes, ele podia desaparecer a qualquer momento no meio daquela colmeia humana.

– Não... acha que ele a abandona assim tão facilmente, *milady*? – E enquanto ela esticava o pescoço ansiosa, o condutor apontou para Jervaulx. – Olhe para ali. Direito ao número 32, lá vai Sua Senhoria – disse John Spring, satisfeito. – Rundell and Bridge, assim se chama a loja.

*

Christian deteve-se depois de entrar na joalharia. O empregado que lhe abrira a porta pareceu reconhecê-lo e inclinou-se pela cintura numa vénia profunda, irrompendo numa torrente de saudações educadas. Aquele local era-lhe familiar. Christian costumava ir ali com uma certa frequência. Lembrou-se de uma pulseira de esmeraldas, com um par de brincos a condizer: para quem teriam sido?

Nesse momento, apareceu um dos donos, vindo de uma das salas traseiras. Christian cumprimentou o homem, incapaz de se lembrar do nome mas sem necessidade de o fazer. As palavras eram desnecessárias. Normalmente tê-lo-ia acompanhado até um gabinete privado para examinar sossegadamente os tabuleiros de veludo e o brilho iridescente das joias, algo que lhe agradava, mas para que naquele momento não havia tempo. Não se podia permitir demorar-se num lugar onde o conheciam.

Depositou as fivelas sobre o balcão. Seguiu-se uma pequena pausa. O empregado desapareceu entre as sombras. O dono, bem alimentado e cortês, com as faces completamente ocultas pelas pontas do colarinho alto, não se mostrou surpreendido. Deu a volta ao balcão, remexeu o bolso e tirou uma

lupa minúscula. Christian observou-o a avaliar os brilhantes, rápida e profissionalmente. O joalheiro depositou a fivela em cima do balcão.

– Suaexclência contentarseia com trezentas?

Trezentas libras era uma quantia exagerada. As duas fivelas não deviam valer mais do que metade disso. Christian franziu a testa, receoso de não ter compreendido bem. Tentou conter o medo que sentia atrás de uma aparência gélida.

– Trezentasevinticinco – disse o homem, e sorriu. – Suaexce lência temsido amávelconnos co. Emtroca concedanos aoportunidade delhe mostrarmos anossestima.

O empregado deu a volta ao balcão e guardou um tabuleiro de anéis numa gaveta. Alianças de ouro, ordenadas em fila umas atrás das outras. A exibição rápida atraiu o olhar de Christian e distraiu-o.

O dono da joalharia murmurou algo num tom inquiridor. Christian apercebeu-se de que se distraíra. Disfarçou com uma rápida expressão de autoridade e aceitou o preço.

Os anéis desapareceram numa das divisões da gaveta. Eram alianças de casamento. O empregado pegou noutra chave que lhe pendia do pescoço e abriu outro tabuleiro.

O joalheiro inclinou-se um pouco para Christian.

– Cré ditossua Senhoria? – perguntou em voz baixa. – Ou emdi nheiro?

O tom suave, a pergunta. Christian não compreendeu. Sentiu-se aturdido perante a atitude confidencial e expectante do homem. Seguiu-se uma pausa que pareceu não ter fim e ele aferrou-se à sua atitude fria e distante. Recusou-se a fazer qualquer tentativa de aproximação ou mostrar que compreendia a pergunta, enquanto a tentava decifrar. Já tinham examinado a mercadoria, tinham chegado a um acordo, o que é que ele queria agora?

Pagar-lhe-iam.

A crédito ou em dinheiro. Era isso.

O coração acelerou-se-lhe. Não sabia como responder. Aproximou-se mais da borda do balcão, pousou em cima deste a mão enluvada de branco e abriu-a com a palma virada para cima.

– Muito bem – assentiu o joalheiro. – Um momento.

Pegou nas fivelas e desapareceu diligente nas salas das traseiras.

Christian entreteve-se a observar o trabalho do empregado. Este pôs sobre o balcão, em frente de um homem e de uma jovem que usava um vestido cinzento e simples, um novo tabuleiro. E enquanto Christian se mantinha ali de pé de maxilar apertado e coração acelerado a observar o casal de camponeses que, entre murmúrios solenes, falava da sua compra barata, fez-se-lhe luz na mente. Foi uma espécie de revelação, a resposta que tentava abrir passagem através do seu cérebro adormecido e rebelde havia mais tempo do que ele se apercebia.

Maddy. Era com a Qu'ridaMaddy que tinha de se casar.

A simplicidade, a beleza daquele pensamento, irrompeu nele em toda a sua glória. Maddy jamais permitiria que o mandassem de volta, a Qu'ridaMaddy compreendia-o. Não o humilhava. O pai era um geómetra talentoso. E ela já lhe demonstrara a sua lealdade e devoção. Bastava ver o modo como o seguira, apesar de ter sido necessário obrigá-la, mas apenas um pouco. Quase o fizera por vontade própria e até a vira enfrentar – e como o fizera bem – a mulher-dragão. E tinha-lhe dito que o amava.

Ele achava que fora isso que ela lhe dissera. Tinha quase a certeza.

A Qu'ridaMaddy merecia ser duquesa. Fora um enorme erro da natureza fazer dela alguém que utilizava o «tu» como modo de tratamento e se cobria com uma touca com o formato de uma colher de

açúcar.

O joalheiro regressou com uma carteira estreita e forrada a pele. Pousou-a sobre o balcão, com um ar circunspeto. Não se via nenhuma nota, mas Christian sabia bem o que era. Sentiu-se presa da ansiedade, de uma enorme urgência em fugir. Com grande esforço, controlou o impulso de pegar na carteira repentinamente e sair a correr. Em vez disso, aproximou-se do tabuleiro dos anéis, inclinou-se um pouco como que a pedir desculpas à jovem, pegou num anel que se encontrava no fundo aveludado e levou-o ao joalheiro.

O homem exibiu um sorriso conhecedor e preparou-se para pegar na carteira. Christian pôs a mão em cima dela.

– Nassuacontacom certeza. – Nem sequer pestanejou. – Deixeme apenasguardá-lo numestojo, exce lência.

O homem pegou no anel e deixou a carteira onde estava.

Christian enfiou a carteira de pele no bolso. Detestava o que estava a fazer – parecia um ladrão a roubar o próprio dinheiro. Um animal fugidio, furtivo, um louco confirmado pela Chancelaria que nem tinha o direito de vender as fivelas dos sapatos para comprar um anel para a futura esposa.

O joalheiro voltou com o estojo e Christian aceitou-o. Acompanharam-no até à saída como se fosse alguém de verdade, como se ainda fosse o duque de Jervaulx. Como se se tratasse de um homem e não de um animal.

Quando voltou a encontrar-se na rua, sentiu-se confuso, atordoado. Sentia todo o corpo preso num misto de terror e letargia. Deu uns quantos passos pelo passeio e deteve-se para se encostar a um muro. A multidão confusa e barulhenta passava a seu lado, com um som horrível e incompreensível que deveria fazer sentido para ele.

A tranquilidade gelada exibida no interior da joalharia abandonou-o. Uma reação tardia acelerou-lhe o ritmo do coração. Que pavor: talvez não o tivesse feito bem, talvez se tivesse esquecido de alguma coisa, não o sabia; tudo lhe parecia intimidatório e estranho; o que podia ter acontecido, como poderia ter-se denunciado, ridicularizado, posto a jeito para ser capturado e restringido.

Ouviu Maddy chamá-lo. No meio daquela confusão, ouviu o próprio nome, *Jervaulx*. Era a sua querida, Qu'ridaMaddy, responsável, simples e sem modos, que lhe pousava a mão no braço e o olhava nos olhos – uns olhos cor de xerez, da cor do ouro velho, cheios de medo e dúvida.

Christian respirou fundo para controlar o pânico. Conseguiu esboçar um sorriso. Sem desviar os olhos, tirou com esforço a carteira do bolso e colocou-lha nas mãos.

CAPÍTULO 16

Maddy jamais estivera na posse de tanto dinheiro. Enquanto caminhavam segurava a carteira com as duas mãos, receosa de a guardar no vestido. As centenas de libras faziam com que aquela fuga ridícula adquirisse credibilidade, que um regresso iminente se transformasse numa escolha e não numa necessidade.

Depois de ela pagar ao cocheiro, Jervaulx olhou-a como se ela soubesse o que deviam fazer. Ele agarrava-lhe firmemente o cotovelo com uma estranha mistura de dependência e proteção. Com o duque ao lado, nenhum dos vendedores lhe gritou por se meter à frente deles, nem nenhum transeunte beligerante a empurrou para a rua enlameada para não ceder nem um centímetro de espaço à sua passagem. Jervaulx tinha os ombros largos e um porte senhorial, e os olhos eram o espírito azul da perplexidade e da inquietação que se sente ao contemplar o firmamento ao crepúsculo, ao avistar-se no céu uma estrela solitária, no momento em que se desvanece a ilusão de bem-estar e se dissolve a solidez da abóbada celestial para revelar a sua distância real e vertiginosa.

Maddy tinha a impressão de que a solidez do seu mundo se evaporara dessa maneira. Era difícil acreditar que Archimedea Timms estivesse naquele passeio apinhado de Ludgate Hill, a tentar decidir o que fazer com o duque de Jervaulx, já que ele não parecia ter a mínima ideia do que fazer consigo mesmo.

Sem lhe ocorrer algo melhor, começara a andar. Um refúgio seguro, era isso que teriam de procurar. Independentemente da represália que a aguardasse, precisava de regressar para junto do pai antes do cair da noite. Devia estar preocupadíssimo por ela ter desaparecido com o duque. Não fazia ideia de que leis teria infringido nem do que poderiam acusá-la, mas tinha a certeza de que Lady de Marly estaria ao corrente de tudo isso. No que lhe dizia respeito, pensou com um pouco de coragem, não a preocupavam muito as consequências – afinal, tivera uma Revelação quanto a Jervaulx e os sofrimentos que isso acarretasse teriam de ser suportados –, mas aterrorizava-a pensar no que aconteceria ao pai caso a mandassem para a cadeia.

A pressão da mão de Jervaulx obrigou-a a parar. Mesmo em frente deles, com um elevado toque de cornetim e sob um cartaz que anunciava a pousada Belle Sauvage, partia uma diligência diurna e ruidosa com destino a Brighton. O guarda apitava com afinco, a exigir o direito à passagem.

Assim que a carruagem passou e desapareceu por entre a massa negra e movediça de tráfego e nevoeiro, Jervaulx conduziu-a até à cancela que dava entrada para a pousada. Um moço de estrebaria, que varria habilmente o pavimento e retirava da entrada a sujidade e as bostas dos cavalos, afastou-se para o lado e murmurou uma saudação rápida quando passaram por ele.

No interior do pátio, os viajantes aguardavam ao lado das suas arcas, malas e trouxas. Outra diligência estava a ser carregada, desta vez a amarela e negra com destino a Newmarket, e os cavalos descansados batiam os cascos contra as pedras e resfolegavam no ar frio.

Jervaulx dirigiu-se diretamente ao balcão das reservas. Na porta, impulsionou Maddy um pouco,

como que a dar-lhe alento. As pessoas amontoadas à volta do balcão mal deixavam espaço para mais dois. Apesar da indumentária estranha de Maddy e do duque, ninguém lhes prestou muita atenção. Os funcionários estavam demasiado ocupados a enfiar embrulhos de papel pardo numa série de cacifos de madeira que se encontravam atrás do balcão, os clientes a gritarem perguntas ou a tentarem chamar a atenção de algum bagageiro.

Jervaulx puxou por Maddy até um recanto estreito, virou as costas para as pessoas e inclinou-se para lhe dizer ao ouvido:

– *Ir* – disse ele, sem conseguir sussurrar de facto, mas no meio da barulheira isso não teve qualquer importância.

Maddy olhou-o.

– Para onde?

A pergunta pareceu irritá-lo.

– *Ir* – repetiu. – Dois.

– Eu não – respondeu Maddy com firmeza.

Uma senhora com duas meninas pequenas nos braços abriu caminho por trás de Jervaulx e parou no fim da fila mais curta. O duque pousou a mão no ombro de Maddy.

– Dois – insistiu.

– Não posso.

Os dedos dele apertaram-na com força.

– *Casa.* Xer... – o maxilar endureceu-lhe com o esforço – ... vô.

Não parecia uma ideia descabida, mas Maddy não fazia ideia de onde ficava a casa, ou se o duque poderia viajar até lá sozinho, sem que o tratassem como se fosse uma criança ou outra arca, ou como um idiota, ideia essa que lhe gelou o sangue. E a casa dele não o protegeria do poder da família, desejosa de o reenviar para Blythedale Hall.

– Casa – repetiu ele com urgência. – Qu'ridaMaddy.

– Onde fica? – perguntou Maddy. – Onde?

A pergunta pareceu frustrá-lo. Com um esgar, soltou-a e fê-la dar meia-volta. Na parede onde estivera encostada havia cartazes com os nomes dos destinos e um mapa amarelado e envernizado de Inglaterra, no qual o verniz que cobria os arredores de Londres parecia gasto e rachado pelo uso. Jervaulx pousou a mão numa zona do mapa que mal parecia ter sido tocada e indicou o oeste distante, no local onde o verde de Inglaterra se encontrava com o vermelho de Gales.

– Não! Não podes fazer essa distância sozinho.

Jervaulx voltou a agarrá-la pelos ombros. Maddy sentiu-o muito perto atrás de si, quase a abraçá-la. Pressionando a face contra o seu capuz, ele puxou-lho para baixo e deixou-lhe o cabelo a descoberto, ao mesmo tempo que emitia um som insistente. Passou os braços à volta dela e segurou-a contra si, sem se importar com o facto de estarem cercados pelos passageiros de diligências.

– *Dois* – murmurou-lhe ao ouvido. – Casa.

Maddy tentou soltar-se do abraço, mas ele não lho permitiu. Deixou-a virar-se, mas manteve-a presa contra o mapa e a parede. Ela não sabia o que fazer. Alguns viajantes observavam-nos. Imaginou o assombro e a reprovação deles, o que deviam estar a pensar a seu respeito, com a saia rasgada e sem touca, cercada pelos braços de um homem. Jervaulx aproximou a boca da orelha dela.

– Qu'ridaMaddy... *casar.*

Mais viajantes entraram na sala, aproximaram-se e pararam atrás de Jervaulx. Um deles não retirou

o chapéu de abas largas, peça de vestuário inconfundível que revelava tratar-se de um *quaker*. Maddy baixou a cabeça, horrorizada. Não o reconhecera, mas qualquer amigo de passagem, com assuntos a tratar na cidade, poderia conhecê-la da Assembleia Anual, e em Londres havia demasiados amigos que a conheciam. Enterrou o rosto no ombro de Jervaulx para se esconder. Ele apertou-a com mais força enquanto da garganta lhe saía um murmúrio suave de anuência.

Maddy não se atrevia a levantar a cabeça. Não se debatia. Jervaulx servia-lhe de escudo, era suficientemente corpulento e forte para que ela pudesse esconder-se atrás dele – quem lhe dera que não tivesse enfiado a mão debaixo do capuz para lho afastar completamente da cabeça e envolver-lhe o pescoço com os dedos, puxando-a ainda mais para si, a encostar o rosto ao cabelo dela.

Maddy não percebia como seria possível que todos os presentes não se virassem, arquejando e apontando-lhe um dedo acusatório. Porém, à sua volta ouvia apenas os ruídos normais de um lugar como aquele, o bater dos sapatos que entravam e saíam, os gritos dos bagageiros e o cornetim da diligência de Newmarket ao encaminhar-se para a rua com a parelha de cavalos já atrelada.

A mão de Jervaulx afastou-se da cintura dela e Maddy sentiu que ele procurava algo no bolso da casaca. Enquanto o fazia, a jovem não se atreveu a erguer os olhos, com receio de que a vissem. O duque agarrou-lhe a mão e depositou nesta um pequeno estojo.

Maddy apertou-o, sem o abrir, e olhou ligeiramente para o lado para ver se o amigo desconhecido já partira. Jervaulx obrigou-a a abrir a mão e, com um murmúrio de impaciência, pressionou, desajeitado, com o polegar o estojo que ela mantinha na palma da mão.

A tampa abriu-se. Apesar de estar escondida e de manter a cabeça baixa, Maddy vislumbrou ouro e um brilho multicolorido. Era um anel – uma aliança larga de filigrana incrustada com pérolas em volta de uma opala de um tom vivo – para Anne Trotman?

Jervaulx mexeu no objeto com uma mão, deixou cair o estojo, e conseguiu enfiá-lo até meio no indicador. Naquele pequeno recanto, com as cabeças baixas e muito próximas, criaram uma espécie de mundo diminuto e privado. Maddy observou perplexa Jervaulx rodar o anel na palma da mão e de seguida tentar fazê-lo deslizar pelo dedo dela.

– *Casar* – sussurraram-lhe os lábios dele ao ouvido. – Maddy... *casar*. Casa.

Maddy ficou a olhar para o anel enquanto ele lho empurrava à força pelo dedo acima.

– Não! – Tirou a aliança e baixou-se para apanhar o estojo, ao mesmo tempo que voltava a cobrir a cabeça com o capuz. – Tu és... *não!* Onde foste buscar tal ideia?

Ela enfiou-lhe o estojo na mão e virou-se. Com o capuz apertado sobre o rosto, abriu caminho à força entre o grupo de viajantes e saiu apressada para o pátio. Uma vez no exterior, afastou-se uns quantos passos da porta, deteve-se com o rosto a arder e cobriu bem a boca e o nariz com o capuz.

O duque saiu pela porta da sala de espera. Apesar de Maddy se encontrar no meio do pátio, pareceu não a ver. Deteve-se, um cavalheiro extraordinariamente magnífico cercado por um ambiente vulgar: um cortesão perdido, vestido de veludo, uma faixa azul e um medalhão, perdido em bem mais do que o tempo e o espaço.

As pessoas viraram-se para o mirar. Maddy viu a rigidez constrangida da atitude de Jervaulx. Permanecia imóvel no local onde parara, como se ao dar um passo em qualquer direção pudesse cair num abismo aberto a seus pés. Tinha o maxilar contraído, as sobrancelhas escuras caídas. Era uma força aprisionada, solitária e alheada.

Perscrutou o pátio. Maddy estava muito perto dele, ao alcance da mão direita, e no entanto poderia ser apenas mais uma das arcas espalhadas em pilhas pelo pátio. Ele nem sequer olhou na direção

dela. A única coisa que se desprendia dele era uma enorme tensão, a imobilidade ameaçadora de um homem prestes a rebentar.

Maddy, com a voz abafada pela capa, pronunciou o nome dele. De imediato, a atitude de Jervaulx alterou-se. Virou-se para ela como se um feitiço se tivesse quebrado, com um alívio que era como uma chama viva. Pareceu sobressaltado por vê-la tão perto; deu um passo agressivo em frente para a agarrar pelos dois braços.

– Não... *abandonar!* – disse num tom de voz forte. – *Não posso...* sozinho! Tu... *Ficar!*

– Não sei o que fazer contigo! – Maddy mordeu o tecido do capuz que lhe cobria a boca. – Não posso ficar contigo! Não posso levar-te de volta!

– Xer... – pôs as mãos nos ombros da jovem e deu-lhe um forte empurrão – ... vô! – Voltou a empurrá-la e obrigou-a a retroceder um passo. – *Casa.* – Um novo empurrão. – *Casamento.* – Outro. – Qu'rida... – mais um – ... Maddy! – E outro. – *Sim!* – Coagida por ele, ela ia recuando pelo pátio com um passo irregular. – Não asilo! Casar... *Maddy!*

– Não! – respondeu ela. De seguida, a respirar assustada, puxou o capuz o máximo possível sobre o rosto até o deixar completamente tapado. Coberto pelo chapéu escuro e pela casaca simples, o *quaker* que vira junto da bilheteira aproximou-se deles.

Maddy olhou através das pregas do capuz e viu que o desconhecido pousava a mão no braço de Jervaulx.

– Reflete um pouco, amigo. Estás a ser importuno.

Jervaulx lançou-lhe um olhar como se o homem acabasse de lhe cuspir no rosto. Por um instante tenso, Maddy receou que se virasse e o esmurrasse, tal como fizera com o primo Edward. O *quaker* era de estatura mediana, nem devia ser mais velho do que ela, tinha o rosto bem escanhoado e um olhar límpido; ela não se recordava de alguma vez o ter visto. Um bom homem que dava mostras de coragem ao enfrentar Jervaulx, que não ocultava a fúria nem o ar aristocrático e cujo temperamento e corpulência nada tinham de insignificante.

O duque afastou a mão que o agarrava. Lançou um olhar acalorado a Maddy, como que à espera de que ela explicasse a situação.

– Agradeço-te, amigo – apressou-se ela a dizer, ansiosa por acalmar Jervaulx. – Mas não preciso de ajuda.

O *quaker* fitou-a com surpresa, e Maddy sentiu que o coração lhe caía aos pés.

– És dos nossos? – perguntou.

Maddy olhou para o chão. Veio-lhe à cabeça uma série de mentiras perversas, de enganos imorais para ocultar o erro que a deixara a descoberto perante outro amigo, com maior clareza do que se tivesse posta a touca *quaker* e o vestido simples. Mas não foi capaz de mentir; aquele homem não representava ameaça alguma para Jervaulx e, se ela mentisse, seria apenas para salvar a própria imagem perante um companheiro da sua fé.

– Sim – respondeu, sem sequer levantar os olhos.

Jervaulx agarrou-lhe o cotovelo. Foi um gesto silencioso, sem brusquidão, mas firme. Atentava ao *quaker* com desconfiança.

– Ele não está a maltratar-te? – perguntou o homem e olhou Jervaulx nos olhos. – Não permitirei que levantes a mão à jovem. Queres comportar-te como deve ser e deixá-la em paz?

Tratava-se de uma pergunta tranquila, quase amável. Maddy sentiu uma vaga de gratidão e afinidade. Aquele homem parecia-lhe uma ilha de bom senso num mar de incertezas. Era-lhe muito

familiar, com o chapéu de abas largas e a casaca simples, alguém que lhe inspirava mais confiança do que aquele desconhecido furioso e imprevisível, tão diferente dela, vestido de veludo, com uma faixa azul e um medalhão.

O *quaker* parecia perturbado com a ausência de resposta de Jervaulx.

– És incapaz de responder, como um homem honesto?

A pressão da mão de Jervaulx no braço de Maddy tornou-se dolorosa.

Maddy tocou ao de leve a manga larga do *quaker*.

– Amigo – disse suavemente, sem fazer caso da pressão que sentia aumentar-lhe no braço, a tentativa silenciosa de a afastar da atenção do desconhecido. Estava a criar um novo plano. – Falei sem pensar quando disse que não precisava da tua ajuda. – Ergueu os olhos até encontrar o olhar firme e inquiridor do jovem. – Preciso mesmo de auxílio. Poderás prestar-me assistência?

– Com certeza – respondeu ele, duas simples palavras que tiraram dos ombros de Maddy um peso enorme.

Enquanto Jervaulx permanecia sentado numa atitude de desaprovação arrogante, com a cadeira afastada da mesa da cantina pública, de pernas esticadas e braços cruzados sobre a faixa e o medalhão, Maddy inclinou-se para se aproximar do jovem *quaker* e descrever-lhe os apuros em que se encontrava. Quando ela terminou, Richard Gill bebeu um gole de cerveja e fitou pensativamente o duque.

Jervaulx, carrancudo e desafiante, devolveu-lhe o olhar por baixo das pestanas negras. Não quisera ir à cantina. Tentara evitar que Maddy o fizesse, mas, como ela se negara a ser contrariada, ele seguira-a para que ela não se encontrasse nem por um momento longe do seu alcance. Não proferiu palavra, e Maddy não sabia até que ponto ele compreendia o que contara a Richard Gill, mas a atitude que exibia era a de uma dignidade atraiçoada, como se ela o tivesse ofendido ao fazer aquela nova amizade.

Richard permanecia em silêncio, numa pausa séria e pensativa. Maddy aguardava, satisfeita por voltar a encontrar-se na companhia de alguém que não utilizava palavras irrefletidas nem agia impulsivamente, dedicando o tempo necessário à devida ponderação. Não a incomodava esperar que Richard acabasse as suas reflexões. O jovem amigo era atraente, de movimentos serenos e um ar determinado que inspirava confiança. O chapéu de abas largas assentava bem no seu rosto de feições vincadas, tal como a casaca simples se lhe adequava melhor do que a muitos anciãos.

Maddy tinha a certeza de que Richard nunca assistira à Assembleia Anual de Londres, em que os Amigos se reuniam para organizar os assuntos do ano em curso e em que deliberavam que questões espirituais seriam tratadas nas assembleias trimestrais e mensais, nas quais a assistência era menor. Na Assembleia Anual reuniam-se as famílias *quakers* dispersas por toda a Inglaterra. Se Richard Gill tivesse sido um dos delegados, ela lembrar-se-ia. Não era preciso assistir às assembleias masculinas para que todas as mulheres estivessem ao corrente de quem se destacava e de quem não o fazia – bem como de quem era casado e de quem permanecia solteiro.

Era axiomático que, se uma jovem desejasse casar, o melhor a fazer fosse participar na Assembleia Anual de Londres, em que uma das principais funções da reunião feminina era velar para que os casais jovens esperançosos obtivessem a necessária permissão para contrair matrimónio – processo que, como era natural, passava por avaliar e organizar segundo a sua idoneidade todos os membros

solteiros e disponíveis ali presentes. Maddy tinha a certeza de que Richard Gill ainda não fora objeto da atenção nupcial ou de outra natureza da assembleia feminina. Não sabia muito bem a que se dedicava ele. Fora à bilheteira para levantar uma pequena caixa de aspeto robusto a que prestava grande cuidado. Esta encontrava-se agora a seu lado, sobre a mesa, marcada por uma série de círculos nos quais surgiam inscrições curiosas como «Claudiana, quarta fila, rosa», «Divisão Trafalgar, primeira fila, bibliófilos» e «Duque de Clarence, quarta fila, cíclame».

O empregado de mesa trouxe empadão de carne e couve cozida. Jervaulx fez uma expressão de desagrado ao ver a comida. Bebeu uma longa golada de cerveja enquanto Maddy se atarefava a barrar três pedaços de pão com manteiga e em servir três pratos, um para cada um.

Ela inclinou a cabeça para dar graças pelos alimentos. Richard tirou o chapéu. Jervaulx nada fez para além de os observar com um ar malévolo, recostado na cadeira de braços cruzados.

Richard voltou a pôr o chapéu e começou a comer. Maddy não conhecia muitos jovens que mantivessem de um modo tão estrito a regra da simplicidade na fala e no vestir, e admirava-o por isso. Quanto a si, desejava ter um aspeto mais limpo e cuidado, em vez de se encontrar sem touca e com a saia rasgada.

Maddy olhou para Jervaulx. Não estava a comer. Entretinha-se a contemplá-la e, por mais atraente que Richard Gill pudesse ser, o duque era mais, uma sombra ligada a si – com a bela boca que beijara a sua, as mãos que lhe tinham acariciado o cabelo.

Corou, sentindo-se uma mentirosa e uma farsante. Apresentara-se como enfermeira e Jervaulx como seu paciente. Tal ideia parecia-lhe inconcebível. Que enfermeira fugiria com um doente contra os desejos da família? Que enfermeira se deixaria beijar? Que opinião teria Richard Gill a respeito dela se soubesse? E não lho contar... era uma daquelas mentiras por silêncio e omissão. Não era de modo algum o Caminho a seguir.

– Não acreditas que esteja louco? – perguntou Richard.

A pergunta repentina sobressaltou Maddy, que ergueu os olhos.

– Não.

– Não parece embravecido. Mas empurrou-te, no pátio.

Maddy partiu um pedaço de pão com um sorriso ligeiramente sardónico.

– Ele é duque. Não é exatamente o mesmo que estar louco.

Richard comeu outro pedaço.

– É isso que os duques fazem? – perguntou, a arquear as sobrancelhas. – Empurrar as pessoas?

– Isso é o mínimo que este duque faz.

A curta distância da mesa, Jervaulx inclinou a cabeça e deu a impressão de estar aborrecido. Passou o olhar de Maddy para Richard, levantou a caneca de cerveja e bebeu.

– Não compreende? – inquiriu Richard.

– Não sei. Acho que um pouco.

– Devias devolvê-lo à família.

Maddy ergueu-se um pouco.

– Não.

Jervaulx olhou-a. O tédio desaparecera-lhe da expressão.

– Não te compete mantê-lo afastado, se eles querem que viva retirado. Ele pertence-lhes a eles, não a ti.

– Não. A família não o compreende. Não sabem como é aquilo.

– Mas é a casa do teu primo, não é?

– É um manicómio e ele não está louco.

– Não fala. Como vai viver sozinho no mundo?

Maddy envolveu-se na capa.

– Sozinho, não. Não pode viver sozinho.

– Então como? Para além de ti, não tem outros amigos?

– Eu... – Maddy interrompeu-se ao perceber que não o sabia. – Olhou para Jervaulx. – Amigo? – perguntou-lhe. – Tens algum amigo próximo?

O olhar receoso de Jervaulx passou dela para Richard, e virou-se de novo para Maddy.

– Não – disse ela. – Não estou a falar de *quakers*. *Amizade, tua.* Companheiro.

O duque hesitou e, de seguida, estendeu-lhe a mão.

– Jervaulx! – Na voz adivinhava-se-lhe o desespero. – Não tens nem um amigo que te queira bem?

Ele fechou a mão. O grande anel do sinete brilhou-lhe nos dedos e, depois de lançar um olhar de soslaio a Richard, voltou a acomodar-se no assento.

– Poderias ficar com ele, Jervaulx? – E apontou para o *quaker* com um gesto. – Com Richard Gill?

– Archimedea... – começou Richard a dizer.

– Só enquanto eu vou ver o meu pai para que ele saiba que estou bem – disse, apressada. – Se puderes demorar-te um pouco com ele. Algumas horas.

– O problema não é que eu me demore, mas sim que ele deve regressar.

– Não posso levá-lo de volta! – exclamou ela, debruçando-se sobre a mesa. – Tu não podes entender!

Jervaulx observava-os, atento. Movia o punho direito a marcar o ritmo. Fechou a mão esquerda sobre a caneca de cerveja, mas não bebeu.

– Por favor – implorou Maddy a Richard. Na testa do *quaker* surgiram pequenas rugas de desagrado. Ela viu o receio nos lúcidos olhos cinzentos do jovem. – Peço-te – sussurrou. – Não poderias considerá-lo tua responsabilidade?

Tratava-se de um rogo que nenhum amigo poderia tomar com ligeireza. Richard olhou para o prato com o sobrolho franzido. Maddy esperou, suplicando a Deus que falasse com ele; apesar de saber que estava a agir de modo incorreto para que a sua própria vontade prevalecesse, era incapaz de se conter. Não podia levar Jervaulx de volta. Essa era a única Verdade que tinha como certa; era simplesmente impossível voltar a imaginá-lo na cela de Blythedale Hall.

Richard suspirou e olhou-a.

– Será minha responsabilidade. Refletirei com maior profundidade acerca da conveniência de ele voltar.

Maddy não percebeu se aquilo significava que ia ficar ou não com o duque mas, antes de poder perguntar, Jervaulx deixou cair a caneca sobre a mesa. Levantou-se, afastou a cadeira com um pontapé e puxou Maddy com força até a levantar.

– *Voltar* – exclamou, com um brilho enérgico nos olhos. Depois rangeu os dentes e disse: – *Amigo!*

Arrastou-a de tal maneira que Maddy não conseguiu impedi-lo. Ouviu Richard exclamar alguma coisa atrás deles e viu que o empregado se aproximava a toda a pressa para o reter à mesa, ao mesmo tempo que Jervaulx a empurrava para a porta com uma força irresistível.

Maddy debateu-se e tentou voltar para trás. Jervaulx dominou-a com facilidade, com mais força do que ela jamais imaginara que ele pudesse ter. Quando tentou fincar os pés no chão, ele levantou-a. Conseguiu soltar-se, mas Jervaulx voltou a pôr-lhe o braço à volta do pescoço, forçando-a implacavelmente a segui-lo. Não a largou enquanto ela se contorcia, cravando-lhe os dedos na pele da nuca, de tal maneira que lhe puxava madeixas de cabelo solto. Maddy gritou.

– Jervaulx! Richard! Não posso... *Socorro!*

Vislumbrou Richard e o empregado, e de seguida perdeu-os de vista ao sair pela porta aos tropeções, arrastada pelo impulso de Jervaulx, prestes a cair pelos degraus no meio dos transeuntes.

– Amigo! – exclamou Jervaulx com fúria, enquanto abria caminho sem a soltar. – *Durm!*

Fez parar uma tipoia tal como fizera antes – postando-se no meio da rua. O cavalo começou a encavalitar-se com cascos a rasparem a calçada a pouca distância dos seus pés. O condutor gritou e outra tipoia teve de se desviar do caminho. Jervaulx pegou nas rédeas do animal.

– *Al* ban! – gritou, a agarrar o cavalo com uma mão e Maddy com a outra.

– Jesus Cristo! Muito bem, maldito louco, vamos para *Albany* – disse o cocheiro aos gritos. – Solte-me o cavalo e entre!

*

Uma passagem pavimentada e coberta adentrava-se na neblina, materializando-se e desvanecendo-se perante eles à medida que caminhavam por entre a fileira dupla de edifícios de cor creme nos arredores de Piccadilly. Os passos do duque ressoavam no silêncio. O lugar parecia deserto a meio da manhã, à exceção de um engraxador apressado que passou ao lado deles com uma caixa e um par de sapatos nas mãos.

Maddy já não resistia. Deixara de fazer outra coisa que não fosse seguir a passada determinada de Jervaulx. Este não lhe permitia afastar-se, nem ficar para trás. Cruzaram-se com outro criado, um homem baixo, de casaca vermelha e estômago proeminente, que se afastou para um lado, fez uma vénia ao duque e murmurou:

– Sua Senhoria.

Sem deter o passo, Jervaulx virou-se ao chegar a uma escadaria de pedra e subiu dois lances com Maddy.

Um cão começou a ladrar antes que ele chegasse à porta. Outro uniu-se ao coro. Jervaulx imobilizou-se com a mão erguida.

– *Devil*. – Os lábios contraíram-se com um sorriso feroz e Jervaulx baixou o punho para bater com força na porta. Os cães, do outro lado, pareceram enlouquecer e começaram a fazer um barulho ensurdecedor. – *Devil, Devil, Devil!*

– Por amor de Deus, deixem de ladrar! – gritou uma voz no interior, abafada pela distância.

Noutra casa mais abaixo, abriu-se uma porta. Maddy olhou e deparou com um rosto erguido que os olhava com curiosidade. Era um cavalheiro idoso que vestia um roupão e uma touca de dormir. Os cães arranhavam a porta com fúria. A escadaria ressoava com os latidos dos animais e as pancadas de Jervaulx.

A voz vinda do interior tentou acalmar os cães.

– Vamos, *Cass,* cão inútil. Cala-te ou de certeza que me obrigarão a dar-te um tiro.

De repente, Jervaulx parou de esmurrar a porta e apoiou a face nela, como um marinheiro prestes a afogar-se e que acaba de chegar a terra firme. Os cães não pararam de ladrar enquanto a maçaneta

girava. A porta abriu-se e viu-se um torvelinho de pelagem negra e branca, línguas rosadas e caudas peludas, quando os dois cães se atiraram a Jervaulx.

Maddy olhou para o homem loiro de olhos sonolentos, tronco nu, pés enfiados em meias e com restos de sabão de barbear ainda no queixo, que se encontrava atrás dos cães no vestíbulo. Os latidos pararam quando os animais se lançaram sobre Jervaulx. O duque ajoelhou-se, abriu os braços e deixou que lhe lambessem o rosto e lhe revolvessem o cabelo com as patas.

– Shev? – perguntou o homem na soleira da porta, como se acabasse de acordar de um sonho profundo.

Maddy lançou um olhar ao velho curioso da casa vizinha, que continuava a olhar para eles e que se inclinava um pouco para fora para os poder ver melhor.

– Podemos entrar? – perguntou. O jovem loiro não afastara os olhos de Jervaulx e dos cães. Nesse momento, olhou para Maddy e, de repente, pareceu acordar totalmente. Recuou um passo.

– Céus – foi toda a sua resposta, mas deitou a toalha de barbear sobre o ombro e fez um gesto para que o duque se apressasse a entrar. Jervaulx obedeceu, com os cães a entrelaçarem-se-lhe nas pernas com adoração. Maddy entrou com passo rápido e fechou a porta atrás de si. O anfitrião, ainda atónito, seguiu-os até à sala. – Shev – repetiu.

Jervaulx atravessou a sala e apoiou as mãos no parapeito da janela, o olhar perdido na neblina exterior. De seguida, virou-se, de costas para a parede, os corpos dos cães extasiados colados a si. O rosto revelava uma profunda emoção. Fechou os olhos e deslizou até se sentar no chão. O *setter* branco e negro lambeu-lhe a orelha. O duque abraçou o cão e afundou o rosto no pelo sedoso. O cão de pelo negro uivou e tentou meter-se entre ambos.

– Pensei... Oh, céus, meu amigo... disseram-me que estavas moribundo. Que era como se tivesses morrido. Deram-me os cães. – O cavalheiro em desalinho aproximou-se de Jervaulx e logo perdeu noção do que haveria de fazer quando chegou junto dele. Caiu de joelhos. – Shev – repetiu, impotente.

Jervaulx não ergueu o rosto. Abanou a cabeça, os dedos enfiados no pelo de *Devil*.

O jovem loiro virou-se para Maddy.

– O que é que se passa? Disseram-me que ele estava a morrer. O que é que aconteceu?

– És amigo dele?

– Claro que sou amigo dele! Nem tem outro melhor! Conte-me, mulher. Como é que lhe deitou as garras? – Voltou a olhar para Jervaulx. – Santo Deus... será ópio?

– Ele precisa da tua ajuda.

– Que ajuda? Quem é a menina?

– Chamo-me Archimedea Timms. O duque estava internado no asilo do meu primo, em Buckinghamshire. Estava a meu cargo. Estamos... – Soltou um risinho tolo e abriu as mãos. – Creio bem que cortámos todas as amarras e somos fugitivos.

O homem afastou da testa um caracol loiro e rebelde, e sentou-se sobre os calcanhares.

– Shev – chamou-o de novo com uma voz incrédula.

O duque ergueu o rosto. Os olhos tinham a cor da meia-noite e estavam húmidos. Com uma expressão de vergonha, levantou o braço e secou um lado do rosto com a manga.

– Amigo – disse num tom de voz rouco. – Dnnh. Dunnrm. – Voltou a encostar a cabeça à parede com um gemido.

– Durm? – perguntou Maddy. – É o teu nome?

– Durham – disse o jovem loiro, e acrescentou num tom absorto: – Kit Durham, ao seu serviço, minha senhora.

Jervaulx olhou para o amigo. *Devil* aproximou o focinho do queixo e da têmpora dele, e sacudiu a cauda, satisfeito. Jervaulx abraçou o cão.

– Drrm... *brigado* – disse. – Obrigado... *cães*.

Durham fitou-o. Jervaulx emitiu outro som de angústia, abanou a cabeça e expeliu ar entre os dentes.

– Certo. Os cães. Não custou nada. – Durham levantou-se e foi buscar uma cadeira. – Levanta-te do chão, velho amigo. Tenho de pensar. Não consigo pensar contigo sentado no chão, Shev.

Maddy achou que retomar a normalidade era bom. Jervaulx estava com uma expressão muito estranha, parecia prestes a perder o controlo. Não quereria que o amigo o visse assim.

– Talvez fosse melhor acabares de te vestir – sugeriu Maddy a Durham, esperando assim dar ao duque um momento de solidão para se recompor.

– Oh, santo Deus! – exclamou Durham, dando início a uma retirada apressada. – As minhas desculpas. Peço perdão, minha senhora... nem me lembrei. Não estava à espera... de uma senhora, quero dizer. Tu deixa-te estar, Shev! Não te vás embora!

– Não iremos – garantiu Maddy.

Durham pestanejou a olhar para ela, como se continuasse surpreendido por ser ela a falar em vez de Jervaulx. Dirigiu-se às arrecuas para outra sala e fechou a porta com brusquidão.

Depois de ter desprezado o empadão de carne e o repolho, Jervaulx mostrou-se bastante satisfeito a partilhar o pequeno-almoço de Durham, composto de salmão e ostras frescas com pão e limão. Sem lhe perguntar o que queria, Durham enviou o criado – o mesmo barrigudo que cumprimentara o duque na rua – de volta à cozinha para preparar chocolate em vez de café.

Jervaulx sorveu a bebida escura e fumegante, e entreteve-se a dar pedaços de comida aos cães enquanto o amigo questionava Maddy. Enquanto falavam, o duque observava-os por entre os vapores que se erguiam da chávena com uma expressão de intenso prazer. Parecia pensar que fizera tudo o que estava ao seu alcance e que se sentia satisfeito por deixar nas mãos de outros o resto das decisões que houvesse a tomar.

Pelo menos, a Durham não lhe restava a mais pequena dúvida de que tinha de proteger Jervaulx das decisões da família. «Essa megera velha e odiosa», foi a opinião resumida que expressou acerca de Lady de Marly, e os comentários que fez a respeito da mãe do duque incluíram termos que Maddy nunca ouvira.

O modo de falar de Durham pareceu-lhe difícil de compreender. Hesitou quando ele quis saber se tinha a certeza de ninguém lhes ter seguido a rabeira desde a igreja.

– Rabeira? – perguntou, hesitante.

– O rasto. Ninguém conseguirá descobrir para onde se dirigiram?

– Não me parece. Fomos e voltámos de Ludgate Hill em carruagens de aluguer.

– Ludgate Hill! – Soltou uma gargalhada. – Linda menina. – E sorriu a Jervaulx. – Quem poderia pensar que te dirigirias para as lojas de tecidos, heim?

O duque virou-se um pouco e retribuiu-lhe o sorriso. Bebeu um pouco do chocolate quente. Maddy desconfiava de que compreendia ainda menos do que ela.

– Ninguém, acredita em mim – respondeu Durham à própria pergunta. – É muito mais provável que se tenham dirigido... Meu Deus. – Saltou da cadeira e fechou as cortinas. – Hão de vir aqui. Mark! – gritou para a sala vizinha. – Vai para a escadaria! Mantém-te alerta! Eu não estou. Diz-lhes que hoje fui muito cedo... para a Bolsa.

O criado inclinou-se sobre o estômago proeminente envolvido em tecido escarlate.

– Senhor, não vão acreditar em mim.

– Raios, será que não posso fazer uma compra de fundos públicos? Acabo de receber a herança de um primo em quarto grau, é isso. Seiscentas libras, mas não o digas assim, não lhes dês informações por menos de meia coroa.

– E o coronel, senhor? Devo mandá-lo embora?

– Raios... o Fane! Deve estar quase a chegar. – Durham mordeu o lábio. – Não faz mal. – Olhou para Maddy. – Podemos confiar no Fane. De qualquer maneira, nunca haveria de cair nessa história... ia pensar que eu tinha perdido o juízo, para converter seiscentas libras em fundos públicos. Não vai saber o que fazer... Não é lá muito dado ao pensamento, mas, se queremos um homem bom e de confiança para nos proteger, não há melhor que o Andy Fane.

Maddy ficava satisfeita por poder confiar em quem quer que fosse. Durham parecia-lhe um tanto fútil, mas era óbvio que queria ajudar Jervaulx. Estava prestes a dizer-lhes que precisava de voltar para junto do pai quando se ouviu um assobio desafinado e tanto Jervaulx como Durham olharam para a janela.

O duque sorriu e pousou a chávena em cima da mesa.

– *Amigo* – disse ele a Maddy.

– Por uma vez, chegou cedo – disse Durham, enquanto um bonito relógio sobre a prateleira da lareira começava a bater umas badaladas melodiosas. Saiu para o vestíbulo meio agachado. – Vou dizer ao Mark que o faça subir discretamente. O velho general não perdeu pitada do que aconteceu quando entraram, pois não? Vamos contar-lhe aquilo das seiscentas libras. – Franziu a testa e olhou para Maddy. – A menina é minha... ah, prima em quinto grau. Órfã. Veio com a notícia da herança. São sempre os órfãos que trazem as heranças. O escrivão acompanhou-a mas não pôde esperar, tinha de voltar e apanhar a mala-posta de regresso a... onde quer que seja. As pancadas na porta serviram para me acordar, não é verdade? E os latidos... foram fruto da imaginação dele. Aqui não são permitidos cães. Só Deus sabe como tenho conseguido arranjar-me durante todo este tempo.

Afastou-se na direção da entrada. Todas aquelas mentiras e enganos deixavam Maddy pouco à vontade. Apesar de não lhe saírem da boca, participava delas. O olhar pensativo e tranquilo de Richard Gill remoía-lhe a consciência – mas, por contraste, via o prazer evidente de Christian ao encontrar-se junto dos amigos, tanto de Durham como do oficial vestido com um esplêndido uniforme de galões dourados e ornamentos brilhantes, que não proferiu palavra ao ver o duque. Limitou-se a abraçá-lo e a dar-lhe palmadas nas costas, para de seguida o afastar bruscamente.

O oficial olhou para baixo e afastou *Devil* dos joelhos.

– Eu sabia que ele era demasiado aborrecido para o matarem – disse, como se se dirigisse ao cão. – Ainda deves ter mais uns quantos artigos para escrever, hã? – Olhou de esguelha para Maddy. – E trouxeste uma jovem, quem diria?

– Esta é Miss... – Durham interrompeu-se, expectante.

– Timms – completou Maddy.

O militar fez-lhe uma vénia, puxando a espada para trás com uma mão enluvada de branco e

roçando-lhe a saia com o penacho alto do chapéu.

– Coronel Andrew Fane, ao seu serviço, minha querida.

– Deixa-te de tolices, Fane. Ela é *quaker*.

O coronel Fane pareceu surpreendido. Endireitou-se e bateu os tornozelos ao estilo militar com o rosto corado.

– Apresento-lhe as minhas desculpas, minha senhora... menina? Então é o seu companheiro que está à espera na rua, não? Um amigo que queria saber se... raios!, que perguntou por ti, Shev... foi isso. Eu não percebi que raio é que ele queria, mas agora já estou a ver. Queria saber onde encontrar o duque. Que duque, perguntei-lhe eu, duques há muitos.

– Richard! – Maddy cobriu o peito com as mãos. – Deve ser o Richard Gill.

– Oh – exclamou o coronel Fane.

– Como terá conseguido... – Maddy mordeu o lábio e virou-se para Durham. – Deve ter-nos seguido. Falei com ele... Pedi-lhe ajuda e ele disse que ma daria, mas... não tenho a certeza de que não ache que o melhor será devolver o duque à família.

– Ele está ao corrente disto tudo? – perguntou Durham. – E agora está aí na rua? Céus, menina, por que não mo disse?

– Não sabia. Nunca pensei que conseguisse seguir-nos, ou que o quisesse fazer. Mas... considerou que era uma responsabilidade sua. Eu devia ter percebido que ele não ia desistir com tanta facilidade.

– De que raio está a falar? – perguntou o coronel.

– Tira essa coisa ridícula que tens na cabeça e senta-te. – Durham puxou uma cadeira para junto da mesa. – Vamos todos proteger o Shev. Essas harpias a quem ele chama família querem enfiá-lo num manicómio.

– *Como?!*

– Explique-lhe, Miss Timms. O Shev precisa de nós. Conte ao Fane o que me contou a mim.

CAPÍTULO 17

—Não fala? – O coronel Fane lançou a Jervaulx um olhar de uma incredulidade cómica.

O duque retribuiu-lho com um sorriso frio. Acariciou *Cass,* o cão negro. A boca contorceu-se e endureceu com um esforço brutal. Afundou os dedos na pelagem negra.

– Burro... *tu.*

O oficial pareceu compreender imediatamente o comentário.

– Não sou burro! – protestou.

– Ora, Fane. – Durham serviu-lhe café. – Toda a gente sabe que és tapado.

– Não sou burro! Vejamos, quem é que se lembrou de vender o Shev ao condutor da carreta fúnebre? Eu.

– E quem teve de ir pagar a fiança?

O coronel Fane sorriu.

– «Mate-o» – disse com um sorriso teatral. – «Mate-o...» – Comprimiu os lábios. – «Mate-o quando...» – Desatou à gargalhada.

– Fecha o bico, tonto. – O rosto de Durham estava corado com um misto de desgosto e de divertimento contido. – Isto é sério.

– «Mate-o...» – O coronel não conseguia falar, perdido de riso. – «Mate-o...»

– Mate-o quando for *necessário* – disse Jervaulx com toda a clareza. Sorriu, inclinando a cadeira sobre as duas pernas traseiras.

O sorriso de Durham desapareceu e deu lugar à surpresa, mas Maddy olhou-o nos olhos. Durham não fez qualquer comentário a respeito do discurso do duque. O coronel parecia não ter dado por nada de estranho. Ria à gargalhada e esmurrava a palma da mão.

– Que Deus me abençoe! Que grande bezana aquela, Miss Timms! O Shev estava mesmo toldado, percebe, estava acabado. Conservado em álcool, ou em salmoura...

– Comatoso, Miss Timms – explicou Durham com uma expressão séria. – Com álcool até à ponta dos cabelos.

– Ah, sim, uma boa expressão, de dicionário. Comatoso! – A descrição pareceu animar o coronel. – Completamente inconsciente. E nós tínhamos de o levar para casa entre os dois, percebe, e ele pesa... que o diabo me carregue! Deve pesar uns noventa quilos. E nesse preciso momento, quem passa ao nosso lado? Pois que nem mais nem menos do que aquele a que chamam o cocheiro da ressurreição...

– É um cocheiro que faz serviço noturno. Vende cadáveres aos cirurgiões – explicou Durham –, para as aulas de Anatomia.

– Isso mesmo! E foi isso que me veio à cabeça, porque garanto-lhe, Miss, que a ideia foi minha... e o homem apanhou-o e... – Fane sacudiu o indicador de modo expressivo. – E, sabe?, a roupa dele, ficámos com ela, e o homem enrolou-o num lençol e levou-o ao velho Brooks. A Blenheim Street!

Levou-o lá, até à porta do professor! – Deitou a cabeça para trás e bateu na mesa. – E perguntou-lhe... perguntou-lhe se... o queria... queria *comprar*!

O coronel perdeu toda a coerência, no meio da hilaridade. Maddy também se sentia incapaz de proferir palavra. Fitava o oficial, com um misto de choque e horror.

O coronel Fane voltou a falar aos tropeções.

– E o médico examinou-o... e disse... e disse «Você é um charlatão... este homem não... não está... *morto!*»

Maddy olhou em volta, para os outros. Tanto Jervaulx como Durham exibiam sorrisos rasgados, à espera do desenlace.

– E o cocheiro respondeu «Como não está *morto*?» – E o coronel levantou-se como se o tivessem ofendido. – «Não está *morto*? Mas então, senhor... nesse caso... ma... ma... ma...»

Os outros dois uniram-se a ele e disseram todos em uníssono *«Mate-o* quando for *necessário!»,* num coro de vozes masculinas profundas, Jervaulx a falar com a mesma fluidez dos amigos. Ria-se e baloiçava a cadeira, com as pernas esticadas para a frente.

– Maldito sejas – disse ele para o coronel. – *Roubo.*

– Ah, sim, foi isso que aconteceu, pobre Shev, o médico pensou que era uma tentativa de roubo, um truque para se enfiarem em casa dele, e desatou a gritar «agarra que é ladrão!». O cocheiro fugiu veloz como um relâmpago, mas amarraram o Shev e mandaram-no para Malborough Street, onde passou toda a noite e meia manhã embrulhado no lençol, até que o Durham conseguiu arranjar um advogado do Old Bailey para que o defendesse e não o condenassem. O duque de... – E, de novo, voltou a perder a compostura. – O duque de... Jervaulx... está a perceber?... por tentativa de furto num... num... *depósito de cadáveres!*

A conclusão deixou os três absolutamente perdidos de riso, de olhos lacrimosos e a suspirarem quando por fim terminaram os ataques de gargalhadas. *Devil* saltou e apoiou as patas da frente no colo do duque. Jervaulx afagou vigorosamente a cabeça do cão com as duas mãos e lançou um dos seus sorrisos de pirata a Maddy, com os olhos da cor da meia-noite cheios de traquinice.

– Agora já sabe, Miss Timms – disse o coronel com um grunhido de satisfação. – O assunto foi abafado, mas a menina acaba de ouvir a história em primeira mão.

– Estou a ver que sim – disse ela, incapaz de acrescentar o que quer que fosse.

– Foi bem esgalhado. Eu cá não sou burro, não senhora. Que o Senhor nos abençoe, o risco que corremos.

– Talvez agora possamos voltar à situação do duque... – sugeriu Maddy.

– Claro. Claro que sim. A situação do duque. Meteu-se noutra embrulhada, não foi?

– Seja paciente connosco, Miss Timms – disse Durham. – Mantemos o Fane do nosso lado pelos músculos dele, não pelo cérebro. Acha que devíamos ir falar com esse tal Richard Gill? Até que ponto está ele a par do que se passa? Poderá ter feito com que vos perseguissem até aqui?

– Contei-lhe o mesmo que vos contei a vocês.

Durham voltou a encher as chávenas. Café para si e para o coronel, chocolate para Jervaulx e Maddy.

– Estive a pensar. Acho que temos algum tempo antes que nos encontrem. Como o mais provável é ninguém ter visto para onde se dirigiam, poderá passar-se toda a manhã até que se decidam a procurar mais longe do que nas ruas circundantes à igreja. Mesmo que se lembrem de mim tão cedo, aposto que não farão mais do mandar alguém investigar, e o Mark pode despistá-los sem qualquer

problema. Mas, a longo prazo, o que temos de fazer é tirar-vos da cidade às escondidas.

– Tirar-nos? Quanto ao duque, estou de acordo. Acho que é uma excelente ideia, muito sensata. Mas eu tenho de voltar para junto do meu pai.

– Acha que isso é sensato?

– Não interessa se é sensato ou não. Tenho de o fazer.

– Muito bem. Nesse caso, inventaremos uma história. Que tentou acompanhar o duque, mas que o perdeu de vista.

– Mas...

– Isso deverá satisfazer até esse tal Gill, não é? Os cavalos interpuseram-se entre ambos e perdeu-lhe a pista. O duque dirigia-se a St. James, mas a menina perdeu-o entre os bosques perto de Piccadilly. Deixe o resto connosco. Na verdade, é uma grande dama, Miss Timms, por o ter tirado deste sarilho, se é que me permite o elogio.

– Agradeço-te, mas... não posso dizer essas coisas – protestou Maddy.

– Por que não?

– Porque não são verdadeiras.

– Claro que não são verdadeiras. Que seria de nós se lhes contássemos a verdade?

– Não posso contar mentiras.

Durham olhou-a, admirado.

– Tem de o fazer, minha querida. É apenas uma pequena falsidade, uma mentira piedosa.

– Não posso. Não posso mentir.

– Não pode mentir? – repetiu o coronel Fane.

Ele e Durham fitavam-na como se ela fosse uma ilusão perturbadora que tivesse acabado de se materializar diante deles.

– Não – respondeu. Poderia ter pensado, perversamente, em enganar Lady de Marly e talvez até o primo Edward, mas não conseguia sequer imaginar mentir ao pai, ou a Richard Gill, cujo comportamento era um exemplo público do que significava ser *quaker*. – Não é assim que agimos – disse, impotente. – Não posso fazer isso.

– Mas... então, que vai dizer-lhes?

Maddy mordeu o lábio.

– Se me perguntarem, terei de responder com a verdade.

– Não pode mentir? – Durham olhou-a com dureza. – Nem sequer num caso como este, para salvar a vida de um homem?

– A vontade de Deus deve cumprir-se. Mentir é praticar a minha própria vontade. Mas... quando eu me for embora, podem levá-lo daqui e eu poderei dizer com toda a sinceridade que não sei onde ele se encontra.

– Ora, muito obrigado. Assim a menina salva a pele, não é verdade? E, quando lhe perguntarem onde o viu pela última vez, contar-lhes-á a verdade e eles virão atrás de mim e levar-me-ão perante um juiz.

Maddy baixou os olhos.

– Pois – disse Durham. – Dê-me só... dê-me algum tempo para pensar. Deixe-me pensar. – Cobriu a chávena de café com as mãos. – Tem de partir imediatamente. Porquê?

– Por causa do meu pai. Ele não sabe o que é feito de mim. Talvez nem saiba que segui o duque por vontade própria. Pode pensar que estou ferida ou talvez até... Pode pensar qualquer coisa!

– Certo. O seu pai está preocupado consigo. Onde se encontra?

– Ele e o meu primo Edward encontram-se hospedados no Hotel Gloucester.

– Pois aí está. Vamos arranjar maneira de lhe fazer chegar uma mensagem por baixo da porta, para ele saber que se encontra bem. Isso é verdade, não é?

– Não consegue ler uma linha. Perdeu a vista. E não sei o que pensaria se recebesse uma tal mensagem minha. Perderia a cabeça. Não te aconteceria o mesmo? E como posso não regressar? Para que outro lugar posso ir?

– Meu Deus – deixou escapar Durham com um suspiro –, nada é fácil.

Olhou-a com uma expressão especulativa, a acariciar o queixo. A sala estava silenciosa, exceção feita ao ruído ocasional das unhas dos cães quando eles se deslocavam e empurravam, competindo pela atenção do duque.

– Fane – disse Durham de repente. – Faz-te útil. Desce e convida o senhor Gill para almoçar. – O coronel levantou-se, obediente, e voltou a enfiar firmemente o chapéu na cabeça. – E assegura-te de que ele aceita – acrescentou Durham com um movimento ocioso das sobrancelhas.

O coronel Fane, imponente com o uniforme e o penacho alto, fez uma vénia e apoiou, como se por descuido, a mão no punho de ouro e prata da espada.

– Quando quero, consigo ser muito persuasivo. A minha mãe sempre disse isso.

Que o duque não queria voltar a ver Richard foi algo que se tornou imediatamente óbvio. Levantou-se com uma exclamação irritada quando o coronel entrou na sala acompanhado pelo *quaker,* que ainda segurava a curiosa caixa. Jervaulx aproximou-se do sofá em que Maddy estava sentada e parou atrás dela. O *setter* negro pôs-se logo a rosnar à frente dela, enquanto *Devil* saltou para o sofá ao lado de Maddy e começou a ladrar e a rosnar ao recém-chegado.

– Shev – irritou-se Durham. – Por amor de Deus, cala-os!

Jervaulx silvou entre dentes e os cães calaram-se. *Devil* apoiou as patas no colo de Maddy e estendeu meio corpo sobre ela, enquanto *Cass* permanecia alerta, colado aos seus joelhos.

Maddy, barricada entre os cães, cumprimentou Richard com um sorriso fraco.

– És muito amável por teres voltado para nos ajudar.

O jovem *quaker* olhou em volta para os outros e, de seguida, disse com afabilidade:

– Segui-vos. Receei por ti, Archimedea. Não corres perigo?

– Oh, não. Não. O duque trouxe-nos até aqui. Estes são dois bons amigos dele. Durham e o coronel Fane.

Apesar da simples casaca escura e do chapéu de abas largas, por algum motivo estranho e subtil Richard não parecia muito diferente do coronel Fane. Um coberto pelo reluzente uniforme escarlate, bordejado de branco, azul e dourado; o outro, austero e sem qualquer adorno. E, no entanto, ambos irradiavam imponência, algo estranhamente formidável subjacente às suas diferentes personalidades e fachadas.

Durham não convidou o *quaker* a sentar-se. Apoiou as mãos nas costas de uma cadeira e disse:

– Deixe-me ser muito direto consigo, Mr. Gill. Não temos a mínima intenção de deixar que o duque volte para a família, não nas circunstâncias que Miss Timms nos descreveu. Ela informou-nos de que o senhor talvez seja de outra opinião. Tenho de lhe confessar que não percebo como possa isto dizer-lhe respeito, mas, tal como estão as coisas, se o senhor for contar o que se passa causar-nos-á muitos

inconvenientes, por isso pensei que seria melhor termos... digamos... uma pequena discussão acerca do assunto.

Richard manteve-se calado. O coronel Fane encontrava-se atrás dele, encostado à soleira da porta, e, agora que bloqueava a saída, já não parecia tão tolo.

– Miss Timms pediu-lhe ajuda – prosseguiu Durham. – Está disposto a oferecer-lha?

– A Archimedea está a fazer aquilo que acha correto – disse Richard, sem se arriscar a uma resposta direta.

– Bem, cavalheiro, se não for demasiado impertinente, acho que aquilo que preciso de saber é o que o senhor considera mais correto. Tanto quanto sei, o senhor tomou isto ao seu cuidado como se fosse um assunto pessoal e poderá até partilhar algumas das ideias da família. Nesse caso, não faria mal que desconhecesse a localização destes aposentos, percebe? Pois, se lhes disser que seguiu o duque até Albany, sem dúvida perceberão a quem ele recorreu. – Durham fletiu as mãos sobre a cadeira para acrescentar numa voz suave: – Ele é meu amigo, Mr. Gill. Quero que compreenda isso com toda a clareza. Com muita clareza. Não consentirei que o tranquem só porque o senhor é movido por um zelo devoto.

Com um ligeiro entrechocar de metais, o coronel mudou de posição e endireitou-se.

– Claro que não – murmurou Fane.

– Diga-me o que posso fazer para o convencer a guardar silêncio acerca deste assunto, Mr. Gill. – No tom de Durham surgiu um ligeiro traço de ironia.

– Não há nada que possas dizer.

– Ah. Imagino que só uma voz com mais autoridade do que a minha poderia convencê-lo.

Richard fez um sinal de assentimento. Durham franziu as sobrancelhas.

– Então, tem a certeza de que não veio até aqui por uma qualquer vontade divina? De que não há nada que esteja destinado a aprender?

– Acho – disse Richard – que poderás ter palavras muito belas para me convenceres de que há algo mais.

Durham sorriu.

– Palavras? Acha mesmo que é a única coisa que temos para o convencer? Meu prezado senhor, preciso de lho explicar?

A expressão do rosto de Richard não se alterou. Maddy sentiu-se muito orgulhosa dele, por não perder a força de espírito nem a serenidade perante aquela ameaça velada.

– No que se refere ao duque de Jervaulx – limitou-se a dizer –, nenhuma posição me convence.

– Mr. Gill, sou um tipo frívolo, como tenho a certeza de que já deve ter reparado. Aprecio um bom jantar regado com uma garrafa de vinho. Tenho uma certa fraqueza por senhoras bonitas, por salões de jogo e pelos melhores alfaiates. Na verdade, não tenho nada de recomendável... nem sequer estou à altura aqui do Fane, que pelo menos pode dizer que conduziu o seu batalhão em campo aberto nas batalhas de Quatre Bras e Waterloo. No entanto, para além disto, o melhor que existe em nós é querermos a este homem como se fosse do nosso próprio sangue. Não nos interessa para nada o título dele, a família ou o que esta possa querer. Deixar-nos-íamos enforcar antes de permitirmos que o encerrassem contra a sua vontade e ele faria o mesmo por nós, sabe?, tal como o senhor o faria pelos seus. E isso é tudo, Mr. Gill. Estas são as mais belas palavras que lhe posso dirigir acerca do assunto.

O relógio esmaltado na prateleira da lareira começou a bater. A melodia doce ressoou no silêncio.

Devil enfiou o focinho sob a mão de Maddy e lambeu-a.

Richard olhou para ela.

– Peço-te afetuosamente que me acompanhes e os deixes fazer o que desejam. São questões mundanas que não têm nada a ver connosco.

– Está bem, vão-se embora – disse Durham rapidamente, antes que Maddy pudesse responder. – Vão-se embora, mas não se aproxime do seu pai, Miss Timms. Dê-nos algum tempo. Umas quantas horas, meio dia, o suficiente para nos pormos a salvo. A menina não corre perigo e o seu pai vai recebê-la sem problemas. Por favor, pode ao menos conceder-nos isso? Um pouco de tempo antes de regressar para junto dele?

Maddy mordeu o lábio, a imaginar os receios do pai, a sopesar aquilo perante as mentiras que se veria obrigada a dizer, ou perante a possibilidade de que, por sua culpa, conseguissem apanhar Jervaulx. E teve a horrível sensação de que *seria* capaz de mentir, até ao próprio pai, de que também ela – tal como Durham e o coronel Fane – seria capaz de quase tudo.

Respirou fundo e disse:

– Até logo à noite?

– Isso será suficiente.

Maddy levantou-se. O cão saltou para o chão e afastou-se dela, deu a volta ao sofá e deteve-se ao lado do duque.

– Então, vou manter-me afastada do meu pai até à hora do jantar, até às sete.

Durham assentiu quase impercetivelmente.

– É o suficiente. Partam os dois e não olhem para trás, ou juro que vos converteremos em estátuas de sal.

Com palavras ou sem elas, Christian compreendeu bem a maneira como Durham e Fane tinham conseguido convencer o astuto *quaker* dos «tus» – Durham com aquele sorriso sardónico, e Fane de ar indiferente e músculos preparados. O processo contava com a sua total aprovação. Não lhe agradara que a Qu'ridaMaddy tivesse depositado com tanta rapidez a sua confiança naquele homem e que se tivesse posto de parte sem nenhum aviso, *cabeças juntas sussurros olhares avaliações* planos que não foi capaz de perceber, até que ouviu a palavra *voltar* e viu como Maddy discutia com aquele homem sombrio que parecia uma mula. Sacana intrometido, como se atrevera a segui-los até ali!

Durham e Fane encarregar-se-iam de tudo. Christian observou a cena satisfeito, à espera de que pusessem a Mula na rua a pontapé. Estava disposto a ajudá-los, mas não queria alterar o plano que Durham iniciara. Foi incapaz de seguir o discurso dele na totalidade. Só sabia que Durham fizera ameaças com doçura, num tom suave, e que obtivera respostas curtas e obstinadas. Christian só se teria ridicularizado caso tivesse interferido no momento errado.

Viu que a Mula se dirigia a Maddy. *Peçote afetuosa menteque macompanhes eos deixesfa zer oquede sejam.* Christian ouviu a resposta rápida de Durham e o pedido que lhe fez... *Pede horas tempo? Dênos tempo?*

Christian não via o rosto de Maddy, mas a pausa que ela fez alarmou-o. O seu corpo retesou-se. Deu um passo em frente; ela perguntou qualquer coisa a Durham. Aquele respondeu: *Suficiente.* Maddy levantou-se e Christian pôs-se imediatamente em movimento. Estava fora do seu alcance. Durham falava-lhe em tom de despedida, incitando-a a ir-se embora! A Mula deu a volta para sair

com ela, os cães meteram-se entre os pés de Christian... De súbito, descobriu que não fazia a mínima ideia do que estava a acontecer, mas ninguém dava mostras de tentar detê-la.

– *Ficar.* – A voz enfurecida de Christian fez com que todos parassem. – Qu'ridaMaddy! Tu... *Ficar*.

Aproximou-se dela. Sem qualquer cerimónia, voltou a empurrá-la para o sofá. A capa ondulou à volta de Maddy quando ela caiu sobre o assento.

Christian inclinou-se sobre ela.

– Tu... *eu* – disse, mas sabia que era insuficiente. Era incapaz de encontrar as palavras para lhe dizer que não podia partir sem ele e que ele não iria a parte alguma sem Durham, Fane e os cães.

Mas, sobretudo, ela não podia abandoná-lo e partir com a Mula. Tentou deixar-lhe isso bem claro postando-se entre Maddy e o *quaker,* com os cães ao lado preparados para frustrar qualquer tentativa de a levarem.

Durham deixou-se cair numa cadeira e cruzou os braços. Lançou um olhar a Christian no qual lhe dizia que ele tinha dado cabo da negociação, mas ele não se importou. Qualquer acordo em que Maddy tivesse de o deixar estava errado.

A Mula lançou-lhe olhares semelhantes a adagas de gelo com aqueles olhos insípidos e sem brilho. Fane era o único que exibia um sorriso indolente, como se tudo aquilo não passasse de uma discussão acerca de uma joaninha. A própria Maddy permanecia imóvel no sofá, de cabeça baixa e as mãos sobre os joelhos. Um momento depois, levou uma mão cerrada à boca e Christian apercebeu-se, com a força de um golpe, de que ela estava a chorar.

Todas as suas certezas se desvaneceram. De súbito, sentiu-se muito conspícuo, convertido no centro de todos os olhares acusadores. Fizera-a chorar. Todos o miravam e ele não era capaz de explicar-lhes por que era tão importante que Maddy permanecesse a seu lado. Ela *tinha* de ficar. Ele ia voltar para casa com ela, casar-se com ela e... não conseguiu pensar em mais nada. Por que choraria ela?

– Qu'ridaMaddy – disse com voz rouca.

Ela abanou a cabeça num gesto de recusa.

Christian olhou para a Mula com ódio. Pensou que só podia ser ele o culpado, aquele canalha intrometido, *insinuar furtivamente capa de quaker e os «tus.»* Havia que estrangular o tipo. Christian estava a pensar nisso quando, de repente, um vulto passou à sua frente, correndo rapidamente até à porta.

Deu-se conta de que se tratava de Maddy. Nem sequer a vira levantar-se; o cérebro voltara a atrasar-se, tentando encontrar um sentido para a figura encapuzada quando esta já se encontrava fora do seu alcance. Continuava a tentar obter uma resposta da sua consciência desorientada quando Fane se endireitou da postura indolente na soleira da porta, passando a bloqueá-la.

– OShev querquefique, menina.

Ela virou-se para Christian.

– Paizinho! – gritou. – Tenhodirtercom ele! Ir... praele! Compreendes?

– *Ficar* – foi tudo quanto Christian conseguiu pronunciar.

– Jervaulx! – O rosto dela tinha uma expressão horrível de súplica. – Paizinho precisar mim. Receia por mim. Tenhodir!

O medo e a negação subiram-lhe à garganta. O pai dela, *idoso cego com medo.* Mas Christian precisava dela.

– Maddy... – Apertou os dentes com força. – Não poder.

Odiava ter de falar em frente dos outros. Palavras de criatura idiota, as antigas piadas e a conversa fácil com Durham e Fane a desvanecerem-se perante o medo.

– Por favor – suplicou ela –, tensdeme deixarirem bora.

Não. Não! Olhou para além dela, para Fane, e fez um gesto negativo e enfático para que o guarda não abandonasse o seu posto, para que a impedisse de desertar.

A Mula dos tus tocou no ombro de Maddy.

– Arquidea. Euvverteu pai. – E olhou para além dela e de Christian. – Possverteupai semlevantarsus peitas. Assuntosdamigos.

A Qu'ridaMaddy voltou-se para ele, o rosto iluminado por tanta alegria, que inflamou Christian.

– Fariasisso?

– Semnos atraiçoar? – Ouviu a voz aguda de Durham, procedente de algum lugar de que Christian se esquecera.

Desconcentrou-se. Procurou Durham e tentou não voltar a perdê-lo.

– Sim – disse a Mula.

– Contocoma suapala vra? – quis saber Durham.

– Já te disse. A verdade pertence a Deus.

Mula beata, pensou Christian.

O *quaker* austero olhou para Maddy.

– Ficaqui atéu voltar. Depoispensa remosno assunto.

Ela anuiu mansamente ao ouvir aquela ordem. A Mula, que não tirara o chapéu, dirigiu-se à porta. Fane permaneceu imperturbável até Durham dizer:

– Deixir.

Nessa altura, o guarda fez uma vénia e afastou-se para o lado.

A Qu'ridaMaddy virou-se para Christian. Lançou-lhe um olhar que se assemelhava a uma punhalada, um único olhar acusador, e passou ao lado dele para se ir sentar no sofá.

Esperaram durante toda a manhã e as primeiras horas da tarde. O coronel Fane partiu para participar na formatura militar depois do almoço, com a promessa de regressar para jantar. Maddy não se levantou do sofá. Evitou deliberadamente olhar para Jervaulx, apesar de ele lhe ter levado uma chávena de chocolate com as próprias mãos. Pegou nela sem sequer lhe agradecer. Queria que ele soubesse que não ficara por vontade própria, mas apenas porque ele a impedira de partir e Richard fora amável a ponto de prometer que ia visitar o pai para o informar do que se estava a passar, sem referir para onde fora o duque.

Surpreendentemente, Jervaulx parecia aperceber-se em parte do ressentimento de Maddy. Em vez de exibir o costumeiro desinteresse aristocrático, passou um interminável número de horas de pé junto dela, ou por vezes sentado na outra extremidade do sofá, com movimentos controlados, sem tentar falar. Levou-lhe outra chávena de chocolate. Não se tratava exatamente de um pedido de desculpas, mas pelo menos era sinal de que reconhecia que Maddy era uma pessoa, e não um seu pertence pessoal e exclusivo.

Quando chegou a hora do jantar, continuavam sem notícias de Richard, mas ao tomarem o chá apanharam um enorme susto, quando apareceu um criado de libré branca e prateada que queria falar

com Durham. Mark não conseguia livrar-se do homem, que insistia em entregar em mão uma mensagem a Durham. A disputa sob a janela subiu lamentavelmente de tom enquanto os dois homens discutiam se o criado da duquesa devia aguardar o regresso do senhor Durham ou deixar a mensagem a Mark. Quando se tornou óbvio que o criado da duquesa não partiria sem ver Durham, o cavalheiro ardiloso subiu até ao sótão e, de alguma maneira, conseguiu sair da casa.

Enquanto Maddy e o duque esperavam num quarto, Durham entrou pela porta principal, como se tivesse estado fora de casa e, com toda a falsidade do mundo, recebeu o criado da duquesa no salão. Este partiu depois de ter ouvido uma história rebuscada acerca da morte de um primo em quarto grau, uma história tão complicada que nem sequer Maddy, que a ouvira atrás da porta, a compreendeu por completo.

Quando se falou do duque de Jervaulx, Durham mostrou-se muito surpreendido. Então queria dizer que o duque recuperara? Que notícia fantástica! Durham julgara-o a morrer. Fora a própria duquesa quem lho dissera. Mas já se tinha recomposto? Que milagre! Durham espantava-se que não tivesse ido visitar os amigos... sempre pensara que essa seria a primeira coisa que Jervaulx faria assim que estivesse recuperado. Será que o criado queria dizer – não, isso Durham não estava mesmo a entender – que o duque tinha desaparecido? Ah... não desaparecera. Então, se não desaparecera nem morrera, nem visitara os amigos, que raio andaria a fazer? Ninguém o via há meses. Tudo aquilo lhe parecia muito, muito suspeito. Talvez fosse melhor notificar as autoridades e para o diabo com o escândalo.

Perante tal sugestão, o criado recuou a toda a velocidade, indo embora enquanto Durham lhe rogava avidamente que a duquesa o informasse assim que tivesse alguma pista.

Maddy virou-se, na penumbra do quarto de cortinas corridas, e viu o rosto sério de Jervaulx que apoiava uma mão na cabeceira da cama, arrogante e atento, como um caçador encurralado pela presa e irritado pela necessidade de ter de se esconder. Durham aproximou-se da porta, abriu-a e deixou que os cães entrassem de rompante. Estes lançaram-se ao dono com a maior das alegrias, como se não o tivessem visto apenas um quarto de hora antes, e o ar altivo de Jervaulx desapareceu e transformou-se em sorrisos e brincadeiras.

Eram esses os momentos que impressionavam Maddy, aquelas repentinas alterações de um enorme orgulho para um enorme afeto. Não tinha qualquer defesa perante elas. A sua Revelação perdia-se no meio da confusão.

Já nem sequer lhe restava a certeza de que fosse uma verdadeira missão. Richard não ficara convencido de que o caminho que escolhera fosse o adequado. Maddy estava consciente de que toda a vida tivera de se esforçar por dominar a sua imperiosa vontade própria, para evitar cair na tentação de modas e frivolidades, no impulso de discutir e discordar dos mais velhos. Com demasiada frequência, sentia que tinha um coração rebelde e indomável. Alguém como Richard estaria mais habilitado a discernir a chamada de Deus das artimanhas da Razão.

Maddy queria ir para casa ter com o pai. A porta estava mesmo à sua frente e o oficial do rei já não se encontrava ali para lhe impedir a passagem. O duque estava ocupado com os cães e Durham, a dispor copos e um decantador de xerez dourado.

Tinha a porta à sua frente, mas não partiu.

Christian decidiu mandar Qu'ridaMaddy para a cama. De qualquer maneira, adormecera sentada, à

espera do *quaker* com ar de mula. Fane chegara e voltara a partir porque estava de serviço. Os seus disparates do costume e a descontração com que aceitava a fala desajeitada de Christian eram bem-vindos – sentiu pena por ele se ir embora. Durham não era tão fácil de se lidar. Passava o tempo todo a falar e, a meio de uma longa frase, interrompia-se, dando-se conta de que Christian não o a compreendia, por mais que este tentasse disfarçá-lo.

Era embaraçoso para ambos. Christian queria recorrer à ajuda da Qu'ridaMaddy mas, quando olhava para ela, via-a rígida como uma estátua – ainda zangada consigo por a manter afastada do pai. Outra das coisas que era incapaz de comunicar: o quanto necessitava da presença dela. Lamentava, mas o mundo movia-se demasiado depressa para si: coisas novas, surpresas, confusão e ruído que lhe aumentavam a dificuldade de compreensão.

Ela tinha de ficar. O quarto era bom. Ficava próximo e, do local onde estava sentado, via a porta, sabia com toda a certeza que ela estava ali dentro.

Acordou-a simplesmente por se aproximar. *Devil,* que o seguia, deteve-se para tocar na mão de Maddy com o focinho. Quando ela abriu os olhos, Christian estendeu-lhe a mão.

– Já chegou? – Foram as primeiras palavras dela.

Christian limitou-se a olhar para ela.

– Ainda não – disse Durham.

– *Cama.* – O duque mantinha a mão estendida.

– Sim – disse Durham da mesa. – Vádeitarse, Miss Timms. Acorduassimque elevoltar.

Maddy pestanejou até ficar totalmente acordada e a seguir suspirou. Aceitou a mão de Christian para se levantar. Ele tê-la-ia acompanhado, mas Maddy soltou-lhe a mão no mesmo instante e virou-lhe costas.

Um montículo de brasas embateu contra a grelha da lareira quando a porta se fechou atrás dela. Durham estava sentado à mesa, em silêncio, a olhar para os restos do jantar.

– Raios! – murmurou. – Grande sarilho.

Christian aproximou-se do aparador, tirou aquela coisa redonda e dura de vidro que tapava o decantador de xerez. Serviu-se de um copo.

– Então – Durham ergueu o copo vazio e Christian encheu-lho. – Que queresfazerdela agoracatens?

Christian levou o indicador aos lábios. Silêncio. Durham bebeu uma golada do copo e encostou a nuca ao espaldar da cadeira, com o olhar perdido no teto. Concentrou-se no relógio e ouviu o tiquetaque sem o olhar, porque era como quando se olhava ao espelho: o que via parecia-lhe estranho e inquietante, havia algo de irreal naqueles números que cercavam a face do relógio. Era uma daquelas coisas incompreensíveis que preferia ignorar sempre que podia.

O badalo bateu uma vez para dar a meia hora. Sem falarem, ele e Durham começaram a beber. Durham serviu mais dois copos de xerez e Christian sentiu uma lassidão agradável a apoderar-se de si. Estarem ali sentados, como em tantas outras ocasiões, era-lhe familiar e gratificante. Companhia.

O xerez tornava Durham mais lento, Christian conhecia-o bem. Depois de três copos, perdia a capacidade de decisão. Ao quarto, tornava-se insolente e a língua entaramelava-se-lhe. Christian esperou até ao quarto.

Pousou o copo sobre a mesa.

– *Casar* – disse a olhar para Durham. – Qu'ridaMaddy.

Durham franziu o sobrolho e abanou a cabeça.

– Lamento, meu velho. Não compreendo.

Era muito mais fácil quando ele falava lentamente em vez de balbuciar a toda a velocidade.

– Maddy. – Christian moveu a cabeça para indicar a porta do quarto.

– Sim. Certo. Miss Timms.

– *Eu.* – Christian enfiou a mão no bolso da casaca, remexeu no interior e encontrou o estojo. Colocou-o em cima da mesa e abriu-o com o polegar. – *Casar.*

O amigo olhou para a aliança. Parecia não compreender. Christian estava prestes a tentar de novo quando, de repente, Durham pousou o copo sobre a mesa.

– Que Deus nosguarde. Perdest'aca beça?

– Não – negou Christian.

– *Casares*com arrapariga? – Durham quase se levantou. Ao ouvir o sussurro de aviso de Christian, voltou a sentar-se e baixou a voz até quase a transformar num sussurro violento. – Nãopodestarafalara sério!

Christian pegou no anel e bateu com ele no tampo.

– Nãopassa duma enfer meira. – Durham inclinou-se sobre a mesa. – Esquece, aindaporcima é *quaker.*

– *Casar.* – Depois de contorcer os lábios com esforço, acrescentou: – Ir... *casa.*

Durham abanou a cabeça.

– Nãopodes, meuqueridoamigo. Não ésse guro. Ela diz que tevão fechar.

– Não! – Christian estendeu a mão para agarrar o pulso do amigo. – *Casado...* não. Filho... mulherdragão quer... *filho.* Suficiente.

O significado pareceu demorar um pouco a ser assimilado. As sobrancelhas de Durham ergueram-se. Esfregou a boca com a mão.

– Ter um herdeiro?

– Tudo.

– É tudo o que ela quer?

– *Acordo* – disse Christian. – Não... *voltar...* lugar. *Casado.*

– Entãopor quenão casascom outra?

Christian soltou um som de repulsa.

Durham rodeou o pé do copo com as mãos e fê-lo girar, enquanto observava como a luz da vela iluminava o vidro facetado e fazia saltar chispas de cor, sombras e obscuridade do licor.

– Gostasmais desta? – perguntou-lhe com um olhar de soslaio.

Christian deu uma longa golada no xerez. Apoiou a ponta do polegar nos lábios, beijou-a e levantou o dedo com suavidade. Sorriu ao amigo.

– *Trança...* – Abriu as mãos como se as pousasse no cabelo de Maddy. – *Solta.*

Durham riu-se. Fechou a mão com o polegar virado para cima e aproximou-o do rosto de Christian.

– Então, queassim seja. Sea desejas, meu amigo, hásdater. Poralgummotivofuiordenado.

CAPÍTULO 18

—Miss Timms. – A voz parecia sair dos sonhos dela. – Hora de acordar, Miss Timms.

Maddy sentou-se de repente. – O meu pai?

Estava enrolada na capa. Durante um momento de confusão, julgou-se vítima de um roubo. Havia um desconhecido que se afastava da cama com uma vela na mão, só lhe permitindo ver um perfil entre as sombras. Mas não estava em casa – não conseguiu lembrar-se de onde se encontrava até que, no círculo de luz da vela, surgiu de repente um cão que, com um salto, pousou as patas sobre a borda da cama. O animal esticou-se com entusiasmo e lambeu-lhe o nariz.

Maddy protestou e afastou-se, a pestanejar para tentar acordar.

– Chegou isto para si. – Durham tinha na mão uma carta selada com um borrão irregular de lacre. – É de Mr. Gill.

Maddy esforçou-se por manter os olhos abertos. Recuperou a memória e a consciência. Aceitou a carta e Durham pousou a vela junto à cama, deixando-a sozinha.

Ela partiu o lacre e aproximou a folha de si, semicerrando os olhos para decifrar a caligrafia de traços largos.

Miss Timms,

Falei longamente com o teu pai. Está de acordo contigo quanto à necessidade de proteger o duque desta farsa e deseja que te encarregues de o fazer. Incita-te a depositares confiança nos amigos do duque e a que o afastes de imediato do perigo, pois os perseguidores estão assanhados. Deverás acompanhar o duque para onde quer que ele vá. O teu pai ordena-te com a maior gravidade que não voltes para junto dele, pois isso te deixaria em perigo. Eu tampouco posso acorrer-te pessoalmente, devido ao risco de ser seguido. Levantei algumas suspeitas por ter ido visitar o teu pai. Caso tenhas uma mensagem para ele, envia-a para a Belle Sauvage e eu tratarei de lha fazer chegar.

Que Deus te abençoe, Amiga.

Richard Gill

– Oh – boquejou Maddy.

Aproximou mais a carta da luz, pestanejou com força e voltou a lê-la. Mas dizia o mesmo de antes, da mesma maneira estranha.

Devia partir com Jervaulx. Devia ficar ao lado dele.

Era essa a vontade do seu pai.

Era desconcertante. E triste. Não podia voltar para junto do paizinho! Durante quanto tempo? Que perigos enfrentaria?

Maddy sentou-se na cama. Iam acusá-la de rapto, não tinha dúvidas quanto a isso. Lady de Marly não teria quaisquer escrúpulos em fazê-lo.

Fechou os olhos e rezou uma prece rápida e silenciosa, pela qual pediu forças para enfrentar o que quer que a esperasse. De seguida, apressou-se a procurar os sapatos. Enquanto se inclinava para os abotoar, teve de afastar *Devil* quatro vezes, já que o animal tentava pular-lhe para cima. Pegou na vela e embrenhou-se na escuridão até chegar à sala.

Jervaulx estava ali, desorientador com aquela roupa tão extravagante e formal, de cabelo despenteado e o rosto a precisar de ser barbeado. Lançou-lhe um olhar rápido, apreensivo, como se contasse com uma reprimenda sua. O relógio bateu. Maddy aproximou a vela e viu que eram apenas três e meia.

Do vestíbulo chegou-lhe o som da porta a abrir-se, e a voz de Durham a conversar com o criado. A porta fechou-se e Durham apareceu, de meias e com um tabuleiro no qual se encontrava uma cafeteira.

– O Mark vai trazer uma carruagem, se conseguir encontrar uma a esta hora. Por isso, bebam. Há uma mala-posta que sai do The Swan às cinco. Deve querer arranjar-se no quarto, Miss Timms, mas, primeiro, deixe-me arranjar qualquer coisa para o Shev vestir.

O aspeto dele não era melhor do que o do duque e ambos pareciam ter passado a noite a pé. Durham pousou o tabuleiro, bocejou, pegou na vela e, a arrastar os pés, dirigiu-se ao quarto, deixando na sala apenas a ténue chama da lamparina de azeite.

– Shev – chamou em voz baixa. – Anda cá, querido amigo, a ver se isto te serve.

O duque lançou outro olhar rápido a Maddy e de seguida dirigiu-se ao quarto.

Havia um espelho pendurado por cima da prateleira da lareira. Maddy viu que a sua aparência não era melhor do que a dos dois homens e tentou fazer alguma coisa com o cabelo mas, como lhe faltava uma escova e um pente, foi uma tarefa inútil. Teria de se cobrir com o capuz.

Serviu-se de café na esperança de que a bebida desanuviasse a desordem da sua mente. Durham parecia ter um plano – mencionara uma mala-posta, o que significava que tinha a intenção de que viajassem velozmente. Só os correios seriam mais rápidos, mas nunca partiam antes do entardecer. Apanhar a mala-posta seria tão rápido e anónimo como comprar um bilhete, mas para onde iriam? Esperava que não fosse para demasiado longe. Por outro lado, caso corresse o risco de ir parar à forca, condenada por sequestro, talvez o melhor fosse desejar ir para a Escócia. Ou para a América. Ou para a Lua.

Afinal, iam para Bath – ou pela Estrada Real nessa direção, numa bela mala-posta vermelha e negra, decorada com a insígnia da estalagem Swan With Two Necks, que reluzia sob a iluminação pública daquela madrugada gelada. Durham não lhe indicara qual o destino final. De facto, tornara-se um tanto reservado ao falar com ela. Quando ela protestara pela distância, a única coisa que ele acedera a dizer-lhe fora que não se dirigiam exatamente a Bath.

Jervaulx e o amigo dormiram durante todo o trajeto. Formavam um par de aspeto bastante duvidoso, Durham estendido sobre o assento dianteiro e o duque desconfortavelmente encostado à

janela em frente de Maddy, envolto numa enorme capa emprestada, com a barba por fazer e sem chapéu – o que, segundo o peculiar entendimento de Durham, era a aparência esperada de um cavalheiro que partisse para o campo «por motivos de saúde». Maddy aceitava que aquela descrição do duque era compatível com a verdade, mas recusou-se a chamar-lhe «Sr. Higgins» ou a apresentar-se como irmã dele. Embora não tivesse a intenção de oferecer voluntariamente qualquer informação, se alguém lhe perguntasse, era enfermeira dele e chamava-se Archimedea Timms.

Como resolvera adotar essa posição, não a deixavam sair da mala-posta exceto nas estalagens mais concorridas, nas quais ninguém prestava a mínima atenção a qualquer viajante em particular, entre o estrépito dos cavalos arreados, os berros dos postilhões ao chegar e os passageiros das diligências que se apressavam a entrar e a sair depois de uma refeição rápida. Mesmo nesses sítios, só descia sozinha, ou na companhia de Durham, que insistia em que não os vissem aos três juntos, de modo a despistarem qualquer eventual perseguidor. Pagara um bilhete completo para reservar o quarto assento da elegante e ligeira mala-posta e não ter de viajar na companhia de um desconhecido e, depois da primeira mudança de cavalos e postilhões, ninguém olhou sequer para o interior do veículo enquanto ele se inclinava pela janela para distribuir gorjetas. Até tinham deixado os cães ao cuidado de Mark, o que lhes provocara uma grande tristeza, mas os animais eram demasiado chamativos para serem vistos na companhia do duque.

Era uma maravilha viajar àquela velocidade, num veículo com boa suspensão e por uma estrada excelente, à frente de todas as diligências, chegando até, por vezes, a ultrapassar uma caleche de aluguer. Maddy não tinha a certeza se aprovava a mala-posta. Parecia-lhe um enorme esbanjamento de esforços ao serviço de assuntos terrenos. Só podia ser sinal de presunção atravessar-se a toda a velocidade a obscuridade das primeiras horas da manhã. Os cavalos percorriam a galope cada uma das etapas e paravam já todos suados ao fim de meia hora, para em dois minutos serem substituídos por uma nova parelha. Como os dois cavalheiros permaneciam adormecidos entre mudas, Maddy tinha muito tempo para ver passar a toda a velocidade os marcos brancos da estrada e para refletir sobre a rapidez com que mergulhava no oblívio.

Com a aurora, as longas sombras azuladas das árvores acariciaram os campos brilhantes de geada. Vislumbrou à distância a sombra de um castelo, o perímetro fortificado por torres e muralhas altas. Os pendões das torres eram iluminados pelo sol a nascer. Maddy debruçou-se para ver como os raios davam à pedra um tom dourado com matizes rosados.

– *Wind*-sor.

A voz do duque sobressaltou-a. Ao virar-se, encontrou-o a observá-la, sonolento. Tinha os ombros encostados ao lado da carruagem, numa posição incómoda.

O veículo deu um solavanco ao passar por um troço de estrada irregular sem abrandar nem um pouco. Maddy agarrou-se à correia. A cabeça de Jervaulx bateu com força contra o lado da carruagem, enquanto Durham rebolou para o chão, conseguiu evitar a queda, soltou uma imprecação, fincou um pé no chão e cobriu os olhos com o chapéu.

Jervaulx endireitou-se. Esfregou o rosto com as mãos e escondeu-o assim por alguns instantes, com os cotovelos apoiados no sobretudo que lhe cobria os joelhos. A carruagem balançava-se pela estrada. Maddy pensou que talvez isso o fizesse despertar por completo mas, pelo contrário, o duque virou-se e tornou a estender-se, desta feita no sentido oposto. Como era demasiado alto para se encaixar no assento, naquela posição precisava de apoiar a cabeça no colo de Maddy, e foi o que fez com o maior à-vontade, sem mais aviso do que um suspiro profundo enquanto se instalava.

– Jervaulx – chamou-o Maddy num tom incisivo.

A resposta foi um sorriso ocioso, que nada tinha de civilizado quando visto de perfil contra o fundo escuro da barba. Parecia um cigano indolente, satisfeito a dormir debaixo de uma sebe.

Como lhe era impossível prosseguir o resto da viagem com a mão erguida, Maddy viu-se obrigada a apoiá-la no ombro de Jervaulx. Pousou-a com tanta leveza que, a cada solavanco, a mão se levantava; até que Jervaulx a agarrou, entrelaçou os dedos nos dela, e a obrigou a apoiar a mão com firmeza no ombro. Nenhum dos dois tinha luvas calçadas. Maddy deixara as suas na capela, e o elegante par branco de Jervaulx ficara esquecido com a pressa.

Maddy via o campo a começar a iluminar-se. O castelo de Windsor era um enorme monumento que aparecia e desaparecia entre colinas e vales. Jervaulx moveu a cabeça inquieto e aninhou-se melhor. Com a mão livre, ajustou a mão de Maddy para que os dedos lhe alcançassem a têmpora e o queixo, de modo a tocar-lhe o rosto ao de leve de cada vez que a carruagem se movia. Maddy fingiu não dar por isso, convencendo-se com o argumento de que, fosse o duque um paciente normal – uma criança convalescente ou um vizinho enfermo –, ela decerto se teria alegrado por poder proporcionar-lhe o conforto possível numa viagem tão cansativa. Disse a si mesma que Jervaulx se cansava com facilidade e que os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas haviam sido suficientes para deixar exausta até uma pessoa com uma saúde de ferro. De facto, ela sentia a fraqueza trémula causada pela falta de sono e o excesso de medo.

E sentia a mão de Jervaulx na sua, a apertar-lhe os dedos com firmeza, cheia de calor e vida, o ombro tão próximo a pressioná-la, o corpo não tão passivo sob o embalar da carruagem, como se esperaria.

O duque murmurou algo, sonolento, e mexeu-se. Levantou o queixo como se não conseguisse encontrar a posição mais cómoda. A pele do rosto dele estava áspera devido à barba por fazer e arranhava a palma da mão de Maddy. Ela não acreditava que ele estivesse a dormir e teve a certeza disso na mudança de cavalos que se seguiu. Quando a carruagem se deteve entre sacudidelas, por entre o som de assobios e dos gritos dos postilhões, Durham virou-se e sentou-se. Jervaulx não se mexeu. Depois de lhes lançar um olhar de relance, Durham procurou a carteira nos bolsos com gestos exagerados.

Por fim, encontrou-a e, quando ele desceu, Jervaulx beijou os dedos de Maddy, que afastou a mão de repente. O duque, com um suspiro, aninhou-se ainda mais no seu colo, sem chegar a abrir os olhos.

Durham apoiou a mão no caixilho e dirigiu-lhe um sorriso ténue.

– Será melhor trazer-lhe o pequeno-almoço, não, Miss Timms?

Às vezes, quando sonhava acordada, Maddy imaginava um jardim. Nunca incluía uma casa; era apenas um jardim com espaço para tudo aquilo que quisesse plantar. Tinha alfazema a rodear cada um dos canteiros e um muro baixo atrás do qual se estendia o campo. Na primavera, havia ervilhas e espargos, tulipas e jacintos; no verão, legumes e malvas, esporas e cravos-dos-poetas; no outono, as árvores dos cantos, carregadas de fruta, inclinavam-se sobre ásteres e rosas-de-gueldres. Esse jardim não era formal, como os carreiros retos e os relvados majestosos de Blythedale Hall, cujo único objetivo era que as pessoas passeassem por eles em amena conversa. Era um jardim para se trabalhar, com flores plantadas entre outras coisas mais práticas.

Na primeira manhã em que, ao acordar, olhou pela janela da casa paroquial de St. Matthews-upon-Glade, viu-o. Era o seu jardim ou, melhor, os restos descuidados dele, iluminado pelo primeiro sol da manhã, cheio de sombras e com milhares de caules que refletiam a luz e se arqueavam sob o orvalho.

Encontrava-se num autêntico caos após um longo abandono, uma confusão de ervas daninhas e antigas plantas com carreiros de pedra mal visíveis sob os desordenados matagais de erva e folhas outonais mortas – mas não deixava de ser o seu jardim. Os muros de pedra cercavam um hectare de terreno, com árvores de fruto plantadas em cada esquina e no centro um vaso simples. Para lá do muro, uma pastagem de um verde vivo descia pela encosta até à aldeia. As casas que salpicavam o vale eram todas da mesma pedra, de um cinzento prateado que refletia a luz através do longo dedo de neblina que passava por entre as árvores.

O estado de abandono do terreno paroquial era um autêntico pecado. Durham era ainda pior do que ela o imaginara. Não só se revelava um daqueles falsos padres – e jamais vira um homem mais inadequado para estar ao serviço de Deus, a menos que pensasse no próprio Jervaulx, ou possivelmente no coronel Fane –, como ainda permitira que aquele jardim e aquela casa ficassem em ruínas. Na noite anterior, haviam chegado às dez e um quarto, exaustos, o duque tão esgotado que não parava de chocar com objetos perfeitamente visíveis. Durham virara a chave na fechadura da casa paroquial escurecida, abrira a porta como se se tratasse de um palácio acolhedor, e Maddy vira-se obrigada a passar meia hora de um lado para o outro em busca de lençóis para poder dormir.

Tinham jantado o conteúdo de um saco de papel, empadas de carne e pães de passas comprados a meio da tarde em Hungerford, altura em que tinham abandonado a estrada de Bath e alugado uma caleche privada, na qual viajaram apertados, já que o veículo estava preparado apenas para dois passageiros. Pela segunda noite consecutiva, Maddy dormira vestida e não muito profundamente, já que tanto a casa como a roupa da cama eram de um frio desolador. E então, de manhã, ao ver o abandono do jardim à luz do dia, calculou que também não deveria haver nada de adequado para o pequeno-almoço.

Arranjou-se como pôde, sem água nem espelho. Todos os móveis estavam cobertos e os painéis que tapavam a cama estavam escuros de tanto pó. O colchão parecia deteriorado, sem cobertores sobre os dois pares de lençóis. Receou que a bola de cotão debaixo do estrado da cama tivesse as inconfundíveis marcas dos ratos.

Apesar do abandono, a casa era cómoda. Maddy desceu as escadas e aguçou em vão o ouvido para tentar captar o som do despertar de um dos dois homens, que se encontravam nos quartos da outra ala. Os passos dela ecoaram ao atravessar uma passagem de madeira lavrada e entrou num vestíbulo espaçoso de lajes de pedra cujo único mobiliário era uma mesa antiga, enorme, comprida e escura, com pés que terminavam em pesadas bolas de madeira.

No meio desta, encontrava-se o saco de papel que contivera o jantar deles, dobrado debaixo de uma chave. O seu nome encontrava-se escrito na parte superior. Respirou fundo e abriu o papel manchado, alisando-o.

Minha cara Miss Timms,

Lamento muito, mas vejo-me obrigado a partir sem voltar a vê-la, já que devo regressar à cidade tão depressa quanto possível, de modo que chegue ainda esta noite, o que deverá

desorientar quem quer que tente descobrir a distância que percorremos, caso as suspeitas recaiam sobre mim. De caminho, informarei Mrs. Digby de que deixei a casa paroquial entregue a um amigo convalescente e pedir-lhe-ei que se encarregue de procurar uma criada de cujos gastos tratarei. Para o restante, terão de depender do dinheiro das fivelas até que eu receba o meu salário eclesiástico do próximo mês, já que, infelizmente, me encontraram presentemente sem fundos. Espero que se sintam como em casa. Correndo tudo bem, creio que terão de permanecer aí durante algum tempo. Garanto-lhe que está a fazer o mais correto, Miss Timms, e, por favor, siga da melhor maneira possível – e talvez também um pouco da pior – a sua consciência e faça tudo o que estiver ao seu alcance para o proteger.

Às suas ordens,

Kit Durham

P.S.: Peço-lhe o obséquio de dizer ao Shev que pensarei num modo de lhe enviar os cães, se não lhes der um tiro antes.

O próximo mês! Esperaria ele que ficassem ali durante tanto tempo? Maddy dobrou a carta. Olhou em redor, voltando-se no vestíbulo vazio. Tinha no corpete a carteira com a maior parte das trezentas libras do duque ainda intactas, já que Durham pagara todos os custos até então. Ela e o pai podiam viver dois anos com aquela quantia.

Ouviu passadas fortes na escada. Maddy levantou os olhos no momento em que o duque surgiu na soleira da porta, desgrenhado e intenso: vestido, mas sem nada apertado ou abotoado. Ao vê-la, surgiu-lhe no rosto uma expressão de alívio. Agarrou-se à ombreira da porta, para depois apoiar todo o peso sobre ela enquanto exalava bruscamente.

– *Ozinho.*

Fechou os olhos e abanou a cabeça.

– Eu estou aqui – respondeu Maddy.

Ele apontou com a cabeça para a ala da casa onde ele e Durham tinham dormido.

– *Não.*

– O Durham regressou à cidade. – Mostrou-lhe a mensagem engordurada.

Jervaulx começou a andar, aproximou-se dela e pegou no papel. Olhou para as palavras de testa franzida, o rosto ligeiramente de lado. A sombra da barba transformara-se numa mancha escura. Maddy perguntou-se se haveria utensílios para o barbear na casa ou se teria de ir à aldeia comprá-los. Até que ponto seria seguro mostrarem-se em público? Durham assegurava que naquele lugar ninguém reconheceria o duque, mas ela não queria correr qualquer tipo de risco. Jervaulx ergueu os olhos com um sorriso de viés.

– *Cães.*

Maddy fez uma careta.

– Sim, vai mandar vir os teus cães travessos.

Ele sorriu, um bárbaro desalinhado.

Maddy agarrou-o pelo pulso e puxou-lhe a manga da camisa para baixo para lha tirar do interior da casaca.

– Botões de punho?

Ele fez um som de assentimento e voltou a indicar os quartos.

Maddy arranjou-lhe o outro punho e aproximou-se para lhe fazer o nó no laço que ele tinha à volta dos ombros. Jervaulx manteve-se muito quieto, a observá-la sob as pestanas descidas enquanto ela o fazia. Quando Maddy ergueu os olhos, ele sorriu-lhe.

Por barbear, tinha um ar estranhamente arrapazado. Maddy teve de morder o lábio para não lhe retribuir o sorriso. Em vez disso, adotou um tom professoral.

– Vai buscar os botões de punho. – Tocou-lhe no pulso e apontou para a porta.

Sem hesitar, o duque virou-se para sair. Maddy reparou que ele ainda tinha a carta na mão.

– Jervaulx – disse.

Ele virou-se para a olhar.

– Consegues ler?

Aproximou-se, estendeu o papel sobre a mesa e inclinou-se sobre ele, apoiado nos dois braços.

– «Mi... Timm. Lamento mas vejo... me o...bri...ga...do a *partir* vê...la já que devo regressar depr*essa*... ossí-vel.» – Olhou-a com uma expressão de triunfo. – *Ler*.

– Antes de hoje? Conseguias ler antes?

– Matemática – respondeu.

Maddy lembrou-se de como ele trabalhara com o pai.

– Só matemática – disse ela. – Só números.

Ele encolheu os ombros.

– Podes trazer-me então os botões de punho?

Depois de um aceno de assentimento, ele afastou-se da mesa e saiu do vestíbulo. Maddy seguiu-o com o olhar. Comprimiu os lábios. Uma semana antes – até apenas um dia antes –, ele não teria compreendido uma frase tão longa e complicada. Sobretudo porque, de propósito, ela falara a uma velocidade normal.

Ele voltou com os botões de punho. Maddy aceitou-os e, enquanto lhos colocava, perguntou-lhe:

– O que achas que devíamos fazer para o pequeno-almoço?

Jervaulx prendeu o papel engordurado com o indicador e o polegar e, com um pequeno resmungo, deixou-o cair.

– *Empadas*.

– Jervaulx – disse Maddy –, estás a melhorar.

Ele lançou-lhe um sorriso de pirata.

A Qu'ridaMaddy tinha ido à aldeia. Christian vagueava pela casa, só e livre, pouco à vontade com aquela liberdade recentemente adquirida. Para fazer alguma coisa, entreteve-se a arrancar os lençóis aos móveis e deixou-os cair em montes brancos, espalhados pelo chão. Ao tirar o pano que cobria um objeto sobre a lareira da sala, deparou-se-lhe um espelho.

Céus. Parecia o próprio Diabo, como se tivesse passado três dias entregue à bebida. A manga da casaca de Durham ficava-lhe demasiado curta, revelando vulgarmente um pedaço do punho da camisa quando Christian levou a mão ao rosto para sentir a barba.

Que tipo tão monstruoso e espetacular parecia o duque de Jervaulx. Exatamente o que agradaria a uma primorosa jovem dos «tus».

Ver-se ao espelho deixava-o um pouco atordoado. Era um esforço doloroso tentar concentrar-se numa aparência inexistente, como tentar pôr fim a um sonho sem acordar. Estava ali, mas de certo

modo era como se não estivesse.

Uma forte pancada na porta sobressaltou-o. Qu'ridaMaddy, pensou, ao chegar ao corredor mas, no último momento, hesitou. Deteve-se com a mão estendida. A aldraba emudecera, à espera, mas, depois de uma pausa, as pancadas recomeçaram.

Queria descobrir se era ela, mas faltavam-lhe as palavras, como parecia acontecer sempre que eram mais necessárias. Tentou acalmar-se, controlar aquele pânico irracional. Não podia ficar ali a adiar eternamente o momento. Por fim, agarrou na velha maçaneta e fê-la girar até abrir a porta.

Um vento sufocante, impróprio para o mês de outubro, mais quente do que o ar interior, penetrou na casa. Tempo de trovoada. Sob o alpendre de pedra, uma rapariga de avental e touca fez uma reverência sob a capa.

– Muitopra zer, eubrunild digy, cria dapa ratodosserviço.

Olharam um para o outro. A rapariga tinha olhos grandes e escuros, e um ar de ingenuidade aldeã, demasiado cândida para não ficar a fitá-lo e fingir que ele não tinha o aspeto horrível que sabia ter. Parecia bastante inofensiva: ele abriu a porta por completo e afastou-se para a deixar entrar.

Maddy regressou com pão e carneiro assado com batatas numa travessa de forno. Enfiou tudo pela porta da frente e, ao dirigir-se rapidamente para a cozinha com o seu fardo quente, ouviu o som de uma voz feminina e deteve-se de repente. Observou, escondida atrás da porta, o interior da cozinha.

Jervaulx e uma criada estavam sentados à mesa, um em frente do outro, e seguravam ambos fumegantes canecas de barro. A jovem, cujo rosto estava virado de tal forma que Maddy não o via, palrava despreocupadamente acerca do seu «moço», que no fim de semana iria à cidade para assistir a uma conferência acerca de «assuntos químicos». Frase que repetiu duas vezes, acrescentando num tom inquiridor «percebe?», como se fosse parte perfeitamente normal do discurso assegurar-se de que o interlocutor a compreendia – decerto um costume dos habitantes da região quando falavam com forasteiros.

Jervaulx pousou a caneca com um gesto enfático de aprovação. Concentrado na criada, não dava sinal de se ter apercebido da presença de Maddy, apesar de esta se encontrar dentro do seu campo de visão.

– Oh, pois... o meu moço é muito esperto, lá isso é – disse a rapariga. Acabou de beber o conteúdo da caneca e afastou a cadeira. – Garanto-lhe que já não sei que pensar dele, desde que esteve no Instituto de Mecânica e em todos esses cursos e coisas. Vai fabricar motores. Motores, está a perceber? – Virou-se para o lava-loiças vazio e viu Maddy. – Ah! Minha senhora. – Fez uma reverência profunda e apressou-se a tirar-lhe a travessa das mãos. – O senhor Langland pediu-me que lhe fizesse companhia, minha senhora! Chamo-me Brunhilda Digby. Viu a minha mãe na aldeia? Ela disse-lhe que eu vinha? Mmm, mas que bem que isto cheira! Quer que o aqueça, minha senhora?

Sem esperar resposta, pousou a travessa na mesa e pôs-se a mexer no forno do lar. Jervaulx levantou-se, com o rosto descontraído naquele sorriso fácil que levava sempre Maddy a ter pensamentos mundanos e profanos. Ela pousou o pão e outro embrulho sobre a mesa.

– Pareces um verdadeiro malfeitor – censurou-o severamente. – Comprei uma navalha de barba e um pente.

Ele inclinou a cabeça.

– A água está quente, minha senhora – anunciou Brunhilda. Depois de ter sido apanhada sem fazer

nada, parecia particularmente ansiosa por agradar. – Quer que traga a bacia?

A cozinha começava a aquecer. Maddy pensou nos quartos húmidos e frios do piso de cima, e assentiu.

– Sim. Vem comigo e diz-me onde posso encontrar mais roupa de cama.

– Sim, minha senhora. – A jovem obedeceu rapidamente, saiu da cozinha e atravessou o vestíbulo à frente de Maddy. Deteve-se no primeiro degrau e, a sorrir, disse: – Ele está um pouco tocado, não está? – O sorriso tornou-se-lhe mais aberto. – Mas é encantador, e muito bem-posto e cortês. Dá para ver por que se casou com um homem assim, minha senhora, bata ele bem da cabeça ou não.

A tempestade começou assim que escureceu, granizo furioso a abater-se com tal força que alarmava Maddy. Na cidade, as trovoadas proporcionavam-lhe um prazer secreto, quando se aninhava na cama para ouvir a chuva forte, mas aquilo era uma verdadeira devastação com alma furibunda. A casa semivazia parecia acolher os trovões em todos os recantos e voltar a lançá-los das sombras uma e outra vez.

Brunhilda já fora embora. Com o fogo na cozinha a avivar-se e a minguar ao sabor dos golpes de ar, Maddy desabotoou os botões de punho e a casaca do duque. Quando acabou, Jervaulx recuou um passo com um olhar que ela não foi capaz de interpretar. Porém, sabia por experiência própria que não devia insistir em ajudá-lo mais do que ele queria. Com Maddy à frente e uma única vela, subiram as escadas juntos. Ela deteve-se ao chegarem ao patamar que separava as duas alas.

– Vais ficar confortável? – perguntou.

Seguiu-se um breve momento suspenso; ele permaneceu imóvel sob a luz dourada da vela, a observá-la.

Lançou-lhe um sorriso ocioso, com os olhos de um azul índigo resguardados pelas pestanas exageradamente longas. Maddy sentiu uma repentina vaga de emoção. Apoderou-se de si sem aviso, uma sensação dolorosa a embargar-lhe a garganta, como se estivesse prestes a desatar a chorar, só que não era isso, era outra coisa.

Os relâmpagos iluminaram as sombras por um momento. O rugido do trovão rebentou diretamente por cima deles. Maddy, assustada, deixou cair a vela e a obscuridade cobriu-os ao mesmo tempo que o estrondo reverberava pelo corredor. O estrondo ribombante sacudiu a casa como uma força viva.

– Oh, céus! – exclamou Maddy, sem pensar, quando o ruído começou a diminuir.

Outro relâmpago brilhou e o silvo cortou o ar. Todos os músculos do corpo de Maddy se sobressaltaram num estremecimento convulsivo. Sentiu o toque da mão do duque e lançou-se nos braços dele por entre as reverberações – um movimento tão carente de intenção e motivos como o tremor da mão que a fez deixar cair a vela. Mas os braços dele rodearam-na, algo tão doce e perigoso, que superava em muito o susto causado pelo estalejar dos relâmpagos.

Jervaulx apoiou-se na parede, a mão no cabelo dela, fazendo-a encostar a face ao seu ombro. Ela sentia os movimentos rítmicos do peito dele, inspirou o cálido cheiro do homem, ainda misturado com o ligeiro aroma floral com que se perfumara para o casamento. O trovão convertera-se numa vibração surda que ainda ressoava, num rumor semelhante ao produzido por uma carruagem a atravessar uma ponte de madeira.

Ele ergueu uma mão e percorreu-lhe o contorno da têmpora ao de leve, num contraste gritante com o modo firme com que a abraçara. Os dedos desceram e percorreram-lhe a face com a suavidade de

uma pena, uma carícia delicada nos lábios. Puxou-a para si com mais força e sussurrou-lhe, aproximando os lábios do cabelo dela:

– *Medo,* Qu'ridaMaddy?

– Não – respondeu ela, começando a afastar-se. – Não, já estou bem. Agora estou mais calma.

Aquelas palavras eram tanto para ele como para si, porque o duque não a mantinha abraçada contra a sua vontade. Já estava envergonhada, encavacada, enquanto se soltava.

– A vela – disse, a sentir-se estúpida e corada. Baixou-se, procurando-a às escuras, satisfeita por ter algo que fazer, por mais banal que fosse. Encontrou-a mesmo junto aos pés, mas não tinha com que a acender. – Peço desculpa!

O duque parecia divertido. Encostou-lhe a mão por baixo do cotovelo e encaminhou-a na direção do quarto dela. Os relâmpagos, já distantes, proporcionavam somente uma iluminação hipnotizante e inútil, mas ele parecia sentir-se mais à vontade do que ela na escuridão. A tatear a parede enquanto continuavam a andar, Maddy divisou, por fim, o ténue brilho de chamas a iluminar o chão em frente à porta aberta do seu quarto.

Distanciou-se rapidamente da mão dele e entrou no quarto. A chuva golpeava a janela atrás das cortinas fechadas e borbulhava nas goteiras. À luz trémula das chamas, Maddy atravessou o quarto, ajoelhou-se e aproximou a vela das brasas, para a acender.

– Aqui tens. – Levantou-se e ofereceu-lhe a vela. – Assim conseguirás ver o caminho de regresso.

Ele não a aceitou. Fitava-a por cima da chama. Os relâmpagos distantes, misturados com as chamas da lareira e a luz da vela, iluminaram-lhe o rosto. Cortês e bem-posto, dissera Brunhilda. Maddy não o achava nada cortês. A luz da vela incidiu-lhe sobre as sobrancelhas e conferiu-lhe um aspeto de vilão, roubou-lhe a perplexidade que lhe suavizava os olhos.

Uma gota de cera deslizou pela vela. Moveram-se ambos ao mesmo tempo. Maddy inclinou a vela para se proteger. Ao mesmo tempo, a mão esquerda de Jervaulx agarrou a dela. A cera quente caiu e logo se deteve no interior do pulso do duque.

Ele praguejou em voz alta. Maddy exclamou:

– A tua mão! Oh... não devias ter feito isso!

Jervaulx apagou a vela com um sopro.

– Cuidado! – disse ele asperamente.

– Queimaste-te?

A mão de Maddy continuava presa na dele. O duque soltou uma gargalhada irónica.

– *Arder*.

E percorreu os dedos de Maddy com o polegar, numa carícia lenta. Abraçou-a com força e, de repente, soltou-a, o rosto desenhado pelas chamas e pela obscuridade.

Olhou-a como se quisesse ter a certeza de que ela o compreendia. Ali, naquela casa, isolados pela chuva e pelos trovões, e pela intensidade do olhar dele, Maddy receava compreendê-lo.

Ele levou o punho ao peito.

– *Arder,* Qu'ridaMaddy – afirmou.

E, de seguida, virou-se e deixou-a rodeada pelas chamas trémulas e pelos trovões.

CAPÍTULO 19

Ter de se vestir de manhã enchia Christian de fúria. Estava farto de usar a roupa de Durham. Depois de um longo dia de viagem, até a sua roupa formal tinha melhor aspeto, sobretudo depois de Brunhilda a lavar. Calçar as meias cuidadosamente enroladas foi fácil mas, quando chegou o momento de abotoar as bragas de veludo, sentiu-se furioso consigo mesmo, com a sua mente desorientada e com as mãos que não funcionavam em conjunto como deviam e baralhavam gestos tão simples.

Depois de um longo momento de frustração, acabara de abotoar o último botão apenas com uma mão quando ouviu a porta da rua a bater com estrondo. Olhou pela janela e viu a Qu'ridaMaddy, com a capa a adejar à sua volta, a dirigir-se para o alto da colina por um caminho de cabras. Afastava-se da aldeia com passos rápidos e decididos – o aspeto de alguém de partida.

Christian soltou uma imprecação. Deixou o colete pender-lhe da mão e, sem casaco e de camisa aberta, saiu do quarto.

Maddy não sabia muito bem para onde se dirigia. A tempestade trouxera consigo o inverno em toda a sua dureza. O vento do Norte cortava-lhe as faces. A chuva torrencial da noite anterior convertera o jardim num lamaçal sujo e vergonhoso, mas a erva sob os seus pés voltava a erguer-se à sua passagem, resistente, prestes a começar a gelar, e cada passo que ela dava fazia-a estalar. Tinha a saia levantada, embora naquele momento pouca diferença fizesse. O seu melhor vestido cinzento estava tão remendado e manchado, que o adjetivo «melhor» já não era uma descrição adequada.

Ao chegar ao alto da colina, deteve-se e virou o rosto para norte, satisfeita pela brisa gelada. Passara toda a noite a ouvir a tempestade caprichosa; naquela manhã, tudo o que queria era impor uma disciplina fria e férrea ao seu coração.

Aquilo era uma prova, disso não havia dúvida. Estava a ser testada e a descobrir que era feita de um material mais comum do que alguma vez imaginara.

Até a autocensura significava entrar em areias movediças. Repetir a si mesma que não devia deleitar-se com carícias humanas era recordar o modo como a mão dele tocara na sua. Menosprezar a carnalidade do seu ser era pensar na face dele, iluminada pelo resplendor do fogo, uma tempestade silenciosa – feita de chamas e do azul da meia-noite.

Ouviu um passo atrás de si, o som do ar depois de uma exalação brusca. Virou-se e ali estava ele. Tinha parado a poucos passos, revolvido pelo vento e em mangas de camisa, o tipo de homem cuja presença as mulheres maduras e razoáveis que seguiam o caminho apropriado recomendavam às jovens que não reconhecessem, caso ele se lhes dirigisse.

– O que é? – perguntou num tom deliberadamente conciso.

A boca de Jervaulx franziu-se um pouco, como se estivesse a tentar falar e não conseguisse.

Afastou o olhar do dela e olhou para baixo, para a distância. O vento soprou-lhe o cabelo escuro.

– Volta. Vais morrer de frio – disse ela.

Jervaulx levantou os olhos. Eram da cor das nuvens no centro do furacão, de um azul mais profundo do que o céu atrás dele.

– Volta para casa – repetiu Maddy, e recomeçou a andar.

Ele caminhou ao lado dela.

Durante alguns metros, ela fingiu indiferença. De seguida, parou.

– Quero andar sozinha – afirmou com o rosto virado para o vento, sem o olhar.

– *Onde?*

Pela violência da pergunta, compreendeu a dor que o atingia, sentiu que a arrogância que aparentava não era totalmente verdadeira – mas parte era-o e ela reagiu a isso.

– Por que queres saber?

Jervaulx ficou um pouco tenso, como um cavalo sensível que reage perante uma palavra brusca. Agarrou-a pelo cotovelo, mas Maddy virou-se e soltou-se.

– O que queres de mim? O que é?

O maxilar dele endureceu. Fez um movimento como se a fosse deter e, de seguida, com uma dificuldade visível controlou-se, deixou cair a mão e, com um enorme esforço, disse:

– *Amiga.*

– Sou tua enfermeira, nada mais que isso.

Um vestígio de troça surgiu no rosto dele.

– Enfermeira... *ficar* – disse com maior clareza que anteriormente.

Maddy respirou fundo. Ficara sem argumentos. Decerto que nenhuma enfermeira honesta desataria a correr pelo campo fora, a insistir que o paciente se arranjasse sem os seus cuidados. Incomodada, apertou a capa contra si.

Ele esboçou um sorriso, sabendo que vencera.

– Volta... com... *comigo*.

– Não, por favor. Agora não. Não... Só quero caminhar. Sozinha.

O sorriso de Jervaulx converteu-se numa expressão de desagrado.

– *Caminhar* – disse com o queixo a tremer. – Voltar.

Maddy não o percebeu, não encontrou qualquer sentido naquela contradição, até ele se afastar e se dirigir ao muro que se curvava sobre a colina e se encostar à estrutura grosseira.

– Caminhar – repetiu ele, com um gesto rápido e expansivo com a mão.

Já não fazia sentido procurar a paz nos campos ermos mas, obstinadamente, Maddy apertou a capa esvoaçante contra o corpo, virou-se e recomeçou a andar. Desceu por um declive e voltou a subir a encosta seguinte. Atravessou outra colina e outro vale, sobressaltando um pequeno rebanho de ovelhas que pastava do outro lado. Quando chegou ao ponto mais alto, o vento era cortante. Fazia-lhe doer os ouvidos, até sob o capuz da capa.

Aquela fútil tentativa de fuga fora uma perda de tempo. Ele tinha-a vencido. Aquilo que desejava evitar encontrava-se no seu interior. Nem por um instante durante o passeio pensou noutra coisa que não em Jervaulx.

Concluiu que não podia continuar. Com a renovada determinação de agir como uma enfermeira eficiente e de afastar o seu paciente daquele ar malsão, recuou pelo caminho percorrido, levantando a saia com cuidado sempre que tinha de saltar os pequenos riachos no fundo das covas.

Quando avistou a casa paroquial e a igreja, ninguém de camisa branca e aparência sombria a recebeu. O lugar onde Jervaulx a esperara não passava de uma solitária extensão de pedras em cima de pedras. Maddy deteve-se, e de seguida divisou-o no cimo da colina sentado num afloramento de rocha. Levantou-se quando ela se aproximou, uma silhueta forte e elegante delineada contra o sol da manhã.

– Vem – chamou-o, detendo-se a uma distância que lhe parecia a salvo de qualquer tipo de emoção alheia à natural preocupação de uma enfermeira. – Está na hora de entrarmos.

Ele estendeu-lhe a mão. Atrás dele, a luz ganhou uma cor inesperada – a dos longos caules de ásteres silvestres sacudidos pela brisa.

Jervaulx ofereceu-lhe as flores sem qualquer expressão, sem um sorriso ou contrição. Era algo tão inesperado que Maddy se sentiu subjugada, o estranho brilho dos ásteres fora de estação em finais de outono no meio da paisagem nua, a frescura radiante apesar da tempestade intensa. Sentiu-se desorientada, incapaz de lhe dirigir uma resposta adequada, de expressar uma gratidão ligeira e impessoal. Teve a sensação de que as faces, inflamadas pelo vento frio, ainda lhe ardiam mais.

– O que queres de mim? – gritou. – Eu não sou uma pecadora complacente. – Arrancou-lhe as flores da mão e atirou-as ao ar. A brisa envolveu-as, dobrou os caules e fê-los rodopiar desajeitadamente até ao chão. – É uma indelicadeza da tua parte assediares-me com as tuas atenções frívolas!

Ele hesitou, virou a cabeça e olhou-a de rosto franzido. Depois, envergonhado, corou.

– Peço... *perdão* – disse com uma expressão dura e acalorada. – Timms! Imper*tnente*. – As últimas sílabas ficaram presas num som misto de gargalhadas e fúria. Desviou o olhar ainda a tentar falar e sem o conseguir, como se as palavras de que necessitava se precipitassem pelo campo que se encontrava atrás dela. Torceu o lábio e exclamou: – *Idiota.*

– Tu não és idiota, não. És um homem do mundo, perverso. Soube isso assim que te vi. E estás cada vez pior. Com os teus beijos e abraços! – A indignação dela aumentava a cada segundo. – És abominável.

Ele voltou o olhar para o campo, com os olhos semicerrados contra o vento que lhe fazia ondular a camisa e o cabelo.

– Isto não pode acontecer entre nós, compreendes? – acrescentou com veemência, dizendo em voz alta o que a perturbava até pensar: – Nasci *quaker,* Jervaulx. Tu nasceste nobre.

Só obteve um silêncio abatido como resposta.

– Sabes sequer o que seria de mim? Não, não sabes. – Exalou bruscamente. – Os Amigos renegar-me-iam. Assim é a nossa lei.

Ele continuava a não responder. Parecia imerso naquele seu estado de orgulho vazio. O olhar desfocado, perdido, tal como na audiência da Chancelaria.

– Eu deixaria de ser *quaker*! – exclamou, frustrada, ao não obter resposta. – Ficaria sozinha!

– Não – disse ele, inesperadamente. Virou-se e estendeu-lhe a mão com a palma para cima, vazia, uma simples oferta masculina. – Qu'ridaMaddy. Co... *migo.*

Maddy olhou para a mão estendida. Brotou-lhe do interior aquela dor aguda e crescente que lhe detinha na garganta quaisquer outras palavras, recusas e explicações. Virou-lhe costas e desatou a correr prado abaixo a toda a velocidade, resvalando sobre a relva húmida e verde, deslizando sobre os calcanhares, à beira da queda mas sem chegar a cair, exceto no seu coração.

O pior era que ele a fizera pensar. Enchera-lhe a cabeça de falsidades e fantasias. Sonhara não apenas com um jardim que não lhe pertencia, mas também em viver ali com ele. Eles os dois e o seu pai, tranquilos, em paz, laboriosos, com Maddy a trabalhar no jardim e na casa, e Jervaulx e o pai de cabeças juntas debruçados sobre números e equações. Por vezes imaginava o duque tal como o conhecera naquela curta noite antes de a doença o ter afetado, trocista, eloquente e cheio de confiança. Mas, com maior frequência, tratava-se do duque no seu estado atual, só que agora, quando ele lutava contra as palavras e a frustração, ela pegava-lhe na mão ou tocava-lhe. E essa imagem levava-a a imaginar outras coisas imprecisas, ou talvez não tanto, que a faziam sentir-se perturbada, licenciosa e envergonhada.

Durante todo o dia, Maddy evitou-o meticulosamente. Manteve-se ocupada a arejar as salas e a limpar os painéis de carvalho da sala, sempre na companhia de Brunhilda. Só falou uma vez com Jervaulx, quando o encontrou no estúdio frio e empoeirado da casa paroquial, a utilizar uma pena velha e folhas arrancadas aos livros de sermões para fazer cálculos matemáticos. A lareira não estava acesa e a única luz filtrava-se por uma janela coberta por uma trepadeira. Sentiu-se de tal modo irritada ao descobri-lo numa posição tão incómoda que, em tom brusco, mandou-o ir para a cozinha para que ela e Brunhilda se pudessem encarregar de tornar a sala habitável.

Quando ele se afastou, ela recusou-se a dirigir-lhe o olhar, atarefando-se de imediato com a limpeza das teias de aranha. Brunhilda permaneceu junto da porta mas, de repente, deu a volta e desapareceu. Regressou um quarto de hora depois e pegou na vassoura. Varreu por baixo da mesa e à volta das estantes, sem se deter.

– Posso dar-lhe uma opinião, minha senhora, se me quiser ouvir?

– Sim? – respondeu Maddy, à espera de algum conselho acerca das lides domésticas.

– Não devia falar com o seu moço com tanta desconsideração. Alguns não se importam, mas há outros que só precisam de carinho.

Maddy mordeu o lábio com força e continuou a limpar o pó. Brunhilda continuou a varrer.

– Mas a senhora é mais velha do que eu – prosseguiu, após uma longa pausa – e sabe melhor que eu o que faz. Talvez não tenha reparado como ele olhou para si.

Maddy ordenou um monte de folhas de papel de escrever que encontrou numa das gavetas. Colocou-as no centro da escrivaninha, ao lado de uma pena recém-aparada.

Brunhilda dobrou-se pela cintura.

– Ele quer-lhe muito – disse, de olhos fixos na pá. – Não devia ser tão brusca com ele sem motivo, minha senhora.

– Precisamos de velas aqui – replicou Maddy, sem qualquer inflexão na voz. – Há alguma tesoura de podar? Quero aparar a hera da janela.

– Sim, minha senhora – respondeu Brunhilda.

Ao fim da tarde, a mãe de Brunhilda apareceu com trutas frescas, um empadão e nata para o chocolate de Jervaulx.

– Diz-me a minha filha que o senhor Langland adora chocolate. – A camponesa sentou-se com um ondular de carnes rosadas e começou a limpar o peixe. – Onde vai passar a ir, minha senhora, à igreja ou à capela?

– A Brunhilda não te disse que pertenço aos *quakers*?

– Sim, lá isso disse. Então vai à capela.

– Não há uma casa de assembleias aqui perto?

– Há uma capela unitária importante em Stroud, mas isso fica a mais de dez quilómetros.

– Talvez fique por aqui. Não estou habituada a coisas importantes – disse Maddy com um sorriso.

– Que pena. Então não vai querer visitar a nossa nova igreja na aldeia, onde se fazem os mercados. É muito imponente, com um órgão que chega às vigas do teto. Foi o duque que o doou. Teve de fazer isso, sabe?, para que os sacerdotes o deixassem instalar a biblioteca da Sociedade Mecânica. Eu cá digo que há homens sábios e homens sábios, e aqueles que pertencem à nossa igreja são excecionais, ninguém o pode negar. Aquele órgão é um verdadeiro espetáculo.

Maddy começou a cortar uma curgete com cuidado.

– Estamos a falar de que duque?

– Do duque de Jervaulx. Até coro a repetir estas coisas, mas dizem que é um cavalheiro de má índole e inteligente como um raio, mas não posso dizer nada quanto ao seu bom senso. Toda esta terra que vê, incluindo as ovelhas, é dele. Oh, como isso irrita os grandes agricultores, que acham que podiam dar-lhe um uso melhor. Eu cá não sei. Não me agradam grandes mudanças, com a idade que já tenho. Mas não me importo de dizer que me sinto satisfeita por ver esta casa limpa. O reverendo Durham é seu parente, senhora Langland?

– É amigo do Francis Langland – respondeu Maddy.

– Que maneira tão estranha vocês têm de falar. Tratar o marido pelo nome completo.

Maddy inclinou-se sobre a curgete que estava a cortar.

– É um testemunho público. Não utilizar títulos mundanos, nem mentir nem tratar um homem como nosso senhor quando não o é.

A mulher mais velha desatou a rir à gargalhada.

– Não trata o seu marido por senhor?

Maddy continuava com a cabeça baixa.

– Não – disse num tom de voz abafado.

– Veja-se só. A minha filha diz que ele é um moço forte e atraente, que parece um cavalheiro.

– Sim – disse Maddy.

– Mas que tem a mente débil.

Maddy pousou a faca de cortar legumes.

– Ele não tem a mente débil. Tem estado doente.

– Claro, claro, não duvido – disse a mãe de Brunhilda, num tom reconfortante. – A tonta da minha filha é que precisa de uma cabeça mais forte. Mas ela tem bom coração e já gosta muito dele, sabe? Fartou-se de insistir que eu passasse por aqui e trouxesse a nata assim que acabasse de tirar o leite.

– Foi muito amável da tua parte.

– Não precisa de agradecer, senhora Langland. Fico satisfeita por o poder fazer. O reverendo só vem cá uma vez por ano, dá o seu sermão às galinhas da viúva Small que se metem na igreja, e não incomoda ninguém. Se eu puder fazer algo por ele, fá-lo-ei.

Maddy olhou-a desconcertada, sem saber se a mulher dissera aquilo com sarcasmo, mas esta continuava a trabalhar com um sorriso bem-disposto no rosto redondo.

– O meu William trabalha na sacristia – prosseguiu – e disse-me que um reverendo intrometido seria o pior que poderia acontecer a esta paróquia. Sobretudo porque não sabemos o que o duque,

que é um homem impetuoso, inteligente e quem se encarrega da nomeação, poderia fazer. Andámos todos muito preocupados, isso é verdade, mas gostamos muito do reverendo Durham.

O som dos latidos de um cão atormentou os sonhos de Maddy. Pareceu tornar-se cada vez mais alto, até se transformar em alguém a bater a uma porta distante. Virou-se na cama e viu que a luz cinzenta da alvorada se filtrava pelo vidro.

As pancadas na porta eram reais. E o cão também. Ouvia-o claramente. Pegou na capa para se cobrir e atravessou o corredor e um dos quartos vazios para olhar para a entrada através da luz fraca.

De olhos ainda sonolentos, perscrutou o exterior e distinguiu a silhueta de uma carruagem e o vapor dos cavalos a respirar, mas a borda do beiral de pedra não lhe permitia ver os ocupantes. Os latidos de outro cão juntaram-se aos do primeiro. As pancadas pararam de repente. Brunhilda, certamente, e ouviu-se a voz de um homem. Durham? Mal tivera tempo para regressar a Londres e voltar para ali. Maddy saiu a correr e chegou ao patamar no momento exato em que um cão preto e branco corria pelas escadas acima e se enrolava nas pernas dela.

– *Miss Timms!* Depressa! – Era Durham no fundo das escadas quem gritava, ao mesmo tempo que uma lufada de ar frio lhe chegava da rua. – Eles vêm mesmo atrás de mim! Temos de partir imediatamente!

Jervaulx já se encontrava no piso inferior, vestido com desalinho, coberto por um abrigo de camponês que Brunhilda lhe conseguira arranjar numa loja de roupa já feita que havia na cidade. A criada vestia capa e um avental, como se tivesse acabado de chegar, e parecia tão desorientada quanto a própria Maddy. Durham subiu os degraus de dois em dois, pegou-lhe na mão e puxou-a para baixo. Maddy teve de se concentrar nos degraus para não perder o equilíbrio. Quando chegaram ao fundo da escada, viu o coronel Fane – enfiado numa capa azul que lhe cobria o uniforme escarlate – junto da entrada, enquanto pela porta aberta entravam flocos de neve.

Durham empurrou-a para fora em camisa de noite e sapatos sem meias. O vento, de um frio cortante, bateu-lhe de frente mas ela não teve tempo de pensar nisso, já que o coronel Fane lhe rodeava os ombros e a obrigava a correr a seu lado, quase a levantar-lhe os pés do solo para que não ficasse para trás.

– O que é que se passa? – gritou, a tentar virar-se e a olhar para trás – Vêm atrás do duque?

– Pisam-nos os calcanhares – replicou o coronel, também aos gritos e a puxar por ela, para logo de seguida e sem aviso prévio lhe pegar ao colo como se fosse tão leve como um saco de penas. – Temos de chegar à igreja.

A silhueta do campanário surgiu, escura, no meio da madrugada fria, decorada com pequenos flocos de neve pegados às pedras e beirais. O coronel Fane chegou à entrada e pousou-a no chão no momento exato em que Jervaulx chegava acompanhado por Durham, com Brunhilda atrás. Formou-se uma confusão de pessoas e cães na entrada até que Durham abriu a pesada porta em arco e todos se precipitaram para o interior, num turbilhão de vento e neve.

Durham enfiou a enorme tranca de madeira no lugar e originou ecos que ressoaram pelo espaço abobadado. A luz difusa do alvorecer enchia o recinto de cor e sombras, incidia nos vitrais – que cercavam uma roseta de tons rosa, dourados e azuis, suspensa por cima da cruz e de um altar vazio – em aberturas brilhantes e deixou o resto nas sombras. Chegava de algures o sonolento cacarejar de

galinhas e uma delas, branca, bateu asas até se encarrapitar num varandim na parte dianteira da igreja, de onde se entreteve a observá-los com um olhar passivo. *Devil* ficou a fitá-la, com o corpo a tremer de interesse.

– Miss Timms – disse Durham, a arquejar –, estão a menos de um quarto de hora daqui. Encontrei Fane pelo caminho. Não há tempo para explicações, mas resta-nos uma última esperança. Apenas uma. Tem de casar com ele. Agora, neste momento. Eu posso celebrar o matrimónio.

Maddy, em camisa de dormir e capa, emudeceu.

– Já sei que é muito repentino. Esperava poder evitá-lo, encontrar outra saída, mas descobriram-nos muito antes daquilo que eu esperava. Miss Timms, eles podem levá-lo. Eu não posso evitá-lo e o Fane também não... perante a lei, não lhe somos nada. Podem levá-lo e voltar a fechá-lo.

– Mas não o podes esconder? Levá-lo para um local mais distante?

– Não há tempo! Não há tempo, Miss Timms! Está a ouvir? Fane, fecha as portas, corre todas as trancas! São eles a cavalo!

E assim era. Sobre o rugido do vento, Maddy ouviu o som do que poderiam ser cascos a pisar a pequena ponte mais abaixo, mas um momento depois o som desvaneceu-se. Brunhilda estava de olhos arregalados.

– Estou a ouvi-los! – sussurrou.

– Por favor! – suplicou Durham. – Pelo amor de Deus, Miss Timms, é a única pessoa com que podemos contar. Cinco minutos é tudo o que demora para a converter na parente mais próxima do Shev aos olhos da lei. Não poderão tocar-lhe se a menina o recusar.

– Mas... é impossível. Sou *quaker!*

– Nem me importaria que fosse uma maldita hindu. É a nossa única esperança. Um manicómio... Foi a menina que o tirou de lá. Sabe isso melhor do que ninguém.

– Não compreendes! Não posso casar pelas mãos de um padre... numa igreja! Só para satisfazer a lei! *Não posso!* Temos de tentar escondê-lo!

Durham afastou-se bruscamente. Maddy enfiou as mãos geladas debaixo dos braços. Olhou de relance para o duque. Este observava os amigos, que verificavam as outras entradas. Quando a fitou de esguelha, entreolharam-se num instante de pura emotividade. Ela não sabia se ele compreendera tudo o que Durham pretendia, mas, nesse momento, teve a certeza de que sim. Estava rígido e arrogante. Não disse nada, não pediu nem suplicou a ajuda dela, tão distante quanto estivera desde o momento em que o deixara na colina.

O som que um momento antes lhe parecera distante e irreal aumentou de repente. Ouviu-se o bater de ferraduras na pedra do átrio e homens a gritar. *Devil* começou a ladrar e Brunhilda gemeu:

– Quem é?

Ao mesmo tempo, começaram a sacudir a enorme fechadura da porta, mas o ruído da madeira amorteceu as vozes exteriores e a única coisa que lhes chegou foi a violência e a fúria que transmitiam.

Durham regressou a grandes passadas.

– Demasiado tarde! Maldição!

Os perseguidores abandonaram a porta principal. Uma das entradas laterais estremeceu perante o acometimento e as vozes confusas do exterior tornaram-se mais belicosas. *Cass* corria de um lado para o outro, a rosnar. Pareciam muitos. A outra porta lateral começou a ser sacudida ao mesmo tempo. As galinhas, presas de pânico, desataram a correr de um lado para o outro e a esvoaçar por

entre as barras do varandim, em busca de um esconderijo. *Devil* perdeu a compostura e começou a persegui-las entre latidos frenéticos.

Brunhilda arquejou. Maddy virou-se e viu o coronel Fane a avançar pela nave, desembainhando o sabre. Durham puxou por uma espada oculta na bengala e, a seguir, tirou uma pistola do interior da casaca e entregou-a a Jervaulx.

– *Não!* – gritou Maddy e, presa de horror, foi incapaz de pronunciar outra palavra. Tentou agarrar Durham e Jervaulx ao mesmo tempo. O duque já se encontrava fora do alcance dela, mas conseguiu agarrar a manga de Durham. – Não *podem! Não!*

Ele soltou-se.

– E em vez disto que sugere que façamos?

Com o ruído do assalto às portas e o ladrar dos cães, mal se ouvia o que Durham dizia. Colocou-se em posição à frente, no ponto em que a porta de madeira se movia como se estivesse viva. Maddy olhou para o outro lado, viu o coronel Fane a defender a entrada esquerda e Jervaulx, de joelhos atrás de um dos bancos, com o braço encostado às costas deste, a apontar para a outra porta. Os latidos e uivos de *Devil* ressoaram, misturados com o cacarejar das aves.

Ela avançou para a frente da igreja, espantando galinhas ao subir o degrau e voltar-se.

– *Não!* – gritou com toda a força de que era capaz. – Não utilizarão a violência! Nenhum dos três!

Viraram-se todos para a olhar. Até *Devil* saiu a arrastar-se de baixo de um banco em silêncio, com uma pena de galinha no focinho.

– Deixem essas... armas... onde estão. E venham!

Durham foi o primeiro a obedecer e a atirar a espada ao chão. O coronel Fane embainhou a sua e seguiu Durham até à parte mais elevada, atrás do varandim em que Maddy parara. A jovem olhou furiosa para Jervaulx, que, por fim, com um orgulho displicente, se levantou e depositou a pistola no banco que se encontrava à sua frente.

As pancadas nas portas tinham parado. Até as vozes perderam intensidade, como se se tivessem agrupado para se consultarem.

– Jervaulx – disparou Maddy –, recebi de Deus a missão de te amar. Tu és o meu marido e eu a tua mulher, somos esposos sem outra obrigação senão a de nos amarmos.

Os três homens olharam-na como se tivesse endoidecido. Brunhilda encontrava-se atrás deles, a tremer, a cobrir a boca com o avental, só com o nariz avermelhado e os enormes olhos a descoberto.

– É tudo o que me é possível dizer no momento presente.

Maddy fitou-os de novo. Durham pareceu recuperar subitamente a consciência. Remexeu na casaca e tirou de lá um livrinho. Subiu para junto de Maddy, virou as páginas até chegar a uma que tinha marcada e começou a ler as preces do matrimónio eclesiástico. No exterior, alguém recomeçara a dar pancadas na porta principal, desta vez com muito mais força, com um instrumento mais sólido que a mão humana. *Devil* agachou-se com os olhos cravados na porta e começou a rosnar. Quando Durham chegou à parte dos votos que o homem devia repetir, Jervaulx olhou para Maddy com uma arrogância enorme e amarga e, por um instante, ela pensou que ele nem sequer ia tentar.

– *Sim!* – pronunciou. – Eu... *Chris*tian *Ric*hard *Nic*holas *Fran*cis *Lan*gland... aceito-te... Qu'ridaMaddy... Maddy... ah... Archi... *me Qu'ridaMaddy Timm*... de *agora*... em *diante* no *bom*... e no *mau*... na *riquez*a... e na *pobrez*a... na *saúde*... e na *doen*ça... e *amar-te*... e *res-peitar-te* até que a *morte*... nos *separe,* em *cum*... *primento da ordem divina.* E por isso... declaro-*te*... *mi*... *mulher!*

Durham olhou para o livro.

– Ah... sim, está correto, Shev, velho amigo. – Ergueu a voz para se fazer ouvir por cima das pancadas ritmadas contra a porta. – É exatamente assim. Esqueceste-te de lhe pegar na mão, mas não interessa. E agora, Miss Timms, prefere repeti-lo depois de mim?

– Já disse tudo aquilo que me é permitido dizer.

Durham franziu um pouco a testa e, de seguida, encolheu os ombros.

– Muito bem, é suficiente. Agora vem a parte do anel. Fane?

O coronel Fane permanecera imóvel com um ar tranquilo e a mão no punho do sabre. Quando Durham se lhe dirigiu, uma expressão absurda de horror apoderou-se do seu rosto.

– Santo Deus, Fane! Esqueceste-te!

– Não! Mesmo agora... eu *dar*. – Jervaulx lançou-lhe um olhar feroz. – Tu... *pensar!*

O coronel pareceu perplexo, e de seguida o rosto iluminou-se-lhe.

– Tenho os papéis – disse. Tirou-os e estendeu-os a Durham. O amigo arrancou-lhos da mão.

– És um verdadeiro imbecil. Temos de utilizar o anel de sinete do Shev. – Durham consultou o livro e depois olhou esperançado para o duque. – Deves entregar-lho e ela, por sua vez, passa-mo para que eu possa abençoá-lo.

Jervaulx olhou para a mão, na qual o sinete de ouro contrastava na sua opulência sem brilho com a roupa escura. Houve uma pausa no assalto à porta e, ao mesmo tempo, uma pancada repentina que ecoou pela pequena igreja. *Devil* ladrou uma única vez e começou a correr na direção da pancada. As galinhas cacarejaram assustadas e esconderam-se debaixo dos bancos.

Jervaulx aproximou de Maddy a mão em que tinha o anel, com a palma virada para cima.

O frio entorpecia os dedos de Maddy. Enquanto tentava tirar-lhe o anel, sentia-lhe a pele quente junto da sua, a mão grande e firme. O anel caiu-lhe sobre a mão. Maddy ia entregá-lo a Durham, mas Jervaulx tirou-lho da mão e enfiou-lho no dedo. Ficava-lhe tão grande que ele teve de o segurar.

– *Anel*... desposo-*te*. – E olhou-a nos olhos como se a desafiá-la a contradizê-lo.

Ouviu-se um único uivo na parte de trás da igreja, e uma das galinhas esvoaçou até chegar ao alto do candelabro, deixando para trás *Devil,* frustrado, com as patas da frente levantadas.

– Usá-lo-ei, como o Senhor mo ordena – disse Maddy.

– Era suposto eu abençoá-lo primeiro – protestou Durham.

– Só Nosso Senhor pode fazer isso – foi a resposta de Maddy.

– Ora, muito bem. Mas está no livro. Vamos manter aqui uma certa ordem. – As pancadas recomeçaram. Desta vez, nas portas laterais. Durham ergueu a voz. – Aceita que dirija eu a oração, Miss Timms? Se lhe serve de ajuda, fui ordenado.

A madeira da porta lateral começou a ceder com um rangido alarmante. Os dois cães correram para ela, a bufar, de pelo eriçado.

– Depressa! – exclamou Maddy.

– Oh, despache-se! – repetiu Brunhilda.

– Deus eterno... vida eterna. Deixemos a oração. – Durham percorreu a página com o dedo. – Mmm... mmm... ah. – Inclinou-se e, desajeitado, uniu a mão de Maddy à do duque, com uma certa dificuldade em segurar o livro ao mesmo tempo. – O que Deus uniu que nenhum homem separe. – E teve de voltar a procurar o texto. A porta foi empurrada de novo e abriu-se uma brecha. – Com o poder que me foi dado, Christian... Raios, Shev, como é o resto do teu nome? Christian Richard, etc., etc., duque de Jervaulx, e Archimedea Timms deram o seu consentimento mútuo no sagrado matrimónio e testemunharam o mesmo perante Deus e aqueles aqui presentes. – Nesse momento, a

porta voltou a ceder e ele começou a falar mais depressa. – E, deste modo, juraram e entregaram o seu amor. – Abriu-se outra fenda na porta. – Um-ao-outro-e-declararam-se-fazendo-entrega-e-recebendo-um-anel-e-unindo-as-mãos. – A porta estremeceu e transformou-se em pedaços. – Euvosdeclaromaridoemulherem-nome doPai-doFilho-edoEspírito Santo. Ámen!

Como se se tratasse de uma peça de teatro, a porta abriu-se. Brunhilda gritou. E os perseguidores irromperam pela igreja.

CAPÍTULO 20

—Ai, minha senhora! – Brunhilda abriu caminho entre os homens que abarrotavam o vestíbulo da casa paroquial até chegar junto de Maddy, fazendo uma vénia a cada passo. – Ah, Sua Senhoria! Devo tratá-la assim? Ah, senhora! Eu não sabia! Juro que não!

Maddy apertou a capa contra o peito, aterrorizada por poderem descobrir que estava de camisa de dormir. Sentia-se estranha e irreal, o impacto do que acabara de acontecer a abater-se lentamente sobre si. Aquela imagem de Jervaulx com a pistola apontada para a porta, o rosto frio e rígido – Maddy sabia que ele preferia morrer a regressar a Blythedale Hall. E, num instante carregado de tensão, vira o que aconteceria quando os homens derrubassem a porta – e decerto... decerto... fizera a única coisa ao seu alcance para o evitar.

E agora tinha de dar continuidade àquilo. Não podia levantar-se e declarar que fora tudo uma farsa levada a cabo num momento de terror. Tinha de ser a duquesa de Jervaulx, manter-se calma ao lado dele, falar por ele e demonstrar que não permitiria que a família dele – a verdadeira – fizesse tábua rasa dos desejos de ambos.

– Não te dissemos – confessou à criada. – Lamento o que aconteceu. Foi uma enorme falsidade.

– Oh, não! Não interessa, minha senhora. Desde que ele lhe estivesse prometido. Talvez, como é *quaker,* a família nobre não se tenha sentido satisfeita. Não a culpo, minha senhora, por casar em segredo. A minha tia e o meu tio fizeram o mesmo. Viveram sob o mesmo teto até poderem dar-se ao luxo de passar pelo altar. E vocês ocupavam quartos separados durante a noite. Eu mesma posso testemunhar isso. – Sorriu com timidez. – Agora já não precisa de o continuar a fazer, com um moço tão bem-posto para a beijar e aquecer. O duque! Mal posso acreditar que seja verdade. O senhor Langland, bem, pois não é o que se pensa, não é? Corria o rumor de que o duque de Jervaulx era um homem muito inteligente. Tem a certeza? – E gaguejou. – Tem a certeza de que é mesmo o duque?

– Tenho – disse Maddy, que pelo menos podia responder com verdade àquela pergunta. – E não deves tratar-me por Senhoria.

– Como é que a devo tratar, minha senhora?

– Por Excelência – sugeriu Durham, ao mesmo tempo que colocava dois jarros de cerveja espumosa nas mãos de Brunhilda. – Os nossos convidados estão sedentos.

– Sim, senhor. Trago já uma bandeja. – Pegou nos jarros e dirigiu-se para a adega.

Durham, quando punha de lado o aspeto indolente e entrava em ação, não dava a ninguém tempo para pensar. Além de anunciar a meia dezena de esbirros enviados pela duquesa viúva que Maddy era a nova duquesa de Jervaulx, também conseguira conduzi-los, juntamente com os cães e os cavalos, pelo adro da igreja até ao vestíbulo da casa paroquial, preparados para participar num pequeno-almoço nupcial. Apesar dos gritos e das pancadas, os homens não pareciam muito preocupados com o fracasso da missão. E a promessa de bebidas fortes na celebração fez com que se esquecessem disso por completo.

Na casa paroquial, Durham abordara Maddy e Brunhilda de imediato para lhes explicar onde encontrar a fonte para saciar tamanha hospitalidade; regressavam os três da adega no momento em que a mãe de Brunhilda surgiu no meio da confusão, com as faces avermelhadas pelo vento e muito espantada pela companhia. Não se via Jervaulx em lado algum, mas o coronel Fane explicava à atónita matrona, em alto e bom som, a natureza daquela celebração. As núpcias do duque de Jervaulx.

– Ah, esse – disse ela, com um ar um pouco menos perplexo. – Nesse caso, muitas felicidades. Vocês conhecem-no pessoalmente, senhor?

– Claro que sim, minha querida. Conhecemo-lo muito bem. Ah! E aqui está ela... A noiva!

O coronel lançou um braço para trás numa vénia galante a Maddy, como se fossem espectadores de um desfile e ele estivesse a apontar para o rei.

A camponesa virou-se e riu-se para ele.

– Que disparate! Se não passa da senhora Langland.

O coronel Fane inclinou-se e sussurrou-lhe ao ouvido.

Ela escutou-o. Levou a unha do polegar à boca e fitou Maddy, empalideceu e logo começou a corar. Maddy apertou a capa contra o corpo, consciente de estar sem touca e do cabelo solto que lhe caía até às costas numa única trança frouxa, que era a maneira como o usava para dormir. A mulher respirou fundo e pareceu hesitar entre o choque e a desaprovação.

– Por todas as almas! – exclamou por fim, a abanar a cabeça. – As surpresas que a vida nos dá! O melhor então será tratar das vitualhas, porque a tonta da minha filha nem deve saber por onde começar. Toda a aldeia vai apresentar-se aqui antes de o dia acabar. Longa vida e felicidades para si, Sua Senhoria, e para o seu esposo. – Fez uma reverência e dirigiu-se para a cozinha.

– E onde raio é que se meteu o esposo? – perguntou Durham, a olhar para Maddy.

Ela já sabia que Jervaulx não se encontrava na sala.

– Vou procurar lá em cima – disse, satisfeita por ter uma oportunidade de se afastar.

*

No piso superior reinava a tranquilidade, em contraste com o som alegre das vozes masculinas do piso inferior. Encontrou-o no quarto, com os cães aos pés, a tentar barbear-se. Estava em mangas de camisa, a usar as bragas de veludo, tinha o colarinho aberto e fazia uma expressão carrancuda diante do espelho que se encontrava sobre a prateleira da lareira. Ensaboara um dos lados do rosto, e no outro tinha apenas uns salpicos de espuma, como se só se tivesse recordado a intervalos irregulares de que também era preciso ensaboá-lo.

Maddy tirou um dedo de debaixo da capa e verificou a temperatura da água da bacia.

– Devias fazer isso com água quente – disse.

Ele sobressaltou-se, olhou para o lado errado do espelho e teve de se virar para a ver. Maddy não foi capaz de o olhar de frente. Permaneceram ambos incomodados por um momento e, de seguida, Jervaulx aproximou-se da cadeira e sentou-se voltado para o espaldar, como fazia sempre para que ela o barbeasse.

Maddy dedicou-se à tarefa como fosse apenas lavar a roupa ou limpar o pó, com rapidez e eficiência. *Não* ia pensar no que fizera. *Não* prestaria atenção à imobilidade dele ao observá-la ou ao cheiro da pele dele, quente e perfumada. Evitaria, sobretudo, olhá-lo nos olhos, pois eram muito azuis e escuros, e fitavam-na com uma enorme intensidade enquanto ela se esforçava por manter a

capa apertada contra o corpo e barbeá-lo ao mesmo tempo.

Acabou de o barbear. Ele tirou-lhe a toalha das mãos, limpou o rosto e levantou-se da cadeira. Maddy virou-se para lhe endireitar a casaca. Vestira a de veludo castanho. O colete bordado, a faixa azul e o medalhão estavam sobre a cama. Apercebeu-se de repente que ele pensava que aquela roupa era a que a ocasião requeria. E, por algum motivo, aquilo fez com que o casamento de ambos parecesse muito, mas muito verdadeiro. Não se casara com aquela roupa esplêndida mas agora, como se soubesse o que a mãe de Brunhilda previra, que toda a aldeia viria até ali, vestia-se como um duque.

E ela seria a sua duquesa.

Desviando o olhar, inspecionou-se de cima a baixo, ainda de camisa de dormir emprestada debaixo da capa, a trança a chegar-lhe aos joelhos. Iam rir-se dela – casada de camisa de noite e sem touca. Casada com um duque. Casada por um padre. Casada numa igreja. Casada, casada, casada... com ele.

Sentiu-se um pouco aturdida. Quando se virou, Jervaulx estava a observá-la. Ela respirou fundo, apertou mais a capa e estendeu-lhe o colete.

Ele segurou-lhe a mão por dentro do tecido.

– *Esposa* – disse.

– Eu não sou duquesa nenhuma. – Não sabia se estava a desculpar-se ou a protestar.

Ele tateou o enorme anel de sinete sob a seda do colete e ajeitou-lho no dedo.

– *Minha.*

Maddy afastou a mão.

– Tal como os cães são teus? Eu não passo a pertencer-te, Jervaulx, por trazer o teu anel.

Com um movimento rápido, o duque tirou-lhe o colete da mão e vestiu-o, a encolher os ombros. Começou a abotoar os botões com uma mão, sem avançar muito mas sem pedir ajuda. Por fim, Maddy puxou-o para si e começou a abotoá-lo. Preocupada com a sua capa, aquela tarefa era quase tão difícil para si como para ele.

Depois de a deixar debater-se durante um bom bocado, sem sucesso, ele fez um esgar exasperado. Pegou-lhe nas mãos e afastou-lhe a capa. Maddy tentou voltar a cobrir-se, mas ele tinha mais força. Com uma sacudidela, abriu o botão. A capa protetora de Maddy deslizou para o soalho. Ele passou os olhos pela camisa e, de seguida, encostou as costas à cabeceira da cama, descuidadamente soberbo nas suas roupas de seda e rendas, a observá-la lentamente.

Um sorriso muito ténue surgiu-lhe na comissura dos lábios.

– Vem – ordenou, ao mesmo tempo que se levantava. Como ela não lhe obedeceu de imediato, estendeu a mão, puxou-a e conduziu-a pelo corredor, para além das escadas até ao quarto dela, com os cães a correrem alegres à frente e atrás deles.

Ele mesmo abriu o roupeiro. Olhou para o interior e depois para a camisa de dormir prateada que ela tinha vestida.

– *Tudo?* – perguntou com as sobrancelhas franzidas, como se Maddy escondesse um roupeiro cheio de vestidos de noite noutro lugar.

– Sim – respondeu ela.

– Vestir... mulher. – E fez uma pequena vénia. – Prazer.

Maddy escancarou os olhos. Deu por si a corar.

– Eu visto-me sozinha, obrigada. Faz o favor de sair!

Ele inclinou a cabeça e, após um momento de confusão, sorriu.

– *Comprar* vestidos... digo. Dúzia. Centena.

– Oh. – Maddy sentiu-se cheia de vergonha. – Eu... percebi mal.

Jervaulx afastou-se na direção da porta. Maddy esperou que ele saísse. Em vez disso, ele deixou sair os cães e fechou a porta, virou-se e apoiou as costas à madeira. Não se via qualquer expressão nos seus lábios, mas a sombra do sorriso de pirata tinha-lhe surgido nos olhos.

– Tens de sair – disse ela, rapidamente. – Não é decoroso.

O duque fez um ar surpreendido

– Não? Decoro... enfermeira... *eu.* Mas... marido... *mulher?*

– Não o somos de verdade... não estamos... – Não era capaz de completar a frase.

Algo imutável surgiu no rosto de Jervaulx, uma certeza nova e inabalável.

– Perante Deus... Qu'ridaMaddy. Eu desposo-*te.*

Ela afastou-se.

– Não vejo como isso poderá ser verdadeiro. Tenho a certeza de que não pode. É apenas uma maneira de enganar os homens que estão lá em baixo.

O duque ficou em silêncio. Maddy observou os cortinados da cama, o venerável tecido vermelho desbotado na parte exterior das pregas, a barra manchada, o emaranhado de lençóis amontoados sobre a cama que abandonara com tanta pressa. Sentia-se horrivelmente consciente de si mesma, do corpo sob o linho fino, da trança que lhe caía pelas costas até às ancas.

O soalho rangeu. Pressentiu-o a aproximar-se por trás de si e a imobilizar-se, muito próximo.

Maddy manteve-se quieta, como que paralisada.

Ele pegou-lhe na trança e retesou-a um pouco. Não a magoava. Apenas a provocava. Ela poderia ter-se afastado enquanto ele brincava com o cabelo, com pequenos puxões suaves que a cortejavam e que, a pouco e pouco, a acercavam mais. Ela tinha noção disso. Manteve-se no mesmo sítio, com o rosto desviado, corado, consciente da permissão que lhe dava. Jervaulx torceu-lhe a trança, ao que um estremecimento a percorreu até à nuca.

– Qu'ridaMaddy – chamou-a suavemente, com aquele sorriso malvado na voz.

Maddy abanou a cabeça, como se fosse uma pergunta a que ela tivesse de responder «não».

Ele aproximou-se mais. Maddy sentia nas costas o calor dele. O duque levantou-lhe a trança por cima do ombro e enrolou-lha à volta do pescoço.

Devagar, muito devagar, aumentou a pressão. Maddy levou a mão ao pescoço, agarrou a trança para lha tirar das mãos e impedir que ele a puxasse mais. As suas ancas, as suas costas tocaram-lhe. Ficou rígida, com o pânico a imobilizá-la.

Jervaulx segurou-a pelos ombros e puxou-a para si, um gesto dominador. A forte respiração irregular dele roçava-lhe a orelha. E, inesperadamente, a força do seu abraço transformou-se numa carícia. Percorreu-lhe as mangas com as mãos, entrelaçou os dedos nos dela e cobriu-lhe as mãos com as palmas das suas.

Um murmúrio suave, uma música profunda como as gargalhadas dele. O som que ele emitiu ao percorrer-lhe com os lábios o pescoço nu pareceu despertar uma nota dentro dela, uma nota que transformava os arrepios em ressonância. Jervaulx levantou os braços, as mãos de ambos ainda entrelaçadas, e cruzou-os sobre o peito de Maddy.

A trança cobria-lhe o ombro e as mãos dos dois. Ele brincava com a ponta do cabelo. Segurou-o numa mão e acariciou-o com o polegar. A madeixa de cabelo com que Maddy rodeara a trança para a

apertar soltou-se e a trança desfez-se.

Ele emitiu um som rouco e profundo. E largou-a, antes que ela se encontrasse no abraço dele, antes que pudesse perceber como se sentia – tudo o que sabia era que ele era sólido, alto, acalorado e catastrófico, que se sentia nua e vazia quando ele a soltava.

Jervaulx passou por ela e encostou-se à cama, a segurar a trança desfeita. Com os dedos continuou a desfazer o entrançado, ficando com o cabelo ondulado sobre a mão. Sentou-se à beira da cama por fazer e sorriu, a olhar para o cabelo que tinha entre as mãos.

– Torre – disse. – Donzela... *torre*.

– Não percebo. Tenho de me vestir.

Ele abriu os dedos e começou a desfazer o resto da trança a partir de baixo, a subir cada vez mais.

– Soltar o cabelo. Cabelo... brilhante. – Abanou a cabeça. – Donzela. Não lembras... *donzela*.

– Tens de sair – insistiu Maddy, em voz baixa e trémula.

A cada centímetro que subia pela trança, desfazendo-a, ele puxava-a ainda mais para si.

– Qu'ridaMaddy. – Ele continuava. – Princesa... torre. Fechada. Sozinha. Príncipe... fora... sem escada. – Tocou-lhe no joelho. Já chegara a metade, e o cabelo já estava solto abaixo da cintura. – Chamar... solitária... bela princesa... soltar o cabelo. Cabelo belo. *Longo*. Subir... vem para mim.

Aproximou-a dele. Maddy encontrava-se agora entre as pernas dele, com a trança desfeita até ainda mais acima. Ele inclinou-se para a frente e soprou para afastar o cabelo do peito de Maddy. Introduziu os dedos nesse local e percorreu com eles todo o comprimento do cabelo.

– Vem para mim.

Voltou a soprar e aproximou os lábios do cabelo. Maddy sentiu uma ligeira pressão na ponta de um seio, um instante de contacto roubado, tão rápido e estranho que começou a tremer e, com um arrepio, tentou afastar-se quando ele lhe beijou o outro seio com a mesma suavidade, mas o braço dele mantinha-se ali, à volta da cintura dela, para a prender.

– Qu'ridaMaddy – sussurrou, com um gemido profundo que lhe saía da garganta enquanto afundava o rosto entre o peito dela e aproximava as mãos para o acariciar. – Brilhar... princesa. – E cobriu-lhe os seios com as palmas das mãos, o cabelo negro sobre o branco da camisa de dormir.

Maddy afastou-se, a recusar-se.

– Não. Não posso.

Os dedos dele contraíram-se, prenderam-lhe a cintura. Com os lábios, percorreu-lhe os seios, a garganta.

– *Minha*.

Ele estava tão próximo; despedaçava-a, convertia-a numa desconhecida de si mesma. O corpo latejava-lhe e doía-lhe, exposto e entregue ao dele. Debateu-se para se afastar.

– Não sou tua. Não foi um verdadeiro casamento.

A linha da boca dele alterou-se. Apertou-a com mais força.

– Sim. *Verdadeiro*.

– Para mim, não.

– *Verdadeiro*.

– Não.

Ele fitou-a, chama azul e escuridão, completamente imóvel.

– Eu tinha-te dito – disse Maddy, a abraçar-se, a pressionar-se para trás. – Tinha-te dito antes. É impossível. – A voz tremia-lhe. Calafrios percorriam-lhe os membros, pelo que cruzou os braços

com mais força.

– *Igreja.* – Ele soltou-a tão de repente que Maddy teve de recuar um passo para não perder o equilíbrio. – Igreja... digo... desposo... *mulher.* Eu... digo... desposo-te. Amar, honrar, proteger, morte. Digo. – Levantou-se da cama. – *Mentira?*

Ela humedeceu os lábios.

– *Esquecer?* – A boca esboçou uma expressão de desprezo. Afastou-se dela. – *Jervaulx...* receber... Deus... missão. *Amar.* Marido eu... tu mulher. – Junto da janela, apoiou o antebraço sobre o lado do peitoril sem cortinas. Pelos postigos entreabertos, uma luz cinzenta iluminava-lhe o perfil. – *Eu...* lembrar.

– Terias utilizado violência. Começarias a disparar contra aqueles homens. Tive medo... – *Por ti,* pensou mas não o disse. – Tive medo da violência.

Jervaulx sorriu com amargura.

– Palavras falsas, Qu'ridaMaddy? Tudo... *mentiras?*

Se virasse a cabeça, veria toda a trança desfeita, a cobrir-lhe os ombros num leque que as mãos dele tinham aberto.

– Não sei – respondeu. – Não sei! Como pode ser vontade de Deus que me case contigo?

Jervaulx mantinha-se junto da janela, extravagantemente atraente, coberto de rendas e dourados. A luz que lhe incidia no cabelo e nas pestanas escuras era tão sensual como os seus beijos, como as mãos dele sobre a sua pele.

– *Feito* – disse-lhe. – Por... que... não... *aceitar?*

Era uma pergunta simples – mas ele não tinha nada de simples. E ela também não, já não.

– *Feito.* – Apoiou a mão na cabeceira da cama. – Casar. *Mulher.*

Afastou-se e dirigiu-se à porta. Antes de a abrir, olhou-a. Aquele olhar encerrava uma ordem, um desafio. Desafiava-a a negá-lo.

– Jervaulx – disse ela devagar –, responde-me a uma pergunta. Na igreja, se eu me tivesse colocado entre ti e os outros homens... terias disparado?

– Entre – repetiu e inclinou a cabeça com uma intensidade atenta.

– O meu corpo... eu... entre ti e os outros.

A expressão do rosto dele alterou-se, alerta.

– Se eu me tivesse posto no meio – voltou a perguntar-lhe –, teria conseguido impedir que os matasses?

O silêncio dele durou um longo momento. E a resposta, concisa, foi:

– Sim.

O coração de Maddy afundou-se. Tinha havido outra solução. Afinal, tomara a decisão errada.

– Mesmo que... que isso significasse que tinhas de voltar para Blythedale Hall?

– Sim.

Errara. Devia ter posto em prática uma não-resistência passiva, em vez de assumir um papel de autoridade para si mesma. A única coisa que conseguira fora trocar um mal por outro.

Ele atravessou o quarto de novo e levantou-lhe o queixo com os dedos.

– Qu'ridaMaddy – disse-lhe. – Nunca... pôr no meio. *Nunca.*

Ela desviou o rosto.

– Não posso prometer-te isso.

– Responde... *me* – disse. – Pôr entre... não matar... deixar... *levar,* Qu'ridaMaddy? – Voltou a

agarrá-la com tanta força que a magoou. – Aquele lugar? Vontade... de Deus?

Não.

Essa resposta era clara, de uma clareza súbita – a sua voz interior falava cheia de certezas.

O turbilhão de dúvidas dentro de si acalmou-se. *Fizera* o correto. Tinha-se visto perante duas opções, dois resultados inevitáveis: casar e garantir a liberdade dele ou tão-só impedir o conflito... e deixar que o capturassem e encarcerassem.

Cumprira o desejo de Deus, então: casara-se com ele e, por conseguinte, o matrimónio só podia ser autêntico.

– Não deixaria que te prendessem, Jervaulx, se pudesse impedi-lo – respondeu-lhe. – Essa é a Verdade.

As mãos dele afrouxaram. Maddy podia ter-lhe dito muito mais coisas. Podia ter-lhe dito que agora estava mais segura de que as palavras na igreja tinham sido fruto da Iluminação e que, por isso, ela viveria de acordo com o compromisso que tinham celebrado.

Não o fez. Mas recordava as palavras que pronunciara na igreja melhor que ele. *Sem outra obrigação senão a de nos amarmos,* fora a sua jura. E Jervaulx, pensou ela, mesmo depois de Blythedale Hall, só se regia pelas suas próprias normas.

Talvez houvesse uma razão para Deus lhe pedir aquilo. Fora um compromisso tremendo, para ser assumido num instante. Mas ela esperaria pelo momento certo para o explicar, porque Jervaulx era um duque e uma criatura mundana que ainda não estava preparada para o compreender.

No fim do dia, à medida que a carruagem percorria com dificuldade um troço íngreme das colinas de Gales e iniciava a descida para o outro lado, apercebeu-se da primeira consequência da decisão que tomara.

– *Ali* – anunciou Jervaulx.

Maddy já o vira pela janela da carruagem. Tomava a mente de surpresa, como se flutuasse sobre a cumeeira do outro lado do vale – um círculo branco de torreões, uma gargantilha estonteante e desorganizada de pedras, meio tangível, enorme e no entanto leve, coroada por nuvens, sombras e torres que pareciam surgir das profundidades de um sonho. Uma visão medieval, desvanecida e resplandecente.

O castelo era imponente e translúcido como o eco de um sonho que, em vez de desaparecer, se ia materializando à medida que se aproximavam. Os muros brancos resplandeciam, centenas de janelas nas torres altas a refletirem os últimos raios de sol da tarde, enquanto a carruagem descia até ao vale mais abaixo.

Do assento da frente, Durham sorriu a Maddy. O coronel Fane esticou as pernas tanto quanto os bons modos o permitiam e perguntou:

– A que horas é o jantar?

Jervaulx exclamou:

– *Casa* – num tom de voz em que ressoavam afeto e satisfação.

Maddy observou o castelo. Era magnífico. Com o céu e as nuvens por trás, assemelhava-se a uma proclamação. Exibia poder, anunciava riqueza, luxo e fausto, não como um grito, mas como uma melodia.

Havia um motivo para que Deus lhe tivesse pedido aquilo, repetiu interiormente.

Fizera o que estava certo.
Estava aterrorizada.

CAPÍTULO 21

Christian apoiou a cabeça ao encosto trabalhado de uma cadeira que a rainha Isabel oferecera a um distante tetravô seu. Era uma espécie de trono, embora tivesse sido concebido para um homem mais baixo, e por infortúnio, uma das garras da fénix que a coroava projetava-se para a frente e cravava-se sempre na sua orelha esquerda, se não tivesse cuidado.

O lacaio retirou-lhe o prato. Observou o brilho do candeeiro a óleo através da taça de vinho, enquanto Fane falava incessantemente de cavalos, tema muito pouco adequado na presença de uma dama, pensou Christian, o que o recordou de que era o anfitrião e que lhe cabia tratar disso. Durante três séculos e meio, os condes e duques de Jervaulx haviam presidido à mesa no Salão Grande. Situava-se quatro pisos acima da torre de entrada, a uns cem metros da base da rocha que caía em precipício e tinha uma bateria de janelas para vigiar as fronteiras, com uma visão de cerca de trinta quilómetros em ambas as direções.

Retinha tudo aquilo na memória, mas não podia confiar na própria língua para dizer algo de civilizado. A Qu'ridaMaddy, sentada na extremidade da mesa comprida, mantinha os olhos voltados para baixo e tinha uma aparência estranhamente pequena e mansa. Decidiu que tinha de fazer alguma coisa para interromper aquela conversa tão masculina.

– *Dia...* cansada, Qu'ridaMaddy? – perguntou e interrompeu Fane no meio de uma frase. Já que não conseguia esperar por uma pausa para falar, tinha de dizer as palavras assim que estas lhe surgiam.

Ela levantou o rosto.

– Um pouco – respondeu, numa voz que mal se ouviu no grande salão.

– Claro que sim – disse outra voz. Christian lembrou-se de que Durham se encontrava à sua direita e olhou nessa direção. Estava ciente da presença de Durham; mas, por vezes, esquecia-o, se deixasse de olhar para ele. – Uma viagem longa e fatigante, para além do casamento – acrescentou Durham. – Não dizia não a um porto.

– Porto – repetiu Christian –, saladestar.

– Excelente ideia – concordou Fane, a assentir sabiamente com a cabeça. – Um porto na sala de estar. – Pigarreou. – Deitarmo-nos cedo.

Olharam os três para Maddy, à espera de que esta se levantasse. Ela retribuiu-lhes o olhar. Parecia absurdamente pequena numa cadeira semelhante à de Christian, com as asas da fénix abertas sobre a cabeça.

Durham compreendeu o que se passava antes de Christian.

– Duquesa, os homens não se podem levantar até que a senhora o autorize – explicou-lhe com amabilidade.

Maddy levantou-se e eles imitaram-na. Ela ainda parecia hesitante. Christian dirigiu-se à extremidade da mesa e ofereceu-lhe um braço. Acompanhou-a até ao salão adjacente, no qual tinham fechado as janelas e baixado os cortinados para manter o calor da enorme lareira de pedra. Os cães

levantaram-se de um salto da almofada colocada em frente da lareira, de caudas a abanar em sinal de boas-vindas. Com uma palavra brusca, Christian fê-los sentar-se. Maddy parecia mais interessada na ponta dos pés do que nas ricas tapeçarias de guerras e bacanais que decoravam as paredes. Sentou-se onde ele lhe indicou sem dispensar os habituais elogios à beleza da sala.

De facto, dava a impressão de não sentir qualquer interesse pelo seu novo lar. Christian estava habituado a contar a história do lugar aos hóspedes. Tinha três discursos preparados acerca do assunto. Um curto, um médio e um bastante completo, escolhendo-os conforme se tratasse de uma conversa frívola após um jantar ou de uma verdadeira visita guiada pela casa. Naquele momento, parecia que seria poupado a qualquer um deles, o que achava bastante desconcertante, embora soubesse que acabaria por meter os pés pelas mãos.

– Demanhã, eu Fane vamos cidade – disse Durham, a recuar para a lareira.

Maddy deu o primeiro sinal de vida desde que chegara, virando-se para Durham.

– Levam-me umacarta?

– Claro que sim. Se o deseja.

– Por favor. Para o meu pai.

– Pai? – Durham hesitou e procurou o olhar de Christian.

– Terás de lha ler – disse Maddy num tom de desculpa. – Se não te importares.

Durham fez uma expressão de impotência.

– Claro, maspercebaque viagem pode sercurta...

– Escreve – interrompeu Christian. Aproximou-se da mesa e pegou em papel e numa pena. Colocou-os em cima da escrivaninha e foi buscar uma vela. – Qu'ridaMaddy escrever. Durham visita... Timms. – Lançou a Durham um olhar cheio de significado. – Perguntar... Timms vir cá.

O prazer e o alívio que inundaram o rosto de Maddy gratificaram-no.

– Oh, pode vir cá?

– Teu... *lar*. Vir... viver... queres?

Um tom rosado ocupou-lhe as faces.

– Pai... viver aqui?

– Sim.

Maddy baixou os olhos.

– *Queres?* – tornou Christian a perguntar.

Ela voltou a olhá-lo.

– Sim! Quero-o a meu lado. Mas... é tão estranho... Aqui? Não consigo habituar-me à ideia.

Christian pegou na pena.

– Escreve – disse.

Maddy segurou a saia e sentou-se no local que ele lhe preparara. Jervaulx permaneceu por um momento ao lado dela e depois afastou-se.

Queria escrever ele mesmo ao pai dela, mas receava não ser capaz de o fazer. Ainda não. Já fora suficientemente vergonhoso assinar o livro de registos na igreja – continuava sem a certeza de ter escrito o seu nome todo sem erros. Com a pressa, parte do nome escapava-lhe. Quando tivesse tempo, começaria a escrever em privado e obrigaria as malditas letras a surgirem sem erros.

A porta do Salão Grande abriu-se e apareceu o mordomo com o café e o porto. Christian indicou-lhe por sinais que servisse Maddy na escrivaninha. Só falava com o pessoal se se visse obrigado a fazê-lo. Até então, isso fora surpreendentemente fácil. O castelo de Jervaulx funcionava com a

perfeição de um relógio. Desde que a carruagem atravessara o portão, o mecanismo entrara em funcionamento. Os viajantes tinham sido recebidos no vestíbulo pelo mordomo e pela governanta, e Christian só tivera de apresentar Maddy com as quatro palavras que praticara entre dentes desde Gloucester. *A duquesa de Jervaulx.*

Tinha a sensação de que se esquecera das palavras pequenas, mas conseguira pronunciar as importantes com uma autoridade adequada. Os lacaios responsáveis tinham respondido de imediato com as devidas reverências e apresentações. Naquele momento, Calvin Sénior compreendeu o gesto silencioso de Christian e agiu em conformidade, servindo um café a Maddy e pousando-o junto dela, na escrivaninha. Christian tinha a certeza de que poderia contar com que, na manhã seguinte, houvesse um pequeno-almoço substancial disposto na mesa à hora habitual, e que os quartos de Durham e Fane já estariam preparados.

De repente, um pensamento assaltou-o. Quando Calvin Sénior se retirava, depois de servir o porto, Christian seguiu-o até ao Salão Grande e manteve a porta fechada atrás de si.

– Esta noite... o quarto – disse. – O *quarto*... minha duquesa. – Não, não era assim. Christian sentiu-se corar. Não era a sua duquesa; referia-se ao seu próprio quarto. Ela dormiria lá. Depois de um momento longo e doloroso, disse: – A cama. – Céus! Que idiota grosseiro! – O quarto... duquesa. Ela é... – Outra pausa interminável. – *Minha.* – Ia de mal a pior.

Desistiu, a fitar o mordomo com um ar furioso.

– Como lhe aprouver, Sua Senhoria – disse Calvin Sénior, com as mãos atrás das costas e uma ligeira inclinação.

Cheio de fúria e vergonha, Christian retirou-se para a sala de estar. Fane estava a servir-se de porto, enquanto Durham continuava a baloiçar-se sobre os calcanhares junto da lareira.

– Precisas de alguma coisa da cidade, Shev? – perguntou Durham, ao mesmo tempo que aceitava um cálice das mãos de Fane.

Christian respirou fundo. Era um autêntico teste e esgotava-o lutar contra o muro da sua fraqueza, mas tinha de aguentar.

– *Contar.* – Esforçou-se por descobrir uma maneira de o dizer. – Tia Vest. Maddy... desposo-te.

– Combinado – respondeu Durham de imediato. – Preparado para levar com os filisteus em cima, hã?

Claro estava que eles cairiam sobre ele. Toda a família, com a fera à cabeça, assim que soubessem. Santo Deus, a mãe e as irmãs iam ficar histéricas. Contraiu o maxilar num sorriso sardónico.

Fez-se silêncio. Maddy, ocupada a escrever a carta, não dava por nada. Fane ia acariciando continuamente as orelhas de *Devil*, afastando-o dos joelhos a cada três afagos. Durham baloiçava-se suavemente em frente da lareira.

– Vai uma partida de bilhar, coronel? – sugeriu Durham de repente.

– Vamos! – Fane animou-se com a proposta. – Jogamos a guinéus?

– Achas que sou um nababo? – Durham já estava em frente da porta com o porto numa mão e a outra sobre a maçaneta. Fez uma ligeira vénia na direção de Maddy. – Dá-nos licença, Sua Senhoria?

Maddy olhou para ele.

– Não deves chamar-me senhoria.

– Duquesa – respondeu Durham, num tom conciliador. – Queria dizer duquesa.

– Archimedea – insistiu Maddy, teimosa.

– Qu'ridaMaddy – sugeriu Christian com um sorriso ténue.

– Boa noite – disse Durham. – Antes que nos afundemos mais. Desejo-vos felicidades, duquesa-Archimedea-Qu'rida-Maddy. E a ti, Shev.

Fane repetiu os votos de felicidades, atendo-se a um «minha senhora» dirigido a Maddy.

– Cães – ordenou Christian. – Fora.

Fane assobiou, como um flautista de Hamelim do mundo canino, e os cães levantaram-se e seguiram-no através da porta aberta.

– Durham – chamou Christian quando a porta já se fechava atrás deles. – Obrigado... – Queria acrescentar mais alguma coisa, mas as palavras não lhe ocorriam.

Colado à sombra da porta, Durham virou o polegar para cima e sorriu-lhe. Com um estalido, a maçaneta girou até se fechar.

Christian serviu-se de um cálice de porto, sentou-se e fechou os olhos.

Que alívio, estar sozinho na sua própria casa. Permitiu-se descontrair. Sentia um formigueiro na mão direita, o preço da exaustão. Ouvia o arranhar interminável da pena de Maddy, notando com um certo alheamento que não lhe era fácil escrever aquela carta.

A familiaridade do ambiente que o envolvia parecia-lhe bizarra. O modo como a casa funcionava apesar de ele entaramelar e baralhar as ordens. Sentia-se em casa mas, ao mesmo tempo, um impostor – como se quem vivesse ali fosse um ser irreal, e o seu verdadeiro eu, ele mesmo, fosse um ser desorientado, assustado e feito em pedaços, que devia estar numa cela nua na companhia de outras criaturas despedaçadas. E, no entanto, o asilo propriamente dito já se convertera num pesadelo. Ele *era* ele, normal; acontecia apenas que uma parte da sua mente estava imersa numa neblina escura, fora de alcance.

E começava a regressar. Fora capaz de chegar até ali, até Jervaulx, portanto devia estar a recuperar. Recordava-se de se sentir num estado muito pior do que o atual, mas o presente era tremendamente frustrante, e o futuro...

Até àquele momento, limitara-se a pensar no futuro como um modo de chegar a casa são e salvo, cada momento a desenredar-se diante de si como um vislumbre rápido durante uma corrida de obstáculos, como quando um cavalo galopa a toda a velocidade por um terreno desconhecido ao cair da tarde e a única coisa a fazer é deixá-lo avançar e começar a rezar. Sorriu para si mesmo de olhos fechados, mas era isso que sentia. Fora tudo uma espécie de remoinho de obstáculos, decisões e palavras que o assaltavam para de seguida desaparecerem, e agora superara tudo e chegara ao outro lado.

Dera o grande salto. Estava casado.

Céus.

Até então, tudo ia bem. Tudo corria como ele imaginara. Em casa, a salvo, em paz. A fiel Qu'ridaMaddy ia escrevendo, sentada à escrivaninha.

Abriu os olhos e observou-a. Detivera a pena, segurava-a no ar e acariciava os lábios com a ponta de penugem enquanto refletia. Parecia muito cuidadosa. Do lugar onde se encontrava, não a vira riscar vez alguma, apesar de ter papel suficiente para fazer todos os rascunhos que quisesse. Christian sempre usara resmas de papel para organizar os pensamentos antes de se contentar com a

versão final.

Pousou o cálice sobre a mesa e observou a escrita cautelosa dela. Calculou que a educação *quaker* lhe tivesse instilado o preceito de não desperdiçar. Ou talvez se tivesse visto obrigada a economizar em circunstâncias difíceis. Ou talvez Maddy fosse simplesmente assim, poupada por natureza.

Foi com espanto que percebeu que não o sabia. Casara-se com aquela jovem em tudo simples, exceto no que se referia ao cabelo e às pestanas hedonistas, mas quase nada sabia a seu respeito.

Primorosa e decente, casta, cuidadosa, leal, moderadamente corajosa nalgumas coisas, uma verdadeira leoa noutras. Quando lhe tocava, sentia-a presa de agitação, de uma agradável agitação feminina, um misto de modéstia e paixão. Enquanto a observava, ela tocou na ponta da pena com a língua, lambeu-a pensativamente, com naturalidade e no maior dos alheamentos, ao que um calor líquido começou a dissolver-se no interior do duque.

Não bastava para anular completamente todo aquele cansaço de chumbo que o imobilizava, mas a imaginação proporcionava-lhe prazer. Tinha tempo. Ela era sua mulher. Em qualquer momento, onde lhe apetecesse. Ali mesmo, se o quisesse.

Sorriu. Recostou-se no assento e imaginou que se levantava, que se aproximava dela, lhe soltava o cabelo maravilhoso que lhe cairia em cascata até ao chão, que se livrava daquele colarinho de solteirona que lhe escondia a garganta, que abria todos os botões. O vestido severo penderia em desordem até à cintura, e o ventre, os seios e os ombros seriam macios e brancos – e aquele cabelo...

Respirou fundo e exalou, quase sem fazer ruído.

Tomá-la-ia ali, pensou, ali mesmo na sala de estar, à sua duquesa. Ia arregaçar-lhe as saias até à cintura, beijá-la, acariciá-la. Ela agitar-se-ia como uma ave de plumagem macia, estremeceria, suspiraria e estenderia as pernas, recostando-se na cadeira junto à escrivaninha, com aquele cabelo a refletir o brilho das chamas e a cobri-la com a cor dourada da cerveja, desde o pescoço ao requintado tapete de Axminster, os pés nus e os dedos a fletirem-se enquanto ele a saboreava – tão doce – entre caracóis quentes e secretos, brilhantes e lascivos.

E dentro dela, céus, dentro dela... imaginou-a a abrir-se perante ele como uma flor. Na sua imaginação, o vestido desaparecera e ela estava nua em toda a sua perfeição, em toda a sua glória. Uma ninfa bela e esguia no salão, cheia de desejo, a arquear-se sobre a cadeira e a puxá-lo para si, os lábios entreabertos... a desejar tê-lo cada vez mais perto, a querer que ele se afundasse com maior profundidade e força...

O duque emitiu um ligeiro som. Maddy, derrotada, baixou por fim a pena. Não conseguia explicar ao pai, pelo menos não por palavras que quisesse que Durham lhe lesse. Quando olhou para Jervaulx, viu que ele adormecera, com a cabeça um pouco virada para si, o rosto sereno, como se estivesse a ter sonhos muito agradáveis.

Maddy não podia evitá-lo: ele fazia-a sorrir.

Tinha as mãos apoiadas na madeira lavrada dos braços da poltrona. Olhou para a própria mão e viu o pesado anel de sinete suspenso do dedo, demasiado grande, mas não demasiado grande para ele. Os dedos dele eram fortes e firmes. Moviam-se com ligeiros tremores enquanto dormia, um gesto insignificante e privado, um sinal de intimidade. A respiração era profunda, silenciosa, embora não completamente regular. Ainda não adormecera totalmente mas, enquanto o observava, o ritmo

converteu-se na cadência própria de um sono profundo. A cabeça descaiu-lhe um pouco mais para o lado.

Maddy sentiu uma vaga de confusão e ternura. Não podia ser verdade. Simplesmente não podia. Ela não era mulher dele... Que ideia mais absurda, a magnificência daquele lugar, a comida, os criados, o número interminável de velas e quadros, as jarras de cristal com flores e os cestos de frutos, a enorme harpa num canto da sala, os corredores infindáveis – até existia uma casa de banho decorada com mármores ricos e outras dezassete espalhadas pelo castelo, todas de estilo moderno, segundo a informara a governanta num tom perfeitamente factual.

Ela não podia ser a senhora daquele lugar. Algo aconteceria, provando que era tudo um erro. O casamento, tão absurdo e precipitado, não podia ser legal, por muito que Durham insistisse que a licença especial que pedira a Fane que obtivesse, prevendo a perseguição, estava em ordem. E, mesmo que o estivesse, os Amigos não a aceitariam. Quando soubessem, iam rejeitá-la. Casara numa igreja, perante um padre, sem autorização do pai e, o que era ainda pior, com um homem mundano.

Contudo, adormecido, ele não tinha um aspeto tão diabólico. Mundano, sim. A linha sensual da boca, o nariz direito e firme, a testa elegante, o cabelo meio caído para a testa, e aquelas pestanas longas, tão longas como as de uma criança, mas cuja inocência infantil dava um aspeto dissoluto a um homem adulto.

As palavras que pronunciara na igreja provinham dos casamentos *quakers* a que tinha assistido. Como poderia saber se eram as palavras de Deus ou as suas? Podia arranjar argumentos quer para uma resposta quer para outra: tal como concluíra de manhã, recusar-se a casar com ele era condená-lo a Blythedale Hall; por outro lado, tal como agora se tornava evidente, não tinha qualquer possibilidade de o proteger, nem nenhum direito legal a encontrar-se naquele lugar.

Nunca se sentira tão desorientada, apanhada entre aquilo que os Amigos diriam e o que o coração lhe ditava. Durante um longo momento, observou-o enquanto dormia.

Se aquele castelo não existisse. Se ele fosse um homem comum e normal. Um homem normal para a normal Archimedea Timms. Um homem que recebesse a aprovação da Assembleia, com um jardim prático e uma campainha que funcionasse. O duque de Jervaulx vestido com simplicidade. Quando as galinhas tivessem dentes.

Levantou-se em silêncio e puxou o cordão da campainha que ornamentava a sala do duque, um cordão grosso de seda negra, entrelaçado com fios dourados e enfeitado com borlas a condizer. Funcionava. Numa questão de segundos, a porta abriu-se sobre dobradiças bem oleadas e o mordomo apareceu. Vestido com uma libré de cetim branco e abas longas, nariz aquilino e queixo protuberante, as meias tão brancas quanto a peruca e a libré, tinha uma enorme semelhança com o mordomo que trabalhava na casa do duque na cidade. Maddy calculava que a semelhança entre Calvin Sénior e o Calvin londrino não seria mera coincidência. Lançou-lhe um sorriso suave e tímido.

– Deseja retirar-se, Sua Senhoria? – perguntou o homem em voz baixa.

Era tarde e, dadas as circunstâncias, não valia a pena começar a discutir acerca do título. Olhou insegura para Jervaulx e anuiu.

Calvin Sénior virou-se e saiu, mantendo a porta aberta para ela passar. Maddy seguiu-o, abandonou a calidez e a luz da sala das tapeçarias e avançou por um corredor gelado iluminado por tochas cuja luz fumegante refulgia sobre as armaduras brilhantes que flanqueavam as paredes como um exército silencioso. No final do corredor, uma escadaria de pedra ampla curvava-se até às profundezas e à escuridão. Calvin Sénior deteve-se perante uma mesinha, acendeu uma vela que ali

estava e começou a descer.

Enquanto desciam, os raios de luz em movimento iluminavam a abóbada que se arqueava por cima deles. Ao fundo da escadaria, de repente o teto deu lugar a uma profunda escuridão. Um vestíbulo, frio e ressoante, que à luz fraca da vela parecia maior do que a maior casa de assembleias em que estivera, maior do que uma igreja. O espaço vasto erguia-se até alturas invisíveis nas quais elevadas janelas de seteira se perdiam na obscuridade.

Calvin Sénior atravessou-o com passadas suaves, mas os sapatos grossos de Maddy repercutiam no chão a cada passo, algo que era incapaz de evitar. O ruído ecoava no espaço amplo. Era quase como se alguém estivesse a segui-los enquanto cruzavam a enorme divisão, um pensamento que lhe arrepiou a nuca.

Na extremidade oposta, o mordomo conduziu-a dois pisos para cima, por uma escada estreita e curva de degraus de pedra desgastados pela passagem de incontáveis pés. Antes que conseguisse recuperar o fôlego que perdera durante a subida, atravessaram outra porta e a obscuridade voltou a envolvê-los. O soalho rangia sob o tapete e Maddy sobressaltou-se ao ver surgir repentinamente um rosto branco de olhar fixo. Calvin limitou-se a avançar, e a vela iluminou uma figura arrogante com muito brilho, o retrato de um homem de capa e armadura. Logo apareceu outro retrato, que mostrava uma profusão de tecidos bordados com pedras preciosas e um toucado de pérolas, sob o qual se via o rosto de uma mulher, pálido e sem qualquer expressão. Maddy apercebeu-se de que estava numa galeria longa, gelada e flanqueada em toda a sua extensão por aqueles quadros de olhar inexpressivo. Os olhos dos retratos seguiram-nos durante o percurso. Surgiam das sombras, iluminavam-se por um instante à luz da vela e voltavam a desaparecer no silêncio fantasmagórico.

Maddy ficou com os cabelos em pé. Sentiu o antagonismo daquelas pessoas como se fossem uma presença viva.

Por fim, passaram uma porta, outro corredor, e Calvin Sénior abriu a entrada de um quarto. Com ar sério, anunciou:

– O *boudoir* da duquesa.

Parecia a Maddy que Calvin também não a aprovava. Escondiam-no bem, ele e Ellen Rhodes, a governanta, mas a criadagem devia estar muito surpreendida, chegando talvez a duvidar da sanidade do duque. Maddy pensou que, dadas as circunstâncias, ela também teria duvidado.

Entrou timidamente no quarto. Este já não deveria deixá-la pasmada, depois de tanto esplendor feudal, mas deixou. A luz de uma única vela oscilou entre sombras enormes e incidiu por instantes nas paredes cobertas de damasco cor-de-rosa, no estuque e nos dourados do teto e num interminável número de cadeiras e poltronas luxuosas. Havia brasas a fumegar na lareira acesa, mas sem a força suficiente para proporcionar ao enorme quarto mais calor do que o existente na galeria e nos corredores. Calvin atravessou o quarto e abriu outra porta.

– O quarto, Sua Senhoria.

Maddy seguiu-o. Outra erupção de luxo, desta vez, numa cama com cortinados dourados forrados a rosa-pálido, nas paredes decoradas com tapeçarias e nichos de prata. Tudo aquilo começava a irritá-la.

Sobre o banco acolchoado aos pés da cama encontrava-se a camisa de dormir, impecavelmente engomada, branca e simples em contraste com tudo o resto.

– Este é o cordão da sineta, Sua Senhoria – disse Calvin, e aproximou-se para o puxar. – Virá uma moça arranjá-la.

– Oh, não. Não preciso de ninguém. Arranjo-me... sozinha.

Ele fez uma vénia.

– O duque... – Maddy fez um gesto vago, um pouco insegura quanto à direção, depois de tantos corredores, reviravoltas e escadarias. – Há alguém para o ajudar?

– Quando não viaja acompanhado pelo seu criado de quarto, Sua Senhoria normalmente prefere arranjar-se sozinho nas noites em que se retira mais tarde. Os criados têm ordens para não o incomodar. O quarto dele está preparado como Sua Senhoria costuma desejá-lo.

Maddy esforçou-se conscientemente por não morder o lábio. Era impossível imaginar o que teriam dito aos criados acerca da enfermidade de Jervaulx, se era que lhes tinham dito alguma coisa. Não seria possível ocultar-lhes aquilo durante muito tempo.

Calvin Sénior olhou-a, solene e inquiridor.

– Será necessário enviar-lhe um lacaio, Sua Senhoria?

A sua expressão dava a entender que isso seria invulgar, inoportuno e contra as expectativas mundanas, e que tais invulgaridades e anomalias seriam objeto de escrutínio nas atuais circunstâncias.

– Não – respondeu Maddy.

Calvin fez uma reverência e retirou-se.

Assim que ele desapareceu, Maddy desejou que continuasse ali consigo. A vela que lhe deixara acesa proporcionava muito pouca luz e apenas servia para que a cama parecesse ter o dobro do tamanho, ao projetar a sua sombra no teto. Despiu-se rapidamente, vestiu a camisa de dormir e levou o vestido e a vela até ao quarto de vestir, adjacente àquele.

Ao pendurar o vestido, ouviu um som no quarto e saiu a toda a pressa, satisfeita por ter companhia e à espera de encontrar o duque.

Mas não se encontrava ali ninguém. Algo rangeu atrás de si. Virou-se. A porta do quarto de vestir estava aberta, mostrando-o escuro e vazio. Não queria voltar a entrar. Não queria que se mantivesse assim, como uma boca aberta. Fechou a porta com um gesto brusco, recusando-se a olhar para o interior.

Pousou a vela sobre a mesa de cabeceira, ajoelhou-se e rezou com devoção para conservar o bom senso. Tentou encontrar a Luz Interior, mas ruídos estranhos, passos suaves e exalações, sons que não se pareciam em nada com aqueles que ouvira noutras casas, distraíam-na de um concentração calma.

Desejava a presença de Jervaulx. A de Durham e Fane. A de quem quer que fosse.

Utilizou a banqueta de bambu dourado para subir para a cama fria. O colchão afundou-se debaixo do corpo, a envolvê-la. A luz da vela iluminou a cor profunda da parte interior do dossel.

Ouviu passos no piso superior – passadas vagarosas que atravessavam o quarto e se detinham, para em seguida se afastarem. Não regressaram.

Os olhos de Maddy humedeceram-se e ela enfiou-se na cama até ao fundo.

Não acreditava em fantasmas. Claro que não.

Se ao menos Jervaulx aparecesse...

*

Christian acordou com frio. A sala enchera-se de sombras, as velas a gotejar, e o fogo não passava de um resplendor de carvões vermelhos. Despertou a custo. Uma e outra vez, voltava a sucumbir a sonhos estranhos e intimidatórios, mas a força do hábito acabou por fazê-lo levantar-se, afastar as

brasas com o atiçador, apagar todas as velas e atravessar a porta da sala de estar, às apalpadelas rumo ao seu quarto.

Estava meio adormecido. Apercebeu-se disso quando não conseguiu desabotoar o colete. Mas era um esforço demasiado grande. A cama esperava-o na escuridão, aberta e quente. Depois de tirar a casaca e os sapatos, deitou-se. Virou-se e aproximou uma almofada, passou os pés para debaixo dos lençóis e voltou a cair nas profundezas do sono.

CAPÍTULO 22

De manhã, Maddy encontrou sem ajuda o caminho para o imenso vestíbulo medieval, com as suas vigas escuras e paredes de pedra. Parecia quase tão imponente como na noite anterior, com a sua altura incrível, o soalho ressoante, os raios de luz silenciosa através das janelas estreitas. Por sorte, deparou-se-lhe o coronel Fane, que entrava acompanhado pelos cães, os quais lhe serviram amavelmente de guias até à sala do pequeno-almoço. Durham já se encontrava ali, ocupado com as suas papas de aveia, que comia de pé enquanto contemplava pela janela a magnífica vista do campo.

– Bom dia, minha senhora – foi a sua alegre saudação. – Quer um pouco de *kedgeree*? Chá indiano ou chinês? Café?

Sem que ela se apercebesse, conduziu-a até à cabeceira da mesa coberta com uma toalha de linho e serviu-a pessoalmente dos recipientes de prata que se encontravam sobre o aparador, persuasivo como sempre que entrava em ação. Sentou-se ao lado dela e indicou ao coronel Fane que se instalasse.

– Aqui podemos falar a sós. Os criados não aparecerão a menos que os chamemos. – Passou-lhe a nata. – Como acha que tem corrido tudo até agora?

– Não sei – respondeu Maddy. – Sinto-me tão... estranha.

Fane aproximou-se e deu-lhe uma palmadinha na mão.

– São os nervos. O casamento. A primeira noite é sempre a pior.

Durham pigarreou.

– Fane, por favor. Tenta mostrar alguma delicadeza!

– As minhas desculpas! – O coronel corou e apressou-se a dar uma salsicha a *Devil*. – Esqueci-me das minhas boas maneiras.

– De qualquer maneira, que sabes tu do casamento?

O coronel mantinha os olhos baixos.

– Tenho irmãs. Era o que a minha mãe lhes dizia. Lamento, minha senhora.

– Não te preocupes – disse Maddy. – Quem me dera que a tua mãe pudesse aconselhar-me. Há muitos anos que não tenho a minha ao meu lado.

– Lamento sabê-lo, minha senhora. – A vergonha passageira dele desapareceu. – É uma pena que a minha não esteja aqui, porque lhe deixaria as coisas claras num instante.

– Bom, mas não está – atalhou Durham. – Graças a Deus. – Olhou para Maddy: – O Shev vai demorar, parece-lhe?

– Não sei – respondeu ela, a olhar para a papa que começava a engrossar no prato. – Depois de vocês se retirarem, ele adormeceu na poltrona. O mordomo disse-me que normalmente não tem quem o ajude quando se deita tarde, por isso pensei que... não queria que se interrogassem mais acerca dele do que já devem interrogar-se, por isso pensei... – Afastou o prato. – Por isso, deixei-o lá! – disse de rompante. – E não o devia ter feito. Mas o mordomo intimidou-me e eu não quis perguntar-

lhe onde o duque ia dormir, limitei-me a ir para onde me levaram, ele não apareceu e eu não sabia como voltar!

Aquela informação foi acolhida com um silêncio incómodo. Maddy levantou-se e aproximou-se da janela. Através do antigo painel de vidro ondulado contemplou o vale lá ao fundo, as árvores e os campos sob o sol da manhã e os meandros brilhantes do rio de um cinzento acastanhado.

– Olhem para isto – disse, desesperada. – Olhem para este lugar. Nunca haverá quem acredite que pertenço a este lugar. Ah! Quero ir para casa!

Encostou a cabeça ao caixilho. *Devil* aproximou-se e meteu-lhe o focinho na mão. Maddy recolheu a mão e abraçou-se.

– Archimedea – chamou-a Durham –, o Shev está a melhorar, não é verdade?

– Sim.

– Foi o que me pareceu. Mesmo só nestes poucos dias.

Maddy não desviou o olhar da janela.

– Cada dia que passa, ele fica melhor. Quando o vi pela primeira vez em Blythedale Hall, não falava de todo.

– Então... é possível que em breve esteja bom. Superará a maldita audiência e isto acabará.

Maddy nada disse.

– De momento, esperam-nos uns quantos obstáculos – reconheceu Durham. – A família apresentar-se-á aqui assim que eu lhes contar o que se passou. Lady de Marly... mas já a conhece. O Shev julga que ela não se importará com o casamento; eu não sei, mas será melhor que esteja preparada para qualquer coisa. Quanto aos restantes, disso não há dúvida, eu mentiria se dissesse que não vão armar uma enorme confusão... mas, se a Archimedea se mantiver firme, tenho a certeza de que nada poderão fazer. Absolutamente nada. Se tentarem levá-lo à força... ora, nesse caso chamaríamos o comendador real.

– O Shev é o comendador real – observou Fane.

– Por Deus! Claro, tinha de ser. É dono e senhor de todo o maldito condado. Será também o juiz de paz? Bem, não interessa... logo vejo. Só precisa de se manter firme e haveremos de chegar a bom porto.

Maddy virou-se.

– Que porto? Para mim, não existe outro porto. Não posso estar casada com ele. Não posso ser duquesa!

Durham observou-a intensamente.

– Não quer ser duquesa... ou não quer estar casada com o Shev?

– Não compreendes! – gritou ela. – Não posso! Não posso fazer nenhuma dessas coisas. Quando os Amigos souberem, vão repudiar-me.

Durham assentiu lentamente.

– Compreendo. – Respirou fundo. – Não estava ciente disso. Sabia só que as suas crenças a deixavam um pouco desagradada com a situação.

– Desagradada! – repetiu Maddy.

Virou-se de novo para a janela e soltou uma gargalhada curta. *Devil* saltou para o banco debaixo da janela e encostou-se a ela. Ela só podia afagar-lhe a cabeça. Era a única maneira de evitar que ele lhe colocasse as patas sobre os ombros e lhe lambesse o rosto.

– O casamento... – Durham hesitou. – Não será... consolo suficiente pela sua perda?

Perguntou-lho com amabilidade, mas Maddy percebeu o argumento na sua voz. Ele julgava que toda aquela riqueza, o castelo e o título de duquesa deviam ser suficientes para compensar o que quer que fosse.

– Não compreendes. Recusas-te a compreendê-lo. – Acariciou as orelhas macias do cão. – Nunca pertencerei a este lugar.

– Tem de se dar um pouco de tempo. Não está habituada. É um lugar antigo e fantasmagórico, eu sei. E, além disso, frio como o gelo. Já todos nos perdemos nele uma vez ou outra.

– Oh – disse Maddy com uma voz trémula –, eu estou perdida agora mesmo.

– Ele precisa de si.

– Precisa de mim? Achas mesmo que eu conseguiria evitar que alguém fizesse alguma coisa? Olha para mim. Olha para este castelo. Ninguém me faria caso!

Mordeu o lábio com força. Não se permitiria derramar lágrimas de fraqueza por aquilo que já estava feito. Mas se não fosse assim, se na realidade não...

Falou sem se virar:

– Pergunto-te: há alguma maneira de desfazer este casamento? É demasiado tarde?

Houve uma pausa.

– Deseja anulá-lo?

– Sim.

– Oiça – pediu-lhe Durham –, só por um instante, esqueça a religião. Esqueça tudo, exceto o Shev. Os parentes dele não tardarão a saber que se encontra aqui, quer eu lhes diga, quer não. Quando chegarem, o Fane e eu faremos tudo o que estiver ao nosso alcance, mas, se ele não consegue falar, se ainda é incapaz de se defender por si mesmo, podem pôr-nos imediatamente na rua. Mas a menina... a duquesa de Jervaulx... poderá expulsá-los *a eles*. Poderá protegê-lo com toda a legitimidade, até que ele esteja completamente recuperado.

– Tens a certeza disso?

Ela fitou o rio reluzente até que os olhos começaram a doer-lhe. *Devil* abandonou-a de repente, afastou-se e desceu do banquinho da janela.

– Faz sentido, não faz? – replicou Durham. – Deixe as coisas como estão. Pelo menos, até que ele se possa defender sozinho.

– Então existe uma maneira de o anular.

– É possível.

– Tens de me dizer como.

– Santo Deus, Maddy! Vai abandoná-lo?

– Diz-me!

Tinha as mãos apertadas. O rio, tão prateado e brilhante no meio da paisagem invernosa, irritava-lhe os olhos, mas ela não conseguia afastar o olhar.

Durham disse em voz baixa e sem inflexão:

– Não dormiu com ele.

Era uma meia pergunta. Maddy sentiu as faces a arder e abanou a cabeça.

– Nesse caso, não o faça. Não consume o casamento. E, quando decidir que não suporta continuar a ser duquesa e mulher dele, venha ter comigo, Sua Senhoria. – O tom da voz dele tornara-se amargo. – E eu logo lhe explicarei o que precisa de saber para anular o matrimónio.

Maddy escutou o ruído da cadeira dele a arranhar o chão. De seguida, ouviu-o resmonear uma

imprecação em voz baixa.

Virou-se, viu Jervaulx, com *Devil* e *Cass* junto aos pés, em frente à porta fechada, a observá-la.

Christian saía para os parapeitos do castelo quando queria estar sozinho. Conhecia todos, mantinha-os sempre bem conservados e reservava-os para uso próprio, guardando todas as chaves das portas que levavam às amuradas. Quanto mais altas, melhor. E a torre mais alta de todas as torres do castelo de Jervaulx colocava-o acima de tudo aquilo que conseguia abarcar.

Envolto no sobretudo, inclinou-se sobre as pedras caiadas de uma frecha. A partir dali, a vista alcançava a torre Whitelady, a mais antiga, sólida e atarracada, e que partilhava a função de vigilância com a torre Knight e, um pouco mais longe, a Phoenix, que rodeava a torre nordeste e os aposentos isabelinos, reconstruídos e redesenhados por Christopher Wren, onde tinham alojado Maddy na noite anterior, nos aposentos da sua mãe. Para além destas, havia Beauvisage e Mirabile, que não se viam devido à curva de Belletoile, onde se encontrava.

Conhecia-as. Amava-as. Quando acordara naquela manhã, nem se recordara de que alguma coisa tivesse mudado, de que ele pudesse ser outro que não o duque de Jervaulx, senhor do seu castelo e do seu destino. Depois tentara falar com o criado que lhe levara o pequeno-almoço.

Alegrava-se por não ter sido capaz de pronunciar palavra. Decerto passara por sisudo e não por louco. Mas isso era apenas uma prorrogação. Não poderia votar o pessoal ao silêncio para sempre.

E Maddy. Apoiou os braços no muro e encostou a cabeça neles.

Para ser honesto, demorara muito tempo a recordar-se dela. Só se apercebeu disso quando saltou da cama e se viu completamente vestido. E, mesmo então, não se sentira muito preocupado, apenas um pouco deslustrado por ter adormecido na noite de núpcias. Tomara banho, com o auxílio de um lacaio, passável, que mantivera um rosto agradável e sereno, apesar do silêncio sombrio de Christian. Era óbvio que o tinham escolhido para aquele cargo inesperado por ambicionar ser criado de quarto.

Enquanto descia as escadas, pensara no que poderia fazer para a compensar. Apesar de correr o risco de ser considerado imbecil, estava decidido a deixar-lhes bem claro onde a mulher dormiria. Ponderava a melhor forma de o fazer quando entrara e deparara com Durham a aconselhá-la a nunca dormir com ele.

Christian fingiu não ter percebido. Não fora difícil. Permanecera imóvel e tinham-no tomado por estúpido. Mudo. Surdo. Néscio.

Maddy fitara-o com uma expressão de culpa. Mas ele lançara-lhe um sorriso, dirigira-se ao aparador e servira-se de chocolate.

Eu compreendo, Qu'ridaMaddy.

Entre a pedra branca e um céu azul e cinzento de aguarela, o vento revolteava por Belletoile e erguia o colarinho de Christian até lhe cobrir o rosto. Era uma novidade que alguém pudesse descurar o castelo de Jervaulx. Não apenas descurá-lo – rejeitá-lo por completo. E a si, por acrescento.

Conseguia compreender essa parte, dado o seu estado atual, mas isso dificilmente o tornava menos doloroso. Pensara, presumira, que as suas carências seriam amplamente recompensadas por tudo o que tinha para oferecer. O próprio castelo, e tudo quanto este continha, não era coisa de somenos. Ele julgara que, quando ela se encontrasse ali, quando o contemplasse, veria naquele lugar o mesmo que

ele via.

Bom, se não era assim... nada havia a fazer.

Qu'ridaMaddy. Vais deixar-me, então?

Olhou para o céu. Sentiu-se impotente, magoado, furioso e desamparado.

Soltou uma imprecação e enfiou os punhos com raiva nos bolsos do sobretudo. Se ela queria anular o que fizera, não a impediria. Durham suplicara-lhe que ficasse até que a sua presença não fosse necessária, mas Christian nem sequer lhe exigiria isso. Convertê-la em sua mulher fora uma decisão tomada num momento de fraqueza e aturdimento. Ela era *quaker*. Não era ninguém. Como ela mesma declarara com tanta franqueza, não pertencia àquele lugar.

Que se fosse embora.

Ele já estava melhor. Ia ficar perfeito. Que se fosse embora. Não precisava dela, nem da fraca proteção que pudesse oferecer-lhe. Não lhe faria falta. Mal notaria a sua ausência quando ela partisse, *pequena presumida teimosa beijos doces*.

Contemplou o aspeto invernal dos montes. Tomara tudo – castelo, o seu património – como garantido na sua vida. Tentara não o fazer, mas fizera-o. Com reformas triviais, participando em falsas batalhas, sempre a salvo na sua torre inexpugnável. Sem nunca saber a sorte que tinha.

Poderia voltar a perder tudo. Sentiu uma nova sensação a gelá-lo até aos ossos. Seria sequer seu, naquele momento? O instinto impelira-o a refugiar-se em Jervaulx; por um hábito adquirido durante tantos anos, o lugar funcionava sob as suas ordens. Mas na Chancelaria tinham-no reduzido a nada. E se fossem até ali, se tentassem levá-lo...

Encarcerado, acorrentado, vencido. Esmagado.

Não permitiria que tal coisa acontecesse.

Sabia tudo o que havia a saber quanto ao castelo de Jervaulx. Sabia que os antemuros de Belletoile distavam vinte metros do solo lá em baixo. E ele era o único que tinha a chave da torre.

Encontrou Maddy na saleta da duquesa, a contemplar um quadro de Herodes com a cabeça de São João Batista. Por baixo da pintura encontrava-se um crucifixo do género sangrento.

– *Alegre* – comentou, a tentar mostrar-se sarcástico.

Ela virou-se para ele.

– É um quarto sumptuoso.

– Obrigado – respondeu, como que a desafiá-la a dizer que aquilo não tinha sido um elogio.

Ela voltou-se para outro quadro. Duas crianças encostadas a um mastim mais alto do que elas.

– Este é bonito.

Ele fez uma ligeira vénia.

– Irmão.

– Teus irmãos?

Jervaulx observou o quadro. James era real; o lado em que o próprio Christian aparecia é que tinha um ar nebuloso, até que se obrigou a concentrar, ergueu a mão e apontou para a criança de cabelo encaracolado e casaco curto.

– Mim... eu e... irmão. Dez anos... James... *seis*. Morreu... há muito. Febre... escarla... escarlatina. – Recordou posar para o quadro. Oh, que sofrimento, que tormento permanecer imóvel quando havia jogos, campos e rãs. – *Cão* era... *Killbuck*. – Sorriu. – Nunca fez mal a ninguém... esse cão... nem

uma borboleta.

Maddy olhou para o quadro em silêncio. Nessa manhã estava com um ar severo, o cabelo apertado, como se se quisesse mostrar o mais diferente possível do ambiente que a cercava.

– Queres... anular. – Não conseguia abordar o assunto com maior subtileza. – Casamento?

Maddy olhou-o incisiva e pôs as mãos atrás das costas.

– Compreendo – disse ele. – Pequeno-almoço... Durham anular... casamento.

– Parece-me que seria... sensato. – Não afastou os olhos dele. – Mas ficarei aqui até que te encontres suficientemente recuperado.

– Agora. Suficiente bom! Vai... agora.

– Queres que vá embora agora?

Christian contraiu o maxilar, zangado pela transferência de responsabilidade.

– *Eu*... não disse. Tu. Pequeno-almoço a... Durham... anular casamento. – Afastou-se dela. – Não dormir juntos. *Ouvi*. – Virou-se. – À noite... cama... *não*. Por isso. Anular. Chama Durham... *agora* para anulação. – Estendeu o braço para puxar o cordão da campainha.

– Eles saíram – explicou ela. – Esperaram por ti, mas não te encontraram em lado nenhum.

– Saíram. – Ao ouvir aquilo, interrompeu-se, sem poder descarregar a hostilidade que guardava no interior. Deixou cair a mão. – Saíram. – Percebeu o que isso significava – Demasiado tarde! Eles... *visitar*. Contar casamento. Família. Para o diabo com eles!

– Pensei... – Maddy sentou-se numa cadeira e pousou as mãos no colo. – Acho que eu devia ficar, pelo menos, até à audiência. Se estiveres de acordo. – Entrelaçou os dedos com força e Christian viu o anel de sinete no dedo dela. – Peço-te... se estiveres de acordo, que não consumemos o casamento... e assim poderá ser anulado quando estiveres bom. – Humedeceu os lábios. – Nessa altura já não precisarás de mim. Seria um fardo e uma mágoa para ti. Não pertenço ao teu mundo. Quando estiveres completamente recuperado, vais perceber isso.

Queria rebater o que ela dissera, mas faltavam-lhe argumentos. Sentia-se completamente derrotado e presa de uma angústia que não sabia expressar.

– Se não... bom? – quis saber. – Se nunca... completo? Ir embora?

– Não sei. A única coisa que posso afirmar é que ficarei até à próxima audiência.

– Até... *próxima?*

– A audiência. Outra vez perante o lorde-chanceler.

Todo o seu corpo se retesara.

– Outra vez?

– Sim. Terás de voltar a comparecer.

– *Quando?*

– Não tenho a certeza. Faltam alguns meses. Lady de Marly deve sabê-lo.

Deu dois passos na direção dela e deteve-se.

– Outra! Porquê?

A agressividade do tom de voz pareceu sobressaltá-la e fez com que se recostasse no assento.

– Os teus cunhados. Insistem que deves ser declarado incapacitado.

Christian olhou-a fixamente. Pensara...

Pensara que isso já tinha sido deliberado.

Com a respiração acelerada, incapaz de formular uma pergunta com o tropel de palavras que lhe inundavam a cabeça, começou a percorrer a sala de um lado para o outro.

– Significa capaz... *agora?*

Ela parecia não o compreender.

– *Agora!* – gritou. – Capaz... *agora?* Livre... *agora?* – Pegou-a pelos ombros e debruçou-se sobre ela. – *Diz!*

– Até à audiência – respondeu Maddy, imóvel sob as mãos dele –, aos olhos da lei és igual a qualquer outra pessoa. – Ele ficou imóvel a olhá-la, incapaz de a libertar, ou sequer de se mexer. – Se não fosse assim, como terias podido casar? – acrescentou ela.

Claro. Era óbvio. Estivera demasiado desorientado. Isso nem lhe passara pela cabeça. Julgava que já o tinham despojado da sua existência legal, que o haviam declarado incapaz. Escondera-se atrás de Durham e Fane, atrás de Maddy e do castelo de Jervaulx, como um idiota a brincar às escondidas, como se isso o pudesse proteger quando o fossem buscar para o levar de volta.

Outra audiência. Meses.

– Maddy. – Apertou-a com mais força. – Ajuda... me. Bom. Recuperado. Quero... concordo... sem cama. Ficar e ajudar. Acordo. Depois vais... quando eu... *recuperado.* Audiência.

Ela fitou-o.

– Não haverá consumação?

Procurou a mão dela, encontrou-a e apertou-a.

– Não. Audiência. Recuperado. Não... con... consu... *cama.* Anular casamento.

Ela baixou as pestanas, aquelas pestanas eróticas. A observá-la, arrependeu-se da promessa, mesmo antes de ela ter feito um ligeiro gesto de assentimento e a aceitar.

O acordo tornou as coisas mais fáceis entre eles. Maddy já não se sentia tão incomodada com o que a rodeava, sabendo que era apenas um ínterim e não um compromisso formal. Quando o duque lhe sugeriu uma visita guiada ao castelo, acompanhou-o de bom grado. Até deixou que lhe arranjassem um dos vestidos mais simples da duquesa viúva, já que não podia usar para sempre o seu fiel vestido cinzento.

Escolheu um de cetim azul-escuro. Dentro do roupeiro, ao lado dos outros, não parecia demasiado luxuoso, sobretudo tendo insistido para que a criada lhe tirasse os enfeites; porém, quando o vestiu e se viu à plena luz do dia, em frente a um espelho, a cor pareceu-lhe de uma enorme opulência.

A jovem aguardava.

– Muito bonito, Sua Senhoria – disse-lhe, com a caixa de costura na mão.

Era belíssimo. Maddy nunca vestira nada parecido. Alisou o tecido de cor forte.

– Sim – disse e olhou-se maravilhada. – Eu... é... muito bonito.

Depois de terem descido a bainha e retirado pregas e enfeites, e com um xaile branco de seda indiana sobre as mangas em balão e o decote, sentiu-se preparada para se juntar a Jervaulx. Ao vê-lo, teve um momento de dúvida, convencida de que ele julgaria um disparate que tivesse escolhido um vestido tão luxuoso, mas Christian limitou-se a contemplá-la durante mais tempo do que o devido. De seguida sorriu com um dos cantos da boca enquanto lhe dava o braço. A cor do vestido condizia com os olhos dele.

– Maddy – disse-lhe ele. – Lamento... concordar... não consu...

Ela achou que compreendia o que ele queria dizer, mas ignorou-o sem mais perguntas.

Os quadros da galeria continuavam a exibir a sua desaprovação, o que a recordava da estranheza

que sentira ali durante a noite. Jervaulx deteve-se diante de um dos mais imponentes. Um quadro enorme com uma figura séria e condescendente, vestuário vermelho e uma enorme gola de tufos branca, de aparência entediada e majestosa, que segurava um bastão de alto cargo.

– Lord Jervaulx – disse. – Primeiro. Poder... grande conde.

– Muito distinto – replicou Maddy em voz baixa.

– Casar dezassete. Uma jovem... conseguiu casar herdeira rica. Ela escreveu antes... a ele... *carta.* Tenho-a. Ela diz meu doce amor... digo o que penso... penso rendimento. Peço imploro-te... meu amor... quero duas mil e seiscentas libras por trimestre.

– Céus – disse Maddy, num tom duvidoso. – Não era uma quantia elevada para a época?

– Muito... *elevada.* – Jervaulx sorriu. – Além disso... para deixar as coisas claras... escreve... quero três cavalos meus... duas damas de honor... um cavalo para cada uma, seis ou oito cavaleiros... duas carruagens... *veludo*... quatro cavalos cada uma... *lacaio*... criado... seiscentas libras para caridade todos os trimestres... tudo... custeado por ele.

– Muito razoável – disse Maddy, começando a sorrir.

– Além disso... todos os anos... vinte vestidos... oito para o campo... seis bons... seis excelentes. Mais seis mil para comprar joias... quatro mil para colares pérolas. Mais... todas as casas... móveis... quartos... com camas... tamboretes... cadeiras... almofadas... tapetes... dosséis. Mais... ele pagar-lhe as dívidas. Mais... comprar terras. Mais... não emprestar dinheiro... lorde-chanceler. Mais... suplica... quando chegar... a *conde*... mais duas mil... dobro dos acompanhantes.

– Dizia tudo isso na carta? – Maddy continha o riso e já não se sentia tão impressionada pela majestade daquele pobre cavalheiro nobre.

– Sim. Ele deu – disse Jervaulx. – Tudo. E nunca emprestou... chanceler. Conselhos sensatos. Morreu conde... conselheiro... tesoureiro do rei. Rico. Poderoso. Construiu... torre nordeste. Boa esposa.

Maddy fez uma careta.

– É essa a tua ideia de uma boa esposa?!

– Sim! Rica. Astuta. Caprichosa. Elegante. Ambiciosa. *Boa* esposa.

– Pois casaste mesmo com a mulher errada.

Ele lançou-lhe um olhar pensativo. Maddy sentiu-se a aquecer, e arrependeu-se de o ter dito. Enquanto baixava o olhar, ele levantou-lhe o queixo, inclinou-se e beijou-a suavemente nos lábios.

Maddy afastou-se e respirou fundo.

Quando ia protestar, ele abanou a cabeça com um sorriso trocista.

– *Cama não*... única promessa.

Voltou a dar-lhe o braço e recomeçou a andar como se nada tivesse acontecido.

CAPÍTULO 23

Lady de Marly chegou sem aviso prévio cinco dias depois da partida de Durham e do coronel Fane. Maddy e Jervaulx encontravam-se no vestíbulo. Maddy estava deitada de barriga para o ar no chão ao lado dele, a contemplar os pormenores fantásticos talhados na madeira do teto, enquanto ele lhe ia assinalando as criaturas heráldicas dos brasões, os trifólios, as flores-de-lis e o intrincado conjunto de flores e folhagem que surgiam nas vigas tão acima deles.

Na companhia de Jervaulx, o castelo parecia um lugar diferente. Ele conhecia-o como se o local fizesse parte de si mesmo; falava do castelo como as mulheres falavam dos filhos, com um infinito interesse até pelos pormenores mais ínfimos, com o carinho e humor suficientes para tornar interessantes histórias sem importância. Maddy gostava do castelo durante o dia. Só de noite, quando se retirava sozinha para os aposentos da duquesa e, deitada na cama, aguçava o ouvido para ouvir os passos no piso superior, é que se sentia presa de pânico e se arrependia de ter pedido para dormir sozinha.

– Sobe... viga... cinco – estava Jervaulx a dizer, para lhe indicar um ponto de interesse, já que havia bastante que tinham concluído que a sua capacidade de apontar não era muito exata. – Focinho... do cão... Vês?

– Mmmm... sim, estou a ver.

– Cão. Dragão. As bestas de Henrique Tudor.

– De qual dos Henriques?

– Henrique... VII. Da Lily.

– Ah.

Ela já estava familiarizada com Elizabeth, a animada mulher de Francis Langland, o primeiro Lord Jervaulx que, em troca da dócil aquiescência do marido no que se referia às despesas dela, não hesitara em fomentar os interesses da família ao transformar-se na amante secreta do misterioso e inteligente rei. Entre a fortuna de Lily, a sua discrição e beleza, e a lealdade astuciosa do marido a um monarca que procedia das mesmas enubladas terras do País de Gales do jovem cavaleiro, a dinastia iniciada por Francis Langland desfrutou de um começo cheio de bons auspícios.

– Cão... gal. Galgo... dragão... olha para o lado. – E virou o rosto para ela. – Lírio[4]. Vês?

Sob a condução firme da mão dele, Maddy moveu-se.

– Ah, sim! – Ali estava o lírio, escondido entre os escudos heráldicos até se adotar a postura correta para o ver do ângulo certo.

– Henrique enviou um... para cortar. Um homem para esculpir a madeira.

– Um entalhador.

– *Entalhador.*

– Era um sinal secreto entre eles?

A cabeça dele estava voltada para a dela, muito perto.

– Secreto – confirmou.

Fez deslizar a mão até à cintura da jovem. Maddy guinchou com as cócegas e a sua voz ressoou pelo amplo vestíbulo. Virou-se para se afastar, mas ele apanhou-a e deitou-se quase em cima dela, a fazer-lhe cócegas na cintura com uma mão e a pegar-lhe no queixo com a outra. Maddy defendeu-se, mas sem se esforçar muito. Estava prestes a ser beijada e isso agradava-lhe.

Os lábios de Jervaulx roçaram os seus, quentes na atmosfera fria do vestíbulo, tão aveludados quanto o chão debaixo do seu corpo era duro. As cócegas pararam. O corpo da jovem descontraiu-se. Fechou os olhos e sentiu-o sobre si, respirou o calor dele no ar gelado, ouviu o suave murmúrio de prazer que emitiu enquanto a explorava. Não lhe retribuíra o beijo; ainda não o tinha feito – mas não demoraria.

Era algo singular, aquilo de ser e não ser esposa, com a liberdade para se beijarem e rebolarem no chão como cachorrinhos. Não era casto; ela bem o sabia. Mas ele fazia-o com tanta doçura, com tanta diversão, que ela nunca tinha oportunidade para exigir que parasse. «Cama não», prometia-lhe de cada vez que ela se afastava. E isso tranquilizava-a. Era uma frivolidade, algo de agradável, e, embora se tratasse de um prazer mundano e carnal, pelo menos seria apenas temporário, e depois ela voltaria a ser a escrupulosa Maddy Timms do costume. A exemplar Maddy Timms, com memórias secretas para guardar, um lírio escondido entre os dragões da virtude.

Levantou o queixo e retribuiu-lhe o beijo.

Ele fora o seu professor: ela aprendera a saborear-lhe a boca, explorar-lhe o interior enquanto ele permanecia imóvel de lábios ligeiramente entreabertos. O corpo dele começou a responder, a tornar-se mais tenso. As mãos de Jervaulx pressionaram-lhe a pele. No entanto, não se moveu, manteve-se em suspenso, a boca à espera da dela, como se toda a sua concentração se focasse no que sentia. A cada novo contacto, a boca dele abria-se-lhe, convidativa, e permitia-lhe chegar mais fundo.

Maddy tocou-lhe com a língua. Ele era simultaneamente desconhecido e familiar, tão próximo e tão distante dela. Um nobre com uma história de fadas, galeses e reis atrás de si, senhor do vestíbulo e do castelo, mas o mais estranho e poderoso de tudo: um homem. Cheirava a madeira de sândalo, a força e a uma agressividade contida que ela detetava. A respiração dele misturava-se com a sua, acelerada pela expectativa.

Maddy saboreou-o profundamente. A língua de Jervaulx encontrou-se com a sua, com uma nota longa a escapar-lhe do peito e uma retribuição penetrante. Agora era ele quem controlava o abraço. Apertou o corpo contra o de Maddy. No chão do vestíbulo, com todo o peso apoiado sobre ela, beijou-a de corpo e alma, e as brincadeiras e a suavidade desapareceram.

E ela correspondeu, abrindo a boca para a dele. A batida grave do coração dele ressoava-lhe no peito, um som primitivo saía da garganta dele. Ele reagia à sua entrega e apoderava-se do que ela lhe oferecia como se lhe lesse o pensamento, como se soubesse o momento exato em que o corpo e o coração de Maddy tinham despertado para os sentidos.

Entrelaçou as mãos nas dela e apoiou-as no chão frio. O anel de sinete cravou-se no dedo de Maddy, preso entre as mãos de ambos com uma pressão dolorosa que lhe chegava ao osso, mas que ela desejava. Desejava aquela dor, tal como o desejava a ele. Todo o corpo se lhe arqueou para cima para receber o beijo. Parecia que estivera acorrentada, presa por fios que ele rompera com um simples toque.

Ouviu-se, como uma criança chorosa, a gemer com o terrível prazer que sentia. Moveu-se. Não conseguiu evitá-lo, e começou a seguir o ritmo que ele marcava com a língua, arqueando-se para

obter mais.

– *Muito* edificante. – A voz de Lady de Marly foi como um balde de água gelada.

Maddy sobressaltou-se. Jervaulx permaneceu imóvel por um momento e, em vez de saltar como se movido por uma mola, abraçou Maddy com mais força, enquanto esta se esforçava convulsivamente por se soltar. Sem erguer os olhos, beijou-a na orelha.

– Calma – disse, escondido nela. – Calma, Qu'ridaMaddy.

Depois voltou a beijá-la ao de leve, e afastou-se para se levantar. Maddy pôs-se de pé desajeitadamente. Jervaulx endireitou-se. Lady de Marly, com uma criada atrás de si e a bengala pousada à frente, era um rosto sombrio e pálido, pintado sobre uma estátua negra.

– Tia Vesta – disse Jervaulx com uma ligeira vénia. Deu o braço a Maddy, que parecia incapaz de se mover por vontade própria. Puxou-a para si e fê-la avançar. – Bem-vinda – disse, deixando Maddy admirada com tamanha compostura, já que toda a segurança que ela sentia desaparecera. – *Viagem* agradável?

Maddy percebeu que a maneira como ele falava captara a atenção de Lady de Marly, o que teve a vantagem de a libertar do seu escrutínio.

A anciã olhou-o fixamente, a examiná-lo com uma atenção fria durante um bom bocado.

– Recuperaste – disse por fim.

– *Melhor* – concordou Jervaulx. A pressão da mão dele forçou Maddy a avançar um passo. – A duquesa... Archi... *media*. Honra de... *esposa*.

O seu discurso piorara. Sozinho com Maddy, já se expressava com maior facilidade do que naquele momento.

– Não muito melhor – replicou Lady de Marly com secura, e olhou para Maddy. – E a menina. Não há dúvida de que nos passou a perna a todos. Não a tinha tomado por aventureira.

– *Duquesa* – repetiu Jervaulx com tal ênfase que a palavra pareceu mais uma advertência do que fruto do esforço.

– Onde estão os documentos?

Jervaulx lançou-lhe um sorriso sombrio. Não respondeu.

– Rapaz insolente – exclamou ela.

– Legal – disse ele. – Idade. Residente. Papel... especial. Igreja. Testemunhas. Registo... pôr selo. Nenhum... impedimento legal.

– Exceto talvez a tua sanidade – respondeu a dama, mas soou mais a queixa do que a ameaça. – Louco. Se tivesses ficado com a jovem que te ofereceram, poupavas-nos a mais problemas.

– Miss... Trothorse.

– Miss Trotman. Cujo pai ameaça processar-te por teres quebrado a promessa.

– Eu! – Desatou a rir à gargalhada. – Tia prometer. Tia... *pagar*.

O modo como Lady de Marly contraiu o maxilar deixou claro que ele tinha razão. Deu uma pancada no chão com a bengala e o som forte reverberou por todo o vestíbulo. Maddy deu por si a ser o alvo daquele olhar frio.

– Vou retirar-me para descansar. A menina... duquesa. Juntar-se-á a mim dentro de uma hora nos meus aposentos.

Não havia saída. Maddy anuiu.

Lady de Marly atravessou o vestíbulo entre rangidos e o bater da bengala. A criada, quase tão velha como a sua senhora, lançou um olhar rápido a Maddy e apressou-se a seguir a anciã.

Estranhamente, parecia-lhe que a criada lhe sorrira.

– Chamar-te... *duquesa*. – Jervaulx olhou Maddy de soslaio. – Acabará... aceitar.

Os aposentos de Lady de Marly, que ocupavam uma das alas mais antigas do castelo, ainda estavam frios pela falta de uso. Envolvida numa manta e coberta até ao pescoço, a dama instalara-se no recanto da enorme lareira. O fogo ardia fortemente, mas na maior parte do quarto ainda se via um vapor frio quando se respirava.

Lady de Marly podia ter aceitado a ideia de que Maddy fosse a duquesa, mas não lhe prestava qualquer deferência por isso. Sob o abrangente título de «jovem», mandou-a sentar-se numa cadeira de espaldar alto que não cabia completamente sob a reentrância da lareira e na qual, ao fim de muito pouco tempo, Maddy sentiu a parte da frente do corpo quase queimada enquanto as costas permaneciam geladas. Sem mais preâmbulos, Lady de Marly anunciou:

– Dei-me ao incómodo de parar naquele sítio, St. Matthews. O casamento está registado no livro paroquial.

– Sim – respondeu Maddy. Fora ela a assiná-lo, o que temia que fosse a pior e mais concreta das suas ofensas.

– Também pesquisei o livro do Registo de Licenças. A concessão de uma licença especial para o casamento do duque de Jervaulx e de Archimedea Timms foi devidamente registada. Tanto quanto parece e, tal como ele disse, está tudo em ordem.

– Está mesmo?

Maddy não estava ao corrente dos formalismos do processo; só conhecia os processos seguidos pelos Amigos. Sentiu um alívio estranho ao comprovar que, afinal, Durham cumprira a palavra dada.

– Vejo que isso a reconforta. Julgava que não estava?

Maddy olhou para a saia e, de seguida, voltou a levantar os olhos.

– Para ser franca, não me teria surpreendido que faltasse algum requisito legal. Foi tudo feito muito à pressa, por indicação de Durham.

– Ai sim? – Sob a cobertura do xaile, o olhar de Lady de Marly era penetrante.

– Sim. – Maddy respirou fundo. – O Jervaulx fará qualquer coisa para evitar ser confinado. Fez isto para que eu possa protegê-lo e isso não aconteça. Eu não teria dado o meu consentimento... teria procurado outra saída, mas com meia dúzia dos teus homens a assaltar a porta da igreja...

– Dos *meus* homens? Um assalto? Está equivocada, jovem. Ninguém ao meu serviço teve nada que ver com esta desgraça.

– Estavam lá homens... determinados a levá-lo.

– Levá-lo! – Lady de Marly encolheu-se debaixo da manta. – A mãe dele é uma tola – declarou com uma expressão de desprezo nos lábios. – Como se ele fosse um delinquente comum. Eu não sabia de nada disso.

– O Durham contou-nos que, ao regressar a Londres, descobriu que uns esbirros tinham andado a fazer perguntas acerca dele e do duque. Teve medo de que o seguissem ao sair da cidade, e não lhe ocorreu outra solução senão pedir uma licença especial para o caso de ser isso que estava a acontecer, de modo que alguém pudesse enfrentá-los e dizer-lhes que não.

– Cabeça de vento! Deveria ter ido ter comigo! Eu podia ter-lhes dito que não, e sem perder um segundo. – Inesperadamente, a dama começou a rir. – Mas o Jervaulx prefere esconder-se atrás de um

belo rosto, não é assim? Os apetites dele toldam-lhe ainda mais o juízo. Esses chacais com que as irmãs se casaram ainda o apanham, se ele não dá mostras de maior sensatez. É o que lhe digo: se recorreram a mercenários, podemos calcular quem é que enfiou semelhante ideia na cabeça da mãe dele. Que vulgares são esses desgraçados. Mercenários, nem dá para acreditar! A seguir poderão oferecer uma recompensa nos jornais. Procura-se duque louco! É uma bênção que o pai, que Deus o tenha em paz, não esteja cá para assistir a isto. – Inalou fortemente uns sais de cheiro e depois a sua mão voltou a desaparecer entre as pregas do xaile e da manta. – Já voltaram a apresentar a nova petição para a audiência. O Christian conseguiu-o antes ou depois do casamento?

– Conseguiu o quê?

Lady de Marly resmungou.

– Ter relações consigo, duquesa – disse, num tom irónico.

Como se o corpo o compreendesse antes da cabeça, Maddy corou dos pés à cabeça. Quando assimilou todo o significado da pergunta, teve de fazer um esforço consciente por permanecer imóvel na cadeira, embora os pés desta tenham recuado um pouco no chão com a sua reação. Estava consciente da presença da criada um pouco atrás, mais afastada da lareira, e da maneira ácida como Lady de Marly a examinava.

– Antes não – balbuciou.

– Diga-me a verdade e fale alto, rapariga. Não estou interessada na sua moral. O que me interessa é um herdeiro.

Maddy ergueu o queixo.

– Antes não – repetiu, mais enfática.

– Quando foi a sua última regra?

– Como és intrusiva!

– Quando se passa a ser duquesa, minha jovem, descobre-se que essas coisas deixam de ser privadas. Quando?

Maddy, teimosa, manteve-se calada.

– Surpreende-me tanta reserva, tendo em consideração a exibição pública com que deparei ao chegar. – Lady de Marly afastou o xaile da cabeça e deixou a descoberto uma touca preta com fitas da mesma cor. – Embora suponha que isso seja um bom augúrio para que o casamento produza frutos. Fale-me do Jervaulx. Parece muito recuperado.

Maddy sentiu-se aliviada por mudar de assunto.

– Sim. Está até melhor do que ouviste, quando se sente à vontade.

Lady de Marly assentiu com a cabeça.

– Pensei na possibilidade de trazer outro médico, mas de que serviria isso? Já recorremos a uma centena. Acho que fica suficientemente bem consigo. – Ergueu um dedo branco que se assemelhava a um galho de árvore. – Nada de ilusões, jovem. Este casamento é um desastre. Eu teria escolhido alguém melhor para ele, mas, desde que esteja tudo legal, dadas as circunstâncias, qualquer procriadora serve. – Encolheu os ombros. – Ele parece gostar bastante de si.

– A tua mãe enviou-te uma carta – anunciou Lady de Marly na saleta, depois do jantar. Tirou um papel de debaixo do xaile e estendeu-o a Jervaulx. Quando este estava prestes a pegar nele, reteve-o durante algum tempo. – Queres que ta leia?

Ele arrancou-lhe a carta da mão.

– Eu... *ler*.

Voltou à sua cadeira e sentou-se. Manteve a missiva selada entre as mãos e, de seguida, pousou-a sobre os joelhos. Lady de Marly observava-o fixamente, como se quisesse avaliar se ele ia mesmo a ler a carta ou apenas agir como se o fizesse.

Jervaulx virou a carta. Empurrou-a para o outro joelho. Por fim, levantou-se, levou-a a Maddy e ordenou-lhe:

– *Abre*.

Depois de ela ter partido o lacre, o duque regressou para a cadeira e começou a ler. Demorou um longo momento a fazê-lo e virou um pouco a cabeça para a direita, como se não conseguisse perceber bem o que estava escrito. Por fim, suspirou, revirou os olhos e atirou-a para cima de uma mesa que se encontrava a seu lado. A seguir, dirigiu um sorriso zombador a Maddy.

– Não... vir.

– Só diz isso? – perguntou Lady de Marly. Jervaulx voltou a pegar na carta, abriu-a e alisou-a com os dedos.

– Rezar. Rezar. Muitas... orações. Não... pôr pé... na mesma casa que a mi... ama. Amásia. – Olhou para Maddy. – Tu – voltou a consultar a carta. – Irmãs não... deixam. Filho desnaturado. – Amarrotou-a com uma mão e atirou-a para a lareira do outro lado da sala.

– Não lhe agrada a tua escolha – observou Lady de Marly.

– Legal – replicou Jervaulx. – Não... amásia. *Esposa*.

– Claro que sim – disse a tia. – Mas puseste-te a jeito, sabes? Resta a questão de saber se estás no teu perfeito juízo. O que foi acordado? O património está protegido? E se Miss Timms for uma caça-fortunas que apanhou um imbecil na sua teia?

– Ele não é...

Lady de Marly interrompeu-a.

– Estou apenas a fazer perguntas, duquesa. A sua posição é fraca. Este casamento pode virar-se contra ele na audiência. Nenhum homem do estatuto dele, na posse plena das suas faculdades mentais, teria contraído este matrimónio.

O duque levantou-se de repente. Aproximou-se da escrivaninha, pegou numa pena e estendeu-a a Maddy.

– Acordo... agora. Escrever... o que queres.

– O que quero? – perguntou Maddy.

Lady de Marly resfolegou.

De repente, Jervaulx sorriu.

– Meu doce amor – recitou. – Três cavalos... duas damas de honor... vinte vestidos... todos os quartos mobilados... camas... almofadas... tapetes... seis ou oito cavaleiros. – Pôs-lhe a pena na mão. – Qu'ridaMaddy. O que queres.

– Eu não quero nada.

Lady de Marly riu-se abertamente, como se acabasse de escutar uma piada. Jervaulx olhou para Maddy por um momento e, de seguida, ajoelhou-se junto da cadeira dela.

– Nada?

Abanou a cabeça, desconcertada.

– Claro que não.

Olhou-a nos olhos, com a cabeça um pouco de lado. Nos lábios, surgiu-lhe a sombra de um sorriso doce.

– Pai? – perguntou. – Não queres então... sustentar pai?

– Ah... – Maddy mordeu o lábio inferior, tomada por uma enorme tentação. – Não. Não seria correto.

Lady de Marly interveio abruptamente.

– Seria melhor que não levasse esta farsa do que é correto demasiado longe, jovem. Se ele morresse esta noite, não haveria legado para si em parte alguma. Não conseguiria nem um xelim, pode crer. Estabeleça uma quantia razoável e alguns rendimentos, e o tribunal terá uma melhor opinião a seu respeito pelo seu bom senso. O Calvin e eu seremos testemunhas da sua assinatura e da do duque.

– Mas... – Maddy olhou para Jervaulx. – Eu não quero maquia nenhuma. Tu e eu... não vamos...

Ele cobriu-lhe a mão com a sua e apertou-a com força. Maddy entendeu aquilo com toda a clareza. Por um momento, a sala manteve-se em silêncio.

– Qu'ridaMaddy – disse. – Agora devo... tudo. – Lançou-lhe um sorriso, um sorriso que lhe fez doer o coração. – Devolver-te... um pouco.

– Não me deves nada – murmurou ela.

Ele soltou-a e levantou-se.

– Quanto... Trotman? – perguntou à tia.

– Ela trazia um dote de dez mil – disse Lady de Marly.

Jervaulx fez um gesto impaciente com a mão.

– Quanto?

– Uma soma unitária de cinquenta e dois mil. O mesmo de rendimento e juros vitalícios de uma quarta parte das rendas de Monmouth no caso da tua morte. Mas não te esqueças do dote de dez mil libras. Cinquenta mil para distribuir pela descendência feminina, no caso de contraírem matrimónio com consentimento prévio. Setenta e cinco mil entre o segundo, o terceiro e o quarto descendentes varões, cinquenta entre outros descendentes masculinos nas mesmas condições. O restante para o herdeiro.

Jervaulx riu-se.

– Esposa... produtiva.

Lady de Marly franziu as sobrancelhas e examinou Maddy.

– Ela parece gozar de uma excelente saúde para cumprir a sua tarefa.

– Amanhã – disse ele –, chamar... Bailey. Tu dizer acordo. Escrever o mesmo... isso. Acrescentar... duas mil... anual... *vitalícias*... Mr. John Timms. Cuidado... equívoco. Eu posso... ler.

– Mas... – disse Maddy.

– Querer – interrompeu Jervaulx. – *Eu*... quero.

Maddy recostou-se na cadeira. Tudo aquilo era uma farsa. Tinham chegado tão longe naquele embuste que este terminara na redação de documentos absurdos que asseguravam o futuro dos filhos de um matrimónio inexistente. Com um entusiasmo repentino, levantou-se e anunciou:

– Vou retirar-me.

Jervaulx fez uma vénia. Lady de Marly até sorriu e lhe estendeu a mão.

– Tenha uma boa noite, duquesa.

Maddy pegou naquela mão de dedos delgados. Lady de Marly apertou-a e virou a face. Maddy

hesitou e depois baixou-se para lhe depositar um beijo rápido. Lady de Marly começou a soltá-la, mas agarrou no anel de sinete, virando-o para cima no dedo de Maddy.

– Isto foi o melhor que conseguiste arranjar, Jervaulx? Santo Deus, rapaz, compra-lhe uma aliança de casamento a sério.

– *Sim* – disse ele, a assentir.

Maddy afastou a mão quando a anciã lha soltou. Aproximou-se da porta, já horrorizada pelo longo percurso que a esperava pelos corredores na penumbra e através do vestíbulo escuro.

– É a outra porta, jovem – disse Lady de Marly num tom irritado. – Não abra essa, que entrará frio!

Maddy ficou hesitante. Tinha a certeza absoluta de que aquela era a porta correta.

– Maddy – disse o duque.

Ela olhou-o e viu que inclinava a cabeça, a assinalar uma entrada que ela nunca utilizara.

Obediente, atravessou a sala e abriu a porta indicada. Conduzia a uma sala tão esplendorosa quanto as restantes. Era um quarto decorado a branco e azul. Sobre o imponente leito alto, uma coroa dourada encimava o dossel.

Só então se apercebeu do que aquilo significava. Deteve-se na soleira da porta. Era o quarto de Jervaulx.

Virou-se e voltou a sair.

– Prefiro...

Lady de Marly interrompeu-a.

– Tolices – disse, como se soubesse exatamente o que Maddy ia dizer. – Por que motivo teria ele de a perseguir e atravessar meio condado? Durma aí, jovem. Tem muitos anos pela frente para ter o seu próprio quarto.

Jervaulx manteve-se calado. Estava de pé no meio da saleta com as mãos atrás das costas, alto e elegante. Limitou-se a olhá-la com aqueles olhos de um azul profundo, cheios de mistério.

– Muitos anos mesmo, jovem – repetiu Lady de Marly numa voz que agora soava envelhecida e desgastada pelo tempo. – Não esqueça o que lhe digo.

Maddy sentou-se numa cadeira dourada com espaldar de travessões ornamentados, calculados à perfeição para evitar que alguém adormecesse nela. O quarto do duque tinha o aspeto de ter sido mais utilizado do que qualquer um dos outros que já vira. Além daquela cama tão intimidante, continha uma estante baixa com livros inclinados e amontoados uns sobre os outros, como se fossem usados com frequência; pilhas de papéis e revistas sobre uma escrivaninha em frente à janela davam a aparência de que ali se trabalhava a sério e de que não se tratava de mera encenação.

Havia um candeeiro a óleo aceso sobre a escrivaninha. Maddy concluiu que a ordem em que os papéis estavam aglomerados se devera a algum serviçal e não a Jervaulx. Recordou a rapidez com que o duque desarrumara o estúdio de St. Matthews e sentiu pena da criada responsável que deveria ter tido um cuidado infinito para não deslocar o que que quer que fosse, sem dúvida apanhada entre as ordens da governanta e as palavras confusas do duque – que teimaria que tudo estava perfeitamente organizado segundo o seu sistema tão pessoal e abstruso. Maddy conhecia bem aquele modo de funcionar. Consistia em afastar para um lado aquilo em que não se estava a trabalhar, em amontoar cada vez mais e mais papéis, em criar uma nova pilha para um novo projeto, empurrando o

restante para trás ou para a frente consoante a necessidade, pegar no que se encontrava no cimo de um monte e colocá-lo sobre outro quando se precisava de uma revista que se encontrasse ao fundo do monte, e de seguida culpar os criados pela arrumação quando não se conseguia encontrar um papel.

Deteve-se mais tempo a olhar para a escrivaninha, porque se envergonhava de olhar para os quadros. Eram exatamente aquilo que os Amigos consideravam o pior estilo para simbolizar a aparência vã das coisas mundanas. Até os claramente religiosos eram lascivos. Havia uma parede inteira coberta pela figura de Eva em tamanho natural, com a maçã aos pés e coberta apenas por uma mão pudica. Havia um de um grupo de mulheres a banharem-se num riacho, com sátiros a espiarem-nas entre as árvores, e outro de Godiva, cujo cabelo solto cobria mais o cavalo do que o corpo dela.

O único quadro que Maddy conseguia contemplar sem corar de imediato era uma pequena pintura de uma jovem holandesa, coberta por uma touca, virada para o observador, como se este a tivesse surpreendido no momento em que se olhava a um espelho. O olhar era uma mistura de timidez, troça e convite. Era tão real e mostrava tanto prazer e vergonha que era impossível não sorrir ao vê-lo. Maddy contemplou-o durante um longo momento, cativada pela magia com que uma simples pintura a tinta conseguia transmitir uma presença tão real.

Na mesa ao lado da cadeira havia uma licoreira e uma taça, e diversas miniaturas, todas elas de damas. Presumiu que se deviam tratar das irmãs dele, embora não se parecessem muito com as damas que Maddy vira. Ao lado de uma das miniaturas encontrava-se algo semelhante a um relógio de bolso, mas, em vez do mecanismo do relógio, tinha uma madeixa de cabelo loiro encaracolado no interior. Nenhuma das irmãs dele tinha o cabelo loiro.

Levantou-se e aproximou-se do quadro da jovem com o espelho, a tentar descobrir as pinceladas que criavam o efeito. Estava pendurado do lado do lambril, e por isso teve de se inclinar para o ver. Enquanto estava debruçada, a porta abriu-se sem ruído. Maddy virou-se.

Jervaulx fechava a porta atrás dos cães, que correram para ela, lhe lançaram uma saudação rápida e com um salto foram para cima da cama. Acomodaram-se no fundo desta com uma familiaridade que deixava ver claramente que aquele lugar lhes pertencia já há muito tempo. Jervaulx permaneceu imóvel por um momento, a olhá-la.

– Gostas da jovem... quadro? – perguntou.

– É uma imagem muito credível – respondeu ela.

– Crédito... Rembrandt.

– Ah, sim. É muito famoso, não é?

– Um pouco. – Parecia divertido.

– Não sei muito acerca de pintura – disse, timidamente. – Não nos é permitido ter quadros.

– Não? – Aproximou-se e deteve-se junto dela a olhar para o quadro. – Porquê?

Maddy franziu um pouco a testa.

– A Bíblia proíbe a representação de imagens. E além disso são... mundanas. – Lançou um olhar cheio de significado aos quadros pendurados nas paredes. Era quase impossível conceber um grupo de imagens que pudessem ser mais mundanas do que aquelas que se encontravam ali.

– Eu... gosto – replicou ele, sorriu, acariciou-lhe a face e beijou-a.

Maddy afastou-se, a humedecer os lábios.

– A tua tia já se foi deitar? Tenho de ir.

– Não. – Abanou a cabeça. – Está... ali. Ficar.

– Esta situação é um tanto estranha – disse Maddy com uma expressão de impotência, a apontar

para a saleta contígua.

– Velha... *tradição.* Salão Grande... saleta... antessala... quarto. – Desenhou três linhas no ar, uma atrás da outra. – Antigos senhores... comer e festas no Salão Grande... depois comer... ah... terminada comida, *então,* convidar... amigos a... retirar em privado para... saleta. Era... um sinal de favor. Apenas convidar... bons amigos. Igual... sempre igual, nunca mudou aqui. Salão Grande... a saleta... o quarto. Antigo hábito de Jervaulx.

– Apesar de tudo, agora é constrangedor. Talvez estejas cansado e queiras deitar-te.

Ele despiu a casaca com um movimento dos ombros.

– Dias bons passados, os melhores amigos... convidados... a entrar aqui. – Pegou na casaca e fez-lhe uma reverência. Grande honra... para ti.

– Tenho de ir. Há outra maneira de sair daqui?

Ele pousou a casaca em cima de uma cadeira e começou a desabotoar o colete, depois deixou cair a mão e olhou-a.

– Não consigo... desabotoar.

Um dos botões já estava aberto. Maddy franziu os lábios.

– Consegues. Devias começar a tentar.

– Não consigo – insistiu serenamente. – Tu.

Aproximou-se e deteve-se em frente dela, as mangas brancas e largas, o colete bordado com requintadas florinhas prateadas, que contrastavam com a linha reta e masculina do corpo dele.

Comportava-se com tanta naturalidade que era difícil a Maddy sentir-se incomodada. Ela pôs-se em bicos dos pés, desabotoou-lhe os botões e depois desfez-lhe o nó do laço. As bragas beges também tinham botões, mas não lhes prestou atenção. Quando acabou, ele afastou-se depressa, e deixou-a com o colete e o laço nas mãos.

Sentindo-se um pouco mais descontraída, pegou também na casaca e dirigiu-se com as roupas para o quarto de vestir. Quando regressou, ele estava sentado na *chaise longue* e inclinava-se para tirar os sapatos.

De camisa solta, colarinho aberto, meio vestido e displicente, estendeu as pernas e recostou a cabeça no sofá.

– Cansado – disse com um suspiro longo. – Maldita... fera.

O último rasto do incómodo de Maddy evaporou-se.

– Tem uma personalidade muito forte – concedeu ela com um ligeiro sorriso.

Jervaulx estendeu o braço e aproximou a cadeira da escrivaninha.

– Senta comigo.

Maddy sentou-se. Talvez fosse melhor ficar mais um pouco, para ter a certeza de que a tia deixara a sala. Pousou as mãos no regaço.

Ele olhou-a de lado.

– Aprumada... Qu'ridaMaddy. – E antes que ela o pudesse evitar, inclinou-se e puxou-lhe a saia para um lado. Deixou a descoberto os sapatos grossos e as meias de lã, ocultas sob a elegante seda azul.

– Fora – disse, e endireitou-se. Inclinou-se para os desabotoar.

– Afinal sempre consegues – respondeu ela num tom acusador.

Em resposta, obteve apenas um resmungo evasivo. Ele segurou-lhe o tornozelo quando ela tentou afastá-lo.

– Deixa – disse com firmeza. A mão dele era forte e quente ao tocar-lhe, implacável. Maddy mordeu o lábio e deixou de resistir. Ele tirou-lhe os sapatos e, um a um, atirou-os para longe. – Esgotada, Qu'ridaMaddy? – Pegou-lhe nos pés e levou-os até ao colo. De seguida, começou a esfregar o peito dos pés com os polegares.

Uma maravilhosa sensação de leveza invadiu-a no mesmo instante e calou o protesto prestes a sair-lhe dos lábios. Tentou continuar sentada e direita, mas a combinação da massagem deliciosa nos músculos cansados e o ângulo da sua postura não o permitia.

– Oh. Isso é... muito relaxante.

Ele não respondeu, tinha o olhar fixo nos pés dela enquanto lhos massajava. A saia de Maddy deslizou até ao chão com um resplendor azul-safira, um pouco amarrotada quando ele lhe apertou os calcanhares para de seguida fazer deslizar as mãos até à parte de trás dos tornozelos.

– Oh – murmurou Maddy, com mais um suspiro. Fechou os olhos. Ele massajou-lhe as barrigas das pernas e depois fez deslizar uma mão de novo para baixo, separando-lhe os dedos um por um, com uma manobra tão deliciosa quanto singular. Maddy, sem fôlego e de olhos ainda fechados, soltou um pequeno riso. – Não sabia que isso pudesse ser tão agradável.

– Mmm – disse ele, e mudou de posição.

Maddy abriu os olhos. Ele estava a acomodar-se no sofá e voltara a estender as pernas. Ela fez uma tentativa de afastar os pés, mas ele não lhos soltou e recostou-se. Fechou os olhos e continuou com a massagem suave.

– Não preferirias que fosse eu a massajar-te os pés?

– Não.

Quem o visse poderia pensar que estava a dormir, mas ele continuava a desenhar-lhe círculos fortes e regulares com os polegares nas plantas dos pés, subindo depois pelos lados e à volta dos calcanhares. De seguida, voltou aos dedos, um a um, até a fazer sentir um formigueiro de prazer nos pés.

Maddy fechou os olhos mais uma vez e permaneceu imóvel para se afundar na sensação. A lareira daquele quarto era de estilo moderno, mais elevada, de modo que irradiava calor até aos cantos. Maddy deixou que o xaile de seda que usara durante o dia lhe deslizasse pelos ombros.

– Só Rembrandt conseguiria... pintar-te – disse o duque. Ela descobriu que ele a observava. Percorreu-lhe com a palma da mão todo o comprimento da perna, uma carícia suave do tornozelo ao joelho. – Pintar assim... para eu... recordar.

O movimento das mãos dele parou. O silêncio reinava no quarto, com exceção do suave sussurrar do carvão a arder na lareira. À luz do candeeiro a óleo, surgiam na saia reflexos curvos de cor azul-índigo e cobalto, uma intensidade de tons que contrastava com o branco sem matizes das meias. A mão dele repousava na perna exposta dela, sem se mexer. Ele estava a contemplá-la, tinha o rosto escuro e severo à luz do candeeiro. Mirou-a de esguelha.

– Amiga? – Ela não respondeu. Inundavam-na demasiados sentimentos para os expressar por palavras. – Tu, Maddy, sempre... amiga. Não esquecer.

– Não – sussurrou ela. – Não te esquecerei.

Jervaulx fez um movimento brusco e afastou-lhe os pés para o lado.

Maddy enfiou-os debaixo da saia quando ele se levantou.

– Dorme aqui – disse. – Eu... durmo quarto de vestir.

Havia um catre no quarto de vestir. Maddy vira-o quando fora guardar a roupa.

– Não, isso não seria justo. Irei quando a tua tia se tiver retirado.

– Ir? Caminho longo, Qu'ridaMaddy. Escuro. Ninguém vivo. Fantasma. Fica aqui.

– Fantasma? – perguntou Maddy.

– *Fantasma*... mau. – Olhou-a com a sua inocência de pirata. – Não contei?

– Não há fantasma algum.

Ele emitiu um som, um gemido baixo que gelava o sangue. *Devil*, enrolado confortavelmente na cama, levantou a cabeça em alerta.

– Não há nenhum fantasma!

– Um passo... outro passo... – Os olhos de Jervaulx reluziam na penumbra. – Vestíbulo... subir... depressa... escadas acima.

Maddy respirou fundo, encontrou os sapatos e calçou-os. Dirigiu-se com passo firme para a porta.

– Voltarei para a companhia de Lady de Marly.

– Não vais gostar. Querer-te aqui. Dormir. – Sorriu-lhe. – Escolhe. Fera... fantasma... eu.

– Não... existem... fantasmas!

Ele não negou nem confirmou a sua existência. Maddy perscrutou a saleta e viu que Lady de Marly já se retirara. A sala estava fria e escura, apenas os rescaldos do carvão lançavam uma luz débil e alaranjada sobre o tapete. Pensou em chamar Calvin Sénior e apercebeu-se de como já era tarde. Além disso, era ridículo e blasfemo acreditar em fantasmas. *Devil* saltou da cama e aproximou-se dela.

– Acompanhas-me? – perguntou ao cão.

Devil abanou a cauda, levantou-se e apoiou as patas na saia dela. Maddy olhou para Jervaulx com um ar de superioridade.

– Levaremos uma vela.

Ele inclinou-se e estendeu a mão.

– Muito... bem.

– Vem – ordenou Maddy ao cão, que saiu obediente pela porta à sua frente.

Um ar gelado entrou na sala de estar quando ela abriu a porta do corredor. *Devil* saiu e desapareceu imediatamente para lá da luz trémula da vela.

– Volta! – ordenou-lhe num sussurro. O eco repetiu as palavras com um som sinistro.

O cão, com as unhas a arranhar a pedra, voltou e saltou-lhe para cima. Ela afagou-o e continuou a andar. *Devil* ficou para trás e afastou-se até voltar a desaparecer. Maddy acelerou o passo, a perscrutar as sombras trémulas que a vela projetava.

Os sapatos desapertados iam chinelando pelo chão. Deteve-se uma vez. O corredor estava cheio de reverberações que se perdiam na distância e deixavam atrás de si um silêncio gélido. Se estava mais alguém naquela gigantesca construção de pedra para além dela, naquele momento não havia o menor sinal disso. A expiração gelava no ar frio. Virou-se para trás.

Estava ali um homem de pé.

Arquejou e recuou com um pulo, apercebendo-se nesse mesmo instante de que não passava de uma daquelas armaduras imóveis que, iluminada pela vela, recobrara uma vida ilusória e estranha.

– *Devil!* – chamou em voz baixa e urgente, e com esforço virou as costas à figura.

Nesse momento, ouviu o som tranquilizador das patas de *Devil* e a sua familiar forma salpicada de

branco surgiu da penumbra. Dessa vez, Maddy inclinou-se um pouco e agarrou na coleira do animal para o obrigar a ficar junto de si.

Continuaram a avançar até ao cimo da escadaria. Nada mais ouviu para além do ruído da língua de *Devil*, que aproveitou o momento para se deitar no chão e lamber as patas.

A escadaria curvava-se para baixo num semicírculo amplo e desaparecia na escuridão. Recordou-se do gemido de gelar o sangue do duque, uma recordação tão vívida que se virou para se certificar de que ele não estava a segui-la para a assustar.

O corredor amplo estava vazio. Quando Maddy se voltou para a escadaria, *Devil* ergueu as orelhas. Levantou-se e examinou a escuridão à sua frente.

Maddy sentiu uma enorme inquietação apoderar-se de si. Os olhos começaram a ficar húmidos.

O cão inclinou-se na direção das escadas. O pelo eriçou-se-lhe. Um rosnido baixo e ameaçador crescia-lhe na garganta. Maddy sentiu que, de repente, não conseguia respirar.

O cão saltou, ao mesmo tempo que ladrava furioso.

Maddy desatou a fugir.

Agarrava a saia com uma mão, a vela na outra. Os sapatos batiam no chão desajeitados, e o eco fazia com que parecesse que alguém corria atrás dela a toda a velocidade.

Devil surgiu ao seu lado e correu mais à frente até desaparecer na escuridão. Maddy apressou-se, com pequenos gemidos a saírem-lhe da garganta. Sentia que os passos a alcançavam quando, de repente, viu o cão a arranhar uma porta. Abriu-a com um empurrão, atirou a vela para o chão de pedra e fechou a porta com toda a força. Encontrava-se no quarto do duque. Este voltara-se para ela, de camisa na mão. Maddy lançou-se sobre o peito nu e virou-o para que ele ficasse entre ela e a porta.

– Há alguma coisa *ali*! – gritou. – O cão. O *Devil*... Há qualquer coisa no vestíbulo!

4 Em inglês, *lily*, como o diminutivo de Elizabeth *(N. da T.)*

CAPÍTULO 24

—Qu'ridaMaddy, Qu'ridaMaddy. – Ele abraçava-a com força, embalando-a com um riso ligeiro. – Não se passa nada. Não há nada. Nada ali.

Os calafrios convulsivos de Maddy estavam a diminuir. Já se sentia um tanto ridícula ali agarrada a ele. Não havia lá nada. Claro que não havia nada.

– O cão começou a rosnar – lamentou-se, com uma voz ainda aguda e entrecortada. – Estava a olhar para o fundo das *escadas*.

Apoderou-se dela outro arrepio. Respirou fundo para tentar recuperar a compostura. *Devil* saltara para a cama e, ali sentado, olhava-a com uma expressão de despreocupação absurda.

As faces de Maddy estavam banhadas em lágrimas. Jervaulx tocou-lhe numa lágrima com um dedo.

– Peço desculpa! – exclamou ela. – Eu sei que... não há nada. Sou tão... estúpida. Mas à noite... no meu quarto... oiço passos.

Jervaulx apertou-a com mais força contra ele.

– Qu'ridaMaddy. Desculpa. A culpa é minha. Vem. Vamos ver o que era.

– Não, não, é melhor não.

Jervaulx passou-lhe um braço pelos ombros e levou-a até à porta. Mesmo à frente desta, a vela que Maddy atirara para o chão ainda ardia no corredor de pedra. Jervaulx pegou-lhe sem soltar Maddy. A luz tremeluziu quando ele a levantou para acender uma das tochas da parede. Mantendo Maddy junto a si, foi avançando pelo corredor e acendendo as tochas que se seguiam. Os cães acompanhavam-nos à frente e atrás.

No alto da escadaria, Jervaulx apagou a vela contra a parede e tirou a última tocha do suporte. Com Maddy debaixo do braço e toda a escada iluminada por aquela chama intensa, iniciaram a descida.

A escuridão do vestíbulo engoliu a intensa luz daquela única tocha. Jervaulx soltou Maddy no fundo das escadas, estendeu-lhe a tocha e dirigiu-se a um enorme nicho que havia numa parede. Puxou uma alavanca e, com um ruído metálico, uma corda começou a soltar-se da roda.

A tocha apanhou a sombra de uma enorme massa que descia e iluminou os dois imensos candelabros de ferro que baixavam lentamente desde as alturas. Quando estavam ao seu alcance, Jervaulx voltou a puxar a alavanca, pegou na tocha e acendeu todas as velas dos dois candelabros. Lentamente, o enorme vestíbulo começou a resplandecer e iluminou-o também a ele. A sua pele nua refulgia com um brilho dourado e o cabelo era tão negro como os recantos mais profundos da divisão.

Por fim, recuou um passo e ergueu a tocha. Um deus pagão no meio do vestíbulo nu.

– Melhor? – perguntou.

Bastante antes disso, Maddy já começara a sentir-se muito, muito tola.

– Oh, sim – respondeu num fio de voz. – Obrigada.

Devil começou imediatamente a ladrar e precipitou-se atrás de uma sombra que saltou da galeria dos trovadores para uma mesa do vestíbulo. Correram ambos pelo chão até que o gato tigrado deu um enorme salto e desapareceu por um nicho da lareira no exato momento em que *Devil* estava prestes a alcançá-lo.

– O fantasma – disse Jervaulx.

Um criado jovem e assustado em mangas de camisa surgiu numa das passagens arqueadas que havia sob a galeria. O duque olhou para ele.

– Afugentamos... espetros – disse. Quando o criado entrou, estendeu-lhe a tocha. – Apaga-as. As velas... de manhã.

O criado pegou na tocha e fez uma vénia. Jervaulx aproximou-se de Maddy.

– Obrigada – disse ela. – Foi uma tolice minha. Talvez... seja melhor ir para o meu quarto.

Jervaulx agarrou-a pelos ombros e virou-se na direção da escadaria que conduzia ao quarto dele. Os cães ultrapassaram-nos, a correr.

Maddy pensou na galeria escura e em todos os recantos e escadas que havia entre si e os aposentos da duquesa viúva. Pensou nos passos que ouvia. Não acreditava em fantasmas mas, num lugar como aquele, era muito bom poder contar com dois cães e um homem grande, vigoroso e muito substancial a acompanhá-la por aquelas passagens reverberantes.

Fantasmas. Christian entrelaçou as mãos atrás da cabeça enquanto sorria na obscuridade do quarto de vestir. A Qu'ridaMaddy – a sua primorosa, reta e prática Qu'ridaMaddy – tinha medo de fantasmas.

Claro estava que o castelo de Jervaulx os tinha. Um sem-número deles. Fora preciso mentir muito para a acalmar. O favorito de Christian era o mastim que aparecia a dormir em frente da enorme lareira do vestíbulo no dia de Natal. Ele mesmo o vira, quando James ainda era vivo, numa noite fria depois da missa. Pensaram tratar-se de um cão vagabundo que tivesse passado pelos portões do castelo mas, quando o chamaram, o mastim levantou-se, espreguiçou-se, correu um pouco e desvaneceu-se através dos painéis de madeira talhada do espaço sob a chaminé.

Segundo a lenda, o cão obtivera aquele lugar de honra junto à lareira por salvar o filho do dono do castelo de se afogar, e aparecia como guardião, um sinal de que a senhora do castelo em breve teria e criaria em segurança outro filho. Christian julgava que a história era demasiado rebuscada e indigna de qualquer aparição séria. No entanto, a sua irmã Katherine nascera no ano a seguir e, aos 25 anos, continuava viva e num perfeito estado de saúde, ao contrário de outros três irmãos e de duas irmãs, que não haviam sido tão afortunados. Christian suspirou ao pensar em James. E em Clair, e em Anne, e no doce William Francis. A mãe tivera motivos de sobra para se voltar para o fanatismo religioso. Talvez devessem pendurar uma perna de cabrito para incitar o fantasma do cão a aparecer com maior frequência.

Não falara a Maddy do mastim. No seu relato, deixara escapar apenas uma pequena verdade – que, por cima do quarto da duquesa, ficava a Galeria do Guardião Negro. Nem sequer precisou de lhe contar a história; percebeu que o mero nome bastava.

Christian sorriu. A partir daquele momento, Maddy ficaria consigo.

Maddy aconchegou-se na cama do duque. Vestia apenas o camiseiro de algodão, já que não tinha ali uma camisa de dormir, mas, apesar disso, sentia-se quente e segura. *Devil* e *Cass* estavam deitados aos pés da cama e, de vez em quando, suspiravam.

Por mais confortável que se sentisse, não conseguiu adormecer de imediato. Havia várias almofadas e experimentou todas até encontrar aquela que tinha a certeza de que era a de Jervaulx. Deitou-se sobre ela para inspirar o cheiro dele.

Algures entre a severa Archimedea Timms e a entrega total e licenciosa aos prazeres carnais, existia alguém que era uma novidade para si. Alguém que gostava de vestidos bonitos e cheios de cor, de massagens nos pés e de beijos. E de uma almofada que retinha a presença do homem que dormia no quarto ao lado, suficientemente próximo para a acudir no caso de se ver ameaçada pelo Guardião Negro.

Assim protegida, o medo transformou-se gradualmente num tremor delicioso – numa desculpa para recordar a força com que ele a segurara quando ela irrompera pelo quarto, a fugir do corredor. Não havia fantasmas. Jervaulx garantira-lho.

Devil rosnara a um gato e o duque iluminara todo o salão e desfizera-se dos espetros com a sua sólida e resplandecente realidade, o corpo recortado à luz da tocha, contra a chama incandescente de duzentas velas.

Esforçou-se por ouvir a respiração no quarto contíguo. Mas é claro que a porta estava fechada – ou quase, pois Jervaulx deixara uma fresta aberta. Apesar disso, Maddy ouvia apenas os cães a respirar.

Olhou para cima, para a escuridão e, de repente, fez algo espantoso.

Afastou as mantas, levantou-se e desceu daquela alta cama. O rescaldo dos carvões na lareira desprendia uma cor que não iluminava o que quer que fosse, mas Maddy conhecia o caminho até à porta do quarto de vestir. Descalça, avançou com cuidado, às cegas.

Sentiu a parede e a ombreira da porta. Deteve-se e sussurrou pela fresta entreaberta:

– Jervaulx?

Disse-o numa voz tão baixa que, se ele estivesse a dormir, não acordaria. Mas Jervaulx respondeu de imediato:

– Qu'ridaMaddy?

Ela respirou fundo.

– Estou... – Não podia mentir e dizer que ainda tinha medo. – Estou inquieta.

Isso já se aproximava o suficiente da verdade. Tremia de frio e nervosismo, ali parada.

Ouviu a cama de Jervaulx a ranger. De repente, a porta escorregou-lhe dos dedos e ele apareceu, como uma sombra quente. Tocou-lhe, procurou-lhe o braço e puxou-a para si.

– Susto?

Maddy não respondeu, mas abraçou-se a ele com maior intensidade. Jervaulx continuava nu da cintura para cima, o que fez com que Maddy se sentisse culpada por não se ter ocupado devidamente dele.

Era um beijo o que ela queria, e ele beijou-a – leve e suavemente, com a língua a provar-lhe os lábios.

– Contigo? – perguntou-lhe, pressionando o corpo contra o dela e encaminhando-a de volta para o quarto principal.

Maddy afastou-se, pois não tinha a certeza do que queria para além daquele fraco pretexto, daquela desculpa para se entregar a beijos carnais. Ele manteve-se perto dela sem lhe tocar.

– Assustada? – perguntou, a oferecer-lhe uma justificação fácil. – Queres... eu ficar... contigo?

Maddy voltou a estremecer, o que fez com que ele se risse.

– Minha pobre Qu'ridaMaddy. Vem.

Ele estava tão quente, exposto e suave quando a abraçou – o ombro dele, a pele dele contra a sua face. Quando Jervaulx a encaminhou para a cama, acompanhou-o. Naquela penumbra, ele conhecia melhor o caminho. Quando chegaram à cama alta, Jervaulx virou-se e sentou-se. Os cães moveram-se, fungando para cheirar Maddy, enquanto Jervaulx lhe dava a mão e a fazia subir para a cama.

– Fora – ordenou-lhes o duque num tom firme, o que fez com que os animais se retirassem para os pés da cama.

Maddy viu apenas a silhueta indefinida de Jervaulx a mover-se contra os lençóis enquanto se instalava na cama. Soltou um suspiro de prazer.

– Quente aqui... *tu*... Qu'ridaMaddy.

Ela continuava sentada entre os lençóis, nervosa e hesitante perante a volta que as coisas tinham dado, ultrapassando as suas intenções. Jervaulx segurou-a e fê-la deitar-se a seu lado. Pareceu envolvê-la completamente. As costas dela ficaram comprimidas contra ele, a perna dele erguida no nicho formado pelo joelho dela. Ele inclinou-se sobre ela e beijou-lhe o ombro e o pescoço.

Baixou-lhe a manga da camisa e os dedos deslizaram-lhe sobre a pele na direção do peito. Acariciou-lhe a orelha com a língua, muito perto do cabelo. As carícias mostravam uma intencionalidade clara e uma decisão firme.

– Disseste... – Maddy quase não tinha voz. – Aceitaste...

Todos os movimentos se detiveram de imediato. Ele pousou uma mão sobre o braço dela e soltou uma resmungadela suave. Enterrou o rosto no ombro dela durante um instante e, de seguida, deixou-se cair de costas sobre a cama.

Maddy fitou a escuridão. Sentia-se aliviada mas, ao mesmo tempo, frustrada, assustada por coisas que não eram fantasmas.

De repente, ele voltou a envolvê-la nos braços e apertou-a com muita força enquanto esfregava a face contra o cabelo dela. Maddy mantinha-se de costas viradas para ele. Chocada, apercebeu-se de que Jervaulx nada tinha vestido e de que se encontrava num estado de excitação animal.

Ele abrandou o abraço impetuoso. Com um suspiro profundo, limitou-se a embalá-la, um braço por baixo da cabeça dela, um calor intenso contra a face.

Mantiveram-se assim durante muito tempo.

– Jervaulx... – chamou-o ela na escuridão.

– Meu nome. – O hálito dele aquecia-lhe o pescoço. – Christian. – Inclinou-se mais para ela. – Minha mulher.

Maddy sentiu-se culpada e envergonhada. Não fora ele a exigir que o casamento não se consumasse. Não fora ele quem se levantara a meio da noite e a procurara.

Jervaulx não fez mais nenhum movimento, nem lhe pediu nada. Limitou-se a ficar ali, cheio de paixão, a abraçá-la.

Maddy sabia o que tinha feito. Já cedera à debilidade da carne. Passara a decisão final a Jervaulx e ele, como homem de palavra que era, mantivera-se mais fiel à sua promessa do que ela à sua verdade.

A haver um momento, pensou Christian, para os seus iguais questionarem a sua sanidade, nenhum melhor do que aquele, se pudessem vê-lo a abraçar a mulher que tomara por esposa, a desejá-la ardentemente depois de dias de contactos provocantes – e não chegar a consumar o ato.

Era uma escolha. Sentia o cheiro doce do cabelo dela, sentia-lhe as curvas do corpo, toda a suavidade juvenil e delicada debaixo do linho – e todo o seu sangue corria com erotismo, enquanto as batidas do coração repetiam «minha, minha, minha» uma e outra vez.

Desejava-a, mas queria mais do que penetrá-la. Queria possuí-la por completo.

E ela também o queria. Christian sentia-o: ela não se afastava, não demonstrava qualquer animosidade. Ele sabia muito bem distinguir quando uma mulher lhe era hostil e quando se fingia indignada – e aquele caso não era nem uma coisa, nem outra. Era apenas um verdadeiro inferno. Pensar que podia dar-lhe todo o prazer para o qual a conduzira naqueles últimos dias... Que ela tivesse conseguido chegar ao ponto de ir procurá-lo e deixá-lo deitar-se a seu lado – algo que ele considerava ter todo o direito de fazer.

Todo o direito.

Para o inferno com a religião e os Amigos dela. Ter-se-iam comprometido perante um Deus diferente? Casara-se ela com algum infiel? Um xeque com duzentas esposas?

Ele era apenas um homem com uma ideia bastante clara de que pecados cometera. E querer ter uma verdadeira união com a sua própria mulher não era um deles.

Ela era sua mulher. Era sua.

Abraçou-a mais e encostou o rosto ao dela.

– Diz... quando querer que pare – disse-lhe com uma voz abafada. – Diz... que não querer.

A chama que ardia em Maddy era lenta e profunda – ele ia avivá-la com o fogo que existia dentro de si; ia provocar um incêndio que arrasaria cidades, catedrais, castelos e simples casas de assembleias – e deixaria um mundo em que apenas restariam ele e ela, aquela cama e uma única carne.

*

Maddy reparou na mudança mesmo antes de Jervaulx ter falado. Sentiu o corpo dele a ficar mais tenso e agitado, os músculos do braço a moverem-se debaixo do seu queixo. E depois ele desafiou-a a dizer-lhe.

Diz... quando querer que pare.

Ergueu-se por cima dela e aproximou o rosto do seu.

Diz: deixa de me beijar, trava este sussurro de sensações, o toque da tua boca no meu pescoço. *Diz*: deixa de mover o corpo e fazer deslizar as mãos para cima e para baixo, essas palmas que me acariciam os braços.

Maddy não era capaz de o dizer. Não era.

Diz que pare, porque conheço o teu rosto tão bem, até às escuras, os teus olhos que me olham com surpresa e arrogância. São azuis – escuros como nuvens que cruzam as estrelas; riem sem palavras.

Chega. Para agora.

Mais não, mais não, enquanto ele continuava erguido por cima dela a percorrer-lhe com um deleite ardente o queixo, os lábios, as têmporas e as pestanas.

Uma excitação provocante, perigosa. Oh... Faz com que as minhas mãos deixem de segurar o teu rosto entre elas, que te puxem para mim para que me beijes, a tua boca na minha, profunda e apaixonada.

Para; não pode ser. É impossível, somos um acidente no tempo e no espaço, dois mundos que colidiram. Para – és tão pesado mas ao mesmo tempo tão doce... Tão perverso e seguro de ti mesmo, beijos no queixo, na garganta e mais abaixo.

Diz que pare...

Agora – antes que ele lhe levantasse o camiseiro, pele nua contra pele nua, a mão dele na sua coxa, a deslizar-lhe pela anca, pela cintura. E dura contra ela, a ereção – dedução e teoria a transformarem-se em realidade. Vira crianças nascer; tratara de homens doentes; ouvira, calada e impávida nas Assembleias, as mulheres casadas a falarem livremente das suas intimidades. E isso só a deixava curiosa quanto ao que não diziam.

Mas nunca o teriam dito, nunca em voz alta. Aquilo não, a língua dele na ponta do seu seio, a desenhar círculos que o retesavam. Aquilo não, a mão dele na anca dela, a puxá-la contra ele ao mesmo tempo que lhe mordiscava o mamilo. Maddy abriu as mãos nos ombros dele e gemeu ao mesmo tempo que se arqueava com ele.

Ele respondeu com outro gemido ao apertar o corpo contra o dela. A seguir, afastou-se um pouco e, com o indicador, percorreu-lhe o torso, a barriga, os recantos mais íntimos de Maddy.

Para, oh, para – não percorras o mesmo caminho com a boca, nem me beijes nem sintas o meu sabor – oh, por que tens de dominar tão bem estes prazeres carnais, e por que me mexo e contorço incendiada sob o teu corpo?

Maddy arquejava com aquela tortura indecente. Cravou-lhe os dedos na pele, pressionando-a e puxando-a, suplicando-lhe que parasse, em silêncio, *deixa de me beijar, para agora, mas quero, quero, quero...*

Ele não parou; respondia ao corpo dela, porque todo o corpo de Maddy gritava que sim. Os dedos dele deslizaram até ao interior dela, estranhos e lascivos, uma pressão ardente. Voltou a pousar a boca sobre o peito de Maddy.

Uma sensação irracional espraiou-se por ela. Um som promíscuo saiu-lhe da garganta, um som animal. Aquela exploração profunda a que ele a submetia era, simultaneamente, dor e luxúria e, ele, o seu marido, abria passagem para descobrir mais dela, para lhe arrancar da garganta gritos suaves de rendição.

Para... por favor... para.

Jervaulx ergueu-se sobre ela. Maddy estava aberta a ele. Devia dizê-lo agora, dizer mais não, dizer não te quero, não quero ter-te, tens de ir e deixar-me.

Ele penetrou-a, mais uma dor deliciosa e ardente; o seu marido – todo calor e fogo sombrio. O marido perverso, que tão bem conhecia as corrupções do mundo, que a apertava com força e a cobria de beijos enquanto continuava a abrasá-la, que estendia o corpo belo sobre o dela e a penetrava com mais força, a provocar-lhe uma dor que abrandava e voltava a aumentar, mais dor e ainda mais, até que ela gritou angustiada.

– Oh, não... – murmurou ele enquanto lhe beijava a boca. – Não, não, minha doce Maddy, não...

A voz de Jervaulx também lhe parecia quebrada pela dor. Respirava suave e rapidamente, e deixava-lhe carícias delicadas como asas de borboleta sobre os olhos e faces. Manteve-se em cima dela, completamente dentro dela, à espera com um tremor débil nos braços.

Maddy arquejou. Os músculos tensos demoraram a aperceber-se de que aquela dor lancinante desaparecera.

Soltou um suspiro longo. Como se fosse um sinal, Jervaulx beijou-a com a mesma força e carnalidade com que se apoderara do corpo dela.

Voltou a mover-se dentro dela, renovou a dor. Os dedos de Maddy apertaram-lhe os braços, alarmados. Ele sussurrou algo, mas ela não percebeu; ele falava para si mesmo, tocava-lhe com a língua, sugava-lhe a pele como se assim a pudesse atrair para a boca dele enquanto se impelia no interior do corpo de Maddy.

Doía, mas era uma dor que se perdia naquele movimento sensual. A penetração ardia-lhe tão profundamente que lhe provocava um enorme prazer. Maddy envolveu-o nos braços para receber mais. Ele gemia ao mesmo tempo que sacudia a cabeça, erguendo-a a cada investida. Jervaulx parecia cada vez mais atormentado, como se ela não estivesse suficientemente perto dele; queria-a ainda mais perto, queria que se fundissem num único corpo. Arqueou-se mais, com um som que lhe estremecia no fundo do peito – um embate longo e vibrante, um tremor intenso no mais profundo do interior de Maddy – e ela sentiu-o, tão dentro de si quanto seria possível, a inundá-la com a sua vida.

Maddy abraçou-o e manteve-o firmemente unido a ela, enquanto ele estremecia uma e outra vez. Mal conseguia abarcar-lhe os ombros, já que ele era muito maior do que ela mas, apesar disso, ele deixou cair a cabeça e pousou-a contra o pescoço dela como se fosse uma criança carinhosa.

– Maddy – disse a arquejar –, fazer-te... feliz. Juro.

Ela acariciou-lhe os ombros e as costas. Sentia as batidas do coração dele. Ele tornou a estremecer e juntou-se ainda mais a ela.

– Vou fazer-te feliz – repetiu.

Ela mordeu o lábio e encostou a cabeça à dele.

Ele virou-se e olhou-a intensamente.

– O Guardião Negro não te apanhará – disse-lhe numa voz abafada.

Para. Oh, para, diz-lhe que pare, mas já é demasiado tarde.

Já é demasiado tarde. Porque, Deus me perdoe, amo-te mais que à própria vida.

Maddy abriu os olhos à luz da manhã e ao abraço quente de Jervaulx. Ainda tinha o cabelo preso nas duas tranças que fizera no dia anterior.

Permaneceu imóvel, a sentir o peito dele a subir e a descer suavemente.

O seu marido. Já não haveria anulação.

Quando se virou, viu que ele já acordara e estava deitado de lado, com o olhar perdido nalgum ponto muito para além dela. À luz fraca que atravessava as cortinas, o cabelo de Jervaulx espalhava-se num negro intenso sobre a almofada. A expressão do rosto era séria e o maxilar estava ligeiramente contraído.

Deixou de contemplar algo na distância, olhou-a. Nenhum dos dois falou. A mudança radical, o profundo abismo existente entre o dia anterior e aquele dia estava ali, presente entre ambos.

Jervaulx afastou-se dela e suspirou, enquanto cruzava as mãos atrás da cabeça. De seguida, olhou-a de lado.

– Arrependida?

Aquela única palavra era um desafio. Maddy procurou interiormente sinais de arrependimento, ou de ira, ou de culpa. Não encontrou nenhum. Encontrou apenas uma certa consternação por ter cedido a semelhante fraqueza. Apenas uma noção crescente da enormidade daquilo que fizera.

– Quebrei... o pacto – disse ele.

– Não te pedi que parasses – replicou Maddy, o que era verdade.

Ele voltou a deitar-se de lado. Os seus olhos azuis contemplavam-na.

– *Esposa.*

Uma presença muito real, até o contorno na cama que a afundava, fazia com que Maddy deslizasse para junto dele. O joelho dele tocava-lhe a parte superior da coxa, onde ninguém a tocara a não ser ela mesma.

– Sim – respondeu Maddy num sussurro. – Sou mesmo tua esposa.

Jervaulx sentou-se na cama, puxou a roupa para trás, e expulsou os cães do lugar onde se encontravam. Maddy observou-o enquanto atravessava aquele quarto sumptuoso, tão gracioso e bárbaro como as tapeçarias e os quadros. Tinha a pele manchada pelo sangue dela. As cortinas restolharam quando as abriu de par em par. Uma luz intensa inundou o quarto e a claridade delineou a silhueta dele. Embora o quarto fosse elevado, a única coisa que Maddy conseguia ver do outro lado do vidro era luz e céu.

Jervaulx apoiou um braço no peitoril da janela. De seguida, olhou para ela e sorriu.

– Minha mulher – repetiu. – *Bom.*

Permaneceu ali, descontraído, uma silhueta meio obscurecida perante a claridade intensa.

Sua mulher.

Maddy pestanejou e desviou os olhos, pois observá-lo bastava para os magoar.

CAPÍTULO 25

Sempre sozinha com ele, sem compromissos, Maddy não tentara ainda abordar os serviçais; tinha vivido na casa dele como hóspede, mas nem Lady de Marly, nem o próprio duque consentiriam aquela negligência das suas obrigações durante mais tempo.

– Ele é o duque e a menina, a duquesa dele... comece a fazer o que deve – declarou a tia dele.

Seguindo as instruções desta, Maddy pediu para ver as contas trimestrais e sentou-se com Rhodes e Calvin Sénior para as consultar. Apresentaram-lhe páginas relativas a um semestre completo. Maddy inteirou-se assim, pela primeira vez, de que, embora a ausência do duque fosse justificada perante os criados com uma doença prolongada, Rhodes e Calvin Sénior estavam perfeitamente cientes da natureza da enfermidade. Apesar de a palavra «asilo» nunca transpirar, Maddy teve a impressão de que eles estavam muito preocupados com o futuro e com quem se encarregaria dele. Ambos se mantinham tensos na sua presença, mas sempre cooperantes – e, antes de se retirar, Rhodes perguntou com extrema cautela se existia alguma intenção de fechar o castelo.

– Não sei – respondeu Maddy com sinceridade. – Vou perguntar ao duque. Mas ele parece sentir-se muito bem aqui.

– Peço-lhe, Sua Senhoria, não lho pergunte. Não o faça, deveras! Foi uma pergunta tola – disse Calvin Sénior, enquanto olhava severamente para a colega. – Mrs. Rhodes, que conversa mais absurda. Por que haveria Sua Senhoria de fechar o castelo?

Rhodes aceitou a recriminação num silêncio contraído.

Maddy decidiu que o melhor seria ir direta ao assunto.

– Talvez tenham ouvido dizer que se põe em questão a capacidade do duque para gerir os seus negócios?

– Não ouvimos coisa alguma, Sua Senhoria, exceto que o duque estava doente – respondeu Calvin Sénior, mentindo com todos os dentes.

– É verdade que esteve doente. Também é verdade que, dentro de alguns meses, haverá uma audiência para avaliar se ele é incapaz.

Ambos a fitaram com uma expressão estoica.

– Achas que parece incapaz? – perguntou Maddy ao mordomo.

– Claro que não, Sua Senhoria.

– Ele não consegue falar muito bem – replicou Maddy.

– Claro, já me apercebi disso. Mas ele não me parece senão capaz.

Maddy concluiu que aquela afirmação resultava mais da cortesia que da sinceridade mas, pelo menos, demonstrava a lealdade do mordomo.

– Sim – disse. – Se forem pacientes, lhe derem tempo e lhe prestarem atenção quando fala, vão perceber que está perfeitamente capaz.

– Muito bem, Sua Senhoria.

– Fico com os livros para os continuar a rever – disse Maddy e aproximou-os de si. – E peço-vos que informem todos os criados de menor categoria que ninguém se me deve dirigir por «senhoria», mas apenas por «minha senhora». Sou... fui criada segundo os princípios da Sociedade dos Amigos, e esse tratamento incomoda-me.

– Minha senhora, Sua Senhoria?

– Minha senhora – afirmou Maddy, cortante. – Apenas isso.

– Posso pedir-lhes que se lhe dirijam por «madame» – sugeriu Calvin Sénior –, já que está mais em consonância com a reputação da casa?

Maddy olhou-o fixamente nos olhos.

– Eu creio que a reputação da casa será mais salvaguardada pelo comportamento daqueles que a habitam do que pelo modo como se dirigem a mim. – Apercebendo-se de imediato do tom de superioridade moral que se poderia atribuir às suas palavras, mordeu o lábio e acrescentou: – Não fingirei que sei orientar uma casa como esta. É claro que preciso da vossa ajuda e conselho. Mas... não vos mentirei e espero também não me mintam. O duque corre um grave risco de ser declarado incapaz. Se isso acontecer, não posso garantir o que acontecerá depois. Assim, talvez ninguém vos critique se decidirem não me obedecer agora. Mas como sou... como sou mulher dele, devo fazer o que me corresponde e do modo que considere mais adequado.

– Sim, minha senhora – disse Rhodes. – Ouvimos muitas coisas acerca de Sua Senhoria, e a verdade é que é preocupante. Pela minha parte, agradeço-lhe a franqueza. É melhor sabermos o pior que pode acontecer do que continuarmos na ignorância e a imaginar todo o tipo de coisas.

– Assim é. Obrigado... minha senhora. – Calvin Sénior proferiu aquela forma de tratamento inferior como se fosse uma fórmula estrangeira difícil de pronunciar, mas proferiu-a.

Maddy tivera aquela reunião sozinha com os criados, no toucador da duquesa, mas de seguida Lady de Marly sentou-se na sala de estar com ela para avaliar a exatidão e a necessidade dos gastos. O último trimestre que fora revisto tinha anotações do duque por toda a parte, a maioria das quais instruções a Calvin Sénior acerca das reparações nas canalizações. Os gastos daquele lugar eram exorbitantes. Havia um lenhador e cinco guardas florestais. Remadores, faroleiros, dezasseis criadas de quarto, três carpinteiros, um estofador e alguém identificado como «homem do gongo». Só o dispêndio em velas deixou Maddy atordoada. Sentiu-se culpada por Jervaulx ter acendido tantas para espantar os fantasmas do vestíbulo.

Maddy e Lady de Marly concordaram de imediato que a quantidade de cerveja consumida nos alojamentos da criadagem era excessiva para uma casa sem visitas regulares, com Maddy a calcular a custo a quantidade necessária para o enorme número de serviçais. Porém, quando se opôs às treze libras para o pó das perucas dos lacaios e criados de quarto, Maddy viu-se de imediato confrontada com as ideias de Lady de Marly acerca da retidão moral e da virtude.

– Trata-se da reputação da casa – afirmou esta para encerrar o assunto.

– Ainda assim – alegou Maddy –, não me parece que seja necessário manter esse costume exceto em ocasiões especiais e quando houver convidados.

– Não sabe nada dessas coisas, criança insignificante. Pareceriam descuidados sem o pó.

– Vou incluir uma nota a dizer que têm todos de andar de cabelo lavado e curto.

Maddy escreveu uma nota, do mesmo modo que o duque o fizera, e incluiu-a no livro.

– Tolices! Têm de empoeirar o cabelo!

– Em ocasiões especiais e quando houver convidados presentes – leu Maddy, tomando nota.

– Ah, a menina é dessas...

Maddy olhou para Lady de Marly com uma expressão interrogativa.

– Uma dessas raparigas calmas e de voz doce que teimam e continuam obstinadas, independentemente do que se lhes diga.

Maddy sorriu ligeiramente.

– Não. Creio que por natureza sou mal-humorada e dominadora, como tu. Mas aprendi com o meu pai que uma obstinação silenciosa é o necessário para contrariar esse tipo de personalidade.

– Eu, mal-humorada? Como se atreve? Grande impertinência!

– Tia... orgulho nisso... – disse Jervaulx ao entrar, vindo do quarto.

– Diz a esta tonta teimosa que o cabelo dos homens tem de levar pó.

Jervaulx ficou a olhá-la.

– Homens... quê?

– Pó para o cabelo dos criados – explicou Maddy. – No último trimestre gastaste treze libras nisso.

– Uma miséria – afirmou Lady de Marly. – Têm de pôr pó. Pensa no teu prestígio, Jervaulx.

– Poderiam pô-lo apenas em ocasiões especiais – disse Maddy – e quando houver convidados.

– Os convidados podem apresentar-se a qualquer momento. E vêm pessoas visitar o castelo sem aviso prévio. A menina não compreende o que acontece numa casa desta envergadura. Jervaulx, sugiro que metas imediatamente a tua mulher na ordem.

Ele olhou as duas com uma expressão astuta, como se se encontrasse perante uma controvérsia profunda.

– Salomão – disse, por fim, e fez um corte vertical com a mão. – Metade pó... a outra metade não.

Maddy fez a contagem.

– São sete. Não se podem dividir em duas partes iguais.

O marido nem pestanejou.

– Pó... em metade da cabeça.

Maddy hesitou por instantes e desatou à gargalhada. Christian observou-a, encantado. Ria-se sempre como nunca antes tivesse desfrutado disso, como se o próprio ato de se rir a surpreendesse.

Ia mandar pintar o retrato dela. Pensou que Lawrence seria o mais indicado, lamentando com um sorriso interior que Rembrandt já não estivesse disponível. Ela não era bela. Era como aquele pequeno quadro – um instante, uma expressão fugaz –, que ele gostaria de captar naqueles momentos em que a convencia, quando ela erguia as pestanas sedutoras e a compostura reta dava lugar a outra coisa, quando a promessa se transformava em realidade.

Christian aprendera que comportar-se com naturalidade a descontraía e, a partir daí, o mais eficaz eram as brincadeiras simples. Uma piada tonta conseguia desarmá-la com maior facilidade do que qualquer comportamento galante ou amoroso. Maddy tinha um sentido de humor muito pouco sofisticado. Quanto mais absurda fosse uma piada, maiores as possibilidades de ela a entender. Christian perguntava-se se os *quakers* dela alguma vez ririam.

Tinha outra coisa que ia deixá-la feliz. Mostrou-lhe uma mensagem rabiscada por Durham.

– Pai... a caminho. Talvez hoje.

O rosto de Maddy iluminou-se de alegria nesse instante. Pegou no papel, leu-o rapidamente e fechou os lábios com uma expressão preocupada.

– Oh – exclamou –, o que irá pensar?

– Pois deverá pensar que a menina se desenvencilhou prodigiosamente bem – disse a tia Vesta, mal-humorada.

– Não devia ter-me casado sem a autorização dele. Não devia ter agido por conta própria – disse com uma voz que mostrava indícios de pânico.

Christian observou as emoções contraditórias que bailavam no rosto dela.

– Vai... estar... zangado?

– Não, não. Nunca se zanga. Vai ficar apenas... vai ficar muito calado! Vai fazer-me chorar, pois devia ter-me portado melhor.

– Melhor? – exclamou Lady de Marly. – Mas se conseguiu o melhor partido do país, rapariga! Eu mesma me encarregarei de lho dizer, se é que ele ainda não o sabe.

Maddy limitou-se a amarrotar a carta entre as mãos. Christian virou-se para se retirar para o quarto mas, ao chegar à porta, deteve-se.

– Qu'ridaMaddy – disse –, eu desposo-te. Não... esqueças.

Olhou-a nos olhos. Não lhe ia suplicar lealdade. Fizera-a sua, tanto pela lei como pela posse física. Era sua.

Só esperava que Durham tivesse tido uma conversa convincente com Timms.

*

Maddy desejara com todas as forças ver o pai e, quase com as mesmas forças, desejava agora dispor de mais tempo antes de o ver. Devia ter-lhe escrito, ter-lhe dado alguma explicação. Temia o encontro que se avizinhava.

E, no entanto, quando Calvin Sénior anunciou que uma carruagem se aproximava do castelo, correu até à casa do guarda e daí viu o veículo a entrar no primeiro pátio.

– Paizinho! – gritou da janela ainda antes de o cocheiro ter detido completamente os cavalos. – Oh, paizinho!

O pai estava acompanhado por Durham, que saiu primeiro da carruagem e o ajudou a descer. Mr. Timms pisou cuidadosamente os degraus e parou em frente dela, embrulhado num casaco de peles que o diminuía e lhe dava uma aparência frágil de passarinho.

– Minha querida Maddy – disse com grande afeto.

Nesse momento, Maddy soube que ele pelo menos se sentia satisfeito por se reunir a ela. Lançou-se nos braços dele e abraçou-o com força.

– Oh, fizeste-me tanta falta. Fizeste-me tanta falta.

Ele beijou-lhe a face, segurando-lhe nas mãos.

– Minha querida Maddy – repetiu, como se fosse a única coisa capaz de dizer. Recuou um passo e acariciou-lhe o rosto enquanto esboçava um ligeiro sorriso. – Que fizeste?

Maddy abanou a cabeça.

– Paizinho, eu... – disse, mas não conseguiu continuar. Apertou-lhe as mãos com muita força. – Nada vai mudar! – exclamou. – Vais viver connosco, o Durham não te disse? É... oh, paizinho, quem me dera que pudesses vê-lo. É um castelo, com torres elevadas e um salão tão grande como uma igreja. Não sei... não sei o que fiz! Só sei que me mandaste ficar com ele e eu te obedeci, e é este o resultado.

O pai deu-lhe umas palmadinhas.

– A verdade, Maddy, é que não te mandei fazer nada. Nunca o faria. Perguntei-te em Chalfont Giles

se te era muito difícil ficar, e respondeste que não podias abandoná-lo.

– Sim, mas a tua mensagem...

– Não nos demoremos – atalhou Durham. – Está demasiado frio cá fora, não lhe parece, duquesa? Vamos... ah, aí vem o Shev. – Jervaulx aproximava-se deles, atravessando o pátio de gravilha. Durham pegou-lhe no braço pelo cotovelo para o cumprimentar. – Como estás, meu amigo? Santo Deus, já és um homem casado.

Jervaulx pegou na mão do pai de Maddy e rodeou-a com as suas.

– Timms, bem-vindo. Entre... frio.

Maddy deu por si a seguir os dois homens que flanqueavam o pai. Correu para os ultrapassar.

– Há alguns degraus, paizinho. Dois lances largos. Aí, é aí que começam. – Com passos sobre pedra a ecoar, Jervaulx e Durham ajudaram o pai de Maddy a subir os degraus. – É uma visão formidável – prosseguiu ela, subindo ao lado dele. – Esta escadaria deve ter uns cinco metros de largura, está coberta por arcos e tem colunas junto à entrada. Lá no cimo, há uma enorme porta antiga e um lacaio que a mantém aberta para nós.

– Com... *pó* – acrescentou Jervaulx com firmeza.

– De momento não há problemas com o Timms – disse Durham depois do jantar, enquanto Christian e ele bebiam um porto, sozinhos na biblioteca. – Disse-lhe que foi um casamento-surpresa por amor, que se deixaram levar por isso. Achas que ela lhe vai dizer alguma coisa que contradiga as minhas palavras?

Christian refletiu durante alguns instantes. Pensou em Maddy nua na cama, em fantasmas e numa repentina gargalhada tímida. Pousou o punho sobre a mesa e levantou o polegar.

– Ah. Está tudo a correr bem, então? – aventou Durham. – Bem, também não fui muito concreto nos pormenores, e não acredito que ele vá comparar versões. Só queria ter a certeza de que ela estava a salvo.

– Não zangado... com casamento?

Durham levou um pedaço de queijo à boca e limpou os dedos.

– Está um pouco desorientado com tudo isto. Também não fala muito, nem faz demasiadas perguntas. É um bom homem. E não é nenhum tonto, apesar do chapéu que usa. Só queria saber se as tuas intenções com a filha eram honradas. Não me parece que se importe muito com o resto. Não falou de dinheiro, nem de dotes. O que se passa é que gosta de ti. Pensa que és um grande génio.

Christian soltou uma resmungadela irónica.

– Um grande... imbecil.

– É mais que óbvio que estás melhor do que da última vez em que te vi. Quase como novo. – Durham levantou o cálice de porto. – Tudo isto passará. Só pode. A única coisa que espero é que, depois, não olhes para trás e te arrependas de teres feito as coisas como fizeste.

– Como *novo*? Achas?

– Bom, basta ouvir-te. Não tarda vais voltar a adormecer tudo e todos na Câmara dos Lordes.

Christian tentou imaginar-se a falar de novo na Câmara. O pulso acelerou-se-lhe.

– O ministro... não conseguir. – De súbito, tudo se bloqueava. A simples ideia de falar em público fazia com que perdesse a capacidade de articular palavras. – Raios! – exclamou, e afastou-se da janela. Deteve-se em frente das estantes e, agarrando-se a duas colunas, olhou para os volumes

encadernados a pele e ouro, os títulos em latim alinhados entre elas. De seguida, apoiou a testa contra a borda de uma estante. O cheio a mofo dos livros antigos chegou-lhe ao nariz e a madeira cravou-se-lhe na cabeça. – *Não conseguir!*

Durham manteve-se calado. Christian continuou, durante um bocado, de costas para ele até que, depois de respirar profundamente, se afastou e se virou.

– Medo – disse, enquanto sacudia a cabeça de um lado para o outro e se afundava numa poltrona. – Medo... nunca... Durham.

– Não acredito. Caramba, Shev, recuso-me a acreditar. Olha onde já chegaste!

– Chegaste – repetiu Christian, irónico. – Ouvir-me.

– Tens de continuar a tentar. Se calhar se arranjasses... uma espécie de tutor...

– A minha cabeça. Foi-se! Tento... tento... e não. Tento... e pior. Percebes?

– E então, o quê? Vais-te enterrar neste lugar durante o resto da vida? Não pode ser, Shev. Vão intrometer-se e obrigar-te a sair da toca. Há demasiado em jogo. O Manning passa o dia com a tua mãe, sabias?

Christian apertou os braços da poltrona com força. Manning, marido da sua irmã Charlotte, que aguardara acompanhado por advogados e homens com peruca naquela sala. A vigiá-lo, à espera do momento de o ver acorrentado e destituído.

Um violento acesso de fúria, misturado com vergonha e medo, apoderou-se de si e emudeceu-o. Apertou ainda mais a madeira do braço da poltrona, até lhe doer a mão.

– Uma nova... *audiência* – conseguiu dizer, por fim, com toda a calma que conseguiu reunir.

– É disso que estão à espera. Fui vê-lo para fazer uma ideia de como estavam as coisas e posso-te garantir, Shev, que o sangue se me gelou. Encheram a cabeça desse homem com coisas, como sempre foste inconstante e promíscuo, que se te deixassem ao teu livre-arbítrio levarias as tuas propriedades à ruína, e que o futuro dos teus sobrinhos está em jogo. O pior de tudo é que ele acabou por acreditar. Não vão desistir. E tenho de te avisar que, quando souberam do casamento, foi um sarilho. Joga mesmo a favor deles. Não penses que, só porque ainda não tiveste notícias deles, não as terás.

Christian fechou os olhos. Mesmo que quisesse, não teria conseguido falar.

– Que a Maddy receba um tostão que seja, isso para eles será o mesmo que os esfolarem vivos – prosseguiu Durham. – Farão tudo o que puderem para o impedir.

Christian assentiu.

– Por isso, é melhor não dizeres que não vais ficar bom. Tens responsabilidades, mais não seja para com a tua mulher.

Christian pensou em tudo aquilo. Pensou no que aconteceria a Maddy se o declarassem incapaz e o devolvessem àquele lugar. Anulariam o casamento, isso era óbvio. A família dele nunca consentiria que continuassem casados.

Até ao dia anterior, isso não teria sido um desastre muito grande para ela. Mas as coisas tinham-se alterado...

Viver numa cela de prisioneiro sem saber onde ela estava nem o que lhe tinham feito, sem sequer saber se estava viva. Christian tentou imaginá-lo, e o pesadelo daquele lugar era um abismo ao qual nunca pensara chegar.

Maddy ocupou-se do pai até este se instalar no quarto e, depois do jantar, retiraram-se ambos à

mesma hora. Demorou muito tempo a assegurar-se de que o quarto dele não se enchia de fumo da lareira e de que a cama estava quente.

– Não deves perder tanto tempo comigo, Maddy – censurou o pai com doçura. – O teu marido espera-te.

– Oh, não... tenho a certeza de que o duque não se importa – respondeu ela, ao mesmo tempo que dava por si a corar. – Lady de Marly e o Durham estão com ele.

– Apesar disso, parece-me que te prefere ver a ti. Só estás casada há uma semana.

– Mas podemos aproveitar para falar...

– Vai, minha querida Maddy – disse o pai a sorrir. – Estou cansado e preciso de dormir.

– Mas, paizinho... – protestou ela fracamente.

O pai tapou-se com os lençóis e fechou os olhos. Maddy continuou sentada sem se mexer. Passado um momento, ele virou-se na cama e voltou-lhe as costas.

Maddy chamou um criado para que a acompanhasse pelas passagens escuras e o vestíbulo até à sala de estar. Quando chegou, Durham e o duque já lá estavam a tomar um porto. Durham não se demorou. Quando Lady de Marly anunciou que ia retirar-se, ele levantou-se educadamente e ofereceu-se para a acompanhar.

Maddy ficou sozinha com Jervaulx. No mesmo instante, um recato desesperado apoderou-se de si, uma poderosa noção da presença dele – e da sua. Observou-o a apagar as velas, a deixar unicamente o cheiro intenso a mechas extintas e a luz alaranjada da lareira.

Jervaulx foi para o quarto. A porta estava aberta e o quarto bem iluminado, com candeeiros a óleo, mas Maddy sentia-se presa à poltrona. O pai recusara-se a dar-lhe qualquer opinião acerca do casamento. Maddy não acreditava que o condenasse por completo – pelo menos, não parecia dececionado nem aborrecido com ela –, mas era óbvio que estava inquieto.

Deixou-se ficar na poltrona com as pernas juntas e as mãos entrelaçadas sobre o colo, a agarrar as pontas do xaile.

Jervaulx apareceu na porta em mangas de camisa, uma silhueta recortada contra a luz que emanava do quarto. A iluminação fraca dos restos da lareira mal a deixava vislumbrar-lhe o rosto e a palidez da renda da frente da camisa. Ele encostou-se à ombreira.

Maddy baixou a cabeça e apertou o xaile com mais força. Nada ouviu. Só a sombra de Jervaulx a atravessar a luz que se derramava sobre o tapete lhe indicou que ele entrara na sala.

Parou atrás dela. Começou a soltar-lhe o cabelo, a procurar os ganchos e a deixá-los cair no chão. As tranças libertaram-se. Maddy manteve a cabeça baixa enquanto estas lhe caíam sobre os ombros.

Jervaulx começou a desentrançá-las enquanto ela permanecia imóvel. Desenredou-lhe as extremidades com os dedos e abriu-as, depois utilizou-as para a acariciar como se fossem uma pena, passando-lhas pelas faces e ao longo do maxilar até chegar atrás das orelhas. De seguida, percorreu-lhe o pescoço e afastou o xaile com que Maddy se cobria.

Este escorregou-lhe dos dedos. Com suavidade, as madeixas de cabelo acariciaram-lhe os ombros nus, desenhando círculos e arcos até chegarem à nuca.

Maddy sentiu-o a desabotoar-lhe os botões – conseguia fazê-lo, mas lentamente, a descer um a um ao mesmo tempo que também lhe desapertava o corpete. Maddy baixou ainda mais a cabeça à medida que a roupa se abria. Respirou profundamente.

Jervaulx colocou-se em frente dela e estendeu-lhe a mão. Maddy levantou-se, à espera de que a conduzisse ao quarto mas, em vez disso, ele enfiou os dedos entre o que restava das tranças, para soltar as madeixas ainda entrelaçadas, espalhá-las, penteá-las.

O rosto dele adquirira uma expressão estranha e intensa de seriedade. Não a olhava diretamente. A luz da lareira percorria-lhe as faces e o maxilar, e refletia-se-lhe nas pestanas. Acabou de lhe desmanchar as tranças e estendeu-as sobre ela, como se a cobrisse com um manto.

Pousou-lhe as mãos nos ombros e baixou-lhe o vestido e a roupa interior pelos braços. Maddy murmurou um ligeiro protesto. Ali não, naquela sala em que poderia aparecer qualquer pessoa.

Christian ouviu-a, mas não se deteve. Já nem se recordava da primeira vez que imaginara aquela cena. Maddy com o cabelo solto em ondas fragrantes, a pele pálida a entrever-se. Aquela visão fizera parte do pesadelo mas, agora que a tinha, agora que tinha toda aquela liberdade, sensibilidade e beleza perante si, agora que podia tocar-lhe, ia fazê-lo à luz para que fosse real.

Maddy permaneceu imóvel, enquanto Christian lhe puxava o cabelo para a frente como se fosse um véu a cobrir-lhe o peito. Permitir-lhe-ia aquela defesa que a cobria num dourado intenso, enquanto, por baixo desse véu, lhe puxava a roupa até à cintura, o vestido e o simples camiseiro branco pelos cotovelos e pelos pulsos.

Maddy emitiu outro som como se quisesse opor-se, mas as mãos não levantaram qualquer resistência quando ele as libertou do vestido.

– Isto não está... – começou ela a dizer, mas interrompeu-se ao ficar sem alento, quando Christian lhe posou as mãos sobre o peito nu. – Jervaulx.

– Christian – disse ele enquanto apoiava a testa no ombro de Maddy e lhe aspirava o cheiro. – Com os outros... Jervaulx. Sozinhos... Christian. – Continuou a explorar debaixo da cascata de cabelo até que encontrou um botão ainda preso. Soltou-o e as roupas caíram num monte de seda e linho aos pés de Maddy.

– Ah! – exclamou ela, um gemido de pena excitada.

Sob o cabelo extremamente longo, as meias de Maddy exibiam toda a sua brancura, até chegarem aos sapatos incongruentes de tão robustos que eram. Christian sorriu. A firme Maddy. A lasciva Maddy. Camadas e camadas formavam a primorosa puritana e provocadora Qu'ridaMaddy.

Ajoelhou-se aos pés dela e desabotoou-lhe os sapatos, plenamente consciente do sussurrar do cabelo dela sobre as suas têmporas. Virou a cabeça e beijou-lhe a coxa e o joelho através daquela cascata densa. Rodeou-lhe a perna com as duas mãos e fê-las deslizar para cima e para baixo ao longo das meias de lã, a pressionar a parte traseira do joelho para a convidar a unir-se a ele.

Maddy desequilibrou-se e apoiou-se sobre os ombros dele. Christian pegou num dos pés delicados e arqueados, ainda enfiado na meia mas já livre do sapato grosso. Maddy libertou-se rapidamente e pôs o pé sobre o monte de seda espalhado pelo chão, ao mesmo tempo que afastava as mãos dos ombros dele.

Ele preparava-se para lhe pegar na outra perna mas, nesse momento, ela descalçou-se e tirou a meia sozinha. Durante um instante, Christian viu a ponta branca dos dedos do pé de Maddy mas, a seguir, ela recuou rapidamente enquanto o cabelo se movia em vagas à sua volta.

Christian sentou-se no tapete que se encontrava em frente da lareira, levantou a cabeça e contemplou-a. A cabeleira solta dava-lhe um aspeto virginal e os ombros brilhavam como marfim no local onde o cabelo se abria. Era simultaneamente casta e sedutora, uma imagem viva em ouro e bronze.

– Não olhes para mim! – pediu-lhe num fio de voz.

– Porquê? – perguntou ele sem afastar os olhos.

– Isso é... o que fazem as criaturas.

Christian reclinou-se, e apoiou os cotovelos sobre o escabelo almofadado.

– Tu és... bela criatura.

– Não – sussurrou ela.

– Sim.

– És muito perverso.

– Por chamar... bela? Não dizer... mentira. Não posso mentir, Qu'ridaMaddy. Tu... ensinaste... não mentir.

Maddy cobriu o peito com os braços. Os olhos irradiavam um brilho suave.

E então, de repente, ela caiu de joelhos aos pés dele. Agitou a cabeça, lançou o cabelo para trás e deixou-o entrever a sua nudez. O movimento ascendente e descendente que fazia ao respirar permitiu a Christian vislumbrar-lhe o peito. Sentiu-se profundamente excitado. A imagem virginal caiu como uma máscara. Maddy era uma ninfa de fogo e sombra que se lhe oferecia.

– Não – disse ela. – Não posso fingir. – Avançou uma mão para ele, mas voltou a deixá-la cair. – É que... não sei o que fazer.

Christian poderia tê-la tomado naquele momento, fazê-la cair sobre o tapete junto dele e possuí-la, sem cerimónias, sem prestar importância a nada a não ser a luxúria que o percorria. Poderia tê-la mantido debaixo dele, afundar-se naquela cabeleira e penetrá-la com toda a força, presa do próprio desejo.

Mas ele era o único dos dois com experiência. Ela não o ia admirar pelo modo como adquirira essa experiência; mas não era a falta de desejo que o fazia conter-se. Era a força de uma requintada educação na arte de amar.

– Faz... o que quiseres – disse-lhe.

Maddy hesitou uns instantes, enquanto ele se manteve imóvel, descontraído, a observá-la. Então, inclinou um pouco a cabeça para um lado e o cabelo caiu-lhe sobre o rosto. Pegou numa das botas de Christian. Este sorriu enquanto a contemplava. De imediato, a ninfa sensual desapareceu e deu lugar à prática e simples Maddy de sempre. Soltou-lhe as correias das fivelas, pegou-lhe no pé com as duas mãos e, com um movimento hábil para o lado e para cima, descalçou-lhe a bota com a habilidade de um experiente criado de quarto.

Christian remexeu os dedos do pé à frente dela. Com cuidado, Maddy afastou a bota para o lado. Um instante depois, tinha retirado a outra, arrumando-a junto do par. Avançou um pouco, ajeitou o cabelo, sentou-se sobre os calcanhares e pousou os pés de Christian no colo.

Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto, satisfeito. Mas não queria desperdiçar aquele momento, não enquanto pudesse olhar para Maddy, uma Maddy envolta num cabelo extraordinário, uma Maddy que lhe esfregava os pés como se se tratasse de uma tarefa da maior solenidade. Massajava-lhe os arcos e os calcanhares, detendo-se de vez em quando para lhe virar um pouco um pé, dobrando-o ligeiramente, calculou Christian que para o inspecionar e verificar o trabalho meticuloso que acabara de executar.

Numa dessas interrupções, Christian estendeu o pé e tocou-lhe com um dedo para lhe afastar um pouco o cabelo. Abaixo da garganta de Maddy, um débil feixe de luz iluminava a pele daquela nave de catedral erótica. A noite anterior fora toda feita de tato; naquela, ele via-a na sua totalidade, em

vislumbres e momentos secretos.

Christian afastou o pé e o cabelo de Maddy voltou a cair na posição original, enquanto ela voltava a dedicar-se à massagem séria. Voltou a mexer os dedos para lhe atrair a atenção, já que ela parecia demasiado concentrada no que estava a fazer.

Maddy ergueu a cabeça. Christian afastou os pés do colo dela e, depois de os pousar no chão, olhou-a no meio dos joelhos. Era um desafio. Tinha de avançar ou de se afastar por completo.

– Isto não é justo – disse Maddy num tom queixoso.

– Porquê?

– Tu estás... vestido.

Christian sorriu com complacência.

– És perverso e animal – afirmou Maddy.

Christian inclinou a cabeça e arqueou as sobrancelhas.

– Estás a rir-te de mim!

– Não. – Esticou as pernas, uma de cada lado dela. – Estou... à espera.

– Tenho de te despir? – perguntou ela. – É isso que devo fazer?

Christian aproximou os pés das ancas dela e acariciou-a.

– Queres?

Maddy desviou os olhos e olhou para o tapete que tinha à frente dela. Christian percorreu-lhe a pele nua e o cabelo com os dedos dos pés.

– Não mentir... Qu'ridaMaddy. Queres? – repetiu com extrema doçura. Maddy respirou fundo, exalou e inclinou-se sobre ele.

Só a custo Christian conseguia dominar-se. A posição de Maddy, agachada, revelava-a nitidamente, os seios pesados sob a cascata dourada que refletia a luz das chamas, e cuja transparência requintada nada ocultava. Apoiada sobre uma mão, Maddy desabotoou-lhe as calças.

O cabelo dela deslizou, descobrindo-lhe as costas e a curva das nádegas. O movimento rápido que ela fez para o lançar para trás permitiu-lhe a visão fugaz de tudo: o torso suave, os seios, a linha do ventre e a coroa escura e encaracolada.

A contenção abandonou-o. Endireitou-se na poltrona e apoiou-se nas mãos. Maddy pareceu assustar-se. Olhou-o como se fosse uma tímida criatura do bosque, recuando – mas ele agarrou-a com as pernas. Debruçou-se e puxou-a para o seu colo. Deitou-se no tapete, a beijar-lhe o pescoço, o peito, com o cabelo dela a espalhar-se à volta deles.

Porém, Christian não queria precipitar-se, queria gozar aquele fogo lento e luxuriante. Com um esforço, descontraiu as mãos e percorreu o corpo de Maddy, ainda deitada sobre ele. Ela não se afastara depois daquele primeiro momento. Parecia aguardar, sem o olhar nos olhos, de lábios entreabertos.

– Sabes... gosto... sem pressas – disse Christian, enquanto cruzava as mãos atrás da cabeça. – Parado... espero.

– Não sei que fazer – sussurrou Maddy, de novo, num tom queixoso.

– Não conseguir pensar?

A luz da lareira brilhou-lhe sobre os lábios húmidos.

– Não. Não consigo.

– Levanta – disse Christian. – De joelhos.

Como Maddy não se moveu, ele agarrou-lhe nos pulsos. Puxou-a para cima, juntou as palmas das

mãos às dela, até ela se ajoelhar. Maddy tentou soltar-se, mas Christian sabia o que ela faria se o permitisse.

– Não te escondas – disse, continuando a segurar-lhe as mãos. – Lembro... a primeira noite que te vi... minha mesa... tudo limpo e organizado... Miss Timms... e os seus «tus». – Sorriu. – Oh, Miss Timms. Vi-te... como agora... assim.

As faces de Maddy coraram.

– Porque és perverso.

– Dizes... perverso. Tão mau... Qu'ridaMaddy?

Maddy olhou-o, sem parecer consciente do seu aspeto e do efeito que exercia sobre ele – pelo menos, em nenhum momento olhara mais para baixo do que para o rosto de Christian.

– Diz... que pensaste... primeira vez... que me viste.

Maddy soltou um pequeno murmúrio de espanto.

– Pensei que eras um homem perverso.

– Desprezo – disse ele, enquanto levantava os joelhos e os apertava contra as ancas de Maddy. – Desdém. Em casa... rezar.

– Gostei um pouco mais de ti quando ofereceste a cátedra de Matemática ao meu pai.

– Ambição – apontou ele. – Boa esposa.

Isso fez com que Maddy sorrisse. Christian baloiçou ligeiramente as pernas.

– Astuta. Ambiciosa. – Soltou-lhe uma das mãos e afastou-lhe o cabelo para trás do ombro. – Bela.

A respiração dela começou a acelerar. Christian tocou-lhe, percorreu-lhe a cintura com os dedos até chegar ao peito, que delineou com o indicador.

– Gosto disso – disse ela numa torrente inesperada e suave.

– Eu também – replicou ele com solenidade.

O peito de Maddy elevava-se e caía sob as carícias de Christian. Ele percorria-lho muito devagar, a observar como cada toque se refletia no rosto dela. Quando lhe tocou no mamilo, Maddy inspirou profundamente e mordeu o lábio inferior.

Christian soltou um gemido profundo. Endireitou-se mais e aproximou-se dela. Com a língua, percorreu o caminho que os dedos tinham traçado. Pousou as mãos na cintura de Maddy e, depois de abrir a boca sobre o mamilo dela, sugou-o.

Ela gemeu e arqueou-se contra Christian. Este baixou as mãos e, com os polegares, acariciou-lhe os caracóis curtos e provocadores. Maddy ainda desprendia o cheiro da noite anterior, denso de calor e paixão. Sentiu os dedos dela a enfiarem-se fracos por entre o cabelo dele, a puxá-lo para si.

Christian pôs-lhe a mão entre as pernas, incitando-a a abri-las, por cima das suas, a montá-lo – a primorosa Maddy, a encantadora, sensível e amorosa Qu'ridaMaddy, com o cabelo a cair-lhe em cascata sobre um dos ombros, a cabeça inclinada para trás, a boca aberta e a ofegar.

Christian prolongou aquele momento durante um longo período de tempo, a acariciá-la, a provocá-la, até que as coxas de Maddy estremeceram e ela começou a arquejar de cada vez que ele lhe tocava. E, quando se moveu debaixo dela, Maddy deixou escapar um gemido rápido e abriu os olhos, para o ver a entrar dentro de si, a puxá-la para cima dele.

Christian levantou a cabeça do tapete para lhe sugar o peito. Maddy moveu-se e contorceu-se com uns espasmos estranhos mas simultaneamente requintados, até que ele lhe agarrou as nádegas e lhe ensinou o ritmo adequado, o cabelo de Maddy a deslizar entre as palmas das mãos dele e a pele dela.

De repente, com uma brusquidão encantadora, Maddy atingiu o orgasmo, uma série de gritos fracos e femininos, como alguém a ter um sonho inquietante. Christian envolveu-a nos braços e manteve-a junto a si durante um instante. A seguir, com uma investida profunda e a segurá-la pelas ancas, soltou todo o desejo que acumulara.

Quando terminou, apertou-a contra o peito e não fechou os olhos em nenhum momento, para se certificar de que aquilo era real e deixar que os pesadelos se desvanecessem à luz das chamas.

CAPÍTULO 26

No dia seguinte, Maddy quase não se atrevia a olhar para Jervaulx, embora ele não mostrasse qualquer indício de se recordar da concupiscência que ela demonstrara na noite anterior, como se nem sequer tivesse reparado nisso. Maddy até o achou um pouco mais frio do que o habitual, composto e sereno, tratando-a, na presença dos outros, sem qualquer tipo de intimidade especial para além de uma vulgar cortesia. Aparentava uma mera indiferença despreocupada – exceto quando, nas costas da tia, lhe lançara um olhar cúmplice, aquele sorriso retorcido de pirata, rápido e secreto, olhos azuis sob pestanas negras, enquanto todos os outros se encontravam à volta da lareira do salão a fazer planos para a ceia de Natal dos arrendatários.

Maddy sentiu-se corar de cima a baixo e nem conseguiu desviar o olhar. O sorriso de Jervaulx rasgou-se mais – e depois desapareceu e ele olhou para outro lado.

Durham sugeria um baile com valsas, enquanto Lady de Marly afirmava que um par de bois assados, um bom jantar de três pratos – para não menos de duzentos comensais –, seguido por um concerto de música religiosa, sempre fora mais do que o suficiente, e continuaria a sê-lo no futuro. O pai de Maddy sorriu ao ouvir as duas propostas, e Calvin Sénior exibia uma expressão de ponderação atenta, como se tivesse participado em tais controvérsias uma infinidade de vezes mas tivesse a obrigação, pelo posto que ocupava, de voltar a considerá-las.

O reverendo Durham não desperdiçou mais tempo em propostas racionais que contrariassem as de Lady de Marly. Limitou-se a fazer-lhe uma pequena vénia, virou uma perna graciosa, e começou a trautear ao mesmo tempo que lhe pegava na mão e a fazia rodopiar. A bengala da dama caiu no chão. Lady de Marly emitiu uma exclamação irritada, mas os pés moveram-se com um desembaraço surpreendente.

– Solte-me, seu rapaz descarado – protestou a anciã enquanto tentava afastar-se. – Vai partir-me os ossos.

Durham segurou-a pela mão para que não perdesse o equilíbrio, e continuou a cantarolar e a dançar à volta dela.

– É uma valsa, Sua Senhoria. La la la la la, la la, la la...

Maddy encontrou-se, tão repentinamente como acontecera a Lady de Marly, a rodopiar com o braço do marido em volta da cintura, o trautear de Jervaulx a misturar-se com o de Durham, e as vozes a ganharem mais força. Maddy não sabia dançar. Teve de se esforçar por manter o equilíbrio e não parava de tropeçar, enquanto o duque a fazia rodar e rodar.

O cantarolar transformou-se numa improvisação a plenos pulmões, la la la la la, la la, interpretada por fortes vozes masculinas que ressoavam pelas paredes enquanto a sala girava frenética em volta de Maddy. Jervaulx agarrara-a com suavidade e firmeza. As abas do casaco dele davam voltas e as saias de Maddy adejavam a cada passagem. Maddy tinha de se esforçar a cada passo por não sair disparada mas, sempre que parecia que isso ia acontecer, ele fazia-a rodar de um modo que a

salvava. Quando, numa ocasião, ela o pisou, a única reação dele foi enfatizar um dos «la» ao mesmo tempo que lhe sorria e a agarrava com mais força pela cintura.

Por fim, os amigos chegaram ao fim da peça musical. Jervaulx levantou o braço de Maddy e fez uma vénia com um floreado.

– Obrigado... duquesa. – Maddy estava corada e tentava recuperar o fôlego. Jervaulx olhou para os outros. – Não... dançar.

– Não sei dançar! – exclamou Maddy. – Os Amigos não dançam. – Ficaram os três a fitá-la. Sentiu-se ridícula com aqueles sapatos grossos, mais desajeitada que Lady de Marly sob o peso da idade. – É apenas uma diversão frívola – acrescentou.

Lady de Marly suspirou.

– Arranja-lhe um professor de dança, Jervaulx.

Calvin Sénior aproximou-se de um criado que esperava junto da soleira da porta de serviço e voltou com uma bandeja de prata na qual se encontravam duas cartas.

– O correio chegou antes da hora, Sua Senhoria. Coloco-o no seu gabinete? – Fez uma reverência rápida na direção da tia do duque. – Também chegou algo para Lady de Marly.

– Deixe-o na minha sala – disse ela. – Achas que aquele italiano que ensinou as meninas continua por cá, Jervaulx?

O duque pegou na carta. Abriu-a sem ajuda, uma pequena façanha em que ninguém, nem sequer ele, pareceu reparar, à exceção de Maddy.

– Encarregar-me-ei pessoalmente disso com todo o gosto – ofereceu-se Durham –, até que encontrem um professor de dança. Mas é necessário que alguém toque a música.

– Não quero aprender a dançar – disse Maddy. – Não vou ter oportunidade de o fazer.

– O melhor seria um violoncelo, mas de certeza que a única coisa que encontraremos na aldeia será uma viúva que toque piano – disse Lady de Marly.

– A sério que não quero...

– Tolices! – exclamou Lady de Marly. – Não comece com as suas opiniões inconformistas, menina. Se quiser escusar-se de dançar a valsa, pode fazê-lo apelando ao decoro, mas as danças respeitáveis são requisito obrigatório. Não é inválida; todos esperarão que dance com o duque, dê por onde der.

Maddy teria continuado a argumentar mas, quando se preparava para falar, olhou de relance para Jervaulx. Este segurava a carta aberta na mão e tinha o olhar perdido, o rosto pálido e sério.

– O que se passa? – perguntou-lhe.

Assim que falou, arrependeu-se. Os outros olharam para Jervaulx, cujo rosto se enublou, apreensivo. Nada disse.

– Deixa-me ver isso – ordenou Lady de Marly, de braço estendido.

Ele olhou-a como se tivesse esquecido que ela estava ali. Abanou a cabeça.

– Deixa-me vê-la – insistiu ela.

– Não. Não é... nada – disse ele e franziu a testa. – Nada.

– Não sejas tolo, rapaz – disse-lhe a tia. – O que é? Deixa-me vê-la.

Jervaulx amarrotou a carta e, sem dizer palavra, lançou-a para as chamas e saiu do salão.

– Criança tola – murmurou Lady de Marly.

Maddy virou-se para ela.

– Não lhe consegues falar como a um homem em vez de como a uma criança desobediente?

– Falo-lhe como sempre o fiz, jovem. Por que motivo hei de mudar agora?

– Porque ele mudou.

– Mas o mundo continua o mesmo. Não descure isso – concluiu Lady de Marly, enquanto batia no chão com a bengala. – O mundo está sempre connosco... Não descure isso, duquesa.

Christian estava de costas para o parapeito, os ombros encostados à pedra fria. O vento entrava por uma fresta fina e agitava-lhe o cabelo. Um falcão sobrevoou Belletoile e elevou-se sobre a torre, a desenhar uma curva rápida para de seguida se inclinar para um lado e descer. Mais além, o céu mantinha-se vazio e cinzento.

Christian não olhava para nada em concreto. Fora um impulso estúpido, quanto a isso não lhe restava a mínima dúvida. Aqueles momentos de duas noites atrás tinham-no seduzido, aqueles instantes em que tivera a fala quase intacta. Chegara a pensar que se se concentrasse...

Afastara-se para escrever sozinho e, enquanto o fazia, percebeu que a escrita não lhe saía com exatidão. Via os erros mas, quando tentava localizá-los, estes pareciam desaparecer para de seguida reaparecerem pelo canto do olho quando olhava noutra direção. Ao ver a folha virada ao contrário, no momento em que a dobrava, apercebeu-se de como parecia estranha – toda inclinada para um lado. Mas, apesar disso, entregara-a a Calvin Sénior para que a enviasse.

Estúpido. Estúpido, estúpido, estúpido.

Ouviu passos na escada. Devia ser Maddy; todos os outros sabiam que não deviam segui-lo até ali. Quase esperava que ela fosse, quase desejara que ela lhe acudisse, e até deixara as portas abertas para que pudesse entrever o caminho.

Maddy saiu para o parapeito. Não levava capa. O vento soprou-lhe a saia e enrolou-lha à volta das pernas, deixando os sapatos grossos e as meias brancas a descoberto.

A Qu'ridaMaddy leal, simples e incapaz de dançar, que não o ridicularizaria. Que não pensaria sequer dizer o que ele, com uma enorme dor, já percebera. Que saberia, se ele lhe dissesse que tinha medo, o que havia a recear.

Christian estendeu-lhe um braço. Depois de uma breve hesitação, ela agarrou a mão que ele lhe oferecia, e uniu a pele quente e exposta à dele. Christian rodeou-a com os braços para que ambos ficassem protegidos contra o muro.

Ela manteve-se em silêncio. Christian encostou a testa ao ombro dela.

Durante muito tempo, permaneceu assim, escondido. Por fim, disse-lhe:

– Estava... escrever... Bailey. Em Monmouth. Para vir... deixar estipulações por escrito – explicou a tremer, o frio a gelá-lo até aos ossos. Puxou-a para mais junto de si. – Bailey... há quinze anos, advogado... geria... meus assuntos. As quintas... compra de terras... eleições... o condado... tudo. – Christian viu por cima do ombro de Maddy o espinhaço longo, uma das alas do castelo de Jervaulx e as montanhas distantes. – Não vem. Escreveu. Não vai... fazer nada. – Christian lançou uma gargalhada curta e sardónica. – Não vai fazer nada.

Virou a cabeça e pousou os lábios sobre a orelha fria de Maddy, Apertava-a com muita força porque receava começar a chorar de um momento para o outro.

Maddy permaneceu firme e imóvel. Levantou uma mão e entrelaçou-a na dele.

– A minha escrita... a carta... mal. Acho... que mal. Erros. Estúpido!

– Da próxima vez, posso lê-la antes, se quiseres – disse ela.

Uma resposta típica, reconfortante e banal de Qu'ridaMaddy. Olhava sempre para a frente, não

para trás. Da próxima vez. Da próxima vez faremos melhor. Ele era responsável por ela. Tinha de fazer melhor. Muito melhor. Tinha de ser perfeito, para que ninguém pudesse duvidar de si. Para que ninguém pudesse arrebatar-lhe a vida, ninguém pudesse tirar-lhe Maddy, ninguém pudesse pôr-lhe as mãos em cima e fechá-lo de novo naquele lugar.

– Maddy. A audiência... eu... – Calou-se, presa da frustração. O modo como o seu discurso se desintegrava sob escrutínio e esforço aterrorizava-o mais que tudo. Sabia que, quando voltasse a ser julgado, ia esforçar-se tão arduamente que acabaria por perder a fala. – *Falhar*. Demasiada... tensão. Idiota!

– Às vezes... – Maddy fez uma pausa e, a seguir, acrescentou: – Às vezes és capaz.

Christian resmungou e apoiou a cabeça contra o muro.

– Por que... não agora? Audiência... – voltou a resmungar. – Nunca.

Maddy levantou os braços e pousou-os sobre os dele.

– Quem me dera que pudesses praticar e ensaiar, para te ser mais fácil.

Podia tentá-lo. Mas nada poderia habituá-lo à pressão de exigências inesperadas, nem ao calvário de olhos críticos fixos em si. Nada.

Contemplou o vale e as montanhas: Jervaulx, aquele lugar que amava, aquele castelo que conhecera durante toda a vida – um refúgio firme, mas precário. Estava vulnerável ali, mas não sabia que mais fazer, para onde ir e ficar em segurança.

Maddy pegou-lhe na mão e segurou-a entre os dedos frios. Christian inclinou-se sobre o pescoço dela e beijou-o, a aquecê-la com o seu calor, a queimar todos os medos com a chama que logo se inflamou entre eles.

Lady de Marly esperava-os na sala de estar quando desceram da torre. Levantou-se, apoiada na bengala.

– Recebi isto do teu querido cunhado – disse, a brandir o papel. – O Stoneham. Parece que um deles está a ganhar escrúpulos. – Levantou os óculos e leu a missiva. – Ele compreende que uma audiência pública te seria «ofensiva e degradante para a família». Sim, degradante! Demorou bastante a lembrar-se disso. Oferece-te um fideicomisso em vez de uma declaração de incapacidade. Viverias na propriedade de Cumberland, com uma renda de quatro mil libras, e o resto do teu património ficaria nas mãos de fiduciários. Comprometes-te a não empenhar a propriedade para contrair quaisquer empréstimos.

Jervaulx emitiu um som. Deu um passo em frente e arrancou a carta das mãos da tia. Rasgou-a em dois pedaços, que atirou à lareira.

– Não me deixaste terminar – disse Lady de Marly, impávida. – O Stoneham informa-nos de que Mr. Manning, sobretudo, não está muito convencido dos benefícios de um fideicomisso privado e que prefere uma solução drástica. Quer que te declarem incapaz e te fechem, por «muito doloroso que seja a curto prazo», julgo que era essa a expressão. Mas o Stoneham é da opinião de que, desde que aceites renunciar ao teu matrimónio com a *quaker* perante o tribunal eclesiástico, os outros poderão ser persuadidos.

O duque limitou-se a olhá-la fixamente com uma expressão de fúria cortante e assassina no rosto. A tia manteve-se imperturbável.

– O teu orgulho não te beneficiará neste caso – aconselhou-o. – Pensa bem, Jervaulx. Se fores a

tribunal e perderes, perdes tudo. Isto é uma proposta. A possibilidade de iniciares uma negociação.

– Proposta! – gritou ele. – Para o *inferno*... com a... maldita proposta. Malditos sacanas! *Não!*

– Apresenta uma contraproposta – disse Lady de Marly. – Ficas a viver aqui, com um fideicomisso, sim, mas de trinta mil libras anuais. O casamento é válido e exiges um documento assinado por todos os teus parentes, no qual seja indicado que o primeiro varão da tua descendência herdará o título.

Jervaulx agarrou num atiçador da lareira. Lançou-o a uma cómoda marchetada e estilhaçou os candelabros e jarrões chineses que se encontravam em cima desta.

A tia contemplou os cacos espalhados pelo chão.

– Creio mesmo que estás louco – disse, com extrema frieza. – Ou pior, que és um idiota.

– Não há... *proposta* – disse Jervaulx. Pegou num bastão pontiagudo que se encontrava em frente da lareira, partiu-o ao meio e atirou as duas metades para o fogo. – Não há... *fideicomisso*.

– Não continuarei aqui a ver-te destruir tudo – afirmou a anciã, já a dirigiu-se para a porta. – Voltaremos a falar quando fores capaz de te controlar.

Jervaulx parecia ter-se esquecido de que Maddy estava ali. Murmurou «não, não, não!», furioso, e puxou pelo cordão da campainha quando a porta se fechou atrás da tia. Apareceu um criado.

– Calvin! – gritou o duque. – Livro de contas... gabinete. – Voltou o olhar irado para Maddy. – Tu vem... *mim*.

*

Todas as paredes estavam cobertas, do chão ao teto, de estantes cheias de livros, exceto a que se encontrava atrás da escrivaninha. Aí estava emoldurada uma ardósia cheia de equações escritas a giz. Mas aquilo que mais se destacava no gabinete do duque, apontado a uma pequena portada com dobradiças na janela, como uma elegante lança de latão dirigida às estrelas, era um telescópio reluzente com cerca de dois metros de comprimento, com uma rédea de cavalo sobre a roda que fazia girar o tripé.

Jervaulx deixou-se cair na cadeira giratória do gabinete como se soubesse com toda a precisão até onde ela rodaria antes de a virar e começou a vasculhar a confusão que tinha à frente. Com um resmungo de impaciência, afastou papéis, cadernos de apontamentos, um par de botas gastas e três globos – dois da Terra e um da face visível da Lua – para arranjar espaço em cima da escrivaninha. De seguida, olhou para Maddy.

– Senta. Tu... ouve.

Maddy teve de afastar uma pilha de revistas, uma peça de um mecanismo qualquer e vários modelos de canhões muito brilhantes pintados de vermelho e preto, para arranjar espaço. Cingiu o xaile para se proteger do frio que fazia naquela sala gelada. Calvin Sénior entrou com um grosso livro de contas e um embrulho de pele, atado com uma fita castanha.

– Um estafeta acaba de trazer isto de Monmouth, Sua Senhoria. Não quiseram confiar no correio.

– Bailey?

– Sim, é de Mr. Bailey, Sua Senhoria.

Jervaulx lançou um olhar cáustico ao embrulho e apontou para um canto da escrivaninha. Calvin Sénior deixou o pacote sobre uma caixa de arquivo. Pousou o livro de contas no espaço que o duque deixara livre. Grosso e com os cantos gastos, aquele livro tinha um aspeto muito mais autoritário do que os cadernos finos que Maddy examinara. Jervaulx abriu-o com o indicador.

Aquelas quatro simples palavras, «não vai fazer nada», não tinham parecido muito graves a Maddy. Feriam o orgulho do duque, faziam-no ver a realidade crua e nua, mas ela não interpretara mais do que isso nelas. Observou Jervaulx enquanto este examinava a página do livro que Calvin lhe assinalara.

O mordomo pigarreou.

– Para mim, foi uma enorme satisfação voltar a ver Sua Senhoria em Jervaulx – disse.

O duque não respondeu. Estava a olhar fixamente para o livro, sem o folhear, nem para a frente, nem para trás.

Calvin Sénior permanecia de pé, com as nodosas mãos unidas, a mover um polegar para a frente e para trás sobre o pulso.

– Solicitei mais dinheiro a Mr. Bailey, e ele pediu-o a Londres, e só fomos informados de que o administrador-geral não podia fazer nada.

Jervaulx nem sequer parecia estar a ler o livro. Parecia apenas hipnotizado naquela página.

– Sem outras instruções, mantive o castelo a funcionar do modo habitual – continuou Calvin Sénior, com uma voz que começava a mostrar os tremores da idade avançada. – Os salários foram pagos com os fundos para a manutenção da casa, até estes se esgotarem. Tomei a liberdade de atrasar o pagamento do meu salário no último trimestre, Sua Senhoria, para que não houvesse disparidades. Os suprimentos têm sido conseguidos a crédito. – Não olhava para o duque, mas sim por cima da cabeça deste para o quadro que se encontrava atrás dele. – Apenas gostaria de acrescentar que me alegro muito por Sua Senhoria ter achado por bem examinar a situação, já que cada vez é mais difícil... isto... lamento dizer que circulam rumores... – Voltou a pigarrear. – É muito injurioso, é uma monstruosidade, mas alguns comerciantes começam indevidamente a inquietar-se.

De repente, Jervaulx empurrou o livro para Maddy, que se inclinou para a frente para o analisar.

O livro de contas tinha três colunas de entradas. Segundo o abstruso sistema que parecia reger os assuntos do duque, todas as rendas procedentes do castelo de Jervaulx – arrendamentos de quintas e terras, entradas procedentes do carvão, juros de empréstimos concedidos – passavam por Calvin Sénior e pelo advogado de Monmouth, seguindo para um administrador-geral em Londres. Um administrador-geral que, por sua vez, já não desembolsava dinheiro para pagamentos.

O castelo esbanjava dinheiro em velas, librés, criados e pó para o cabelo, sem nada que o contrabalançasse. A propriedade acumulava dívidas enquanto somas inimagináveis ficavam retidas nalgum lugar em Londres.

Maddy não conseguia compreender o que levara Calvin Sénior a esperar tanto tempo – com uma situação tão desesperada – até que Jervaulx se interessasse pelos assuntos financeiros. Era óbvio que o mordomo estava demasiado velho para desempenhar aquela tarefa. Mas o alívio dele era tão evidente, a sua deferência tão profunda e a aceitação do duque tão automática e carente de acusações, que era evidente que, para ambos, a verdadeira responsabilidade cabia a Jervaulx.

Mas o duque pouco parecia preocupar-se com os gastos domésticos. As somas que tinham deixado Maddy estonteada só lhe causavam uma ligeira irritação. Passou muito pouco tempo a revê-las com Calvin Sénior, enquanto assentia à informação adicional que o mordomo lhe transmitia.

Não, não era a assombrosa dívida de três mil libras em gastos no castelo de Jervaulx que empalidecia as comissuras dos lábios do duque. Era o embrulho de Bailey. Enquanto Maddy segurava o livro de contas e Calvin Sénior assinalava os valores por pagar, Jervaulx não deixava de olhar para o embrulho, como se este fosse uma víbora em cima da escrivaninha.

Quando o criado fez uma pausa, o duque olhou-o e limitou-se a dizer:

– Mais?

– Isto foi tudo o que aconteceu na ausência de Sua Senhoria.

– Suficiente – disse Jervaulx, a suspirar e a abanar a cabeça. – Podes... retirar-te.

Calvin Sénior inclinou-se e saiu com o mesmo olhar de pesar que *Devil* fazia quando o expulsavam de uma sala.

– Abre – disse Jervaulx a Maddy, a apontar para o embrulho de pele. Ela desatou-o e tirou um punhado de cartas atadas com uma fita vermelha. Desfez o nó e pô-las à frente dele. Jervaulx leu uma lentamente e estendeu-a a Maddy.

O Banco Hoare, numa carta datada de havia vários meses, lamentava comunicar que se via obrigado pelas circunstâncias a dirigir-se-lhe em relação a uns fundos e pedia, com toda a cortesia, que entrasse em contacto com o banco o mais depressa possível.

Maddy levantou a cabeça depois de a ler. O duque tinha nas mãos um papel encabeçado pelo colorido emblema da companhia de seguros Sun Fire. Sem qualquer expressão no rosto, também lhe estendeu a carta.

Era muito mais recente. Escrita num tom oficial, e entre numerosas mesuras, desculpas efusivas e referências mais oblíquas às «circunstâncias», os diretores da Sun Fire lamentavam comunicar que se viam obrigados a afastar-se dos seus procedimentos habituais e exigir o pagamento imediato da soma de quarenta e cinco mil libras que tinham emprestado ao duque.

– Quarenta e cinco mil libras! – exclamou Maddy quase sem fôlego.

Jervaulx estava imóvel com a mão na testa. Nem sequer levantou a cabeça.

– Maddy – disse por fim. – Eu escrevo. Tu garantes... não haver erros.

A carta para o Banco Hoare – Christian tivera finalmente de desistir e deixar que fosse Maddy a escrevê-la para ele depois a assinar – consistia em instruções muito precisas e diretas para que lhe enviassem de imediato cinco mil libras da sua conta pessoal. À Sun Fire e a outros credores escreveu uma curta carta de desculpas, com a garantia de que se encarregaria do assunto de imediato. A Bailey, apenas uma mensagem concisa, a prescindir dos seus serviços.

Mas era demasiado tarde. Algum tempo depois, Christian sentou-se à escrivaninha a ler a resposta do Banco Hoare. Era lamentável, dizia a carta, mas certas regras e regulamentos novos, juntamente com determinadas complicações, tinham tornado impossível cumprir as recentes instruções de Sua Senhoria. Pairavam na carta sombras suspeitas da presença da mãe de Christian, já que os piedosos senhores do Banco Hoare incluíam nela orações pela sua saúde e alma.

Não havia dinheiro.

Nem um xelim, de um banco onde Christian sabia perfeitamente que tinha um saldo quatro vezes superior ao da quantidade pedida. Ficou parado a olhar para a carta, até que as palavras pareceram misturar-se e transformar-se numa estranha loucura hieroglífica.

Por norma, Christian tinha um ónus de seiscentas mil libras, que chegava às setecentas mil quando precisava de empréstimos a curto prazo. A delicada trama de inversões, rendas, dívidas, arrendamentos, especulações e movimentos de capital representava uma complexa interação da sua parte – requeria uma intensa concentração... e a confiança total de quem lhe adiantava dinheiro. Como arcos entrelaçados, como um belo aqueduto de vários pisos que podia permanecer de pé

durante séculos ou cair de repente, tudo dependia de uma questão crucial.

A pedra de toque era a confiança, a qual tinha desaparecido.

Christian deveria tê-lo adivinhado. Deveria tê-lo previsto, mas vivera numa neblina que só se desanuviava segundo caprichos inconstantes.

Aquela estrutura não podia resistir durante muito tempo sem a sua atenção, mas a paralisia dos agentes, a carta de Stoneham, o embrulho de Bailey cheio de exigências como a da Sun Fire, a resposta evasiva do Banco Hoare, tudo demonstrava que a sua destruição estava a acelerar-se cada vez mais: era a ruína – não iam esperar por uma audiência, iam matá-lo enquanto se mantinha escondido no castelo de Jervaulx.

Christian passou o dia num pânico silencioso, sem largar a carta do Banco Hoare, que lia uma e outra vez como num sonho, como se ela pudesse mostrar-se diferente da próxima vez que ele a lesse.

Uma ilusão. Tudo o que o cercava era uma ilusão de segurança – aquele castelo, aquele quadro, as tapeçarias de Aubusson, os criados. Tinha noção disso, mas não sabia o que fazer para se defender.

Continuavam a poder enviá-lo de novo para aquele lugar. Poderiam vencê-lo e mandá-lo de volta. Os protestos de Maddy depressa seriam ignorados, as promessas da tia esquecidas – tudo envolto em neblina e documentos. Sim, seria necessária uma audiência pública para o desprover de existência legal, mas bastaria apenas um pouco de coação física para voltar a submergi-lo naquele pesadelo.

E o que os ia impedir de o fazer? Existira alguma vez um impedimento para lançar parentes incómodos para uma masmorra?

Olhou em volta para os muros do castelo. Podia subir as pontes levadiças, entrincheirar-se ali – guarnecer os parapeitos, preparar-se para um cerco... preparar-se para um cerco...

Encontrou-se perante uma armadura num corredor vazio. Nem sequer sabia onde estava. A sua mente labiríntica voltava uma e outra vez à mesma ideia. Um cerco. Tinha de se defender; iam acossá-lo; quem os impediria? O castelo de Jervaulx nunca fora tomado, quer por cerco, quer por batalha, nem pela fação de Lencastre nem pelas tropas a favor dos puritanos. Durante as Guerras Civis, o Parlamento nem sequer tentara atacar uma fortaleza que se sabia ser demasiado forte para ser conquistada. Christian olhou para a armadura.

E então obteve a resposta.

Tinha de ser muitíssimo forte. Tinha de voltar a ser o duque, o verdadeiro duque, não aquele cobarde desorientado e escondido.

O poder era a sua única e verdadeira proteção, o poder de enfrentar a força com a força – nome, influência, fortuna e controlo. Perdera tudo isso. Sem dinheiro, sem autoridade, sem domínio – eles podiam aparecer a qualquer momento para o devolver àquele lugar.

Névoa. Havia muito que vivia numa névoa, com o manicómio à sua espera.

Durham exclamou:

– Santo Deus, ouve só. Diz o Fane que corre o boato de que não estiveste nada doente... que só te enfiaste aqui porque estás falido.

Com um enorme pesar, Calvin Sénior disse:

– O vendedor de vinhos lamenta não poder fornecer as bebidas para o jantar dos arrendatários este ano, Sua Senhoria.

A tia Vesta olhava, horrorizada, o jornal londrino.

– Valha-nos Deus no Céu! «Arruinado ou louco. Que aconteceu a Sua Senhoria?» – leu, enquanto pegava depressa nos sais e os aspirava profundamente. – Nos jornais! Que Deus nos guarde, pensar que vivi para ver isto!

Maddy limitava-se a acompanhá-lo no gabinete e a escrever as respostas aos credores. Já deixara de pestanejar, atónita perante as quantias que surgiam sobre a escrivaninha, mas toda ela irradiava uma nova severidade, uma firmeza casta que o espicaçava.

«Não vou fazer nada», escrevera Bailey, um insulto descarado.

Mas eu sim, pensou Christian.

Londres. Tenta salvar-te, idiota louco arruinado.

– Amanhã regresso a casa – disse Durham num tom alegre, sentado à mesa perante as sobremesas compostas por pastéis de frutos secos, pudim de passas, gelatina e tarte de queijo. – Já quase sei o caminho de cor. Quer partilhar um pastel comigo, duquesa?

Maddy abanou a cabeça. Custava-lhe comer, por saber que tudo o que se encontrava sobre a mesa estava ainda por pagar, incluindo o salário da cozinheira. Desde que se inteirara da extensão das dívidas de Jervaulx que se sentia doente. Ele tinha um rendimento imenso, mas os empréstimos que contraíra excediam o imaginável. O valor total no fim da lista era exorbitante. Tremendo. Monstruoso. Fazia com que ela, uma *quaker* criada na poupança e na prudência, quase tivesse medo dele, da arrogância desmedida capaz de acumular semelhante dívida sem pensar nas consequências. Amava-o, dormia com ele, despia-se para receber o seu contacto carnal e, no entanto, descobrira de repente que não o conhecia de todo.

Dadas as circunstâncias, não podia jantar aqueles luxos, nem sequer uma única vez. Em vez do pastel, e ignorando o queijo, pegou numa maçã que sabia vir do pomar do castelo.

O duque, da outra extremidade da mesa reluzente, anunciou:

– Amanhã... vamos... eu e Maddy... para Belgrave Square.

Maddy parou de cortar a fruta.

– Para Londres? – perguntou, surpreendida, Lady de Marly. – E o que significa essa loucura?

A taça de vinho do duque brilhou enquanto ele a girava entre os dedos.

– Porque... quero.

A tia cravou o garfo no pastel de frutos secos e desfê-lo em fragmentos minúsculos, como se fosse um inimigo.

– Lavo as minhas mãos de ti, rapaz. Deixa-me aqui. Lança-te nas garras deles. Melhor seria que aceitasses o fideicomisso do Stoneham e acabasses com isto de uma vez por todas.

Jervaulx não respondeu. Não desviava o olhar de Maddy.

– Amanhã – disse. – Prepara-te... vamos... de manhã.

Maddy pousou o garfo e a faca.

– Não me parece que possa fazer isso.

Jervaulx arqueou as sobrancelhas.

– Eu exijo.

Maddy achou que a mesa não era o lugar ideal para discutir aquele assunto. Colocou vários pedaços de fruta no prato do pai, sentado à sua esquerda.

– Toma, paizinho, esta maçã está muito boa. Também queres queijo?

Nos aposentos do duque, Maddy descobriu que alguém já fora incumbido de tratar da bagagem. Havia um baú aberto no quarto de vestir com camisas e casacos, e o seu vestido de seda cinzento engomado e arranjado na medida do possível. Pegou no vestido e voltou a pendurá-lo no roupeiro.

Enquanto fechava a porta do roupeiro, Jervaulx aproximou-se dela. Ela desabotoou-lhe a casaca como sempre fazia e recuou alguns passos. Ele fitou-a por um momento, sob as pestanas pretas.

– Tens... fome? – perguntou-lhe num tom trocista.

– Não – respondeu ela, o que não era bem uma mentira.

– Pão, água, maçã – enumerou ele com amargura e num tom acusatório.

– Como o que me parece indicado e conveniente – replicou Maddy, e virou-lhe costas.

Jervaulx não dava mostras de ter a menor intenção de reduzir gastos, nem o mínimo ensejo de o tentar, sequer. Maddy aventurara-se a mencionar certas poupanças a pôr em prática só no castelo, sugestões que tinham deparado com uma rejeição impaciente. Decerto uma redução do número de empregados e até a venda de determinados objetos não afetariam muito a soma colossal das suas obrigações, mas ele nem queria tentar.

Aquela maneira de continuar a viver no luxo e na abundância alarmava-a e ofendia-a, pois uma pessoa no seu perfeito juízo devia saber que todos os esforços deviam ser dirigidos para evitar semelhante imprudência.

Jervaulx despiu a casaca e, quando ia deixá-la cair sobre o baú aberto, deteve-se e olhou para Maddy.

– Vestido?

– Não posso ir amanhã – respondeu ela. – O paizinho ainda não está em condições de fazer outra viagem.

– Tu vens... comigo. O teu pai... depois.

– Mas o paizinho não pode...

– Para o inferno... paizinho! – Atirou a casaca e entrou no quarto. – Tu... *mim!*

Maddy fechou os olhos numa tentativa de encontrar paz interior e rejeitar a enorme mágoa que sentia. Quando conseguiu recuperar alguma compostura, seguiu-o até ao quarto. Jervaulx estava sentado à escrivaninha, em mangas de camisa, a olhar para uma carta fechada. O candeeiro iluminava-lhe o rosto com um forte contraste de claridade e sombra, e fazia com que o cabelo e as sobrancelhas ficassem tão escuras como as do próprio Satanás.

– Vamos. Somos... o duque e a duquesa... de Jervaulx. Vamos... teatro. Bailes. Terás... vestidos. Acho que... até daremos... um baile. Gastaremos dinheiro. Nada... vai mal.

Maddy ouvia-o, com o coração a apertar-se.

– Não. Não deves. Não podes.

– Preciso.

– Vai a Londres. Assegura-te de que o teu agente paga os atrasos... isso é certo e adequado, pagar o que se deve e resolver o que pode ser resolvido, e depois viver com moderação até que consigas refazer a tua fortuna.

Jervaulx virou-se de imediato na cadeira e olhou-a.

– Não... resolver! Nem fortuna... refazer! Refazer reputação... compreendes? Viver... à grande. Mostrar-lhes... segurança e confiança.

– E que sentido tem isso? – exclamou ela. – De que é que isso serve quando as tuas finanças estão tão mal? Uma redução de gastos, um esforço sincero para reduzir as tuas dívidas... é isso que lhes inspirará confiança e até pode ser que obtenhas o respeito deles.

– Não! – gritou ele. Deitou a cabeça para trás e resmungou. – Não, não, não! É pior... saldar dívidas. Então parece... que se tem... problemas a sério... *quaker* tonta e simples. Não compreendes.

Maddy deu meia-volta e regressou ao quarto de vestir.

– O que compreendo é que és um homem cheio de artimanhas – exclamou a partir do quarto, enquanto tentava desabotoar o vestido. – O que compreendo é que confias nas falsas aparências, e que não aprendeste nada com os teus problemas. E o que pensas fazer com essa falsa confiança, se a obtiveres? Endividar-te ainda mais?

– Sim – replicou ele.

Maddy apareceu na porta. Tinha tanto a dizer que naquele momento não sabia por onde começar e só foi capaz de proferir as palavras que mais o magoariam.

– Então devias fazer o que disse Lady de Marly, assinar um fideicomisso, e deixar que homens mais capazes tentem remediar as tuas loucuras!

Jervaulx semicerrou os olhos. Com uma expressão ameaçadora, levantou-se da cadeira e parou à frente dela.

– Não... mais capazes. Sou... Jervaulx.

Percorreu-lhe o corpo com o olhar, fazendo-a aperceber-se, horrorizada, de que nem sequer se cobrira. Cruzou rapidamente os braços. Jervaulx emitiu um som, uma exalação brusca com um sorriso desdenhoso.

Pegou no roupão de cetim que o aguardava sobre a cama e enfiou-se nele. De seguida, pegou na licoreira e numa taça. Com uma vénia lenta e fria, saiu do quarto.

CAPÍTULO 27

—Eu não devia estar aqui – disse Maddy, acabada de chegar e já preocupada, vagueando pelo salão da casa de Belgrave Square, onde, para lá da cortina cerrada, se escutava o som distante de explosões e rebentamentos do fogo de artifício das celebrações precoces da Noite de Guy Fawkes. – Não devia ter voltado a deixar o paizinho.

Christian não respondeu, continuando a verificar com todo o cuidado a pilha de correspondência por abrir que se fora acumulando durante a sua ausência. Havia vários pedidos de dinheiro, a maior parte novos, mas outros meros duplicados dos que recebera no castelo de Jervaulx. Além deles, recebera, uma série de missivas solícitas a perguntar pela sua saúde e convites enviados até seis meses antes.

– Se calhar não precisas mesmo de mim aqui – sugeriu Maddy. – Talvez, agora que estás instalado, eu possa regressar...

– Não – disse ele.

A conversa de Maddy desconcentrava-o. Teve de se deter para recordar que carta tinha na mão, e em que monte sobre a mesa junto do sofá devia colocá-la.

– Tenho a certeza de que o Durham pode ajudar nestes assuntos. Melhor do que eu.

De testa franzida, Christian olhou para a carta que nesse momento segurava na mão. Era de Stafford. Sim, de Stafford. Manifestava-lhe os seus desejos de uma rápida recuperação, sem qualquer menção às quinze mil libras que lhe emprestara e de que a propriedade de Gloucester ficara como garantia. Um cavalheiro, mas a carta foi parar ao último monte, a das que podiam ser ignoradas em segurança.

– Não serei de qualquer utilidade aqui. Não sei dançar, nem manter conversas frívolas.

– Conversa frívola... agora – disse Christian sem olhar para ela.

– O Durham podia escrever-te as cartas.

Ele largou a carta em que pegara. Maddy estava a tornar-lhe as coisas muito difíceis, por falar tanto e querer partir, quando as coisas já eram suficientemente complicadas.

– Tu ficar.

– Não devia ter deixado o meu pai.

Christian bateu no peito com a mão.

– Marido!

– Não estás a ser razoável.

– Não!

Ela estava a conseguir irritá-lo. Que podia haver de mais razoável do que esperar o seu apoio quando mais precisava dela? Aquelas palavras e cartas, todas ao mesmo tempo, provocavam-lhe dores de cabeça.

Maddy sentou-se em frente dele com o rosto obscurecido pela touca que voltara a usar.

– Devias ouvir-me.

Christian olhou para o monte de cartas. Sabia que Maddy estava infeliz consigo. Sabia que podia ter voltado para Londres com Durham e deixá-la no castelo até que o pai pudesse viajar. Mas insistira em que o acompanhasse porque tinha o pressentimento – que estava a converter-se numa suspeita rematada – de que, de algum modo, se não tivesse insistido, a chegada de Maddy a Londres seria protelada e acabaria por nunca acontecer devido a complicações vagas que ele não conseguia sequer especificar. Reparara na resistência dela desde que falara de Londres pela primeira vez, uma resistência que fora aumentando à medida que se aproximavam da capital.

– Ouve! Tenho de ser... duque. Mostrar... a todos... tudo bem. Desastre, Maddy! Isto! – Indicou as cartas – ... a beira de um precipício. Tudo perdido!

– Eu tenho noção disso – replicou Maddy. – Tenho perfeita noção de que te endividaste para além de todos os limites do razoável.

Maddy estava sentada muito direita e a voz dela não demonstrava qualquer emoção. Apesar disso, Christian ouvia o tom de desaprovação naquelas palavras e enfureceu-se.

– Compreendes... *nada!*

Sempre acreditara que ela o entenderia, ela que estivera ao lado dele e que sabia o que ele enfrentava se cedesse, mas a única coisa que fazia era dar-lhe sermões sobre gastos e a necessidade de despedir criados, até que Christian se apercebeu de que ela não compreendia absolutamente nada. Maddy parecia incapaz de entender as regras do poder temporal.

Não sabia como se explicar. Não sabia como fazê-la ver a enormidade do que estava em jogo, a quantidade de pessoas cujas fortunas corriam perigo juntamente com a sua e que iam voltar-se contra si caso não se comportasse como o duque que era. Se demonstrasse sinais de fraqueza, todos se lançariam sobre Christian como lobos sobre um veado que tropeçasse ao fugir. De facto, já o perseguiam – com todas aquelas cartas educadas e a pressão cada vez maior das exigências.

Maddy dizia que tinha de lhes pagar. Com quê? Vende estes quadros, dissera-lhe ela. Não era suficiente. Vende esta casa. Não era suficiente e, além disso, a única coisa que Maddy conseguia fazer era frustrá-lo ao exibir aquela moral obtusa. Mesmo que se decidisse a vender, era óbvio que a notícia repentina de que as suas posses estavam no mercado provocaria uma crise e que o valor das propriedades cairia a pique.

Vende o castelo de Jervaulx, dissera ela. Isso sim, seria mais que suficiente, mas a simples ideia de o vender era-lhe tão alheia que não fazia qualquer sentido. Limitou-se a informar Maddy de que o castelo tinha de passar ao seu herdeiro, o que a fez acusá-lo de ser um homem egoísta e malvado por endividar o próprio filho antes de este existir sequer.

Christian era incapaz de articular em palavras conceitos como património e influência, dívidas flutuantes e ativos bloqueados. Percebeu que, sobretudo, não podia dizer-lhe a verdade, uma verdade para que ela, afortunadamente, parecia cega – a de que, se fracassasse, a arrastaria consigo na queda.

Maddy achava que o protegia. Era mulher dele, a sua familiar mais próxima. Durham metera-lhe aquela ideia na cabeça, e a simples e honrada Maddy acreditara nisso porque confiava em noções tão frágeis como a lei e a ordem.

– Compreendes nada. – Respirou fundo para se acalmar. – Maddy... Quando cheguei à maioridade... meu pai... dívidas de duzentas mil libras... até ao último tostão... hipotecado. Hoje... valer dois milhões... rendimento limpo... de cem mil.

– E dívidas que devem fazer com que o teu pobre pai dê voltas no túmulo.

– Empréstimos, sim! – gritou furioso. – Riscos! Sou... o duque de Jervaulx... Todos sabem. Não... maldita viúva.

Mas olhava para as cartas e sentia-se desesperado; nem conseguia ler o que lhe exigiam sem ser naquele passo de caracol. Precisava de ajuda, mas naquele momento mais depressa cortaria a garganta do que lha pediria.

– Tu... aqui – foi a única coisa em que insistiu para acabar com o assunto. – Timms... vir depois.

– Pelo menos, gostaria de regressar para o acompanhar até aqui.

– Não.

Se a deixasse partir, ela não voltaria. Tinha a certeza disso.

– Será apenas por pouco tempo, até poder trazer o paizinho.

– Não.

– Lamento que não o aproves, mas tenho de o fazer.

– Não! – exclamou ele e deu um passo na direção dela.

– Partirei amanhã.

Christian atravessou a sala.

– Eu digo... ordeno!

Estava praticamente em cima dela.

As faces de Maddy incendiaram-se. Não levantou a cabeça, mas continuou a olhar em frente, meio oculta pela touca.

– Não estou às tuas ordens.

– Sim! Votos maritais. Tu... obedeces-me.

– Não fiz semelhante voto. – A voz de Maddy era calma e desafiadora. – Não sou obrigada a acatar todos os teus caprichos. Não te lembras do que eu disse. – Continuava sem o olhar no rosto. – Até duvido que tenhas ouvido o que eu disse.

De repente, Christian teve a sensação de haver entrado em terreno perigoso.

– Lembro. – Cerrou o maxilar. – Deus... encarregou... amar-nos. Marido... e mulher.

– Esposos – disse ela –, sem mais obrigação que não a de nos amarmos.

Então sê minha esposa, Maddy! Tenho medo. Mas Christian recusava-se a pedir-lho. Tendo-se decidido a dar ordens, não passaria a suplicar.

As pilhas de cartas esperavam-no, palavras e mais palavras que dançavam e se lhe desvaneciam na mente, uma frustração mesquinha – a agonia lenta de algo tão quotidiano e de que, de repente, tanto dependia.

– Nunca devia ter dito o que quer que fosse – prosseguiu Maddy. – Nunca devia ter ficado diante daquele falso clérigo para me casar contigo. – A voz soava distante e alquebrada. – Não posso participar nesta conduta tão desacertada. O teu comportamento profano é absurdo, ufano e inútil.

Christian sentiu que uma fúria repentina e incontrolável o invadia. Não suportava aquilo; não podia continuar ali enquanto a menina puritana olhava com desprezo para o seu saldo bancário. Há uma semana que não lhe tocava, desde que se tornara tão altaneira. Ansiava por beijá-la até que ela perdesse o fôlego e o desejasse com paixão. Até que se esquecesse da sua maldita e imaculada retidão e se convertesse naquilo que ambos sabiam que era quando estava com ele. Mas bastava que Christian a olhasse, nada mais, para que ela erguesse a cabeça e ficasse mais rígida do que nunca. Christian varreu com a mão todo o correio para dentro da cesta de prata, apesar de todo o tempo que

tinha passado a separá-lo. Ali o deixou e passou pela mulher. Mesmo atrás dela, deteve-se, voltou-se, arrancou-lhe as fitas da touca e tirou-lhe aquela coisa da cabeça.

– Então vai! – resmoneou. – Vai!

– É isso que penso fazer! – replicou ela, tentando recuperar a touca.

Mas Christian atirou-a para a lareira e saiu da sala, batendo ruidosamente a porta atrás de si. Se havia algo que odiava no mundo, era uma mulher beata.

Maddy saltou da cadeira para salvar a touca das chamas. Começou a batê-la contra o mármore para evitar que se queimasse.

– Oh, tu! – murmurou entre dentes.

Jervaulx era libertino, arrogante, impossível; ela não queria estar ali; não podia fazer o que ele esperava de si. Bailes, teatros, explicara-lhe tudo o que planeara fazer, e ela tentara fazê-lo ver que seria incapaz de estar à altura das circunstâncias, mas ele não a ouvia.

Devia tanto dinheiro – Maddy não sabia como ele dormia à noite. Não o conhecia; eram demasiado diferentes – *por que* a olhava daquela maneira, com um olhar cheio de promessas e ameaças, para depois passar a noite sentado numa poltrona da sala de estar? Por que não seria um homem sóbrio, prudente e reto, capaz de se comportar com humildade e de aceitar o que Deus lhe dera? Mas não, preferia reinar no Inferno, como o Satanás do poema, e ordenar-lhe que se mantivesse junto dele como sua mulher e duquesa, a desafiar o mundo sem se importar com o que este pudesse pensar.

Uma parte de si dizia-lhe que devia ficar. Sabia muito bem que ele precisava de alguém a seu lado. Não se aguentaria muito tempo sozinho – a responsabilidade que a sua Revelação lhe atribuíra parecia ainda valer. Mas tinha de partir; sentia o perigo que corria. O amor e a ânsia que sentia por ele – aquela aliança ruinosa com um homem mundano e carnal – distorciam a Verdade. Encontrava-se num verdadeiro dilema, dividida entre fugir e ficar, incapaz de ver a Luz no meio das suas paixões obstinadas e irracionais.

Se pudesse encontrar a paz, acalmar-se e ouvir a própria alma... mas não conseguia. Os ecos estridentes perturbavam-na, tal como a presença assertiva e frenética de Jervaulx, cuja ausência deixara a sala mais vazia do que o próprio silêncio.

Maddy queria ir à Assembleia. Havia semanas que não ia. Desejava sentar-se lá, calada, a ouvir, mas até esse desejo albergava uma nova inquietude. Receava ir na sua condição de duquesa, de esposa de um filho do mundo. Envergonhava-a que os Amigos pudessem mirá-la com desdém por se ter afastado tanto da Luz.

A touca ficara inutilizada. Maddy deixou escapar um queixume ao ver a aba chamuscada. Homem diabólico! Voltaria para o pai. Durham podia revezá-la e ficar com o duque.

O fogo de artifício estoirou no exterior e Maddy sobressaltou-se. Com um gemido de desespero, lançou a touca de novo para a lareira. As chamas engoliram-na rapidamente, devorando o branco imaculado numa conflagração amarela, vermelha e negra.

Vauxhall era frio e húmido. Fora da temporada, os carreiros secundários daqueles jardins não eram iluminados: só o pavilhão principal estava aberto para a celebração de um concerto e de um espetáculo de pirotecnia, por ser a Noite de Guy Fawkes. Christian permanecia oculto entre as

sombras, sem se misturar com a multidão que ocupava o carreiro central. Não se sentia em condições de ser visto por ninguém que conhecesse, embora – numa noite húmida de outono como aquela – não houvesse muitos membros da alta sociedade dispostos a pagar a entrada de três xelins para ver «Duas Mil Lamparinas em Cores Patrióticas, Um Espetáculo de Pirotecnia, Salva de Canhões e Magnífica Fogueira».

Melhor assim. A fazer figura de tolo, preferia que isso acontecesse entre desconhecidos. Deixou-se levar pela massa humana. Ao chegar a uma banca de comida afastou-se, escondeu-se entre as sombras, encostou-se a uma árvore e sopesou a possibilidade de comprar alguns caramelos. Enquanto procurava moedas no bolso, uma mão feminina puxou-lhe pela casaca.

– *Preux chevalier* – disse a dama, de véu e quase invisível, toda de negro –, terá a amabilidade de me oferecer uma sidra quente, para podermos manter uma agradável conversação?

Tinha uma voz educada, baixa e rouca e a familiaridade com que o abordara indicava, sem sombra de dúvidas, que se tratava de uma mulher de má vida. Christian olhou-a por cima do ombro sem se afastar da árvore. A mão branca, que ela tirara de um regalo de zibelina, permanecia pousada no braço dele. A mulher inclinou a cabeça, da qual apenas se via o queixo pálido sob o elegante chapéu e o véu pesado.

Christian teve a sensação de que, por baixo do chapéu, havia um sorriso. Retribuiu-lho com uma expressão irónica e abanou a cabeça.

– Oh! Então não procura a companhia de uma dama? – De repente, adotou um sotaque francês bastante evidente. – O senhor, um cavalheiro *du meilleur rang*? Deve ser, no mínimo, duque e vai dizer-me que não pode convidar uma pobre rapariga para um copo de sidra?

Christian contraiu os músculos, alarmado. Olhou-a com maior atenção.

Ela recuou um passo, levantou um pouco a saia e fez uma pirueta lenta como a convidá-lo a observá-la. A seguir, inclinou-se e fez uma vénia profunda.

– Ainda não me reconheceste, Christian? – perguntou, ao mesmo tempo que lhe mostrava um tornozelo fino.

Ele deu meia-volta e começou a andar. Não a reconhecia nem isso lhe importava, e também não sabia o que fazer. Ela desatou a correr ao lado dele.

– Christian! – exclamou. Segurou-lhe o braço e afastou o véu. – Pelo amor de Deus, sou eu!

Christian deteve-se.

– Eydie. – O nome saiu-lhe sem dificuldade. Era uma daquelas palavras que lhe flutuavam na mente; logo desejou não ter parado.

Eydie passou um braço no dele, apoiando-se e, enquanto ele permanecia como que paralisado, roçou o rosto contra a manga da capa dele.

– Oh, Christian, Christian... Como estou feliz por te ver! – A voz de Eydie soava emocionada. Ela agarrava-se a ele.

– Que... estás... – balbuciou, incapaz de dizer mais alguma coisa.

– Não me ralhes! – atalhou. – Tinha de sair! Não aguentava. Vim com a minha aia. Está atrás de nós, ali, estás a vê-la? Já sei que não devia sair, mas mais oito meses de luto... apieda-te de mim, Christian! É tão bom voltar a ver-te! – Virou-se e começou a andar, segurando-lhe o braço. – Não podes imaginar aquilo por que passei. O Lesley *exilou-me*! Na mesma manhã em que descobriu, e não tive sequer um instante para poder entrar em contacto contigo. Oh, ele foi odioso... até me assustou. E a Escócia! Todo o verão e o outono naquele horrível e lúgubre casarão da família dele.

Nem sequer podia escrever-te; senti tantas saudades tuas! Diziam-me que tinha de descansar depois de uma comoção tão terrível, porque pensavam que eu estava assim por o Lesley ter morrido com aquela estúpida gripe, mas era a ti que eu queria; foi por ti que chorei durante todos aqueles horríveis meses. Ninguém me disse nada a teu respeito, nem no funeral, nem depois. Absolutamente nada. Todas aquelas velhas repugnantes queriam que eu pensasse que me tinhas esquecido. Acabo de chegar à cidade, por isso não me pudeste encontrar. Fecharam-me como se fosse uma prisioneira até que...

Deteve-se de repente e ficou a olhar fixamente para o braço de Christian, enquanto tocava no forro escarlate da capa deste.

– Christian... tens uma filha.

Ele permaneceu imóvel.

– Contei-lhes a verdade – prosseguiu ela com uma expressão desafiadora. – Tinha de o fazer, caso contrário nunca me deixariam sair daquele lugar. Disse-lhes que ela não era filha do Lesley . Devias ter visto a cara deles! Então deixaram-me partir!

Christian olhou-a fixamente.

– *Idiota!* – exclamou. – Tu...

– Ela tem os teus olhos, e o cabelo negro como carvão. Não se parece nada com o Lesley. Nem sequer comigo.

Christian agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a.

– Cabra... egoísta! *Contaste?* E... a criança?

– Trouxe-a comigo – disse, a tentar afastar-se. – Christian, estás a magoar-me!

Ele soltou-a com um empurrão.

– Estúpida! É... dele... pela lei... do matrimónio.

Afastou-se dela com um resmungo. Lesley Sutherland morrera? E ele tinha uma filha bastarda, marcada e condenada na família de outro homem. Sentiu-se aturdido, incapaz de controlar o corpo, como se estivesse submerso em águas muito frias.

– Não te zangues tanto, por favor! – suplicou-lhe Eydie ao mesmo tempo que lhe acariciava o braço, conciliadora. – Por favor... Christian... ela é tua e minha. Pensei que... – Calou-se de repente, continuando a tocar-lhe na manga da capa sem dizer nada.

Subitamente, Christian percebeu o que ela pensara. O coração começou a bater-lhe muito depressa.

Santo Deus. Era óbvio.

– Eydie – disse. – Eydie...

Ela apoiou-se contra ele como uma criança, a face encostada ao peito dele.

– Christian, amo-te tanto...

– Eu... – teve de fazer um enorme esforço para acabar a frase – ... *casei*.

Eydie ergueu a cabeça. O rosto era agora mais redondo, e os olhos escancarados olhavam-no com uma expressão interrogativa e enlouquecida.

Ele assentiu em resposta.

Eydie separou-se bruscamente dele enquanto empalidecia cada vez mais.

– Isso não é verdade!

– *Sim*. – Até aquela palavra lhe causou uma autêntica agonia.

– Não! Não. Estás a mentir. Há meses que não leio jornais, mas teria sabido. Teria sabido disso.

Ele manteve o olhar fixo nela.

– Quando? Diz-me quando!

Christian nem o tentou fazer. Era incapaz de o fazer.

– Não é verdade! – repetiu ela e empurrou-o. – Inventaste isso para me dizer quando soubeste que o Lesley morreu. Nessa altura, poderias ter ido à minha procura mas... oh! Seu canalha! É uma mentira para te livrares de mim!

Ele abanou a cabeça.

– É mentira! Basta olhar para ti. Quem é ela?

Ele respirou mais depressa a tentar formar palavras.

– Vês? Nem sequer consegues inventar um nome. É mentira!

Christian voltou a abanar a cabeça. Ela agarrou-lhe os dois lados da capa.

– Christian, não podes ser tão cruel! Tu amas-me. Eu amo-te.

– *Casei* – repetiu ele.

– Dei-te tudo! Nunca te neguei nada! Christian, eles repudiaram-me, a mim e à criança! É como se o tivessem feito. Pagam-me uma pensão ridícula. Uma miséria! Amo-te, Christian!

– Pensar – disse ele, desembaraçando-se dela. – Deixa-me... pensar.

– Oh, sim – respondeu Eydie, como se se apercebesse do tom desesperado da sua própria voz. Recompôs-se um pouco e olhou-o. – Sim, eu... peço desculpa... É que senti tantas saudades tuas... – Voltou a acariciar-lhe a manga. – E não te esqueças... a tua família sempre foi a favor. A tua irmã Clementia e até a tua horrível tia. – Soltou uma gargalhada chorosa e apoiou-se nele. – Oh! Por que casei com o Lesley?

Christian sabia perfeitamente porquê. Porque ele próprio nunca lhe pedira a mão em casamento e, sem exceder os limites da conversa galante, deixara bem claro que não o faria – por mais que todos tivessem tentado lançar-lha nos braços, como sempre faziam com todas as beldades de boas famílias que se destacavam a cada temporada.

– Vai... para casa – disse Christian. Pegou-lhe pelo cotovelo e virou-a na direção da aia. – Tenho de... pensar.

Ela agarrou-se a ele. De repente, pôs-se nas pontas dos pés e deu-lhe um beijo apaixonado nos lábios.

– Não – disse Christian enquanto a afastava, sabendo onde ela queria chegar. Levou-a pessoalmente até à criada, em cuja mão deixou cair meia coroa. – Casa... *já*.

– Sim, senhor. – A aia, conhecedora da generosidade de Christian, apressou-se a pegar no braço da ama.

– Quando vais visitar-me? – perguntou-lhe Eydie.

Ele olhou-a durante um momento. De seguida, deu meia-volta e afastou-se para a parte mais escura dos jardins.

Sentou-se num banco ao qual não chegava a luz. Caía uma chuva fraca que lhe fazia a capa pesar sobre os ombros.

Pensar, dissera, mas continuava verdadeiramente atónito.

Tinha uma filha.

Toda a sua vida parecia virada ao contrário e ameaçada. Tinha dinheiro, mas não podia dispor

dele. Tinha uma duquesa que achava que não devia ter casado consigo e uma antiga amante que achava que devia tê-lo feito. Tinha uma filha que usava o nome de outro homem.

Não lhe restava a menor dúvida de que a criança fosse sua. Naquela altura, Sutherland estava fora do país. Deixara-se levar pela sensualidade e despreocupação, e deitara-se com aquela mulher pronta a isso, devido ao seu próprio capricho e conveniência. Céus, havia sido ele esse homem? Que irresponsabilidade. Não, as consequências não lhe tinham sido totalmente indiferentes, apenas pensara, de um modo galante, que poderia lidar com o que quer que surgisse.

E ali estava, no meio de uma dessas consequências, totalmente indefeso. Se as coisas tivessem corrido como ele as imaginara, quando se desse conta do estado de Eydie, ela ter-se-ia deitado com o marido e teria mentido. Christian ter-se-ia mantido à margem e a paternidade da criança nunca teria sido posta em causa. Mesmo que Sutherland tivesse desconfiado, não teria sido muito terrível. As pessoas poderiam fazer conjeturas ou até ter certezas, mas seria uma extrema falta de tato manifestar em público essas dúvidas acerca da legitimidade de uma filha nascida no seio de uma união legal.

Maldita Eydie. Não devia ter confessado à família de Sutherland. Se tivesse ficado calada, a criança teria sido aceite como filha do marido e era até possível que fosse considerada uma bênção do céu, dadas as circunstâncias. Assim, não era um bom augúrio que tivessem afastado tanto a mãe como a filha do lar da família. Eydie não era um anjo maternal – tinha outros dois filhos que nunca saíam da Escócia, e nem sequer referira que os vira enquanto ali estivera. O mais provável era que, quando percebesse que Christian não pensava casar-se com ela, mandasse a criança para a Escócia, onde esta seria criada como pária.

E não havia absolutamente nada que ele pudesse fazer quanto a isso. Não podia reconhecer a criança como sua – isso seria uma enorme crueldade. Então, sim, convertê-la-ia numa autêntica pária, tanto perante a sociedade como em privado. Nem sequer podia dar dinheiro em segredo para contribuir para o bem-estar da filha. Pelo menos, não de momento, quando nem sequer era capaz de convencer o banco a aceitar um cheque em seu nome. E se o condenassem e o mandassem de volta para aquele lugar... totalmente indefeso... no manicómio.

Apoiou o rosto nas mãos. Os fogos de artifício começaram, e ouviram-se à distância estalidos e gritos. Uma fria gota de água deslizou-lhe da aba do chapéu para a nuca, mas Christian não se moveu. Em vez disso, rezou. Foi uma oração curta e concisa:

Ajuda-me. Não consigo continuar sozinho.

Ámen.

Maddy estava sentada numa cadeira no vestíbulo de mármore. A sua intenção era apenas esperar que ele voltasse e de seguida partir. Mas continuava ali, vestida para partir de viagem, a esfregar as mãos, a ouvir a algazarra e o barulho que tinham imperado durante toda a noite lá fora. Já passava das três da manhã.

Por favor, rezou. *Por favor, Senhor, protege-o. Por favor, Senhor, faz com que encontre o caminho. Por favor, Senhor, se for de Tua vontade, faz com que ele regresse a casa.*

Durham saíra para procurar Jervaulx em todos os lugares onde pensava que ele poderia estar. Os únicos criados de que dispunham eram dois lacaios que os tinham acompanhado desde o castelo de Jervaulx, e Maddy também os mandara procurá-lo. Teria saído ela mesma, mas Durham dissera-lhe que se mantivesse afastada das ruas. De qualquer maneira, não tinha a menor ideia de onde procurar,

por entre toda aquela multidão de pessoas e petardos, fogueiras e efígies em chamas do conspirador Guy Fawkes que iluminavam a noite.

O ruído e os fogos de artifício foram-se calando lentamente, e o estrondo converteu-se em meros estalidos e gritos distantes. As ruas esvaziaram-se, mas Jervaulx continuava sem aparecer. Maddy sobressaltava-se de cada vez que ouvia uma carruagem no exterior, mas nenhuma parava.

Inclinou-se sobre o colo e continuou a rezar. Quando a fechadura da porta se abriu com um ranger forte, levantou rapidamente a cabeça.

Jervaulx entrou sem produzir ruído. Pela expressão que fez ao erguer os olhos e a ver, Maddy percebeu que não estava à espera de encontrar ninguém ali.

– Estás bem? – perguntou ela, com um tom de voz agudo que preferiu ter evitado.

– Qu'ridaMaddy – disse ele em resposta.

A capa e o chapéu brilhavam, molhados. Era belo, alto e moreno, e nos olhos azuis vislumbrava-se uma ligeira perplexidade, como se não conseguisse entender o que estava ela ali a fazer.

Maddy levantou-se.

– Deves estar com fome. Tenho lá em baixo um prato quente. Posso trazer-to ou, se não te importares, podes comê-lo na cozinha.

Jervaulx hesitou por instantes e, de seguida, colocou o chapéu sobre a mesa de entrada. Também pousou a capa em cima dela, mas esta caiu ao chão. Maddy apanhou-a e sacudiu as pregas húmidas. Jervaulx tocou-lhe quando ela se levantou e apertou-lhe o braço.

– Qu'ridaMaddy – repetiu em voz baixa.

Ela mordeu o lábio. Passara tanto tempo preocupada que não conseguiu conter as lágrimas, por muito absurdas que fossem. Escapou-lhe um pequeno soluço. Jervaulx abraçou-a e apertou-a com força contra si.

– Lamento! – balbuciou ela. – Não fui capaz de te deixar. Não fui.

Ele abraçou-a ainda com mais força.

– Tive tanto medo... – acrescentou Maddy com o rosto encostado à lapela da casaca de Christian.

Jervaulx encostou a face ao cabelo dela.

– Não... te mereço, Maddy. Peço... a Deus... mas... não te mereço.

CAPÍTULO 28

Christian deixou que Maddy fosse buscar o pai. Insistiu. Não lhe explicou o que isso lhe custava, o pavor que tinha de conquistar, a sós e à mercê dos inimigos. Beijou-a com veemência e depois manteve-a segura pelos ombros durante muito tempo. Maddy olhou-o com uma preocupação renovada, mas Christian armou-se de coragem e, fazendo um enorme esforço, sorriu-lhe com uma expressão irónica para evitar que Maddy acabasse por se decidir a ficar.

Mandou-a de volta ao castelo com os dois lacaios na mesma carruagem que os levara até Londres. Christian permaneceu em Belgrave Square, naquela casa fechada e deserta, sozinho – era uma sensação estranha, embora não totalmente desagradável; Maddy encarregara-se de deixar preparada comida na cozinha, composta sobretudo de carnes frias e pão; e bebia chocolate quente em frente a uma lareira que ele mesmo acendia. Durham oferecera-se para ficar, mas Christian estava determinado a testar os seus limites. Se não conseguisse cuidar de si mesmo durante uma semana, na sua própria casa, então não podia albergar muitas esperanças de ser capaz de recuperar o controlo sobre questões verdadeiramente importantes.

Na manhã em que Maddy se foi embora, Christian ateou o fogo da lareira na sala das traseiras, bebericando chocolate e escutando a atividade matinal que se iniciava nos prados, atrás do muro do jardim. Ninguém bateu à porta. Não notificara a família – ainda não, não antes de ter pensado no assunto a fundo. E para mais surgira Eydie – um problema acrescido. Surpreendentemente, ela não fizera qualquer referência à enfermidade de Christian. Exceto acusá-lo de mentir, nem parecera ter-se apercebido de alguma peculiaridade no discurso dele.

Falava em demasia para se aperceber de alguma coisa, pensou Christian com secura.

Então amava-o, era? Desagradava-lhe que as mulheres lhe dissessem isso. E também não acreditava – uma lição que aprendera a muito custo aos 17 anos.

Pensou em Maddy, de rosto pálido e sobriamente sentada no frio vestíbulo de mármore, a esperá-lo durante aquelas longas horas que precediam o alvorecer.

Não ia desapontá-la. Não queria cometer erros. Quanto a isso, era bastante lento e metódico, mas, concebera um plano.

Vestiu-se para sair, o que conseguiu fazer quase por completo, sendo apenas incapaz de dar o nó no laço. Por fim, teve de se contentar com um plastrão negro que, às apalpadelas, ajustou e fez deslizar para lhe dar a volta ao pescoço.

No espelho, quase parecia incólume. Se se concentrasse, via-se inteiro, não ao mesmo tempo, mas por partes: a mão direita, o braço do mesmo lado, apenas um pouco estranhos e não exatamente com o aspeto que ele julgava que deviam ter. Abriu e fechou uma das mãos já enfiada numa luva branca: a luva no espelho abriu-se e fechou-se em sincronia.

Atrás, via a escrivaninha refletida no espelho. De um lado, sob uns quantos papéis, encontrava-se uma caixa de madeira fechada. Continha uma máquina de escrever que o engenheiro Marc Brunel lhe

dera para fazer cópias simultâneas, enquanto transcrevia cartas e desenhos. Christian não a utilizara muito. Era uma proeza mecânica – admirava-a por isso e conservava-a disponível, mas a sua letra era tão ilegível que não fazia muito sentido reproduzi-la quando tinha um secretário com uma caligrafia muito mais agradável.

Mas já não tinha secretário. E por mais hedionda que a sua letra se tivesse tornado, tinha de o tentar. Fosse como fosse, a máquina poupar-lhe-ia boa parte do esforço.

Sentou-se e abriu o aparelho. Exigia certos preparativos iniciais, mas Christian recordava-se perfeitamente deles. Aquele invento era, sem sombra de dúvida, um prodígio mecânico de grande precisão.

Brunel e o filho eram formidáveis. Christian utilizara as suas docas flutuantes e o perfurador de túneis, e estava muito interessado no túnel de Rotherhithe sob o Tamisa. Era um projeto infernal de altos voos que prometia deitar a perder milhares de libras antes de começar a funcionar, se é que alguma vez começasse – o tipo de projetos que tentara em vão explicar a Maddy, que os cunhados odiavam, que lhe desequilibravam o saldo entre rendimentos e dívidas, que não se podia permitir que colapsassem por falta de capital – embora este, muito provavelmente, também fosse emprestado – e que não se financiavam com o simples despedimento de uns quantos criados.

Com uma determinação recém-adquirida, Christian meteu várias folhas de papel sob as penas duplas. Fez alguns círculos e rabiscos para testar a máquina e, de seguida, escreveu *Que Deus Abençoe o Rei*.

Leu-o. Que Deus Abençoe o Rei. Tudo escrito e correto.

Olhou para a cópia sob a segunda pena. Em letras amontoadas de um dos lados da folha, podia ler-se «Que Deus AbençoeRei».

Ao princípio, pensou que era uma falha da máquina, mas, quando voltou a olhar para aquilo que escrevera, praguejou em voz baixa. O original era exatamente igual. Ao examiná-lo com cuidado, via-se que as letras tinham a mesma forma e o mesmo tamanho apertado, embora ainda parecesse correto se se limitasse a lançar-lhe um olhar.

Inclinou-se sobre o instrumento e voltou a escrever, desta vez com o olhar posto na outra pena e não naquela que tinha na mão. «Guy Fa», apanhou-se a escrever um «u» em vez de um «w», e corrigiu-se. Prosseguiu com minuciosidade e muito esforço, a deter-se de vez em quando para corrigir falhas de ortografia e até palavras completas que não tencionara escrever – «Tempo de Guy Fawkes» em vez de «Noite de Guy Fawkes».

Era bastante aterrorizador, como se um fantasma lhe guiasse a mão, enquanto ele só podia comparar o resultado com a sua intenção original, ao observar o que saía da segunda pena.

Mas parecia funcionar, se confiasse no que lia na cópia e corrigisse erros antes que estes ocorressem ou, pelo menos, se apercebesse daqueles que cometia. Passou cinco horas a escrever. Quando terminou, tinha duas folhas idênticas que, mesmo comparadas ao contrário, exibiam margens bem centradas. A carta dizia:

Cavalheiros, pela presente informo que leguei todos os bens e propriedades de que disponho à minha mulher, Archimedea Timms Langland, duquesa de Jervaulx, com efetividade imediata, e que ela os transmitirá a título vitalício aos seus, sem que possam existir reclamações ou queixas de qualquer tipo por parte de qualquer pessoa. Este legado será concretizado a menos que eu receba provas conclusivas de que não se porá em dúvida,

nem agora nem no futuro, a minha competência ou capacidade para conduzir os meus assuntos segundo o meu próprio critério.

Se receber tais provas e as mesmas me forem aceitáveis, estarei disposto a rever o presente legado.

Christian, Duque de Jervaulx

Pelo menos, era isso que lhe parecia que a carta dizia.

Esperava que desse resultado. Tinha de dar. Eles que se preocupassem, que parassem para pensar e se perguntassem se estava tão indefeso quanto aparentava.

O empregado dos escritórios de Torbyn nunca vira Christian. Embora não fosse tão sobranceiro que não se dignasse a dirigir-se ao centro financeiro da cidade, por norma os negócios iam ter consigo, não o oposto. Entrou no local depois de diversos empurrões e faltas de consideração. O funcionário limitou-se a erguer os olhos daquilo que estava a copiar e perguntou-lhe:

– Bom dia. Tem reunião marcada, cavalheiro?

Christian tirou o chapéu e a capa, atirando-os para cima do balcão. Aterraram mesmo em cima dos papéis daquele pobre diabo. Umas gotas de humidade condensada soltaram-se da roupa sobre a tinta fresca. Enquanto o jovem protestava de indignação, Christian deixou cair o cartão de visita sobre o monte e seguiu caminho, subindo as escadas. Um momento depois, o empregado lançou uma imprecação e correu atrás dele.

Apanhou-o no patamar, entre vénias e pedidos de desculpa ofegantes. De seguida, subiu o segundo lancil quase de costas, ainda a tentar fazer reverências. Pisou mal o terceiro degrau, escorregou, mas conseguiu recuperar rapidamente o equilíbrio e voltar a inclinar-se perante Christian, que já sentia pena dele.

No entanto, guardava a verdadeira satisfação para a expressão que o pobre Torbyn faria ao vê-lo, e não ficou dececionado.

– O duque de Jervaulx – anunciou o funcionário ao abrir a porta. – Sua Senhoria! – acrescentou com algum atraso, coradíssimo.

Christian deteve-se junto da porta, a jogar a sua cartada até ao fim. Apanhara o agente que exercia as funções de administrador-geral a ditar qualquer coisa. Tinha a cadeira reclinada para trás sobre as duas pernas traseiras e as mãos cruzadas sobre a casaca. Era um agressivo buldogue de cabelo branco que ladrava instruções ao administrador de uma propriedade distante.

Já não fechou a boca. Durante um longo momento, Torbyn, os funcionários e Christian formaram um retrato vivo e imóvel.

Christian foi o primeiro a agir, para continuar a manter a vantagem. Fizera todo o trajeto até Blackfriars a ensaiar uma frase de três palavras, a repeti-la uma e outra vez.

– Desembolse... *dinheiro* – ordenou.

Não conseguiu dizer a frase por inteiro mas, de qualquer modo, a expressão de Torbyn passou da surpresa inicial a uma expressão de compreensão. O administrador-geral levantou-se da cadeira.

– Por favor, queira sentar-se, Sua Senhoria.

Christian não se moveu.

– Já. Os cheques.

– Traga a caixa do duque. Aqui está o número. – Torbyn pegou num pedaço de papel e rapidamente escreveu qualquer coisa nele. Estendeu-o a um dos funcionários. O rapaz deslizou para fora da sala, por trás de Christian. – Compreenderá, Sua Senhoria, que tenho tido as mãos atadas, por falta de uma procuração.

Christian nunca permitira que naquela agência se fizessem pagamentos sem a sua assinatura. Era uma velha medida de precaução que aprendera com os erros do pai. Legalmente, Torbyn não podia desembolsar fundos, embora a Christian não restasse a menor dúvida de que o agente era uma raposa velha que saberia encontrar uma maneira de o fazer caso estivesse interessado nisso.

– Alegro-me muito por o ver recuperado – disse Torbyn, quando Christian se calou. – Mr. Manning tinha-me deixado muito preocupado.

No exterior, um porteiro assobiou fortemente. Christian dirigiu-se à janela e olhou para a rua.

– Não... há motivos para isso – disse.

Mesmo abaixo dele, o rapaz que devia ter respondido ao assobio atravessou a rua a correr ao mesmo tempo que enfiava um papel no bolso. Um instante depois, ouviam-se os passos do funcionário nas escadas.

O jovem entrou no escritório e pousou uma grande caixa azul sobre a secretária de Torbyn. Era a mesma que costumava chegar a Belgrave Square uma vez por mês para que Christian executasse o pequeno ritual de assinar cheques. O agente abriu-a e começou a tirar livros do interior.

– Receio que nos tenha apanhado de improviso e que os cheques estejam por redigir. Demorará algum tempo. Sua Senhoria terá entretanto a bondade de me acompanhar à saleta para uma chávena de café?

– Não. – Christian não queria passar mais tempo a falar do que o estritamente necessário. Maldição! Não contara com aquilo, já que sempre recebera os cheques e talões preparados, a precisarem apenas da sua assinatura.

– Muito bem. – Torbyn ofereceu-lhe uma cadeira. – Se preferir sentar-se aqui...

– Não – repetiu. – Tenho... de ir. – Sentia que lhe custava mais controlar a fala. – Eu... outros... assuntos.

– Se Sua Senhoria nos honrar com alguns minutos do seu tempo...

– Depois – disse Christian, e começou a dirigir-se para a porta.

– Não demora! Será muito rápido, na verdade. Vou pôr os dois rapazes a passá-los. Um quarto de hora, no máximo.

Algo na insistência de Torbyn alertou Christian. Recordou-se do assobio e do mensageiro a correr. Deteve-se.

– *Maldito!* – rosnou e virou-se para Torbyn. – Mandou... chamá-los!

– Bem... só um momento... excelência, na verdade... acho que devia ter em consideração...

Christian começou a meter os livros na caixa. O agente tentou impedi-lo, pondo-lhe a mão sobre o pulso. Christian imobilizou-se e fitou-o.

– Atreve-se? – perguntou num tom baixo, mas ameaçador.

Torbyn soltou-o. Christian acabou de guardar os livros de cheques.

Não era sua intenção agir tão depressa antes de estar preparado, mas tirou do bolso da casaca o documento que redigira e pousou-o sobre a secretária do agente.

– Entregue... Mr. Manning.

Tapou a caixa azul, pegou nela e fugiu, com passos rápidos, a conter-se para não desatar a correr.

Já não podia voltar atrás, nem fraquejar. Entrou na residência da família sem bater, apostando que o mensageiro de Torbyn teria ido à casa de um dos cunhados e não ali. Era o dia em que a mãe recebia visitas. Melhor assim: os convidados serviriam para a obrigar a controlar-se um pouco. O mordomo desceu as escadas e veio ao seu encontro.

– Calvin – chamou-o Christian. O homem empalideceu. Christian pegou-lhe pelo braço antes que ele se pudesse retirar. – Diz-me... *onde!*

– Com Sua Senhoria, mas...

Christian não lhe prestou mais atenção e subiu a escadaria de dois em dois. Deu a volta ao corrimão do piso superior e entrou na sala de estar.

Havia várias damas sentadas a conversar, rígidas como se tivessem tábuas atadas às costas, os chapéus cheios de plumas e flores. Ele dirigiu-se à mãe.

Estava a falar. Foi o silêncio que o acompanhou quando atravessou a sala que fez com que ela se apercebesse da presença de alguém. Quando a dama com a qual conversava também se calou, a mãe de Christian levantou a cabeça, viu-o e desfaleceu.

Perdeu mesmo os sentidos. As damas soltaram pequenos guinchos. Christian apanhou a mãe quando esta pendeu para a frente, evitando que caísse no chão. Atrás dela, viu Calvin, que tinha estado a recolher chávenas numa bandeja no fundo da sala.

O desmaio durou apenas um instante. Assim que desfaleceu, ela começou a mover-se muito devagar. Christian e Calvin ajudaram-na a endireitar-se. Ela agarrou o braço de Christian e pestanejou várias vezes enquanto o olhava.

– Estou... Belgrave Square – disse ele. Soltou-se e, enquanto a mãe emitia vários sussurros incoerentes de súplica, olhou fixamente para Calvin. – Vens?

– Com certeza, Sua Senhoria – respondeu o mordomo enquanto continuava a segurar a duquesa viúva. – Imediatamente.

– Preciso... pessoal – disse Christian.

– Eu encarrego-me disso, Sua Senhoria.

Christian fez uma profunda reverência à mãe, cumprimentou educadamente com a cabeça o atónito círculo de mulheres e saiu da sala.

Não tardaram a aparecer em Belgrave Square. Manning, Stoneham, Tilgate e Perceval, acompanhados por um advogado e por Torbyn, como precaução. A presença dos seis homens deixou Christian retesado, em alerta, mas tinha um remédio para isso, carregado e preparado no bolso, para compensar o desequilíbrio numérico.

Calvin ainda não chegara. Pela janela do salão azul, Christian viu o grupo aproximar-se da casa. Sozinho, limitou-se a esperar, ouvindo as pancadas estrondosas que davam na porta. Os seus lábios arrepanharam-se numa expressão de desprezo quando a forçaram e começaram a procurá-lo por toda a casa.

A falsa hospitalidade não fazia parte das suas qualidades, nem do seu ânimo. Manning foi o primeiro a entrar no salão, seguido por Stoneham. Christian limitou-se a olhá-los, arqueando as

sobrancelhas com uma indiferença divertida ao ver a expressão que faziam ao encontrá-lo ali.

Stoneham chamou o resto da comitiva com um grito agudo. Christian nada fez quando entraram e Manning fechou a porta. Deixava que a primeira jogada fosse deles.

Foi um tanto dececionante. Stoneham, nervoso e afetadíssimo, não deixava de tocar nas patilhas demasiado longas.

– Pregaste um enorme susto à tua pobre mãe!

Christian encostou-se ao lintel da lareira.

– Pobre mãe – disse com uma expressão cínica.

Fez-se silêncio.

– Estás aqui sozinho? – perguntou Manning. – Onde está a mulher?

– Queres dizer... *duquesa?*

Manning, um homem corpulento e rubicundo com a aparência de um senhor rural aficionado à caça, avançou até uma cadeira.

– Importas-te que nos sentemos?

Christian torceu um pouco a boca.

– Posso evitar?

Manning fez sinal aos outros para que se sentassem. O advogado, um tal Mr. Bacon, pousou um rolo de papéis sobre a mesinha junto do sofá.

– Mr. Torbyn diz que levaste os livros de cheques e de contas – continuou Manning. – Não me parece uma atitude muito sensata, Jervaulx.

Christian permaneceu de pé, de braços cruzados.

– Viemos pedir-te que os devolvas – acrescentou o cunhado.

O sorriso amargo de Christian aumentou.

– Sacana.

Manning inspirou e inclinou-se para a frente na cadeira.

– Estamos a tentar fazer o que é melhor para ti. – Christian deixou que aquelas palavras pendessem no ar. – Maldito sejas, estamos a tentar salvar o que ainda pode ser salvo – acrescentou Manning. – Mas tu e a tua tia estão a dificultar muito as coisas. – Recostou-se de novo. – Esse «legado» que afirmas ter feito... não pensas que algum tribunal deste país o aceitará, pois não?

Christian inclinou a cabeça.

– Averigua-o.

– Tens de enfrentar a verdade, Jervaulx. Qualquer coisa que faças agora, desde que... desde que a razão te abandonou... tudo será posto em causa. Até essa farsa do teu matrimónio. Compreendes? Não me parece que compreendas. Estás com um ar... sim, a tua tia falou de lucidez, mas uns intervalos de lucidez não bastam para administrar adequadamente um património. Quando se realizar a audiência, como já devia ter acontecido há um mês, os testemunhos cobrirão o período completo.

– Se... – Christian sorriu. – *Se*.

Manning ergueu o tom de voz:

– Nada de «ses»! A audiência vai realizar-se!

– Mas, Manning... – disse Stoneham, e estendeu um braço.

– Se me permitem a palavra... – atalhou o advogado num tom conciliador. – Trouxe a proposta de Mr. Perceval e de Lord Stoneham, para a criação de um fideicomisso privado, Sua Senhoria. Seria uma honra analisá-la consigo.

Christian estendeu a mão. O advogado saltou da cadeira e desatou o rolo de papéis, que de seguida lhe entregou.

– A primeira página não passa de questões preliminares e outras – disse Mr. Bacon. – Assim que se...

Christian pegou na primeira página e lançou-a para a lareira.

– Bom... – Bacon parecia desconcertado. – Se se concentrar na segunda, verá que...

Christian lançou a segunda página para a lareira. De seguida, pegou na terceira e olhou para o advogado a sorrir.

– Valha-nos Deus, é um imbecil! – exclamou Manning, e levantou-se. – Não podemos esperar que compreenda racionalmente as coisas – acrescentou, enquanto dava alguns passos como se tivesse a intenção de tirar as folhas restantes das mãos de Christian.

Este atirou o rolo inteiro para a lareira. As folhas dobraram-se e enegreceram até estalarem em chamas.

– Não... *fideicomisso* – declarou.

– Isto é inútil – disse Manning, e dirigiu-se a Christian. – Stoneham! Agarra-o!

Era aquilo que Christian receava, que até esperava, mas, apesar disso, quando aconteceu pareceu-lhe irreal. Manning fez um esforço errático para o agarrar, mas Christian afastou-se e sacou da pistola. Stoneham, que fizera apenas um tímido avanço, deteve-se de imediato. Torbyn tinha sido mais agressivo; deteve-se paralisado a poucos centímetros de Christian, enquanto o advogado se escondia atrás dele.

Christian queria mandá-los embora, mas tinha o sangue a latejar-lhe nos ouvidos e não conseguia articular palavra.

Queriam apanhá-lo; se tivessem oportunidade, levá-lo-iam. Apercebeu-se de como estava perto de regressar àquele horror – que em breve poderia acordar com a camisa de forças vestida, a enfrentar a Besta, o garrote e a loucura.

– Cuidado – avisou Torbyn. – Cuidado, Mr. Manning.

Este baixou lentamente a mão.

– Enlouqueceu – sussurrou Stoneham.

Christian lançou uma gargalhada furiosa.

– Corja... amadores!

A Besta facilmente teria conseguido subjugá-lo. Sentia náuseas e fúria a acumularem-se-lhe na garganta.

– Larga a arma – aconselhou Manning, com um pequeno aceno da cabeça. – Pousa-a sobre a lareira, Jervaulx. Não piores as coisas.

– Fora – disse Christian.

– Estamos aqui para te ajudar – replicou Manning, a alegar um motivo supostamente convincente que, sem o saber, o punha em maior risco de vida.

– Fora – repetiu Christian com um grunhido.

– Baixa a arma – disse Manning.

Christian apercebeu-se de que o cunhado ia forçar a situação. Ou não estava consciente de até onde um verdadeiro louco era capaz de chegar, ou acreditava que Christian tinha a lucidez suficiente para perceber o óbvio. Que não podia cometer um assassínio no próprio salão e sair indemne daquilo, como se fosse um homem no seu perfeito juízo.

– Larga-a – repetiu Manning. – Não vais disparar contra ninguém.

Christian sabia que devia ter esperado até ter Durham a seu lado. Não devia ter permitido que o encurralassem sozinho. O cunhado tinha a razão do seu lado ao achar que aquilo não passava de *bluff*. Quanto a Christian, tinha o manicómio, a perda de Maddy, da fortuna e da razão.

Antes preferia a forca.

Apontou a pistola a Manning. Era uma arma de cano curto sem estrias, que não exigia uma enorme exatidão para abater quem estivesse mais próximo e até mais longe. Pela expressão de Manning, parecia que este por fim compreendia a situação. Ficou totalmente lívido.

– Não faças isso!

Mas não fora Manning quem falara. Era a voz de Maddy, alta e clara, um espanto como o de uma trombeta a soar no silêncio petrificado. Encontrava-se na soleira da porta, simples, serena e sensata no seu vestido cinzento, com Calvin e três lacaios formados atrás dela.

Christian soltou um longo e mudo suspiro de alívio. Sorriu lentamente aos cunhados.

Maddy afastou-se da porta e apontou para a saída.

– Os senhores vão sair agora. O duque deseja que abandonem esta casa o mais depressa possível.

CAPÍTULO 29

Christian estava sentado numa poltrona a descarregar a pistola com uma lentidão meticulosa, mantendo a cabeça inclinada para ver melhor, atento à espoleta. Quando terminou, pôs ambas as partes de lado e olhou para Maddy.

– Devias estar... com paizinho.

– Quanto mais nos afastávamos, mais eu ia pensando... no quanto precisavas de mim. – Ela baixou os olhos. – Sou a tua proteção. Não devia ter-te deixado.

Christian permitiu que ela continuasse a acreditar naquilo. Não lhe disse que preferiria ser protegido por Calvin, a pistola e três criados fortes. Até desejava que ela não tivesse aparecido naquele momento tão imprevisível. Afinal, tudo se reduzia ao que ele previra. A força bruta contra a força bruta.

– Queriam levar-te?

– Manning... precipitar. Stoneham e Perceval... não tão seguros. Tu... e Calvin... fizeram-nos mudar de ideias. – Sorriu com secura, concedendo-lhe esse mérito. – Feliz teres voltado.

– Sim, não tornarei a deixar-te. – Maddy parecia enervada depois do que se passara. – Mas não vão esquecer o que aconteceu. A história da arma não foi muito sensata da tua parte, Jervaulx.

Ele encolheu os ombros.

– Defesa.

– Uma conduta pacífica será sempre a tua melhor defesa. – A voz dela traía, numa reação tardia, os nervos que sentira.

– É fácil... dizer! – respondeu ele. Levantou-se e ergueu os braços de Maddy. – Uma besta enorme... como tu. Assustas... as crianças. Os cães fogem... à tua passagem. A terra treme. Para ti... muito fácil... ser pacífica.

Maddy engoliu em seco e fechou os lábios, o humor a vencer a batalha sobre os nervos.

– És um tonto – disse.

Christian sentia-se muito satisfeito por a ver. Muitíssimo.

– Sim. Tenho a cabeça... tonta. – Juntou as mãos dela e beijou-lhe os dedos. – Depois de descansar... ficarei melhor.

Maddy fechou as mãos, mas Christian agarrou-as. A boca dela exibia um sorriso tímido e ligeiro. As pestanas longas formavam um véu dourado sobre os olhos verdes.

Christian atraiu-a um pouco para si, exultante de alívio e por ter chegado ao fim aquele momento de tensão, mas também pela presença inesperada de Maddy. Continuava vivo e em liberdade. Beijou-a e sugou-lhe os lábios como se quisesse roubar-lhe o alento enquanto a apertava firmemente contra si. Sem palavras, ergueu-a no ar. Portas e vestíbulo, a boca dela, o corpo dela nos seus braços – na sua cama.

Não perdeu tempo com preliminares galantes. Possuiu-a com vigor bruto, a reclamar o que lhe

pertencia, enquanto ela o envolvia com as mãos e o puxava para baixo com uma urgência que parecia idêntica.

Na manhã seguinte, Christian pôs Maddy a trabalhar depois do pequeno-almoço e pediu-lhe que escrevesse uma mensagem concisa e educada para um sócio do Banco Hoare, em que lhe pedisse que se apresentasse sem delongas em casa do duque. Maddy ficou encantada por o fazer pois, de momento, viviam das duzentas e oitenta e sete libras que restavam das fivelas de Jervaulx, uma quantia que já não lhe parecia enorme, mas antes terrivelmente inadequada aos gastos de Jervaulx.

Quando terminou a redação de uma forma que o satisfez, Maddy teve de escrever um anúncio a ser publicado nos jornais, declarando que o duque de Jervaulx já não honrava Mr. Torbyn, agente de propriedades, com a sua confiança. A partir desse momento, todas as questões relacionadas com os seus assuntos deviam ser enviadas para Belgrave Square, e nenhum gasto ou comissão devia ser efetuado a não ser que contasse com a autorização pessoal do duque. Depois pôde descansar um pouco, enquanto Jervaulx subia ao piso superior para que o barbeassem e vestissem.

Permitiu-se o prazer de uma segunda chávena de chá sentada na sala das traseiras, uma sala agradável decorada num amarelo-margarida, sobranceira a um jardim traseiro sem flores, com um muro a separar a casa dos prados. Começou a escrever uma carta ao pai, pois sabia que, quando Jervaulx voltasse, o mais provável seria não ter tempo de o fazer.

Estava a meio da segunda página quando Calvin entrou na sala a equilibrar uma bandeja de prata numa mão e a fechar a porta atrás de si com a outra. Maddy levantou a cabeça com relutância.

O mordomo fez uma vénia.

– O duque não está consigo, Sua Senhoria?

Maddy tinha a sensação de que nem ela nem o Calvin londrino sabiam muito bem o que fazer um com o outro. Como velhos rivais que, na noite anterior, se tinham unido perante uma adversidade, pareciam encontrar-se no meio de uma estranha trégua de hostilidades que poderia transformar-se em guerra ou em paz à mais pequena alteração. Maddy preferia sinceramente a paz, por isso quando ele se lhe dirigiu por «Sua Senhoria» com toda a solenidade, esteve quase para não protestar. Porém, o título mundano estava a converter-se num verdadeiro fardo, o que a fazia ter a certeza de que devia suportar as consequências de o negar.

– Desejo que me tratem por «minha senhora», Calvin – disse, no tom mais amável de que foi capaz. – Lembra-te de que não posso dar nem receber esse tipo de tratamento.

Previra que o homem se retesasse e a olhasse ofendido do alto do longo nariz, tal como Calvin Sénior o fizera. Sabia que era uma provocação capaz de o contrariar de vez. No entanto, o maxilar digno e rígido de Calvin pareceu descontrair-se um pouco.

– Lembro-me sim, minha senhora – replicou.

Maddy surpreendeu-se perante aquela rendição tão fácil.

– E não te sentes ofendido com isso?

– Seria uma impertinência da minha parte ofender-me com alguma coisa que a senhora dissesse.

Maddy baixou o queixo, cheia de dúvidas. Calvin fez uma vénia.

– Se negasse o tratamento correto a Sua Senhoria o duque e, depois exigisse um tratamento como se lhe fosse superior... nesse caso, sim, sentir-me-ia ofendido. No entanto, dado que o seu comportamento é simplesmente coerente, não posso senão apreciar a constância da sua conduta.

Maddy mordiscou a extremidade da pena.

– Gostas de andar com pó no cabelo?

Percebeu que a pergunta desconcertara Calvin. Este pousou a bandeja.

– Nunca tinha pensado se gostava ou não. Acho... que deixa o cabelo desagradavelmente rijo depois de se aplicar a pasta. E tem de ser lavado todas as noites, o que por vezes provoca constipações.

– Bom, se não gostas de o usar, não precisas de o fazer. O Jervaulx não se importa e a mim parece-me um absurdo desperdício de dinheiro.

Calvin inclinou-se.

Maddy escondeu um sorriso.

– Também não deves fazer-me vénias – disse-lhe.

Calvin iniciou outra vénia, mas conteve-se a meio.

– Como quiser, minha senhora. – Endireitou-se. – O duque, presumo então, encontra-se no andar de cima?

– Sim. Há alguma coisa que eu possa fazer no lugar dele?

– Não precisa de se incomodar, minha senhora. É apenas uma visita para Sua Senhoria.

– Oh. – Maddy sentiu um aperto no coração. – É a duquesa viúva?

– Claro que não. Nunca lhe pediria que esperasse no vestíbulo! – Tornou a pegar na bandeja. – Para além do que – acrescentou num tom confidencial –, que eu saiba, o duque não encoraja a mãe a visitá-lo em casa. É sempre ele quem a visita.

– Compreendo. – Aquela falta de hospitalidade filial não lhe parecia muito correta, mas talvez não fosse totalmente injustificada. Mordeu o lábio enquanto pensava. – Eu acho... talvez... o Jervaulx é capaz de querer que eu fale com as visitas. – Levantou-se. – Talvez seja melhor ser eu a receber quem chegou, se tiveres a amabilidade de acompanhar a visita até aqui, até que o duque desça.

Calvin pigarreou.

– Creio que, neste caso, seria melhor que o perguntasse primeiro a Sua Senhoria, minha senhora. Poderei ir consultá-lo?

– Neste caso?

– Sim, neste caso. – Calvin fechou a boca com a expressão de alguém que acabara de dizer tudo o que diria.

– Bom, mas... não será má educação deixar a visita à espera?

– Vou informar o duque, minha senhora.

Calvin fez outra vénia, voltou a deter-se a meio, saiu da sala e fechou a porta.

Maddy sentia-se perplexa. Não sabia se Calvin tinha alguma objeção contra aquela visita em particular, ou se temia que Maddy se ridicularizasse, bem como a toda a casa, logo no primeiro teste social. Surpreendeu-se por Calvin não ter convidado a pessoa em questão a entrar para a saleta do pequeno-almoço, onde ela mesma esperara tantas vezes. Parecia uma ofensa deliberada fazer a visita esperar, de pé, no vestíbulo. Isso, juntamente com a estranha atitude do mordomo, levaram-na à conclusão de que o problema se encontrava mais no visitante do que em si mesma.

No momento em que tentava conformar-se com essa ideia, a porta entreabriu-se.

– Christian? – chamou uma voz feminina e jocosa. – É a Eydie. – A porta abriu-se mais. – Anda lá, eu sei que estás aqui...

A visita deteve-se à soleira da porta. Estava de luto, e o véu afastado para trás exibia um rosto

delicado e um cabelo de um ruivo apelativo e intenso, que lhe caía em caracóis sobre as faces. Por um instante, Eydie pareceu desorientada, ao mesmo tempo que examinava Maddy de alto a baixo. De seguida, a expressão alterou-se-lhe para uma de total desinteresse.

– Ah... – disse. – Quero ver o seu amo.

– O duque encontra-se no piso superior – explicou Maddy com voz firme, decidida a não arruinar aquele primeiro encontro com alguém pertencente à mesma classe social que Jervaulx. – Sou Archimedea Timms... bom, sou a mulher dele – acrescentou, ao mesmo tempo que estendia a mão para a cumprimentar.

Enquanto Maddy dizia isto, a mulher tinha estado ocupada a procurar algo na sua bolsa rendada. No momento em que Maddy lhe estendeu a mão, Eydie levantou a sua.

– Dê-lhe isto... – Eydie interrompeu-se a meio da frase e levantou a cabeça para a mirar, com um papel na mão e meia coroa visível na luva. – Que disseste?

– Chamo-me Archimedea – repetiu Maddy, a tentar sorrir, sem muito êxito. – A mulher do duque. Sei que é um tanto surpreendente.

Eydie pareceu achá-lo mais que surpreendente. Devia achá-lo hilariante, pois deitou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada nervosa e aguda.

– É uma brincadeira – disse por fim.

– Não – respondeu Maddy.

O papel e a moeda caíram no chão.

– Ele pagou-lhe. Pagou-lhe para estar aqui à espera que eu aparecesse e para me dizer isso. É uma brincadeira.

– Não, receio que não seja brincadeira alguma.

Eydie abanava a cabeça.

– Sim. Sim, sim, sim. É uma brincadeira.

Calvin apareceu à porta. Estava rígido como uma pedra e o rosto não exibia qualquer expressão.

– Sua Senhoria não está em casa, minha senhora – disse a Eydie. Esta olhou para ele. – Não está em casa – repetiu Calvin, com firmeza.

Eydie começou a soltar gargalhadinhas nervosas de um modo horrível, e deixou-se cair numa cadeira como se fosse um fantoche.

– É uma brincadeira! – exclamou, e recostou-se na cadeira. Começou a rir-se de maneira estranhíssima e cada vez mais agitada. – É uma piada muito cruel.

– Mrs. Sutherland, tenho de lhe pedir que saia de imediato – disse o mordomo.

– É uma *crueldade*! – gritou ela, lançando a cabeça para trás. De um salto, levantou-se da cadeira e saiu a correr da sala em direção ao vestíbulo. – Christian! – A voz e os passos ressoaram nas escadas de mármore. – Christian, isto é uma crueldade! Estás a ouvir-me? É uma *crueldade*!

Maddy apressou-se a sair atrás de Calvin, e chegou ao vestíbulo a tempo de ver Eydie subir a escada curva.

– Estás a ouvir-me? – guinchava, ao mesmo tempo que levantava a saia e subia. – É *mentira*! Não casaste!

A voz aguda e ressonante da sua voz instigou Jervaulx a surgir ao cimo das escadas. Estava em mangas de camisa e de botas calçadas. Agarrou-se à balaustrada de ferro forjado com adornos dourados e permaneceu imóvel, os dedos brancos devido à força exercida sobre o corrimão.

– Christian! – disse Eydie. Deteve-se alguns degraus abaixo dele. – Não é verdade.

Jervaulx não se mexia. Limitava-se a olhá-la, sem mover um músculo.

Eydie agarrou-se ao corrimão, com as duas mãos a envolvê-lo e a cabeça sobre os braços estendidos enquanto olhava para cima para Jervaulx, como se fosse um cachorro a suplicar carinho.

– Por favor, não me faças isto. Diz-me que não é verdade.

– Verdade – respondeu ele com uma voz baixa, mas que encheu o vestíbulo com um ruído abafado.

Eydie caiu sobre os degraus e voltou a soltar as mesmas gargalhadas histéricas.

– Mas eu dei-te tudo, C... Christian!

Os soluços misturados de gargalhadas ecoavam no mármore. Maddy apercebeu-se de que o criado de quarto de Jervaulx se encontrava atrás dele. Os outros três lacaios estavam no vestíbulo inferior, e a criada e a cozinheira espreitavam pela porta de acesso à cave: todos imóveis, a observar a cena.

Maddy pegou na saia e subiu as escadas. Ouviu Jervaulx a emitir um som inarticulado, mas continuou a subir até se ajoelhar junto da lacrimosa Eydie.

– Vamos – disse. Pegou na mão enluvada de negro de Eydie e ajudou-a a levantar-se da pedra fria. – Vamos, não podes continuar assim, ainda adoeces. – Eydie parecia ter perdido as forças e arquejava. Maddy sentou-se num degrau e passou um braço por trás dela. Puxou Eydie contra o ombro e embalou-a. – Lamento. Não devia acontecido assim. Lamento.

Eydie chorava, desconsolada, a derramar lágrimas sem parar e a expulsar ar de um modo espasmódico, como uma criança birrenta. Maddy olhou para Calvin e fez-lhe sinal com a cabeça para que ele mandasse sair os criados do vestíbulo. O mordomo tinha a expressão de alguém que acaba de testemunhar um acidente terrível, e moveu-se para obedecer às instruções de Maddy de um modo rígido e desorientado.

– Odeio-o – murmurou Eydie. – *Odeio-o*... Odeio-te!

Maddy deixou-a falar, ainda a agarrá-la, a olhar para os próprios joelhos e para a renda cara do vestido negro de Eydie. A aba do chapéu dela cravava-se-lhe no pescoço.

Eydie lançou um gemido longo e patético de desolação.

– Devia ter sido eu. Devia ter sido eu.

– Eu sei – disse Maddy sem se alterar. Olhou para os brilhantes caracóis ruivos de Eydie e recordou-se da madeixa de cabelo que vira no estojo junto da cama de Jervaulx. – Não duvido de que devias ter sido tu.

– O quê? – Eydie contorceu-se com um soluço cheio de desprezo. – Ainda por cima... não o queres? – Voltou a gemer. Afastou-se de Maddy, inclinou-se para a frente e abraçou-se. – Não... o queres? – repetiu entre lágrimas e uma gargalhada de amargura.

– O que quero dizer... é que não temos muito em comum – explicou Maddy.

– Em comum! – exclamou Eydie e voltou a estremecer. Escondeu o rosto no regaço e chorou.

Maddy acariciou-lhe o ombro. Sentia os movimentos provocados pelos soluços sob o tecido requintado.

Eydie tirou um lenço da bolsinha e encostou-o à boca.

– És *quaker* – disse, através do linho.

– Sim, sou uma amiga.

Eydie começou a baloiçar-se.

– Não acredito. Não acredito. Odeio-te, Christian. – Ergueu o tom de voz até se transformar num grito. – *Odeio-te!* Estás a ouvir-me?

Não houve resposta. Maddy não olhou para cima para ver se ele continuava ali. Eydie recomeçou a

chorar de um modo menos agitado e com o lenço encostado ao rosto. Com um encolher de ombros, afastou a mão de Maddy.

– Como é que conseguiste? – perguntou de repente.

Maddy manteve-se sentada no degrau, de dedos entrelaçados à frente dos joelhos.

– Consegui?

– Como conseguiste apanhá-lo? E não me venhas com mentiras tontas – exclamou Eydie. – A irmã dele é minha amiga. Ela vai contar-me a verdade.

Subitamente, Eydie levantou-se, agarrou na saia e começou a descer as escadas, como se esse pensamento a tivesse impelido a passar da angústia à ação. Quando chegou ao fim das escadas, parou e olhou rapidamente para cima, para lá do local onde Maddy se encontrava. De seguida, cobriu o rosto com o véu e desapareceu no vestíbulo. A porta de entrada bateu estrondosamente e ressoou pelo vestíbulo.

Maddy permaneceu sentada nos degraus. Tentava controlar a respiração para refrear o tremor que lhe começara no estômago e que se estendia por todo o corpo. Quando achou que já o tinha dominado, levantou-se. Deu meia-volta para olhar para cima, embora soubesse que ele já não se encontrava ali. Vira-o no rosto de Eydie.

No piso térreo, Calvin aproximou-se dela muito depressa.

– A culpa é minha, minha senhora – disse. – Não devia tê-la deixado entrar.

– Calvin – disse Maddy, numa voz trémula que não conseguia controlar. – Preciso da minha capa.

– Mas, minha senhora...

– Tenho de sair. Preciso de sair.

– O jardim está...

– Não – disse Maddy, enquanto se dirigia para a entrada principal. – Tenho de sair daqui.

– Espere um momento, minha senhora. Sua Senhoria vai querer sabê-lo.

Abriu a porta. Recebeu com agrado o ar frio e húmido que lhe embateu nas faces ardentes. Não esperou por Calvin, nem pela capa. Fechou a porta sem fazer ruído, desceu os degraus de um branco imaculado e começou a encaminhar-se para casa.

Do quarto de vestir, Christian ouviu a porta bater. Não se moveu nem olhou pela janela para ver Eydie afastar-se. Estava sozinho no meio do quarto, o som da voz estridente de Eydie ainda a ressoar-lhe nos ouvidos. Permaneceu assim durante muito tempo.

Fora estranho e irreal ver a mulher a consolar a amante. E, como uma conclusão do papel vil que desempenhara, Christian pensou: «Não se apercebeu do que se está a passar.»

Quer o tivesse percebido, quer não, a simples mostra de compaixão de Maddy para com outro ser humano atingira-o, expondo-o tal como era: tinha-se enfurecido perante a desfaçatez de Eydie ao aparecer em sua casa, irritado até ao paroxismo pela cena que ela fizera, e preparara-se para a pôr na rua sem quaisquer contemplações – e Maddy, oh, Maddy, ela tinha-o feito sentir, perceber, a dor que provocara.

Não queria que chegasse a este ponto: a este lamento nauseado de um diabo inconsciente que se arrepende dos seus atos quando já é demasiado tarde. Não era minha intenção, não o teria feito se tivesse sabido, se pudesse ter previsto, se, se, se...

A batida ligeira de Calvin na porta fê-lo voltar-se e abri-la de supetão.

O mordomo parecia um condenado prestes a ser executado.

– Sua Senhoria... – começou a dizer.

Christian cortou pela raiz as desculpas servis que se seguiriam. Seria absurdo e repugnante humilhar um criado por algo provocado pela sua falta de bom senso.

– Onde? – exigiu saber.

– Mrs. Sutherland? – replicou Calvin.

– Para o inferno... Sutherland! A duquesa.

– Saiu, Sua Senhoria. Há uns minutos. – Ao ver que Christian soltava uma exclamação de surpresa e se dirigia a toda a pressa para a porta, o mordomo acrescentou rapidamente: – Senhoria, pareceu-me melhor... ela estava decidida a sair. Mandei um criado atrás dela com a capa, e ordens para a seguir a uma certa distância e informar-nos caso ela não regresse de imediato.

Christian deteve-se. Sim, o melhor era deixar que Maddy se acalmasse. Tinha de a deixar sozinha e de lhe dar tempo.

– Sim. Fizeste... bem.

O mordomo pigarreou e disse num tom de dúvida:

– Mr. Hoare veio visitar Sua Senhoria. Pedi-lhe que aguardasse na biblioteca.

Raios... tão depressa! Não estava preparado. Tencionara ter Maddy junto de si, para que o ajudasse, se necessário. Hoare era a peça-chave; se Christian fracassasse com ele, seria o seu fim.

Expirou entre dentes e pegou na casaca. Não tinha outra escolha. A roda começara a girar. Já a pusera em movimento e só lhe restava jogar.

Christian entrou na biblioteca de dois pisos pelo corredor ladeado de livros. Dali podia ver a sala em baixo. Com uma pausa entre o familiar cheiro das encadernações em pele, praguejou mentalmente ao ver os dois homens sentados (como um par de cangalheiros fora de lugar) num sofá ainda com uma coberta listrada de verão. A sua carta fora respondida pelo sócio com quem Christian tinha menos vontade de lidar. Dos dois prometedores descendentes da família Hoare que o aguardavam, o mais velho era bastante agradável, mas o primo mais novo era muito religioso – característica que não fazia com que fosse bem-visto aos olhos de Christian, ou vice-versa.

Havia um século que os Hoare eram banqueiros dos duques de Jervaulx. Christian não alterara essa situação, embora tivesse pensado frequentemente em prescindir dos serviços deles, sobretudo quando os sócios arremetiam com vigor cortês contra os seus planos – temerários ou visionários, dependendo do lado de que se estivesse. Contudo, o Banco Hoare mantivera-se ao lado da família durante as longas décadas das enormes dívidas contraídas pelo pai, pelo que Christian permanecera com eles, por mais impaciente que o deixassem. Naquele momento, desejava ter-lhes sido um pouco menos fiel.

Lembrou-se da missiva que lhe tinham enviado em resposta à sua última mensagem. Ai rezavam pela sua saúde, era? Sacanas moralistas. Já lhes daria motivos para rezar.

Com passos fortes e ruidosos, desceu a escada e olhou-os do fundo desta.

– Cavalheiros – disse sem mais cumprimentos –, expliquem-se.

Ambos se levantaram, a murmurar os bons-dias. O Hoare religioso adiantou-se, como se pretendesse apertar-lhe a mão.

O duque não se mexeu, e o homem deteve-se, perdendo o embalo ao fim de apenas um metro.

– Eu... espero – insistiu. – Expliquem-se.

– Se se refere ao atraso de...

– Atraso! – exclamou Christian, e interrompeu as palavras circunspectas do banqueiro. Não se atrevia a deixar que um diálogo racional se instalasse. – Tenho... sentimentos tão violentos... – Afastou-se da escadaria. – Mal... consigo falar, senhor.

Não queria exibir uma fúria demasiado inarticulada, para não fomentar dúvidas acerca da sua sanidade. Assim, aproximou-se da secretária e sentou-se. Pelo menos dispusera de tempo suficiente para preparar aquilo. Tinha outra carta já escrita sob uma folha em branco, oculta do olhar dos banqueiros por uma pilha de livros convenientemente dispostos à frente deles. Pegou na pena e escreveu na folha em branco – Deus saberia o que tinha rabiscado, mas não se deu ao trabalho de verificar –, substituindo-a em seguida pela folha que se encontrava por baixo e que Maddy revira previamente para que não tivesse erros. Levantou-se e passou-a aos homens.

– Voltem a tentar.

Desde o início que os dois Hoare pareciam pouco à vontade. O mais velho adiantou-se para aceitar o papel, mas o seu sócio disse:

– Receio que ainda possam surgir atrasos.

– Porquê?

– Estabelecemos algumas regras novas.

Christian encostou-se à secretária.

– O meu dinheiro – disse num tom ameaçador. – Perderam-no?

– Claro que não! – apressou-se o mais velho a dizer.

– Para sermos totalmente sinceros – disse o mais novo, num tom rígido e contido –, a família de Sua Senhoria deu-nos motivos para nos preocuparmos... – Como se desse por si a mexer-se em águas profundas, afastou mais as pernas para assumir uma posição mais firme. – ... quanto à conveniência de permitirmos que sejam retirados fundos da sua conta, de momento.

– Ah. – Christian sorriu. – Não são... regras. Apenas... ladrões.

– Então, queira compreender! Estamos meramente a exercer cautela, como qualquer pessoa razoável esperaria que fizéssemos perante uma situação tão incerta quanto esta.

Christian recostou-se na cadeira e pegou num exemplar do *Times*. Ergueu-o com uma mão enquanto fingia lê-lo com interesse.

– Assalto num banco. Hoare rouba... *depósito*. – Inclinou a cabeça em sinal de aceitação. – Bom cabeçalho.

Os dois Hoare olharam-no como se tivessem à frente um verdadeiro salteador armado. Christian baixou o jornal e sorriu, como que a desculpar-se.

O mais velho dos Hoare dobrou o papel e guardou-o no bolso.

– Isso não será necessário – disse num tom mais calmo do que aquele que o primo utilizara. – Tínhamos percebido, Sua Senhoria, que não se encontrava bem e que qualquer comunicação que recebêssemos da sua parte poderia não ser de todo legítima. Apenas queríamos ser tão prudentes quanto possível. Pela minha parte, espero que tudo isto não tenha ofendido Sua Senhoria. Se isso aconteceu, manifestamos-lhe as nossas mais sinceras desculpas. Não é verdade, primo Hoare?

O primo assentiu de má vontade, mas o seu tom de voz continuava algo desafiador:

– Claro que registaremos todos os movimentos pormenorizadamente, para o caso de existir alguma petição por parte do gabinete do lorde-chanceler.

– Com certeza – replicou Christian. – Quando... o dinheiro?

– Mandarei um mensageiro antes do meio-dia – respondeu o mais velho.

Christian tocou a campainha para chamar Calvin. Deixou que continuassem de pé até o mordomo chegar, submetidos ao seu olhar silencioso e implacável. Por fim, partiram com desejos constrangidos de continuação de boa saúde, ao que Jervaulx respondeu apenas com um conciso aceno da cabeça.

Assim que saíram da biblioteca, Christian deixou-se cair pesadamente na cadeira. As mãos tremiam-lhe um pouco.

Vitória.

Triunfara, apesar de estar sozinho.

Tinha vontade de chorar e rir ao mesmo tempo. Queria partilhar aquela profunda descarga de euforia. Desejava Maddy a seu lado.

Os gritos dos barqueiros eram a única coisa tangível no rio – os gritos, e a corrente lenta junto da margem que fazia oscilar as algas e formava uma superfície prateada que se desvanecia entre a neblina a poucos metros de distância. O nevoeiro abatera-se sobre Chelsea durante todo o dia, engolira as fileiras de casas atrás de Maddy e sufocara o ruído do tráfego. Estava apoiada a um varandim junto do rio, embrulhada na capa. O lacaio de Belgrave Square continuava a acompanhá-la, uma silhueta paciente de pé debaixo de um toldo do outro lado da rua, mesmo no limiar do nevoeiro.

O Sol começara a pôr-se. Maddy sabia que tinha de fazer qualquer coisa muito depressa. Não podia continuar ali eternamente.

Um barqueiro aproximou a barca da margem, amarrou-a e tirou dela uma cesta. Maddy observou-o a arregaçar as calças e a saltar para uns degraus de madeira pelos quais subiu.

– Enguias vivas, minha senhora? – perguntou alegremente.

Maddy abanou a cabeça.

O homem continuou a andar e levantou a cesta para a mostrar a uma carruagem que Maddy ouviu aproximar-se atrás de si.

– Olh'as enguias! Vivas!

O ritmo regular dos cascos dos cavalos aproximava-se lentamente. Maddy virou-se a tempo de ver o cocheiro a refrear o trio de animais com um esticão dos arneses. O barqueiro, esperançado, ergueu as enguias para a reluzente carruagem negra.

Tinha um brasão familiar na portinhola. O lacaio de Maddy saiu do nevoeiro e aproximou-se do veículo.

A portinhola abriu-se. Jervaulx desceu, e a capa abriu-se-lhe, mostrando um relampejo vermelho. Assim que saiu, parou e olhou para Maddy.

– A cinco e meio, senhor – disse o barqueiro, o que era um preço exorbitante. – Estão vivas. Olhe – acrescentou, enquanto começava a abrir a cesta.

Jervaulx olhou-o e, de seguida, fez um sinal ao lacaio. Este evitou que o barqueiro entusiasmado exibisse a sua pescaria ao duque, e afastou o homem até à parte traseira da carruagem. Jervaulx avançou uns passos na direção de Maddy e parou em frente dela.

– Já... chega – disse-lhe em voz baixa. – Vem... para casa.

Para casa, pensou ela. Mas aquela era a sua casa, aquele povo e aquele rio, aquelas árvores e

aqueles barcos. Conhecia-os a todos, e até os poderia encontrar no meio do nevoeiro de olhos fechados. Vivera ali toda a vida.

Jervaulx desviou o olhar dela e observou o rio. De seguida, despediu a carruagem com um movimento do braço.

– Passeio? – perguntou, e ofereceu-lhe o braço.

Maddy apoiou suavemente a mão na manga de Jervaulx. Sentiu o calor dele sob as mãos frias. Ele tapou-lhe os dedos com a luva para os proteger do ar húmido.

Era sempre tão agradável passear com ele. Demonstrava um verdadeiro à-vontade, dava-lhe a sensação que se adaptava ao passo dela com toda a naturalidade. Caminharam até Maddy deixar de ouvir os relinchos e as patadas intermitentes dos cavalos que os esperavam.

– Estavas comprometido para te casares com ela? – perguntou então Maddy.

Reparou que os músculos do braço de Jervaulx endureciam um pouco sob as suas mãos, o único sinal de perturbação que manifestou.

– Não.

– Ela disse... que devia ter sido ela.

Jervaulx não respondeu.

– Ao lado da tua cama, tinhas uma madeixa do cabelo dela.

Ele olhava para o passeio, a boca com uma expressão pesada, silenciosa. Não o negou, nem pareceu arrependido.

– Então, ama-la? – perguntou Maddy por fim.

Jervaulx deteve-se e pegou-lhe nas mãos.

– Não, Maddy. Não.

Ela afastou-se dele e abraçou-se, a olhar o rio.

– Se isso é verdade e aceitaste a madeixa como prova do seu amor... és mesmo um homem perverso.

– Sim – respondeu ele com uma nota ríspida de uma emoção que Maddy foi incapaz de identificar.

Observou a silhueta quase invisível de um gato branco a mover-se entre os barcos amarrados. A água batia suavemente na margem mais abaixo e desaparecia na penumbra.

– Vem – disse ele. – Escurecer.

Maddy não se moveu. O gato pousou uma pata sobre a proa de um barco, saltou rapidamente para o interior e desapareceu debaixo do assento.

– És um desconhecido para mim – disse Maddy, com voz embargada. – Não te conheço, nem sei quem és na realidade.

Jervaulx falou entre sussurros.

– Estou... envergonhado, Maddy. Até ao... mais profundo... da minha alma. Não posso... dizer mais nada. Não posso... voltar atrás. Não posso... mudar o que fiz.

O gato branco voltou a aparecer na popa do bote. Subiu para uma corda enrolada e enroscou-se em cima dela. Maddy sentia Jervaulx imóvel atrás de si.

– Vem para casa, Maddy – disse.

Pobre Eydie, que dera uma madeixa de cabelo a um devasso. Que se enamorara dele e acabara a chorar em desespero na escadaria dele. Era como a moral de um conto num livro de sermões. Maddy podia extrair dali ensinamentos muito apropriados.

– Tenho medo – sussurrou ela. – Tenho medo do que possas fazer à minha alma e ao meu coração.

– O teu coração... é aquilo que tenho... de mais valioso – disse ele em voz baixa.
Maddy baixou a cabeça. Virou-se para ele sem o olhar e deu-lhe o braço.

CAPÍTULO 30

—Gostas... de ópera? – perguntou Jervaulx ao ajudá-la a descer da carruagem em Belgrave Square.

– Nunca fui a nenhuma.

– Esta noite – disse ele. – Veste-te... de azul.

Calvin recebeu-os à porta. Pegou na capa de Maddy e, quando ia fazer uma vénia, deteve-se.

– Encarreguei-me de acender um bom fogo para si, minha senhora. Vou pedir que tragam um tabuleiro com chá. Gosta de compota de morango? E de natas? Se preferir, posso mandar subir doce de laranja amarga da despensa, ou encarregar-me de... – Calou-se de repente, como se se tivesse apercebido do tom de ansiedade da sua voz, e inclinou rapidamente a cabeça perante Maddy. – Queira voltar a desculpar-me pela minha negligência, minha senhora.

– Não fizeste nada por que devas sentir-te culpado – respondeu Maddy.

O mordomo parecia pouco consolado por isso, mas não insistiu. Quando ela se dirigiu ao piso de cima, todos os criados se apressaram a retomar as suas tarefas e a criada de quarto, que Maddy mal tinha visto até então, informou-a timidamente de que colocara um tijolo quente na cama, para o caso de a senhora querer descansar um pouco antes do jantar.

Maddy deixou-se cair na cama com uma sensação de gratidão, já que a humidade ainda lhe gelava os ossos. Era o quarto do duque, mas este ficara no piso de baixo: Maddy dispunha daquele luxo pecaminoso só para si, se não pensasse no ténue cheiro dele que a envolvia por completo.

Quando abriu os olhos, já tinha escurecido. Jervaulx encontrava-se sentado junto da cama a olhá-la, à luz de uma vela. Estava elegantemente vestido de azul e branco, arranjado pelo criado de quarto de um modo que Maddy nunca tinha conseguido.

– A ópera. – Endireitou-se de repente, com uma certa apreensão, O teatro, os bailes, a roupa elegante, todas aquelas coisas do mundo dele... chegara o momento de as enfrentar.

– Jantar... – disse ele e apontou para um enorme tabuleiro pousado sobre uma mesa junto da lareira e com uma cadeira à frente. – Depois... vestes-te.

Deixou um estojo na mesa de cabeceira do lado de Maddy. Levantou-se e dirigiu-se à porta. Quando chegou junto desta, deteve-se e, com a mão na maçaneta, apontou para o estojo com a cabeça. – Para o cabelo – disse, antes de sair do quarto.

Maddy sentou-se e abriu o estojo. Continha um colar de pérolas, tal como o da mãe, mas maior e ainda mais luminoso à luz das velas, com um diamante enfiado entre cada pérola.

Maddy fechou os lábios. Era uma coisa vaidosa, frívola e dispendiosa – brilhante, bonita. Tentava manter-se alerta, entrincheirar-se para se proteger dele, mas Jervaulx conseguia sempre acertar em cheio em todas as suas fraquezas. Não se tratava da oferta, não, nem tão-pouco da sua sumptuosidade

ou da inesperada beleza das joias.

Para o cabelo, dissera. Recordando-se disso, ele conseguira vencer-lhe as defesas com toda a facilidade.

*

Chegaram tarde. Christian fizera-o de propósito. O exterior do teatro de Haymarket resplandecia, mas encontrava-se vazio durante a representação, candeeiros a gás a brilhar sobre as fileiras de carruagens que esperavam os espectadores.

Depois da chegada do dinheiro de Hoare, em menos de meia hora tinham obtido os homens, cavalos e librés necessários para a caleche. O mundo voltava a abrir-se-lhe. Ele tinha recomeçado a gastar dinheiro como um magnata, com a intenção de impressionar até o credor mais desconfiado. Não pagaria muitas das dívidas – limitar-se-ia a comprar coisas e a pagar em dinheiro vivo, para lhes dar que pensar.

Enviara Calvin à joalharia de Rundell e Bridge para comprar as pérolas, mandara um criado gastar duzentas libras num ourives, dera ordens para que a cozinheira adquirisse vitualhas dispendiosas no Harrod's e num estabelecimento de vinhos e, através do mordomo, fizera um acordo especial com o dono de um viveiro – tudo pago adiantado.

Maddy pusera as pérolas. Christian não tinha a certeza de que ela fosse usá-las. Não sabia como tratá-la, como atravessar aquela barreira de reserva que ainda a cercava. Apenas lhe ocorria tentá-lo com palavras carinhosas e prendas caras, embora estivesse consciente de que, provavelmente, ela diria que tudo aquilo era falso e imoral. Seria bom dispor de mais tempo, mas não o tinha. Naquela noite, precisava de Maddy a seu lado.

A luz do pórtico coríntio do teatro recaiu sobre Maddy quando esta saiu da carruagem, o que fez com que a indumentária simples se enriquecesse de cor – o vestido azul e o cabelo dourado, o brilho subtil das pérolas contra o brilho dos diamantes. Que atraente, pensou Christian, embora ninguém pudesse descrevê-la como convencionalmente bela. Tinha uma aparência casta e espartana e não o encanto rosado de uma dama. Não era Afrodite, mas sim a prudente Atena, a da coruja sábia e da rédea dourada que domou *Pégaso*.

*

Nem o vestíbulo quase deserto, nem os corredores escuros, nem sequer o som cada vez mais elevado da música tinham preparado Maddy para a erupção de luz e cor que a deslumbrou ao entrar no camarote do duque. Com os ouvidos repletos pela canção, Maddy contemplou as filas de camarotes decorados a vermelho e dourado que se erguiam até ao teto, cheios de pessoas que se inclinavam: ou para um lado para falar com os acompanhantes, ou sobre o varandim para olhar para baixo, ver o palco e a massa de público que inundava a plateia do teatro.

E no palco... Maddy lançou-lhe um olhar rápido e desviou-o rapidamente. As pessoas que dançavam não estavam vestidas! De repente, ouviu o murmúrio cada vez mais elevado dos espectadores, uma ligeira perturbação a acrescentar à música e ao zumbido da assistência. As pessoas que se encontravam na plateia, duas filas de camarotes mais abaixo, estavam a virar-se e a olhar para cima, e os ocupantes dos camarotes da frente também olhavam fixamente através dos binóculos – olhavam todos para o local onde ela e Jervaulx se encontravam sentados.

Maddy fitou o colo de imediato, incapaz de olhar para qualquer outro lado: nem para o indecente espetáculo no palco, nem para o público.

– Rosto... erguido – disse Jervaulx sem se virar para ela.

Maddy obedeceu.

– Obrigado – disse ele. – Observa... representação. O palco.

– Mas é que... estão... céus! – exclamou, embora lhe tivesse obedecido. Sentiu-se de novo horrorizada com aquelas raparigas de meias cor-de-rosa, tornozelos e coxas a descoberto, cujas pernas se viam perfeitamente através das saias quase transparentes. – Isto é horrível.

– Observa – insistiu ele.

Não deixava de sentir um certo fascínio sórdido. As figuras despidas brincavam e saltavam pelo palco para de seguida se deterem, adotarem a postura adequada e começarem a cantar a plenos pulmões. Os conhecimentos musicais de Maddy limitavam-se a uns quantos cânticos natalícios e às músicas que ouvia na rua, mas sabia pelos jornais que a ópera era uma forma elevada de arte. Lá ruidosa era – e a maior parte dos espectadores não se importava de falar por cima da música.

Na verdade, estava a ouvir vozes por trás das cortinas que fechavam o camarote. Jervaulx deixara à entrada deste um criado que se mantinha inflexível perante uma controvérsia não muito discreta acerca do seu dever de deixar entrar quem lho solicitava. Jervaulx permanecia imperturbável, embora decerto também ouvisse claramente o bulício.

Chegou um momento em que Maddy não se conteve; incapaz de continuar a assistir à devassidão no palco, concentrou-se no público lá em baixo. Ficou então ainda mais surpreendida, ao aperceber-se, a pouco e pouco, de que muitos homens sozinhos se passeavam entre as filas de assentos e se sentavam junto de mulheres que pareciam não conhecer. Pegavam-lhes na mão e até as abraçavam. A casaca escarlate de um oficial chamou-lhe a atenção ao levantar-se.

– Está ali o coronel Fane – disse.

Ao mesmo tempo, o coronel virou-se e olhou diretamente para o camarote. Sorriu e fez-lhes uma vénia, o que chamou a atenção de todas as pessoas que o rodeavam.

Jervaulx devolveu-lhe o cumprimento com um aceno de cabeça, o único sinal de reconhecimento que dirigira a alguém durante toda a noite. O oficial levantou-se e começou a andar pelo corredor central. Uns instantes depois, o duque ergueu-se e foi ele mesmo quem afastou o cortinado do camarote, para o deixar entrar.

– Minha senhora. – Sorriu e inclinou-se perante Maddy ao mesmo tempo que lhe pegava na mão. – É um prazer voltar a vê-la, e além disso tão formosa. E tu, Shev, maldito sejas, por que não me disseste que estavas na cidade?

– Há... pouco tempo – respondeu Jervaulx.

– Poderei visitá-la, minha senhora? – perguntou Fane, enquanto se sentava junto de Maddy e se inclinava ligeiramente sobre ela.

– Serás sempre bem-vindo.

Fane sorriu e abanou a cabeça.

– Juro que adoro a sua maneira de falar. – Olhou para Jervaulx por cima da cabeça de Maddy. – Aviso-te que tenciono converter-me no favorito dela.

O duque limitou-se a erguer as sobrancelhas em resposta.

– No meu quê? – perguntou Maddy.

O coronel Fane levantou-se, voltou a pegar na mão de Maddy e beijou-a.

– Ora, no seu amante, minha senhora. E agora vou ter de ir, antes que acabe de me partir o coração ou que o seu marido me atire lá para baixo. Adeus, minha grave Helena. Morro por si.

Antes que Maddy conseguisse acabar de assimilar aquelas surpreendentes palavras, o coronel já tinha saído do camarote. Maddy baixou a cabeça, sabendo que havia pessoas a observá-los de todos os lados do teatro. Olhou de lado para Jervaulx.

Ele olhou-a sombriamente. De seguida, sorriu com uma expressão de cumplicidade que lhe atingiu o coração sem qualquer misericórdia.

– Tenho... matá-lo?

Maddy respirou fundo e levantou a cabeça.

– Não te preocupes – respondeu ela em voz baixa. – Não brinco com o amor, Jervaulx.

O rosto de Jervaulx ficou imóvel. Maddy desviou os olhos dele e dirigiu-o para as atrizes que corriam pelo palco, a cantarolarem como cotovias delirantes.

Jervaulx levantou-se e estendeu-lhe a mão.

– Já chega. Vamos.

*

Quando era solteiro, Christian nunca se preocupara muito em receber visitas oficiais. O mais habitual era ser ele a fazê-las, honrando convites para jantares e festas, tratando dos seus interesses – profissionais ou de outro género, namoriscando ou apresentando condolências quando era devido. Mas, naquela manhã, os cartões de visita amontoavam-se na bandeja de prata da entrada. Formara-se uma fila de carruagens, que paravam umas atrás das outras, por instantes, em frente da porta da casa de Belgrave Square. De seguida, prosseguiam caminho depois de ter sido negada a entrada aos seus ocupantes. De hora a hora, Calvin levava um novo monte de cartões para a biblioteca.

Maddy, sentada em frente de Christian do lado oposto da secretária, lia em voz alta o nome que surgia em cada cartão. Então, dependendo do movimento de cabeça que Christian fizesse, deixava-o cair num ou noutro dos dois jarrões de jade que ele retirara de uma consola com esse propósito. Entre cada nova leva de cartões, Christian ditava-lhe cheques e cartas, ao mesmo tempo que revia os livros de contas. E, de meia em meia hora, Calvin voltava a entrar com um novo ramo de flores para ela.

Começara antes do pequeno-almoço, aquela entrega constante de tulipas, narcisos, jacintos de cheiro doce, cravos, amarílias e prímulas enviadas por Christian – algumas flores estavam cortadas, outras em vasos, outras ainda em cestos, cada arranjo ligeiramente maior do que o anterior, até que a biblioteca se converteu num jardim e as flores transbordaram para o salão contíguo.

Para consternação de Christian, Maddy não pareceu minimamente impressionada. Durante todo o dia recebera aqueles presentes florais sem proferir palavra e dera instruções a Calvin para que os pusesse de lado. Mas, quando dois criados auxiliados pelos rapazes do viveiro entraram com um par de enormes vasos com duas laranjeiras em flor, Maddy acabou por levar a mão à boca e fechou os olhos.

– O que é isto? – exclamou por entre os dedos.

– Trazem uma mensagem, minha senhora – disse Calvin, e pegou nela. – «O dono do viveiro virá visitar-te quando te for conveniente, para saber que plantas queres ter no jardim das traseiras bem como no laranjal que lá será construído para ti.»

Maddy soltou um pequeno gemido e revirou os olhos, voltando-se para Christian.

Este não tinha a certeza se aquilo significava êxito ou desastre. Quando os criados saíram da sala, dirigiu-se a uma das árvores e arrancou uma flor. Maddy observava-o por cima das mãos entrelaçadas, com uma expressão indecifrável.

Profunda e sensualmente, Christian aspirou o cheiro da flor, fê-la girar várias vezes entre os dedos e aproximou-se dela. Deteve-se como se estivesse a decidir que fazer com a flor e, de seguida, prendeu-a atrás da sua própria orelha.

– Bonito? – Levou a mão à cabeça e virou-a para que se visse melhor a orelha.

Maddy soltou um risinho aflito, como se lhe tivesse sido arrancado sem que ela o pudesse evitar. A pobre e simples Qu'ridaMaddy, a rir-se de uma coisa assim. O pobre e confuso Christian, a chegar àquele extremo. Era muito experiente, mas percebera que não tinha a experiência suficiente para aplacar a sensibilidade ferida de uma dama puritana.

– Sei o que estás a fazer – disse ela.

– A pôr-me... bonito.

– Estás a tentar seduzir-me com joias e flores.

Christian abanou a cabeça e a flor caiu-lhe na mão.

– E está a resultar?

As faces dela enrubesceram. Baixou os olhos.

– A resultar como?

– A ficar... mais doce.

– Com que finalidade?

Christian encolheu os ombros.

– Não ter... de dormir... no quarto de vestir.

Maddy olhou para todas as flores que a rodeavam e que ocupavam as mesas e aparadores.

– Todos estes gastos... apenas para isso?

Com a flor entre os dedos, Christian acariciou a palma da mão de Maddy.

– Apenas?

Ela corou intensamente.

– É a tua casa. Nunca te disse onde devias dormir. Não me cabe a mim dizê-lo.

– Cabe-te... dizer... que me queres... contigo – disse Christian ao mesmo tempo que, com as pétalas, desenhava círculos sobre a pele de Maddy.

– Oh. – A respiração dela tornou-se mais agitada. – Então é isso?

– Di-lo. Diz... que me queres... contigo.

Maddy olhou para a flor.

– Não sei – respondeu num tom de voz triste.

– Não sabes... Qu'ridaMaddy? – perguntou ele, com suavidade.

– Por que tens de ser tão... tão carnal?! – exclamou ela e afastou a mão. – Não devo!

Christian animou-se de imediato. Aquilo, sim, era algo que conhecia muito bem. Uma dama que não devia, mas que com toda a probabilidade o faria. Ao ouvir aquilo, decidiu fazer uma retirada estratégica. Sabia ser paciente.

– Muito bem – disse, com toda a dignidade.

Afastou-se dela e voltou a sentar-se à secretária para continuar a rever os livros de contas.

Passados alguns instantes, ergueu a cabeça.

– Outra... outra coisa. Dentro de um mês... daremos um baile... para quinhentos. – Empurrou o

jarrão que continha o maior número de cartões de visita para Maddy. – Convites... para todos estes.

*

Jervaulx não foi ter consigo naquela noite, tal como não o fizera na noite anterior. Maddy ficou sozinha no quarto dele a pensar no baile para quinhentas pessoas e naquilo que, segundo ele, lhe competia dizer.

Tinha vontade de se zangar com ele por todas aquelas novas extravagâncias. As flores, as joias – meras artimanhas mundanas e matreiras. Ele mesmo o admitira abertamente com uma flor de laranjeira atrás da orelha – *E está a resultar?* –, privando-a assim de se sentir indignada na sua virtude.

Sentia que estava a resvalar e a cair na teia dele.

Na manhã seguinte, voltaram a reunir-se na biblioteca cheia de flores para continuarem a ocupar-se dos assuntos de Christian. Jervaulx trabalhava com uma concentração que, evidentemente, o esgotava. Perto do meio-dia, a sua capacidade de falar deteriorara-se e fechara repentinamente os livros, impaciente.

– Talvez devesses descansar – sugeriu-lhe quando ele já recalculava pela terceira vez o total de um pagamento. – É um esforço demasiado grande.

– Não... esforço! – exclamou ele e reclinou-se na cadeira. – É fácil... mas... escapa. Como quando... tento trabalhar... e alguém fala. Não posso... as duas coisas. – Deitou a cabeça para trás e levou as mãos aos olhos. – Não sou... estúpido.

– Não te chamei estúpido – murmurou Maddy.

Jervaulx suspirou profundamente e deixou cair as mãos, ainda a olhar para o teto.

– Sinto-me... estúpido – resmungou. – Um maldito... idiota.

Maddy tinha o olhar fixo na secretária. Brincava com a ponta de um papel, a enrolá-lo e a desenrolá-lo.

– Christian – disse de repente, sem deixar de olhar para as mãos –, poderás vir ao meu encontro logo à noite?

Durante alguns instantes, ele não fez nada. De seguida apoiou os cotovelos sobre a mesa, levantou a cabeça do espaldar da cadeira e descansou o queixo sobre as pontas dos dedos unidos, fitando-a.

– Porquê... esperar? – disse a sorrir. – Estou aqui... agora.

Maddy arregalou os olhos. Voltou a olhar para as folhas e de novo para ele, insegura.

– Estás tonto – disse por fim.

Ele riu-se em voz baixa. Maddy considerou que o mais prudente seria recolher os papéis que tinha à sua frente. Levantou-se e começou a empilhá-los em montes bem ordenados. Mas, quando Jervaulx também se levantou, Maddy quase entornou um tinteiro. Ele tirou-lho da mão e pousou-o sobre a mesa.

– Tonta? – perguntou, divertido.

– Acho que o Calvin já tem a refeição preparada.

– Depois.

– São horas de comer, Jervaulx. E é de dia. Eu não te disse que... – Maddy esqueceu-se do resto da frase quando ele se postou atrás dela e lhe tocou o pescoço com os lábios.

– Desejas-me, Qu'ridaMaddy? – murmurou.

Maddy estremeceu com aquele toque delicioso.

– É de *dia*! – exclamou.

Jervaulx voltou a rir-se, a sua respiração a acariciar a pele de Maddy.

– Não te perguntei... as horas.

Com um dedo, percorreu-lhe a garganta até chegar aos botões que tinha nas costas. Maddy sentiu-o a desabotoar o primeiro botão.

– O Calvin pode entrar a qualquer momento! – disse, desesperada. Ele desabotoou-lhe outro botão e beijou-lhe a nuca.

– Estás cansado! – Maddy parecia cravada no lugar enquanto sentia as carícias dele provocarem-lhe uma descarga elétrica que lhe percorria todo o corpo até se derreter nos seus pontos mais sensuais, nos mamilos e mais abaixo. – Não devias... Tens de descansar.

– Continuas... sem responder – disse ele enquanto acabava de desabotoar todos os botões e os colchetes do corpete, e procurava a abertura do camiseiro. – Desejas-me, Maddy?

– És...

Uma batida ligeira na porta fez com que ela soltasse um gemido de pânico.

– Sim? – perguntou Jervaulx na direção da porta.

Pousou as mãos sobre os ombros de Maddy para a manter imóvel, e segurou-lhe o vestido desabotoado com os polegares.

Calvin apareceu na soleira da porta.

– O almoço está pronto, Sua Senhoria.

– Servir aqui – disse Jervaulx num tom impávido.

Baixou uma das mãos, percorrendo com um dedo as costas nuas de Maddy, o que lhe provocou uma sensação intensa e carregada de sensualidade.

Maddy corou, incapaz de se mover ou de falar, enquanto olhava para Calvin. O mordomo limitou-se a inclinar a cabeça.

– É para já, Sua Senhoria – disse, antes de se retirar.

– Chega – disse Maddy, a tentar subir o vestido que Jervaulx lhe continuava a tentar baixar dos ombros. – Agora mostra algum bom senso. O Calvin vai voltar dentro... de alguns momentos... Não, não deves... Aqui não!

O corpete de Maddy soltou-se. Jervaulx apertou-a contra si e beijou-lhe a curva do ombro através da fina camisola de algodão. Enfiou a mão por baixo do corpete aberto e percorreu o peito de Maddy. A palma da mão acariciou-lhe o mamilo através do tecido. Uma erupção doce de prazer. Ela respirou fundo.

– Desejas-me? – murmurou-lhe ao ouvido.

– Vão entrar – gemeu ela. – Vão entrar a qualquer momento.

Ele abraçou-a ainda com mais força.

– Desejas-me?

Um ruído no exterior da porta fechada fez com que Maddy entrasse em pânico. Tentou afastar-se dele sem o conseguir. Jervaulx conduziu-a até ao espaço vazio e estreito formado por uma estante e um aparador. Assim que Maddy se encontrou ali enfiada, seminua, soltou-a. Quando a porta se abriu, pôs-se à frente dela e tirou um livro da estante.

Começou a procurar qualquer coisa no livro, tapando-lhe a visão. Ali escondida, Maddy ouviu o ruído de bandejas e pratos e viu passar as meias brancas de um criado. Receava que estivesse

visível, ainda que não conseguisse ver nada para lá dos ombros largos de Jervaulx.

Este passou uma página do livro.

– Aqui está – disse, como se acabasse de encontrar a passagem que procurava. Olhou-a com olhos iluminados pelo riso. – *Hamlet*. «Senhora, posso sentar-me no vosso regaço?» – Maddy apertou-se mais contra a parede com a boca firmemente fechada, a franzir a testa numa expressão mista de severidade e medo. A expressão dele alterou-se para uma de inocência. – «Quero dizer, recostar a cabeça no vosso regaço?»

– Não! – sussurrou Maddy, furiosa.

Jervaulx sorriu.

– Está aqui... na peça. Estava apenas... a ler.

Maddy ouviu a porta abrir-se e fechar-se. Durante um longo momento, Jervaulx olhou-a e manteve-a presa naquele espaço, presa quer pela modéstia quer por ele mesmo, uma barreira intransponível. Maddy aguçou o ouvido para tentar escutar e, a seguir, boquejou:

– *Já saíram?*

Jervaulx olhou por cima do ombro para um lado e para o outro numa atitude teatral. Depois, voltou a olhar para ela.

– Não sei. Melhor... continuar aí.

Maddy deu-lhe um empurrão. O livro deslizou. Jervaulx segurou-o atrás das costas e deixou-o cair ruidosamente ao mesmo tempo que se inclinava para a frente e a beijava na boca. Agarrou-lhe o corpo com as mãos, os polegares a percorrerem-lhe os seios, a acariciarem-lhe provocadoramente os mamilos. O corpo de Maddy arqueou-se, a respirar pesadamente, os músculos a fletirem-se contra ele.

– Desejas-me? – sussurrou-lhe, licencioso, o diabo a falar-lhe ao ouvido em plena luz do dia. As mãos firmes e elegantes de um homem sobre o seu corpo, olhos azul-intensos e pestanas longas e formosas.

Maddy virou-se de costas para ele e pressionou a face ardente contra a superfície macia e fria da parede. Ele acariciou-lhe as costas nuas e afastou-lhe a roupa interior. Passou os braços por baixo dos dela e percorreu-lhe o peito com as mãos, o que a fez submergir numa mistura de êxtase e agonia carregadas de vergonha por não ser capaz de deter aqueles estremecimentos de prazer.

– É de dia – gemeu, e ocultou o rosto contra a parede forrada a cabedal. – Não devias.

Jervaulx deixou de lhe acariciar o tronco nu, mas não se afastou. Pelo contrário, aproximou-se ainda mais e apertou-a contra a parede. Maddy sentia o colarinho da camisa dele contra a pele. O cheiro de Jervaulx misturou-se com o do cabedal. Começou a levantar-lhe a saia.

– Não! – gritou ela. – Não, não... é uma indecência! Christian, por favor!

Ele mordeu-lhe o ombro e pressionou-a com mais urgência, o seu corpo a prendê-la contra a parede. Maddy tentou afastar-se, mas a única coisa que conseguiu foi aproximar-se ainda mais dele. Ele cobriu-lhe a curva da garganta e do ombro de beijos e, frenético, lambeu-lhe a pele enquanto lhe baixava os braços e os afastava da parede, até estes caírem indefesos. A saia estava presa entre ambos. Maddy sentia-se vergonhosamente exposta, as pernas e meias visíveis até às ligas.

Mas ele não se ficou por aí. Levantou-lhe ainda mais o vestido e pousou-lhe as mãos sobre as ancas e o traseiro. Lançou um som brusco e apaixonado junto do ouvido dela. Mordeu-a, magoou-a, a afagar-lhe dolorosamente o corpo, mas era uma dor suave, de puro êxtase pecaminoso. Sentiu-o a desabotoar as calças. O membro viril libertou-se e pressionou-se contra si, e Maddy começou a

arquejar numa excitação desesperada e culpada.

Como pedra a derreter, o corpo de Maddy descontraiu-se e deixou que ele lhe entrasse entre as pernas. A respiração de Jervaulx era como a de um animal febril que lançava ondas de calor contra a sua pele nua. Apertou-lhe as ancas, um amplexo violento com os dedos que fez com que Maddy fechasse as pernas sobre o membro dele.

Jervaulx passou os braços entre o corpo de Maddy e a parede, e prendeu a saia entre ambos. Pegou-lhe nos pulsos.

– Toca-me. – Conduziu os dedos dela até ao espaço formado pelas pernas, onde a aguardava o pénis húmido e quente. – Sim – gemeu, e começou a mover-se de um modo repentino e exigente contra ela. – Sim, sim... Maddy.

De mãos entrelaçadas e comprimidos contra a parede, Jervaulx deslizou os dedos contra a parte mais íntima dela, a acariciá-la e a esfregá-la em consonância com o ritmo do seu corpo. O membro viril movia-se entre as pernas dela, o que lhe provocava um prazer inimaginável, uma sensação que lhe aflorava aos seios, que lhe deixava os mamilos duros e sensíveis, como uma chama contra pele fria. Um líquido húmido e quente espalhou-se pelos dedos de ambos. Maddy moldou a mão à cabeça do membro dele, e sentiu uma satisfação profunda e lasciva ao ouvir os gemidos que lhe causava.

– Desejas-me? – A voz dele era incisiva, insistente e extrema. – Maddy... dentro de ti.

Maddy mordeu o lábio, uma das faces encostada à parede.

– Sim, desejo – disse com um soluço. – Desejo-te.

E foi então que ele lhe ensinou como o fazer. Como se inclinar para a frente e oferecer-se a ele, cativa dele, a perder-se nele, à luz do dia. Ajoelharam-se os dois no chão, com ele a penetrá-la profundamente, por cima dela, à volta dela, as mãos a agarrar-lhe os seios, a boca contra a nuca dela. Ela gritou com uma alegria violenta ao atingir o clímax, a voz a misturar-se ao grunhido masculino de Jervaulx. Os dois nem mais nem menos do que todas as outras criaturas selvagens que Deus criara da argila para que povoassem a Terra.

*

Jervaulx comprou-lhe não uma, mas duas carruagens. Uma puxada por quatro alazões de patas brancas e a outra por uma parelha de póneis de cor creme. Para o parque, disse, como se ela tivesse a menor intenção de passear pelo parque de carruagem.

Maddy disse-lhe que não as queria, e insistiu em que pusesse fim àquelas compras e presentes irresponsáveis. Jervaulx comprou-lhe uma cómoda antiga que escolheu entre uma série de móveis que o antiquário levou a Belgrave Square. Começou uma nova decoração da saleta das traseiras – uma sala já de si muito elegante e confortável, que mal tinha um ano de serventia – e transformou-a num salão caro e extravagante cheio de dourados e cetim vermelho.

Maddy repreendeu-o por tanto esbanjamento. Jervaulx comprou-lhe uma magnífica pintura de Rembrandt, que adquiriu a um particular – o par do quadro que tinha no quarto do castelo de Jervaulx, um estudo de um jovem numa atitude muito séria e que parecia irmão da rapariga maliciosa. Mais tarde, Maddy ficou a saber pelos jornais que a oferta do duque fora tão generosa que o leilão que se ia realizar na Christie's fora cancelado, para desespero e inveja de muitos especialistas e aficionados.

Maddy vivia uma mistura de tristeza e felicidade no pequeno mundo da casa do duque. Diziam às visitas que nunca estavam em casa, mas nunca saíam, exceto ao anoitecer, quando percorriam de

carruagem algum caminho estreito e campestre onde Jervaulx passeava e quase obrigava Maddy a correr atrás dele. Escondidos por uma árvore ou junto de algum arbusto espinhoso, quando a ténue luz outonal desenhava sombras entre os montes de folhas caídas e geladas, Jervaulx parava e beijava-a – às vezes até mais que isso. Tocava-lhe com frequência. Erguia os olhos do lado oposto da secretária da biblioteca e olhava-a com um sorriso profundamente conhecedor. Maddy sentia que lhe pertencia por inteiro. Os presentes não tinham qualquer importância. Era a sua própria ânsia que a mantinha escravizada. *Queria* que ele lhe tocasse, que a possuísse, de qualquer maneira, em qualquer momento e lugar, sem se preocupar com a decência e o pudor.

Muitas vezes queria simplesmente poder olhá-lo. As discussões acerca dos gastos dele tornaram-se-lhe mais dolorosas, pois ele já nem sequer lhe respondia. Limitava-se a sair sozinho de carruagem e a deixá-la no meio daquele luxo, ou a seduzi-la. Tal como Eydie, estava perdida nele, mas era pior, a sua necessidade era maior, a profundidade com que se lhe entregara mais avassaladora. Fazia qualquer coisa que ele lhe pedisse e sentia um enorme prazer nisso. Receava-o, por todo aquele poder que exercia sobre si, mas, apesar disso, continuava a dar-lhe tudo, simultaneamente feliz e desditosa.

Maddy sentia-se desarmada. Recordava-se de Eydie nas escadas. As carícias hábeis de Jervaulx, a sua sofisticação mundana. Pensava que houvera outras mulheres antes e que haveria muitas outras depois, e mais madeixas de cabelo, mais miniaturas pintadas e mais dor.

Devia ir-se embora. Sair daquele lugar. Qualquer pessoa – um escrivão, um secretário – poderia encarregar-se do trabalho que ela fazia por ele. Tinha de fugir, voltar para junto do pai e salvar-se enquanto ainda lhe restava a vergonha suficiente para compreender aquilo em que estava a transformar-se. Mas ainda se sentia responsável. Nessa mesma manhã recebera uma carta de Lady de Marly. Lera-a e queimara-a, para que Jervaulx não pudesse ver o que a tia escrevera.

A mãe queria que voltassem a confiná-lo de imediato. O poder da mulherzinha indigna que passava por sua esposa tinha de ser quebrado. Por ora, o advogado de Lady de Marly persuadira a duquesa viúva a atrasar a detenção de Jervaulx e evitar assim um incidente lamentável que, provavelmente, daria azo a um escândalo público de enormes dimensões – tentarem prender um homem que ainda não fora oficialmente declarado incapaz. Mas, em resultado disso, as pressões para que se realizasse a audiência pública aumentavam. O advogado estava a ter sérias dificuldades em evitar que se fixasse a data da audiência. A família de Jervaulx estava indignada pelo montante dos gastos e pelo despedimento do administrador-geral que havia tantos anos geria os seus assuntos. Lady de Marly não teve qualquer pejo em dizer-lhe que a família considerava que a única responsável por aquela sangria económica era ela, pintada no gabinete do lorde-chanceler como uma harpia avarenta e oportunista, com controlo absoluto sobre a mente doente do duque de Jervaulx.

Aquela descrição estava tão afastada da realidade que lhe arrancou uma gargalhada horrorizada. Mas não constituía grande surpresa. Nem sequer ela tinha a certeza de que Jervaulx fosse capaz de controlar os seus bens como era devido; era impossível imaginar o que pareceria aquela situação a quem a visse de fora. Era natural que pensassem que era ela a responsável por tudo. Maddy considerou que aquele era mais um motivo para se afastar dele, mas Lady de Marly ordenava-lhe na carta – suplicava-lhe, suplicava-lhe deveras – que fizesse tudo quanto estivesse ao seu alcance para que Jervaulx reduzisse os gastos a um nível razoável, e até especificava uma quantia que um mês antes Maddy teria considerado monstruosa, mas que já lhe parecia bastante modesta.

Duvidava seriamente de que fosse capaz de o fazer. Jervaulx nem sequer estava a pagar os atrasos

dos empréstimos; embora lhe ditasse cartas muito educadas em resposta a todos os pedidos de pagamento, satisfazia apenas os mais ameaçadores. Apesar de todo o esforço de rever mais e mais contas, Maddy não via quaisquer progressos – ultimamente, começara a desconfiar de que aquilo que ele estava realmente a fazer era a acumular dinheiro, a negligenciar muitos pagamentos para dispor de um rendimento ainda maior.

Nessa mesma manhã tinham discutido acerca disso ou, pelo menos, Maddy discutira; Jervaulx limitara-se a fitá-la com uma expressão desdenhosa até perder a paciência e, contornando a secretária, beijá-la com paixão.

Afortunadamente, Durham chegara nesse momento, o que pôs um ponto final àquilo de um modo mais eficaz do que ela faria. Nenhum dos dois lhe pediu que os acompanhasse na primeira ronda das visitas que tinham selecionado com todo o cuidado, costume social que a intimidava terrivelmente. Durham, que parecia totalmente alheio àquilo que ela pensava a esse respeito, desculpou-se por a deixar em casa.

– Num abrir e fechar de olhos, andará num vaivém de visitas sem parar – previu, cheio de otimismo. – Assim que este baile a ponha no mapa.

– Oh – disse Maddy. Olhou de relance para Jervaulx. – É para isso que o baile serve?

Ele fez uma grande vénia.

– Para apresentar... a minha duquesa.

– Vai deixá-los sem fala – explicou Durham. – É a única maneira. Atacar com tudo aquilo que se tem. Não é a época alta da temporada mas, como também não há nada de mais interessante, decerto virão todos. A caça tem sido tão fraca que até os convidados para a caçada de Melton a atrasaram um dia ou dois para virem ao baile.

– Grande... sacrifício! – disse Jervaulx com secura.

– O Shev não gosta da caça à raposa – confidenciou Durham a Maddy. – Não é suficientemente moderna. Prefere caçar com escopeta, que é mais científica.

Aquela observação pareceu entristecer o duque.

– Já não – disse. – Não conseguiria... acertar... nem num celeiro.

– Isso acabará por passar – disse Durham, insistente. – Vê só o que já melhoraste.

Jervaulx não respondeu. Limitou-se a permanecer junto da porta como uma estátua de expressão séria à espera de que o amigo se despedisse de Maddy. Quando saíram, disse-lhe:

– Só ficamos... cinco minutos. Mesmo curto, Durham. Compreendes? Para... não falar.

Calvin apareceu poucos instantes depois de os dois terem partido.

– Minha senhora, Sua Senhoria pediu-me que a ajudasse com os convites, para que sejam enviados amanhã. O dono da papelaria mandou tudo o que era necessário.

Calvin pousou um embrulho em cima da secretária e pegou numa pequena tesoura para cortar o nó.

Maddy suspirou. Independentemente dos muitos talentos da criatura que era o duque, a paciência não era obviamente uma das suas virtudes.

Horas depois, quando Maddy sentia a mão e as costas doridas de tanto escrever as cartas da manhã e os convites da tarde, um lacaio bateu à porta.

– Mr. Butterfield, dono dos viveiros, e o seu jardineiro, Mr. Hill – anunciou.

Apesar de todas as flores que enchiam a biblioteca, e que continuavam a chegar todos os dias, Maddy esquecera-se por completo do encontro que Jervaulx combinara com o dono do viveiro. Mas Calvin já se levantara e o criado mandara entrar os dois homens para a sala. O segundo usava um

chapéu *quaker* e uma casaca simples.

– Disseste mal o meu nome – disse, voltando-se do lacaio para Maddy. – Chamo-me Richard Gill.

CAPÍTULO 31

Maddy sentiu uma vaga profunda de humilhação. Ficou pregada à cadeira, tentando afundar-se nela, sem conseguir respirar, como se estivesse sobre um estrado enquanto os seus delitos eram anunciados aos quatro ventos.

Mr. Butterfield fez uma profunda reverência. De seguida, sorriu jovialmente ao mesmo tempo que endireitava a sua figura corpulenta.

– É uma honra servir Sua Senhoria. Espero que as flores e as plantas tenham sido do seu agrado.

Maddy assentiu. Levantou-se como se fosse uma marioneta estragada e estendeu a mão a Richard.

– Amigo – disse.

– Archimedea – respondeu ele. Tocou-lhe ao de leve na mão e afastou a sua no mesmo instante.

O dono do viveiro olhou-os, surpreendido.

– Já nos conhecíamos – explicou Maddy. – Sou... – Não disse que era *quaker*. Não podia, não assim. Não tinha esse direito. – Conheci Richard Gill há algum tempo.

Mr. Butterfield voltou a desfazer-se em sorrisos.

– Que coincidência. Mr. Gill está há pouco tempo comigo, mas talvez Sua Senhoria saiba que antes trabalhava com Mr. Loudon.

– Não – replicou Maddy de um modo mecânico. – Não sabia.

– Ah. Mas está familiarizada com o trabalho de Mr. Loudon?

– Mr. Loudon? – De repente, Maddy encontrou um pedaço de informação a que se agarrar. – Do *Jardineiro Suburbano*?

– Exato, Sua Senhoria. O maior horticultor dos nossos tempos. *Guia do Jardineiro Suburbano, Enciclopédia de Jardinagem, A Revista do Jardineiro*... Asseguro-lhe que é o digno sucessor de Brown e Reton. E aqui o Gill veio muito recomendado por Mr. Loudon, como projetista e florista. É especialista em botânica, e pode ajudar-nos a desenhar um arboreto e um jardim no estilo mais moderno. Belo para o olhar, educativo para a mente e, o mais importante, que eleve o espírito. Espero que lhe pareça a pessoa adequada...

Richard limitou-se a contemplá-la com um olhar cristalino e fixo, insuportável, sem qualquer indício de acusação. Maddy mal o conseguia olhar.

– Sim. Muito adequado. Tenho a certeza de que o Richard será adequado.

Assim que o disse pensou em Jervaulx, que provavelmente não o consideraria nada adequado. Mas não podia dizer isso, nem encontrar palavras para recusar o sorridente Butterfield e todo aquele projeto opulento. Era evidente que o dono do viveiro estava entusiasmado com a comissão.

– Bom, pois então... – Butterfield virou-se para Richard e tirou das mãos deste um caderno e um bloco de desenho. – Deitamos uma vista de olhos ao terreno?

O espaço que separava a casa dos estábulos não era maior que o do jardim de Maddy, em Chelsea, pavimentado, árido e novo. Entre aqueles muros, sem trepadeiras nem árvores que os suavizassem, não existia qualquer ornamento, exceto um banco de ferro forjado. Butterfield fez um ligeiro esgar de desgosto com os lábios.

– Há uma cave de serviço debaixo do pavimento?

– Sim. – Maddy estava familiarizada com a cozinha e as adegas desde o primeiro dia em que chegara com Jervaulx e, cobardemente, alegrou-se por ter algo de impessoal de que falar. – Mesmo por baixo das cavalariças.

– Tenho de dar uma vista de olhos às fundações antes de começar. Não demoro nada. Gill, acompanhe a duquesa. Se Sua Senhoria tiver a bondade, informe-o acerca das plantas pelas quais sente uma especial predileção. Não, não, deixe-se estar. Encontrarei alguém que me leve até lá abaixo.

Butterfield já se dirigia a toda a pressa para a casa quando Maddy se apercebeu de que ia deixá-los a sós. Levantou a mão para o deter, mas ele já desaparecera.

Ficou a olhar para as elegantes portas de vidro pelas quais Butterfield entrara. Alguém assobiava no beco atrás dos estábulos. Maddy permaneceu imóvel no meio do poderoso silêncio que dominava o pátio árido.

– Porquê? – perguntou Richard.

Maddy teve de se virar para ele. Manteve os olhos baixos, a olhar fixamente o pavimento duro.

– Obrigou-te? Archimedea... – Na sua voz pausada, conseguia perceber-se uma intensa carga de emoção. – Podias ter recorrido a mim. Sabia-lo bem.

Maddy abanou a cabeça rapidamente, incapaz de falar. Richard deu uns passos em direção ao muro.

– O Senhor pediu-me que tomasse conta de ti e, para grande angústia da minha alma, falhei.

– Não, Richard, não falhaste.

A silhueta dele, de ombros largos e rosto virado para o muro, recortava-se contra a pedra branca, uma presença escura e grave a contrastar com a luz brilhante. Quando ele se virou, Maddy voltou a desviar os olhos, incapaz de o olhar diretamente. Richard aproximou-se dela.

– Não interessa que se tenha aproveitado de ti – disse em voz baixa e num tom intenso e ardente. – Teria pedido autorização à Assembleia para te tornar minha mulher.

– Tua mulher! – Maddy ergueu a cabeça e olhou-o fixamente.

– E ainda posso fazê-lo, Archimedea, se repudiares este erro terrível. – Sob a sombra do chapéu, o rosto de Richard parecia apresentar uma pureza férrea de intenções, uma expressão de quase inocência se comparada com a confusão que a atormentava naquele momento. – A culpa é minha.

– És demasiado bom – disse ela, dilacerada.

– Regressa comigo. Sai daqui. Parte deste lugar corrupto e volta comigo agora.

Maddy afastou-se dele e sentiu o coração acelerar-se. Sabia estar a cair num abismo de vaidade e desejo carnal, mas só se apercebeu da profundidade desse abismo quando ele lhe estendeu a mão para a libertar de tudo aquilo.

– Casei-me com ele – disse, insegura.

– Com um descrente. Com um homem ímpio. Chamam-te «duquesa». «Senhoria»! – exclamou com uma expressão de repugnância. – «Casada». Oh, como podes chamar-lhe isso, Archimedea? Casada? Não perante a Verdade, nem perante a Luz, com o consentimento da tua Assembleia e do teu pai. Não

é um casamento. Para ele, não passas de uma rameira!

Maddy soltou um pequeno gemido, ao mesmo tempo que apertava mais o xaile e desviava o rosto.

– Não, o que acabei de dizer não é justo. – Pousou uma mão no braço de Maddy. – Não és tu que tens de te envergonhar, mas sim eu. Quando voltei já te tinham levado. E não houve dia nem noite, nem uma hora ou um minuto – acrescentou num tom intenso –, em que não me tenha amaldiçoado por te deixar sozinha. Sabia que não era seguro!

– Mas... o meu pai desejou que assim fosse.

– O teu pai! Que Deus lhe perdoe se alguma vez quis tal coisa.

Maddy virou-se para ele.

– Tu escreveste-me a dizer que o meu pai queria que eu partisse com o Jervaulx!

– Eu nunca escrevi semelhante disparate! – replicou ele, veemente. – E nunca o teria feito, mesmo que tivesse visto o teu pai e ele mo tivesse ordenado!

– O quê? – Maddy agarrou com força as pontas do xaile. – Mas tu viste-o...

– Não. Ele não estava na pensão quando lá fui. Devia ter voltado para junto de ti nesse mesmo instante, mas esperei até ser demasiado tarde, para ver se ele aparecia.

– Richard! – Cobriu o rosto com o xaile, e depois afastou-se dele alguns passos. – Diz-me.... – Falou com o rosto desviado, com uma intensidade cheia de desespero. – Foste ver o meu pai nesse dia, e mandaste-me uma mensagem ao fim da noite a dar-me instruções... para que acompanhasse o duque ao local onde os amigos dele o escondessem.

O silêncio de Richard parecia aumentar cada vez mais e transformar-se para Maddy num som ensurdecedor. Esta olhou-o de frente.

– Diz-me, escreveste essa mensagem?

Richard abanou lentamente a cabeça.

Maddy sentiu que a invadia uma enorme fraqueza. A sua mente não parecia capaz de assimilar aquela revelação, mas o corpo já começara a tremer. Richard pegou-lhe nas mãos.

– Esse homem é o demónio! – exclamou. – Tens de partir...

Ouviram vozes vindas do interior da casa. Eram Butterfield e Durham. As portas abriram-se e por elas saiu Jervaulx, que deixara os outros para trás.

O eco suave das vozes cordiais apagou-se, com exceção do animado monólogo de Butterfield:

– ... o suporte mais adequado para os canteiros, e já me ocorreu instalar canos e utilizar vapor para aquecer a estufa. Se Sua Senhoria...

A voz também se calou quando se deu conta de que ninguém lhe prestava atenção.

Richard não lhe soltou as mãos, pelo contrário, apertou-lhas com mais força.

– Vem agora comigo, Archimedea – disse numa voz calma e firme. – Vem.

Jervaulx avançava na direção deles. Maddy sentiu um profundo terror. Tentou com todas as forças falar, soltar as mãos, mas era demasiado tarde. Jervaulx agarrou Richard e empurrou-o. O punho do duque, enfiado numa luva de pele, moveu-se com rapidez no espaço aberto entre ambos. Maddy lançou-se para a frente para o evitar. Com a força do ataque, Jervaulx bateu-lhe contra o ombro com um tal impacto que a desequilibrou; as mãos de Richard largaram as suas, ouviu-o arquejar e, ao cair sobre a pedra dura, sentiu uma intensa punhalada de dor na cabeça e no braço.

A vista fraquejava-lhe. Ficou prostrada no solo, atónita, a encolher-se para fazer frente à dor. Jervaulx caiu de joelhos a seu lado.

– Maddy... Maddy... – balbuciava, com uma expressão tal, debruçado sobre si, que Maddy

conseguiu encontrar forças para falar.

– Não. Estou bem – disse, enquanto tentava levantar-se.

– Calvin! – gritou Jervaulx, a segurar-lhe a cabeça entre as mãos e ainda mais inclinado sobre ela. – Calma, calma... Maddy... ferida.

Durham e o dono do viveiro apareceram. Por cima do ombro de Jervaulx, Maddy viu Richard a levantar-se com dificuldade. Durham ajudou-o a equilibrar-se e, de seguida, também se inclinou sobre ela.

– Maldição. Magoou-se muito?

– Não. – Maddy tentou voltar a levantar-se, mas o braço não lhe respondia. – Não. Fiquei só sem ar.

Calvin apareceu a correr.

– Médico! – gritou-lhe Jervaulx. Colocou-lhe um braço em volta dos ombros e apertou-a contra si.

– Não preciso de um médico – disse, ao mesmo tempo que tentava afastar-se, mas não tinha forças. Também não conseguia recuperar o fôlego. Quando moveu o braço, um espasmo de dor insuportável percorreu-lhe o osso desde o punho até ao ombro. Uma vaga de náuseas fê-la estremecer. Não teve outro remédio senão permanecer encostada a Jervaulx.

Este acariciou-lhe a testa e juntou o rosto ao dela. Não disse nada, mas cada vez que respirava parecia ouvir-se uma palavra meio formada. O nome dela e perdão, perdão, perdão.

– Richard? – perguntou Maddy com uma voz trémula. Tentou levantar-se um pouco e apoiou o peso sobre a outra mão. – Estás magoado?

Richard surgiu à frente dela.

– Estou bem – disse ele com serenidade, mas tinha o rosto muito pálido e um braço apoiado sobre o peito.

Jervaulx ergueu a cabeça e olhou para ele.

– *Fora* – disse. – Volto a ver-te... chicote.

Richard permaneceu imóvel.

– Não vou deixá-la sozinha contigo.

Maddy sentiu o corpo de Jervaulx endurecer.

– Sua Senhoria! – disse Butterfield, e avançou um passo. – Rogo-lhe que aceite as minhas mais sinceras desculpas pela terrível insolência deste homem. Não fazia a menor ideia da natureza revoltante do seu carácter. A partir deste momento, Richard Gill já não é meu empregado, nem receberá qualquer carta de recomendação... nem minha, nem de qualquer outra pessoa, se eu puder impedi-lo!

– Não – gemeu Maddy –, por favor.

Debateu-se e conseguiu separar-se de Jervaulx. Apertou o braço ferido contra o corpo. Doía-lhe a anca. Estendeu a mão ilesa a Durham, que imediatamente se baixou para a ajudar.

– Sente-se aqui, minha senhora – disse ele.

Enquanto Maddy cambaleava até ao banco que se encontrava entre Jervaulx e Durham, a criada trouxe um frasco de amoníaco.

– Obrigada – disse Maddy verdadeiramente agradecida. O odor acre pareceu desanuviar-lhe um pouco a cabeça. Permaneceu sentada a agarrar o braço ferido. – Butterfield – chamou e levantou o queixo com toda a firmeza de que foi capaz. – Desejo ter uma estufa. O duque prometeu-ma, e não vou consentir que ninguém a desenhe ou construa a não ser Richard Gill.

– Não penso entrar nesta casa enquanto continuares a viver nela, Archimedea – disse Richard.

Maddy olhou-o e mordeu o lábio para que parasse de tremer.

– Vem comigo – acrescentou ele.

– Não! – exclamou Jervaulx. Richard ignorou-o.

– Se conseguiste caminhar até ao banco, também consegues andar para sair daqui.

– Não! – repetiu Jervaulx, e avançou um passo.

O *quaker* virou-se para ele.

– E que vais fazer para a impedir? Usar um chicote?

Falou no seu habitual tom calmo, sem que se vislumbrasse o menor indício de malícia e, no entanto, o efeito que produziu em Jervaulx foi o de uma estalada. Jervaulx imobilizou-se. De seguida, encostou um ombro ao muro. Durante alguns instantes pareceu a imagem de um aristocrata despreocupado, até virar o rosto para o muro e apoiar a testa sobre a pedra.

Maddy fechou os olhos. Não choraria. Não, não choraria.

– Vamos, Gill. – A voz de Butterfield produziu um ligeiro eco no pátio, mas Maddy não abriu os olhos.

Ninguém se movia. Maddy cerrou os olhos com mais força.

– Gill! – insistiu Butterfield.

Richard disse o nome dela, num tom firme e tranquilo. Maddy sabia que era a última vez que o diria.

Jervaulx era um mentiroso, um vilão, um homem mundano, altivo, temerário e violento. Piorava em vez de melhorar. Richard pedia-lhe que o abandonasse e oferecia-lhe a sua vontade férrea para substituir a dela.

Mas ela não conseguia mexer-se. Nem o movimento mais ínfimo e incerto conseguiria mover o seu corpo petrificado.

Ouviu então os passos de Richard quando este se virou e começou a afastar.

Só abriu os olhos ao ouvir a porta fechar-se. Quando ergueu o olhar, viu que o pátio estava vazio, com exceção de Jervaulx e de Durham, de pé junto da porta.

– Acho que devia entrar e deitar-se, minha senhora – disse Durham.

– Enganaste-me – respondeu Maddy. – O Richard nunca enviou qualquer mensagem. O meu pai nunca disse para eu ficar contigo.

Jervaulx afastou-se do muro, com uma espécie de risada amarga.

– Sacana... *Gill*.

– A ideia foi minha – apressou-se Durham a dizer. – Tenho de assumir a responsabilidade e pedir-lhe do fundo do coração que me perdoe, minha senhora. Foi muito errado, muito errado mesmo. Mas... – Corara até à raiz dos cabelos. – Permita-nos que a ajudemos a entrar, para ficar mais confortável!

Maddy levantou-se. Ainda sentia uma estranha sensação de fraqueza no estômago. Parecia-lhe que o braço era feito de borracha. Ao movê-lo num certo ângulo, ficou sem fôlego quando uma dor lancinante lhe percorreu todo o corpo.

– Maddy – disse Jervaulx com uma voz áspera, como se estivesse zangado com ela.

Envolveu-lhe a cintura com uma gentileza que contradizia essa impressão, com muito cuidado para não lhe tocar no membro ferido. Perante o perigo da ameaça de desmaio, Maddy entrou rapidamente na saleta das traseiras. Durham apressou-se a colocar uma almofada no sofá. Um lacaio e uma criada

já se encontravam ali, e Calvin entrou, vindo do vestíbulo.

– Mandei chamar um físico – disse. Trazia um roupão e outra almofada. Com uma expressão de dor, Maddy deixou que os ajeitasse à sua volta. – Não, minha senhora, não se mexa. Tente manter o braço imóvel.

– Vai-te embora – disse Maddy, com uma voz fraca. – Estou bem.

Calvin não se ofendeu.

– Aqui tem os sais, ao seu lado.

– Vão-se embora – repetiu ela. – Todos.

– Sim, minha senhora. Chame quando precisar de alguma coisa.

O mordomo retirou-se juntamente com os outros criados. Depois de fazer uma vénia, Durham seguiu-os com grande pressa.

– Vai – repetiu Maddy.

Jervaulx não se moveu do lugar onde estava. Permaneceu de pé, com as mãos atrás das costas, a olhar para o jardim nu.

– Por favor – disse ela.

Jervaulx virou a cabeça como se a ouvisse, mas não saiu.

Fora apenas uma entorse muito forte, disse o médico que lhe imobilizou o braço ao peito. Mandou que a deitassem na cama e deu-lhe láudano para que adormecesse.

Durante todo o exame, no sofá da saleta das traseiras, Maddy não emitira som algum, apesar de todos os manuseamentos do médico, até que este quis saber o que acontecera.

– Caiu das escadas? – perguntou num tom jovial.

– Foi lá fora – respondeu ela numa voz apagada.

– Então tropeçou? Qual foi a causa da queda?

Maddy não respondeu. *Fui eu,* pensou Christian, e sentiu que se desmoronava por dentro.

– Uma pequena tontura, talvez? – Christian nunca vira aquele físico antes. Parecia um tipo bondoso, como um mestre-escola, e bastante curioso. – Tem-se sentido fraca nos últimos tempos?

– Apenas... caí – disse Maddy.

– Tem de ter mais cuidado consigo – disse o médico. – Presumo que não esteja casada há muito? Este tipo de acidentes, aparentemente menores, podem por vezes ter consequências mais sérias. Agora terei de parecer um pouco indelicado e perguntar-lhe se existe a possibilidade de estar grávida.

Santo Deus. Christian fechou os olhos.

Maddy não respondeu. O médico olhou para Christian por cima dos óculos, sobrancelhas erguidas numa pergunta silenciosa, de homem para homem. Christian assentiu bruscamente com a cabeça.

O médico deu algumas palmadinhas na mão ilesa de Maddy.

– Acho que vamos passá-la para a cama, então, minha jovem, e ficar muito atentos. – Sorriu. – Vamos, vamos, querida, não comece agora a chorar, depois de ter aguentado todos os meus exames e apertões com tanta coragem. Até ao momento, não vi motivos para preocupações. Absolutamente nada. Pobrezinha, portou-se como uma heroína, não é verdade? Vamos levá-la para cima para que possa dormir à vontade.

Indicou a Calvin e a um criado que a levassem. Quando o médico voltou a entrar na sala, Christian

estava a servir-se do terceiro *brandy*. Virou-se ao ouvir a porta abrir-se.

O médico entrou e sentou-se sem cerimónias. A seguir, tirou um livrinho da maleta.

– Ela sofreu uma luxação dos ligamentos do braço, mas sem grandes complicações. Não me parece que o osso esteja partido. Será muito doloroso, mas com tempo e repouso curar-se-á. – Fez alguns cálculos e franziu a testa. De seguida, olhou para Christian. – Sente-se, senhor. Sente-se. Quero falar consigo. Diria que a sua mulher tem um temperamento nervoso?

Christian sentou-se. Pensou em Maddy, na forte Qu'ridaMaddy. Nervosa, não. Não. Abanou a cabeça.

– Neste momento está com os nervos bastante alterados. O mais provável é que seja devido à lesão, embora tenha aguentado o exame com uma enorme coragem. Vai desculpar-me por ser tão direto, mas é que a instabilidade emocional também pode ser sinal de gravidez e, depois desta queda, é isso que me preocupa. Ela não quis adiantar muito acerca da queda, nem acerca das suas regras. O senhor estava presente quando o acidente ocorreu?

Christian olhou para o tapete oriental debaixo dos pés e assentiu.

– Ela estava pálida ou parecia fraca?

Christian levantou-se e começou a andar. Não se dirigia a nenhum sítio, andava apenas pela sala.

– Senhor, sou médico – disse o homem num tom calmo. – Compreendo que estas coisas são...

– Fui... eu. – Christian deteve-se em frente da janela e olhou por ela. Fez-se um breve momento de silêncio.

– O senhor é que provocou a queda?

Jervaulx virou-se para o homem.

– Sim.

O médico assentiu lentamente com a cabeça sem deixar de olhar para Christian.

– Compreendo. – A expressão tornou-se-lhe mais sombria. – Então não lhe parece que a queda se tenha devido a um desequilíbrio nervoso dela.

– Não.

– A senhora disse-me que só estão casados há poucas semanas.

– Mês.

– Com a pouca informação que lhe consegui tirar, imagino que esteja um pouco atrasada. Teria sido bom que a queda não tivesse acontecido nesta altura. Se começar a sangrar, não saberemos se perdeu alguma coisa ou se não havia nada a perder, mas não me coíbo de lhe dizer, senhor, que o meu instinto de médico me indica que vai ser pai.

Christian bebeu uma grande golada do *brandy*. O médico levantou-se.

– Passarei por cá esta noite. A propósito, chamo-me Beckett. Acabei de me mudar para a vizinhança na semana passada. Lamento, mas o seu criado trouxe-me com tanta pressa que nem sei como se chama.

– Jervaulx.

O homem estendeu-lhe a mão.

– Bom, Mr. Chervo – apertou a mão de Christian com muita força –, vou ser muito direto. Recomendo-lhe que seja mais carinhoso com a sua mulher e não lhe provoque mais quedas.

*

Maddy nunca fora uma inválida. Estava aborrecida com aquele médico, que fazia um enorme

drama com o que acontecera. Foi ainda pior quando voltou à noite. Nessa altura já começara a tratá-la por «Sua Senhoria», a cacarejar à volta dela como uma galinha com os seus pintainhos, a zangar-se por ela não ter tomado o láudano que lhe deixara, por se levantar da cama para se sentar, ou por todos os movimentos que fazia – tudo aquilo não para proteger o braço, mas para evitar a tragédia iminente que estava convencido que ia acontecer.

E, para seu enorme exaspero, começou mesmo a sangrar durante a noite. Dormiu muito pouco, recostada sobre um monte de almofadas para manter o braço erguido. Não pôde esconder ao médico a hemorragia que tivera quando ele a foi visitar na manhã seguinte. O médico abanou a cabeça com uma expressão lamentosa e prescreveu-lhe repouso absoluto na cama durante três semanas. Nem sequer lhe perguntou pelo braço antes de partir.

Maddy tirou os pés de debaixo dos lençóis. Repousou o braço na ligadura e sentou-se à beira da cama com os pés apoiados sobre os degraus da estrutura.

Médico ignorante! Estava a fazer todo aquele drama apenas para aumentar os honorários, quando não passava de uma simples lesão muscular.

A porta do quarto abriu-se. Viu o rosto pálido e descomposto de Jervaulx.

– Não é verdade! – exclamou ela, a segurar o braço ferido. – É só o que acontece todos os meses... não foste tu a causar isto, estás a ouvir?

Levantara a voz. Sem motivo algum, começou a chorar e a visão do rosto tenso dele turvou-se até já não o conseguir ver. Sacudiu violentamente a cabeça e estendeu a mão ilesa.

– Christian... não foste tu a causar isto.

Ele aproximou-se. Pegou-lhe na mão, segurou-a entre as suas e ficou a olhá-la. Maddy soltou-se.

– Ouves-me? – Engoliu as lágrimas e voltou a abanar a cabeça, uma e outra vez. – É demasiado cedo para que o médico saiba alguma coisa. Eu sentir-me-ia de outro modo. Tu não fizeste que isto acontecesse.

Christian não olhava para ela. Ficou imóvel junto da cama.

Indignada, Maddy respirou fundo.

– Não passam de palavras e disparates. Só devias pagar-lhe por me ter ligado o braço.

Jervaulx ergueu as pálpebras. Durante um longo período de tempo, estudou-lhe o rosto e, a seguir, afastou-se para se encostar a uma das colunas brancas que formavam os pés da cama. Olhou pela janela, que se encontrava a uma certa distância.

– Eu...

Contraiu o maxilar. Levantou a cabeça para o teto, a respirar entre dentes, e abanou a cabeça.

Maddy não conseguia olhar para ele. Fungou e limpou os olhos, mas era incapaz de deter aquelas lágrimas absurdas.

– *Ir embora* – disse ele de repente. – Queres?

Olhava-a com uma intensa expressão interrogativa.

– Não posso ir-me embora – respondeu ela, resignada. – Somos casados. Não podes ficar sozinho. Tenho de ficar contigo.

– *Queres* ir embora?

– Dói-me o braço. Quero dormir.

– Gill? – perguntou ele entre dentes. – *Gill?*

As lágrimas não paravam de cair. Maddy soltou um soluço ressentido.

– Pelo menos, é um homem honrado! Não é mentiroso, nem esbanjador, nem um selvagem.

Jervaulx rodeou a coluna com o braço para se apoiar. Soltou uma gargalhada rápida e perversa.

– Selvagem... idiota.

Maddy sentiu-se satisfeita por o braço lhe doer tanto, já que assim não podia acercar-se dele em resposta à penitência amarga que lhe lia no rosto. Estava horrorizada consigo mesma. Devia ter partido com Richard, mas limitara-se a ficar sentada, petrificada, como se outra pessoa pudesse tomar aquela decisão por si.

– Ele não anda por aí a bater nas pessoas – replicou Maddy. – Nem dá bailes ridículos para quinhentos convidados.

– É uma mula... piedosa. Nunca... irias com ele.

– Deixa-me em paz, por favor.

– Nunca irias... com ele – repetiu Jervaulx com mais força.

– Sai!

– *Quaker*... mula... cansativo... pio.

– E o que é que tu sabes? – gritou-lhe ela. – É melhor pessoa do que tu. O que é que sabes acerca da diferença entre bem e mal?

– Conheço-te... a ti – respondeu ele.

Maddy caiu sobre a almofada e enroscou-se em volta do braço ferido, a ocultar o rosto para impedir que ele o visse.

– Deixa-me em paz – gemeu. – Vai-te embora e deixa-me em paz.

CAPÍTULO 32

Com grande discrição, mas sem se esconder nem fechar a porta à chave, Christian levou a máquina de escrever de Brunel para a sala de jogos e começou a tentar aperfeiçoar a sua perícia sempre que tinha oportunidade para isso. Passada uma semana, Maddy já se tinha levantado da cama e andava pela casa contra as ordens do médico, mas Christian suspeitava que nem as mulheres com tendência para reprovar o vício da ociosidade encontrariam muito que dizer em relação às partidas de bilhar.

Da primeira vez, Christian chegou a jogar uma bola ou duas e tentou dar umas quantas tacadas antes de desistir, deprimido. Outro prazer proibido para a sua mente labiríntica. A elegante mesa e o seu taco favorito de cabo de marfim não evitavam que falhasse a jogada sempre que se concentrava na bola. Tinha a sensação de que algo estava ali e depois já não estava, algo estranho que lhe causava medo, e que à partida não era muito benéfico para o ânimo de uma pessoa. Suspirou e espalhou as bolas pela mesa, depois pousou o taco em cima do pano verde. Tirou as licoreiras do aparador para deixar espaço para a máquina de escrever. Assim, ninguém a veria se abrisse a porta.

Aparentemente, Eydie estava decidida a criar-lhe o maior número de dificuldades sem se prejudicar a si mesma. Não, não pensava aceitar qualquer tipo de fundo para a criança. Sabia muito bem em que resultaria isso e não suportava a ideia de ter sempre a casa cheia de advogados de ar lacónico a imiscuírem-se nos seus assuntos pessoais. Sim, enviaria certamente a criança para a Escócia se assim lhe aprouvesse. Não, não lhe agradava a ideia de um acordo discreto com os Sutherland para salvaguardar o bem-estar da criança. Porque é que ele, escrevia Eydie num tom queixoso, não se limitava a mandar-lhe diretamente o dinheiro? Até parecia que não confiava nela!

E não. A compaixão que sentia por Eydie desaparecera depois da cena na escadaria. Talvez a tivesse magoado, mas Eydie conhecia as regras do jogo tão bem quanto ele. Ninguém a obrigara a jogá-lo. Não fora ele quem a obrigara a ficar numa posição tão desagradável.

Tinha-lhe acontecido algo estranho e doloroso. «Vai ser pai», dissera-lhe o médico. Maddy estendera a mão e chorara e, sem que existisse uma sequência lógica de pensamentos que ele pudesse identificar, Christian tomara a sombria decisão de agir da forma mais correta com aquela filha que não conhecia nem quisera ter.

Tratava-se de uma questão muito delicada. Na verdade, a única coisa que podia oferecer-lhe era ajuda económica e, naquela altura, nem sequer uma quantia muito grande. Os seus rendimentos estavam esticados ao máximo para fazer frente a problemas mais imediatos, e já enviava um montante semanal para os gastos da casa e para o pagamento de uma ama de leite que Eydie se queixara de não poder pagar. Presumia-se que as damas da sua posição não podiam optar pela via mais económica, pensou Christian com cinismo. Mas o que o preocupava não era o sustento da filha enquanto ela fosse pequena. O tipo de obrigações que previa a longo prazo – ama, governanta, escola, vida social e um dote substancial – requeria uma série de preparativos à margem de todos os pagamentos previstos

que sobrecarregavam os seus bens, uma fonte segura e oculta de rendimentos que não pudesse ser eliminada pela família dele, no caso de Christian desaparecer precocemente.

Era esse o problema. Nada do que possuía naquele momento podia servir para um tal objetivo e ainda tinha de encontrar uma maneira de financiar novos empreendimentos – e entretanto propagavam-se como ondas num lago os rumores sobre uma provável audiência pública para determinar as suas capacidades mentais. E se se atrevesse a esperar até depois... e se perdesse...

Seria o fim de tudo, se perdesse.

Fitou a máquina de escrever. Enquanto pudesse controlar a conta bancária, estava a salvo. Ouvia na voz de Maddy o pânico cada vez maior que se escondia atrás das suas críticas, e compreendia melhor do que ela que estava a brincar com o fogo. Cada tostão que gastava serviria como prova contra si perante o Supremo Tribunal se chegassem a esses extremos – e também contra ela.

Tentara viver o momento, sentir que continuava ali, livre, vivo. Mas já não era o mesmo de antes. Às vezes, as perdas surpreendiam-no como uma inesperada bofetada – coisas pequenas que o magoavam tanto quanto as grandes. A atitude desafiadora dos seus banqueiros irritava-o. O oscilar confuso de uma bola de bilhar dava-lhe vontade de chorar.

Durham dizia que ele estava a melhorar. Christian agarrava-se a essas palavras como se a sua vida disso dependesse mas, ao mesmo tempo, não confiava nelas. Estava melhor, sim. Se era o suficiente, disso não tinha a certeza. A audiência, aquela prova, saber que tudo, absolutamente tudo, dependia da sua mente errática... Céus.

De qualquer maneira, o preço do fracasso era demasiado elevado. Não tencionava depender da própria mente enlouquecida. Não pensava submeter-se a qualquer audiência.

Tudo o que fazia – as visitas, a ópera, as compras, a importante quantidade de dinheiro que conseguira reunir graças a uma cuidadosa reorganização do pagamento das dívidas –, tudo culminaria no baile. O baile que serviria para apresentar a sua duquesa à sociedade. E, mais, para o livrar do manicómio de uma vez por todas.

Mas os preparativos do baile eram demasiados para os gerir sozinho. Ler e escrever, a lista de convidados, as faturas dos fornecedores, as caixas de champanhe, o saldo da sua conta numa flutuação contínua, o dinheiro que possuía esticado ao máximo, o tentar guardar tudo na cabeça porque não confiava nos papéis, a cabeça tão pouco fiável que se desanuviava para logo em seguida se enublar, ao mesmo tempo que se esforçava por encontrar palavras e ideias que se lhe escapavam e o deixavam sem saber o que fazer.

Depois de clamar a sua teimosa ignorância acerca de depravações mundanas como os bailes, Maddy negou-se a ajudá-lo no que quer que fosse exceto no pagamento das dívidas, das quais Christian já pagara tudo aquilo a que estava disposto. Não se desfaria de mais dinheiro, o que se converteu noutro motivo de discussão entre ambos.

A lesão de Maddy obrigou-o a atrasar o acontecimento quinze dias para lá da data prevista. Tanto quanto lhe parecia, aquilo não representava nenhum inconveniente grave. Limitava-se a dar ao assunto um maior toque natalício e tornava a espera das semanas mais tensa. Utilizou Durham para que fizesse correr a notícia do acidente de Maddy, de modo que houvesse uma desculpa para justificar as suas poucas aparições em público. Voltou duas vezes à ópera, uma sozinho e outra com Durham e Fane, e fez mais umas quantas visitas na companhia dos dois homens, sabendo que as circunstâncias não requeriam muita conversa da sua parte. Controlava os aparecimentos públicos com muito cuidado e, até ao momento, parecia ter sido bem-sucedido.

Durham mal conseguia acreditar. Sentou-se a tomar o pequeno- -almoço com Christian e Maddy, para os pôr a par das últimas novidades.

– É incrível – disse, enquanto servia Maddy de mais chá da chaleira colocada sobre o aparador. – É como se se tratasse de Lord Byron, admirado por todos apenas por estar ali de pé de olhar intenso e boca fechada. – Leite, minha querida?

– Sim, obrigada. Não me devias chamar isso.

Durham e Fane tinham iniciado uma campanha para se reconciliarem com Maddy, depois de sobreviverem às delicadas censuras da carta falsificada. Era Christian quem carregava o peso das acusações – uma injustiça, achava ele, ressentido, pois Maddy desconhecia o pouco que ele recordava de todo aquele estratagema. Para si, a noite da fuga não passava de um acontecimento incoerente. Durham planeara todos os pormenores, mas era ele o único a quem ela chamava diretamente mentiroso.

Mas claro que, naquela altura, tudo parecia culpa dele, segundo a Senhora Forreta Archimedea Timms dos Tus.

– Terá de vigiar muito bem as damas quando estiverem com ele – aconselhou-a Durham, ao mesmo tempo que se acomodava numa cadeira.

– Terei? – perguntou Maddy sem deixar de olhar para a chávena. Os dedos percorriam incansavelmente a asa de porcelana. Christian observava-os, a tentar gravá-los na mente. Se perdesse, se o voltassem a enviar para aquele lugar, ela já não o acompanharia.

– As senhoras parecem adorá-lo. – Durham abanou a cabeça. – O olhar de mistério tórrido, os rumores sobre uma perigosa predisposição para se tornar violento quando está Lua cheia, os simples «sins» e «nãos» em resposta a tudo... Céus, até acho que vou experimentar. Cairiam rendidas aos meus pés, pois caem rendidas aos dele. O que acha?

Fane entrou e estacou.

– O que é que se passa com ele?

Durham abandonou a pose de sedutor.

– Estou a praticar um ar de paixão contida.

– Bem, então é melhor não fazeres isso. – O coronel inclinou-se diante de Maddy e pegou-lhe na mão. – Como se encontra esta manhã, meu anjo?

– Não me devias chamar isso – disse ela, como sempre. – Estou muito melhor. Já mexo os dedos sem que me doam e ontem à noite dormi sem a tala.

Fane ouviu a informação com interesse.

– Então, está ótima. Quer acompanhar-me num passeio de carruagem pelo parque?

– Depois... do baile – disse Christian.

– Desmancha-prazeres – resmungou Fane.

– Um verdadeiro carcereiro – disse Durham. – Maldito seja, não há nada pior do que um marido ciumento.

Christian esboçou o sorriso irónico da praxe, embora de facto sentisse ciúmes, ainda que preferisse afogar-se a reconhecê-lo perante os amigos. Sentia ciúmes da familiaridade que tinham para com ela, da facilidade com que podiam beijar-lhe os dedos – tocar-lhe... algo que não voltara a fazer desde que Maddy se sentara na beira da cama, encolhida e magoada por causa dele.

E sentia uns ciúmes terríveis de Richard Gill, uma presença invisível que se interpunha entre ambos. Christian engolira toda a sua raiva e orgulho, mandara chamar Butterfield, o dono do viveiro,

para se assegurar de que este não despedia aquela mula piedosa, responsabilizando o incidente na universal e óbvia desculpa do «erro lamentável». Fizera-o por Maddy e encarregara-se de que ela o soubesse, à espera de receber uma recompensa que tinha a certeza merecer, por passar pela amarga experiência de deixar a mula sem castigo, depois de esta tentar convencer a mulher a abandoná-lo, no seu próprio jardim.

Fora a sua primeira tentativa consciente de ser uma pessoa melhor e tudo o que lhe granjeara fora um modesto «Fizeste bem, então».

Christian cerrou os dentes. Não tinha a certeza de gostar muito de ser melhor pessoa. Pensou que, se não conseguisse de imediato desfazer-se do espectro santificado de Richard Gill, depressa mudaria para pior.

Jervaulx escolhera o tecido e o padrão do vestido de Maddy para o baile. Ela sabia perfeitamente que teria de vestir um, mas – como uma reação perversa à satisfação interior que lhe causava a ideia de usar um vestido de noite, e em total concordância com a inquietação que sentia em relação ao próprio baile – recebeu a costureira de má vontade e recusou-se a dar a sua opinião acerca dos tecidos e dos diferentes estampados.

Isso não pareceu preocupar Jervaulx. Também estava presente na sessão na saleta das traseiras, a examinar figurinos e manequins como se fosse um grande especialista. Interiormente, Maddy sentira-se inclinada para as cores vivas e exuberantes de um vestido de seda verde bordejado a púrpura, tão bonito e tão opulento como uma flor exótica, e que na ilustração surgia com três filas de folhos junto da bainha, mangas em balão e uma longa boa de um púrpura transparente – mas claro que nunca o diria. Afinal, por nada do mundo se imaginava a usá-lo – mas, apesar disso, parecia-lhe muito bonito.

A costureira foi suficientemente astuta para deixar várias vezes essa ilustração à vista enquanto lhes mostrava outros tecidos, mas Jervaulx nem sequer se incomodou a olhá-los. Pegou num bocado de tecido sem cor e passou rapidamente todas as ilustrações até chegar ao fundo do monte. De seguida, recostou-se no assento.

A costureira francesa voltou ao conjunto púrpura e verde e ergueu-o em frente do rosto de Maddy. Franziu ligeiramente a testa e abanou a cabeça.

– Não – sentenciou –, não serve. Vai fazê-la desaparecer.

Maddy continuava imóvel e distante. Não se sentia dececionada. Durante os dias que passara sozinha na cama – com a lesão a protegê-la dos encantos e tentações que Christian lhe oferecia – tivera tempo para refletir acerca da própria fraqueza. Conseguira eliminar essa parte de si, a parte que se sentia atraída pela cor, pela alegria superficial e por ele.

Jervaulx pegou num dos manequins e observou-o de todos os lados. De repente, pegou numa tesoura e começou a cortar todos os adornos do vestido. Ignorou a débil exclamação de surpresa da costureira. Os folhos caíram todos até que o vestido resultante pareceu tão simples quanto o de Maddy, exceto pelo decote grande e em bico. O desenho original tinha um pesponto largo de renda a rodeá-lo. Jervaulx cortou-o ao meio, e deixou apenas uma espécie de xaile de renda que lhe caía sobre as mangas. Pousou o pedaço de tecido sobre o pulso e estendeu-o à costureira.

Esta examinou-o durante alguns instantes, a olhar de vez em quando para Maddy com os olhos semicerrados. A seguir, apertou os lábios e ergueu as sobrancelhas.

– Se é isso que Sua Senhoria deseja...

Jervaulx assentiu e afastou-se para que tirassem as medidas a Maddy.

Aquilo acontecera enquanto ela ainda tinha o braço completamente imobilizado, pelo que foi um processo lento e doloroso. Agora que a lesão já lhe permitia uma maior liberdade de movimentos, Jervaulx informara-a durante o pequeno-almoço que a costureira requeria outra prova.

Maddy apresentou-se de má vontade à hora marcada. O tecido pouco interessante que Jervaulx escolhera acabara com a satisfação oculta que aquele vestido novo lhe dava. Não passava de uma recordação constante do temperamento incontrolável dele e da dura prova do baile que se avizinhava.

A ajudante da costureira ajudou-a a despir a roupa habitual, já que ainda tinha o braço em demasiado mau estado para o conseguir fazer sozinha. Com um murmúrio de desaprovação, a costureira desabotoou o corpete e a camisa de Maddy:

– É demasiado subido. Vai ver-se por baixo. – E, antes que Maddy se apercebesse do que ela pretendia fazer, a costureira baixou-lhe toda a roupa interior até à cintura.

Assustada, Maddy conteve a respiração e cobriu o peito com os braços. E, de todos os momentos possíveis, Jervaulx escolheu exatamente aquele para entrar na sala.

Maddy olhou-o, horrorizada, mas ele retribuiu-lhe o olhar sem demonstrar qualquer reação. Enquanto lhe apertavam o corpete, Christian sentou-se numa poltrona, perfeitamente descontraído, como se fosse um consumado e desinteressado conhecedor do modo como as mulheres se vestiam.

O vestido entrou pela cabeça de Maddy. Esta não o esperava. Ainda não recuperara da mortificação provocada pela entrada de Jervaulx, nem da dor causada pelo movimento rápido do braço ao tapar-se. Maddy soltou um pequeno gemido quando a ajudante lhe apertou a mão ao tentar subir-lhe as mangas.

– Cuidado! – exclamou Jervaulx, irritado, e a costureira e a ajudante desfizeram-se em desculpas.

Recomeçaram os ajustes com mais delicadeza e deixaram que Maddy movesse o braço pouco a pouco até o conseguir enfiar na manga. Para isso foi necessário expor-se perante Jervaulx, o qual nem sequer teve a decência de desviar os olhos por um instante. Quando por fim vestiu o vestido, Maddy sentia-se completamente corada pelo embaraço.

A ajudante segurou as costas do vestido e apertou-o com muita força, já que Maddy estava sem corpete.

– Tente baixar o braço se conseguir, *madame* – pediu a costureira.

A pouco e pouco, a morder o lábio inferior de dor, Maddy afastou o cotovelo do corpo. Jervaulx inclinou ligeiramente a cabeça, apoiou a boca nas costas da mão e baixou os olhos pela primeira vez.

– Ah. – A costureira recuou alguns passos e torceu a boca em sinal de assentimento. – Já estou a perceber as intenções de Sua Senhoria.

Jervaulx ergueu os olhos. Contemplou Maddy da cabeça aos pés, e esse exame lento fez com que ela voltasse a corar. Por fim, assentiu.

A ajudante apressou-se a colocar o espelho de pé em frente de Maddy, de modo que esta se viu pela primeira vez.

Ficou atónita. Aquele tecido insípido e rijo que lhe arranhava a pele nua brilhava perante o espelho como se fosse um prisma fraco, os fios dourados misturados com a seda para produzir um tecido prateado que captava a luz e a retinha como se se tratasse de uma chama transparente.

O corte simples do vestido, sem frisados, apenas o meio xaile de renda veneziana, fazia com que o olhar se dirigisse de imediato para o decote – sóbrio mas simultaneamente voluptuoso – que caía dos ombros e se apertava por baixo do peito. As mangas, que terminavam mesmo acima dos cotovelos, eram semelhantes à de um simples vestido *quaker,* mas refulgiam com uma luz intensa.

Era uma blasfémia, uma transformação deliberada do simples vestuário *quaker* num luxo provocador e deslumbrante.

– Não posso vestir isto! – exclamou Maddy.

– *Madame* – disse a costureira em voz baixa –, é magnífico.

Maddy olhou para Jervaulx.

– Não posso. E tu sabe-lo.

Ele sorriu sem proferir palavra, com aquele sorriso perspicaz que tanto a irritava porque parecia dizer que a conhecia melhor que ela a si mesma.

– Não posso!

A costureira baixou-se para alisar uma prega da saia.

– Se não é do agrado de *madame,* levá-lo-ei. Sei de meia dúzia de clientes que...

– Fica – disse Jervaulx. – Vai vesti-lo.

Levou a mão ao interior da casaca e tirou desta um estojo que começava a ser muito familiar para Maddy.

– Não – disse, ao olhar para o estojo do joalheiro. – Não o quero. Não quero esses adornos. Será que não percebes?

Jervaulx levantou-se. Abriu o estojo e Maddy emitiu um suspiro de desespero. A costureira e a ajudante não pareceram tão ultrajadas. Contiveram a respiração, presas de maravilhamento, ao ver uma refulgente tiara com três pedras do tamanho de ovos de codorniz, da cor que Maddy desejava no seu âmago. Um clarão verde de esmeraldas engastadas em cornucópias de ametistas, pérolas e diamantes.

Maddy já aprendera alguma coisa sobre o dinheiro e aquilo que ele podia comprar, e soube de imediato que não estava diante de um presente informal, como um colar de pérolas ou até um laranjal. Era algo que pagaria o resgate de príncipes, que adornaria rainhas, pois só o tamanho das pedras equivalia a uma afirmação de soberania.

Maddy recuou quando Jervaulx levantou a tiara para lha colocar.

– Onde é que a arranjaste?

Albergava a esperança de que fosse uma joia de família, uma relíquia ducal que ele queria que a sua duquesa levasse no dia da apresentação à sociedade, mas Jervaulx limitou-se a dizer como explicação:

– Comprei. Achas que... roubei?

– Jervaulx! – exclamou Maddy. – Ainda mais? Quando é que...

Interrompeu-se ao perceber uma advertência no olhar de soslaio que ele lhe lançou. Voltou a gemer quando ele fez deslizar o fecho de prata entre as suas tranças apanhadas.

– Mas, porquê, porquê? – gemeu. – Sabes que desprezo estas coisas. Será que enlouqueceste?

– Uma pequena aquisição – replicou ele.

– Pequena? Que infâmia! Quando devias estar a pagar...

Jervaulx levou um dedo aos lábios dela e acariciou-lhos com um toque sensual. Maddy afastou bruscamente o rosto. Não podia deixar que ele lhe tocasse, não podia ceder ao ardor do amor e

anseio que ele lhe provocava com tanta facilidade. Jervaulx baixou os olhos e recuou.

– Talvez não gostes. – A voz dele tinha um tom de autoridade grave. – Mas... mostrarás graciosidade... a Sua Majestade.

Maddy ficou petrificada.

– A quem?

Jervaulx recuou alguns passos e sentou-se na poltrona, de pernas esticadas. Observou-a com um olhar crítico e, de seguida, dirigiu-se à costureira:

– A sua opinião?

A mulher observou Maddy com um olhar profissional.

– Extraordinário, Sua Senhoria – disse, a assentir lentamente com a cabeça. – Memorável.

– O rei? – perguntou Maddy com a boca contraída. – Estás a falar do rei?

Jervaulx estendeu a mão, e a costureira apressou-se a tirar a tiara do cabelo de Maddy e a devolvê-la ao duque com toda a solenidade. A joia voltou a desaparecer dentro do estojo. O duque dirigiu-se para a porta.

– Jervaulx – disse Maddy a tremer –, estás a dizer que o rei virá ao baile?

Ele olhou-a e encolheu os ombros.

– Talvez – respondeu enquanto fechava a porta atrás de si.

– *Quelle chance!* – A costureira bateu palmas. – *Madame,* é o *coup de main.* Sua Majestade estará presente na sua apresentação à sociedade!

As línguas desataram-se depois daquela simples insinuação deixada cair por Christian. Não se arriscou a voltar a aparecer em público. Deixou que Durham e Fane agissem como seus emissários e lhe levassem informações acerca de quem dissera o quê.

Não havia maneira de saber se cortara a própria garganta com aquela última aposta. Utilizara todo o dinheiro que conseguira reunir, esgotara a sua fonte de rendimento líquido, pulverizara a conta no Banco Hoare, o que provocara outra visita de Mr. Manning e amigos, travados à entrada por Calvin e um grupo de lacaios cuidadosamente escolhidos pelos seus tamanhos formidáveis e constituições robustas.

Havia anos que o bom rei Jorge tentava discretamente vender a tiara – uma bagatela que Napoleão Bonaparte oferecera à imperatriz Maria Luísa – pelo preço exorbitante de cinquenta mil libras. Não tinham aparecido compradores. Os caprichos de sua majestade em matéria política não eram suficientemente fiáveis para que valesse a pena efetuar semelhante desembolso. Mas Christian comprara-lha. Sabia que, após a conclusão do pavilhão de Brighton, o monarca se entregaria com uma onerosa paixão à entusiástica construção de glórias góticas em Windsor, e que uma forte injeção de dinheiro em vez de outro cansativo credor seria muito bem recebida pelo rei.

Uma quantidade copiosa de convidados já confirmara a sua presença no baile, mas a perspetiva – a grande questão – da presença de sua majestade estava a provocar um enorme burburinho. O rei podia parecer muito ridículo – gordo e atacado pela gota, cada vez mais isolado e alvo de piadas fáceis –, mas bastava que o monarca condescendesse a assistir a um ato social, pensou Christian com ironia, para que o velho e sedutor perfume da realeza provasse ser mais do que um aroma passageiro.

Era uma questão de poder. Se conseguisse ungir-se com aquela influente distinção, então os cunhados descobririam de repente que pertenciam ao clube errado. Insistir publicamente perante os

tribunais que sua majestade decidira honrar com a sua amizade idiotas e loucos seria ultrapassar as marcas. Ir contra a indulgência do rei e forçar uma audiência para decidir o estado mental de Christian seria cometer uma *gaffe* de dimensões colossais. Jorge podia impedi-los com uma única palavra, caso se desse ao trabalho de a pronunciar.

O livro de apostas estava aberto no White's, e Durham afirmou que assistira no Brooks's a um debate com três horas de duração. As ideias políticas firmemente progressistas de Jervaulx – um anátema para o rei – contra o facto, ainda incrível, de em 1820 Christian ter enfrentado todo o seu partido e a opinião pública para apoiar a tentativa de Jorge de se livrar da sua sórdida rainha, quando até os pares conservadores se tinham mantido à margem. De facto, Christian adotara essa postura por causa de uma aposta, para demonstrar que podia fazer isso e continuar a entrar em Whitehall sem que lhe atirassem ovos podres. Perdera a aposta, mas isso só Fane, Durham e ele sabiam.

E, quase a contragosto, Christian sempre gostara do rei Jorge. Era necessário conhecê-lo pessoalmente para se perceber a sinceridade, o bom coração e o humor inteligente que se escondiam atrás do homem caprichoso e isolado na sua tristeza em que o rei se transformara. Tinha um temperamento infantil e uma paixão por extravagâncias, carecia de compostura e de juízo, mas transformara o aspeto de Londres graças ao seu gosto elegante e concedera pensões vitalícias a pessoas tão diferentes como o poeta Coleridge ou Phoebe Hessel, a mulher-soldado. Fazia com que os seus ministros revissem constantemente as listas de criminosos para encontrar prisioneiros já condenados que não tivessem quem intercedesse por eles e assim poder ser ele mesmo a fazê-lo; e doara a sua biblioteca à nação, depois de o czar russo lhe oferecer cem mil libras por ela.

Jorge tinha os seus momentos. Christian apenas esperava – com ganas – beneficiar de um deles.

Mesmo com a ajuda de Calvin e do novo secretário, que se encarregava das cartas, sentia-se esgotado ao final de cada dia, pelo esforço dos preparativos. Cansado, aborrecido e a sentir-se muito sozinho quando via o quarto de vestir e a cama vazia. Maddy e ele não se falavam. Não sabia exatamente quando aquilo começara. Parecia que uma lenta barreira de silêncio crescera entre ambos à medida que o braço dela se curava e o dia do baile se aproximava. Durham e Fane conversavam consigo ao pequeno-almoço e, ao meio-dia, Christian comia na biblioteca enquanto continuava a trabalhar.

O momento de agonia era o jantar, quando se sentava sozinho à mesa com ela. Habituou-se a resolver mentalmente equações matemáticas para ter algo que fazer para além de a observar a debicar a comida como se fosse um pássaro engaiolado e infeliz.

Estava a perdê-la. Maddy estava a afastar-se deliberadamente dele. O corpo dela continuava ali, mas a sua Maddy, aquela que se ria de piadas tolas e que o admirava através de pestanas sensuais, desaparecia pouco a pouco perante os seus próprios olhos, transformando-se numa criatura fantasmagórica de aspeto grave e sombrio.

Nunca lhe tocava. Nem o tentava. A princípio porque não quisera voltar a magoá-la mas depois, à medida que ela melhorava, Maddy tornara-se cada vez mais rígida. Afastava-se sempre que ele se aproximava.

Conseguia paralisá-lo numa cortesia fria. Christian não queria ser um selvagem. Assim, em vez disso, trabalhava e tentava desfrutar de breves momentos de autonomia, ao mesmo tempo que ansiava com fervor poder dispor apenas de uma hora com ela, sem palavras, sem futuro, sem nada exceto os corpos unidos numa união pura e primitiva.

Na manhã do baile, Durham informou-o de que o rumor de que o rei se encontrava hidrópico fizera subir as apostas do Brooks's para 70 contra 1. Christian tentou não pensar no assunto. Não tinha a certeza se Maddy conseguiria resistir. Parecia quase doente ao pequeno-almoço e comera frugalmente, enquanto Christian e o secretário reviam alguns pormenores.

– Vestido? – perguntou-lhe Christian. – Aqui e serve?

– Sim – respondeu ela, a olhar para os ovos estrelados como se tivessem escrito «perdição» em letras enormes.

– Luvas?

– Sim, tenho as luvas.

Christian inclinou a cabeça.

– O braço... dói?

Maddy remexeu os ovos com uma faca.

– Não, está bom.

Maddy, queria suplicar-lhe, *não me faças isto. Preciso de ti.*

Mas era impossível. O abismo entre ambos atingira proporções descomunais. Christian não sabia que fazer. Não podia tocar-lhe, não podia depender dela. Só se tinha a si mesmo.

Ela levantou a cabeça de repente.

– Jervaulx – disse com a expressão de alguém que tomara uma decisão irrevogável. Ele apertou as mãos com força e olhou-a. – Tens de compreender que não posso inclinar-me perante o rei, nem dirigir-me a ele com títulos lisonjeiros para o adular – afirmou.

Lançou-lhe um olhar, como se esperasse que ele começasse uma discussão mas, de repente, desviou os olhos, puxou a cadeira para trás e saiu a correr da sala.

Oh, excelente, pensou Christian e apoiou a cabeça no espaldar da cadeira. Mal posso esperar.

*

A ceia seria servida à meia-noite na sala de jantar. Christian tencionava pôr um quarteto de músicos na galeria da biblioteca para os jogadores de cartas. Vagara o salão azul para o baile e a orquestra real. Alguns dos melhores móveis do salão tinham sido levados para a sala de estar nas traseiras do piso térreo. Depois das mudanças, a sala ficara irreconhecível, e transformara-se da mais completa informalidade no salão mais esplêndido de toda a casa, com uma ornamentação em branco-puro e ouro, ampliada por espelhos, acentuada por um tapete em tons vivos, azuis e vermelhos, e dragões de porcelana que se retorciam sob dois candelabros altos situados de cada lado do novo sofá carmesim.

Quando Christian fez a sua inspeção, o sofá pareceu-lhe agoirentamente vazio. Toda a sala tinha o aspeto exato daquilo que era: uma vassalagem ostensiva a um rei incapaz de subir escadas, pelo que o baile teria de ser levado até ele. Havia uma poltrona para Lady Conyngham, a amante, bem como uma para o Dr. Knighton, o favorito real. Existia ainda espaço suficiente para quem sua majestade quisesse honrar chamando à sua presença, e outro grupo de músicos que esperaria na sala contígua até o rei aparecer – se aparecesse –, momento esse em que interpretariam árias italianas.

Christian encostou-se à soleira da porta. Atrás dele, um criado emitiu um tossicar cortês. Christian virou-se e pegou na carta que o homem lhe estendia ao mesmo tempo que tentava dissimular como o seu ânimo se abatera ao reconhecer o selo. A suspirar, atravessou o vestíbulo até à sala de bilhar,

serviu-se de um conhaque, embora ainda fosse cedo, e partiu o selo.

Sua Senhoria – escrevera Eydie, visando um tom sarcástico, calculava ele –, *recebi pelo correio uma honorável proposta de matrimónio de Mr. Newdigate de Bombaim. Tendo em consideração a verdadeira devoção que ele sente pela minha pessoa e que remonta a antes do meu casamento, a sua enorme prosperidade e a generosidade da proposta, e dado que finalmente me convenci de que não poderei esperar tratamento digno daqueles que deveriam tratar-me melhor* («melhor» estava sublinhado três vezes), *decidi aceitar a proposta.*

Desse modo, parto para Calais de imediato.

Mr. Newdigate teve a amabilidade de enviar os fundos suficientes para pagar a minha viagem. No entanto, desconhece que existe um certo fardo que me vejo obrigada a deixar para trás, já que careço dos meios para o enviar para a Escócia. Como Sua Senhoria me comunicou o seu enorme interesse no dito fardo, deixo nas suas mãos a melhor maneira de dispor dele. Espero que a pequena enfermeira quaker *não vos faça passar uma terrível vergonha na sua festa, meu querido duque. A sua irmã disse-me que ela não se encontra bem, pelo que me surpreende muito que se tenha decidido a realizá-la. Acha que é sensato?*

O tom descarado da carta fê-lo ranger os dentes. Parecia-lhe bem que Eydie tivesse conseguido caçar um nababo, mas naquele momento não tinha tempo para tais coisas. Teria de ser ele a fazer preparativos para levar a criança para a Escócia, já que era óbvio que Eydie não pensava mover um dedo. Pelo menos, não parecia ter qualquer intenção de levar a menina para a Índia, pois era evidente que o nababo não deveria ser incomodado com pormenores entediantes como o luto rigoroso ou bebés.

Pegou na máquina de escrever, mas foi capaz apenas de rabiscar uma resposta curta sem deixar de observar o copiador para ver se cometia erros. Era tão curta que dificilmente poderia ter-lhe saído mal, mesmo à primeira tentativa. Tirou a folha da máquina e enviou-a.

CAPÍTULO 33

Maddy estava de pé, vestida com um robe, a olhar indolente por uma janela do quarto de hóspedes em que ia vestir-se para a festa, quando viu deter-se em frente da porta da casa uma tipoia. Quando a portinhola do veículo se abriu, susteve horrorizada a respiração, ao ver o chapéu e casaco escuros de um *quaker*.

A criada estava a pousar o vestido prateado sobre a cama. Maddy afastou-se rapidamente da janela e fechou os postigos com violência.

– Depressa, preciso de vestir qualquer coisa. – O vestido que usava diariamente encontrava-se no piso inferior. – Ajuda-me a vesti-lo.

Pegou no vestido de baile e atirou-o à espantada criada. Um momento depois, quase sem se apertar nem abotoar, Maddy correu escadas abaixo.

Chegou ao vestíbulo no exato momento em que um criado apressado pousava um tabuleiro cheio de copos para abrir a porta.

– Deve ser para mim – disse Maddy, enquanto, desesperada, tentava pensar nalgum lugar onde esconder Richard. Porque é que ele tinha de aparecer exatamente naquele momento? Era impossível ir para a saleta das traseiras, a sala de pequeno-almoço estava cheia de músicos italianos, a despensa de Calvin repleta de caixas de champanhe empilhadas até ao teto. Abriu a porta da sala de bilhar.

– Fá-lo entrar para aqui – disse ao criado. De seguida, entrou e fechou a porta.

Ouviram-se vozes no vestíbulo e, de seguida, o criado abriu a porta:

– Mr. e Mrs. Little, Mr. Bond e Mr. Osborne.

Maddy ficou atónita durante alguns instantes. Não era Richard.

Fitou os anciãos da sua Assembleia, com o coração a apertar-se-lhe.

O lacaio fechou a porta. Maddy abriu a boca, mas não proferiu palavra.

– Archimedea Timms – disse Elias Little –, estamos preocupados por te encontrarmos aqui na casa de um descrente.

Os outros três tinham um aspeto sombrio enquanto a observavam com o vestido prateado do baile, uma paródia do vestuário simples dos *quakers*.

Elias falou num tom calmo:

– A nossa pergunta é: casaste com esse homem?

Maddy sabia que aquilo teria de acontecer, que iriam confrontá-la, mas não sabia como reagiria quando chegasse o momento. Não sabia o que sentiria ao encontrar-se com eles, com aquelas pessoas a quem amara e que a tinham tratado como parte da família. Constance Little já estava a chorar, em silêncio, ao mesmo tempo que retorcia o avental entre as mãos.

Maddy pestanejou e virou a cabeça. Sem proferir palavra, assentiu.

– Ah, Maddy – sussurrou Constance.

Era como se, até então, não tivessem acreditado. Elias observou a decoração sumptuosa da sala, em cabedal e ouro. Olhou para a mesa de bilhar com o rosto gentil franzido pela preocupação.

– É um verdadeiro desgosto para os Amigos – disse, com a voz suave mas retumbante com que Maddy o ouvira tantas vezes falar no Primeiro Dia. – A Assembleia indicou-nos que viéssemos visitar-te, para te fazer compreender o teu erro. De acordo com os bons ensinamentos da Verdade, um Amigo não deve unir-se a alguém do mundo que não seja seu igual, nem contrair matrimónio sem o consentimento e aprovação da Assembleia. – Elias estendeu a mão para lhe tocar no pulso e começou a falar com maior doçura. – Archimedea, não são regras sem sentido, são regras pensadas com a intenção de te proteger, para evitar que caias na armadilha do inimigo. Uma pessoa jovem pode precipitar-se e enganar-se no Caminho, e nesse caso deve apresentar-se perante a Assembleia e explicar-se aos Amigos, os quais, graças à sabedoria e ao poder de Deus, conseguem discernir se está a ser protegida ou não pela Luz. Compreendes que é essa a Verdade?

Maddy engoliu em seco.

– Sim.

Oh, sim. Compreendia.

– E, no entanto, não te guiaste por ela. Não pediste ao Senhor que te aconselhasse, nem aos Amigos, e fizeste tudo segundo a tua própria vontade.

Maddy abriu a boca mas, de seguida, fechou os lábios sem dizer uma única palavra.

– Se compreendes isso, saberás por que viemos.

Maddy emitiu um pequeno gemido triste e virou-lhes as costas. Ouviu um ligeiro movimento de papéis. Elias pigarreou.

– Archimedea Timms, dado que desde pequena assististe às Assembleias acompanhada pelo teu pai e adotaste os modos próprios da nossa fé e o nome de *quaker,* e já que te afastaste da Verdade e casaste com um homem do mundo, vemo-nos obrigados a apresentar este testemunho contra ti e afirmar que não és... – a voz suave e profunda de Elias quebrou-se – ... que já não és reconhecida por nós como membro da nossa irmandade.

Maddy sentiu lágrimas a brotarem-lhe dos olhos, a caírem com uma angústia ardente e salgada até ao queixo. Elias respirou fundo.

– Além disso, e já que é do conhecimento de muitos que assumiste o nome e aspeto de uma Amiga, e és considerada *quaker* pelas pessoas do mundo, para manter a segurança e honra da nossa sociedade instamos-te a que declares publicamente a verdade e que escrevas uma carta em que faças saber que o teu indigno matrimónio não te foi aconselhado nem apoiado pelos Amigos, e que faças dela três cópias, uma a ser entregue à Assembleia, onde possa ser lida perante todos, outra a ser enviada ao alegado sacerdote que celebrou o matrimónio, e a terceira dirigida aos jornais, para que não possas enganar o mundo, passando por *quaker*.

Maddy fechou os olhos. Os jornais! Era por causa de Jervaulx, por ele ser duque: todas as pessoas tinham de o ficar a saber. Enxugou as lágrimas e virou-se rapidamente.

– Então, nesse caso, façamo-lo já.

Se esperasse, se se detivesse a pensar, tinha medo de não ter coragem de o fazer. Olhou desesperada para toda a sala e virou-se para não ver as lágrimas de Constance. Ali estava, a máquina de escrever do duque. Puxou pela pequena gaveta da caixa fechada e encontrou uma pena e tinta. Não havia papel, por isso abriu a caixa com força e apanhou as folhas que saíram dela.

A de cima já fora usada, e conseguia ler-se o que estava escrito, garatujado com a letra imperfeita

de Jervaulx: «Envia-me o fardo.» Maddy escreveu com tanta força, que a ponta da pena se partiu.

– Archimedea – disse Elias –, não devias escrever num estado de tamanha agitação. As tuas palavras têm de ser aceitáveis para a Assembleia.

Maddy deixou cair a pena e sentou-se num banco.

– Não devia ter feito isto. – Franziu o rosto. Não conseguia controlar as lágrimas, nem o tom de profunda consternação que lhe saía da garganta. – Quero voltar. – Começou a tremer, a chorar, e ergueu a cabeça. – Oh, Constance, quero voltar para casa. Já não posso voltar para casa?

Constance correu até junto dela e, pegando-lhe nas mãos, ajoelhou-se.

– Maddy, queres voltar? Podes voltar comigo. Descobre a Verdade e vem viver na Luz.

Maddy olhou por cima do ombro de Constance para Elias e sentiu irromper-lhe no interior uma repentina e potente fonte de esperança.

– Sabes que não proibimos a ninguém a entrada na Assembleia, Archimedea – disse ele. – Mas não podes adotar o aspeto de uma amiga e permanecer casada com esse homem do mundo. Não seria uma situação cómoda para nós.

– Mas poderia regressar?

– Não posso falar em nome da Assembleia – respondeu Elias. – A única coisa que podemos dizer-te é que deves escrever essa carta.

Maddy inclinou a cabeça.

– Sim, sim, vou fa...

A porta da sala de bilhar abriu-se de repente. Maddy levantou-se de um salto e agarrou as mãos de Constance.

Jervaulx deteve-se com uma expressão de enorme assombro. Parecia custar-lhe compreender o que via à sua frente, pois durante um longo momento limitou-se a olhar para Elias Little.

De seguida, encontrou Maddy. Viu as mãos dela entrelaçadas às de Constance e os papéis espalhados sobre o aparador. Uma expressão de receio surgiu-lhe no rosto.

Maddy suspirou, aliviada, quando se apercebeu de que Jervaulx não ia explodir. Soltou as mãos de Constance.

– Jervaulx – disse, e levantou o queixo –, são Amigos que vieram falar comigo.

Ele nada disse e limitou-se a permanecer imóvel com uma expressão cautelosa.

– É o meu marido – disse Maddy em voz baixa.

Estava vestido com uma casaca formal e bragas pretas. O peito da camisa era de renda, e entre as pregas brilhava um alfinete de esmeraldas. Alto e imóvel, não pouco satânico na aparência: a imagem viva de um homem em busca de prazer carnal.

– Falar quê? – perguntou com um certo ar de desafio.

– Viemos testemunhar que Archimedea já não pertence à nossa irmandade – disse Elias num tom sombrio –, porque se afastou da Verdade e se casou contigo.

Jervaulx olhou para o rosto de Maddy, manchado de lágrimas, e voltou a dirigir-se a Elias:

– Fizeram-na... chorar.

– Foi uma causa muito triste que nos trouxe aqui.

O duque surpreendeu Maddy. Em vez de explodir numa ataque de ira, perguntou apenas:

– Acabaram?

O ancião assentiu.

– Já dissemos o que nos foi indicado que disséssemos.

Jervaulx recuou e abriu a porta.

Constance virou-se e deu um abraço rápido a Maddy.

– Vem connosco – murmurou, antes de passar apressada junto do duque para sair da sala. Os outros seguiram-na mais devagar. Ninguém olhou para trás ou disse o que quer que fosse.

Maddy ficou parada à frente dele.

Jervaulx dirigiu-se ao aparador e pegou na pena partida e nas folhas de papel. Enfiou tudo na caixa, fechou-a e guardou-a. Fez uma bola com a folha em que Maddy escrevera e olhou para ela de esguelha.

– Não o lamento... Maddy – disse num tom de desafio gélido. – Tu choras... mas eu não o lamento.

Ao anoitecer, Christian olhou pela janela da biblioteca e viu-a no pátio vazio, de joelhos junto do muro, a cabeça baixa como se estivesse a rezar. Dirigiu um murmúrio sem palavras ao secretário e saiu da sala. Encontrou-a ajoelhada no pátio, à mercê do frio cortante, vestida com a roupa velha de *quaker,* a arrancar com as unhas as minúsculas ervas daninhas que cresciam na base do muro.

– Maddy – disse, à medida que a irritação dava passagem à confusão de a ver entregue àquela estranha tarefa. – Que estás a fazer?

Ela sentou-se sobre os calcanhares e ergueu a cabeça para o olhar por instantes, antes de prosseguir com a meticulosa tarefa de limpeza.

– Quero fazer algo útil.

Christian olhou-a intensamente.

– Agora não. Veste-te. Não tens... de ser útil.

Maddy inclinou-se ainda mais sobre o chão, a escavar a argamassa com os dedos.

– Não – disse ele, consternado. Não gostava de a ver dedicar-se a semelhantes coisas.

– Não me deixas?

– Não. Maddy...

Ela levantou-se e sentou-se no banco de ferro. Ficou imóvel a olhar para o colo.

Que se passa? Que se passa? Mas Christian tinha medo de o saber.

– Quero ter algo que fazer – disse ela, a respiração a gelar-se-lhe ao falar. – Não estou habituada a estar sem fazer nada.

– O baile...

– Ah, claro – respondeu ela com uma alegria fingida. – Acrescentaste uma entrada no teu registo? «Uma duquesa, com vestido de cerimónia, será colocada no alto da escadaria para receber os convidados.» – Maddy abanou a cabeça. – Não sou duquesa. Não pertenço a este lugar.

– Maddy – disse ele, e estendeu o braço para lhe tocar. Ela levantou-se de repente e afastou-se.

– Não pertenço a *este* lugar – repetiu e olhou para outro lado.

– Preciso de ti... Maddy. Se queres fazer alguma coisa... o baile...

– Não sei nada de bailes! – exclamou ela com uma voz aborrecida mas submissa, que pareceu desvanecer-se ao manter o olhar baixo. – Tens o teu secretário. Não precisas de mim. – Pegou na extremidade da ligadura e ergueu a voz: – Não precisas de mim.

Ele olhou-a e tentou manter a compostura.

– Então... que queres? – Maddy baixou um pouco a cabeça e não respondeu. – O *quaker?* – perguntou ele em voz baixa. – Gill?

– Não quero esquecer quem sou – respondeu Maddy com uma intensidade estranha. – Não quero esquecer.

O corpo de Christian retesou-se. Abriu e fechou o punho.

– Minha mulher. Preciso agora... esta noite... junto de mim.

– Esta noite! – exclamou ela, irónica. – Há outras coisas no mundo além do teu baile frívolo. Há outras coisas para além de voltares a ser o grande duque!

A compostura dele estava a ceder. Respirou profundamente entre dentes.

– Onde está o vestido?

– Não penso aparecer – replicou ela. Ergueu um dedo reprovador. – É uma diversão infantil.

– Diversão?! – gritou ele, irritado. – Achas que o faço... por diversão? – Pegou-lhe no braço e obrigou-a a olhá-lo. – O que acontece... se não for duque? – Apertou-lhe o braço com força. – O que te acontece... se voltar para lá? – Sacudiu-a e começou a gritar. – Lunático! *Lunático*, Maddy! Achas que consegues evitar? Não consegues. Não consegues. O rei. O rei conseguirá evitá-lo, se quiser. – Depois de emitir um som violento, soltou-a. – Não vou voltar... Não vou perder-te... perder tudo... Serei... o... duque!

Levantou-se, virou-se e deixou-a naquele pátio vazio. Ao chegar à porta, deteve-se e olhou-a.

– Salva-nos. Por isso... tiara... rei... baile frívolo. Salva-nos. – Apontou com a cabeça para a casa. – Queres... ser útil. Bom. Útil. Sê duquesa. Recebe. Vestido prateado. Compreendes?

Maddy olhava-o, imóvel, como se ele fosse alguém que nunca vira. Ele retribuiu-lhe o olhar. Maddy humedeceu os lábios.

– É para te salvar?

– Aos dois. Tu e eu. Vai... *vestir* – respondeu ele, e fechou a porta com estrondo.

*

Ao cimo das escadas, num vestíbulo que cheirava a flores e a perfume de senhora, tão cheio de ruído que o som parecia tangível, Christian apertava a mão aos convidados. Não era necessário falar, pois ninguém o ouviria.

Um lacaio aos pés da escadaria clamava os nomes dos convidados à medida que estes começavam a subir, mas também ninguém o ouvia.

Maddy encontrava-se a seu lado, a tiara a emanar um fogo verde cada vez que movia a cabeça. Regressara à vida, a sua Qu'ridaMaddy. Continuava séria mas, de vez em quando, olhava-o de lado como se a perguntar-lhe, ansiosa, se estavam a sair-se bem.

Christian sabia que o braço magoado lhe doía. Ela segurava-o contra o corpo e tentava apertá-lo sem que ninguém reparasse, sem dúvida tão consciente quanto ele de que, a cada momento, estava submetida ao escrutínio de uma infinidade de olhos. Christian esperou até surgir uma pequena pausa, uma distração provocada por uma dama que parou para levantar a saia e subir a escada. Pegou no cotovelo de Maddy, afastou-a do lugar onde estavam postados havia uma hora e levou-a até ao salão azul.

A massa de convidados abriu-se à sua passagem como por artes mágicas, afastando-se do centro do salão de onde se tinham retirado os tapetes, obviamente à espera de que ele e Maddy abrissem o baile. Mas não podia fazer isso, não até que o rei chegasse. Passou mesmo à frente da orquestra expectante e começou a percorrer todas as salas.

Apercebera-se de que os lugares-comuns próprios da vida social eram fáceis e estavam tão

enraizados em si que podia segui-los sem vacilar, como se fosse a letra de uma velha canção tão familiar que já perdera todo o seu significado. O bulício também ajudava. Na biblioteca, o quarteto mal se ouvia por cima das conversas. Christian apenas se detinha o tempo suficiente para receber mecanicamente as felicitações dos convidados, suportando a curiosidade e a troca de olhares que deixava à sua passagem.

Tratava-se de apenas mais uma aposta, a espera pelo início do baile. Cada minuto que passava da meia-noite tornava isso mais evidente. Christian concluiu que podia esperar até à meia-noite e meia. Se sua majestade não chegasse até então, teria apostado tudo na carta errada.

Pelo menos, os cunhados não estariam presentes para assistir a isso com os próprios olhos. Convidara a família mas, como era de prever, nenhum dos seus parentes comparecera ou sequer respondera ao convite. Não com Maddy na casa, não com os advogados a tentarem desprovê-lo de tudo.

Maddy caminhava ao lado dele como uma Galateia prateada, a vida convertida em estátua e não o oposto. Obtinha um efeito estranho com a sua reserva fria – envergonhava-os. Christian reparou nisso. Tinham ido para troçar dela – aquela noite na ópera e os mexericos tinham surtido efeito –, a *quaker*, a caçadora de fortunas, a mulher vulgar que ascendera socialmente; tudo eram palpites, e ela não lhes dava pista alguma.

Christian encontrou-se com Fane depois de ter percorrido quase toda a casa e, afastando-o do círculo de militares com os quais se encontrava, levou-o até ao quarto de vestir aberto. Umas quantas flores e algumas cadeiras tinham transformado o quarto num recanto tranquilo mas público, no meio do lento desfilar de convidados.

– Descansa – disse Christian e acompanhou Maddy até uma poltrona. Ela agarrou-se a si por um momento, o único sinal de fraqueza durante toda a noite, mas Christian fez uma vénia. – Um copo – prometeu-lhe. – O Fane fica.

– Para mim, será uma honra – disse este de imediato.

Christian afastou-se para lhes enviar um lacaio e verificar se havia notícias do rei.

– Minha querida, está muitíssimo atraente esta noite – disse o coronel Fane ao mesmo tempo que se inclinava à frente de Maddy.

Um casal deteve-se ao lado deles.

– Realmente! Uma *avis rara* – assentiu o cavalheiro, que também se inclinou numa vénia.

– O seu vestido é... tão invulgar, duquesa – disse a dama que o acompanhava num tom que tanto poderia ser um elogio como um insulto.– É de Devey?

– De Devey? – repetiu Maddy.

A mulher lançou-lhe um sorriso condescendente.

– De *Madame* Devey, de Grosvenor Square. – Refrescou-se com o leque de plumas que levava. – Esta ideia de atrasar o baile é muito interessante. Não é tardíssimo? Já passa muito da meia-noite?

O coronel procurou qualquer coisa no bolso da reluzente casaca escarlate. Vasculhou ainda mais o interior, enquanto franzia ligeiramente a testa.

– Meia-noite e vinte e cinco – disse o outro homem a consultar o relógio.

– Vai começar dentro em breve, duquesa? – perguntou a mulher com doçura.

– Não sei – replicou Maddy.

– Ah! Bom, não devemos monopolizá-la, minha senhora. – Com uma risada ligeira, a mulher fez uma cortesia e recuou. – A decoração é magnífica.

Quando o casal se retirou, o coronel Fane esboçou um esgar.

– Não perdem uma – disse. Tinha o relógio numa mão, mas continuava a procurar no bolso. – Caramba, veja o que encontrei. – Tirou a mão e abriu-a. – Estava preso no forro, ora bolas.

Maddy olhou para a mão aberta de Fane, e viu um anel de filigrana de opalas e diamantes, com um desenho distintivo.

– É a sua aliança de casamento, minha senhora – anunciou Fane, orgulhoso.

Maddy franziu o sobrolho.

– Sou mesmo um idiota... não admira que não o tivesse encontrado durante a cerimónia. Esta casaca ficou em Londres. – Pegou-lhe na mão e fechou-lhe os dedos à volta do anel. – Pronto. É melhor que o ponha, para não o perder.

Havia muito tempo que Maddy desistira de tentar manter no dedo o anel de sinete de Jervaulx. Mordeu o lábio e fez deslizar a aliança no dedo. Ela serviu na perfeição.

A tiara tinha-lhe causado uma tremenda dor de cabeça. Maddy não conseguia compreender o que todos viam naquela forma tão desagradável de entretenimento. Uma massa quente e amontoada de pessoas demasiado arranjadas que nada tinham para fazer para além de falar entre si aos gritos e beber. As gargalhadas tinham-se tornado desvairadas e já havia convidados a queixar-se. Tinham-lhe perguntado cinco vezes se sua majestade apareceria, ao que Maddy respondera com sinceridade que não sabia. Desconfiava de que lhe queriam perguntar muitas outras coisas, mas tinha sempre o coronel Fane ou Durham a seu lado – por vezes ambos – para a protegerem dos questionários mais mordazes com a sua singular mistura de disparates e engenho.

Aprendera com os comentários de Durham e procurava manter conversas muito breves. Não parecia funcionar tão bem consigo como Durham afirmara resultar com Jervaulx – as pessoas olhavam-na de um modo estranho –, mas Maddy dizia a si mesma que isso lhe era indiferente. Não queria que gostassem dela nem que se tornassem suas amigas, o que era bom, porque ninguém parecia tentar fazê-lo.

Uma mulher embriagada de vestido púrpura surgiu atrás de si, a tropeçar. As mãos enluvadas da dama agarraram-se dolorosamente ao braço magoado de Maddy, a boca pintada a abrir-se e a sorrir com excessiva intimidade.

– Peço desculpa! – exclamou a dama. – Sou tão desajeitada! – Agarrou na mão de Maddy. – É uma festa encantadora, querida. Quando começa o baile?

– Não sei – respondeu Maddy, mas a interlocutora já se afastara, deixando-lhe um papel na mão. Maddy abriu-o.

«Andar de cima» era tudo o que dizia, numa caligrafia muito irregular.

Maddy não percebia por que não fora o próprio Jervaulx a procurá-la em vez de enviar uma dama ébria mas, de qualquer modo, disse ao coronel Fane que a tinham chamado. Fane assentiu, afável, também ele já a revelar a influência do champanhe, e escoltou-a através da multidão até à escadaria das traseiras.

Eram uma hora menos um quarto quando chegaram os abutres. Calvin comunicou a Christian que Mr. Manning e Lord Stoneham tinham entrado sem serem anunciados. Vinham vangloriar-se, pensou Christian. Apercebera-se de que, nos últimos minutos, parte dos convidados tinha subtilmente começado a abandonar a festa. Dificilmente poderia censurá-los: já tinham conseguido ver o que queriam – a si e a Maddy –, e o baile ainda não começara. A ceia da meia-noite continuava à espera e os convivas começavam a olhar para ele e a sussurrar entre si.

Durham apareceu entre a multidão. Sorriu, a segurar uma taça de champanhe por cima do toucado de penas de uma condessa que não parava de falar a Christian de uma filha de quem ele não se lembrava. Durham não proferiu palavra. Com a maior subtileza possível, limitou-se a abanar a cabeça.

Christian rendeu-se. Fez uma vénia à condessa e foi procurar a mulher.

Maddy subiu as escadas das traseiras. No piso de cima, a música procedente da galeria ouvia-se ainda melhor, enquanto o som dos convidados se desvanecia até se converter num murmúrio monocórdico. Deteve-se no corredor e, de seguida, dirigiu-se à porta entreaberta do quarto de hóspedes em que se vestira.

– Jervaulx? – perguntou ao empurrar a porta. Quando viu um dos cunhados do duque, procurou Jervaulx rapidamente mas não o encontrou.

– Entre, minha senhora. Queremos falar consigo.

Maddy abriu completamente a porta.

– Onde é que ele está?

O homem de rosto rubicundo aproximou-se e pegou-lhe no pulso para a fazer entrar.

– Quem, o Jervaulx? Ora, presumo que lá em baixo, com os convidados. Creio que nunca fomos apresentados – disse, ao fechar a porta. – Chamo-me Manning e este é Lord Stoneham.

Maddy olhou para o outro homem, que não parava de mexer nas enormes patilhas. Este fez-lhe uma reverência rápida.

– Permita-me que vá direto ao assunto – disse Manning. – Estamos aqui para fazer um acordo consigo. – Maddy permaneceu em silêncio. – Então, *Miss Timms* – acrescentou ele, com uma ênfase forte e sarcástica no nome. – Por esta altura já se deve ter apercebido de que esta tentativa louca de envolver o rei não vai dar resultado. – Maddy continuou calada. – Ele não virá, minha senhora. Compraram essa futilidade vulgar que traz na cabeça para nada, se é que julgavam estar a comprar também a proteção de Sua Majestade. Todos sabem que se trata de um homem imprevisível, minha querida. Uma cartada hábil, que podia tê-la salvado... mas receio bem que isso não vá acontecer.

Maddy deixou-se cair lentamente numa cadeira enquanto contemplava o homem, fascinada.

– Ter-me salvado?

– Se achava que ficaria a salvo impedindo que houvesse uma audiência, então sim... se o rei se tivesse dado ao trabalho de se apresentar aqui esta noite, isso seria a sua salvação, não é verdade? Mas ele não o fez.

Maddy uniu as mãos sobre o colo e ficou a olhá-las, a sentir o peso da tiara na cabeça.

– Talvez... ainda pode ser que venha.

– Pouco provável. Mantêm a orquestra em silêncio para nada. Mas agora não vale a pena perdermos tempo com isso. Falemos de negócios. A senhora tem a tiara posta e sabe quanto vale.

Pode ficar com ela.

Maddy permaneceu de cabeça baixa.

– Não percebo.

– Miss Timms, vou ser muito claro. Investigámos este alegado casamento e descobrimos o seu estratagema. Melhor dizendo, a sua farsa, pois apenas um homem com as faculdades mentais alteradas poderia assustar-se com um punhado de camponeses contratados para bater a uma porta como se fossem arrombá-la.

Maddy levantou abruptamente a cabeça. Manning sorriu.

– Sim, descobrimo-lo, como pode ver.

– Contratados para bater a uma porta? – repetiu Maddy sem sair do seu assombro.

– Poupe-nos aos seus talentos dramáticos, Miss Timms. Podemos levar os homens a testemunhar perante o tribunal. Presumo que esse maldito Kit Durham tenha planeado tudo consigo, mas agora o que interessa é que perceba que não existe matrimónio. A lei requer que a cerimónia seja celebrada com a aprovação da Igreja Anglicana e que não exista qualquer tipo de coação. Para além da manifesta incapacidade de Jervaulx e da perseguição falsa, temos uma testemunha que pode explicar as irregularidades da própria cerimónia. Tudo isto tem um aspeto muito feio, Miss Timms, mesmo muito feio. Existem penas muito severas para o tipo de brincadeira que tentou fazer.

– Não contratei ninguém – disse Maddy. – Eu...

– Não pense que vai conseguir transformar Mr. Durham no seu bode expiatório. Pode ter sido ele a fazer o trabalho sujo mas encarregar-me-ei, com todas as minhas forças, Miss Timms, de que a senhora receba o castigo que merece, se a isso me obrigar.

– Manning – disse o segundo homem num tom de voz conciliador –, deixa-me ser eu a falar com ela. Tente compreender, Miss... bom, minha senhora. Estamos muito agastados. Detestamos a ideia de arrastar todo este caso pela lama, mas a senhora devia mesmo parar por um momento para pensar. Por isso estamos aqui, percebe? Não queremos ir até ao fim, mas a senhora coloca-nos numa posição muito desagradável, com tantos gastos, bailes e outras coisas. Suplico-lhe que pense no assunto.

– Em que devo pensar?

– Em limitar as suas perdas, minha senhora – disse Manning abruptamente.

– Que também são nossas – acrescentou Stoneham. – Não nos obrigue a chegar a uma audiência pública. Pense no nome da família, minha senhora! Tenha piedade. Devolva-nos apenas o duque, para não termos de ir a tribunal.

– Onde a senhora perderá tudo, Miss Timms, tudo, assim que o declararem incapaz. E não tenho pejo em dizer que é precisamente a senhora a principal prova da incapacidade mental dele.

O casamento com alguém como a senhora e as ações perturbadas que ele praticou sob a sua influência. Despedir Torbyn, brandir aquela arma, comprar essa tiara, contrair este monte de dívidas, dar este mesmíssimo baile, numa altura como esta! Admito que, à vista desarmada, o duque possa enganar qualquer um, mas tudo isto que lhe digo virá a lume perante o tribunal e então a senhora ver-se-á... sem nada. Exceto, talvez, um lugar num transporte de prisioneiros.

– Mas não queremos chegar a esse ponto – acrescentou Stoneham rapidamente. – Estamos dispostos a ser generosos. Muito generosos. Faremos o que for preciso para evitar a audiência pública.

Maddy abanou a cabeça ao mesmo tempo que tentava compreender o que ouvia.

– Mas... que estão a dizer? Não querem que haja audiência?

– Claro que não queremos! E pagar-lhe-emos. Com a tiara, como disse Manning. Fique com ela.

– Mas porquê? – perguntou Maddy, estupefacta.

– Miss Timms, suplico-lhe que não nos faça perder tempo fazendo-se passar por inocente – disse Manning. – Se estiver de acordo e não se opuser à anulação do matrimónio, estamos dispostos a consentir que fique com a tiara.

Maddy ficou imóvel na cadeira e olhou-o fixamente.

– Pode ser anulado?

– Claro que sim. E anular-se-á, quer queira quer não. A única decisão que tem de tomar é se será razoável e ficará com o que lhe oferecemos, ou se nos obrigará a tirar-lhe tudo à força.

– Não me tinha ocorrido... – disse Maddy num tom de voz mais baixo e de olhar perdido. – Mas pode ser anulado? – Interrompeu-se e humedeceu os lábios. – Depois de?...

– Ah! A senhora cora! – exclamou Manning num tom muito desagradável. – Isso apenas demonstra a sua falta de astúcia. Acaso achou que a consumação do matrimónio a protegeria? Foi um casamento ilegal e fraudulento. O duque não estava na plena posse das suas faculdades. Pode ser anulado.

– Mas a senhora pode evitar que cheguemos a esses extremos se colaborar connosco – disse Stoneham. – Se aceitar que seja anulado e alegar que não chegou a consumar-se, tudo será muito mais simples. Não teremos de solicitar uma audiência pública.

– E se está de esperanças, o que na verdade espero, para seu próprio bem, que não esteja – acrescentou Manning –, podemos combinar entre nós um valor para a criança. É muito mais do que conseguiria de outro modo.

Maddy levantou-se de repente e afastou-se deles, das suas falsidades, condições e manipulações. Parou em frente do espelho e contemplou a figura prateada e desconhecida que se refletia nele.

– Assim não haveria uma audiência pública, então – disse, e a desconhecida do espelho pareceu-lhe muito mais segura de si mesma e sofisticada do que a ingénua Maddy Timms.

– Busca uma certa garantia que a proteja da lei, minha senhora?

Maddy voltou a olhar para a figura prateada e virou-se.

– Para aceitar a anulação, tenho de ter a certeza de que nunca haverá uma audiência. Nunca.

– Tem a nossa palavra – apressou-se Stoneham a dizer.

Maddy olhou para eles, primeiro para Stoneham e de seguida para o tenaz e beligerante Manning. Não eram Amigos. Não podia confiar neles.

– Ainda não decidi. Vou ter de pensar – disse ela.

Virou-se para sair do quarto, o vestido de baile a roçagar com o movimento.

Manning agarrou-a por um braço.

– Não dispõe de muito tempo, minha senhora – disse. – Resta-me muito pouca paciência para esta questão.

Ela soltou-se e dirigiu-se para a porta.

– E não tente voltar a fugir com ele – acrescentou Manning. – Estou a avisá-la, porque desta vez sair-se-á muito mal.

Christian não conseguia encontrar Maddy. Para contornar um casal que conversava animadamente, enfiou-se no espaço vazio de uma janela de canto e, de repente, estacou. Lá em baixo, na rua, encontrava-se um homem parado à luz de um candeeiro.

A sua mão agarrou convulsivamente as cortinas. De seguida, Christian recuou de novo e chocou com um convidado que se encontrava atrás de si. O homem começou a desculpar-se, mas ele limitou-se a resmonear qualquer coisa e a abrir caminho entre a multidão.

A Besta estava lá em baixo.

Christian mal conseguia respirar. Continuou a avançar entre a massa de convidados, sem se importar com o tumulto que causava. No alto da escadaria, agarrou um lacaio pelo braço.

– Fora! O homem... barbeado.

O criado olhou-o, perplexo.

– Excelência?

– Livrar dele! – exclamou Christian enquanto o empurrava pela escadaria abaixo. Com um olhar de incerteza, o criado fez uma vénia e começou a descer as escadas. Christian observou-o a descer e voltou para junto da janela para ver o que acontecia no exterior.

O criado de libré falava com o cocheiro de um dos convidados, e o homem encolhia os ombros. Não havia ali mais ninguém.

Uma mão pousou no ombro de Christian. Este deu um salto e virou-se para se lançar furioso sobre o seu assaltante, mas viu que se tratava apenas de um deputado e conseguiu controlar-se, mesmo a tempo. O político sorriu e agitou a taça de champanhe antes de se lançar num extenso discurso sobre a emancipação dos católicos. Christian ficou a olhá-lo, incapaz de pronunciar uma única palavra. Olhou por cima do ombro do interlocutor e viu atrás dele o homem das sangrias, com a habitual casaca dos *quakers*. Este deteve-se por um momento na porta mais afastada de Christian e, de seguida, entrou e perdeu-se entre a multidão.

O político interrompeu-se e olhou para Christian com um olhar interrogador.

– Isto... Está com um aspeto muito esquisito, meu amigo. Será melhor abrirmos esta janela?

CAPÍTULO 34

Na penumbra fria dos estábulos do duque, uma fileira de oito silhuetas perfeitamente alinhadas mostrava as patas traseiras da nova parelha de cavalos. Os animais moveram-se e relincharam ao sentirem a presença de um intruso. Maddy parou para habituar os olhos, depois do bulício da festa e das sombras do pátio traseiro, àquela escuridão profunda.

O tecido do vestido captava e emitia a pouca luz existente. Levantou a saia e dirigiu-se para a carruagem que se encontrava no fim do beco mas, ao chegar junto dela, virou-se e voltou para trás ao mesmo tempo que tentava aclarar ideias, a tentar encontrar a Luz e certas respostas.

Outro sinal do quanto se afastara do caminho da Verdade. Aquela dificuldade em alcançar um estado de serenidade interior e ouvir a própria consciência. Perdera o rumo. Havia muito que perdera o rumo. Havia muito que não ia a uma assembleia nem rezava, e sabia que nem sequer o tentara. Todas aquelas noites de preocupações tinham sido apenas isso: preocupações, tristeza e o desejo de que as coisas fossem de outro modo. Tinham sido apenas uma firme e obstinada resistência à Verdade.

Não pertencia àquele lugar e, no entanto, ficara. Porquê? Richard suplicara-lhe que partisse. Os próprios anciãos tinham-lhe dado a entender que podia regressar com eles quando quisesse e, apesar disso, continuava ali.

Porque Jervaulx precisava de si.

Porque tinham transformado o seu casamento em algo irrevogável.

Mas Jervaulx não precisava de si e o casamento não era irrevogável.

Pouco a pouco, as janelas arqueadas que davam para o beco começaram a delinear-se. As garupas de cor bege vislumbravam-se tenuemente e, mais ao fundo, havia duas baias negras e vazias. Quando aguçou a vista, Maddy conseguiu ver o brilho fraco da carruagem que utilizavam para as deslocações à cidade, bem como outro veículo um pouco mais afastado. Sentiu algo a roçar-se na sua saia e saltou, assustada, mas tratava-se apenas de um gato, a ronronar ruidosamente.

Um matrimónio que não era um matrimónio. Um casamento que fora uma farsa, um embuste. Maddy sentiu a raiva a crescer-lhe rapidamente no interior e tirou a aliança de opala do dedo. Nunca saíra de Londres, admitira Fane, mas Maddy recordava-se perfeitamente de Jervaulx dizer que a tinha dado ao coronel mesmo antes da cerimónia. Mentiras e falsidades. Camponeses contratados para baterem à porta! Para que ela acreditasse que Christian estava em perigo, para a usarem, para lhe arruinarem a vida porque Jervaulx só conseguia pensar em si mesmo.

Então sim, precisara dela, e muito.

Deteve-se em frente de uma janela e olhou para as cavalariças. Os outros estábulos estavam às escuras. A única luz que caía em ténues quadrados sobre o empedrado do beco procedia dos alojamentos dos moços de estrebaria nos pisos superiores.

O casamento podia ser anulado. Assim, ela poderia voltar para casa. Até faria um favor a

Christian, ao remover da sua sanidade mental aquela terrível mácula de se ter casado com uma *quaker*. Tinham prometido que não haveria nenhuma audiência pública se o deixasse. Sentira todo o ódio contido de Manning. Talvez pudesse levar esse ódio consigo caso se fosse embora, como uma raposa a afastar os cães para longe das crias.

Voltou a avançar pelo corredor e passou junto das imperturbáveis garupas dos cavalos. Não podia confiar naqueles homens. Não podia confiar na palavra deles. Isso, o mundo de Jervaulx – e o próprio Jervaulx – tinha-lhe ensinado bem.

Recordou-se da noite em que o deixara ali, e de como a sua inquietação aumentara a cada quilómetro que se distanciava, até que virara as costas ao pai e regressara para encontrar Jervaulx encurralado por eles. Sem dúvida que essa inquietação fora causada pela voz de Deus, que lhe falara ao coração e lhe dissera o que fazer.

Se ela, a sua mulher legítima, não estivesse ali, o que os impediria de voltarem a tentá-lo? Mas, se não era a sua mulher legítima, como poderia isso detê-los?

Como poderia abandoná-lo, sabendo o que lhe fariam, servindo-se da força, da lei ou da astúcia?

Como poderia permanecer ali?

Apertou a aliança entre as mãos frias e levou-as à boca. Como chegara àquele ponto? Como podia amá-lo para além de toda a lógica?

Elias Little tinha a resposta. Porque se afastara da Verdade e caíra no egoísmo e na tentação carnal. Não pedira auxílio aos Amigos, nem ouvira os conselhos de Richard quando o conhecera. Pusera-se sempre do lado daquele homem perverso e mundano.

Mas ele precisava de si.

Não, não precisava.

No exterior, brilhou a luz de outra lanterna, e o ruído de um portão a abrir-se devolveu o estábulo da frente à vida. Vozes espalharam-se pela viela, e a grande porta do estábulo vazio abriu-se.

Uma figura que até àquele momento permanecera invisível surgiu à luz e voltou a desaparecer entre as sombras. Era uma mulher com a cabeça tapada por um xaile. Maddy ficou a olhar pela janela.

– Que quer? – perguntou um dos moços de estrebaria à sombra, mas apenas recebeu uma negativa fraca em resposta. – Então, saia daí – acrescentou. – A nossa carruagem vai entrar.

Havia sempre pessoas famintas e mendigos na praça. Era uma das ironias dolorosas daquele lugar, e algo que Maddy nunca enfrentara diretamente. Sentiu nesse momento a enormidade da sua falha, uma cegueira conveniente ao que tanto contrastava com o baile, as mesas cheias de comida e as gargalhadas provocadas pelo álcool.

Ouviu cascos de cavalos a ecoar na ruela. O bater da carruagem sobre o empedrado provocou uma certa azáfama no lugar. As lanternas do veículo refletiam-se contra os vidros das janelas do piso superior, ao mesmo tempo que o cocheiro fazia recuar a parelha de cavalos com uma habilidade nascida da experiência. Quando a carruagem parou em frente do portão, um lacaio desceu da parte traseira. Tirou uma das lanternas do suporte para que os moços de estrebaria tivessem mais luz, e estes, com toda a eficácia, começaram a desarrear os animais.

O bafo da respiração gelada dos moços de estrebaria misturou-se com o vapor dos cavalos. Um a um, conduziram os animais para o interior. De seguida, os rapazes voltaram, agarraram o eixo e, com um assobio baixo e um forte puxão, empurraram a carruagem para o interior do estábulo.

O lacaio fez uma verificação rápida do empedrado com o candeeiro e iluminou por instantes a figura silenciosa da mendiga. Não pareceu aperceber-se da presença dela. A respiração dele brilhou

por instantes enquanto regressava ao interior do recinto e pegava na aldraba da porta. A grande barreira fechou-se com estrondo.

A ruela regressou ao silêncio e à penumbra, com exceção dos murmúrios da festa, que ressoavam sobre o empedrado.

Maddy permaneceu imóvel junto à janela. Todo o fervor que sentira ao caminhar até ali desaparecera; estremeceu, apesar do abrigo que o estábulo lhe oferecia. Embora não visse a mendiga, sentia com uma enorme intensidade aquela presença invisível nas sombras.

Respirou fundo e esfregou os braços frios. De seguida, abriu a porta do estábulo e saiu para o beco.

A mulher levantou-se e dirigiu-se de imediato para ela, como se estivesse à espera.

– Que devo fazer? – perguntou.

Maddy deteve-se, surpreendida pelo modo direto com que a mulher se lhe dirigira.

– Tens fome? – perguntou-lhe.

A figura encapuzada aproximou-se dela e também se deteve com a mesma expressão de surpresa. Era muito mais jovem do que Maddy julgara, de faces rechonchudas e olhos raiados de vermelho.

– Desculpe, minha senhora – disse a jovem e fez uma reverência rápida. – Não queria... Pensei que a senhora... Disseram-me para esperar aqui. Desculpe. – E voltou a esconder-se entre as sombras enquanto apertava com força um embrulho que levava.

– Tens fome? – voltou Maddy a perguntar-lhe. – Queres passar pela cozinha?

– Não, não, minha senhora. Disseram-me que não entrasse.

Maddy avançou alguns passos, intrigada.

– Não tenhas medo. Sou... sou a senhora desta casa. Se digo que podes entrar, é porque podes.

De repente, a rapariga deixou de recuar.

– Então, a senhora é a governanta? – exclamou, aliviada. Voltou a fazer uma vénia e aproximou-se de Maddy. Estendeu-lhe uma carta e continuou a apertar o embrulho contra o corpo. – Se tiver a bondade, minha senhora, disseram-me que viesse até aqui e dissesse a Sua Senhoria que chegou o embrulho da senhora Sutherland.

Maddy pegou na carta. Não estava selada. A rapariga abriu o papel para que ela visse o que continha. «Envia-me o fardo», dizia, escrito na letra facilmente reconhecível de Jervaulx.

– Oh – disse Maddy. – Bom, então, tens de o trazer. Não há motivo para esperares aqui fora...

De repente, ouviu-se um ligeiro choro vindo do embrulho que a rapariga segurava entre os braços. Ela levou-o ao ombro e embalou-o suavemente, ao mesmo tempo que olhava para Maddy e sorria, como que a desculpar-se.

Maddy permaneceu imóvel durante alguns instantes. Sentia-
-se à beira de um enorme precipício e não conseguia respirar nem pensar.

Fez um esforço e sussurrou:

– De Mrs. Sutherland?

A rapariga fez uma cortesia.

– Sim, minha senhora.

Maddy começou a tremer. O frio apoderara-se dela. Cobriu-se com os braços.

– Um fardo? É esse? – perguntou, numa voz muito trémula. – O fardo... é esse?

– Sim, minha senhora – respondeu a jovem e voltou a sorrir com uma certa expressão de tristeza. – Esses aristocratas não são horríveis por lhe darem esse nome? É uma menina encantadora. Eu sou a

ama de leite... perdi o meu menino há dois meses.

Aquela confissão simples quebrou o atordoamento em que Maddy se encontrava. Começou a cair pelo precipício, uma descida real, a pique, que fazia com que compreendesse o que acontecera.

Eydie. Mrs. Sutherland.

Tinham sido amantes.

E tinham tido um filho.

– Sente-se bem, minha senhora? – perguntou a rapariga.

Maddy pestanejou. Não conseguia conter os tremores. Os olhos tinham-se-lhe enchido de lágrimas e via a jovem desfocada, entre luzes e sombras.

– Estou bem – disse, numa voz apagada. Pigarreou. – Estou bem.

Tinham um bebé. Ele tinha-o feito com ela... com *Eydie*...

Todos os beijos dele. Ele sabia tanto; sabia tudo – e Maddy, perdidamente apaixonada, cativada, enfeitiçada, que o julgara perverso por guardar uma madeixa de cabelo e uma miniatura.

Estivera cega. Cega, deslumbrada e completamente perdida. Ouviu o choro fraco da criança e, em vez de sentir uma repugnância moralista, sentiu apenas uma vaga de amor, dor e pena que a afogou, porque a menina era dele, porque lhe pertencia, e Maddy amava até a desonra e a ignomínia se elas fossem dele.

– A senhora deve ter mais frio do que nós pela maneira como está a tremer. Entramos, então?

– Eu...

A campainha dos estábulos começou a soar desabridamente, como se fosse um alarme de incêndios. Tanto Maddy como a rapariga deram um pulo para trás quando começaram a acender-se lanternas e surgiram moços de estrebaria a correr por todos os lados. O bebé começou a chorar. Atrás da jovem, viu-se um intenso clarão de luz vindo do fim da rua. Uma parelha de cavalos passou a trote sob o arco, ginetes vestidos de vermelho e ouro, de tochas erguidas e a preceder uma carruagem que dobrou a esquina com uma enorme elegância.

O cocheiro estava sentado sobre um sumptuoso assento azul e púrpura e levava peruca e jarreteiras, como correspondia à realeza. O rei tinha chegado.

Na entrada principal, Christian encontrava-se numa enorme agitação silenciosa, eufórico e alterado, enquanto ajudava sua majestade a efetuar o penoso trajeto desde o passeio até às escadas. Christian encontrava-se de um lado – e Wellington do outro.

Wellington, pelo amor de Deus. Christian via-se imerso num jogo político. Podia utilizar o rei e também o rei o podia utilizar a ele. Não gastara muita da sua preciosa concentração a ler jornais, mas lera o suficiente para saber que existiam fortes pressões e que era provável que o atual governo desaparecesse em breve. E a única explicação possível para aquela exibição pública da sanação das divergências existentes entre o rei Jorge e o *Duque de Ferro* era que, desse modo, preparavam o caminho para que Wellington assumisse a liderança.

Tinham escolhido o baile para encenar aquela reconciliação, o que era um golpe de grande sorte, mas Christian não tinha tempo para se regozijar. Não fazia a menor ideia do paradeiro de Maddy, quando esta devia ter estado a seu lado para receber o rei ao descer da carruagem – devia estar ali naquele momento, à porta – devia *estar* ali... *raios, onde se teria metido?*

O rei Jorge pousou uma das pernas inchadas sobre o segundo degrau, enquanto se agarrava com

força ao braço esquerdo de Christian. Wellington, do outro lado de sua majestade, apoiava a figura por demais impressionante. Um forte cheiro a óleo para o cabelo emanava dos caracóis lustrosos da peruca castanha de Jorge IV, misturando-se com o perfume forte do seu lenço de bolso. Christian afastou o rosto para respirar dissimuladamente uma lufada de ar fresco e, de seguida, voltou a olhar para a frente. Nesse momento, apoderou-se de si uma enorme sensação de alívio.

Ali estava ela, no umbral, com Calvin e dois criados altos atrás dela. A tiara reluzia. As faces eram dois pontos vermelhos no meio de um rosto palidíssimo, os lábios estavam exangues. Desejou com todas as forças que Maddy não desmaiasse naquele momento.

Sorriu para lhe dar ânimo e voltou a ocupar-se do rei sem esperar pela reação dela. Os ajudantes reais avançavam à volta deles, e Christian perdeu Maddy de vista quando chegaram à porta e o rei entrou. Este deu umas palmadinhas no braço de Christian.

– Obrigado, obrigado, meu amigo. Acho que já consigo ir sozinho. Onde está a minha bengala?

O rei apoiou-se na bengala. O vestíbulo estava cheio de convidados – aqueles que sabiam gozar do favor real tinham-se apressado a descer do piso superior. Jorge ia estendendo a mão a todas as pessoas com uma expressão de satisfação enquanto, discretamente, Calvin e os criados o conduziam para a sala que tinham preparado para ele.

Christian ouvia a reação das pessoas ao verem Wellington. Subia pelas escadas como uma onda crescente, um ligeiro murmúrio que se convertia num rugido. Para o inferno com todos. Para o inferno com a Besta, com o homem das sangrias, com Manning e com toda a sua família.

Wellington permaneceu atrás do rei enquanto este se mantinha ocupado. Christian, que não era muito apreciado por aquele herói de guerra *tory,* sentiu-se atravessado pelos célebres olhos azuis que tinham avaliado com um único olhar campos de batalha inteiros. O *Duque de Ferro* fez uma vénia.

– Sua Majestade ordenou-me que o acompanhasse esta noite. Espero que não seja um incómodo para si.

Christian estendeu-lhe a mão.

– É... uma honra – disse, com sinceridade. Viu que o *Duque de Ferro* se apercebera rapidamente do seu modo de falar. – Estou diferente – acrescentou de imediato, depois de considerar que Wellington, com todos os seus contactos nas mais altas instâncias governamentais, estaria ao corrente do que acontecera no gabinete do lorde-chanceler. Esboçou um ligeiro sorriso. – O duque... melhor que ninguém... sabe que as grandes provações... nos mudam.

Wellington olhou-o com uma expressão intensa e intrigada enquanto apertavam a mão. Christian suportou o escrutínio. Se fora capaz de sobreviver ao seu inferno particular, não tinha motivos para desviar os olhos devido às suas ideias políticas.

Wellington franziu as sobrancelhas.

– Alguma possibilidade de alteração das suas opiniões liberais?

Christian encolheu os ombros.

– Provação distinta.

O comandante resfolegou.

– Bem, pelo menos é consistente. Concedo-lhe isso – disse com um sorriso fraco. – Um *visage de fer*. É a única escolha possível na vida, hã?

Christian abriu as mãos, a indicar o baile que o cercava – o seu próprio rosto de ferro. Wellington, que não era tolo algum, inclinou a cabeça em sinal de reconhecimento. Pousou uma mão sobre o

ombro de Christian e apertou-o com força antes de se virar para o rei.

Jorge chegara por fim ao sofá da sala, no qual se sentou, entre o sussurrar dos colchetes do corpete. Chamou Christian ao mesmo tempo que sorria como se fosse um querubim obeso de faces rosadas.

– Não vai apresentar-nos a sua duquesa?

Christian virou-se. Maddy permanecera junto da porta, meio escondida entre os convidados e os cortesãos, enquanto Lady Conyngham e Knighton se sentavam.

Christian estendeu o braço. Maddy não o olhou, mas avançou e deteve-se em frente do rei. O murmúrio das conversas apagou-se.

– Archimedea – disse Christian. – Duquesa de Jervaulx.

Maddy estendeu a mão sem inclinar a cabeça, nem fazer qualquer reverência.

– Dou-te as boas-vindas – disse, num tom solene.

O rei Jorge desatou a rir.

– Valha-me Deus! Uma verdadeira *quaker*! Disseram-mo, mas eu não quis acreditar. – Pegou-lhe na mão, que beijou e apertou entre as suas. – Sinto um enorme apreço pela sua gente, um enorme apreço. São bons, amáveis e honrados. Escolas, bíblias, bancos. A senhora honra-os, minha querida.

Em voz baixa e firme, Maddy respondeu:

– Devo dizer que já não me consideram Amiga.

O rei deu-lhe umas palmaditas na mão.

– Por causa do seu casamento, não é verdade? Ah... por vezes, os princípios religiosos são um fardo para todos nós, não é verdade? Mas encontrará consolo no seu belíssimo marido. – Olhou então para Christian. – Não deve nunca olvidar a minha amizade, meu caro. Estarei ao seu serviço sempre que precisar.

Christian fez uma reverência. Só com enorme esforço não desatou a rir à gargalhada, tamanha a sua euforia. O rei... e Wellington.

Para o inferno com todos – que tentassem pôr-lhe um dedo em cima agora!

*

Christian abriu o baile, bastando para isso levar Maddy até ao centro da sala, fazer uma vénia perante os convidados e a esposa e indicar ao maestro que começasse a tocar. Que se danassem as desculpas e as explicações. O mundo inteiro podia pensar o que quisesse de uma duquesa que não dançava.

Houve um momento, depois de saírem da sala, enquanto se formavam pares e todas as pessoas tinham a atenção concentrada no baile, em que Christian se deu conta de que estavam sozinhos, sem que ninguém os observasse.

Estava tão satisfeito com o seu triunfo que, pegando na mão gelada de Maddy, a puxou para si e a beijou, enquanto a música os envolvia.

Inalou uma brisa noturna procedente dela, uma ilha de limpeza fresca no meio daquela atmosfera carregada de perfume. Maddy não o olhara no rosto nem uma única vez, mas não lhe importava. Naquele momento, sentia-se invulnerável. Nada poderia correr mal.

Por um instante sombrio, pareceu-lhe estar enganado. Maddy mantinha-se rígida e afastou-o com um forte empurrão. Christian soltou-a. Ela recuou alguns passos e olhou-o, a sua Maddy, a sua Atena refulgente e sábia, prateada e bela até quando exibia uma expressão tão séria. Fitava-o sob aquelas

pestanas que lhe convertiam os olhos verdes em olhos dourados, simultaneamente casta e sensual, o que lhe acelerava o sangue.

– Amo-te – disse ele entre dentes, a música a sufocar-lhe as palavras. Sabia que ela não o ouviria. Não queria que o ouvisse. Não queria que, naquela noite, na sua noite, ela tivesse a oportunidade de lhe responder, quando tudo – até o seu ser maculado – clamava vitória.

– Ficarás a salvo agora? – perguntou ela ainda afastada dele.

Christian não tentou aproximar-se.

– A Besta... aqui – disse-lhe.

Maddy fechou as mãos. Deu um passo impulsivo na direção dele e deteve-se.

– A Besta – repetiu. – O médico... do manicómio. O Calvin encontrou-os... malditos sacanas... entre os convidados.

O corpo de Maddy estava tenso e as mãos eram punhos brancos contra o vestido prateado. Christian sorriu com malícia.

– Agora estão presos. Intrusos. Ladrões.

– Presos? – perguntou Maddy ao mesmo tempo que escancarava os olhos, estupefacta. – Mandaste prender o primo Edward como se fosse um ladrão?

– Acorrentados... na torre de vigia. – Os lábios de Christian retorceram-se, deliciados perante a ideia. – A ver se gostam. – Christian viu que Maddy não estava lá muito satisfeita; mirava-o com uma expressão que ele não conseguia interpretar. Encolheu os ombros e acrescentou: – Talvez amanhã... ou dentro de uma semana... retirar a queixa. Sou uma pessoa melhor. Por ti. Deixo-os ir.

De repente, a expressão de Maddy alterou-se. Todos os vestígios de severidade desapareceram do seu rosto. Lançou-se sobre Christian e abraçou-o. Levantou os braços e puxou-o para si, ao mesmo tempo que erguia a boca para ele.

Christian soltou um gemido de entusiasmo e prazer como resposta. Maddy lançara os braços à volta dele com uma intensidade que o surpreendera, e então abrira os lábios e beijara-o frenética, como se nunca o tivesse feito antes e nunca mais o pudesse voltar a fazer, como se não existisse ninguém por perto que os pudesse ver. Christian esqueceu-se do baile e da música e perdeu-se nela. Sentia o corpo de Maddy a apertar-se contra o seu cheio de desejo, cheio de uma promessa que a Christian era difícil adiar.

– Maddy, Qu'ridaMaddy... – Por fim, com um grande esforço, separou-se dela. Christian sabia que tinha um sorriso tolo no rosto, mas não o conseguia evitar; estava tão feliz... mais do que alguma vez o fora em toda a sua vida. Maddy olhava-o intensamente, a morder o lábio inferior. Parecia quase doente, com aquela palidez que contrastava com as faces rosadas. – Em breve – murmurou, a acariciar-lhe o rosto ardente. – Primeiro... livrar do rei. – Com a ponta do dedo, percorreu o nariz de Maddy e beijou-a na ponta. – Então sozinhos... tu e eu.

Maddy baixou os olhos. Sem proferir palavra, afastou-se dele, virou-se e desceu as escadas.

Sua majestade, maldita fosse, só se retirara por volta das seis. Por essa altura, Christian já via tudo através de uma vertiginosa neblina, fruto de esgotamento. Estava exultante, quase eufórico; não acreditava que pudesse fazer o que quer que fosse de maneira apropriada mas, de algum modo, minuto a minuto, foi conseguindo.

Maddy não deixava de o surpreender. Das centenas de vezes em que olhara para ela, pensara em

como ela era formosa. Na sua simplicidade prateada, com a sua delicadeza sóbria, ela era a sua âncora. Sentia-se orgulhoso dela. Não se inclinara perante o rei, não deixara de ser ela mesma, nem de ser constante consigo por um instante. Até passara meia hora a conversar com Wellington, sem dúvida a debater a marginalização política dos grupos religiosos dissidentes. Fora uma cena digna de um quadro, ambos tão dignos e sérios. Christian sorriu.

Sempre que olhava em volta, via uma enorme quantidade de mulheres que poderia ter tomado como esposas, mas não imaginava nem uma delas a ajudá-lo a sobreviver a tudo aquilo. Que importava que Maddy não soubesse dançar? Isso só a tornava mais especial.

Procurava constantemente Manning e Stoneham, mas não chegou a vê-los; não tinha importância – só gostaria de ter visto a cara deles.

Ao amanhecer, quando a última carruagem partiu sob a luz fria, deixando atrás de si uma casa que cheirava a vinho e a perfume rançoso, Christian queria apenas deitar-se e deixar que uma bendita inconsciência se apoderasse de si.

Viu Calvin a fechar a porta e a baixar-se para apanhar do chão uma pena partida. Maddy já desaparecera havia algum tempo. Não a censurava. Mal via as suas próprias mãos, de tão cansado que estava.

Subiu as escadas e passou em frente do salão que os criados – contratados para a ocasião – já estavam a varrer. Subir outro piso parecia-lhe quase impossível, mas o quarto de vestir no qual dormira durante o último mês estava cheio de cadeiras e flores.

O seu criado de quarto apareceu vindo das escadas das traseiras. Christian abanou a cabeça e o homem retirou-se. Encostou-se ao corrimão e olhou para cima. Mais um lance de escadas e Maddy estaria ali, no quarto de hóspedes. Queria deitar-se junto dela e dormir. Já chegava daquela estranha distância existente entre ambos.

Aquele beijo. A pulsação acelerou-se-lhe. Naquela noite...

Bom, já era de manhã. Christian sorriu, afrouxou o laço e subiu as escadas.

No átrio superior, um feixe de luz matinal procedente da porta aberta do quarto de hóspedes estendia-se sobre o tapete. Christian hesitou durante alguns instantes e tentou desanuviar a cabeça esgotada. De súbito, parecia-lhe um pouco embaraçoso, depois de tanto tempo, aparecer no quarto como se nada se tivesse passado. Podia fingir que se esquecera de mandar preparar dois quartos. Ou podia simplesmente voltar a beijá-la – ideia excitante –, lançá-la sobre a cama e beijá-la. Vontade, pelo menos, não lhe faltava.

Ouviu um suave murmúrio feminino procedente do interior do quarto. Fez um esforço, voltou a mover-se e afastou-se da parede.

– Qu'ridaMaddy? – perguntou, a olhar para a porta com uma expressão acanhada, totalmente incapaz de encontrar alguma desculpa ou explicação, e sem parecer um grande cavalheiro.

O quarto de hóspedes estava decorado com um elegante gosto feminino, numa radiante chita rosa ainda não obscurecida pelo uso. No pequeno tamborete para os pés de uma poltrona estofada, encontrava-se sentada uma rapariga que Christian nunca vira.

Tinha uma criança nos braços – a fonte dos murmúrios – que movia os bracinhos para tentar apanhar o laço da touca da jovem.

Durante alguns instantes, Christian teve a estranha sensação de se ter enganado na casa. Não conhecia aquele quarto, a rapariga era uma desconhecida, e a criança...

Imobilizou-se a olhá-las.

– *Raios!* – exclamou de repente e entrou no quarto. Em cima da cama encontrava-se um tecido de um brilho metálico, o vestido de Maddy, com a tiara e uma carta selada por cima. Christian virou-se e olhou para a jovem. – O que é... que isto *significa*?

A criança calou-se ao ouvir a voz dele. A rapariga, que não se movera, humedeceu os lábios e disse:

– A senhora indicou-me que esperasse aqui por Sua Senhoria.

Depois de dizer isto, levantou-se, ajeitou a criança sobre o ombro, fez uma reverência, e de seguida acrescentou:

– Esta é a menina, Senhoria. Mrs. Sutherland partiu ontem e disse-me que lha trouxesse.

Christian pegou na carta e abriu-a. A mão direita tremia-lhe e rasgou o papel ao meio. Não parecia capaz de juntar as duas metades, nem de decifrar o seu conteúdo. Ouviu-se a si mesmo a emitir sons de angústia. Tentou acalmar-se, encostou-se ao toucador e alisou o papel, mas as palavras não deixavam de lhe saltar perante os olhos de cada vez que as olhava. «Christian». Leu o seu nome. Viu palavras que diziam coisas, coisas que não queria ouvir. «Agora tenho de te deixar. Foi errado. O teu mundo, o casamento, ilegal, anulação. A tua filha.»

Fechou os olhos e inclinou a cabeça sobre a carta. Ficara sem fôlego, como se lhe tivessem batido no peito.

– Sai – disse. – Quarto... ao lado. Vai.

– Sim, Senhoria. – A jovem passou rapidamente por ele. Christian ouviu a porta a abrir-se e a fechar-se.

Maddy, pensou. Maddy, Maddy...

Christian puxou o cordão da campainha. Iria atrás dela. Trá-la-ia de volta. Explicar-se-ia. Saiu do quarto a correr e fechou a porta com uma pancada.

No quarto ao lado, a menina começou a chorar. Aquele som paralisou Christian. De repente, ocorreu-lhe que tudo aquilo era um erro, que Maddy lhe daria ouvidos se ele lhe dissesse que era um erro. A criança era de Eydie e devia ter ficado com ela, mas ocorrera aquele mal-entendido... aquele lamentável mal-entendido.

Abriu a porta do quarto com um empurrão. A jovem olhou-o, assustada, e a criança recomeçou a chorar.

– Desculpe! – Mudou a menina de posição no colo. – Não volto a deixá-la chorar! É muito boazinha, Sua Senhoria!

O olhar de terror que ela lhe lançava fê-lo estacar à soleira da porta. O choro interrompeu-se com a mesma rapidez. A rapariga tinha a menina sentada no colo, de costas para ela, e Christian viu-lhe o rosto.

A criança voltou a choramingar. Os olhinhos cheios de lágrimas detiveram-se a olhar para ele com uma expressão de angústia, e a testa enrugou-se-lhe como se fosse fazer uma pergunta, como se fosse um passageiro de uma carruagem de aluguer que acabasse de se apear, descobrindo que saíra na paragem errada.

E, com uma pontada desconcertante de reconhecimento, uma revelação, Christian viu-se a si mesmo. Não no rosto redondo e ainda sem traços característicos coroados por um monte de cabelos; nem na forma física do bebé, que poderia ter sido a de qualquer outra criança. O que viu foi o pequeno desconcerto preocupado: a noção repentina de que o mundo era um lugar estranho e caprichoso, e a sensação um tanto absurda de impotência depois de se cair em areias movediças.

Ele conhecia muito bem essa sensação.

Abriu a mão. Soltou a porta e avançou alguns passos. Aqueles olhos tão abertos que não pestanejavam seguiram-lhe os movimentos com uma perplexidade ardente. A criança olhou-lhe para a camisa e para a casaca negra, como se todo ele fosse um objeto de grande mas incompreensível importância.

De seguida, olhou-lhe para o rosto. E então, de repente, sorriu, como faria uma apaixonada que o tivesse vislumbrado no meio de uma multidão. «Estás aqui!» Aquela mensagem silenciosa iluminou a criança como uma vela e também o encandeou. «Por fim, estás aqui!»

A menina agitou os braços e começou a arrulhar, animada. Christian recuou um passo, chocado por aquela sensação que o sobrecarregava.

– Vai para o inferno – disse em voz baixa e a menina riu-se.

– Desculpe, Senhoria? – A voz do criado de quarto atrás dele sobressaltou-o.

Com enorme esforço, Christian concentrou-se no criado.

– A duquesa... – De repente, Christian apercebeu-se de que toda a casa ficaria a saber. Sentiu-se avassalado pela fúria. – Quando se foi embora. Informa-te.

– Sua Senhoria, a cozinheira diz que a senhora saiu pela cozinha há duas horas, sem deixar que ninguém a seguisse.

Christian sabia para onde tinha ido. Ter com os seus *quakers,* com aqueles seres sombrios que tinham estado ali no dia anterior.

Ou com Richard Gill.

Um impulso de violência muda explodiu-lhe no interior. Pois que vá! Que vá, que fique com ele. Christian bateu na porta com o antebraço e fez com esta embatesse estrondosamente contra a parede. A criança recomeçou a chorar.

– Chiu, chiu – acalmou-a a jovem, mas a menina começou a chorar ainda mais. Levantou-se e encostou-a ao ombro, mas o pranto não parava. – Vai acalmar-se quando a deitar – explicou a ama de leite. – Se pudesse deitá-la nalgum sítio... Tenho estado toda a noite com ela nos braços.

– Então deita-a! – disse Christian e apontou para a cama. – Ali.

Aproximou-se da campainha ao mesmo tempo que a jovem obedecia às suas indicações. Aquela criança, aquela maldita criança, Richard Gill, Maddy... Maddy... Decerto não quereria aguentar os coices daquela mula, pois não? Aquele imbecil piedoso não saberia nem...

Christian inflamou-se de raiva, pensamentos e imagens que o petrificavam.

Era sua. Era a sua mulher. Não ia deixar que Gill lhe tocasse. Puxou o cordão da campainha.

– O meu casaco – disse ao criado de quarto quando este reapareceu. – Preparem a carruagem.

Sob uma das longas e abobadadas salas de exposição do viveiro de Butterfield em Lambeth, rodeado por fileiras de plantas envasadas, Christian esperava com um pé pousado sobre a extremidade de um banco. Inclinava-se sobre um joelho, a bater ligeiramente na perna com o chicote de montar quando o *quaker* surgiu ao fundo da estufa.

Gill deteve-se. Christian não lhe dirigiu palavra e limitou-se a olhá-lo de esguelha.

O último eco dos passos do jardineiro apagou-se no final da caverna abobadada. Gill devolveu o olhar a Christian com uma expressão contida e ligeiramente inquiridora, carente de qualquer triunfo ou desafio. Foi então que Christian soube que ela não estava ali.

Baixou os olhos e soltou um pouco o chicote. Com a ponta do mesmo, tocou os botões dos cravos cor-de-rosa e brancos e contemplou as pétalas em silêncio. Sentiu de imediato uma enorme necessidade de as varrer com o chicote, de arrancar os botões de todas as flores que se encontravam ao seu alcance.

Mas não o fez. Em vez disso, baixou a cabeça e esfregou os olhos com a mão.

– Deixou-te – disse Gill.

Ao olhar por entre os dedos da mão, Christian viu apenas a seda negra da própria roupa contra o fundo alegre das pétalas verdes. Moveu o chicote para sacudir a folhagem. Pensou que o cheiro a terra húmida e a cravos o faria sentir vergonha e dor para o resto da vida.

– Não veio ter comigo – disse o *quaker*. – Sabes a que Assembleia costumava ir?

Christian abanou a cabeça.

– Posso sabê-lo – prosseguiu Gill. – Se quiseres, enviar-te-ei notícias para que saibas que está em segurança.

Christian sentiu-se no exterior de um enorme muro, os portões a fecharem-se, empurrados por sombrias figuras vestidas de negro.

Qu'ridaMaddy, pensou, impotente. Maddy.

Ela partira de sua própria vontade e abandonara-o. Ele nunca poderia aprender os costumes dela, nem chegar a ser o homem que ela amara; a prova disso estava na criança que chorava a plenos pulmões no quarto de hóspedes. Maddy repudiava a vida que ele levava. Era aquele jardineiro sério e temente a Deus, aquele simples perseguidor da virtude, que ela queria.

Olhou para Gill e pensou: *Mas nunca a farás rir, pois não? Serás amável, constante e sensato, muito mais sensato que eu, e ela respeitar-te-á. Maldito sejas. Maldito sejas. Melhor pessoa.*

Christian afastou a capa para trás e endireitou-se. Começou a andar, mas deteve-se ao empurrar a porta, e mudou o chicote e o chapéu de mão.

– Ela tem medo das trovoadas – disse. Era algo que talvez Gill nunca tivesse a oportunidade de descobrir por si mesmo.

E de fantasmas, pensou ao sair para a neblina matinal – mas não deu essa pista a Richard Gill.

O sol da manhã entrava por uma abertura entre as cortinas do quarto de hóspedes e lançava um feixe de luz brilhante sobre a cama e as almofadas nas quais a criança estava deitada. Christian apoiou uma mão numa das colunas do dossel.

Olhou para a jovem, sentada a um canto, e apercebeu-se pela primeira vez de que parecia muito cansada.

– Comeu? – perguntou em voz baixa.

– Dei-lhe de mamar e limpei-a ainda há meia hora, senhor.

Christian nem tinha pensado nisso.

– Falo... de si.

– Ontem à noite. A senhora obrigou-me a comer quando entrámos – respondeu ela.

– Vá comer agora.

– Mas, senhor, não a posso deixar sozinha.

– Eu estou aqui.

– O senhor? – Até naquele quarto quase às escuras, o rosto refletiu claramente as dúvidas que a

assaltaram.

– Dez minutos – disse Christian. – Vá comer!

A jovem inclinou-se e saiu a correr pela porta.

Christian fechou-a. Dirigiu-se aos pés da cama e deteve-se a olhar a criança, deitada de barriga para cima. Tinha-a acordado. Ela moveu os pequenos braços e soltou um ligeiro gemido que parecia prestes a transformar-se em pranto.

Preparativos. Escócia. Teria de escrever aos Sutherland. A simples ideia de tentar escrever deixava-o esgotado. O simples facto de se levantar esgotava-o.

A rapariga parecia responsável. Talvez pudesse pagar-lhe para ser ela a levar a criança. Os gemidos da menina tornaram-se mais intensos, como uma porta a chiar, e ela começou a chorar com todas as suas forças.

Christian afastou-se da cama e fechou completamente as cortinas para que o feixe de luz brilhante desaparecesse. A obscuridade tornou-se mais densa, mas a menina continuou a chorar. Não eram gritos, mais uma espécie de bramido desconsolado, como o de uma ovelha numa colina.

A criança só estava tapada com o xaile da ama. Christian achou o quarto frio, já que a lareira não estava acesa, e tirou a casaca. Quando lha colocou em cima, os olhos da criança voltaram a fixar-se em si. O choro acabou e transformou-se em pequenos soluços de incerteza. Christian recuou alguns passos e a criança recomeçou a chorar.

Comer, sentir-se limpa e quente. Christian não sabia de que mais poderia necessitar uma criança pequena. Talvez se lhe pegasse, mas não estava disposto a chegar a esse extremo. Devia ter chamado outra criada, pois queria deitar-se antes que o corpo e a mente sucumbissem ao esgotamento puro.

Ocorreu-lhe deixá-la sozinha, já que não parecia correr qualquer perigo. Assim, poderia deitar-se na cama do quarto contíguo. A rapariga voltaria dentro de poucos minutos.

A bebé continuava a chorar com soluços longos, débeis, como se tivesse a alma angustiada. Voltou a inclinar-se sobre ela para ver se na verdade tinha alguma coisa, ou se não passava de uma qualquer artimanha feminina que todas as mulheres aprendiam desde o berço.

A criança olhou para ele a chorar como se todo o mundo fosse demasiado triste. A cama cedeu sob o peso de Christian e ele afundou-se sobre o cotovelo.

A menina parou de chorar e olhou-o com uma expressão de esperança, ao mesmo tempo que soltava pequenos soluços.

– Céus – disse Christian. Deitou-se na cama, ajeitou a almofada debaixo da cabeça e pegou no embrulho formado pela casaca, o xaile e a criança. Apertou-a contra o peito. Uma das mãozinhas agarrou-se a um dos botões da sua camisa. A menina soltou um soluço que, a meio, se transformou num suspiro suave.

Mulheres, pensou Christian com ironia, ao mesmo tempo que se ajeitava melhor na cama e o sono se apoderava dele. Moveu um dedo e acariciou uma face suave.

Como te chamas?

Perguntar à rapariga. Lembrar...

Maddy...

«Agora tenho de te deixar. Foi errado.»

Não chores, não chores, pequenina... Estou tão cansado... Nunca te mereci, não é verdade?... Maddy... Mas amei-te.

Sempre te amei.

CAPÍTULO 35

Elias Little fora buscar o pai. Acharam que não seria aconselhável que Maddy também fosse e corresse o risco de voltar a entrar em contacto com o mundo que abandonara. Ela aceitou as palavras sábias da Assembleia. Viveria retirada com os Little em Kensington até que terminasse o contrato de subarrendamento da casa de Chelsea, e ela e o pai pudessem voltar para o seu lar. Era-lhes óbvio que nunca seriam bem recebidos pelo primo Edward depois de este ter sido finalmente libertado do seu ignóbil encarceramento.

O pai estava muito apagado. Algum tempo antes, se o visse tão calado, Maddy teria julgado que se encontrava doente, mas sabia que aquilo que o oprimia era o caos que ela trouxera à vida dele e também à sua. Ele nem sequer falava muito com Elias, quase como se estivessem de algum modo zangados depois de toda uma vida de fraternidade. Quando o solicitador apareceu para falar da anulação do casamento, foi Elias e Constance que a acompanharam durante todo aquele calvário de explicações. O pai nem entrou na sala.

O mais complicado era não poder fazer o que os cunhados de Jervaulx lhe tinham pedido e afirmar que o matrimónio não se consumara. O caso teria de ter como base as próprias irregularidades do casamento e o facto de nenhuma das partes se opor à anulação. Maddy sabia que estavam a ser enviadas cartas e consultados juristas, mas não tinha qualquer relação direta com aquilo. Elias e os anciãos encarregavam-se de todo o contacto com o mundo. A única tarefa que lhe fora reservada era a redação de uma carta em que condenasse os seus próprios atos.

Era a coisa mais difícil que alguma vez tivera de fazer. Não chorara nem uma única vez desde que partira de Belgrave Square mas, de cada vez que se sentava com uma pena e um papel, a vista turvava-se-lhe de tal modo que era incapaz de escrever. Tentara-o várias vezes. Esperara até se sentir mais calma, fechara-se ao final da tarde, levantara-se muito cedo e até começara a fazê-lo depois de regressar das orações silenciosas de meio da semana, mas ensopava o papel com lágrimas abundantes.

Nessa noite, ao jantar, Elias trinchou o assado.

– Hoje o solicitador veio visitar-me – disse, e pegou no prato de Maddy para pôr nele um naco de carne, antes de lho voltar a estender. – Garantiu-me que o duque de Jervaulx não quer levantar qualquer obstáculo que impeça o cancelamento do erro.

Era assim que lhe chamavam, «o erro». Maddy olhou para a comida que tinha no prato. Ninguém falou. Pegou nos velhos talheres de ferro com cabo de marfim branco e cortou um pedaço de carne com a faca, mas foi incapaz de a comer.

Voltara a integrar-se com toda a facilidade naquela vida simples, naquela tranquila e silenciosa forma de servir Deus. Ajudava Constance com a lida da casa, assistia às orações, acompanhava a anciã nas visitas aos doentes e aflitos. Era tudo muito simples. O correto era levantar-se cedo, trabalhar muito e falar pouco. O incorreto era ser-se preguiçoso, desonesto e caprichoso. Continuar a

pensar nele.

Era como estar em casa... mas muito longe de casa. Não sentia a falta dos criados, nem das carruagens, nem do mobiliário rico. Nem sequer sentia a falta dos vestidos bonitos, sobretudo quando pensava no mal que lhe assentavam em comparação com as damas que, com todas aquelas plumas brilhantes, tinham dançado nos salões de Belgrave Square.

Só sentia falta de uma coisa, da parte da sua alma que deixara para trás.

Nalguns momentos estranhos e irracionais, descobria-se a si mesma a pensar que devia estar a ajudá-lo a abotoar o colete, ou que ele quereria que ela lhe escrevesse algumas cartas, coisas que ele nem sequer precisara que ela fizesse desde que o braço ficara bom. Quando ouvia passos na escada, levantava rapidamente a cabeça, mas nunca eram suficientemente rápidos e impacientes. Comprimia então o anel de filigrana entre os dedos, o seu pequeno tesouro roubado, o seu único furto. Passeava entre os arbustos, detinha-se e apertava os braços contra o corpo ao levantar a cabeça para o pôr do sol invernal e para ele – como se ele estivesse ali, como se pudesse senti-lo junto de si mais uma vez, apenas mais uma vez.

Mas ele não desejava levantar obstáculos. Maddy levou o pedaço de carne à boca e obrigou-se a engoli-lo.

Antes precisara dela, mas agora já não. Durante um breve período de tempo, as vidas de ambos tinham-se cruzado; depois, voltaram a separar-se. Ele era duque de Jervaulx. Ela, o escândalo da sua Assembleia. Assistia às reuniões rodeada por uma nuvem de censuras, era uma deles sem o ser, enquanto o seu nome se convertia num motivo de interesse público nos jornais e provocava uma profunda humilhação à Sociedade.

Sentia-se muito grata a Elias, a Constance e a alguns outros amigos de peso, por terem falado a seu favor, por terem testemunhado que ela se enganara mas que se afastara de tudo aquilo e que doravante voltaria a caminhar na Luz. E todos esperavam a carta na qual se recriminaria. Não era algo que dissessem abertamente, mas Maddy sabia que, se as palavras que escrevesse fossem suficientemente fortes, se demonstrassem um desejo real e absoluto de encontrar a Verdade, os Amigos deixariam de estar contra si e voltariam a acolhê-la plenamente no seio da Sociedade.

– Como vai o teu artigo, John? – perguntou Constance ao pai dela.

Este esfregou o queixo.

– Lento. Ultimamente tem avançado muito devagar.

– Não me pediste que to transcrevesse – disse Maddy.

– Não tenho a certeza de querer publicá-lo.

Maddy olhou-o, surpreendida.

– Não?

– Minha querida Maddy – disse ele num tom de voz calmo –, sabes que o mérito deste artigo não é inteiramente meu.

– Todo não, mas... – calou-se.

– Publico-o também com o nome dele? Achei que não ias gostar disso. – O pai esboçou o seu característico sorriso cheio de tristeza e doçura. – E, para ser sincero, deparei com uma complicação que não sou capaz de resolver sozinho.

Maddy baixou a cabeça sobre o prato. Não era justo. Havia tanto que o pai se entregava àquele artigo, trabalhando tão arduamente... Os seus erros não deveriam tornar esse esforço inglório.

– Queres um pouco desta couve-de-saboia, John? – perguntou Constance, para mudar de assunto ao

mesmo tempo que o servia. – O amigo Gill trouxe-a hoje de manhã. Diz que está à venda no mercado a um xelim e seis *pennies* a cesta.

– Era bom que nos encontrasse espargos – disse Elias. – Ou que os cultivasse juntamente com as suas flores.

Constance sorriu.

– Talvez a Archimedea possa pedir-lhe. Tenho a certeza de que, por ela, o faria.

– Então, Constance – repreendeu-a ligeiramente Elias. – Estás a precipitar-te.

Constance, sem qualquer mostra de arrependimento, pôs um pouco de couve no prato de Maddy.

– Tudo se resolverá a contento – disse. – Sinto no meu âmago que assim será.

– Tens continuado a escrever a tua carta, Archimedea? – perguntou Elias.

– Sim – respondeu Maddy, a remexer sem vontade a couve no prato. – Ainda não a acabei.

– Esta noite rezaremos juntos – disse Elias. – Talvez isso ajude a guiar-te.

– Sim – replicou Maddy.

O erro seria corrigido. Jervaulx não lhe queria levantar qualquer obstáculo.

Recordava-se dele naqueles últimos momentos em que tinham estado juntos. Nunca o esqueceria. Aquela confiança astuta dele em si mesmo, aquele brilhantismo e domínio; as estrelas e o infinito, um mundo inalcançável. *A bon chat, bon rat,* sob a fénix a renascer das cinzas. Controlado, ousado, sanguinário na sua vingança. Como o bom gato, brincalhão e preguiçoso mas simultaneamente poderoso e implacável, dera a volta ao jogo para atormentar os seus carrascos. Metera-os na prisão, quase os deixara partir em liberdade, mas voltara atrás e apresentara de novo queixa, fizera com que tivessem de se apresentar a tribunal antes de tornar a libertá-los quando bem lhe apetecera. Pobre primo Edward, pensou Maddy, nunca seria o mesmo rato roliço e seguro depois de tudo aquilo.

Ele era duque de Jervaulx. Tinha amantes. Conseguira vencer a sua aflição graças à sua própria força.

Tu *vir,* dissera-lhe muitas vezes. Quase conseguia ouvir a voz dele a dizer-lho mais uma vez.

Mas as palavras desvaneceram-se até na sua imaginação, o último vínculo que a unia àquela outra vida. Tinha de escrever a carta. Chegara a hora.

Depois do jantar, sentou-se com Elias e Constance na saleta austera e ouviu a voz profunda do ancião a orar. Escutou todas as coisas que devia escrever. Depois, escreveu-as, sem derramar uma única lágrima.

Christian estava sentado a ler o correio e a atirar todos os convites, um a um, para a lareira. Deteve-se quando chegou a uma carta vinda da Escócia, que afastou para o lado. Depois de a contemplar por um momento, quebrou o selo e leu-a.

Levantou-se e dirigiu-se ao andar de cima.

Na sala amarela, um berço ocupava o lugar mais quente do quarto, cuidadosamente protegido da lareira por uma grelha. Jilly levantou a cabeça ao dar pela sua chegada.

– Ah, Sua Senhoria, acaba de acordar e está pronta para o ver.

Ele assentiu com a cabeça. A rapariga fez uma cortesia e saiu do quarto, fechando com cuidado a porta atrás de si.

Christian não se dirigiu ao berço. Encostou-se à cama e observou a criança dali. Diana não se apercebera da sua presença. Estava deitada de barriga para cima, a espernear na camisa de linho

comprida e a brincar com os pés. Tinha uma touca branca bordada e minúsculos sapatinhos com laços, camisinhas e bibes, uma roca de prata, um pente e uma escova de marfim macio. Tudo aquilo de que uma criança pequena precisava, tal como Jilly e o pessoal feminino da casa lhe tinham explicado.

– Pequenina – chamou-a com doçura.

A menina virou-se ao ouvir a voz dele, algo que só pouco antes começara a fazer. A expressão de espanto enrugou-lhe a testa enquanto procurava a fonte do som.

Christian aproximou-se do berço. A menina começou a sorrir antes de ele se encontrar junto dela, a remexer as pernas e os braços, frenética, quando Christian se inclinou sobre o berço. De seguida, ele esfregou o nariz contra o dela, provocando-lhe guinchinhos de felicidade. Diana bateu-lhe no maxilar e nas faces com os pulsos diminutos. A cada pancada, ele virava a cabeça e emitia um som, numa brincadeira que parecia encantar a menina.

Christian endireitou-se e olhou-a de cima ao mesmo tempo que lhe estendia os dedos. Ela agarrou-os de imediato e arqueou a cabeça para trás para o olhar.

– Frio na Escócia? – perguntou-lhe. Ela franziu a testa com uma expressão intrigada. – Roupa quente – prometeu ele. – Vou enviar. Vestidos. Dinheiro. Coisas bonitas.

Brinquedos nos aniversários. Christian não sabia se lhos dariam. Não poderia escrever-lhe, nem receber notícias dela. Tinham-lhe deixado isso bem claro. Pagaria o seu sustento em segredo e não faria nada que pudesse causar maior vergonha à família.

Era o melhor, claro. O melhor para ela.

Tinha de se manter à margem, em silêncio, como estava a fazer com a anulação do casamento. Também isso era o melhor. Parecia ter-se transformado num motivo de vergonha para todos.

Desembaraçou-se da menina e dirigiu-se para a porta. Ela virou a cabeça e seguiu-lhe os movimentos. Um beicinho de insegurança e preocupação obscureceu-lhe o rosto.

Era o melhor.

Christian olhou para trás num desespero mudo e fechou a porta sem fazer ruído.

A Noite de Reis passou-se sem bolo nem jogos. Christian encontrava desculpas para atrasar o momento de enviar Diana para a Escócia: a época festiva, o tempo mau, a roupa quente que ainda faltava. A menina já tinha um guarda-roupa que seria a inveja de qualquer *femme fatale,* criado pela sua própria costureira, uma prima da irmã da cozinheira, supervisionada por esta e por Jilly. Calvin tinha contribuído com uma peça de musselina bordada que, de algum modo, saltara para dentro do cesto quando ele se encarregara das librés de primavera. Durham levara-lhe laços azuis a condizerem com os seus olhos.

Christian percorria Oxford Street quando já era de noite e fazia com que a carruagem o esperasse enquanto caminhava entre os candeeiros a gás a comprar-lhe xailes, lã e veludo. Não queria que a menina apanhasse frio. Acima de tudo, não queria que apanhasse frio.

Quando até ele percebeu que nenhuma criatura poderia precisar de tanta roupa ao mesmo tempo, Jilly guardou as peças de tecido numa arca. Christian calculou que teria de alugar uma carruagem e um acompanhante para a viagem até ao Norte, mas não parecia encontrar o momento ideal para o fazer.

Num dia de janeiro, Calvin fez entrar na biblioteca um rapaz de aparência descuidada. O jovem

não parava de remexer nas luvas sem dedos enquanto o mordomo anunciava solenemente:

– Sua Senhoria, um jovem da escola de Lencastre deseja falar consigo.

– Por favor, senhor – disse o rapaz antes de Christian ter sequer tempo de erguer uma sobrancelha –, sou monitor da escola. O amigo Timms ensina-nos Aritmética. Trago um recado da parte dele. – E fechou os olhos para recitar a mensagem: – «Peço-te que me concedas um momento para estudar um problema. Posso ir visitar-te?» – O jovem voltou a abrir os olhos. – E se o duque me responder que não, então deverei pedir perdão em nome do amigo Timms e partir, e se o duque disser que sim, que pode vir, então devo dizer-lhe que o amigo Timms ensina ao Quarto Dia, que é a quarta-feira, senhor, e depois o amigo Timms pode passar por Belgrave Square às duas. Essa é a única altura em que pode vir sozinho, e o duque saberá porquê. E é tudo, senhor.

O rapaz respirou fundo depois de falar e descontraiu as mãos.

Christian não se mexera durante todo o discurso. Limitara-se a permanecer sentado, a contemplar o muro do jardim das traseiras. No seu íntimo, acendera-se uma pequena chama agridoce.

– Vai até às cocheiras – disse ao rapaz. – Fixa a carruagem. Recorda-te dela. Quarta-feira, às duas... estará à porta da escola. Procura-a. Levas Mr. Timms até ela... para que o traga.

– Sim, senhor! – disse o jovem, a assentir com a cabeça.

Christian sentiu-se nervoso como um colegial quando Calvin mandou entrar Timms para a biblioteca e lhe pediu que se sentasse.

– Tem passado bem? – perguntou-lhe à distância depois de o mordomo se retirar.

Sob a aba do chapéu, Timms virou-se para o lugar de onde provinha a voz de Christian.

– O meu corpo está bem – respondeu, num tom inexpressivo.

Christian não percebeu se existia algum tipo de acusação no seu tom de voz. Moveu os dedos da mão direita. A sala pareceu encher-se de um silêncio cada vez mais pesado.

– E a Maddy? – perguntou em voz muito baixa.

O pai dela esboçou um sorriso fraco e abanou a cabeça.

– Não sei.

Christian dirigiu-se à secretária junto da qual Timms estava sentado e instalou-se na cadeira do lado oposto.

– Que problema... quer que veja?

Timms não trazia papéis nem cifras gravadas. Descreveu por momentos uma equação de um modo tão claro que Christian nem sequer teve de a escrever. Sugeriu-lhe outra redefinição óbvia da variável problemática.

– Ah – disse Timms com um ligeiro sorriso, como se a solução fosse mais irónica que satisfatória. – Claro.

Christian esperou que o outro lhe apresentasse o verdadeiro desafio, mas Timms não proferiu palavra.

– Não veio... apenas por isso – acabou Christian por declarar.

– Pensei que demoraríamos mais – respondeu Timms com secura.

Era isso que Christian teria preferido.

– Quanto ao resto... o artigo... está a correr bem? – perguntou.

– Não avancei muito – respondeu Timms. – Receio bem que a tua excelente biblioteca do castelo

me tenha habituado mal.

– Fica para jantar?

– Não posso. A minha filha não sabe que estou aqui.

Christian levantou-se de repente da secretária e aproximou-se da janela.

– Ficaria... zangada.

– Zangada, não, talvez. Mas não quero perturbá-la mais.

– Perturbar? – perguntou Christian, e fechou os olhos.

– Amanhã é a Assembleia Mensal. Vai ter de ler a carta. A Assembleia exigiu que também enviasse uma cópia para os jornais e para o teu amigo Durham, que oficiou o matrimónio.

Christian virou a cabeça.

– Que carta? – perguntou.

Timms levantou-se e pousou ligeiramente as mãos na extremidade da secretária.

– Vem à Assembleia, amigo – disse-lhe –, e poderás ouvi-la.

Todas as manhãs, Maddy acompanhava Constance ao asilo, onde levavam comida às idosas e às crianças. Nessa manhã, o dia da sua desonra, o dia em que seria criticada pela Assembleia, também foi.

O trajeto levava-as por trás da aldeia, através de campos e viveiros. Do lado oposto de um terreno lavrado, no local em que um carreiro virava para o pátio do asilo, viram uma estranha cena muito antes de chegarem à instituição de beneficência.

Uma vaca parda estava atada ao tronco de uma árvore a comer de um monte de feno. Era algo que viam todas as manhãs naquele mesmo lugar. Mas naquela manhã, no meio do carreiro sujo, junto da vaca, encontravam-se dois criados de peruca e librés brancas a flanquear a insólita aparição de Lady de Marly, sentada numa cadeira dourada com os pés delicadamente assentes num tamborete a condizer. Uma carruagem coberta esperava um pouco mais à frente, a bloquear completamente a passagem.

– O que significa isto? – limitou-se Constance a dizer, continuando a andar na direção deles.

Os pés de Maddy começaram a mover-se cada vez mais devagar. Por fim, deteve-se a poucos metros daquela barricada humana.

– Acho que tenho de voltar.

Constance olhou-a, com uma expressão tão tranquila como a da vaca no seu rosto redondo e suave.

– É apenas a perseguição do mundo – disse, com tamanha serenidade que encheu Maddy de coragem. – Só temos de seguir caminho.

E continuaram, acercando-se cada vez mais de Lady de Marly, até Maddy ver o frasco de sais de jade trabalhado ao colo da anciã.

– Que comovedor. – A voz idosa de Lady de Marly soou firme e áspera no ar frio. – Andamos a tratar das nossas pequenas obras de caridade, é isso?

Maddy não respondeu. Tentou contornar Lady de Marly, mas um criado atravessou-se no seu caminho.

– Vamos *falar,* duquesa – disse Lady de Marly. – Aqui e agora, ou em qualquer outro momento e lugar.

Maddy afastou-se do criado.

– Não sou duquesa.

– Não. Parece que é apenas cobarde.

A tia do duque estava envolvida em xailes ricos. Tinha o colo coberto por uma fina manta de lã e as mãos enfiadas num regalo de zibelina.

– Vamos, Archimedea – disse Constance, virando-se para um lado.

– E por que não deixa que ela me oiça? – perguntou Lady de Marly. – Se sou o Diabo a vir tentá-la, ela não será suficientemente forte para me resistir?

– Não és o Diabo, apenas mais um problema para ela – replicou Constance. – E já tem bastantes provas que enfrentar hoje.

– Não. – Maddy sentira-se ofendida pela ideia de que qualquer coisa que Lady de Marly lhe pudesse oferecer a modo de tentação bastasse para superar a sua vocação de verdadeira Amiga. – Que fale, então. Nada poderá dizer que me perturbe.

– O Jervaulx não está bem – murmurou Lady de Marly.

Maddy virou-se rapidamente com um nó na garganta.

– Não está bem?

Lady de Marly soltou uma pequena gargalhada.

– E diz que nada pode perturbá-la.

O sangue aqueceu as faces de Maddy. Sentiu-o subir-lhe à cabeça, um latejar febril demasiado evidente.

– É a graça que existe dentro dela que faz com que Archimedea se preocupe com o bem-estar de qualquer ser humano – disse Constance.

– Será? – replicou Lady de Marly num tom divertido e irónico. Inclinou-se para a frente e ajeitou um dos xailes. – Ele está bem, jovem, suficientemente bem para me maldizer como intrometida se soubesse que aqui vim. Tive de a encontrar por conta própria. Sabe qual é o meu interesse – acrescentou, a observar Maddy com atenção. – Há alguma expectativa?

Maddy percebeu o que ela queria dizer. Pensou no «fardo», no embrulho nos braços da rapariga, sangue do duque deixado à mercê das circunstâncias numa ruela. Mas uma filha assim não corresponderia ao que Lady de Marly exigia.

– Não – respondeu Maddy, rápida e incisivamente.

A mulher idosa olhou-a durante um longo período de tempo. De seguida, torceu a boca e suspirou.

– Bom, então, nada mais há a fazer.

– Tenho de te dizer a verdade – disse Constance de imediato com um tom de voz firme. – Embora deseje de todo o coração que todas as bênçãos recaiam sobre ti e sobre os teus, gostaria que compreendesses que esse casamento foi uma coisa errada. Foi terrível fazer com que Archimedea se casasse e se afastasse de nós. Nem sequer podes imaginar a coragem que lhe foi necessária, e ainda será, para regressar à sua antiga aliança com Deus.

– Ah, pois – disse Lady de Marly, e apontou com a cabeça para as cestas que levavam. – E vai conseguir isso levando pão e peixe aos pobres.

– Troças daquilo que não compreendes.

– É óbvio que a senhora conhece Deus melhor do que eu – replicou Lady de Marly –, mas eu conheço muito bem a sua Archimedea. Não é nenhuma santa cheia de coragem. – Olhou para Maddy e acrescentou: – Ou é, jovem? Não, de todo. Só tem medo da verdadeira tarefa que Deus decidiu atribuir-lhe. – Tirou uma mão do regalo e pegou na bengala, com a qual apontou para a cesta de

Maddy. – Mas para isso não é preciso pensar muito, pois não? É um gesto bonito, sem dúvida, mas com isso consegue-se trabalho para os pobres?

– É para as crianças e para os mais velhos. Não tenho meios para arranjar trabalho para os homens. Se os tivesse, fá-lo-ia – respondeu Maddy.

– É uma rapariga tonta, mesmo muito tonta. Não sabe o que teve. Teve demasiado medo para afastar a mão dos olhos e ver o que se passava à sua volta. – Com muito cuidado, Lady de Marly pousou os pés em terra e endireitou-se. Um lacaio aproximou-se rapidamente e ajudou-a a andar até à porta da carruagem. Uma vez ali, a dama deteve-se e virou-se para Maddy, apoiada na bengala. – Quantos consegue alimentar com esses cestos? Uns dez? Pense, jovem. Poderia alimentar dez mil, se tivesse tido coragem.

– Vais ao Brooks's connosco? – Durham subiu os degraus de dois em dois. Fez balançar um espelho diminuto que pendia de uma corda. – Para a encantadora Diana. – Estendeu-o a Christian e seguiu-o até ao quarto de hóspedes. – As damas gostam de começar a arranjar-se desde muito cedo. Que me dizes? O Fane vai lá ter comigo assim que sair de serviço.

Christian mostrou o espelho a Diana, que palrou e tentou agarrá-lo. Christian começou a brincar com ela, puxando-o.

– Hoje não – respondeu.

– Então quando? – perguntou Durham. Aproximou-se da janela, onde se encostou, a olhar para o exterior. – Achas que irás algum dia?

O tom aparentemente ligeiro deixava perpassar a opinião de que Christian não podia adiar aquilo para sempre.

– Hoje não – repetiu ele. Olhou para o amigo de soslaio. – Durham, recebeste alguma carta da Maddy?

O amigo parou de bater irrequietamente no postigo da janela com os nós dos dedos. Não se virou.

– Qualquer... sim, acho que recebi qualquer coisa – disse num tom vago.

– Qualquer coisa?

– Uma espécie de carta. Não sei. Tens a certeza de que não queres ir ao Brooks's?

– Diz-me... o que dizia.

Durham continuava a olhar pela janela.

– Muitas palavras espirituais. Tudo muito *quaker*. A verdade é que não a li com muita atenção.

– Muito *quaker?*

– Olha, dizia muitas tolices. Vou-me embora, já que tu não vens.

– Vai lê-la hoje perante os *quakers*. E a carta vai sair... nos jornais.

Durham virou-se.

– Então nesse caso, meu velho, recomendo-te vivamente que não compres o jornal. – A expressão do rosto dele contradizia o tom frívolo das palavras. Enfiou as mãos nos bolsos e saiu do quarto. – Se mudares de ideias, encontramo-nos no clube.

CAPÍTULO 36

Christian atravessou a porta sem fazer ideia do que esperar: a inquisição, um tribunal de justiça, uma congregação silenciosa entregue à oração. O que encontrou parecia mais uma discreta reunião de um conselho sem presidente. Na enorme sala austera, os membros estavam sentados em bancos e não votavam. Parecia que qualquer um que o desejasse poderia falar. O barulho de pés ressoava e embatia nas tábuas do soalho e no teto conforme os membros se iam levantando um a um para expressar os seus sentimentos, e por fim alguém redigiria uma declaração que, obtendo a aprovação geral, era incluída na ata.

Christian não se sentou, permaneceu de pé junto da porta. A fileira de homens sentados sobre o estrado elevado voltado para a sala olhou para ele de soslaio quando entrou. Nenhum fez qualquer menção de o mandar embora, mas um deles continuou a fitá-lo com uma expressão muito séria. Christian reconheceu o líder do grupo sombrio que fora visitar Maddy a sua casa, e retribuiu-lhe o olhar sem se mexer.

Havia apenas uma mulher presente. Estava sentada sozinha, num dos primeiros bancos mesmo junto ao estrado, e olhava em frente. Aquela figura anónima usava uma touca e um xaile branco sobre a roupa negra. Fez-se silêncio na sala. O único som percetível procedia da pena do secretário que acabava de escrever a última minuta.

– Archimedea Timms está presente? – perguntou uma voz pausada.

Christian sentiu dificuldade em respirar quando ela se levantou. Não lhe via o rosto, mas percebia que estava a tremer. Mesmo daquele lugar, conseguia perceber isso.

Maddy levantou-se, de cabeça voltada para baixo e de costas para a sala.

– Archimedea Timms – declarou um dos homens do estrado –, foste convocada aqui por causa do teu casamento oficiado por um padre com uma pessoa do mundo, assim como por algumas outras faltas. Os Amigos pediram-te que clarificasses a verdade, escrevendo uma carta a condenar os teus atos.

A congregação emitiu um ligeiro murmúrio de assentimento.

– Peço-te agora que a leias – disse alguém de um dos bancos.

Christian agarrou-se com muita força à ombreira da porta atrás de si.

Com a cabeça ainda baixa, Maddy ergueu o papel que tinha nas mãos e começou a ler. A voz era trémula e baixa, ininteligível exceto pelo som, um som tão doce e familiar que Christian o sentiu como se se tratasse de uma dor física.

– Amiga, tens de te virar e falar alto – queixou-se um homem no fundo da sala.

Maddy calou-se por instantes. De seguida, virou-se para os assistentes.

– «Não duvido...» – leu ainda de cabeça baixa e, então, como se tivesse decidido enfrentá-los de verdade, ergueu o olhar.

Sobre as cabeças dos congregados, o seu olhar encontrou-se de imediato com o de Christian.

Abriu a boca para falar, mas nada disse. A luz que entrava pelas janelas altas e redondas recaía sobre ela, uma figura pálida e imóvel.

Christian olhou-a, desafiador.

Diz, pensou. *Diz-mo, se és capaz de o dizer a eles.*

Maddy pareceu perder a noção das coisas. Desviou os olhos dele. Com uma expressão cheia de ansiedade, perscrutou os bancos que os separavam como se acreditasse que ia ver algo neles, ou como se não se lembrasse do que tinha de fazer.

– Archimedea – disse o homem corpulento e de voz baixa que a visitara –, tens de continuar.

Maddy baixara os braços e o papel repousava contra a saia negra. Levantou-o. O papel tremia como a asa partida de um pássaro. Ela fitava-o sem nada ver.

– «Não duvido...» – repetiu com voz trémula. Interrompeu-se e fez um esforço visível para recuperar a compostura. – «Não duvido de que é justo que sofra e... contento-me que assim seja...» – Ergueu a cabeça e a voz tornou-se mais límpida: – «... porque é terrível que eu, embora tenha caminhado junto dos Amigos, não fosse realmente um deles, já que, se o fosse, não teria feito o que fiz; e se tivesse acudido ao conselho do Senhor, ou de Amigos, não o teria feito.» – Interrompeu-se e humedeceu os lábios. Quando prosseguiu, a voz adquirira um tremor distinto e muito alto. – «Quando me encontrava no templo perante o falso pastor, disse que recebia o encargo de Deus de amar aquele homem e disse que ele era meu marido, mas isso ia contra a Verdade e, ali, disse que era sua mulher, mas isso também era contrário à Verdade.» – Maddy afastou o olhar para um recanto da sala, sem ver o papel, sem o ver a ele. As faces começaram a banhar-se-lhe de lágrimas. – «Assim que o fiz, soube que fizera algo terrível» – prosseguiu –, «e que devia repudiá-lo, e assim lho disse, mas não tive a coragem suficiente para agir, nem sequer quando a Luz pareceu iluminar-me. Foi uma revelação muito forte, mas a minha vontade era-o ainda mais. Eu...»

Voltou a interromper-se. Chorava abertamente, de pé perante todos, uma figura solitária e isolada que segurava um papel a desintegrar-se lentamente nas suas mãos irrequietas. Comprimiu os lábios com força, com o olhar a vaguear para o teto e para o chão, para qualquer parte menos para aqueles que a observavam.

– «Fui a sua casa» – disse numa voz fraca – «e vivi nela como uma perdida...»

Christian soltou um resmungo, largou a madeira e deu um passo em frente, mas Maddy continuou a ler:

– «... cercada de luxo e de comodidades frívolas e mundanas e caí no pecado da fornicação e do desejo carnal. A minha vontade continuava a ser mais forte, e não podia nem queria obedecer às ordens do Evangelho, antes caí ainda mais profundamente na armadilha do inimigo e voltei para ele até depois de me ter tentado libertar e regressar para junto do meu pai.»

Christian abanou a cabeça. Olhou-a, desejoso de que ela olhasse para ele, sem deixar de abanar a cabeça.

– «O meu coração dizia-me com frequência que o amava e que isso tinha de ser Verdade, mas era apenas uma ilusão da minha imaginação ou uma tentação de Satanás, e não a abençoada influência do Espírito Santo» – prosseguiu Maddy, incansável, no mesmo tom de voz alto e trémulo –, «e sei que era assim porque julgava estar a fazer o que devia mas, quando algum tempo depois vi Amigos, tive vergonha de os encarar.» – Calou-se por instantes enquanto as lágrimas lhe caíam como uma torrente pelo rosto. – «E lamento-o. Sou uma mulher indigna. Arrependo-me do que fiz e suplico aos Amigos que não me repudiem, pois já me afastei desse homem.» – Fez outra pausa e pestanejou com o olhar

perdido. – «Lamento profundamente ter sido tão fraca» – disse e baixou a cabeça. – «E agora desejo fervorosamente voltar à Luz e viver conforme a Verdade.»

– Verdade! – exclamou Christian. As palavras dele ressoaram no silêncio da sala.

Conseguira por fim que Maddy olhasse para si – juntamente com o resto dos presentes. Estava em frente da porta, deslocado, sem a roupa adequada, zangado, humilhado e, naquele momento, apenas Maddy parecia tão humana quanto ele entre aquelas filas de rostos severos.

– Verdade! – voltou a gritar e olhou fixamente para Maddy, como se fosse um eco inconsciente de si mesmo, as únicas palavras que conseguia dizer. A sua voz voltou a percorrer a caverna austera que era aquela sala.

O homem que falava sempre em voz baixa levantou-se no estrado.

– Amigo – dirigiu-se-lhe –, sentimos uma profunda compaixão por ti, mas temos de te informar de que estás afastado da Vida Divina, pelo que és um intruso nesta Assembleia.

Outro homem sentado num dos bancos também se levantou. Era Richard Gill.

– Queremos que partas – disse.

Christian soltou uma risada enlouquecida. Percorreu o corredor central e arrancou o papel amarrotado das mãos de Maddy.

– Quem é que escreveu isto? – perguntou, com a folha em frente do rosto dela.

Maddy mirava-o como se ele fosse uma alucinação, como se falasse uma língua estranha que ela era incapaz de compreender. A expressão do rosto dela enfureceu Christian. Aquele olhar perdido, aquele medo, aquela dor, aquela estupidez, aquela debilidade, não és tu, não és a minha Maddy, são mentiras, mentiras, mentiras!

Voltou a olhá-la ao mesmo tempo que rasgava o papel. Sentia os *quakers* atrás de si, via Maddy perante ele, ali de pé a mentir, aquelas palavras tão piedosas e tão falsas. Falsas! Tinha de o dizer. Tentou fazê-lo mas não conseguiu. Afogou-se-lhe tudo na mente antes de lhe chegar à garganta.

Aconteceu. Perdeu a razão. Sabia que desapareceria quando mais precisasse. Todos o olhavam. Era uma atração de circo, *encolhido seco sem conseguir falar lunático quakers julgamento para onde olham!*

Mas, apesar de toda a fúria e desespero, conseguiu manter-se digno. Tremia de vergonha e fúria, respirava como um animal selvagem, sabia que era um pobre idiota louco à frente de todos eles.

À frente de todos aqueles *quakers*. À frente do piedoso Richard Gill.

– *Melhor!* – A palavra surgiu-lhe da boca como um grito. Abriu os braços. – Olhem! Mim! O *pecador*... não pode falar! – A voz embateu contra as paredes vazias ao apontar para Gill. – Pensas... que ele *melhor?* – Olhou com desdém para a Mula. – Achas... tu tão santo... merecer... minha *mulher*? – Virou-se e levantou o papel para os solenes homens do estrado. – Quem escreveu isto? Tu? – Sacudiu o papel na direção daqueles rostos severos. – Ou tu? Ela não. Ela não... diria que sou... *inimigo*. – Christian abanou a cabeça e emitiu um resmungo descrente. – Maddy... «fornicação»? – Estava entre as lágrimas e o riso. – Eu chamava-lhe... amor por ti. Perante Deus... amar... honrar... a minha mulher... adorá-la toda a vida. Assim disse. Ainda é verdade, Maddy. Ainda é verdade... para mim... e para sempre.

Maddy, ainda rígida e imóvel, fitava-o. As lágrimas sulcavam-lhe o rosto.

– *Esposos!* – gritou Christian àquela fachada inexpressiva e lacrimosa. – Deus... mandou... *amar-nos*. Única obrigação... amar-nos! *Duquesa!*

Maddy moveu os lábios e humedeceu-os.

– *Não*... acreditas? – perguntou Christian. – Pensas... que és... uma pequena *quaker*... mansa e dócil? – Outra gargalhada selvagem ergueu-se até às vigas do teto. – Obstinada... segura... orgulhosa... opiniosa... *mentirosa*. Não se inclina perante o *rei,* maldita seja. Entra... na cela do louco... de cabeça erguida... sem medo. Podia ter-te matado... Maddy. Matado uma centena de vezes.

– Foi uma Revelação – sussurrou ela.

– Foste *tu* – disse Christian. – Tu, duquesa. Tiraste-me dali. Casaste... com duque. Disseste... lacaios não... pó no cabelo. – Apontou para o chão. – Diz-me... que me ajoelhe... e eu fazer. O presente do Diabo – acrescentou, com a boca retorcida. – Nem pérolas, nem flores... nem vestidos. Coisa nada santa. Dou-te... este sacana egoísta e arrogante... aquilo que sou... e tudo o que posso fazer. Dou-te... a minha filha... porque vou ficar com ela... porque arruinarei o nome dela para minha satisfação... porque só tu, só tu... duquesa... compreendes porque o faço. Porque só tu... podes ensinar-lhe a ter coragem... a que não se preocupe... com o que os outros digam. Só tu... podes ensinar-lhe... a ser como tu. Uma duquesa. – Abriu a mão e o papel caiu no chão. – Uma duquesa por dentro!

Christian percorreu com o olhar a fila de *quakers,* que fitou com ferocidade. De seguida, virou-se e dirigiu-se à porta. Uma vez ali, voltou-se e disse:

– Espero lá fora... cinco minutos. Tu... *vir!* Ou nunca!

Do lado oposto da casa de assembleias, entre as sombras do cemitério composto por uma árvore e alguns túmulos antigos amontoados junto a uma pequena igreja, Christian estava encostado à cancela. Ainda tremia, uma reação que começara assim que saíra, o resultado de toda a ira e de todo o pavor que lhe percorriam as veias. Havia muito movimento na rua. Apenas a minúscula igreja e a casa de assembleias pareciam não ter vida nem movimento, confrontando-se como remansos de paz no meio do tumulto.

Esperou muito mais de cinco minutos. Esperou, cada vez com menor esperança, durante uma hora e depois duas, a saber que devia partir, a saber que era absurdo lançar ultimatos estúpidos e, por fim, a perceber que, por mais ridículo que fosse, estava à espera de a ver mais uma vez, apenas mais uma vez, antes de ela desaparecer para sempre da sua vida.

Ainda encostado à cancela, contemplou o tráfego, que escorria incessante como uma torrente. Passou por si uma indolente carroça coberta com uma lona e puxada por dois bois, lenta mas inexorável no seu movimento para a frente. Assim que passou, Christian viu Maddy nos degraus de entrada para a casa de assembleias.

As pontas da cancela magoavam-lhe os polegares. Ninguém mais saiu da casa. Christian franziu a testa, pois era incapaz de ver a expressão do rosto dela, oculto sob a touca que levava. A sua única certeza era que Maddy estava sozinha.

Parecia procurar algo, o olhar a percorrer ambos os lados da rua. Por fim, desceu os degraus e dirigiu-se a ele.

As pernas de Christian paralisaram. Limitou-se a olhá-la; não conseguiu mexer-se nem falar quando ela se deteve à beira do passeio, à espera de que uma carruagem passasse. De seguida, Maddy levantou a saia e atravessou a rua.

Christian pressionou as palmas das mãos contra os picos afiados. Quando Maddy se encontrou à frente dele, parou e ergueu a cabeça. A cancela de ferro separava-os. O rosto de Maddy estava

sulcado de lágrimas mas não mostrava tristeza. Na penumbra do cemitério, a aba branca da touca parecia captar a pouca luz existente e fazê-la refulgir.

Uma dúvida terrível apoderou-se de Christian. Soltou a cancela e andou uns passos pelo cemitério. Não queria saber. Não queria ouvir que a fonte daquele brilho de Maddy procedia de um acordo com a sua assembleia *quaker*.

– A menina – disse Christian com uma voz rouca que ressoou pelo cemitério estreito. – Da Eydie e minha – explicou, a olhá-la com uma expressão nos lábios que nada tinha de irónica. – É a isso... que se chama fornicação.

– Sim – respondeu ela, imóvel atrás da cancela.

Christian sentiu uma compulsão de lhe contar tudo, todos os seus segredos, para que ela não pudesse voltar a acusá-lo de ser falso. Olhou fixamente para as letras gastas de uma lápide de mármore.

– Os Sutherland sabem... que é minha. Não gostam nada... mas ficarão... com ela. – Encolheu os ombros. – Ela tem linhagem. Nunca... precisará... de saber – acrescentou, a sorrir com amargura enquanto olhava para o túmulo. – Que eu sou o seu benfeitor anónimo.

Não conseguia olhar para ela. Tudo aquilo lhe era muito difícil. A vergonha, os erros, os pecados. Arrastara-os consigo mesmo antes de a ter conhecido. Mas Maddy estava radiante e tranquila, etérea. A aura de paz que a cercava magoava-o ainda mais.

– Vais ficar com ela? – perguntou Maddy.

– Minha filha – disse Christian num tom triste. – Minha filha bastarda. Mais vale marcá-la... com o meu nome.

– Sim – replicou Maddy. – Mas vais ficar com ela?

Christian inclinou a cabeça. Uma sensação estranha apoderou-se-lhe do peito. O musgo do túmulo começava a deslizar sobre as letras. Pestanejou e riu-se.

– Acho só... pode ter frio... e eles não vão importar-se. – O som do tráfego transformara-se num chiar distante, abafado, como vindo de outro mundo. – Não sabia... que seria tão difícil – disse e limpou os olhos com as costas da mão. – Maddy!

Ela abriu a cancela e entrou. Dirigiu-se à árvore e deteve-se junto dele, tranquila e firme, como um formoso anjo inflexível. É claro que lho fora dizer. Não ia omitir nada, nem partir silenciosamente para não o magoar.

– Deixam-te... continuar a ser *quaker*? – perguntou Christian em voz baixa. – Aprovaram a tua carta?

– Não era a Verdade – limitou-se Maddy a responder. – E eu voltei para ti.

O som continuava a diminuir, a afastar-se cada vez mais dele.

– Para mim? – repetiu, aturdido.

Maddy esboçou uma expressão ligeiramente irónica com a boca.

– És meu marido e eu sou tua mulher. Esposos, e a única obrigação que temos é amar-nos. – Tocou-lhe no braço ao de leve, como se fosse um professor a admoestar um aluno. – Vou repetir-te esta última parte todas as manhãs.

Christian pegou-lhe na mão e agarrou-se a ela. No seu interior, as palavras eram como pássaros a chocarem contra vidros.

– Se é que me deixas voltar contigo – acrescentou ela timidamente, depois de uma pausa. – Quanto à carta, demorei-me porque estive a reescrevê-la e a lê-la de novo, para dizer a verdade. E a

verdade é que só nos podemos apoiar no nosso Amo e Senhor, que fala às nossas almas por intermédio do seu Espírito, e que apenas Ele pode dizer em que consiste o nosso serviço e quando, onde e como o devemos fazer. – Entrelaçou os dedos nos dele e ergueu as pálpebras. – Demorei mais do que os cinco minutos que tinhas dito.

Christian continuava sem o domínio de si mesmo, sem maneira de lhe responder a não ser ajoelhar-se e apertar o rosto contra o corpo dela, com um som que queria dizer *sim e sim e amo-te e tens a certeza?*

Sentiu Maddy a percorrer-lhe o cabelo com os dedos. De seguida, ela baixou-se e sentou-se sobre a lápide de mármore, segurando-lhe o rosto entre as mãos. Os olhos de ambos estavam à mesma altura.

– Não... Gill? – perguntou ele com uma enorme dificuldade. – Não preferes... homem melhor?

Maddy olhou para as mãos enquanto lhe acariciava o cabelo. Como não respondeu, Christian emitiu um resmungo de amargura que fez com que ela reagisse.

– Ainda não percebeste? – replicou Maddy a sorrir. – Receio que sirva apenas para ser a tua duquesa.

– Tu... fazes-me... melhor.

– Oh, vou tentar – disse ela, ao mesmo tempo que afastava uma madeixa de cabelo da testa de Christian. – Mas tu és o duque, um homem mau e perverso, e amo-te demasiado para te transformar em algo diferente.

– Mau, perverso... e idiota – acrescentou ele secamente.

– Não – respondeu Maddy. – És uma estrela que eu só podia ver no céu e maravilhar-me. Mas apercebeste-te da minha verdadeira natureza humana, e sinto-me satisfeita por teres caído à terra e por eu poder segurar-te nas mãos.

Christian soltou uma enorme gargalhada.

– Uma estrela... de lata. – Baixou a cabeça e olhou para o colo de Maddy. – Não te mereço, mas sou... demasiado degenerado... para te deixar ir embora.

– Estás a ver? – disse ela. – Somos ambos maus e egoístas.

Christian voltou a rir-se, irónico.

– Não é bem assim. Não é bem assim, Qu'ridaMaddy.

Os dedos de Christian continuavam entrelaçados nos dela, e ele sentiu um ardor cada vez maior nos olhos e no peito. Depois de um curto silêncio, ela perguntou:

– Como se chama a tua filha?

– Diana – respondeu Christian. De seguida, engoliu em seco e pigarreou. – A... família dela... batizou-a. – Abanou a cabeça com os olhos ainda fixos no colo dela. – Maddy, percebes... o que vai acontecer? As pessoas... vão desprezá-la. Falarão dela. De ti. Serão... cruéis.

Maddy fez um gesto de desdém com a mão.

– Vou ensiná-la a desconsiderar essas críticas mundanas.

Christian ergueu a cabeça.

– Vais?

– Oh, sim – respondeu ela com uma determinação tranquila.

Christian deixou escapar uma pequena risada.

– Pernas para o ar. Pões o meu mundo... de pernas para o ar, Maddy.

Ela baixou os olhos e voltou a entrelaçar os dedos nos dele.

– E tu o meu. É isso que me assusta. Que, com os teus beijos, me transformes numa mulher libertina. E ciumenta e receosa de que não os guardes todos para mim.

Christian olhou para as faces rosadas dela, para o modo como mordia o lábio inferior, e apercebeu-se de que ela falava a sério. Inclinou-se para a frente e aproximou os lábios dos dela.

– Maddy – sussurrou, enquanto lhe roçava a boca.

Ela apertou-lhe as mãos com mais força e, virando ligeiramente a cabeça, beijou-o com abandono e avareza, intensa e ardente. Christian puxou-a para si até que os corpos de ambos se fundiram e as pernas dela o envolveram. Frenético, explorou-lhe toda a boca e sentiu-a a responder, apaixonada. A sua pequena duquesa dos «tus» era tão fervorosa nas suas paixões quanto nas suas virtudes.

Essa ideia fê-lo sorrir – algo difícil de fazer no meio de um beijo tão erótico. Teve de se afastar e baixar a cabeça. Maddy endireitou-se.

– Estás a rir-te de mim! – disse, enquanto se tentava soltar dele.

– Estou a amar-te – respondeu Christian sem lhe soltar as mãos e a sorrir-lhe. – Começou a dar-lhe beijos leves como penas, a língua a percorrer-lhe a suave curvatura do queixo. – Estou a beijar-te. – Soltou-lhe o laço da touca e tirou-lho. – Minha vida. – Segurou-lhe o rosto entre as mãos. – Meu doce amor. Três cavalos... duas carruagens... de veludo... salas... sofás... cama... os meus beijos. Tudo... só para ti.

EPÍLOGO

Como tinham perdido a refeição de Natal do ano anterior, os arrendatários do castelo de Jervaulx pareciam determinados a usufruir de uma celebração dupla naquele ano, e o próprio duque parecia encantado por a triplicar. Dois dias antes do Natal, sobre um estrado de madeira colocado em cima do chão de pedra do grande salão, houve comida, bebida, música, bailes, diversões e muitos beijos desde o meio-dia até passada a meia-noite. Até Maddy teve de dançar, por mais que tentasse recusar entre gargalhadas. Depois de a levar para o centro do estrado, Jervaulx deteve-se à frente dela e iniciaram os majestosos passos de uma quadrilha em conjunto com Durham e Lady de Marly, para grande regozijo de todos os presentes. Eram gargalhadas amistosas que aumentaram até se converterem num rugido quando Jervaulx – como um titereiro solene – pegou num ombro e na cabeça de Maddy para a virar depois de ela se enganar num dos passos.

Quando acabaram, ele fez-lhe uma vénia. Maddy, com um sorriso tímido, estendeu-lhe a mão. Jervaulx aceitou-a com toda a seriedade para, de seguida, puxar por ela e beijá-la, no meio do salão e perante todos. Os aplausos febris e a música latejavam nos ouvidos de Maddy. Foi um beijo longo e intenso. Um momento de silêncio ardente entre ambos no meio daquele enorme clamor.

– E agora – sussurrou-lhe ele –, retiremo-nos... graciosamente.

Maddy beijou o pai e até recebeu na face os beijos da família do duque: da mãe, das irmãs – e, de Lady de Marly, a reprimenda de que já passava da hora de o duque e a duquesa se retirarem; Maddy consentira que todo aquele disparate durasse demasiado tempo. Quando se afastaram, deixaram Lady de Marly a bater o ritmo da música com a bengala e a dizer ao pai de Maddy que já era velho e devia para a cama.

– Vem comigo – disse Christian a Maddy enquanto subiam as escadas até à outra extremidade do salão.

Ela seguiu-o encantada pelos corredores, iluminados com tochas brilhantes e fumegantes, até chegarem ao quarto reservado como berçário.

Christian abriu a porta com cuidado. Jilly estava sentada na antessala com uma lamparina, toda arranjada e expectante. Levantou-se de um salto e fez uma vénia. Quando Christian assentiu com a cabeça, a jovem sorriu de alegria e, depois de nova reverência, saiu a correr do quarto para se juntar à festa. Assim que saiu, Maddy viu Christian espreitar pela porta aberta que dava para o quarto contíguo.

Durante o último ano, Maddy tentara viver de acordo com os ditames da Luz, até entre toda aquela grandeza e luxo, e começara a compreender o significado das palavras de Lady de Marly quando esta lhe dissera que era precisa muita coragem e determinação. Quando dispunha apenas de uma pequena renda, não lhe fora difícil saber o que fazer. Ficava com o suficiente para poder viver com o pai, e o pouco que restava entregava-o às coletas da Assembleia.

Mas agora que dispunha de tanto, tinha de tomar decisões diariamente, escolher entre o necessário

e as meras frivolidades. Podia despedir metade dos criados mas, como Jervaulx referira ironicamente, então teria de dar dinheiro à paróquia para os sustentar. Muito pouco era branco ou negro, quase tudo cinzento. Durante esse ano, passara mais tempo do que em toda a vida a questionar-se e a tentar descobrir se, realmente, se comportara de acordo com a Verdade. Tinha os seus próprios projetos, além de outros que conseguira que Christian se encarregasse. Eram as suas «boas obras», como ele lhes chamava com uma piscadela de olho ao assinar os cheques, cheques que pressupunham uma enorme responsabilidade sob cujo peso Maddy tremia.

Mas nem tudo eram incertezas. Estava plenamente certa de uma coisa, de uma tarefa que sabia com todas as fibras do seu ser que fizera como devia.

Por muito que se lhe pudesse deparar no futuro, por muito que o mundo pudesse falar de desonra, Diana era uma bênção, e, se a menina crescesse a ver a expressão de Christian quando a observava a dormir, então nada teria a temer.

Christian fechou a porta até deixar apenas uma ranhura aberta e voltou para junto de Maddy. O olhar distraído fora-se apagando dos olhos dele ao longo daquele ano, de um modo tão gradual que Maddy não saberia dizer em que momento exato desaparecera. Como Christian dizia com uma impaciência angustiada, já não era o mesmo homem, mas Maddy sabia que isso significava que o que costumava demorar-lhe um instante a analisar, dizer ou decidir, prolongava-se agora por dois, e apenas se podia ocupar de um assunto e não de vários ao mesmo tempo. Mas já a olhava com uma perfeita perceção. Nesse momento, não parecia nada desorientado enquanto, com extremo cuidado, lhe retirava as pérolas do cabelo e lhe soltava as tranças.

Percorreu-lhe as faces e os braços nus com os dedos.

– Já tinha visto este vestido – murmurou.

– Um vestido de festa é suficiente – afirmou ela com firmeza, enquanto ele lhe abria os colchetes do vestido prateado.

– Mas pensa... nas pobres costureiras... a morrer à fome.

– Não te enganas. Muitas morrem mesmo de fome.

– Então não encomendes... outro vestido – disse ele com a boca apoiada no ombro dela. – Envia-lhes dinheiro... diretamente.

Maddy pousou uma mão sobre a face dele e sentiu a sua firmeza.

– Melhor seria que falasses com o governo para que aprovassem uma lei que lhes garanta um rendimento justo.

Christian ergueu a cabeça.

– Claro. Aprovarei... uma lei. Nada de mais fácil... na terra do comércio livre.

Maddy sorriu enquanto continuava a acariciar-lhe o rosto, da face até à boca.

– Tenho alguns números de...

Christian encostou a cabeça ao pescoço de Maddy e resmungou.

– Bom, deixaremos isso para amanhã – acedeu ela.

Christian voltou a resmungar. Fez deslizar as mãos sob o peito dela e empurrou-a para trás.

A cama de Jilly era estreita e suave. Quando Christian a beijou, Maddy esqueceu-se de vestidos e leis. Quando a penetrou, agarrou-se com força a ele. Aquele momento pertencia apenas aos dois, livres de qualquer preocupação do mundo exterior. Era uma união doce e íntima, a obrigação de o amar, uma alegria intensa e transbordante que abarcava tudo.

Quando o Dia de Natal amanheceu, o grande salão era uma confusão de bancos espalhados, velas consumidas, azevinho descolorido e laços vermelhos desfeitos. O tronco de Natal ainda ardia na gigantesca lareira e aquecia a sala deserta. Christian sorriu ao contemplar o rosto exasperado de Maddy quando ela viu *Devil* em cima de uma mesa comprida, a roer um osso de javali que prendera entre as patas da frente. *Cass* lambia, tímido, o gelo derretido do enorme recipiente prateado do vinho, que estava caído no chão.

Christian assobiou. *Cass* respondeu à chamada, mas *Devil* limitou-se a erguer a cabeça e a continuar o que estava a fazer.

– Que cão é aquele? – perguntou Maddy, surpreendida. Christian virou-se.

Em frente da lareira jazia um enorme mastim, cuja pele cinzenta quase se confundia com a pedra iluminada pelos primeiros raios de sol.

Christian rodeou Maddy pela cintura e encaminhou-a para a escadaria.

– É só um cão.

– Nunca o tinha visto.

– Não entra com frequência.

– Oh – Maddy começou a subir a escadaria enquanto olhava para trás. – Presumo que alguém deve tê-lo deixado entrar ontem à noite. É um animal enorme.

– É um bom cão – disse Christian atrás dela. – Nunca morde. Adora crianças.

– Então quando a Diana for um pouco maior... – Maddy bocejou – ... ele pode servir-lhe de pónei.

Christian deteve-se e, encostando a cabeça à parede da escadaria, atraiu Maddy para si. Quando baixou o rosto para beijar a mulher, viu ao longe a lareira atrás dela. O mastim levantou-se, espreguiçou-se e olhou Christian por instantes.

Enquanto se beijavam, Christian fechou os olhos. Quando os abriu, viu o rápido relampejo de uma cauda a desaparecer. Poderia ter sido *Devil*, ou *Cass*, ou a sua imaginação. Era impossível ter a certeza.

Mas Christian sabia-o. Tinha Maddy entre os braços, de faces inflamadas, uma expressão de felicidade e olhos sonhadores. Ela apoiou a cabeça no seu peito e voltou a bocejar.

Christian sorriu. Ele sabia-o. Podia ser um homem perverso e louco, mas sabia reconhecer um milagre quando o via.